
TRACY DEONN
LENDÁRIOS
Todas as lendas
têm um fim
DESTINO

A coisa mais importante que podes fazer
neste mundo, a coisa mais necessária, é

SOBREVIVER.

Não podes fazer nada por ninguém
se não cuidares de ti primeiro.


LENDÁRIOS

TRACY DEONN

LENDÁRIOS

Todas as lendas
têm um fim

TRADUÇÃO DE ELGA FONTES

DESTINO

SE QUISERES CONSULTAR A **LISTA DOS CONTEÚDOS SENSÍVEIS** ANTES DE COMEÇARES A LEITURA, FAZ O *SCAN* DESTE *QRCODE*:

DESROTINA

TÍTULO ORIGINAL: *Legendborn*
Text copyright – © 2020 by Tracy Deonn Walker
Published by arrangement with New Leaf Literary & Media, through International Editors' Co.

© Desrotina Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: *Lendários*
AUTORIA: Tracy Deonn

ISBN: 978-989-8860-02-6
EDIÇÃO EM PAPEL: outubro de 2022

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Desrotina Editora é uma chancela

infinito particular
Criatividade à medida

info@particular.pt | www.particular.pt

NOTA DA TRADUTORA

Em Portugal não existe racismo.

Esta é a afirmação que permeia a consciência de muitos portugueses, defendida nas conversas de café e nos manuais escolares da História que se ensina às crianças. No entanto, as experiências de uma parte significativa da população e as tendências do nosso setor literário atestam precisamente o contrário. Na época da globalização, em que se vê ampliada a urgência das conversas sobre diversidade étnico-racial, o mercado literário português permanece estagnado numa predisposição maquinal a tendências de publicação hegemónicas, que se traduzem, entre outras problemáticas, numa escassez de obras com autoria e representação negra. É por isso que livros como *Lendários* são tão importantes.

Bree, a protagonista, incorpora de forma exímia aquilo que nós, mulheres negras, vivenciamos no nosso quotidiano — a consciência de uma sociedade que nos rejeita e de um tipo de preconceito velado que nos agride diariamente com uma intensidade quase impercetível. Mas mais do que isso, Bree representa um louvor às mulheres negras, uma celebração da força, da resiliência, da beleza e da magia de uma comunidade cuja perceção muitas vezes se confina a uma narrativa de opressão e violência que, apesar de factual, não constitui a totalidade da sua existência.

E no que a existência diz respeito, a autora apresenta-nos um elenco de personagens incrivelmente diverso. Além de uma protagonista negra, temos personagens asiático-americanas, lésbicas, bissexuais e uma personagem não-binária, à qual gostaria de dedicar algumas linhas desta nota.

A não-binariedade é um termo que abrange identidades de género fora do espetro binário, ou seja, que não são estritamente femininas ou masculinas. Não é algo especificamente adereçado ou explicado na história, mas ilustrado através de uma expressão de género assente no uso dos pronomes *they/them* que, na língua inglesa, são considerados pronomes pessoais de terceira pessoa do singular

neutro de género. Ora, não estando equacionado na língua portuguesa um sistema de pronomes de género neutro, e perante a necessidade de dignificar uma personagem, também ela tão importante para a representação de uma comunidade marginalizada, tomei a decisão de, em todas as ocorrências individuais da personagem em questão, recorrer ao Sistema Elu/Delu, um conjunto de propostas para a inclusão de um género gramatical neutro na língua portuguesa, utilizado como padrão pela Associação Portuguesa de Jovens LGBTI e apoiantes da Rede Ex Aequo. Neste sistema, além do uso do neopronome «elu», às palavras com flexão de género é aplicado, no final, o morfema «-e». Assim, palavras como «simpático» ou «nervoso» ficarão «simpátique», «nervose» e assim por diante.

Todas estas decisões foram precedidas por um longo processo de profunda reflexão, mas, sobretudo, pela determinação pessoal de trabalhar para um setor literário mais inclusivo. É na nomeação que se concretiza a existência, e ao não incluirmos estas subtilezas na nossa linguagem quotidiana, apenas contribuímos para a invalidação de uma comunidade que apenas quer existir.

ELGA FONTES

Para a minha mãe

Prólogo

O corpo do polícia torna-se um borrão e depois volta a ficar nítido.

Não olho diretamente para ele. Não me consigo concentrar numa única coisa nesta sala, mas quando finalmente o encaro, o rosto dele brilha.

O crachá, uma placa retangular com o nome, o alfinete de gravata… Todos os pequenos detalhes metálicos que tem no peito vibram e cintilam como trocos no fundo de uma fonte. Nada nele me parece sólido. Nada nele me parece real.

Mas não penso nisso. Não posso.

Além disso, quando se está a chorar há três horas seguidas, tudo parece saído de outro mundo.

O polícia e a enfermeira trouxeram-me e ao meu pai para uma sala minúscula verde-menta. Estão sentados do outro lado da mesa. Dizem que nos estão a «explicar a situação». Estas pessoas não me parecem reais e a «situação» que insistem em explicar também não.

Não estou a chorar pela morte da minha mãe. Nem por mim mesma. Estou a chorar porque os estranhos que estão aqui no hospital — a enfermeira, o médico e o polícia — não conhecem a minha mãe e, ainda assim, foram os que estiveram mais próximos dela quando morreu. E, quando as pessoas de quem gostas morrem, és obrigada a ouvir as palavras de estranhos a transformar o teu pesadelo em realidade.

— Encontrámo-la na Estrada 70, por volta das oito — diz o polícia.

O ar condicionado começa a funcionar. O cheiro pungente a sabonete de hospital e a desinfetante esbarra contra os nossos rostos.

Oiço estas pessoas que não conheço a falar no pretérito perfeito sobre a minha mãe, a pessoa que me trouxe a este mundo e que criou o meu presente. Estão a transformar o meu coração num pretérito perfeito — o meu coração sangrado e dilacerado —, mesmo à minha frente.

É uma *violação*.

Estes estranhos de uniforme rasgam-me com as suas palavras, mas estão apenas a fazer o seu trabalho. Não posso gritar com pessoas que estão apenas a fazer o seu trabalho, pois não?

Quero fazê-lo.

O meu pai está sentado numa cadeira acolchoada de plástico que range quando se inclina para a frente para ler parágrafos de letras miudinhas em folhas de papel. De onde veio esta papelada? Quem tem papelada pronta para a morte da minha mãe? Porque é que eles estão prontos e *eu* não?

O meu pai faz perguntas, assina o nome dele, pestaneja, respira, assente. Pergunto-me como consegue reagir. A vida da minha mãe parou. Não deveria o resto do mundo parar também?

Foi esmagada dentro da nossa carrinha, o corpo meio amassado por baixo do painel depois de um embate. O outro condutor fugiu. Ela ficou sozinha até que um simpático, e provavelmente assustado, bom samaritano viu o carro capotado na berma da estrada.

Um fio vermelho-sangue liga as últimas palavras que disse à minha mãe — ontem à noite, zangada — numa outra noite, em fevereiro. Uma noite em que eu e a minha melhor amiga, a Alice, sentadas na cave da casa de dois andares dos pais dela, decidimos que o Programa de Admissão Antecipada da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill era o nosso sonho. *Alunos de excelência do secundário podem adquirir créditos universitários ao longo de dois anos, experienciar a vida nas residências e tornar-se independentes.* Pelo menos era o que dizia a brochura. Para mim e para a Alice, a Admissão Antecipada era o bilhete de saída de uma cidade rural na Carolina do Norte para duas raparigas pertencentes a minorias. Para nós, a Admissão Antecipada significava ideias e salas de aula maiores — e *aventura*. Preenchemos a candidatura juntas. Caminhámos juntas até ao posto dos correios de Bentonville depois das aulas. Juntas, deixámos os envelopes na caixa do correio. Se conseguíssemos entrar na UCN, poderíamos deixar a Escola Secundária de Bentonville e mudar-nos para uma residência da universidade a quatro horas de casa — longe de pais que nos protegem tanto que por vezes não conseguimos respirar.

Uma década antes de eu nascer, a minha mãe estudou na UCN. Uma cientista em ascensão. Ouvi as histórias durante anos. Vi as fotografias emolduradas de

experiências químicas complexas: provetas e pipetas de vidro; óculos de proteção pousados sobre as suas maçãs do rosto salientes. A culpa foi dela por me ter plantado a ideia na cabeça. Pelo menos era o que dizia a mim mesma.

As nossas cartas chegaram ontem. Os pais da Alice sabiam que ela se tinha candidatado. Ficaram radiantes, como se tivessem sido *eles* a ser aceites.

Eu sabia que não ia ser assim comigo; candidatei-me às escondidas da minha mãe, certa de que, assim que entrasse, assim que recebesse aquela carta, ela renunciaria à sua necessidade de me manter por perto. Entreguei-lhe a carta em papel timbrado azul e branco da UCN, sorrindo como se fosse um troféu.

Nunca a tinha visto tão zangada.

O meu cérebro não se conforma com o lugar onde o meu corpo está neste momento. Cataloga as últimas trinta e seis horas, tentando entender *como* vim parar a esta sala de hospital.

Ontem à noite: a minha mãe pregou sobre confiança e segurança e sobre não ter pressa para crescer. Eu gritei-lhe sobre injustiça, sobre aquilo que merecia e sobre como precisava de me afastar daquele lugar.

Esta manhã: ainda estava ressentida quando acordei. Na cama, declarei em silêncio que não lhe falaria o dia todo. Aquela declaração soube-me bem.

Hoje: nada, uma terça-feira normal, exceto que, para mim, carregava a teimosia implícita de um *falamos depois*.

Esta noite: a minha mãe veio a conduzir para casa quando saiu do trabalho.

Depois: um carro.

Agora: esta sala verde-pálida e um cheiro a desinfetante que me queima as narinas.

Para sempre: *falamos depois* não é o mesmo que *nunca mais vamos falar*.

O fio de fevereiro estreita-se à minha volta, como se eu nunca mais fosse respirar, mas, de alguma forma, o polícia ainda está a falar, a brilhar e a cintilar.

O ar à sua volta parece vivo. Como se abundasse em magia.

Mas quando o teu mundo inteiro se está a desmoronar, um bocadinho de magia… não é nada.

TRÊS MESES DEPOIS

PARTE UM

ORDEM

1

Um caloiro da UCN corre pela escuridão e atira-se de um penhasco em direção à noite banhada pelo luar.

O seu grito faz os pássaros sonolentos levantar voo. O som ecoa contra as rochas que delimitam a pedreira Eno. As lanternas acompanham o movimento do seu corpo, os braços a agitar e as pernas aos pontapés, até atingir a água com um estrondo. Na beira do penhasco, mais acima, trinta universitários gritam e aplaudem, e a sua animação reverbera pelos pinheiros. Como uma constelação em movimento, feixes de luz em forma de cone cruzam a superfície do lago. Um suster de respiração coletivo. O olhar atento. À espera. Depois, o rapaz emerge da água com um rugido e a multidão explode.

Saltar de penhascos é a fórmula de diversão perfeita para um rapaz branco do sul da Califórnia: imprudência rural, uma lanterna de bolso para proteção e um jogo de verdade ou consequência. Não consigo desviar o olhar. Cada corrida aproxima os meus pés mais uns centímetros da beira. Cada salto em direção ao vazio, cada pairar antes da queda alimenta no meu peito uma centelha de desejo selvagem.

Reprimo esse desejo. Fecho-o a sete chaves. Tapo-o com tábuas de madeira.

— Muita sorte teve ele por não ter partido as pernas — resmoneia Alice no seu sotaque melífluo. Escarnece, espreitando por cima da beira para ver o saltador sorridente a agarrar-se a rochas aguçadas e trepadeiras expostas para escalar. O seu cabelo liso e preto como carvão está colado à têmpora. A palma quente e pegajosa da humidade de final de agosto faz-nos pressão na pele. Os meus caracóis já estão presos num *puff*[1], o mais afastados possível da minha nuca, por isso ofereço-lhe o elástico a mais que tenho no pulso. Ela aceita-o em silêncio e faz um rabo de cavalo. — Estive a ler sobre esta pedreira no caminho. Há sempre alguém que se magoa, que cai nas rochas e que se afoga. Podes ter a

certeza de que não vamos saltar, *e também* já está a ficar tarde. Devíamos ir andando.

— Porquê? Porque os mosquitos não te largam?

Enxoto algo pequeno a zumbir perto do seu braço.

Ela olha-me fixamente.

— Sinto-me insultada por essa tua fraca tentativa de desviar a conversa. Não é assim que se comporta uma melhor amiga. Estás despedida.

Alice quer tirar Sociologia e, depois, talvez, Direito. Faz-me interrogatórios desde os dez anos.

Reviro os olhos.

— Já me despediste do cargo de melhor amiga umas cinquenta vezes desde que éramos crianças, *e mesmo assim* acabas sempre por me readmitir. Este trabalho é uma treta. Os Recursos Humanos são um pesadelo.

— *E mesmo assim* tu voltas sempre. Só prova, ainda que circunstancialmente, que gostas do trabalho.

Encolho os ombros.

— O salário é bom.

— Tu *sabes* porque é que não gosto disto.

Sei. Não é como se eu tivesse *planeado* infringir a lei na nossa primeira noite no *campus*, mas, depois do jantar, a oportunidade surgiu materializada na Charlotte Simpson, uma rapariga que conhecemos da Escola Secundária de Bentonville. Charlotte enfiou a cabeça dentro do nosso quarto ainda antes de acabarmos de desfazer as malas e exigiu que a acompanhássemos numa saída à noite. Após dois anos no Programa de Admissão Antecipada, este ano, Charlotte tornou-se finalmente aluna oficial da UCN, e, ao que parece, algures pelo caminho, passou a ser presença assídua em todas as festas.

Durante o dia, o Parque Estatal do rio Eno fica aberto para quem quiser caminhar, acampar e andar de caiaque, mas se se infiltrarem após o fecho dos portões, tal como todos os jovens daqui, provavelmente-ou-definitivamente tal será considerado invasão de propriedade. Não é bem a minha cena, mas Charlotte explicou que a noite da véspera do primeiro dia de aulas é especial. Alguns caloiros e veteranos têm a tradição de organizar uma festa na pedreira. Outra tradição é os alunos do primeiro ano saltarem do penhasco para o lago de

água mineral. O parque abrange os condados de Orange e Durham, e fica a norte da I-85, a cerca de vinte e cinco minutos do *campus* da UCN. Charlotte trouxe-nos até aqui no seu velho jipe prateado e eu passei a viagem inteira a sentir a Alice a encolher-se ao meu lado, no banco de trás, por estarmos prestes a fazer algo ilegal.

A gargalhada desenfreada do saltador emerge no penhasco antes da sua cabeça. Não me consigo lembrar da última vez que me ri assim.

— Não gostas disto porque é — diminuo o tom de voz para um sussurro dramático — *contra as regras*?

Os olhos escuros de Alice esbraseiam por trás dos óculos.

— Se formos apanhadas fora do *campus* durante a noite, somos *automaticamente* expulsas do Programa de Admissão Antecipada.

— Tem lá calma, Hermione. A Charlotte disse que muitos estudantes fazem isto todos os anos.

Um outro saltador corre pela floresta. Um mergulho mais profundo. Gritos eufóricos. Alice aponta com o queixo para os outros alunos.

— Isso são eles. Explica-me porque é que *tu* queres estar aqui?

Porque neste momento não sou capaz de ficar sentada no nosso quarto. Porque, desde que a minha mãe morreu, tenho aqui dentro uma versão de mim que só quer partir coisas e gritar.

Encolho os ombros.

— Há melhor forma de começarmos a nossa aventura do que com uma *pitada* de rebeldia?

Ela não parece achar graça.

— Alguém disse rebeldia? — As botas de Charlotte esmagam folhas e agulhas de pinheiro. O som pungente destaca-se do zumbido dos grilos e dos graves das colunas de som da festa que pulsam na nossa direção. Detém-se ao meu lado e afasta o rabo de cavalo castanho-avermelhado do ombro. — Vão saltar? É tradição. — Sorri. — E é divertido.

— Não. — A palavra quase salta da boca de Alice.

Devo ter feito algum tipo de careta, porque Charlotte ri-se e Alice diz:

— Bree…

— Não vais tirar Medicina ou algo assim, Charlotte? — pergunto. — Como é que consegues ser tão inteligente *e*, ao mesmo tempo, tão má influência?

— Estamos na universidade — responde Charlotte com um encolher de ombros. — «Inteligente e má influência» descreve cerca de metade do corpo estudantil.

— Char?

Uma voz masculina chama por detrás de um azevinho disforme. Charlotte abre um sorriso de orelha a orelha ainda antes de se virar e ver o rapaz ruivo a vir na nossa direção com um copo de plástico vermelho numa mão e uma lanterna na outra.

— Olá, amor — ronrona Charlotte, e cumprimenta-o com um beijo, entre risinhos.

— *Char?* — sussurro a Alice, que ostenta uma expressão de repulsa.

Quando se separam, Charlotte acena para nós.

— Amor, estas são as novas caloiras do Programa de Admissão Antecipada. São da minha cidade. A Bree e a Alice. — Agarra-se ao braço do rapaz como um coala. — Meninas, este é o meu namorado. Evan Cooper.

Evan examina-nos durante algum tempo e pergunto-me o que pensará sobre nós.

Alice é taiwanesa-americana, baixa, magra, mas com ar forte, um olhar observador, e carrega quase sempre um sorriso de desdém no rosto. O seu *modus operandi* consiste em vestir-se para causar boa impressão «só por precaução», e hoje optou por umas calças de ganga escuras e uma camisa às bolinhas com um colarinho à Peter Pan[2]. Sob o escrutínio de Evan, ajeita os óculos arredondados e acena timidamente.

Eu tenho pouco mais de um metro e setenta — altura suficiente para passar por aluna universitária — e sou negra. Abençoada com as maçãs do rosto e curvas da minha mãe, e os lábios avolumados do meu pai. Escolhi usar umas calças velhas e uma *T-shirt*. A timidez não é a minha cena.

Os olhos de Evan arregalam-se quando me observa.

— És a rapariga a quem morreu a mãe, não és? A Bree Matthews?

Sou invadida por uma pontada de dor e volto a erguer a barreira ao meu redor. A morte cria um Universo alternativo, mas, volvidos três meses, já tenho as ferramentas necessárias para o habitar.

Charlotte dá uma cotovelada nas costelas de Evan, lançando-lhe um olhar cortante.

— O que foi? — Levanta as mãos. — Foi o que tu me diss…

— Desculpa — interrompe-o ela, o olhar contrito.

A minha barreira opera de duas formas: esconde aquilo que preciso de esconder e ajuda-me a mostrar aquilo que quero mostrar. É particularmente útil com a multidão do *Os Meus Pêsames.* Na minha cabeça, a barreira foi reforçada. Tornou-se mais forte do que madeira, ferro, aço. Tem de ser, porque sei bem o que se segue: Charlotte e Evan vão soltar o fluxo previsível de palavras que todas as pessoas dizem quando percebem que estão a falar com a Rapariga a Quem Morreu a Mãe.

É uma espécie de Bingo de Consolar as Pessoas de Luto, só que quando todos os espaços são preenchidos, toda a gente perde.

Charlotte endireita-se. *Cá vamos nós*…

— Como é que te tens aguentado? Há alguma coisa que possa fazer por ti?

Linha dupla.

As respostas sinceras a estas duas perguntas? As *realmente* sinceras? *Mal* e *Não*. Em vez disso, respondo:

— Estou bem.

Ninguém quer ouvir as respostas sinceras. O que a multidão do *Os Meus Pêsames* quer é sentir-se bem por fazer as perguntas. Este jogo é horrível.

— Nem consigo imaginar — murmura Charlotte, e esse é mais um espaço preenchido na cartela de bingo. Eles *conseguem* imaginar. Só não o querem fazer.

Há verdades que apenas a tragédia pode ensinar. A primeira que aprendi foi que quando as pessoas se debruçam sobre a tua dor, querem que a tua dor também se debruce sobre elas. Precisam de ser suas *testemunhas* em tempo real, ou então não estarás a cumprir a tua parte. Os olhos azuis sedentos de Charlotte estão em busca das minhas lágrimas, do estremecer do meu lábio inferior, mas a minha barreira está erguida, por isso não encontrará nenhum dos dois. O olhar ávido de Evan anda à caça do meu luto e sofrimento, mas quando ergo o queixo em tom de desafio, ele desvia o olhar.

Boa.

— Lamento muito a tua perda.

Porra.

E com as palavras que mais abomino, Evan faz bingo.

As pessoas perdem coisas quando têm um lapso mental. Depois encontram a coisa que perderam no lugar onde se esqueceram que a tinham deixado. Mas a minha mãe não está *perdida*. Ela morreu.

A Bree-de-Antes também morreu, apesar de eu fingir que ela ainda existe.

A Bree-de-Depois nasceu no dia a seguir à morte da minha mãe. Fui dormir e quando acordei ela estava lá. A Bree-de-Depois estava lá durante o funeral. A Bree-de-Depois estava lá quando os nossos vizinhos bateram à porta para nos oferecer lamentos e uma caçarola de brócolos. A Bree-de-Depois estava comigo quando eles finalmente se foram embora. Apesar de apenas ser capaz de recordar fragmentos nebulosos do hospital — perda de memória associada ao trauma, de acordo com o livro estranho sobre luto do meu pai —, ainda tenho a Bree-de-Depois. Ela é a lembrança indesejada que a morte me deixou.

Na minha mente, a Bree-de-Depois é parecida comigo. Alta, atlética, pele negra formosa, ombros-demasiado-largos-para-o-meu-gosto. Mas enquanto os meus caracóis escuros e fechados estão normalmente presos no topo da minha cabeça, os da Bree-de-Depois são livres e soltos como um carvalho vivo. Enquanto os meus olhos são castanhos, os dela são ocre-escuro, carmesim e obsidiana de ferro fundido numa fornalha, porque a Bree-de-Depois vive num estado constante de quase combustão. O pior é à noite, quando me rasga a pele e a dor se torna insuportável. Sussurramos juntas, *Desculpa, Mãe. É tudo culpa minha.* Ela vive e respira dentro do meu peito, pulsação por detrás da minha própria vida e fôlego, como um eco de ira.

Contê-la é um trabalho a tempo inteiro.

Alice não sabe da Bree-de-Depois. Ninguém sabe. Nem mesmo o meu pai. *Sobretudo* o meu pai.

Alice aclara a garganta e o som é como uma onda a embater contra os meus pensamentos. Durante quanto tempo me perdi em devaneios? Um minuto? Dois? Concentro-me neles os três, o rosto inexpressivo e a barreira erguida. O silêncio deixa Evan desconfortável, por isso dispara:

— Já agora, o teu cabelo é *muito* fixe!

Não preciso de olhar para saber que os caracóis que saem do meu *puff* estão desalinhados, arrebitados em direção ao céu com a humidade da noite. Aquilo irrita-me porque o seu tom parece-se menos com um elogio e mais como se tivesse deparado com uma extravagância divertida — e essa extravagância divertida sou eu, uma mulher negra com o seu cabelo de mulher negra. Fantástico.

Alice lança-me um olhar solidário que passa completamente ao lado de Evan, como seria de esperar.

— Acho que está na nossa hora. Podemos ir?

Charlotte faz beicinho.

— Só mais meia hora, prometo! Quero ver como está a festa.

— Sim! Venham ver-me a virar umas cervejas. — Evan passa o braço por cima dos ombros da namorada e afasta-se com ela antes que tenhamos tempo de protestar.

Alice resmunga por entre os dentes e segue atrás deles, dando passadas largas sobre ervas daninhas à beira da linha da floresta. Essencialmente gramíneas e *Brachiaria*. A minha mãe chamava àquilo «erva-bruxa» e «pulga-de-cavalo» quando ainda estava viva e me podia ensinar o nome das plantas.

Alice já está quase nas árvores quando repara que não estou atrás dela.

— Vens?

— Vou já. Quero ver mais alguns saltos. — Aponto com o polegar para o lago atrás de mim.

Ela volta a aproximar-se.

— Eu espero contigo.

— Não, não é preciso. Vai indo.

Ela escrutina-me, indecisa entre acreditar na minha palavra e continuar a insistir.

— Ver, não saltar?

— Ver, não saltar.

— Matty…

A alcunha de infância que ela me deu. Matty, diminutivo do meu apelido, faz revirar algo profundo no meu peito. Ultimamente, as recordações antigas têm causado esse efeito, mesmo as que não são sobre *ela*, e acho que o detesto. A

minha visão torna-se enevoada com a iminência das lágrimas e tenho de pestanejar até conseguir focar as feições de Alice — rosto pálido, óculos perpetuamente a escorregar até à ponta do nariz.

— Eu… eu sei que não foi assim que imaginámos que seria. Estar na UCN, quero dizer. Mas… acho que a tua mãe iria acabar por concordar. Mais cedo ou mais tarde.

Lanço o olhar até onde a luz da Lua me permite. Do outro lado do lago, as copas das árvores são a franja obscura entre a pedreira e o céu nebuloso.

— Nunca saberemos — digo.

— Mas…

— Há sempre um «mas».

Algo duro apodera-se da sua voz.

— Mas se ela cá estivesse, não creio que quisesse que tu… que tu…

— Que eu o quê?

— Que te tornasses noutra pessoa.

Pontapeio uma pedrinha.

— Preciso de ficar sozinha. Aproveita a festa. Vou lá ter mais tarde.

Ela observa-me como se estivesse a analisar o meu estado de humor.

— Odeio festas pequenas. Obrigam as pessoas a um esforço constante.

Estreito os olhos, revirando as minhas memórias em busca daquelas palavras familiares.

— Tu… tu acabaste de me citar uma frase da Jane Austen?

Os seus olhos escuros brilham.

— Quem é a croma dos livros? A que faz a citação ou a que reconhece a citação?

— Calma. — Abano a cabeça, divertida. — Acabaste de me citar *A Guerra das Estrelas*?

— Nã. — Sorri. — Citei *Uma Nova Esperança*.

— Vêm ou não?

A voz de Charlotte dispara pela floresta como uma flecha. Ainda há um pingo de preocupação no olhar de Alice, mas ela aperta-me a mão antes de se afastar.

Assim que deixo de ouvir o barulho dos seus sapatos na vegetação rasteira, solto a respiração. Tiro o telemóvel do bolso.

Ei, miúda, tu e a Alice chegaram bem?

A segunda mensagem chegara quinze minutos depois.

Eu sei que tu és a nossa Bree Destemida, que estava pronta para sair de Bentonville, mas não te esqueças de nós aqui em casa. Deixa a tua mãe orgulhosa. Liga-me quando puderes. Com amor, Pai.

Volto a guardar o telemóvel no bolso.

Eu *estava* pronta para sair de Bentonville, mas não por ser destemida. Primeiro quis ficar em casa. Parecia-me o mais correto, depois de tudo o que aconteceu. Mas os meses a viver debaixo do mesmo teto que o meu pai tornaram a minha culpa insuportável. O nosso luto é pela mesma pessoa, mas o nosso luto não é o mesmo. É como aqueles ímanes das aulas de Física; podes tentar juntar os polos magnéticos, mas eles nunca se tocam. Eu não consigo tocar no luto do meu pai. E nem o quero fazer. No fim de contas, saí de Bentonville porque estava demasiado assustada para ficar.

Caminho ao longo da encosta, longe da multidão, e mantenho a pedreira à minha esquerda. Os aromas a pinho e terra molhada intensificam-se a cada passo. Se inalar com força, o cheiro mineral da pedra moída alcança a parte de trás da minha garganta. Uns centímetros mais à frente, a terra desaparece sob os meus pés e o lago estende-se ao longe, refletindo o céu e as estrelas e as possibilidades da noite.

Daqui consigo ver o cenário dos saltadores: o que quer que tenha clivado a terra e as rochas para formar a pedreira abriu um buraco num ângulo de trinta graus. Para escapar à face rochosa, é preciso correr depressa e saltar longe. Não há lugar para hesitações.

Imagino-me a correr como se a Lua fosse a minha meta. A correr como se pudesse deixar a raiva e a culpa e a curiosidade alheia para trás. Quase consigo sentir a sensação deliciosa dos meus músculos a queimar, a força e a doçura da adrenalina a percorrer as minhas veias enquanto me precipito para a beira e caio para o vazio. Sem aviso, a faísca turbulenta da Bree-de-Depois revira-se nas minhas entranhas como uma videira em chamas, mas desta vez não a afasto. Ela desenrola-se atrás das minhas costelas e a pressão quente que exerce é tão poderosa que me sinto prestes a explodir.

Parte de mim *quer* explodir.

— Se fosse a ti não o faria.

Uma voz seca atrás de mim sobressalta-me, fazendo alguns pássaros, escondidos na copa das árvores, voar ruidosamente em direção ao céu.

Não me tinha apercebido fosse de quem fosse a aproximar-se pela vegetação rasteira, mas há um rapaz alto, de cabelo escuro, descontraidamente encostado a uma árvore como se tivesse lá estado este tempo todo; tem os braços cruzados sobre o peito e botas militares pretas. A sua expressão ostenta uma mistura de preguiça com desdém, como se estivesse acima de tudo o resto.

— Desculpa-me pela interrupção. Parecia que estavas prestes a saltar de um penhasco. Sozinha. No escuro — entoa, pausadamente.

A sua beleza é desconcertante. Tem um rosto fino e aristocrático, emoldurado por umas maçãs do rosto pálidas e protuberantes. Tem o resto do corpo mergulhado nas sombras: casaco preto, calças pretas e cabelo muito preto encaracolado que lhe cai sobre a testa, logo abaixo das orelhas que sustentam uns pequenos alargadores de borracha preta. Não deve ter mais de dezoito anos, mas há algo nas suas feições que não parece natural para um adolescente — o formato do maxilar, a linha do nariz. A quietude.

O rapaz, que tem tanto de jovem como de velho, permite-me que o estude, mas apenas por uns instantes. Depois ergue o olhar fulvo em tom de desafio. Quando os nossos olhos se encontram, sinto um choque pungente percorrer-me o corpo, da cabeça aos pés, deixando um rasto de medo.

Engulo em seco e desvio o olhar.

— Eu era capaz de saltar.

— Saltar de penhascos é asinino — escarnece.

— Ninguém te perguntou.

Tenho uma tendência para a teimosia que se agrava na presença de outras pessoas teimosas, e este rapaz é claramente uma delas.

Avanço para a sua direita. Ágil como um gato, ele tenta intercetar-me, mas desvio-me antes que ele me consiga alcançar. As suas sobrancelhas soerguem-se e o canto da boca estremece.

— Nunca te vi por aqui. És nova?

— Adeus. — Viro-me, mas ele apanha-me com um par de passos.

— Sabes quem sou?

— Não.

— Selwyn Kane.

O seu olhar lança pequenas faíscas invisíveis de eletricidade que me dançam pela bochecha. Retraio-me e ponho a mão no espaço entre nós, à altura do rosto, como um escudo.

No mesmo instante, uns dedos muito quentes e muito fortes fecham-se à volta do meu pulso. Sinto um formigueiro ao longo do cotovelo.

— Porque é que tapaste a cara?

Não tenho uma resposta para lhe dar. Nem a mim mesma. Tento libertar-me, mas o seu aperto é forte como ferro.

— Larga-me!

Os olhos de Selwyn arregalam-se ligeiramente, estreitando-se logo de seguida; não está habituado a que gritem com ele.

— Sentes… *sentes* alguma coisa? Quando olho para ti?

— O quê? — Puxo o braço, mas ele agarra-me sem esforço. — Não.

— *Não mintas.*

— Não estou a…

— Silêncio! — ordena. Sinto uma indignação refulgente a arder-me no peito, mas os seus olhos invulgares atravessam-me o rosto, apagando-a. — Que estranho. Achei que…

De repente, gritos invadem a noite, mas desta vez não vêm dos saltadores de penhascos. Ambos nos viramos na direção da floresta e para lá dela, para a festa na clareira. Mais gritos — e não são do tipo feliz e bêbedo.

Um rugido grave próximo do meu ouvido. Sobressalto-me quando dou conta de que o som vem do rapaz autoritário cujos dedos ainda me prendem o pulso. Enquanto perscruta as árvores, a sua boca curva-se num sorriso de satisfação, deixando à vista dois caninos que por pouco não lhe tocam o lábio inferior.

— Apanhei-te.

— Apanhaste quem? — indago.

Selwyn sobressalta-se, como se se tivesse esquecido da minha presença, e solta-me com um grunhido de frustração. Vira costas e corre floresta adentro, uma sombra silenciosa entre as árvores. Perco-o de vista antes de conseguir formular uma resposta.

Um grito penetrante ecoa da festa à minha esquerda. Vozes estridentes difundem-se dos saltadores de penhascos à minha direita, que correm agora também para a clareira.

O sangue congela-se-me nas veias.

Alice.

Com o coração a martelar-me no peito, corro até ao trilho, atrás de Selwyn, mas, assim que a densidade das árvores me envolve, a escuridão é tanta que o chão quase se torna invisível. Bastam três passos para tropeçar e cair violentamente num espinheiro. Os ramos esfolam-me as mãos e os joelhos. Trémula, respiro fundo duas vezes. Permito que a minha visão se ajuste. Levanto-me. Fico atenta ao som dos gritos dos alunos. Depois, com a adrenalina a percorrer-me as veias, corro cerca de oitocentos metros para a direita num ritmo veloz e cuidadoso, questionando-me *como raio* Selwyn se conseguiu deslocar tão depressa pela floresta sem uma lanterna.

Assim que chego à clareira, aos tropeções, a festa está um caos. Os alunos atropelam-se uns aos outros para atravessar o caminho estreito que vai dar ao terreno de cascalho onde os carros estão estacionados. Para lá das árvores, motores de carros ganham vida com rugidos que crescem como uma onda. Dois tipos lutam para levantar os barris e metê-los na traseira das carrinhas, enquanto uma pequena multidão ao lado deles tenta ajudar, «aliviando» a carga ao beber diretamente da mangueira. Para lá do fogo, uma roda de vinte miúdos grita entusiasticamente, erguendo copos de bebida e telemóveis. O que quer ou quem quer que esteja a ver, não deve ser Alice. Ela viria à minha procura, tal como eu vim à procura dela. Pego no telemóvel, mas não tenho mensagens nem chamadas não atendidas. Ela deve estar em pânico.

— Alice! — Perscruto a multidão à procura dela, do rabo de cavalo e da *T-shirt* de Charlotte e do cabelo ruivo de Evan, mas não os vejo. Uma aluna encharcada e seminua passa por mim. — Alice Chen!

O fumo espesso da fogueira espalha-se pelo ar. Não vejo quase nada. Abro caminho pelos corpos suados e agitados, chamando por Alice.

Uma rapariga alta e loira franze a testa quando grito demasiado perto da sua cara, e eu respondo-lhe com a mesma expressão. A sua beleza assemelha-se a

uma adaga bem cuidada — afiada, reluzente e pontiaguda. Um bocado presunçosa. Sem dúvida, o tipo de Alice. *Raios, onde* está *ela*…

— Saiam todos daqui antes que alguém chame a polícia! — grita a rapariga.

Polícia?

Olho para cima no exato momento em que o grupo dos copos de bebida se separa. Levo apenas um segundo a ver a causa dos gritos de há pouco e o motivo que levaria alguém a chamar a polícia: uma luta. Feia. Quatro rapazes enormes e embriagados a rolar amontoados no chão. Provavelmente, jogadores de futebol americano acabadinhos de sair da pré-temporada, movidos a adrenalina, cerveja e quem sabe mais o quê. Um dos gigantes tem a *T-shirt* de outro na mão, o tecido puxado de forma tão violenta que oiço a costura a rasgar-se. O terceiro está de pé, a preparar-se para dar um pontapé no estômago do quarto rapaz. É como ver uma luta entre gladiadores, só que, em vez de usarem armadura, estão cobertos de camadas de músculos, têm pescoços tão grossos como a minha coxa, e no lugar das armas balançam punhos do tamanho de toranjas. O furacão enevoado de terra que criaram espalhou tanto fumo e pó no ar que quase não reparo na oscilação de luz e movimento por cima das suas cabeças.

Mas que?…

Ali! Lá está ela outra vez. No ar, por cima dos rapazes, há algo a tremeluzir e a dançar. Algo meio verde-prateado que desce, mergulha e oscila entre o visível e invisível, como um holograma avariado.

A imagem desperta uma memória. O resplandecer da luz… e a própria *sensação* que me arranca o ar dos pulmões.

Já vi isto antes, mas não me consigo lembrar de *onde*…

Viro-me, ofegante, para o aluno ao meu lado, um rapaz de olhos arregalados com uma *T-shirt* dos Tar Heels[3].

— Estás a ver aquilo?

— Referes-te àqueles idiotas a lutar por nada? — Mexe no telemóvel. — Sim, é por isso que estou a filmar.

— Não, a… a luz. — Aponto para o brilho. — Ali!

O rapaz observa o ar; depois olha para mim, intrigado.

— Andaste a fumar alguma coisa?

— Vá lá! — A rapariga loira abre caminho através do círculo de espetadores, interpondo-se entre os lutadores e a multidão, com as mãos nas ancas. — Vão-se embora!

O rapaz ao meu lado enxota-a.

— Sai da frente da câmara, Tor!

Tor revira os olhos.

— Tens de te ir embora, Dustin!

O seu olhar intimidante afasta a maior parte dos curiosos.

Aquela coisa ainda lá está, por cima da cabeça da rapariga loira. Volto a absorver a cena, com o coração a martelar-me no peito. Mais ninguém reparou na massa prateada que paira e esvoaça por cima das cabeças dos rapazes — ou isso, ou mais ninguém a consegue *ver*. Um medo petrificante invade-me o estômago.

O luto causa efeitos estranhos na cabeça das pessoas. Sei-o bem. Um dia, um par de semanas depois da morte da minha mãe, o meu pai disse que sentia o cheiro das suas polentas de queijo a cozinhar no fogão — o meu prato favorito e a especialidade da minha mãe. Uma vez, no meu quarto, ouvi-a cantarolar ao fundo do corredor. Algo tão simples e mundano, tão normal e pequeno que, por um momento, as semanas anteriores não passavam de um mero pesadelo, e eu finalmente acordara e ela estava viva. A morte funciona mais depressa do que a mente.

Exalo por entre as memórias, fecho os olhos com força, volto a abri-los. *Mais ninguém consegue ver isto*, penso, perscrutando o grupo uma última vez. *Ninguém…*

Exceto a figura que está do outro lado da fogueira, acomodada entre os troncos de dois carvalhos.

Selwyn Kane.

Ele olha para cima, concentrado. Irritado. Os seus olhos atentos também observam a figura que ora-está-ali, ora-não-está. Os seus dedos longos contorcem-se, os anéis de prata reluzem nas sombras. De repente, através dos fios de fumo que sobem em redemoinhos e ondas acima da fogueira, o olhar de Selwyn encontra o meu. Ele suspira. Suspira *mesmo*, como se, agora que a criatura holográfica está aqui, eu o entediasse. O insulto atravessa-me o medo. Sem desviar o olhar, faz um movimento rápido e brusco com o queixo e um estalo de eletricidade invisível envolve-me o corpo como uma corda e impele-me

para trás — para longe do rapaz e da *coisa*. Puxa-me tão depressa e com tanta força que por pouco não caio. A sua boca mexe-se, mas não o consigo ouvir.

Resisto, mas a sensação da corda *reage* e a dor excruciante no meu corpo desabrocha numa única sentença:

Sai.

A palavra materializa-se na minha mente como se fosse uma ideia que eu tivera e simplesmente esquecera. A ordem fica forjada atrás dos meus olhos e ecoa como um sino nas profundezas do meu peito até se tornar na única coisa que consigo ouvir. Inunda-me a boca e o nariz com aromas vertiginosos — um pouco de fumo e depois canela. A *necessidade* de me ir embora satura-me o mundo até que me torna tão pesada que as minhas pálpebras cedem.

Quando volto a abrir os olhos, estou virada na direção do parque de estacionamento. No instante seguinte, já me estou a afastar.

Estilo de penteado para cabelo crespo ou com textura afro, semelhante a um coque. (*N. da T.*)
Um tipo de colarinho com duas extremidades arredondadas que se estendem pela linha do pescoço. Ficou popularizado em 1905, após ter sido desenhado por John White Alexander em colaboração com a sua mulher, Maude Adams, para a produção da peça Peter and Wendy. (*N. da T.*)
Equipa de basquetebol masculina da Universidade da Carolina do Norte. (*N. da T.*)

2

SAI. AGORA.

Estou a ir. Agora.

Parece-me correto. Bem. *Melhor*, diria.

Ao meu lado, Dustin também se está a ir embora.

— Tenho de ir.

Abana a cabeça como se não compreendesse o porquê de estar a sair da festa tão cedo. Dou por mim a anuir, a concordar. Tor disse-nos para irmos embora e devíamos fazer o que ela diz. Chegamos ao terreno de cascalho, o estacionamento a poucos minutos de caminhada pelas árvores.

Tropeço num ramo, cambaleio para o lado e agarro-me a um tronco, as mãos espalmadas contra a casca irregular de um pinheiro. A dor rápida e pungente nas palmas das mãos já antes esfoladas atravessa a neblina do *Sai* e o aroma persistente do *Agora*, até que ambas as palavras se dissipam. Em vez de me pressionarem como um peso, voam como mosquitos em torno do meu crânio.

Dustin há muito que se afastou.

Engulo oxigénio até sentir que recuperei o controlo dos pensamentos, até que o corpo volte a ser meu o suficiente para conseguir sentir a *T-shirt* empapada em suor colada às minhas costas e ao peito.

As memórias surgem como bolhas em óleo, lentas e vagarosas, até explodirem numa abundância tecnicolor.

Selwyn. A sua expressão entediada. A sua boca a cuspir palavras para a noite como uma brisa fresca que varre para longe a *minha* intenção de ficar, substituindo-a pela *sua* ordem para me ir embora. O seu desejo enrolado na minha memória da criatura holográfica, transformando-a numa pilha de pó e imagens fraturadas e depois em algo novo: um espaço em branco acima da fogueira, sem criaturas à vista. Mas essa nova memória não me *parece* real; é uma

camada ténue e delicada, criada a partir do fumo prateado, que se sobrepõe à verdade visível e concreta.

Ele deu-nos falsas memórias, mas agora lembro-me da verdade. Impossível…

Oiço uma voz e escondo-me, agachada, atrás de uma árvore.

— Sobram só estes quatro. Os outros já foram para o estacionamento. — É Tor, a rapariga loira que estava a gritar com toda a gente. — Dá para nos despacharmos? Tenho planos com a Sar. Bebidas no Tap Rail.

— A Sar não se vai importar se chegares um bocadinho atrasada. — *Selwyn*. — Este era quase corpóreo. Tive de apagar a memória daqueles dois miúdos, para prevenir.

Abafo um suspiro. Eles ainda lá estão, na clareira, a poucos metros de distância. Seja o que for que estejam a fazer, estão a trabalhar juntos. Consigo ver Tor e Selwyn por entre as árvores, à volta da fogueira, a olhar para cima. A forma esverdeada ainda lá está, no céu, a aparecer e a desaparecer numa sucessão constante. Os quatro jogadores devem estar completamente *bêbedos* porque só agora é que se lembraram de que precisam de respirar. Sentam-se, a arfar, com rostos ensanguentados e expressões desorientadas. Um deles tenta levantar-se, mas Selwyn aproxima-se dele num piscar de olhos. A sua mão pousa no ombro do rapaz, como uma bigorna, empurrando-o para baixo tão depressa e com tanta força que consigo ouvir o estalar dos seus joelhos contra a terra. O rapaz grita em agonia, cai para a frente com as mãos no chão, enquanto eu contenho o meu próprio grito.

— Meu! — exclama outro rapaz.

— Cala-te — dispara Selwyn.

O rapaz ferido debate-se com o aperto de Selwyn, mas este mantém-no para baixo sem o menor esforço, sem sequer olhar para ele. A sua atenção continua presa na coisa luminescente que paira sobre as suas cabeças. Com a respiração entrecortada, o rapaz solta um gemido débil.

— Vocês aí, juntem-se a este. — Os outros três rapazes trocam olhares silenciosos. — Agora! — vocifera, e eles apressam-se a ir ter com o amigo ferido.

Naquele instante, percebo que tenho uma escolha. Posso ir à procura de Alice e de Charlotte. Alice deve estar louca de preocupação. Posso ir-me embora, tal como Selwyn me ordenou. Posso voltar a erguer a minha barreira, desta vez

contra seja o que for que esteja a acontecer aqui com estes rapazes que mal conheço, de uma escola onde acabei de entrar. Posso reprimir a curiosidade, tal como a Bree-de-Depois fez com a dor. Ou posso ficar. Se isto não for apenas um truque da minha mente, o que será, então? Gotas de suor escorrem-me pela testa, alfinetam-me os olhos. Mordo o lábio, a ponderar as opções que tenho.

— Vai fugir assim que os tirar do caminho — adverte Selwyn.

— Não me digas — responde Tor secamente.

— Guarda o teu sarcasmo para depois. Agora, caça.

Caça? A minha respiração acelera.

— Diz o roto ao nu — reclama Tor, e levanta a mão na direção de algo que não consigo ver.

A minha opção evapora-se quando um fumo prateado aparece vindo do nada. Contorce-se e cola-se à volta de Selwyn como se tivesse vida própria, agarrando-lhe os braços e o peito, transformando-lhe o corpo num borrão. Os seus olhos âmbar brilham — brilham *realmente* — como dois sóis, e as extremidades do seu cabelo escuro arrepiam-se, encimadas por chamas reluzentes azuis e brancas. Os dedos da sua mão livre dobram-se e contorcem-se nos flancos do corpo, como se puxassem e agitassem o próprio ar. É inacreditável, mas ele fica ainda mais assustador e atraente do que antes.

O fumo prateado materializa-se e rodeia os jogadores. Estes nem pestanejam — porque não o conseguem ver. Mas eu consigo. E Selwyn e Tor também.

Quando Tor recua, vejo finalmente o que tem nas mãos: uma vara de metal escura, curvada. Ao ser pressionada para baixo, transforma-se num… arco de tiro. A porra de um *arco de tiro com flechas*.

Ao ver a arma, os jogadores ficam aterrorizados, gritam em desespero e correm, dispersos, como caranguejos.

Tor ignora-os e puxa uma corda prateada de uma das extremidades. Prende-a à arma com movimentos ágeis. Testa a tensão. A rapariga a quem chamei presunçosa tira uma flecha de uma aljava que traz escondida entre as omoplatas e encaixa-a sem sequer olhar. Respira fundo e, com um único movimento poderoso, aponta o arco para o alto e puxa a flecha para perto da orelha.

Um dos jogadores aponta um dedo trémulo.

— Mas que…

— Onde? — pergunta Tor, como se o rapaz nunca tivesse falado. Os músculos do seu bíceps retesam-se no antebraço.

Selwyn inclina a cabeça, a examinar a criatura.

— Na asa.

Tor faz mira; a corda ganha tensão.

— Ao teu sinal.

Uma pulsação.

— Agora!

Três coisas acontecem numa sucessão rápida.

A flecha de Tor voa.

Selwyn vira-se para os jogadores, estica os braços e murmura palavras que não consigo ouvir.

E os rapazes levantam-se. Marcham alinhados à volta da fogueira e caminham na minha direção.

A flecha de Tor perfura a massa brilhante. Por uma fração de segundo, vejo asas no fumo da fogueira. Garras. Um estrondo — e a coisa está a contorcer-se no chão, espalhando folhas e terra, com metade da flecha de fora. Seja o que for, não é maior do que um guaxinim. Mas é igualmente agressivo. Estremeço. Um guaxinim com *asas*.

Os jogadores alcançam-me e escondo-me à sua passagem. Sinto o sangue congelar ao ver-lhes as expressões: queixos descaídos, olhares vagos. Mexem-se como se estivessem drogados.

Foi essa a minha figura?

Um guincho atravessa o ar, voltando a minha atenção para Selwyn e Tor. Um sibilo. Uma voz como metal a raspar em vidro.

— *Merlim…*

Pestanejo, desconcertada.

Merlim, como na lenda do rei Artur?

Selwyn avança sobre a criatura bruxuleante, que se contorce com a flecha de Tor. Cinco pontos de luz ténues surgem nas pontas dos dedos da sua mão estendida. Ao fechá-la, lanças de luz voam em direção ao chão. A criatura grita; Selwyn prendeu-a como a uma borboleta num quadro. O seu riso grave faz-me estremecer.

— Não sou um Merlim qualquer.

A criatura sibila novamente numa fúria envolta em dor:

— Um *Mago Real*!

Um sorriso feroz domina a expressão de Selwyn.

— Assim já gosto mais.

O meu coração acelera. Mago. *Magia.*

— É pequenino, Sel — lamenta Tor, já com outra flecha encaixada no arco.

— O tamanho não importa — contrapõe Selwyn… aliás, *Sel*. — Não devia estar aqui.

A criatura debate-se contra as amarras, o som de asas a bater.

Sel faz estalar a língua.

— O que estás aqui a fazer, pequeno isel?

Pronuncia «isel» prolongando o «e» e com um sorriso de escárnio.

— *Lendário intrometido!* — O isel emite um som de farejo. — *Intrometido e trai*…

Sel pisa-lhe a asa. Com força. A criatura geme.

— Chega de falar sobre nós. O que *estás* aqui a fazer?

— *A alimentar-me!*

Sel revira os olhos.

— Sim, isso já nós percebemos. Detetaste uma faísca de violência e fizeste-a crescer até se tornar num banquete. Querias tanto empanturrar-te que nem deste por nós quando estávamos mesmo por baixo de ti. Mas tão longe do *campus*? És uma coisinha fraca e miserável. Quase nem tens corpo. Certamente, seria mais fácil alimentares-te por lá, perto do teu Portal.

Um som áspero e ritmado é emitido do lugar onde o isel se encontra preso. Demoro uns instantes a perceber que se está a rir. Sel também o ouve; os seus lábios curvam-se para trás.

— Achas piada?

— *Simmm* — goza o isel. — *Muuuuuita piada.*

— Desembucha. Não temos a noite toda — adverte Sel. — Ou melhor, *tu* não tens a noite toda. Vais morrer aqui… ou ainda não percebeste?

— *Não é o meeeeu Portal* — diz, numa voz rouca.

Sel cerra o maxilar.

— Como assim, não é o teu Portal?

A criatura volta a rir-se, um ruído dissonante, *malévolo*. O olhar de Sel desloca-se para Tor. Ainda a apontar a flecha ao isel, Tor abana a cabeça e encolhe os ombros. Nenhum deles sabe o que aquilo significa.

— *Não é o meu Portal. Não é o meu Portal…*

Sem aviso prévio, a mão de Sel fecha-se num punho com um movimento vigoroso. As lanças de luz convergem. Um clarão de luz rápido, um grito possante e a criatura brilhante explode numa nuvem de poeira verde.

Os meus pés estão colados ao chão. *Eles vão encontrar-me*, penso, *porque estou demasiado assustada para fugir.*

— Pode haver mais. — Tor baixa o arco. Sel baixa a cabeça, pensativo. — Sel? — Silêncio. — Ouviste o que eu disse?

O olhar dele encontra o dela.

— Ouvi.

— Bem, vamos à caça ou não, Mago Real? — resmunga.

Ele vira-se para o lado oposto da floresta onde estou escondida, a tensão erradia pelas suas costas e ombros. Toma uma decisão.

— Vamos. — Murmura uma palavra que não entendo e o fumo prateado de antes regressa, a rodopiar à volta da fogueira até que as chamas se apagam, mergulhando a clareira na escuridão. — Afasta-te.

Sustenho a respiração, mas Tor e Sel não se viram na minha direção. Em vez disso, avançam para a secção da floresta que Sel perscrutava. Espero até ouvir as suas vozes a afastar-se. Mesmo consciente de que já me encontro fora de perigo, demoro a conseguir controlar os meus membros trémulos. Finalmente, foram-se embora.

Um segundo de silêncio, dois, e os grilos retomam o seu canto. Não tinha dado conta de que haviam parado.

De um galho mais acima, um pássaro emite um pio abafado e inseguro. Exalo, num momento de compreensão mútua. Tenho a certeza de que sei como ele se sente: o isel era um monstro impossível que, de alguma forma, se alimentava de seres humanos, mas Selwyn é outra coisa… algo pior.

Cada ser vivo na floresta escondeu-se dele.

Permaneço no mesmo lugar por mais um instante, incapaz de me mexer, e depois fujo. Fujo o mais depressa que posso, através das sombras, e não olho

para trás.

3

Ao irromper das árvores, diminuo a velocidade, os pensamentos sobre o impossível a esvanecer.

As luzes brilham em azul e vermelho contra o céu da noite, e um terror pesado e azedo assoma-me ao estômago. Um carro-patrulha do condado de Durham estacionou no lote e os meus amigos estão ao lado dele, a falar com um polícia que escrevinha num bloco de notas.

Charlotte e o polícia apercebem-se da minha aproximação. O agente, um homem branco na casa dos quarenta, fecha o bloco e pousa a mão na anca, como que para me relembrar de que não adianta fugir. A arma no coldre do outro lado da anca não passa despercebida.

Alice está atrás deles, uma sombra silenciosa e cabisbaixa. O seu cabelo cai para a frente numa espessa cortina preta, ocultando-lhe o rosto. A visão faz-me doer o peito.

Quando chego ao carro, o polícia olha para Charlotte.

— Esta é que é a tua amiga?

Charlotte assente com a cabeça e continua a explicar-se atabalhoadamente e a pedir desculpa.

Vou ter com Alice e olho para ela.

— Estás bem?

Ela não me responde, nem me olha nos olhos. Tento tocar-lhe no ombro, mas ela afasta-se de mim, do meu toque.

— Alice…

— Agora que estamos todos aqui… — começa o agente. Com um longo suspiro de resignação, contorna o carro para o lado do condutor, demorando-se propositadamente, tenho a certeza, e inclina-se sobre o capô. — Senhora Simpson, pode ir, mas vai com uma advertência. Da próxima vez, será uma multa. Menina Chen e menina?…

Inclina a cabeça na minha direção, expetante, e ergue uma sobrancelha.

Engulo em seco, com o coração aos saltos.

— Matthews.

— Certo. — Faz sinal para o banco de trás do carro. — Vocês vêm comigo.

Ao meu lado, as mãos de Alice não param de tremer. Olho para o relógio digital azul e brilhante do carro. 10h32. Estamos na estrada escura e vazia, em direção ao *campus*, há onze silenciosos minutos. Nenhuma de nós alguma vez andou num carro da polícia. Cheira a cabedal e a lubrificante de armas, e a algo pungente e mentolado. O meu olhar aterra numa pequena lata verde e preta de *Skoal*[4] pousada no suporte para copos entre os bancos da frente. *Repugnante*. Para lá da divisória de metal que nos separa, vejo um computador portátil empoeirado preso ao painel. Por baixo, há uma pilha de equipamentos eletrónicos de onde saem fios enrolados cobertos de interruptores. O polícia, cuja placa o identifica como «Norris», navega entre as estações de rádio até ouvir o refrão de *Sweet Home Alabama* nas colunas de som.

Eu tenho dezasseis anos. Eu presto atenção. Oiço as histórias de tios, primos — caramba, do meu próprio pai — sobre abordagens policiais. Vejo os vídeos *online*. Estar sentada neste carro e pensar naquelas imagens faz o meu coração bater mais depressa. Não sei se há uma única pessoa negra neste país que possa dizer com cem por cento de confiança que se sente segura com a polícia. Não com o que tem acontecido nos últimos anos. Provavelmente nunca. Talvez haja alguém, algures, mas eu de certeza que não o conheço.

Alice mantém-se hirta como uma tábua, o olhar fixo no lado de fora da janela, na muralha infinita de sombras de árvores por que passamos. No banco da frente, o agente Norris tamborila no volante com os polegares e cantarola:

— *Lord, I'm coming home to you*.

— Alice — sussurro. — Aconteceu uma coisa…

— Não quero falar contigo.

— Vá lá — sibilo. — Lá na fogueira, havia uma… — *Meu Deus*, nem sei por onde começar. — Foi a luta, acho…

— Sem conversas, vocês as duas — ordena o agente Norris. Observo-o através do retrovisor. Ele ergue uma sobrancelha, como se dissesse *Atreve-te a responder*.

Semicerro os olhos e desvio o olhar.

Uns minutos depois, o agente Norris diz:

— Então… a Universidade da Carolina do Norte… o meu filho candidatou-se há uns anos… Não foi aceite. Não é fácil entrar. E também não é barata.

Nenhuma de nós sabe o que responder.

— Como é que conseguiram?

Ambas hesitamos. Conseguimos *o quê?* Entrar ou pagar? Alice é a primeira a responder:

— Bolsa de estudos.

— Então e tu, lindinha? — O olhar do agente Norris fixa-se em mim através do espelho retrovisor. — Imagino que tenhas recebido apoios externos.

O corpo de Alice endurece e os meus pelos arrepiam-se. O meu nome não é *lindinha* e não me envergonho de receber apoio financeiro, mas não é isso que ele quer dizer. A frase *parasita da sociedade* está estampada na sua expressão presunçosa.

— Mérito — rebato, com os dentes cerrados, apesar de ele não ter nada que ver com isso.

Ele ri-se.

— Claro.

Respiro fundo, a tentar conter uma onda de raiva impotente. Os meus dedos enroscam-se nas coxas, tensos com todas as coisas que neste momento não me posso dar ao luxo de dizer.

Uns instantes depois, o carro abranda. Ainda estamos a quilómetros do *campus* e não há nenhuma interseção ou carro à vista, apenas uma estrada reta de duas faixas iluminada pelos faróis do carro da polícia. É depois que vejo o que levou o agente Norris a parar. Duas figuras emergem da linha das árvores do outro lado da estrada. À medida que o carro se aproxima, com os faróis ainda acesos, as figuras levantam as mãos para proteger os olhos. O agente Norris para perto delas, diminui o volume do rádio e baixa o vidro da janela.

— Um bocadinho tarde para uma caminhada, não acham?

— Norris, não é?

Fico pálida ao ouvir aquela voz.

Os ombros do agente Norris ficam tensos.

— Kane. — O olhar dele cai para a esquerda. — Morgan. Desculpem lá. Não vos reconheci.

Alice aproxima-se da janela para conseguir ver melhor aqueles que sei serem Selwyn e Tor. *Lendários intrometidos*.

— Imaginei — responde Sel calmamente. Inclina-se para a janela do carro e eu olho imediatamente para a frente, mantendo a expressão impávida. Pela minha visão periférica, reparo que o seu olhar se demora em mim por uns instantes e depois fixa-se em Alice. A atenção dele deixa-me com os nervos em franja.

— Retardatários da pedreira?

— Pois — confirma o agente Norris. Hesita por uns instantes e depois pigarreia. — Algo com que me preocupar por ali?

Selwyn endireita-se.

— Já foi resolvido.

— Ainda bem.

O riso do agente Norris é contido. Nervoso.

O agente Norris sabe. Ele sabe.

— É tudo? — pergunta Sel, secamente. Se o agente Norris ficou ofendido por ele, homem adulto e agente da polícia do condado de Durham, estar a ser praticamente dispensado por um mero adolescente, então não o demonstra.

— Vou só levar estas duas de volta ao *campus*.

Sel já está a descer a estrada, sem prestar atenção.

— Continua.

Continua. Não foi um pedido. Não foi uma sugestão. Foi uma ordem.

Qualquer réstia de segurança que eu pudesse ter sentido sentada neste carro evaporou-se com apenas uma palavra. Quem quer que seja a autoridade para quem o agente Norris trabalha, estes dois estão acima dela.

O agente Norris despede-se de Tor antes de ela se juntar a Sel; depois retoma a condução em direção à UCN. Um minuto depois, volta a ligar o rádio e cantarola por entre os dentes. Reúno alguma coragem e, o mais discretamente possível, viro o corpo para espreitar pelo vidro traseiro.

Tor e Sel desapareceram.

Ao meu lado, Alice reclina-se nas costas do banco. Não volto a tentar falar com ela. Se antes já não sabia o que dizer, então agora que vi a forma como um

agente da autoridade interage com estes tais *Lendários*, muito menos. Passo o resto da viagem a analisar o que disse antes a Alice e acabo por me sentir aliviada e aterrorizada. Aliviada porque não disse nada na presença do agente Norris que indicasse que sabia o que realmente aconteceu na pedreira. Aterrorizada porque testemunhei algo que não devia ter visto e, se Selwyn Kane quisesse ter feito alguma coisa em relação a isso, o agente Norris não o teria impedido.

Três pensamentos sucedem-se em catadupa durante a viagem de regresso ao *campus*, até sangrarem numa única corrente de palavras: *Magia. Real. Aqui.*

O agente Norris deixa-nos em frente ao Old East, o edifício histórico que alberga os alunos do Programa de Admissão Antecipada. Subimos as escadas em silêncio até ao terceiro andar da residência. Assim que entramos, Alice veste o pijama e sobe para a cama sem me desejar boa-noite. Dou por mim estacada no meio da divisão.

Do seu lado do quarto, Alice tem uma fileira de fotografias do irmão, das irmãs e dos pais, de férias em Taiwan, emolduradas na prateleira por cima da secretária. Os pais dela decretaram logo que a viriam buscar todas as sextas-feiras para que pudesse passar o fim de semana em casa, em Bentonville, mas isso não a impediu de decorar o quarto como se vivesse aqui a tempo inteiro. Hoje à tarde, pendurou alguns pósteres de comédias românticas na parede e um fio com luzes de Natal por cima da cama.

Do meu lado, não há fotografias. Nem pósteres. Nenhum tipo de decoração, na verdade. Lá em casa, sentia uma dor insuportável sempre que caminhava pelos corredores da minha infância e via fotografias da minha mãe viva e a sorrir. Cheguei a esconder as bugigangas dela. Qualquer sinal da sua existência era um golpe no meu coração. Daí que, quando chegou a altura de me mudar para Chapel Hill, tenha trazido pouca coisa. Tudo o que aqui tenho resume-se a algumas caixas com livros e artigos de escritório, uma mala com roupa, os meus ténis favoritos, o meu computador portátil, o telemóvel e uma caixinha com artigos de higiene pessoal.

Depois desta noite, tudo me parece um artefacto de outro mundo onde a magia não existe.

Real. Aqui.

Há outras quatro palavras que se juntam à corrente: *Merlim. Mago Real. Lendário.*

Não estou à espera de conseguir adormecer, mas meto-me na cama de qualquer forma, com as minhas recordações de infância a embater contra a realidade infernal que testemunhei esta noite. Quando era mais nova, adorava a *ideia* da magia, do tipo que vemos em *Percy Jackson* e *As Feiticeiras*. Por vezes, a magia parecia-me uma forma de tornar a vida mais fácil. Algo que poderia tornar possível o *impossível*.

Mas a magia verdadeira envolve criaturas que se *alimentam* de seres humanos. Uma vozinha dentro de mim pensa que se os Lendários caçam aquelas criaturas, é porque devem ser bons. *Têm* de ser. Mas quando a noite dá lugar à alvorada, a voz silencia-se. Quando finalmente adormeço, há um eco nos meus ouvidos: o grito agudo de dor daquele rapaz quando Sel o forçou a ficar de joelhos; o balbuciar arrastado de Dustin enquanto se dirigia ao parque de estacionamento; e o grito do isel quando Sel o destruiu.

Marca estadunidense de tabaco de mascar. (*N. da T.*)

4

Acordo com a voz de Alice.

— O que foi? — resmungo. O sono ameaça dominar-me e não tenciono resistir.

— Levanta-te! — Alice está de pé, já vestida, de braços cruzados e de anca para o lado. — Ligaram do gabinete estudantil. O diretor quer ver-nos daqui a quinze minutos!

O coração dispara-me no peito e os meus pensamentos dispersam-se. Selwyn. A criatura. A viagem de regresso com o agente Norris. *Magia*. Foi tudo *real*. Espera… será que o diretor também sabe? Será cúmplice de Selwyn e de Tor, tal como a polícia? Engulo em seco, tentando conter o pânico.

— Porquê?

Ela dirige-me um olhar cortante.

— Porque é que achas?

Demoro uns instantes a perceber a que se refere… expulsão. A nossa. Num movimento rápido, estou de pé e fora da cama. Alice vira as costas e sai porta fora, o seu rosto num misto de raiva e apreensão.

— Vou para lá agora. Não te atrases.

Bate com a porta.

Procuro o meu telemóvel e leio a mensagem que Charlotte enviou para o grupo ontem à noite.

FDSSS q mrda DESCULPEM!! A polícia NUNCA apareceu na festa da pedreira, liguem-me quando virem isto!!!!

Ignoro.

A seguir, reparo numa chamada não atendida e numa mensagem de voz de um número que não reconheço, com o indicativo do condado de Orange e um prefixo da universidade. A minha própria chamada do gabinete do diretor.

Corro pelo quarto à procura de roupas lavadas. Uns minutos depois, já saí porta fora, atravessei o corredor e desci as escadas da residência. Esbarro contra a porta da saída e tropeço nos degraus de pedra.

À minha direita, há uma longa fila de alunos no pavimento de tijolos vermelhos que circunda o Old Well, uma pequena construção circular com uma cúpula redonda que abriga um bebedouro do qual, tradicionalmente, todos os anos, no primeiro dia de aulas, os alunos bebem um gole para dar sorte. Atrás deles, o terreno está pontilhado de árvores centenárias, pequenos arbustos e uma estátua confederada virada para norte.

Atravesso a rua e apresso-me por entre o Edifício Sul e o velho Teatro dos Playmakers. Mais à frente, tenho uma vista pitoresca de Polk Place, o quarteirão principal da universidade, e sinto os 280 hectares de *campus* a olhar para mim ao mesmo tempo.

Os edifícios académicos ocupam os quatro lados do relvado retangular, ligados através de uma rede de passadiços que se estendem sobre a relva e se cruzam como uma treliça de tijolo vermelho. Uma centena de alunos grogues e sonolentos percorrem o quarteirão como pássaros em migração. Alguns, sabendo o caminho de cor, andam debruçados sobre os telemóveis. Outros movem-se em pares ou em grupos, atravessando o terreno em direção ao refeitório para tomar o pequeno-almoço antes da primeira aula. As nuvens matinais do fim do verão tingem o céu de um cinza suave e dão às folhas tons verde-vivos.

Provavelmente isto é apenas um décimo do terreno, mas, ainda assim, é a maior escola em que já andei. Preciso de um minuto para me orientar. Revejo o mapa do *campus* no telemóvel e disparo a correr pela neblina baixa e pela relva encharcada de orvalho rumo ao Edifício Estudantil e dos Serviços Académicos.

As imagens da noite anterior invadem-me a mente como confetes escuros e confusos. Quero contar tudo a Alice, mas acreditaria em mim se lhe dissesse que vi um rapaz de olhos dourados que usa magia para hipnotizar alunos e uma rapariga com um arco e flecha no bolso de trás? Que o polícia — e talvez até o resto do departamento — quase de certeza sabe a verdade e ajuda a mantê-la escondida? Alice não viu o isel, mas viu Selwyn a dispensar o agente Norris. Talvez até concorde que não foi uma conversa habitual entre um polícia e um

adolescente, mas será o suficiente para a fazer saltar das margens do *incomum* em direção ao oceano desconhecido do *completamente aterrorizante?*

— Menina Matthews. Menina Chen. Podem sentar-se.

O diretor McKinnon tem a aparência de um ex-jogador de futebol americano. Ombros largos esticam as costuras da sua camisa azul listrada. Sinto-me grata por nos ter oferecido assento, por isso precipito-me a sentar-me. Sou alguns centímetros mais alta do que ele, mesmo sem usar saltos, e sem contar com o meu cabelo, que me confere mais alguns centímetros, amarrado no topo da cabeça. Já estou habituada a que os homens mais velhos se sintam desconfortáveis quando lhes retribuo o olhar de igual para igual.

Às vezes, gostava de me poder encolher até me tornar mais conveniente.

Ele contorna a secretária e ocupa o seu lugar do outro lado da mesa. Um amplo feixe de luz entra pela janela, refletindo tons de branco, azul e dourado na placa de identificação prateada desajeitadamente assente na margem da secretária de mogno. Abre um ficheiro no computador e navega por ele, enquanto esperamos. Tem o cabelo curto rente às têmporas, e está a ficar grisalho, mas a cor parece prematura. Como se o facto de ter de lidar com centenas de estudantes o tivesse feito envelhecer exponencialmente. É provável que sim. E é provável que eu seja uma dessas estudantes.

Ao meu lado, Alice está sentada ereta e imóvel, e, ainda assim, não consigo parar de mexer o joelho com a expetativa. Tenho estado a preparar mentalmente o meu discurso *Por Favor, Não Nos Expulse* desde a viagem de elevador até aqui. *Recuso-me* a voltar para Bentonville. Sobretudo depois do que vi ontem à noite.

O diretor abre a boca para falar, mas eu antecipo-me:

— Senhor McKinnon…

— *Doutor* McKinnon, menina Matthews. — O seu tom é tão severo que rapidamente me esqueço do discurso ensaiado. O diretor cruza os dedos. — Ou diretor McKinnon. Fiz por merecer os meus títulos.

Alice move-se com desconforto na cadeira e os seus lábios comprimem-se numa linha fina.

— Sim, claro. — Oiço a minha voz adaptar-se ao mesmo tom e sotaque do diretor. — Diretor McKinnon. Em primeiro lugar, queria que soubesse que a ideia de sair do *campus* ontem à noite foi minha, não da Alice…

Os olhos azuis do diretor McKinnon fixam-se em nós enquanto me volta a interromper, calmamente:

— Por acaso algemou a menina Chen, forçando-a a acompanhá-la?

Troco um olhar com Alice, que inclina a cabeça como se me dissesse *Cala a boca, Bree!*

— Não.

— Bem. — Clica num outro ficheiro e o meu histórico escolar e a ficha de aluna aparecem no ecrã. Faz *scroll* sem desviar o olhar. — Porque não estamos aqui para educar estudantes incapazes de pensar por si próprios. Apesar de o histórico escolar da menina Chen ser brilhante, na verdade, praticamente perfeito, se, de facto, ela fosse demasiado passiva a ponto de se deixar levar por alguém pelo caminho da expulsão, eu teria dúvidas em relação à sua presença aqui.

Alice inala o ar abruptamente. Estou capaz de bater neste homem.

O diretor McKinnon reclina-se na cadeira e solta um longo suspiro.

— Ambas são estudantes excecionais. Se assim não fosse, não estariam entre os trinta participantes do secundário aceites no Programa de Admissão Antecipada. É comum que estudantes da vossa idade, ao experienciar a vida sem supervisão das residências, cometam erros. Felizmente, o polícia do condado de Durham agraciou-vos a ambas com uma simples advertência em vez de uma queixa-crime. Por isso, não tenciono expulsá-las. Considerem isto o vosso primeiro e último aviso.

Oh, graças a Deus. Ambas soltamos a respiração, aliviadas.

— No entanto — o olhar do diretor adquire um brilho —, haverá consequências para o vosso desrespeito flagrante pelas regras deste instituto e para a vossa negligência pelo vosso próprio acordo escrito para as seguir. — Abro a boca, mas ele silencia-me com um olhar. — Quando esta reunião acabar, farei telefonemas a ambos os vossos pais e vocês passam a ser acompanhadas por um mentor durante o resto do semestre. Um aluno do segundo ano do Programa de Admissão Antecipada que se destacou por tomar melhores decisões.

Fico perplexa, com o calor a espalhar-se-me pela nuca.

— Não precisamos de *baby-sitters*.

— Ao que tudo indica — replica o diretor McKinnon com uma sobrancelha erguida —, precisam.

— Obrigada, diretor McKinnon — diz Alice, calmamente.

— Está dispensada, menina Chen. — Ambas nos levantamos, mas o diretor indica-me que me sente. — Menina Matthews, um momento.

O meu estômago afunda-se como uma âncora lançada ao mar. Porque quer ele falar comigo a sós? Alice hesita por um momento e o nosso olhar cruza-se; depois ela sai do gabinete, fechando a porta com um clique suave.

O diretor analisa-me em silêncio, tamborilando os dedos em cima da mesa. *Tadum-tadum-tadum*. O meu coração acelera enquanto espero que ele comece a falar. Saberá o que eu sei? Saberá dos *Lendários*?

— O agente Norris denunciou uma… atitude agreste da sua parte ontem à noite.

Fico de boca aberta.

— Uma atitude agreste? Mal lhe dirigi a palavra. *Ele* é que…

O diretor McKinnon interrompe-me com um erguer da mão.

— Não há desculpas para o desrespeito para com os agentes da autoridade. Nem para a impertinência.

— Eu não…

— Ainda não terminei — diz.

Cerro os dentes e as minhas mãos fecham-se em punhos por cima das coxas. Alice é passiva e eu sou mal-educada? Uma fúria incandescente agita-se-me no intestino, no peito, no maxilar.

— Felizmente — continua —, expliquei ao agente Norris que está a passar por um momento difícil, e num novo ambiente — dirige-me um sorriso condescendente —, diferente daquele a que está habituada.

A que estou habituada? Sinto a cabeça a andar à roda. Primeiro o polícia racista, depois o diretor *acredita* nele sem sequer me dar uma oportunidade para me explicar, e agora?…

— A sua mãe é…

— Era — corrijo-o, sem pensar, à medida que o meu cérebro processa o rumo inesperado da nossa conversa.

O diretor inclina a cabeça.

— Era. Sim, claro. A sua mãe era uma aluna muito estimada no departamento. Bastante avançada: patentes para processos de testagem de bioquímica, um trabalho exímio em Ciências do Solo. Não a conhecia pessoalmente, mas a nossa época aqui como estudantes coincidiu.

Obrigo as minhas mãos a parar de tremer e respiro fundo, lentamente. Ele apanhou-me desprevenida, mas tenho as minhas defesas. Fecho os olhos e imagino a minha barreira a expandir-se mais e mais e mais.

— Apenas queria dizer que lamento muito a sua…

Os meus olhos abrem-se repentinamente.

— Ela não está perdida. — As palavras fogem-me da boca.

O diretor McKinnon comprime os lábios.

— Alice Chen é uma aluna exemplar. Mas você, menina Matthews? Com o legado da sua mãe, os resultados dos seus testes e o seu histórico escolar, diria que tem *potencial* para ser brilhante.

Não sei o que responder. Não sei se sou brilhante. Sei que a minha mãe era brilhante e sei que não sou a minha mãe. O olhar dele fixa-se na porta atrás de mim.

— O seu mentor irá entrar em contacto ainda hoje. Dispensada.

Abandono a sala, atordoada, sentindo-me frustrada e humilhada. Alice, sentada num banco ao fundo do corredor, sobressalta-se assim que me vê. Ao aproximar-me, reparo na vermelhidão dos seus olhos e no rosto empapado de lágrimas. Nos seus dedos trémulos, um lenço amachucado.

— Alice — começo, lançando um olhar à porta do gabinete do diretor atrás de mim —, não vais acreditar no que aconteceu ali dentro. Estou furiosa…

— *Tu* estás furiosa? — arqueja. — Como é que achas que *eu* me sinto?

Estaco, confusa com a sua raiva.

— Não vamos ser expulsas. Está tudo bem.

— Não está nada tudo bem!

Tapa a boca com uma mão, abafando um soluçar que emerge das profundezas do seu peito.

Tento tocar-lhe no ombro, mas Alice afasta-se, ficando fora do meu alcance.

— Eu…

— O que aconteceu ontem à noite não podia ter acontecido. — A sua voz ecoa pelo corredor do edifício vazio, ricocheteando nos cubículos e no chão de azulejos. — Quase fomos *expulsas*. Os meus pais haviam de me *eviscerar* se isso acontecesse. Já vai ser mau o suficiente depois de ele lhes ligar!

As lágrimas escorrem-lhe pela cara abaixo.

— Eu sei, mas…

— Nem toda a gente pode ser boa na escola sem precisar de estudar, como tu, Bree. Alguns de nós têm de se esforçar. Eu tive de me esforçar para chegar aqui. Sonho com isto desde… desde sempre, e tu *sabias* disso.

Levanto as mãos.

— Desculpa! Não voltaremos a sair do *campus*.

— Acho bem.

Abano a cabeça.

— Mas, por um lado, ainda bem que saímos, porque há algo *realmente estranho* a acontecer nesta escola. Ontem à noite, vi um rapaz que…

— A sério que estás a mudar de assunto agora? — Alice recua um passo. — Para me falares de um rapaz?

— Não! — exclamo. — Não me estás a ouvir…

— É por isso que andas a agir assim? Rapazes? A escola é apenas uma grande festa para ti agora? — Os olhos dela arregalam-se, mas a sua voz torna-se fria, como se tivesse acabado de me apanhar a roubar ou a copiar num teste. — É isso, não é? Foi por isso que te inscreveste naquelas aulas.

Pestanejo.

— O que…

Ri-se amargamente.

— Escrita Académica: Composição e Retórica? *Vá lá*, Matty! És capaz de escrever composições a dormir, nunca treinaste para um discurso na tua vida e ainda assim tiras nota máxima. Biologia: Introdução a Plantas do Piemonte? A tua mãe era botânica! Não quis dizer nada antes, mas agora faz sentido.

Inscreveste-te nas cadeiras mais fáceis, mal prestaste atenção à visita guiada ao *campus* e agora estás a meter-nos em confusões. Não estás a levar isto a sério, pois não?

A vergonha invade-me o estômago. Vergonha e constrangimento. Não achei que tivesse escolhido as cadeiras mais *fáceis*. Talvez não sejam tão difíceis como outras que poderia ter escolhido, mas, para mim, estar aqui *já é* difícil. Manter a barreira, manter escondida a Bree-de-Depois e agora a magia. A raiva segue o ritmo da vergonha, queimando-a numa correria ardente. Alice nem sabe que a Bree-de-Depois existe. Alice não sabe nada!

— Não precisavas de ter ido à pedreira — disparo. — Podias ter dito não.

— Tens estado a agir assim o verão inteiro — resmoneia. — Como se não te importasses com nada. Não te podia deixar sair *sozinha* com a Charlotte Simpson!

— Então agora também andas armada em minha *baby-sitter*?

— Depois do que vi ontem à noite, está claro que precisas de uma! Se tu… — detém-se, e desvia o olhar, o maxilar tenso com as palavras que está a reprimir.

Abro as mãos.

— Diz o que queres dizer, Alice.

Ela vira-se.

— Nós inscrevemo-nos quando a tua mãe ainda era… Eu sei que as coisas agora estão diferentes para ti. Estou a tentar ser compreensiva, mas se não queres estar aqui, se não vais levar isto a sério, talvez seja melhor voltares para casa.

É como se ela me tivesse dado um estalo na cara. Lágrimas quentes pressionam a parte de trás dos meus olhos.

— Voltar para casa? Para quê? Para voltar a ser a Rapariga a Quem Morreu a Mãe naquela cidadezinha cheia de mexericos?

A UCN era o *nosso* sonho.

Alice volta a encarar-me e consigo vê-lo nos seus olhos. Algures, nas últimas vinte e quatro horas, já pensou em fazer isto sozinha. Sem mim.

A minha barreira cresce. Deixo-a expandir-se de tal forma que deixo de ver o topo e os cantos. A barreira ergue-se tão imponentemente que todos os músculos

da minha cara se imobilizam ao mesmo tempo. Visualizo uma superfície plana e impenetrável, e sinto os meus olhos tornarem-se planos e impenetráveis também.

— Agora é a minha vez. Porque é que não cresces e arranjas uma vida em vez de me continuares a culpar pelas tuas escolhas?

Alice recua e a falha na sua voz atinge-me o coração.

— Já não te reconheço, Bree.

Olha para mim uma última vez e baixa-se para pegar nas suas coisas. Não sou capaz de me mexer ou de falar.

Só a vejo a afastar-se de mim.

5

A raiva percorre-me o corpo tão intensamente que sou capaz de lhe sentir o gosto.

Percorro meio caminho de volta a Old East e paro para recuperar o fôlego nos degraus de uma biblioteca. Perto de Polk Place, parece que todos os quase trinta mil alunos da universidade se dispersam num movimento pendular constante, rumo às primeiras aulas do semestre.

Antes, eu e Alice falávamos sobre a UCN como uma grande aventura que viveríamos juntas. Agora, ao ver todos os outros alunos a ir para as aulas com um sentido de propósito, sinto que estou aqui por conta própria. Uma voz perspicaz, amarga, surge de um canto escuro: *Talvez tenha de ser assim. Menos uma memória da Bree-de-Antes para suportar*. Engulo em seco para afastar a satisfação crua e silenciosa que emerge, mas ela não se vai embora. Neste momento, a solidão parece-me… *agradável*.

O telemóvel vibra no bolso. Uma mensagem de um número que não reconheço.

Olá, Briana! Fala o Nick Davis. O diretor McKinnon deu-me o teu número para podermos começar já hoje. Queres encontrar-te comigo depois das aulas?

E agora tenho de aturar o *baby-sitter*. Ignoro. E o meu telemóvel *volta* a vibrar. Uma chamada. O nome no ecrã faz um nó formar-se na minha garganta, mas, ainda assim, atendo.

— Olá, pai.

— Cá está a minha universitária.

A voz do meu pai parece quente e familiar, mas a minha pulsação acelera. Ter-lhe-á o diretor ligado?

— Ainda não sou universitária a sério, pai.

Sento-me na varanda de pedra atrás de uma das maciças colunas da biblioteca, escondendo-me do olhar dos transeuntes.

— Mas estás num *campus* universitário a sério — responde. — E eu estou a pagar propinas a sério.

Bem… Contra factos não há argumentos. Aquilo que disse ao agente Norris era verdade: recebi um prémio de mérito académico. Os meus pais não eram ricos, mas eram bons a economizar. Ainda assim, o pouco dinheiro que tinham guardado para me pagar a faculdade não seria suficiente para sustentar os quatro anos de licenciatura sem pedir empréstimos. O meu pai só conseguiu arcar com os custos do Programa de Admissão Antecipada porque o prémio reduziu o valor para metade. Ele não fala disso, mas sei que acredita que o investimento me vai ajudar a entrar na universidade um dia e, talvez, até a ganhar uma bolsa. Estremeço, ainda afetada pelo comentário de Alice sobre as cadeiras que escolhi.

— Pronto, tens razão — murmuro.

— Pois tenho — ri-se. — Como foi a tua primeira noite numa residência universitária a sério?

O meu pai não fala pelas entrelinhas. Com ele, o que ouves e o que vês é o que ele quer que tu ouças e vejas. Se o diretor lhe tivesse ligado, ele já mo teria dito. Alto e *bom som*. Solto um suspiro débil.

— A minha primeira noite? Tranquila — minto. Não gosto de o fazer, mas também não gosto daquilo que estou a sentir neste momento.

Fico à espera da próxima pergunta e ela chega mesmo a tempo.

— Conheceste mais alguma pessoa negra?

As únicas pessoas negras no secundário, além de mim, eram um ano mais velhas do que eu. Um rapaz tímido chamado Eric Rollins e uma rapariga chamada Stephanie Henderson. Sempre que estávamos juntos, os brancos ficavam nervosos ou, sei lá, estranhamente entusiasmados. Todos os outros negros que conheço ou são parentes ou fazem parte da nossa igreja, a duas cidades de distância. Uma coisa é certa: há mais estudantes negros na UCN do que na Escola Secundária de Bentonville. É um dos motivos pelos quais me inscrevi.

— Ainda não. Nem sequer tive a minha primeira aula.

— Bem, tu precisas de uma comunidade. Quando é a tua primeira aula?

— Às dez da manhã.

— Já tomaste o pequeno-almoço?

— Não tenho fome. — Dou conta de que não como nada desde antes da pedreira.

Oiço o meu pai a resmungar. Imagino a sua expressão: a boca curvada para baixo, as sobrancelhas hirsutas franzidas, todas as linhas de expressão do seu rosto castanho-escuro carregadas simultaneamente.

— Continuas sem apetite?

Não respondo. Não estou pronta para lhe voltar a mentir. Ele suspira. A voz sai-lhe morosa, cuidadosa, e perde o sotaque arrastado de Richmond.

— O livro diz que não sentir fome, não comer, são sintomas físicos do luto.

Eu *sabia* que ele ia falar daquele livro. Até imagino o título: *Seguir em Frente: Luto, Amor e Perda*. Fecho os olhos e invoco a minha barreira.

— Eu como. Só não tenho fome agora.

— Filha, enquanto estiveres longe, preciso que tomes conta de ti mesma. Refeições, descanso, boas notas, amigos novos. Se sentires que não és capaz, voltas para casa. Foi o que combinámos, certo? — Desta vez sou eu a suspirar, e a voz dele torna-se mais incisiva. — O quê? Acho que não ouvi bem. Foi o que combinámos. Certo?

— Certo — murmuro. Foi o que combinámos. Ele sabia que eu me sentia a definhar em casa e por isso deixou-me vir, apesar de ter as suas reservas. — Pai, agradeço a preocupação. A sério. Mas eu estou bem. Estar aqui é… — *Assustador. Solitário. Confuso*. — Bom para mim.

— Querida… — A menor oscilação na sua voz causa-me um aperto no peito. — Dizes sempre que estás bem, mas isto que nos está a acontecer… eu também o sinto. E sei quanto custa.

— Eu estou bem, pai — insisto. Olho para baixo e a minha visão afunila-se, tornando-se nítida e depois desfocada.

— *Okay* — responde com um suspiro. — Bem, pelo menos tenta comer alguma coisa antes da aula, pode ser?

— Pode.

Uma pausa.

— Por onde começamos?

Aperto o telemóvel contra a orelha. É o que dizemos quando um de nós se sente sobrecarregado.

— Pelo início.

— É assim mesmo, espertinha. Volto a ligar-te mais logo.

Quando desligamos, estou a tremer. A respiração entrecortada, o calor a subir-me pelo pescoço. Afundo os cotovelos nos joelhos e aperto os olhos com as palmas das mãos. Foi por *isto* que saí de casa. Eu adoro o meu pai, mas as suas palavras perfuram cada camada da minha barreira até ela se tornar praticamente inexistente. O luto dele faz as minhas próprias emoções trespassarem-me a pele como um terremoto, deixando-me vulnerável a…

— Não — sussurro, com o rosto enterrado nas mãos. — Não, não, não.

Mas é tarde demais. As memórias surgem e capturam-me.

O cheiro forte a desinfetante hospitalar. A bílis no fundo da garganta. A madeira barata e macia sob as unhas enquanto as enterro no braço da cadeira.

Os pormenores daquela noite rodopiam como um furacão, bloqueando o mundo em camadas. O *flashback* arrasta-me do presente para o passado, um sentido de cada vez, até eu estar em ambos os lugares, em ambos ao mesmo tempo…

Um gaio-azul escarnece e assobia em cima de uma árvore.

O tinido acutilante de um monitor de sinais vitais ao fundo do corredor.

A torre sineira do *campus* marca as nove da manhã.

A voz grave e plácida do agente… «Estrada 70, por volta das oito da noite… abandono de um sinistrado.»

Familiar, aterrorizante, avassaladora — assim que começa, esta memória é uma viagem à qual não consigo escapar. Resta-me apenas permitir que siga o seu caminho…

A enfermeira sai. O polícia observa-a a ir-se embora. Suspira. «Lamento muito a sua perda…»

Está quase no fim.

Depois levantamo-nos, o polícia aperta a mão do meu pai e voltamos para casa sem ela. Entre soluços, balanço o corpo para a frente e para trás, à espera de que aquela noite horrível me deixe em paz.

Mas não é isso que acontece.

Assusto-me com o despontar de uma nova imagem ao som de um ruído violento, como um icebergue no oceano.

Um crachá prateado a brilhar no bolso da camisa. Um corpo a reluzir. Os olhos azuis do polícia a olhar para mim e depois para o meu pai. A sua boca fina a murmurar palavras que não sou capaz de ouvir. Palavras que fluem para dentro da sala. Um vento frio a soprar na minha mente…

À mesma velocidade com que surge, a memória acaba.

— Não foi isto que aconteceu…

Assim que as palavras me saem da boca, sei que estão erradas.

Pela segunda vez em vinte e quatro horas, a minha mente luta contra duas memórias conflituantes do mesmo exato momento.

Fecho os olhos com força. A memória do isel na pedreira ainda cá está, opaca sob uma cortina de fumo prateada de falsas imagens. A verdade por trás da mentira de Selwyn.

As novas memórias do hospital debatem-se agora com as antigas, até que, finalmente, as mentiras se dissolvem.

Selwyn e o polícia. Ambos me lançaram algum tipo de feitiço. Ambos me manipularam a mente a seu próprio proveito.

Abro os olhos.

A primeira vez que vi magia foi na noite em que a minha mãe morreu.

A minha primeira aula, Escrita Académica, no Greenlaw Hall, passa como um borrão. Nem me lembro de ir até lá. Sento-me ao fundo da sala. As perguntas escoam-me pela mente:

Seria o polícia do hospital como o Sel? Um Merlim? Um Mago Real? Quão grande é a rede dos Lendários? Porque me lembrei do que o Sel me tentou fazer esquecer? Porque é que só agora me lembro do que aconteceu? Que outras memórias me *roubou* aquele polícia? *E porquê?* Haveria também um isel no hospital, naquela noite? Terá atacado a minha mãe? Foi *isso* que a matou? O que sei *realmente* sobre a morte da minha mãe?

Perco a noção do tempo. O professor fala. Eu não escrevo nada.

O meu telemóvel vibra.

Briana. Recebi uma chamada dos Chen e depois uma chamada do diretor. Saída do «campus»? Invasão de propriedade? Polícia? Liga-me AGORA.

A irritação do meu pai quase me passa despercebida, mas obrigo-me a responder-lhe.

Ele deu-nos uma advertência. Estou na aula. Podemos falar depois?

Não me contaste nada quando falámos. Omitir também é mentir.

Eu sei, pai. Ligo-te depois do jantar.

Podes ter a certeza de que ligas!

Duas horas depois, a aula acaba. Atravesso a multidão como um fantasma, o olhar disperso e introspetivo.

O *campus*, que antes me parecia tão grande e intimidante, parece-me agora apertado e claustrofóbico. As árvores obscurecem a relva como cortinas que escondem verdades secretas. Os imponentes carvalhos são como sentinelas, monitorizando cada uma das nossas palavras. Volto a perder a noção do tempo, sentada num banco do lado de fora, tão absorta que me sobressalto quando o meu telemóvel vibra.

Olá, Briana! É o Nick outra vez. Espero que estejas a ter um bom primeiro dia! A minha última aula acaba às cinco e meia. Encontramo-nos à hora de jantar?

Ignoro.

No final da minha segunda aula, tenho um pensamento cravado na cabeça como um espinho: alguém usou magia para esconder o que realmente aconteceu na noite em que a minha mãe morreu e eu não vou parar enquanto não descobrir a verdade.

6

Por onde começamos? Pelo início.

Bem, à hora do jantar já tenho o esboço de um plano. No refeitório movimentado, ocupo uma mesa e vou mordiscando uma sandes enquanto troco mensagens com a única pessoa que conheço que talvez tenha respostas.

Ei! Não fomos expulsas.

A resposta é imediata. A Charlotte é o tipo de rapariga que vive com o telemóvel na mão, nunca em modo silencioso, nunca em modo não-incomodar.

Boaaaaa! E a sério desculpa por quase ter causado a vossa expulsão!!! Estou-me a sentir uma mrda.

Eu devia sentir-me culpada por me aproveitar do seu sentimento de culpa, não devia?

Tudo bem. A festa foi fixe. Havia muitas pessoas diferentes.

SIM!!! alguém se chibou daqueles jogadores! Vão ter de ficar no banco no primeiro jogo e vai ser contra o State!

Que merda!

Não acompanho futebol, mas uma asneira parece-me ser a resposta adequada. Continuo:

Quem era aquela rapariga aos gritos a mandar toda a gente embora? Loira, alta, rabo de cavalo

Victoria Morgan. Toda a gente a trata por Tor. Vem de uma família influente.

A Charlotte acrescenta alguns *emojis* do polegar a apontar para baixo.

Qual é o problema dela?

O pai e o avô e não sei mais quem andaram na UCN. Há uns anos, a família dela doou tanto guito à Faculdade de Administração que deram o nome deles a um dos edifícios. Uma linhagem de gente rica e conservadora. Os herdeiros aparecem aqui, tiram notas à toa e saem quatro anos depois com estágios maravilhosos e emprego garantido.

Uma linhagem de gente rica e conservadora. Porque é que não estou surpreendida? Estamos no Sul. Grupinhos fechados, muita lealdade, redes de contacto estabelecidas, vários recursos. Perfeito para os Lendários, aposto.

E o rapaz que estava com ela? Escolho as descrições que me soam mais… razoáveis. Cabelo escuro. Nervoso. Olhos cor de âmbar.

O SELWYN KANE ESTAVA LÁ!?!?! E EU NÃO O VI!?? Ele NUNCA vai a estas festas. Valha-me Deus, aquele rapaz é giroooo

Uma série de *emojis*: o da cara com a língua de fora, o das duas mãos para cima, o do número cem, o do beijo.

Estremeço. Não acredito que a Charlotte enviasse o *emoji* do beijo se tivesse visto o Sel a rosnar como um leão e a quase partir o joelho de alguém com apenas uma mão. Antes que consiga responder, ela envia-me outra mensagem.

Mas o Selwyn e a Tor não se dão…

Não? Eles estavam juntos quando a luta começou.

É verdade. Qualquer um teria visto.

Eu nunca os vi sequer a FALAR um com o outro. Eles não frequentam os mesmos círculos, amiga. Nem de perto! Ele está no mesmo ano que eu e a Tor já está no terceiro ano de faculdade.

Sinto a cabeça a girar. Então, os Lendários evitam-se uns aos outros em público, mas, em privado, são coordenados. Organizados. Eles mencionaram um Portal no *campus*. É lá que costumam caçar? Se o Sel está no mesmo ano que a Charlotte, é mais novo do que eu pensava. Deve ter uns dezoito anos.

Tenho de ir. Festa da Sigma hoje à noite! Queres vir?

Não. Já estou na lista de merdosos do diretor.

Quando acabo de jantar, o Sol já se pôs e há faixas de roxo-profundo e laranja-queimado que atravessam o céu do crepúsculo. Passo pelas portas do edifício, rumo ao ar húmido do entardecer, perdida em devaneios.

— Briana Irene Matthews!

Estaco e viro-me devagar, à procura do tipo de idiota que chama alguém pelo nome completo em *público* para captar a sua atenção.

Encostado a uma parede ao lado da saída está um rapaz branco e alto com o cabelo loiro-palha despenteado e os olhos azuis mais fortes que alguma vez vi. Parece o tipo de pessoa que protagoniza a capa do panfleto da universidade: inacreditavelmente radiante e alegre, vestido com calças de ganga e uma camisola com capuz azul da universidade. Quando se ri, o som é aconchegante e genuíno.

— Isso sim, é um olhar assassino!

— Não queiras saber o que vem depois — respondo.

Ele sorri, afasta-se da parede com um impulso rápido e aproxima-se.

— És difícil de encontrar. — Olha-me de relance, pensativo, e depois o seu olhar volta a pousar em mim. — E *mal-educada* também. Ignoraste-me o dia todo.

Fecho os olhos e murmuro:

— Tu é que és o *baby-sitter*.

— Então isso faz de ti a bebé?

Abro os olhos e vejo Nick Davis parado à minha frente, um regozijo que mal se dá ao trabalho de disfarçar a reluzir-lhe no olhar. É pelo menos dez centímetros mais alto do que eu, o que é dizer muito, embora, sendo aluno do segundo ano, provavelmente seja um ano mais velho do que eu. E, com toda a certeza, não tem o corpo de nenhum rapaz de dezassete anos que eu conheça. Com os ombros largos e a cintura fina, mais parece um daqueles ginastas olímpicos.

Preparo-me para me ir embora. Este rapaz não faz parte do plano. Nem do início, nem do meio, nem de qualquer outra parte.

— Briana, espera! — Nick corre para me apanhar. — Eu acompanho-te à residência.

— É Bree, e não, obrigada.

Quando ele me apanha, o seu cheiro a cedro-e-roupa-lavada acompanha-o. *É claro* que tinha de cheirar bem.

— Bree, diminutivo de Briana. — O sorriso com covinhas deve estar emoldurado no consultório de um dentista qualquer. — Teria todo o gosto em acompanhar-te. Por ser teu mentor e tal — diz, sem indício algum de sarcasmo. — De acordo com o diretor, tens tendência a perder-te durante a noite e a acabar no banco de trás de carros da polícia.

Suspiro e aumento o ritmo, mas ele apanha-me com total facilidade.

— Como é que me encontraste?

Nick encolhe os ombros.

— Pedi o teu horário e a fotografia da tua ficha de aluna ao diretor McKinnon. — Levanta a mão antes que eu proteste. — Não é o tipo de informação pessoal habitualmente partilhada com alunos, mas os formulários do Programa de Admissão Antecipada que assinámos concedem esse direito a mentores, assistentes de orientação e outros guias designados. Vi quando acabava a tua

última aula. Tentei adivinhar quando irias jantar e quanto tempo demorarias na fila do refeitório, depois calculei quanto tempo levarias a encontrar uma mesa e a comer àquela hora do dia. Tudo o que tive de fazer foi aparecer e ficar à espera do lado de fora da saída mais próxima de Old East.

Paro, boquiaberta. Ele sorri, claramente divertido e muito satisfeito consigo mesmo.

— Portanto, és um psicopata?

Ele pousa uma mão no peito, como se eu o tivesse ofendido.

— Psicopata não, apenas inteligente! E a obedecer às ordens explícitas do diretor McKinnon para me encontrar contigo *hoje*. — Sou engolida pelo olhar oceânico estampado naquele rosto bronzeado e o seu sorriso perspicaz faz uma onda de calor subir-me até às orelhas. — E tudo perfeitamente cronometrado. Saíste cinco minutos depois de eu ter chegado.

— Podes ser inteligente e psicopata ao mesmo tempo.

— Oh, concordo. — Coça o queixo. — É bem capaz de haver um diagrama de Venn ou um gráfico de proporcionalidade direta algures por aí…

Resmungo.

— Isso é, por definição, usar a tua inteligência para o mal.

Nick inclina a cabeça.

— Correto. De duas formas, na verdade. — Levanta um dedo. — Usar a inteligência para a psicopatia e — levanta um segundo dedo — usar a inteligência para estabelecer uma relação entre psicopatia e inteligência.

Abro a boca, fecho-a, viro as costas e afasto-me. Ele vem atrás de mim.

Caminhamos em silêncio por alguns instantes, deixando a noite fluir à nossa volta e entre nós. Olho para trás uma vez. O passo harmonioso de Nick faz-me lembrar o de um bailarino: passadas largas, postura reta. Quando olho para o seu rosto, há um sorriso a puxar-lhe o canto dos lábios. Viro-me.

Um minuto depois, ele volta a falar, a sua voz curiosa atrás de mim.

— Então, saltaste do penhasco? Aquele da pedreira?

— Não.

— Bem — pondera —, tirando o facto de teres ido parar ao gabinete do diretor no teu primeiro dia de aulas… o que é um recorde, suponho, então parabéns… não é a pior coisa do mundo. Não é assim tão alto e até é divertido.

Viro-me para o encarar, surpreendida.

— *Tu* já saltaste?

Ele ri-se.

— Sim.

— Pensei que eras o menino de ouro do diretor.

Ele encolhe os ombros.

— As aparências iludem.

Alguns minutos depois, chegamos a uma interseção na qual os caminhos se ramificam à nossa volta como raios de uma roda. Nick aproxima-se e andamos lado a lado, seguindo a via à nossa direita, em direção a Old East. O canto dos grilos e das cigarras zumbe ao longe.

Pergunto-me se Alice já voltou para o nosso quarto. Já tivemos outras discussões, várias vezes, mas nenhuma como esta. Nenhuma que me tenha feito sentir assim tão mal. Revejo mentalmente o olhar dela, cheio de raiva e desdém. A última pessoa a gritar assim comigo foi a minha mãe. Como é que posso ser tão boa a magoar as pessoas de quem mais gosto? A magoá-las a ponto de gritarem e chorarem por minha causa.

— Então, o diretor McKinnon disse-me que tu te matriculaste com uma amiga.

O rapaz é intuitivo. Que irritante.

— A Alice. Ela sempre quis vir para cá — respondo.

Ele olha para mim.

— E tu não?

Pisco os olhos, sem saber como responder, e ele entende o meu silêncio como uma resposta.

— Então porque vieste?

— Sou uma sabichona.

Ele lança-me um olhar rápido, a avaliar-me.

— Claramente — murmura —, mas isso foi o *como*, não o *porquê*. Ninguém se inscreve no Programa de Admissão Antecipada só pelas aulas.

Desdenho.

— Diz isso à Alice. Vai ficar destroçada.

— A fugir à pergunta. Estou a ver. — Os seus olhos atentos esquadrinham-me como se tivesse encontrado as minhas tripas e as quisesse examinar. *Sem pressas.*

Não te incomodes. Estou apenas a escavar-te as entranhas. — O diretor McKinnon pediu-me que falasse contigo sobre o requerimento que fizeste para as atividades académicas, já que alguns grupos do *campus* começam a recrutar membros na primeira semana de aulas. Encontraste algum que te interesse?

Tinha-me esquecido completamente daquela parte do programa. Nick capta a expressão no meu olhar e esconde um sorriso presunçoso com a mão.

— Sabes ao menos o que é um grupo estudantil? — pergunta.

— Acho que chego lá sozinha — resmoneio. — Clubes. Organizações profissionais para quem quer tirar Medicina ou Direito. Sei lá… fraternidades e irmandades?

— Quase — responde. — Com a diferença de que os estudantes do Programa de Admissão Antecipada não podem entrar em fraternidades e irmandades. Menores de idade em ambientes conhecidos pelas festas e consumo de álcool? Não me parece. Que tipo de pai mandaria a sua preciosa criança menor de idade para a UCN se soubesse que estudamos Química Orgânica de dia e viramos barris de cerveja à noite?

— Bem, em qual deles é que entraste? Assim sei qual devo evitar.

— Mais uma tentativa de fuga à pergunta. Clube de Críquete.

— Clube. De. Críquete. No país do basquetebol e do futebol americano?

Nick encolhe os ombros.

— Sabia que havia de irritar o meu pai.

Algo se retorce no meu coração, algo forte e afiado.

— Oh.

— O meu pai é ex-aluno, atual professor de Psicologia.

— E ele quer que tu faças outra coisa que não críquete?

— Sim. — Nick inclina a cabeça para trás e observa os galhos das árvores enquanto passamos por baixo deles. — Quer que eu siga os seus passos.

— Mas tu não o vais fazer?

— Nã.

— Porquê?

O olhar dele encontra o meu.

— Porque não tenho de fazer tudo o que o meu pai quer.

De repente, de forma irracional, a sensação no meu peito transforma-se em algo mais agressivo.

— Ele só se quer aproximar de ti — digo.

Nick desdenha.

— Acredito que sim, mas isso não me interessa.

Paro e viro-me para ele.

— *Devia* interessar-te.

Nick deixa de andar. Usa a minha resposta anterior contra mim.

— Oh.

— Sim — respondo, em tom de desafio.

Os nossos olhares prendem-se um no outro, castanho contra azul, e algo inesperado se cruza entre nós. Uma amizade conflituosa, uma pitada de humor.

— És insistente — observa, e sorri.

Não sei o que responder e ponho-me outra vez a andar.

Old East aparece à nossa frente, com os seus tijolos beges e janelas idênticas e banais em fileiras nas fachadas. Ninguém diria que está de pé há quase duzentos e trinta anos — o edifício universitário mais antigo do país.

Não sei porque é que o desinteresse de Nick quanto à tentativa de ligação do pai me incomoda. Acabámos de nos conhecer, não sabemos quase nada um do outro e ele não me deve nenhum pormenor sobre a sua vida. Isto não me devia afetar.

Mas afeta.

Desprezo e ciúme rasgam-me o estômago como garras afiadas. Quero direcioná-los para Nick, para que ele sinta a minha opinião sobre esse luxo desperdiçado: um dos pais ainda vivo para uma reconciliação. Viro-me para ele, as palavras na ponta da língua, quando capto o vestígio de uma luz sobrenatural ao longe, acima do seu ombro.

A magia de Selwyn era um fumo prateado e rodopiante. Estas chamas, a pulsar no céu por cima das árvores, ardem num tom néon-esverdeado.

— Meu Deus… — sussurro, e o meu coração dispara de repente.

— O que foi? — indaga Nick.

Passo por ele a correr antes de ter tempo para mudar de ideias. Oiço-o a gritar atrás de mim, a perguntar o que aconteceu, mas não me importo. *Não* me posso

importar.

A esta hora do dia, num *campus* universitário, é impossível andar em linha reta. Alunos às voltas, casais sentados e um jogo com disco voador fazem-me andar aos ziguezagues. Na noite passada, fugi da magia. Hoje, *tenho* de correr na sua direção. Pela minha mãe, pelo meu pai, por mim. Tenho de saber a verdade. Tenho de saber se sou eu a responsável por nunca mais poder voltar a falar com ela ou se…

Contorno um arbusto e o mundo desaparece por baixo dos meus pés.

Agachada entre dois edifícios de Ciências está uma coisa que nunca imaginei existir.

A criatura tem um contorno de luz verde-suave. O seu corpo brilha, ganha densidade, e depois desaparece e volta a ganhar densidade. Podia ser um lobo, mas esta coisa é duas vezes maior e, em vez de pelo, possui uma camada quase translúcida de pele escura esticada que descasca nas juntas das suas quatro pernas. Tem duas fileiras de dentes, curvados para trás como foices. Linhas de saliva preta fumegante escorrem-lhe pelos caninos inferiores, acumulam-se na relva.

Não sei que som emiti — um gemido, um grito de medo quase inaudível —, mas a cabeça da criatura vira-se na minha direção, os olhos vermelhos e brilhantes e as orelhas de pontas vermelhas. A coisa uiva e o som perfurante ricocheteia contra os edifícios até me atingir por todos os lados, paralisando-me.

A criatura baixa-se, com um rosnado a gorgolejar-lhe na garganta, e lança-se a mim.

Preparo-me para sentir a sua mordedura, mas, de repente, uma figura embate contra a criatura, desviando-a a meio do salto.

A criatura-lobo agitada colide com uma parede de tijolos com um som pesado e esmagador, e o impacto faz salpicar uma mancha preta na parede.

— Foge!

É Nick quem se interpõe entre mim e a criatura.

A criatura põe-se de pé. Sacode o corpo como um cão, com o que faz espirrar um líquido escuro em todas as direções. Onde a substância cai, a erva guincha como *bacon* numa frigideira.

— *Bree!* — Nick baixa-se, apoiando um joelho no chão. — *Foge!*

Com o coração a martelar-me nas orelhas, tropeço — e caio. Uma pontada de dor atravessa-me da palma das mãos até aos cotovelos.

Nick saca um bastão fino e prateado de uma bainha presa à canela. Agacha-se, sacode o bastão com um movimento cortante e o objeto estende-se numa lâmina afiada.

Uma arma oculta. Tal como a de Tor.

Nick gira a lâmina, e no topo do punho surge uma pequena guarda cruzada, prateada.

A criatura salta, ganhando impulso com os poderosos quartos traseiros, e Nick esquiva-se, cortando-lhe as costelas à medida que avança. A criatura cai e balança a cauda. Nick baixa-se, escapando por pouco à ponta afiada.

Ambos dançam mais depressa do que sou capaz de acompanhar. Nick corta. A criatura finca as garras de extremidade preta no peito dele. Nick atinge-a, e um clarão de luz débil escorre-lhe pela pele.

Circundam-se um ao outro, ofegantes. É então que o padrão se quebra. Nick recua um passo; a criatura segue-o. Nick recua mais um passo calculado… para um beco sem saída entre os edifícios.

Não tem para onde fugir.

Está encurralado e nem dá conta.

A criatura ganha impulso…

Por instinto, levanto-me e grito:

— Ei! Por aqui!

O olhar de Nick encontra o meu no exato instante em que as orelhas da criatura apontam na direção da minha voz.

— Não! — grita Nick, mas já vem tarde.

Estou a correr enquanto a criatura me persegue. Mudo de direção, desviando-me para o lado. Através da visão periférica, vejo-a a mudar de direção para me seguir.

A criatura é *veloz*. Oiço-lhe os dentes a bater, atrás de mim, a poucos metros de distância. Encolho o queixo e corro. Depressa. *Mais depressa*. Um uivo de dor — não é meu. Um baque pesado.

Não consigo evitar e olho.

A espada de Nick está trinta centímetros enterrada nas costas da criatura. O corpo sacode-se, entre espasmos, e a lâmina balança com ele. As patas dianteiras estão apontadas na minha direção. Mesmo perto.

Nick atingiu a criatura a meio de um ataque.

Um milissegundo depois e…

— Afasta-te!

Num movimento rápido, a criatura que pensei estar morta retrai os membros para baixo e salta. Levanto os braços para me proteger. A criatura grita. A lâmina afundada no seu corpo limita-lhe os movimentos. Cerra o maxilar, respingando saliva negra pelo ar. Caio no chão.

As minhas mãos e braços estão em chamas.

Está alguém a gritar.

Acho que sou eu.

O mundo sangra em tons escuros, flui como tinta para o centro do meu campo de visão.

A última coisa que vejo é Nick a puxar a espada e a enterrá-la no crânio da criatura.

7

Oiço vozes que depois se calam.

O que é que aconteceu?!

Saliva de Cão Infernal.

Parece que tenho a cabeça submersa na água. Emerge. Submerge outra vez.

No campus*? Corpóreo? Impossível…*

Ajuda-me a pô-la em cima da mesa!

Estou a cair. A cair rumo ao frio, à escuridão. As vozes começam a desvanecer-se.

Quem é ela? O éter não é para os Primavidas. Se ela…

Está a comer-lhe os ossos. Fá-lo. Agora.

O trinado rítmico e agudo dos grilos pulsa-me contra o crânio.

Os meus olhos abrem-se e deparam com um teto branco com largas vigas de madeira expostas e um ventilador que gira em movimentos preguiçosos. Tento sentar-me — e falho miseravelmente. Os meus braços não funcionam.

— Está tudo bem.

Uma mão suave empurra-me o ombro para baixo. Nick retrai a mão. Está de pé ao lado da cama e tem uma das mangas da camisola feita em pedaços.

Um lençol branco cobre o resto do meu corpo, mas, por baixo, uma comichão intensa rasteja por cima, à volta e em toda a extensão do meu braço. Mexo-me ligeiramente e o pânico instala-se. O meu braço direito está envolto em grossas camadas de gaze que vão dos dedos ao cotovelo. Levanto o ombro esquerdo para confirmar aquilo que a comichão me indica, mas o lençol limita-me os movimentos.

— Cuidado — adverte Nick. Dobra o lençol para assim poder expor o meu braço esquerdo, enfaixado de forma idêntica ao outro. — Foste ferida.

— Onde estou? — resmoneio. A minha garganta parece um pedaço de lixa a que alguém ateou fogo.

— Trouxe-te ao nosso curandeiro.

Nick pega num copo de água que está na mesinha de cabeceira atrás de si. Tem uma palhinha torta na parte de cima. Ele aproxima o copo. É confrangedor e faz-me sentir como se fosse uma criança, mas estou com demasiada sede para recusar.

Não chegou a responder à minha pergunta, e tenho a certeza de que sabe disso, mas há outras maneiras de descobrir onde estou.

O quarto é confortável e luxuoso, do tipo que faz lembrar uma cabana de esqui, mas o prédio parece *velho*: móveis e papéis de parede em tecidos pesados e texturas que ninguém usa em casas modernas. Tetos altos, chão de tábuas largas de mogno. À minha direita, um banco estofado debaixo de uma janela alta, aberta para a noite lá fora — e para o chilrear dos grilos. Não há luz além da do painel de vidro. Ao longe, a torre sineira surge em Westminster Quarters — as notas de abertura da melodia são claras, mas distantes. Devemos estar perto do *campus*, se assim é.

Acabo de beber. Nick pousa o copo na mesa e dirige-se ao assento, próximo da janela, com uma expressão solene no rosto. Nada como o Nick que conheci do lado de fora do refeitório.

— Lembras-te de alguma coisa?

Franzo a testa e as imagens surgem numa sucessão rápida: uma luz no céu. Correr. Nick a empunhar uma espada. Um *monstro*. Em menos de um segundo, os meus olhos dardejam na sua direção.

— Tu mataste-o.

Nick assente.

— Eu matei-o.

A torre sineira toca as horas. Uma. Duas.

— Salvaste-me.

Três.

Ele sustenta o meu olhar — quatro — e volta a anuir. Cinco.

Uma compreensão, clara e verdadeira, mesmo antes de eu a dizer em voz alta.

— Tu és um Lendário.

Seis.

Ele inclina a cabeça.

— Sim. Tu deves ser uma nova Pajem. O William disse que não te reconheceu.

Abano a cabeça. Sete.

Ele franze a testa, a estudar-me as feições.

— Mas tu viste o cão infernal…

Quando o sino toca pela oitava vez, Nick fica imóvel como uma estátua.

Não sei sinceramente quem está mais surpreendido, se eu ou ele. Analisamos o rosto um do outro, como se o rumo desta conversa pudesse estar escrito na nossa pele. Nove. Dez. Tudo o que vejo dele são as linhas definidas do maxilar e dos olhos, grandes e cautelosos. As madeixas do cabelo cor de palha ainda estão escurecidas pelo suor. Onze. Silêncio.

Onze horas — ainda nem três horas passaram desde que nos conhecemos. Ao pé do *campus*. Num prédio em ruínas. Um lar histórico, talvez. Todas as pistas, juntas.

Nick estreita os olhos, especulativo.

— Se sabes que sou um Lendário, então deves saber que estás a falar ao abrigo do Código. Podes responder-me com sinceridade. Como é que conheces essa palavra?

Mordo o lábio para ganhar tempo. A maneira como ele diz «Código» leva-me a pensar que deve haver um tipo qualquer de confiança formal entre nós. Claro, Tor e Sel possuem uma crueldade inata que até agora não detetei no rosto de Nick, mas isso não significa que seja inofensivo. Se for um Lendário, pode ser perigoso.

— O que é que me fazes, se eu responder a essa pergunta?

Uma onda de surpresa assoma-lhe ao rosto.

— O que é que te faço?

Assinto, com o coração a martelar-me no peito.

— Ameaçar-me? Partir alguma coisa que prefiro que permaneça inteira? Entregar-me à polícia?

Os olhos azuis dele escurecem como uma nuvem de tempestade a cruzar o céu.

— Não vou fazer nenhuma dessas coisas. — Gesticula em direção aos meus braços. — Porque te traria até aqui, ao nosso curandeiro, se tivesse intenções de

te magoar? Se te quisesse entregar à polícia, não seria mais inteligente deixar-te à porta de um hospital?

— Talvez esse ainda seja o teu plano — atiro. — Talvez a polícia esteja a caminho.

Um largo sorriso espalha-se-lhe pela cara e, de repente, ele volta a ser o Nick do refeitório: divertido e irónico.

— Bree, diminutivo de Briana. Insistente *e* teimosa. Não aceita o que vê com os próprios olhos, não aceita o que ouve com os próprios ouvidos. — Parece revirar uma ideia na cabeça antes de a fixar em mim com os olhos, para ver se funciona. — Ou pelo menos é isso que ela *quer* que eu pense. Será que te chamas mesmo Bree?

Arrepiada, pergunto:

— E a minha memória? Ainda a podes apagar.

O sorriso dele desaparece.

— Não, não posso.

O medo faz-me ficar ainda mais ousada.

— Não és um Merlim?

— Sabes que não. — Os olhos dele estreitam-se numa mistura de resignação e desilusão. Solta uma gargalhada grave, envolta em cansaço e num fio de raiva. — Está bem, já percebi. Tu sabes dos Merlins e dos seus poderes hipnóticos. Isso significa que és Ajuramentada, mas que não és uma Pajem da nossa divisão. Se assim é, quem é que te enviou? Foi o Ocidente? Estás aqui para me *avaliar*?

Abro a boca e volto a fechá-la porque não faço a menor ideia do que responder. Quem pensa ele que sou? Quem *quero eu* que ele pense que sou?

Decido que estamos ambos a jogar uma espécie de jogo. Cada um em busca do conhecimento detido pelo outro antes de revelarmos mais do que sabemos. Sei o porquê de querer as respostas dele, mas não sei porque é que ele quer as minhas.

Levanto o queixo e sinto uma fagulha da determinação de antes a regressar, a par de um bocadinho da Bree-de-Depois, o suficiente para lançar uma cartada que não me faça passar por ignorante e, talvez, que o convença a revelar mais sobre si mesmo.

— Sei que os Lendários adoram caçar isels como aquele que te ajudei a encontrar esta noite.

O tiro sai-me pela culatra.

— Oh, queres testar-me, não queres? Muito bem. — Nick levanta-se e os seus olhos revelam um brilho que me deixa em sobressalto. — Primeiro, aquele não era um isel qualquer. Era um ci uffern, um cão infernal. A forma de inteligência mais baixa entre os demónios Inferiores, sem capacidades de fala, mas o mais feroz, a par das raposas. Parcialmente corpóreo, daí ainda ser invisível para os Primavidas, mas capaz de ferir carne viva. Mais algumas infusões de éter e ter-se-ia tornado tão sólido como tu e eu. Em segundo lugar…

Passa a mão pelo cabelo, um gesto, em parte, de descrença, em parte, de frustração.

É uma pausa bem-vinda, porque, apesar de estar deitada, a palavra «demónio» abalou-me. A frase inacabada de Nick deixou-me presa a uma sensação de hesitação aterrorizante, como se estivesse no topo de uma montanha-russa. O que ele diz a seguir empurra-me ladeira abaixo.

— Em segundo lugar, tu não me ajudaste a *encontrar* nada, Bree. Tu correste *em direção a ele*. Meteste-te com um cão infernal, desarmada e sem nenhum tipo de treino, e por pouco não perdeste ambos os braços por causa disso. Quem quer que te tenha encomendado esta missãozinha de reconhecimento, enviou-te para cá com o maior nível de ignorância que alguma vez testemunhei num Pajem. Mudei de ideias. Se isto é um jogo, não quero jogar mais. Quero respostas. Agora.

Um demónio.

Ambos os braços.

Éter.

Engulo o medo que me remoinha na garganta.

— Eu… Eu não sabia que eles eram… demónios. Eu…

— Valha-me Deus, ou tu és *incrivelmente* teimosa e comprometida com esta farsa, ou então és tão novata que eles te enviaram para cá logo a seguir à porcaria do teu Juramento. — Nick passa a mão pela cara e suspira. — Sim, são demónios. Isto é informação básica. Do tipo que se ensina às crianças.

Demónios. A palavra levanta uma memória de infância: a minha mãe a levar-nos à igreja em verões quentes e húmidos, com todos os lugares ocupados e leques de papel colados em paus de gelados. Eu sentava-me ao lado dela, a

sentir-me miserável, com suor a escorrer pela parte de trás do vestido de poliéster, as meias-calças brancas agarradas às coxas, enquanto folheava a Bíblia para me distrair do calor. As páginas finas com ilustrações coloridas no meio transmitiam-me aquilo que o texto não conseguia: São Pedro nos portões dourados, raios de sol a brilhar por entre as nuvens brancas que se estendiam até ao infinito; uma luz sagrada a reluzir à volta da cabeça de Jesus; espíritos impuros invisíveis — demónios — que atormentavam os crentes com mentiras e enganos.

— Como na Bíblia?

Nick absorve a minha expressão. Quando suspira, a severidade desvanece-se no semblante, um bocadinho de cada vez, como se lhe caísse um manto. Avança um passo e estende-me a mão, parando ao ver-me encolher.

— Não me daria ao trabalho de te curar só para te voltar a magoar — diz, e espera pela minha resposta.

Depois de um breve momento de hesitação, assinto e ele pega-me na mão com cuidado, desenrolando as gazes em círculos lentos. Balança a cabeça.

— Uma Pajem sem formação completa… Um imbecil que te enviou para cá sem se dar ao trabalho de te ensinar o básico. Inacreditável. A sério, devias dizer-me quem foi… Este tipo de negligência deve ser denunciado. — Limito-me a olhar para ele, e ele coça a nuca. — Não te posso deixar ir embora sem saberes o básico; se não, ainda acabas num fosso de bwbach, ou estrangulada por um sarff uffern, ou pior. As Crias das Sombras, às quais também chamamos demoníacos, vêm para o nosso plano através de Portais que abrem entre o nosso mundo e o deles.

Crias das Sombras. As estranhas palavras crescem e rodopiam pela minha mente, mas sinto-me demasiado assustada para o interromper e pedir explicações.

— Ninguém sabe onde um Portal vai aparecer, mas costumam surgir mais nalguns lugares do que noutros, e quase sempre à noite. Quase todas as Crias das Sombras que os atravessam são invisíveis e incorpóreas. Vêm para o nosso lado para se alimentarem e amplificarem energia humana negativa… caos, medo, raiva. São essas emoções que as sustentam. Se ficarem fortes o suficiente para usarem éter, usá-lo-ão para se tornarem corp, ou seja, corpóreos, e, dessa forma, também nos poderão atacar fisicamente. Não caçamos demónios só por caçar.

Não o fazemos por gosto, seja o que for que as outras divisões digam. Fazemo-lo para proteger a humanidade.

A ponta dos seus dedos deixa rastos de calor pela minha pele. À medida que a substância lhe cai das mãos, liberta um brilho e um cheiro picante, cítrico e de terra molhada.

Quando olho para baixo, reparo que a minha pele parece ter sido salpicada por ácido — não esta noite, talvez há semanas ou meses. Há faixas de pele rosada e brilhante espalhadas da palma da mão até ao cotovelo. A pele nova é sensível; quando Nick envolve a mão num dos meus braços, voltando-o com cuidado para me poder examinar, sinto os calos que resultaram das suas longas horas a treinar com armas.

— A saliva de cão infernal é corrosiva a ponto de derreter aço — explica. — Já vi algumas gotas a abrir um buraco num fragmento de betão com trinta centímetros de espessura. A tua sorte foi o William estar em casa. — Põe o último farrapo de gaze e o outro rolo solto na cabeceira. — Amanhã já estás curada.

— Como é que isso é possível?

— Queres mesmo fazer isto?

— Sim — murmuro. — Por favor.

Ele ri-se com desdém.

— É esse tipo de ignorância que faz os Pajens serem feridos ou mortos. Aquilo que tu viste no céu foi fogo mágico. Um subproduto do éter, um elemento do ar que só algumas pessoas são capazes de ver e ainda menos conseguem manipular. Lendários diferentes usam o éter para fins diferentes. Alguns criam constructos, modelos, como armas, armaduras, escudos. O William usa-o para acelerar o processo de cura.

Aquele nome outra vez. O curandeiro. Que me ajudou sem sequer me conhecer. Sou assomada por uma súbita onda de vergonha. Nick salvou-me, certificou-se de que as minhas feridas eram tratadas, e eu ainda não deixei de o contrariar.

— Obrigada — sussurro, finalmente — por me ajudares. E agradece ao William também.

Ele volta a olhar para mim e repara no tremor nos meus dedos. A sua expressão torna-se paciente e recetiva.

— Fá-lo-ei. Agora, se estiveres à procura de uma maneira de me retribuir, sou fã da honestidade.

Luto para encontrar as palavras certas.

— Eu só queria compreender o que vi. O que estou a ver — digo, com suavidade.

Vem-me à mente a memória do *outro* Merlim do hospital — e, no mesmo instante, torna-se amarga. O *flashback* ameaça dominar-me à frente deste rapaz que mal conheço. Eu *preciso* daquela memória. E pretendo usá-la. Mas não posso deixar que me domine. Muito menos agora. Ao invés, reforço a minha barreira e cinjo-me aos factos mais simples.

— Ontem à noite, na pedreira Eno, vi uma coisa. Uma luz oscilante com a forma de uma coisa… voadora. O Sel e a Tor também lá estavam. O Sel fez-me a mim e a uns outros rapazes alguma coisa que nos fez esquecer de tudo e ir embora dali. Terá sido o seu poder de hipnose, suponho. Mas, pouco tempo depois, parou de funcionar. Eu escondi-me. Depois, o Sel e a Tor…

— Espera. — Nick levanta a mão. — Repete lá isso.

— O Sel e a Tor…

Gesticula, impaciente.

— Não, não, antes disso.

— O Sel fez alguma coisa para eu me ir embora e esquecer o que tinha acontecido, mas pouco tempo depois parou de funcionar em mim?

— Sim, essa parte. Não é possível, Pajem. As memórias da hipnose não voltam. — Os olhos reluzem nele com uma emoção que não consigo ler. — Acredita, sei bem o que isso é.

Sacudo os ombros enquanto brinco com a ponta do lençol.

— Bem, *lamento* — respondo, a adotar o seu tom condescendente —, mas foi isso que aconteceu, Lendário.

Nick examina-me o rosto. Fica a olhar para mim durante um tempo imenso e o quarto está tão silencioso que estou certa de que consegue ouvir o coração a acelerar-me no peito. O seu olhar desce para a minha boca, o meu queixo, as minhas mãos ainda trémulas no meu colo. Respira fundo.

— Tu estás… estás a dizer a *verdade*, não estás? Sobre tudo. Não és uma espia do Norte ou do Ocidente.

— Não.

— Mas se consegues quebrar a hipnose do Sel, então ele…

Nick detém-se, de olhos arregalados, e a cor desaparece-lhe da cara com um tipo qualquer de perceção de mim que não compreendo.

Endireito a pose, a sentir um pico de adrenalina.

— Então ele o quê?

— ONDE É QUE ELE ESTÁ?

Ambos saltamos ante o estrondear de uma voz, um grito que ecoa do lado de fora do quarto e ao longo do que me parece ser um extenso corredor.

Nick olha para a porta, e a tensão é visível no seu corpo.

— Merda.

Outra porta a bater. Passos rápidos e uma segunda voz, mais calma, interpela a primeira.

— Sel, espera…

O olhar de Nick dardeja entre mim e a porta.

— Ouve-me bem. Ao início, assumi que fosses uma de nós, mas, se me estás a dizer a verdade e se, de facto, não és, então, independentemente do que aconteça quando ele entrar aqui, *não permitas* que o Sel descubra que a hipnose dele falhou. Ele vai tentar outra vez, e tu vais ter de o deixar fazê-lo. Percebeste?

Uma segunda porta bate, desta vez mais perto.

— Não! O que…

— Preciso que confies em mim — sibila Nick. Eu olho para ele, sem palavras, e ele sacode-me o ombro para me chamar a atenção. — *Percebeste?*

— Sim!

— Não saias daqui.

Sem mais uma palavra, abandona o quarto.

Saio dali.

Afasto os lençóis. Os meus ténis estão empoleirados num cadeirão de aspeto imponente que está do outro lado do quarto. Corro até lá e calço as sapatilhas, mas, quando me ponho de pé, uma onda de tontura atira-me de volta ao cadeirão.

O tom frio e comedido de Sel chega até mim vindo do outro lado da porta.

— O regresso do filho pródigo. E cheio de *glória*. — Está mesmo muito próximo. Demasiado. Fixo o olhar na janela aberta e levanto-me do cadeirão numa tentativa de lhe chegar, ainda que o chão ameace desaparecer a cada passo. — Conseguiste matá-lo, Davis?

— Sim, consegui. — A voz de Nick parece um balão prestes a rebentar. — Queres inspecionar o sangue na lâmina?

Sel não hesita.

— Se não estivesses tão ocupado a brincar aos Primavidas, a deixar para nós todo o trabalho sujo, talvez soubesses que eu devia ter sido imediatamente chamado para detetar e fechar o Portal. Ou *queres* ver mais cães infernais a rondar por aí?

Chego-me à janela e praguejo baixinho. Estou no terceiro andar. Onde quer que esta casa-museu fique, está cercada por uma floresta densa. Mesmo se estivesse no primeiro andar e me sentisse segura o suficiente para escalar, não teria para onde ir.

— *Queres* que eu pare a meio de uma batalha para te mandar uma mensagem? Quais são os *emojis* para indicar um cão infernal? O do fogo e depois o do cão?

Há uma breve confusão e a terceira voz volta a intervir.

— Isto não nos leva a lado nenhum! Sel, tu fechaste o Portal. O Nick destruiu o cão. É isso que importa.

— Não é isso que importa, William. É o quinto ataque numa semana. Eles estão a *aumentar*. E a ficar mais fortes. Ontem à noite, segui o rasto de um isel quase corpóreo a quilómetros de distância do Portal mais próximo. O meu trabalho é proteger esta divisão — rosna Sel. — Assim como é o meu trabalho resolver a confusão que vocês hoje armaram. O William disse que precisam de mim aqui?

— É um ser humano, Sel.

Pergunto-me se Nick está a empatar, mas a sua voz parece cansada. Demasiado familiarizada com aquela discussão.

— É uma Primavida — responde Sel. Há qualquer coisa na maneira como diz «Primavida» que me leva a encolher-me, e nem sei o que a palavra significa. — E como é que se feriu, afinal?

— Era parcialmente corp. Limitou-se a estar no lugar errado à hora errada.

— Um demónio parcialmente corp, capaz de caçar e de ferir carne humana. Fantástico. E depois trouxeste-a para cá. *Incrível*.

— Preferias que a tivesse deixado no chão, a morrer de dores?

— Claro que não. Os ferimentos levantariam muitas questões.

— É só isso que te importa, não é? O Código de Sigilo. Não o facto de uma pessoa inocente se ter magoado!

— A Linhagem é Lei, Nicholas. — O tom de Sel é grave, perigoso. — Os nossos Juramentos estão primeiro!

— *Cavalheiros!* — grita William. — Por falar no Código, permitam-me que vos recorde a ambos de que estas paredes não são à prova de som. Quanto mais discutirem do lado de fora desta porta, mais o Sel terá de apagar.

O meu coração acelera, passando de um galope a um veloz passo de corrida.

— Obrigado, William, pelo lembrete. — A maçaneta gira e Sel abre a porta, com a expressão carregada de ira. Quando me vê, a testa franze-se numa expressão de ligeira surpresa. — Tu.

Passou-se apenas um dia, mas, sabe Deus como, tinha-me esquecido de quão aterrorizante é este rapaz. Mesmo sem o porte ou a estatura de Nick, a presença de Sel preenche o quarto. Inunda a minha cabeça com uma nuvem crepitante e rodopiante de medo — um medo tão palpável e tão vivo que me deixa paralisada. É então que me recordo de que um homem tal como ele — um *Merlim* — me mentiu sobre a morte da minha mãe, e uma raiva crescente incendeia aquele medo.

— Afasta-te de mim! — disparo.

— Hum. — Sel põe a cabeça de lado. — Há duas noites seguidas que te metes no meu caminho.

Nick empurra Sel e interpõe-se entre nós.

— Conhece-la? — pergunta. Foi rápido. Mais uns instantes e Sel saberia que falei com Nick sobre o que aconteceu na pedreira.

Avanço, encostada à parede, até chegar à janela. O vidro range contra as minhas costas e, durante uns segundos, pondero se tenho força suficiente para o partir. O que faria sequer se tivesse.

— Já nos cruzámos. — Algo semelhante a uma suspeita atravessa a expressão de Sel, mas desaparece antes de ter tempo para assentar. — Ela é que já não se lembra.

Sel aproxima-se, mas Nick interseta-o e pousa uma das suas largas mãos no peito do rapaz, detendo-o. O olhar de Sel desce para os dedos abertos na camisa cinzento-escura. A boca elegante recurva-se num sorriso feroz.

— Talvez um dia sejas capaz de me impedir, mas tu e eu sabemos que não será hoje.

As narinas de Nick dilatam-se e, por um breve momento, tenho a certeza de que está prestes a dar um murro a Sel. Que o guerreiro que vi lutar contra um cão infernal poderia facilmente levar Sel nos ombros e arremessá-lo contra uma parede com tanta força que havia de deixar um buraco. Mas os dedos de Sel começam a tremer, os anéis prateados a brilhar contra o negrume das suas calças, e Nick não ataca. Os seus olhos fecham-se e ele baixa a mão.

Sel quase parece desiludido, mas passa por Nick com suavidade.

— Não precisas de ficar a ver — atira a Nick, enquanto se aproxima de mim. A frieza que traz na voz esconde a sombra de um tipo de emoção que não sou capaz de identificar.

Com as costas de Sel voltadas para ele, o olhar de Nick cruza-se com o meu, e tem o pedido que antes me fez estampado na cara: *Não deixes que o Sel descubra.*

Sel invade o meu campo de visão e lança-me um olhar interrogativo.

— Não acredito em coincidências. Talvez me devesse preocupar por já nos termos cruzado em dois dias seguidos, mas nenhuma Cria das Sombras se teria deixado ficar tão vulnerável como tu te deixaste ficar esta noite, o que significa que só deves ser… azarada.

Aquelas palavras outra vez. *Cria das Sombras*. Quando Sel as profere, o rosto contorce-se-lhe.

— És Unanedig. Primavida. — Os olhos do Mago Real, científicos, analíticos, estudam cada traço da minha expressão. — O teu corpo ainda não está habituado ao éter. É por isso que te sentes tonta.

— Vai à merda.

— Senta-te.

A voz de Sel atinge-me como uma onda. Ao ver que não obedeço, dá um passo em frente e sou invadida pelo medo profundo e primordial que ele me causa. Sento-me.

Nick avança.

— Diretiva da intervenção mínima — urge. — Só as últimas horas.

Sel revira os olhos.

— Isso é uma ordem, Nicholas? Como se eu não fosse regido pelas mesmas leis que tu tão imprudentemente negligencias?

O meu olhar aterra em Nick. Ele assente, como se confirmasse o que está prestes a acontecer. *Ele vai apagar-me a memória outra vez*. Sel ajoelha-se à minha frente e sou envolvida pelo mesmo cheiro de um fumo inebriante e apimentado que me preenche o nariz.

— Nome? — ronrona Sel na mesma voz inebriante.

— O nome dela é Briana. — Nick diz-lhe o meu nome legal, não aquele que escolhi.

A minha mente acelera. Da última vez, a hipnose de Sel funcionou, mas só por um bocado. *Como é que eu a quebrei? Havia uma luz, depois a dor na palma da minha mão…*

Sel assiste com interesse ao conflito que tenho estampado na cara.

— Tenho de admitir, Briana, estou curioso. Que artifício do Universo te fez voltar a cruzar o meu caminho? — indaga, a sua voz calma, ávida. — Bem, alguns mistérios devem permanecer para sempre sem explicação.

Encolho-me quando ele estica os seus longos dedos em direção ao meu rosto. Só tenho tempo para morder a parte de dentro do lábio. Com força.

A última coisa de que me lembro é do calor da mão dele premida na minha testa.

8

Um bipe insistente perfura-me o crânio. Levanto a cabeça e tateio a mesinha de cabeceira até que consigo calar o despertador.

— Uhhhhh. Demasiada luz.

Volto a cair na cama e tapo a cabeça com a almofada. O meu cérebro é uma massa fragmentada, flutuante. Como a fruta suspensa dentro da gelatina.

— És inacreditável — diz Alice do seu lado do quarto.

— Doem-me os olhos — reclamo. — Doem-me todas as células. Os bastonetes e os cones, Alice.

— Bem, já é hora de acordar. — O seu tom é ácido. — A não ser que queiras acrescentar «faltar às aulas» à tua lista de delinquências.

Franzo a testa, largando um dos lados da almofada.

— Qual é o teu problema?

Alice levanta-se da cama, já vestida com uma saia e uma blusa. Ficou à espera que o despertador tocasse só para me dar o sermão. Uma emboscada de uma bibliotecária maldosa.

— O meu problema? Quase nos fazes ser expulsas na nossa primeira noite aqui, e na segunda só chegas depois da uma da manhã!

Estreito os olhos.

— Isso não é verdade… Quero dizer, a primeira parte sim. Mas a segunda não.

Alice cerra os dentes. Uma bibliotecária maldosa e implacável.

— Não acredito que bebeste a ponto de te teres apagado!

Sento-me e abano a cabeça.

— Isso não é verdade.

— Estás completamente louca! — O grito dela faz-me engolir em seco. Detesto quando se chateia. Detesto quando nos chateamos uma com a outra. — Um rapaz loiro qualquer trouxe-te de volta ao quarto, a tropeçar e a balbuciar. Disse

que te divertiste um bocadinho a mais na festa de uma fraternidade. Uma fraternidade, Bree? A sério?

Aquilo faz-me dar um salto para fora da cama.

— Alice — digo lentamente, enquanto avanço na direção dela com as mãos esticadas em sinal de paz. — Não faço a menor ideia do que estás a falar. Eu não apaguei.

Ela bate o pé no chão. Se não estivesse tão perturbada, era capaz de me ter rido.

— Não seria isso que uma pessoa que apagou de tanto beber diria no dia seguinte?

— Bem — digo, pensativa. — Sim, mas…

— Eu sei que é a primeira vez que temos este tipo de liberdade. Estamos fartas de ouvir histórias sobre pessoas que vão para a faculdade e bebem demasiado, sem levar em conta os seus próprios limites. Só nunca pensei que fosses assim tão…

De repente, já não me apetece rir.

— Nunca pensaste que eu fosse tão *o quê*, Alice?

Ela cruza os braços e suspira.

— Vulgar.

Arregalo os olhos.

— Acabaste de fazer outra referência à Jane Austen?

Alice respira lentamente pelo nariz.

— É isto que todos dizem que acontece. Vais para a faculdade com uma amiga, cada uma encontra um… grupo novo ou sei lá, e acabam por se afastar uma da outra. Só não pensei que acontecesse connosco. — Alice pega na alça da mala e vai, convicta, em direção à porta. É a resignação na sua voz que me atinge, e o golpe que ela aplica mesmo antes de sair. — Precisas de ajuda.

As lágrimas inundam-me os olhos quase antes de a porta se fechar atrás dela; depois sou assomada por uma ira incandescente. Fecho as mãos com força, cravo as unhas na pele e deixo marcas em forma de meias-luas.

Cinco minutos depois, enquanto escovo os dentes na casa de banho do corredor, solto um grito tão alto que a rapariga que está ao meu lado se sobressalta.

— Mas que raio?

— Desculpa — murmuro, com a boca cheia de pasta dentífrica. O corte no meu lábio é tão profundo que, quando cuspo, sangue carmesim e espuma rodopiam no lavatório numa harmonia repugnante. Em frente ao espelho, puxo o lábio para baixo para ver a ferida.

— Eu mord…

Outra pontada de dor. Depois sinto um pânico estranho e agitado, como se tivesse caído escada abaixo, mas, em vez de me estatelar no chão, sou impelida para a frente — para as memórias.

Onde é que ele está?

A aula de Genética II começa daqui a cinco minutos e Nick não está aqui.

Cheguei mais cedo para me certificar de que o encontraria e tenho estado à espera perto da última fila do amplo auditório, enquanto os alunos vão entrando. Uma rapariga de cabelo preto oleoso passa por mim, bloqueando-me, por momentos, a visão da porta. Assim que se afasta, vejo Nick, de *T-shirt* azul e calças de ganga, dirigindo-se para um dos cantos da sala.

Embrenho-me na multidão de alunos para o seguir. Quando o relógio assinala as onze horas, um homem magro, de meia-idade, vestido de fato cinzento, surge da primeira fila e atravessa o piso de madeira rangente. Detém-se na cátedra e franze a testa enquanto eu e os outros continuamos à procura de lugar.

— Como podem ver no quadro, estamos em Genética II. Não em Geologia II. Não em Antropologia Geral II. Não em Alemão Intermédio. Se algum de vocês estiver aqui para uma dessas aulas, por favor, retire-se agora e preste mais atenção aos nomes das cadeiras e ao mapa do *campus*.

Entre uma onda de gargalhadas suaves, meia dúzia de alunos levantam-se e arrastam-se pelas filas de lugares até à saída.

Nick ajeita-se num lugar da última fila, num movimento que, de alguma forma, consegue parecer gracioso. Apresso-me na sua direção, ocupando um lugar diretamente ao seu lado, no fim do corredor.

— Nick, diminutivo de Nicholas.

Ele sobressalta-se.

— Bree. Olá. — Reparo no olhar rápido que ele lança ao meu braço. — Como vai a minha coleguinha?

O seu sorriso é tão fascinante e genuíno que, se não soubesse a verdade, provavelmente acreditaria nele. Põe para cima a mesinha que está presa ao braço da cadeira e pousa um caderno que parece estar molhado. Detém-se e estreita os olhos.

— Não sabia que estavas inscrita nesta cadeira.

— Não estou. Pedi o teu horário ao diretor.

Um sorriso desponta-lhe no rosto.

— Quem é o psicopata agora?

Sorrio, presunçosa.

— Continuas a ser tu. — Inclino-me na cadeira. — A propósito, nunca me embebedei a ponto de apagar, e mais depressa me apanham morta do que na festa de uma fraternidade. Diz ao Sel para hipnotizar melhor da próxima vez. — Endireito a postura. — Espera, *aquilo* era uma fraternidade? Pensei que tinhas dito que não podíamos entrar numa.

A sobrancelha de Nick espeta-se ligeiramente e os olhos arregalam-se, mas não responde.

Todas as conversas são interrompidas quando o professor bate as palmas. Nick olha para a frente e eu sufoco um grunhido de frustração. O professor lança um longo olhar de sofrimento aos seus cento e cinquenta alunos.

— Agora que cá estão todos os que deviam, o meu nome é Christopher Ogren. Vou passar uma lista de presenças, hoje e arbitrariamente ao longo do semestre. — As pessoas começam a queixar-se. — Por favor, escrevam as vossas iniciais ao lado do nome e *apenas* do vosso nome.

— Nick… — começo, virando-me para ele.

Ele silencia-me com um dedo e aponta para a frente da sala.

— Estou a tentar prestar atenção.

O seu tom é sério, mas deteto-lhe no olhar uma pitada de humor. Sem mais palavras, debruça-se sobre o caderno e começa a escrever sabe Deus o quê.

Inacreditável.

Inclino-me e sibilo:

— Consegui lembrar-me.

A caneta dele para de se mexer, mas ele não levanta a cabeça.

— Lembrar-te do quê?

— A sério que tu…

Sou interrompida quando um rapaz de pele castanho-amarelada e cabelo rapado passa a lista na nossa fileira. Pego na caneta e rabisco *Tu sabes!* antes de a passar a Nick.

— A tua caligrafia é medonha.

Assina as suas iniciais antes de passar a lista para a frente. A irritação surge em mim como um grito que me esforço por conter por trás dos dentes cerrados.

O Dr. Ogren volta a chamar-nos a atenção.

— Muito bem, vamos começar com um pequeno teste de trinta minutos. — Mais queixas. O professor sorri. — Não se preocupem, não conta para a nota. É apenas um teste de diagnóstico para ver, em termos gerais, como cada um está com a matéria e do que se lembram da última vez que estudaram genética. Formem pares, discutam ideias, anotem as respostas.

«Formem pares» é facilmente a segunda pior frase que pode ser dita em sala de aula, depois de «trabalho de grupo». Mas hoje não me podia deixar mais feliz.

— Portanto, parceiros? — pergunto, com ar afetado.

Nick estuda-me, a avaliar as opções.

— Está bem.

Abre numa página em branco do caderno.

Os professores assistentes distribuem pilhas de folhas de trabalho. Pego numa e passo o resto para a frente. Nos primeiros minutos, dedicamo-nos realmente ao teste de diagnóstico. Os exercícios são bastante diretos, com uma combinação de perguntas de escolha múltipla e outras de respostas curtas. Nick tem tanto de inteligente como de bonito, porque é claro que tinha de ter, mas a matéria não está tão fresca na cabeça dele como está na minha. Deixo as minhas perguntas para depois e assumo as rédeas para conseguirmos um bom resultado.

— Estamos na parte das questões curtas. — Abro o meu caderno numa página em branco. — E temos de responder em conjunto.

— Hum, sim — diz Nick, a coçar a barba por fazer. — Não tenho cem por cento a certeza em relação a esta…

Indica com o dedo a pergunta número dez.

— «Os processos do ADN incluem a replicação, a transcrição e a tradução. Descreva, pormenorizadamente, as funções distintas desses processos.»

— Não me lembro da diferença.

— É fácil confundir os termos. A replicação cria mais ADN, a transcrição usa o ADN para criar RNA e a tradução tem que ver com ribossomas. Usam RNA para gerar proteínas. — Rabisco um diagrama no caderno. — O estímulo visual ajuda.

Nick examina o desenho e os olhos dele brilham.

— Tens razão. Ajuda bastante.

Não estou preparada para o seu pequeno sorriso de satisfação. Ainda que discreto, é um sorriso que irradia calor e raios de sol e verão, e é *realmente* desconcertante e deixa-me o estômago às cambalhotas.

Despachamos as últimas cinco perguntas e acabamos o teste dez minutos antes do fim da aula. Rasgo uma página do meu caderno e escrevinho algumas palavras. Quando enfio o papel nas mãos de Nick, ele cruza os braços como se a folha pudesse explodir só de lhe tocar. Fico a olhar para ele enquanto perscruta a lista de palavras — *Crias das Sombras*, *Lendários*, *Pajem*, *Primavida*, *hipnose*, *Merlim*, *Mago Real*, *éter* — antes de amachucar a folha e de a enfiar no bolso.

Inclino-me na sua direção.

— Não vou desistir.

Nick solta um suspiro lento e impassível, ainda a olhar para a frente.

— Como é que consegues… fazer isso?

— Não sei. — Mostro-lhe a ferida que tenho na boca. — Dor, acho eu — murmuro. Ele olha para mim preocupado, mas faço um gesto indiferente com a mão e sussurro: — Tenho uma pergunta melhor: como é que os Merlins o fazem?

Ele abana a cabeça.

— Quaisquer que sejam as perguntas que tenhas, garanto-te que as respostas não valem a pena. Fazias bem em fingir que a noite passada e a noite da pedreira nunca aconteceram.

— Acabou o tempo!

A ordem do Dr. Ogren traz-nos de volta à realidade.

— Impossível — respondo a Nick.

Ele vira-se para mim, com um aviso a reluzir-lhe nos olhos.

— Vou explicar-te o que vai acontecer: vou pedir ao diretor McKinnon para te arranjar outro mentor, porque se formos vistos juntos no *campus*, vai levantar suspeitas. Vais parar de fazer perguntas e seguir com o teu semestre, porque esta conversa acabou. Lamento, Bree, mas acabou.

Volta a sua atenção para o professor como se pudesse pôr um ponto final no assunto. Como se tivesse acabado de emitir um decreto.

Não sou capaz de conter uma pequena gargalhada e tapo a boca com a mão.

Nick apercebe-se e franze a testa.

— O que foi?

O sorriso que tenho no canto da boca aumenta até quase me encher a cara. Volto a inclinar-me para ele, até que as nossas cabeças se tocam, e sussurro:

— Nós até podemos ter vivenciado um ataque demoníaco quase fatal e tu até me podes ter salvado a vida… mais uma vez, obrigada… mas isto não fica por aqui. Não sei quem pensas que és, mas não me dizes o que fazer.

A sua expressão de choque é maravilhosamente linda. Levanto-me da cadeira e avanço pela sala até chegar ao corredor e à saída.

Está na hora do plano B.

Demoro cinco minutos a encontrar no telemóvel uma lista de casas históricas perto do *campus*, e são *muitas*. Mas apenas preciso de um minuto para escolher a casa cercada por uma floresta: a Sede da Ordem da Távola Redonda. Não é uma fraternidade. É uma sociedade histórica secreta. Começo a imaginar túnicas, cânticos e rituais em catacumbas, mas, antes que possa continuar a pesquisa, o meu pai liga-me.

Valha-me.

Deus.

Não adianta fugir.

— Olá, pai…

— Não quero ouvir.

Oh, ele está furioso.

— Porque é que não me ligaste ontem à noite? Quanto vale a tua palavra neste momento?

Quanto vale a tua palavra? Outra frase familiar.

— Pouco — murmuro. — Eu… — *Acho que há algo que não sabemos sobre a morte da mãe. Sei que existe uma sociedade secreta de praticantes de magia capazes de apagar memórias e…*

— Tu o quê? — insiste.

Cerro os dentes e debruço-me sobre uma mentira.

— Eu estraguei tudo. Fiquei à conversa com um pessoal que conheci no jantar e acabei por me esquecer. Desculpa.

— O que é que se passa contigo, Bree?

Conto-lhe as partes da história mais prováveis de coincidir com a versão do diretor. Assim que descobrir o que aconteceu naquela noite, e se o conseguir provar, conto-lhe o resto.

Ele continua irritado.

— Temos um acordo, filha. Se deres conta do recado, podes ficar. Se não…

— Volto para casa — suspiro. — Eu sei. Fiz uma escolha irresponsável. Não volta a acontecer.

Durante a aula de Estatística, percorro os resultados da minha pesquisa no Google, assinalando as páginas que me parecem mais úteis.

Há cinco Ordens secretas conhecidas associadas à universidade, todas elas organizadas em função de um tema central — as Górgonas, a Tosão de Ouro, os Estígios, as Valquírias e a Távola Redonda. As três primeiras usam histórias da mitologia grega. As Valquírias, da mitologia nórdica. A Ordem da Távola Redonda é a única sociedade que retirou o nome de uma lenda — a do rei Artur.

Mostrei ao Nick aquela lista de palavras porque queria arrancar-lhe algum tipo de reação. Fazê-lo ceder. Mas agora reviro as frases e encaixo-as naquilo que sei sobre a lenda. Seria fácil para alguém descartar o rei Artur como uma fantasia medieval sobre honra e cavalheirismo que os fundadores da Ordem atribuíram a si mesmos para se sentirem maiores, mais velhos, melhores do que são. Mas isto não é fantasia. É real. Por isso, tenho de perguntar: será a Ordem baseada na lenda? Ou é a lenda que se baseia na Ordem? Sei que «Merlim» é um título, não uma pessoa. Nick falou de Pajens. Sel é um Mago Real. Quanto da história será verdade?

O *site* não diz muito sobre as sociedades, além de afirmar a sua existência, e não há quase nada sobre a Ordem da Távola Redonda — exceto que não é apenas a sociedade mais antiga do *campus*, mas também a mais antiga do *país*.

Tenho de reconhecer: os Lendários têm o disfarce perfeito. As fraternidades e irmandades anunciam as suas atividades, organizam festas nas suas casas e têm perfis nas redes sociais, mas as sociedades secretas universitárias limitam-se a… existir. E não só nas universidades, mas também no resto do mundo. Há uma loja maçónica a menos de dez minutos da casa dos meus pais. Uma pessoa de fora não espera aprender o que uma sociedade secreta faz, quem são os seus membros ou como são recrutados. Através de acordos implícitos, limitamo-nos a aceitar que não é do conhecimento público.

Talvez a Ordem da Távola Redonda recrute feiticeiros chamados Merlins e caçadores de demónios chamados Lendários.

Afasto o olhar do ecrã do telemóvel. Sentados à minha volta estão alunos que não fazem a menor ideia de que, todos os dias, caminham por dois mundos diferentes. Um mundo com aulas e jogos de futebol americano e associações de estudantes e testes, e um outro mundo com Crias das Sombras, hipnose e éter — e demónios famintos de uma dimensão infernal que apenas os querem devorar. Um isel era capaz de estar a sobrevoar a cabeça da minha professora à frente do auditório, a alimentar-se da sua energia, e ninguém iria perceber. Ninguém além de mim. E deles.

No fim da aula, ando pelo *campus* e atravesso a extremidade nordeste até à reserva florestal de Battle Park, numa missão para encontrar uma casa em que já estive, mas que nunca vi.

Sendo uma mulher negra que cresceu no Sul, é comum ir dar a lugares antigos que, simplesmente… não foram feitos para mim. Pode ser um edifício, uma zona histórica ou uma rua. Um espaço originalmente construído única e exclusivamente para pessoas brancas. Sou obrigada a lidar com aquela realidade e a seguir com a vida.

Há momentos em que se torna óbvio, como quando há a placa com a inscrição «para os rapazes que vestiram cinzento»[5], ou quando há uma bandeira dos Confederados hasteada. Outras vezes, é a data inscrita numa placa

comemorativa que dá o alerta. Visitas de estudo ao Capitólio? Belas e majestosas construções que remetem para a arquitetura grega? Construídas em 1840? Ah, sim, nunca lhes passou pela cabeça que *eu* viria a caminhar por aqueles corredores, deambulando e pensando em como os seus fantasmas me expulsariam se pudessem.

Ganha-se um certo tipo de consciência. Aprende-se a ouvir o ténue zumbido da exclusão. Um som que diz: *Não construímos isto para ti. Construímo-lo para nós. Isto é nosso, não é teu.*

O edifício ostenta uma placa histórica em preto-e-branco mesmo à entrada, onde os portões estão abertos. *Mansão original construída em 1793* — o mesmo ano em que foi construído Old East. A minha residência já existia antes da guerra. Não foi construída *para* pessoas como eu, mas foi, definitivamente, construída por *elas*. E a Sede?…

Respiro fundo, ignoro o zumbido e atravesso a longa entrada de cascalho. Quando viro uma esquina, vejo-a.

É a porra de um castelo medieval. O covil de um feiticeiro das trevas, isolado numa colina arborizada no meio de uma floresta. Em cada canto, quatro torres de pedra circulares elevam-se em pontas cónicas, com pequenas bandeiras azuis e brancas no topo, como nos contos de fadas.

E, tal como o trilho que me trouxe até aqui, está revestida por uma ténue e brilhante camada de éter prateado.

Não tinha dado conta de que os tufos que vi a perfurar as árvores eram éter e não a luz do Sol, até que os vi a amontoar-se em redemoinhos no trilho de cascalho à entrada da Sede. Quando chego aos degraus de tijolo, toco na camada iridescente com alguma relutância. À medida que os meus dedos passam pelo brilho, sinto que algo me empurra *para longe* das enormes portas duplas. Um toque insistente que me roga que me vá embora. Não propriamente assustador, mas intimidante. Um aviso subtil infiltrado na minha cabeça, como a mensagem de Selwyn.

Sai.

A minha mão demora-se no interior do encantamento. O cheiro a fumo e a cravo, agora familiar, corre na minha direção. *Lendários diferentes usam o éter para fins*

diferentes. Quererá dizer que isto é… uma assinatura? Se assim for, o cheiro intenso dos meus curativos teria de ser de William.

A assinatura de Selwyn é aqui tão forte que sou capaz de lhe sentir o sabor: o uísque que eu e Alice roubámos do gabinete do meu pai no verão passado. Cravo e canela. Uma fogueira na floresta e fumo carregado pelos ventos do inverno.

Depois de bater várias vezes com a aldraba de bronze com a forma da cabeça de um leão, lanço um último olhar à minha roupa. O que será mais apropriado usar para investigar uma sociedade secreta? Optei pelo conforto em vez do estilo: calças de ganga, uma *T-shirt* desbotada do *Star Wars* e botas de cano baixo. Os meus caracóis estão presos num coque arranjadinho, alto e volumoso no cimo da cabeça. Nada que grite «espiã».

A porta abre-se, revelando uma rapariga parecida com uma fada — cabelo preto curto, um vestido com padrão floral e *leggings*. Os seus olhos grandes e escuros pousam em mim e depois dardejam pelos degraus do trilho, como se estivesse à procura de mais alguém.

— Quem és? — pergunta, sem arrogância.

— Bree Matthews. O Nick disse-me para vir aqui ter com ele.

Referência ao exército dos Estados Confederados. (*N. da T.*)

9

A cara da rapariga é tomada por vários tipos de emoções: alarme, dúvida e, curiosamente, esperança.

— O Nick disse-te que viesses aqui ter com ele? Esta noite?

— Sim. — Mordo o lábio, esforçando-me por esboçar uma expressão de incerteza. — Há… há problema? Ele disse-me que…

Um guincho escapa da boca da rapariga-fada.

— Não! Claro que não há problema. Se o Nick to disse, oh-meu-deus… sim.

Contorce-se como um rato apanhado numa armadilha e sinto uma mistura de culpa e triunfo.

Quando abre mais a porta para me deixar entrar, reparo numa pulseira de cetim azul que tem no pulso. Costurada no meio do tecido está uma pequena moeda de prata com qualquer coisa gravada.

— É só que chegaste mais cedo do que o previsto, só isso! — exclama. — Na verdade, ainda não chegou mais ninguém. Não te posso deixar entrar no salão sem o teu padrinho, mas temos uma sala para convidados. Podes esperar lá enquanto eu ligo ao Nick.

Padrinho?

— Parece-me bem — respondo, acompanhando-a até ao átrio.

No mesmo instante, reconheço a decoração luxuosa com ambientação de uma cabana de esqui, mas a sensação de familiaridade fica-se por aí.

Nunca vi nada de tão grandioso em toda a minha vida.

As paredes de pedra do salão de três andares sobem até às vigas abertas. Penduradas de cada lado, estão pinturas em molduras de folha dourada e tapeçarias pesadas em tons de castanho e preto. Há verdadeiras arandelas de ferro alinhadas à nossa frente, mas, em vez de chamas por trás das coberturas de vidro, há lâmpadas *vintage* incandescentes. Uma escadaria dupla ladeia o chão de

mármore branco como porcelana, curvando-se até uma varanda aberta que liga as duas alas do segundo andar.

Não há casas como esta em Bentonville. As pessoas normais não têm casas como esta. Pelo menos não no meu mundo. Os meus pais recuperaram uma casa antiga de dois andares construída nos anos setenta, e mudámo-nos para lá há oito anos. Quase todas as casas dos arredores são de quintas passadas de geração em geração ou ficam em bairros de classe média repletos de casas antigas parecidas com a minha.

Enquanto absorvo, boquiaberta, cada pormenor, a rapariga vira-se para mim com um sorriso que lhe realça as covinhas da cara:

— Já agora, o meu nome é Sarah. Mas quase toda a gente me chama Sar.

Retribuo o sorriso.

— Prazer em conhecer-te.

Sarah abre uma porta oculta por baixo da escadaria da esquerda. O espaço é circular, tal como a torre de pedra do andar de cima. Há quatro mesas redondas na sala, cada uma com um tabuleiro de xadrez de madeira e com mármore incrustado no centro, além de um sofá de couro posicionado de frente para uma lareira, perto da janela. Sarah lança-me um sorriso educado e fecha a porta, deixando-me sozinha.

Deambulo pela divisão enquanto espero, analisando as molduras nas paredes. À frente da porta estão dois retratos preeminentes pendurados lado a lado sob um par de luminárias para quadro feitas de latão. O primeiro é de um homem com sobrancelhas grossas e um olhar azul e severo. *Jonathan Davis, 1795*. O retrato seguinte foi pintado mais recentemente. *Dr. Martin Davis, 1995*. O antepassado de Nick e do pai. *Claro*. A Ordem deve ser a organização a que o pai dele queria que ele se juntasse. Tal como Nick, o Martin do retrato é alto e tem ombros largos, mas os olhos são de um azul quase preto. Em vez dos fios cor de palha queimados pelo sol que caem sobre a testa do filho, tem uma madeixa de cabelo loiro-escuro e grosso rente às têmporas.

Mordo o lábio, a organizar mentalmente a pilha de informação. Não, dizer pilha já não se adequa. Agora preciso de gavetas e armários. De sítios específicos para acrescentar novos detalhes que me parecem importantes, como o facto de,

apesar de Nick parecer desprezar Sel e talvez a própria Ordem, os retratos da família continuarem dispostos num lugar de distinta honra.

Uma outra imagem capta-me a atenção. À esquerda de Jonathan, há uma ilustração antiga em tons de preto-e-branco num pergaminho amarelado protegido por um vidro: cinco homens envergam longos coletes aristocráticos com mangas brancas bufantes, de pé, ao redor de uma mesa. Por baixo, uma placa de bronze com um pequeno parágrafo:

PIONEIROS DA GRÃ-BRETANHA, OS FUNDADORES DA DIVISÃO COLONIAL DA CAROLINA DA ORDEM DA TÁVOLA REDONDA FORAM STEPHEN MORGAN, THOMAS JOHNSTON, MALCOLM MACDONALD, CHARLES HENRY E JONATHAN DAVIS, C. 1792.

A placa inclui breves biografias dos homens e das suas conquistas:

Legislador. Tenente governador. Barão do tabaco. Coproprietários de um dos maiores complexos de plantações do Sul.

Lá está o zumbido outra vez.

A porta abre-se e eu viro-me, ostentando a expressão mais simpática de que sou capaz. É aqui que o meu plano se torna incerto; não faço a menor ideia do que Nick pode ter dito ao telefone, por isso preparo-me para a reação de Sarah.

Pelo olhar que lhe deteto no rosto, a minha estratégia funcionou.

— O Nick está a caminho. Posso oferecer-te alguma coisa? Café? *Perrier*? Vinho?

— Não, obrigada. Ele disse quanto tempo ia demorar?

— Talvez uns dez minutos. Ele vive fora do *campus*, mas não é longe — diz, alternando o peso de um pé para o outro, como se estivesse a ser obrigada a desempenhar o papel de anfitriã sem saber bem como. Por fim, murmura um *Okay* rápido e sai porta fora.

A primeira parte do meu plano está completa. Deixo-me cair no sofá e espero pela segunda parte.

Dez minutos depois, a segunda parte aparece na sala, as bochechas vermelhas como tomates. Nick fecha a porta atrás dele e chega ao pé de mim em dois passos.

— *O que raio estás a fazer aqui?*

Os seus olhos, normalmente simpáticos, atingem-me como raios azuis. A força dele, o mero impulso da sua raiva, empurra-me contra as almofadas.

— A captar a tua atenção.

Ele estuda-me, ofegante, com o peito a subir e a descer como se tivesse vindo a correr.

— Temos de sair daqui. Agora, antes que os outros cheguem. Principalmente o Sel. — Inclina-se e agarra-me o cotovelo. — Vamos.

Não tenho outra escolha que não levantar-me quando ele me puxa, mas também não lhe facilito o trabalho. Debato-me, tentando livrar-me do seu aperto.

— Larga-me.

Puxo o braço, libertando-me. Antes que ele volte a tentar, dou um passo na direção dele de forma que se afaste. Funciona, e ele recua dois passos, desajeitado.

Respiro fundo. Os corações partidos reduzem o vocabulário ao seu estado mais vulnerável, e porque não quero que a Bree-de-Depois apareça e transforme esta conversa numa explosão de lágrimas, concebi uma confissão com recurso ao menor número de palavras possível:

— A minha mãe morreu há três meses.

Nick pestaneja, o choque e a confusão sobrepõem-se à fúria, até que, por fim, a sua expressão assenta algures entre os três. A maior parte das pessoas responde, de imediato, coisas como «lamento muito» ou «oh, meu Deus». O Nick não. E isso faz-me gostar dele mais do que devia.

— Bree… isso é…

Nick hesita, e é precisamente *essa* resposta que me faz recear que não compreenda. Que nunca tenha perdido ninguém tão próximo para ser capaz de compreender. Ainda assim, continuo.

— Foi um acidente de carro. O outro condutor fugiu. No hospital, levaram-me a mim e ao meu pai para uma… uma sala com um polícia e uma enfermeira que nos contaram o sucedido. — Agora vem a parte difícil. O pânico cresce. Tenho de acabar depressa. — Ou, pelo menos, era o que eu pensava. Ontem, recuperei uma memória. Só um fragmento, mas o suficiente para *saber* que aquele polícia era um Merlim. Ele hipnotizou-me, a mim e ao meu pai, para que nos

esquecêssemos de alguma coisa daquela noite. Se soubéssemos a história toda, então, talvez… — Paro, engulo em seco. — Só preciso de saber o que aconteceu e o porquê de ele no-lo ter escondido. E preciso da tua ajuda.

Nick vira-se, a mão pousada sobre a boca.

— Nick?

— Estou a pensar. É só que… — Passa ambas as mãos pelo cabelo.

— Não pareces surpreendido.

Deixa escapar uma risada apreensiva.

— É porque não estou.

Cerro o maxilar.

— Preciso da tua ajuda.

Nick fica tanto tempo calado que penso que pode virar as costas e ir-se embora. Expulsar-me. Ou chamar a segurança, como nos filmes. Mas depois fecha os olhos, suspira, olha para mim… e começa a falar.

— Os Merlins são os feiticeiros da Ordem. A sua afinidade com o éter é tão forte que são praticamente supersoldados. Treinados desde o berço, são-lhes atribuídas funções e são enviados em missões, como caçar Crias das Sombras selvagens, manter as populações de Primavida em segurança, fechar Portais…

A minha respiração volta ao normal. *Uma missão*.

— Não nos deixaram ver o corpo. Achas… achas que a minha mãe pode ter sido atacada por um demónio?

O Nick não parece convencido.

— Um Merlim é capaz de detetar um demónio a quilómetros de distância e, mesmo assim, são quase todos isels incorpóreos. Visíveis apenas para quem tem a Visão, mas sem força suficiente para causar danos físicos. As mortes de Primavidas são extremamente raras, porque são exatamente aquilo que os Merlins são treinados para evitar. Isso e defender o Código. Se os Primavidas soubessem a verdade, seria o pânico generalizado, o caos… duas coisas que alimentam as Crias das Sombras. Não, isso não faz sentido. — O seu olhar escurece. — A menos que…

Um arrepio gelado preenche-me o coração.

— A menos que o quê?

— A menos que a missão tenha corrido mal. Que o Código tenha sido ameaçado. Os Merlins são autorizados a fazer o que for preciso para manter a guerra em segredo.

Recordo a crueldade de Sel com o rapaz na pedreira. A forma como quase torturou o isel. A sua indiferença para com os meus ferimentos na noite passada.

— E se ela, de alguma forma, se tiver atravessado no caminho dele? Ou… se ele falhou e quis cobrir os rastos?

Quando levanto o olhar, a expressão de Nick é de desgosto. Uma dor antiga ressurge. E uma pergunta.

Talvez *a* pergunta. Aquela a que me levaram todas as outras.

Aquela que, apenas por ser feita, muda *tudo*.

— Um Merlim seria capaz de matar alguém?

Ele evita o meu olhar.

— Eu não…

— A verdade.

Quando Nick finalmente olha para mim, o seu tom é firme:

— Eu não minto. Fora do Código.

— *E eles*?

Nick fecha os olhos. Assente.

Tudo arde dentro de mim. Uma fornalha turbulenta e revolta. Ponho-me direita.

— Sei a data do acidente. A hora. O lugar. Se eu te descrever a sua aparência…

Ele levanta as mãos.

— Há centenas de Merlins pelo mundo todo. Mesmo se eu os conhecesse a todos, ninguém me contaria nada. Cada Merlim faz o Juramento de Serventia para com o Alto Conselho de Regentes. São eles que distribuem as missões pelos Merlins, e nenhum Regente falaria com um forasteiro.

— Tu és um Lendário. Fala com os Regentes por mim.

Ele solta um suspiro pesado.

— Tecnicamente, sim, mas na prática? Não. Renunciei ao meu título formal há uns anos… em público. Irritei muita gente. Desculpa, Bree, eu…

— Não quero saber! — grito, e aproximo-me dele até que as nossas caras ficam a centímetros de distância. — Vou ser muito clara contigo. A minha mãe está *morta*, e há a possibilidade de um Merlim ter sido o responsável por isso. No mínimo, escondeu os factos. Não me vou embora antes de ter respostas. Se não me podes ajudar, diz-me quem o pode fazer.

Ele levanta as mãos.

— Eu percebo, a sério! Mas tu nunca vais conseguir chegar ao pé dos Regentes.

— Porque não faço parte deste… deste clube?

— A Ordem tem uma hierarquia muito rigorosa, ligam muito a títulos e posições — explica com uma voz tranquilizadora. — O título de Lendário é sacrossanto. Superior a Vassalos, Pajens, Suseranos, Vice-Reis, Magos, Senescais… Os Regentes detêm todo o controlo funcional, mas se um Lendário fizer uma exigência, os Juramentos forçam-nos a atendê-las. Os Regentes não respondem ante seja quem for que esteja abaixo de um Lendário.

— Então vou ter de viver o resto da vida sem saber o que realmente aconteceu?

A derrota que pressinto na expressão de Nick enche-me de desespero. Como posso estar tão perto da verdade e, ainda assim, ela estar fora do meu alcance? O medo forma um nó apertado na minha garganta, mas engulo-o. Tem de haver uma maneira de…

Do lado de fora, a enorme porta abre-se com um baque. Ambos paralisamos. Oiço a voz de Sarah e depois outra. O som de vários pés a entrar na sala. Risos. Alguém diz:

— Bem-vindos!

E, nesse momento, uma solução atinge-me o âmago. Um caminho. Um objetivo. Uma luz. *A nossa Bree Destemida*.

— Porque é que a Sarah achou que tu eras meu padrinho?

Os olhos de Nick arregalam-se, um brilho de medo nas profundezas do seu olhar.

— Bree…

— É a primeira semana de aulas. Estão a recrutar?

Nick diz que não. Uma e outra vez. Mas não o estou a ouvir: a ideia já me está a percorrer as veias, quente e obstinada.

Se os Regentes não falam com forasteiros, então vou deixar de ser uma forasteira.

— É impossível — resmunga Nick. — E, mesmo que não fosse, não há pior pessoa do que *tu* para aparecer diante dos Regentes.

Empino uma sobrancelha.

— O que é que queres dizer com…

— Ouve-me. — Pega-me na mão, obrigando-me a olhar para ele. — Eu estive envolvido com a Ordem *a minha vida toda* e nunca ouvi falar de *ninguém* como tu. Uma Primavida não Ajuramentada capaz de ver éter e de resistir *voluntariamente* à hipnose, a arma mais forte do Código de Sigilo? Isso só fará que os Lendários, a Ordem e os Regentes te vejam como uma ameaça, uma anomalia. Algo a conter ou até mesmo a eliminar. Já para não falar nos Merlins. Eles são um exército que se dedica a garantir a aplicação das leis da Ordem… e o Sel é um dos Merlins mais poderosos em *anos*. Se se sabe que ele está a falhar no seu posto aqui, o seu futuro e a sua cabeça estarão em risco. Ele próprio te denunciará aos Regentes, os Regentes irão julgar-te, confirmar o que consegues fazer e fazer-te *desaparecer*. Agora, por favor, *temos mesmo* de sair daqui antes que…

— Não! — Puxo as mãos e ponho-me a andar a caminho da porta. — O *timing* é perfeito. Só preciso de ir lá fora e confirmar aquilo que a Sarah já julga ser verdade. Depois junto-me a vocês e torno-me numa Lendária. Vai ser canja.

Nick olha para mim, incrédulo.

— Eis a prova de que não fazes a menor ideia daquilo que estás a dizer. Eu nasci com o meu título, mas tu és uma forasteira. Se eu te trouxer para cá, serás apenas uma Pajem. Terias de competir contra todos os outros Pajens para te tornares numa Lendária. O torneio dura meses e é *tudo* manipulado. É uma estrutura pensada para favorecer certas pessoas, certas famílias.

— Pessoas como tu, não é? — Estou inebriada pela ideia, a solução para tudo. Aponto para os dois retratos atrás de mim. — Os teus antepassados fundaram a porcaria da Ordem. Tu és a exata definição de um legado.

Nick ri-se com amargura.

— Um legado que *rejeitei*. Nunca cheguei a assistir a nenhum torneio. Mesmo que as Provas te corram bem, nada garante que passas na Seleção. Os outros Pajens têm formação em luta, estudaram…

— E eu sou insistente — respondo.

Um pequeno sorriso surge no canto da boca de Nick. Sinto o coração a bater tão alto que temo que ele o consiga ouvir. Nick anda de um lado para outro, olha para mim, volta a andar. Detém-se.

— Muito bem, digamos que seguimos com isto para a frente. E depois? Entras, reúnes as tuas provas e vais-te embora? Eles nunca irão aceitar isso.

A minha disposição para lutar por isto ainda se encontra presente, mas o meu lado conciliador assume as rédeas.

— As últimas palavras que disse à minha mãe foram de ira. — Nick estremece como se o tivesse atingido num ponto sensível. — Se houver nem que seja *um* por cento de hipóteses de ela… — Engulo em seco. — Seja como for, não posso deixar que a nossa discussão seja o fim. E se não me quiseres ajudar, hei de encontrar outra maneira.

Os olhos dele procuram os meus. A amizade conflituosa torna-se mais poderosa.

Ambos nos sobressaltamos quando a porta se abre e um novo rosto aparece.

— Davis!

Um rapaz de pele tisnada, camisa formal e suspensórios entra na sala, agita um copo de água gaseificada numa das mãos. O seu olhar impassível pousa em mim por um instante antes de se voltar para Nick.

— A Sar disse que estavas aqui! Esta é a tua Pajem?

O olhar de Nick não se desvia do meu rosto. Fito-o de volta com cada centímetro de determinação que tenho. Por fim, após uma longa pausa, ele responde:

— Sim, Fitz. Ela é minha. Achei que estava na altura de recuperar o meu título.

PARTE DOIS

DISCÓRDIA

10

Fitz bate nas costas de Nick e entorna a água gaseificada.

— É mesmo assim, Davis!

Nick desvia o olhar para Fitz.

— Dás-nos um minuto, Fitz?

— À vontade. — Sai da sala com um sorriso largo. — Meu puto!

— Sabes como é!

Nick esboça um sorriso e aponta para Fitz, tal como um membro de uma fraternidade numa festa improvisada. Quando a porta se fecha, volta a virar-se para mim com a expressão outra vez solene.

— Pergunta: essa é que é a tua cara de machão? Porque eu detestei. Ainda mais importante: a *tua* Pajem? — pergunto, semicerrando os olhos. — Como se te pertencesse? A tua serva?

— Não! — responde Nick, com o rosto a enrubescer. — Claro que não. Desculpa. Não é esse tipo de Pajem. Toma… — Afunda a mão por baixo da gola e puxa uma longa corrente de prata. — O serviço de um Pajem medieval era voluntário, honroso e mutuamente benéfico. — Faz sinal em direção ao meu pescoço. — Posso?

Olho para a joia que tem na mão.

— Acho que sim.

Nick passa-me o colar por cima do cabelo. Uma moeda pesada de prata, como a da pulseira de Sarah, desliza-me até ao peito. Passo os dedos pelas inscrições na superfície ainda quente: um círculo com o formato elegante de um diamante no centro. Uma linha sem fim e quatro pontos que se estendem para lá das suas curvas.

— Chamar-te «minha» significa que fui eu que te recrutei. Que a minha linhagem de sangue deposita a sua confiança em ti. Que eu e a minha família te garantimos proteção e a nossa bênção. — Levanta uma mão para interromper a

questão que me paira nos lábios. — Depois. Por agora, vou alinhar com a tua participação no Torneio, apenas enquanto penso numa alternativa. Mas se vamos fazer isto, e deixa-me reiterar, mais uma vez, que isto é uma *péssima* ideia, então vamos fazê-lo juntos. Tu e eu. À minha maneira. Temos acordo?

Cruzo os braços, mas ele inclina a cabeça, expetante.

— Está bem — acedo. — E qual é «a tua maneira»?

— Acabámos de inventar este plano, Bree, dá-me um segundo.

As luzes acima de nós piscam uma, duas vezes. Do lado de fora, Sarah anuncia que o evento irá começar dentro de dez minutos. Volto a olhar para Nick, que me observa, pensativo. Não consigo evitar pensar que está a conceber um plano de que não vou gostar.

— Muito bem. Primeira regra…

Dez minutos depois, quando saímos da sala, há mais de vinte alunos dispersos pelo átrio. Alguns estão vestidos como eu e Nick, de calças e *T-shirt*; outros envergam vestidos e fatos formais. Alguns Pajens avaliam-me com olhares longe-de-serem-discretos, enquanto outros olham fixamente para Nick, surpreendidos, como se ele fosse uma miragem.

Nick exibe uma expressão que nunca lhe vi no rosto. A cada passo em direção à multidão, torna-se uma versão diferente de si mesmo: uma mistura entre a confiança, o charme aconchegante de quando nos conhecemos e de… de qualquer coisa que não reconheço.

Uma rapariga baixa e curvilínea de cabelo ruivo ondulado e um rapaz alto e magro aproximam-se de nós. Apesar de caminharem perto um do outro, parecem polos opostos: ela veste umas calças largas de tecido e uma blusa estampada, enquanto as calças de ganga e a camisa amarrotada dele parecem ter sido tiradas de uma pilha de roupa suja. Curiosamente, ambos usam pulseiras de cabedal vermelho no pulso direito, com moedas prateadas idênticas no centro.

Que *moedas* são estas?

— Nick… — A rapariga respira fundo. — A Sarah disse-me que estavas aqui, mas…

Um sotaque britânico suave envolve cada uma das suas palavras antes de a voz lhe falhar, como se estivesse demasiado chocada para continuar.

O rapaz aperta-lhe o ombro e avança com a mão estendida.

— Enquanto a Felicity tenta recuperar a capacidade de fala, devo dizer que é bom voltar a ver-te, meu.

O sotaque dele não se parece minimamente com o do Sul. Deve ser de Nova Inglaterra, provavelmente.

— Ei, Russ. Obrigado. — Nick aperta a mão de Russ com um sorriso e indica-me com a cabeça. — Esta é a Briana Matthews, a minha… — pigarreia. — Convidei-a para se juntar à Ordem.

Lanço-lhe um olhar que diz *muito subtil* e Nick franze a testa.

Russ repara na nossa interação, mas não diz nada. O seu olhar travesso deixa-me imediatamente alerta.

— Prazer em conhecer-te, Briana — diz, apertando-me a mão. — Bem-vinda à Sede.

— Obrigada — respondo, mantendo um tom descontraído. Gracioso. Forço um sorriso brincalhão, na esperança de parecer impressionada e ingénua. — É a primeira vez que estou numa casa assim. É mesmo… chique.

A primeira regra de Nick ainda me ressoa nos ouvidos.

Lembra-te de que o Sel julga que foste hipnotizada duas vezes — na pedreira e ontem à noite. Por isso, tens de agir como se não soubesses nada e não tivesses visto nada. Todos aqui têm de pensar que és uma Primavida ignorante no que diz respeito ao nosso mundo. Não deixes que ninguém descubra o que és capaz de fazer.

— Bem, gostamos de fazer as coisas em grande. — Russ acompanha o meu olhar. — Suponho que tenha um certo charme de museu chique e não-toques-em-nada-senão-alguém-te-vai-partir-os-dedos.

Rio-me com o comentário. O som parece-me completamente desajustado, mas acho que o consegui convencer, porque Russ pisca-me o olho.

— Claro que chique e formal significa que a Flick não me deixou vir de *T-shirt*.

A seu lado, Felicity resmunga.

— Odeio essa alcunha.

— Felicity tem *demasiadas* sílabas! — exclama Russ. — Os teus pais eram sádicos.

Felicity revira os olhos.

— Ignora-o.

Um pequeno carrilhão começa a tocar algures e as portas duplas abrem-se ao fundo da sala.

Felicity e Russ vão à nossa frente, enquanto Nick e eu avançamos atrás da multidão. Inclino-me na sua direção e sussurro:

— Qual é a cena deles? E o que são aquelas moedas?

Nick responde com discrição, sem olhar para mim.

— Felicity Caldwell, terceiro ano, e Russ Copeland, segundo ano. — Acena a um rapaz alto de ar simpático e cabelo claro, que o cumprimenta com um sorriso irónico. — Ambos Lendários. Usam o mesmo selo porque a Felicity é uma Herdeira, nasceu com o título, tal como eu, e o Russ é o Escudeiro que ela recrutou.

— Porque é que os detestas?

Nick pestaneja.

— Quem disse que os detesto?

Indico os alunos que tagarelam à nossa volta e depois o salão exuberante.

— O Sel chamou-te filho pródigo. Renunciaste a tudo isto.

Um músculo contrai-se-lhe na bochecha.

— O motivo que me fez renunciar ao título não tem nada que ver com estas pessoas.

— Então porque…

— A história vai ficar para outro dia.

Franzo a testa, mas não sinto que o conheça bem o suficiente para me pôr a insistir. *Mas se não conheço o Nick, porque é que confio nele?*, penso.

Ele esbarra contra mim com o braço, indicando com a cabeça o caminho até ao grande salão, para onde a multidão se dirige.

— Ambos temos de estar atentos quando atravessarmos aquelas portas — diz Nick. — Mais alguma pergunta?

— Várias. — A expressão no seu rosto fica algures entre o rapaz extrovertido e carismático que conheci ontem à noite e o nobre e severo Nick cujas sobrancelhas estão franzidas por um motivo que não sou capaz de identificar. — Porque me estás a ajudar?

A boca dele estremece.

— Gosto de ajudar as pessoas, quando posso. — O brilho no seu olhar diminui. — E sei o que é ver a nossa família a desmoronar-se à nossa frente e não ser capaz de fazer nada.

Antes que tenha tempo de lhe fazer outra pergunta, Nick desvia o olhar e eu dou por mim atingida pelo silêncio que vem da enorme sala que está à minha frente. Há sofás de couro castanho posicionados diante de uma grande lareira de mármore a um canto, que, por si só, é tão grande como a Casa Biltmore; aquele recanto de mármore podia acomodar um cavalo de pé. Através de uma porta de vaivém, tenho o vislumbre de uma cozinha digna de um *chef*, mas o mais impressionante são as janelas de três metros que vão do chão ao teto e compõem toda a parede mais afastada, fornecendo uma vista extensa da floresta. A Sede está elevada o suficiente numa colina para que o horizonte, que começa a escurecer, se torne visível através dos tons castanhos e esverdeados.

Nick detém-se ao meu lado enquanto absorvo tudo. Reparo que, mais uma vez, metade das pessoas aqui presentes estão de olhos postos em Nick e a outra metade, em mim. Alguns dos mais bem vestidos tracejam olhares curiosos que percorrem as minhas botas, calças de ganga e *T-shirt*. Alguns olham sem pudor para a moeda de Nick que trago ao pescoço e um calor sobe-me até às orelhas. Nick conduz-me até um bar num canto. Quando os olhares nos seguem, percebo que a minha irritação se transferiu dos olhares curiosos para ele.

No momento em que o burburinho à nossa volta recomeça, aproximo-me dele e murmuro:

— Está toda a gente a olhar.

Com as costas voltadas, ele passa-me um copo de água de pepino e mantém a voz num sussurro:

— Tanto quanto eles sabem, não entro nesta casa desde os doze anos. Depois apareço do nada para reclamar o meu título e apadrinhar uma Pajem que nunca ninguém viu. E…

— E?

Nick aperta os lábios até que estes se tornam numa linha fina e serve-se de um copo de água.

— E, tradicionalmente, os novos Pajens vêm de famílias Vassalas que se dedicam à Ordem há décadas ou até gerações, por isso…

Reviro os olhos.

— Por isso parece que passei à frente na fila.

Nick ri-se.

— É uma maneira de ver as coisas.

Nick explicou-me o que são os Vassalos: Primavidas forasteiros ajuramentados no Código e na Ordem como um todo, mas que se comprometeram a servir uma das treze linhagens de sangue dos Lendários que fundaram a Ordem na Idade Média. Os Vassalos sabem do éter e das Crias das Sombras, mas não lutam na guerra. Ao invés, a sua rede atende às necessidades das famílias que lhes são designadas. Em troca, a Ordem garante-lhes favores. A maioria dos Vassalos começa por ter poder ou dinheiro e usa a Ordem para obter mais. Alpinistas sociais. Provavelmente como o agente Norris. É da Vassalagem que surgem os CEO, políticos, líderes executivos e até presidentes.

Perscruto a sala, volto a ouvir o zumbido e murmuro, a tentar disfarçar:

— Sem contar que não há uma única pessoa aqui que se pareça comigo.

Nick acompanha o meu olhar, vê o mesmo que eu, uma sala repleta de miúdos brancos, sem uma única pessoa de outra origem à vista, e contorce o rosto numa expressão de repulsa. O seu maxilar torna-se duro.

— Se alguém te disser alguma coisa, seja o que for, informa-me. Eu trato do assunto.

Olho para o rosto de Nick. Está muito seguro de entender aquilo por que estou a passar. Depois penso em Norris, no diretor, e em como algumas coisas, algumas pessoas, se recusam a simplesmente… parar. Penso nos riscos que corro por me infiltrar na Ordem. Por ter sucesso numa instituição fundada por homens que detiveram um tipo de poder legal para serem meus donos. Um poder que desejavam.

— Claro que tratas.

Reparo no meu cinismo e Nick também. Franze a testa e começa a responder, mas é interrompido por alguém que surge atrás de mim.

— Ei, Davis!

Viramo-nos e deparamos com dois jovens que nos observam com olhos ávidos e curiosos.

— Whitty! — Nick sorri e cumprimenta um deles. — Que bom ver-te. Passaram-se o quê, dois anos desde a viagem de *rafting*?

Whitty sorri.

— Não foi o nosso melhor momento.

De corpo robusto, cabelo pálido, encaracolado e selvagem, enverga um casaco com padrão militar e umas calças de ganga. Enquanto os outros jovens estão vestidos para as aulas ou para a formalidade da Sede, Whitty pareceria igualmente confortável se estivesse num trator. Sinto-me imediatamente cativada pela sua indiferença descontraída, mas depois lembro-me de que provavelmente é um Vassalo e fico na defensiva.

Nick desdenhara das famílias Vassalas cujo único objetivo era posicionar um filho para se juntar à Ordem. «A missão da Ordem é lutar contra as Crias das Sombras e proteger os humanos. É mais seguro do lado de fora, mas, para alguns, os benefícios de ser membro compensam os riscos. Até os Pajens e as suas famílias têm mais privilégios do que os Vassalos. Só um Lendário pode recrutar novos membros, por isso estes alpinistas sociais irão fazer de tudo para conseguir favores da linhagem de sangue que lhes foi designada na esperança de que os seus descendentes sejam recrutados», escarnecera. «Mas esses Vassalos não estão interessados em ajudar as pessoas, só lhes interessa o estatuto. E arriscam a segurança dos próprios filhos para o obter.»

Daí a Segunda Regra: *Mantém a discrição. Desaparece. Deixa-os esquecerem-se de ti, para que não te vejam como competição.*

Mas Nick parece genuinamente feliz por ver o outro rapaz, daí que Whitty talvez não seja do tipo mimado e privilegiado.

— E os rápidos classe três e quatro do rio Nantahala? Aí estivemos bem.

Nick inclina a cabeça na minha direção.

— Esta é a Bree Matthews. Bree, este é o James Whitlock, também conhecido como Whitty. Os Whitlock são Vassalos da Linhagem de Tristão e proprietários da maior parte das quintas de criação de porcos em Clinton.

— Preferimos o termo «barões suínos». — Whitty pisca-me o olho em tom conspirativo. Estende-me a mão, cumprimentando-me com um aperto firme e caloroso. A pulseira azul desbotada que traz no pulso está presa por um elástico. — Prazer em conhecer-te, Bree. O Nick é teu padrinho? — Assinto e ele assobia

baixinho. — Estou a ver. Eu sou o Pajem da Sarah. — Whitty aponta com o polegar para a pessoa ao seu lado. — E apresento-te Greer Taylor. Pajem do Russ.

— Olá, malta.

Greer acena levemente. Tem a altura e a estatura magra de um jogador de basquetebol, com braços e pernas longos e musculados. O cabelo loiro-escuro está preso numa trança por cima do ombro, com alguns fios mais curtos a cair da parte da frente da boina cinzenta. Um colete cor de ardósia, com ar de ter sido caro, por cima de uma camisa desabotoada e para fora das calças de ganga dobradas, faz o seu estilo ser algo entre a alta-costura e o *hipster*. Greer também gira as mãos à frente do cinto num gesto nervoso que me faz lembrar, dolorosamente, Alice.

— Achei que devíamos vir apresentar-nos — diz Whitty, olhando de relance para o resto da sala. — Teremos bastante tempo para andar à bulha uns com os outros, se as histórias sobre o torneio forem verdadeiras.

Nick inicia uma resposta — não sei se para amenizar os nossos medos, se para contestar a previsão de violência antecipada despreocupadamente por Whitty —, mas detém-se quando um rapaz alto de cabelo castanho encaracolado se aproxima.

— Perdoem-me a interrupção, mas és o Nick Davis? — Quando Nick assente, o rapaz arqueia as sobrancelhas. Estende-lhe a mão. — O meu nome é Craig McMahon, Pajem do quarto ano.

O ano de escolaridade não influencia o momento em que um aluno pode ser recrutado, pelo que um aluno do último ano que se junte à Ordem também será um Pajem de primeiro ano — e apenas terá uma hipótese de ser Selecionado como Escudeiro Lendário. Se Craig é do quarto ano, é porque foi recrutado no seu primeiro ano de faculdade.

Nick retribui o aperto de mão.

— Os McMahons são Vassalos da Linhagem dos Bors, correto? O Fitz ou o Evan trouxeram-te para cá?

— Sim. — Craig assente e levanta a mão para mostrar uma pulseira fina, de cabedal laranja-escuro, com uma moeda prateada no meio. — A minha família presta serviços externos há cinco gerações. Eu sou o primeiro Pajem. — O seu

olhar dispara na minha direção e depois volta a fixar-se em Nick. — Então é verdade? Vais reclamar o teu título?

Um leve rubor atinge as bochechas de Nick, mas o seu queixo espeta-se.

— É verdade.

Craig abre um sorriso.

— Estou no meu último ano. É a minha última oportunidade para me tornar Escudeiro. Não achei que alguma vez te fosse conhecer, mas… — Lança-me um olhar rápido, e deteto alguma manha na sua expressão. — Gostaria de me pôr à tua disposição. Oficialmente. Tens um minuto?

Nick cerra o maxilar e Whitty sorri por trás da sua bebida. Craig puxa Nick para uma conversa e ambos se afastam alguns metros. Greer vê a confusão no meu rosto e inclina-se na minha direção.

— Caíste aqui de paraquedas, não foi?

Tenho a história que combinei com Nick na ponta da língua.

— Conheci o Nick através do Programa de Admissão Antecipada. Ele achou que eu era uma boa escolha.

— Apenas o Nick se safaria recrutando alguém de fora da Vassalagem — responde com um sorriso encorajador. — Provavelmente sente-se grato por não seres como eles.

Indica Greer, discretamente, com o queixo.

— Como eles?

— Acólitos de Lendários. Fundamentalistas devotos à Linhagem. O Torneio ainda nem começou e o Craig já quer que o Nick o escolha. Queres uma pastilha? Ajuda-me quando estou nervose. — Greer afunda a mão na mala para pegar num pacote novo. Reparo na sua gargantilha vermelha e presumo que a sua família sirva qualquer que seja a Linhagem a que Russ e Felicity pertençam. Recuso a pastilha. Greer continua: — Os acólitos são um tipo especial de crentes, isso é certo.

— Falas como se a Ordem fosse um culto.

— Há dias em que isso não está muito longe da verdade — intervém Whitty, observando as pessoas ao redor.

Greer encolhe os ombros.

— Isto é tudo um tiro no escuro quando se vem de fora e não se tem a Visão. E tu pareces estar a sair-te muito bem, Bree. — Greer avalia-me com os seus olhos castanhos e sorriso generoso antes de meter outra pastilha na boca. — Como reagiste quando o Nick te contou do Artur?

Artur? Greer diz o nome sem nenhum tipo de pausa ou inflexão. Como se o rei Artur fosse um rapaz qualquer prestes a entrar por aquela porta a qualquer momento. Levo alguns segundos a pensar numa resposta que não denuncie a extensão da minha ignorância.

— Fiquei… abismada, como seria de esperar.

Nick e Craig regressam, acompanhados por Felicity, que se aproxima de nós com uma prancheta e um sorriso contagiante. Até pode ter ficado surpreendida com a presença de Nick, mas agora que o evento está em andamento, está de volta ao seu elemento. Aposto que ela faz parte da Associação de Estudantes no mundo dos Primavidas, do outro lado destas paredes.

O mundo dos Primavidas, onde o rei Artur é apenas uma história, não uma pessoa. Se Artur é real, os cavaleiros também o são? A Távola Redonda? O Santo Graal?

No momento em que Nick repara na minha expressão, o seu rosto assume um ar preocupado, mas Felicity começa a falar, captando a nossa atenção.

— Como coordenadora do processo de recruta deste ano, tenho o prazer de fazer aos iniciados uma visita guiada à Sede antes de começarmos. Vamos?

Inclina a cabeça em direção ao salão, onde um par de Pajens já se encontra à espera.

Whitty e Greer preparam-se para acompanhar Felicity, mas Nick toca-me no cotovelo. Conduz-me para perto de uma janela, longe dos ouvidos curiosos.

— Tens a certeza de que queres fazer isto? Ainda vais a tempo de…

— *O rei Artur é uma pessoa real?*

Nick pestaneja, apanhado de surpresa. Volta a pestanejar.

— Sim, mas não como estás a pensar.

— O que é que *isso* significa? — quase grito.

Alguns Pajens do outro lado da sala viram-se na nossa direção, dardejando olhares entre mim e Nick. Fitz parece estar pronto para me dar um enxerto de

porrada. Nick esboça um sorriso confiante, mas responde-me por entre os dentes.

— Sê. Discreta.

— Explica-me.

Os seus olhos perscrutam a sala enquanto fala.

— Aquilo que julgas conhecer sobre a lenda, todas as versões que leste ou ouviste? Quase todas têm origem na Ordem. Foram eles os responsáveis pela maior parte das histórias sobre Artur que se espalharam além do País de Gales, assim como pelos textos, desde Geoffrey de Monmouth a Tennyson. Clérigos Vassalos, escritores e arquivistas trabalharam em campanhas de desinformação para manter os Primavidas afastados da verdade. É isto que quero dizer com «péssima ideia». Os outros padrinhos tiveram *muito* mais do que dez minutos para preparar os seus Pajens…

— Para — digo, desnorteada, ainda a absorver todas estas verdades e mentiras. — Não vou voltar atrás. Não me importa se é tudo verdade.

— Pajem Matthews — chama Felicity da porta do salão.

— A caminho! — respondo, com um sorriso falso nos lábios.

Avanço na direção dela, mas Nick interceta-me.

— Os Lendários são perigosos, Bree. Não os subestimes.

Quando chego ao pé do grupo, já vão a meio das escadarias curvas e no fim das apresentações.

— No segundo andar ficam os espaços comuns e os dormitórios privados — indica Felicity. Os caracóis ruivos balançam atrás dela enquanto se move pelas escadarias com graciosidade. — Também temos uma sala de cinema com espaço suficiente para doze pessoas e um pequeno bar.

Enquanto Felicity nos conduz pela varanda e pelo corredor, estudo os outros iniciados.

Ao todo, somos cinco novos Pajens: Greer, Whitty, eu e dois outros rapazes, chamados Vaughn e Lewis. Vaughn, Pajem de Fitz, é tão alto como Nick, mas tão largo no tórax e bíceps que os botões parecem prestes a saltar-lhe da camisa. Lewis, Pajem de Felicity, é o oposto: pequeno, magro e ligeiramente esverdeado.

Quando chegamos ao fim do corredor, Felicity abre as portas duplas com um empurrão.

— E aqui fica a biblioteca.

Filas de estantes repletas de grandes volumes encadernados em couro de tons desgastados de castanho, azul e verde. Umas solenes cortinas carmesins cobrem as janelas que se estendem num arco de estilo gótico. Um lado da sala abriga pequenas mesas de estudo com luminárias verdes. Do lado oposto, três sofás de couro de frente para uma lareira alta.

Deambulo até uma das paredes mais afastadas, ao lado de Greer, mal ouvindo Felicity, que está agora a elencar as muitas vantagens que os membros da Ordem da Távola Redonda recebem no *campus*. Está tão animada e recetiva que não consigo imaginá-la a caçar demónios. Também há retratos. Entre duas janelas, há uma pintura a óleo, que vai até ao chão, de um cavaleiro montado no seu cavalo. Sangue verde e preto escorre pelo centro da lâmina que brande, e os seus olhos brilhantes azul-ciano reluzem debaixo de um elmo medieval.

Reparo numa caixa de vidro pousada numa mesa de canto. Contém diários esfarrapados, de aparência delicada, e pequenos artefactos feitos de pedra e prata. Não me parece haver nada de especial nestes objetos, até que vejo…

— Mas que merda é esta? — disparo.

Ao meu lado, Greer prende a respiração.

Felicity e os outros andam até à caixa para examinar o que encontrei: um par de faixas prateadas amolgadas e acorrentadas por cima de um suporte de veludo. A placa informativa por baixo do objeto diz: GRILHETA DE MERLIM JACKSON. SALEM, MASSACHUSETTS, 1692.

— Oh — solta Felicity, a sua expressão animada a esvanecer-se. — Isso são, hum, algemas. Que os Merlins podem encantar com éter para restringir indivíduos.

— Queres dizer indivíduos que usam éter fora da Ordem — diz Vaughn com um encolher de ombros desinteressado. — Bruxas e assim. Dos Julgamentos.

— Os Merlins usam algemas? — murmureja Lewis, ao mesmo tempo que eu pergunto:

— Os Julgamentos das Bruxas de *Salem*?

Vaughn revira-nos os olhos.

— Apenas os Merlins *fracos* recorrem a ferramentas e armas materiais. Os poderosos são capazes de criar modelos de éter tão resistentes como o diamante.

— É verdade — acrescenta Felicity, ansiosa por mudar de assunto. — Nunca vi o nosso Mago Real a usar armas de metal. O meu pai diz que os modelos do Selwyn são os mais fortes que alguma vez viu, e ele foi Escudeiro na Universidade nos anos setenta, quando o Merlim *Jenkins* ocupava o posto.

Enquanto os outros a acompanham até à porta, eu deixo-me ficar perto da caixa, abalada com tudo o que ficou por dizer: o motivo pelo qual as grilhetas eram usadas inicialmente, o porquê de ainda estarem em exposição e, o pior de tudo, o que dão a entender sobre os Merlins e as suas missões.

Os Merlins não se limitam a caçar demónios.

Também caçam pessoas.

11

De volta ao salão, apenas os Pajens se encontram presentes — do primeiro ao quarto anos. Estão todos dispersos. Não sei se a competição já começou e se é cada Pajem por si, ou se apenas estão todos nervosos. Nick não me saberia responder. Ele nunca teve de passar por isto e jamais terá de o fazer.

A maioria das pessoas parece-me ser do primeiro e segundo anos. Quase todos têm porte de atletas. Alguns são altos e musculados, como os praticantes de natação. Outros parecem-se mais com lutadores de luta livre, de ombros e ancas largos. Fortes e resistentes. Dois Pajens em particular parecem-se com modelos perigosos *Ralph Lauren*, de peito espetado nos polos azul-escuros e salmão.

Vaughn, o único Pajem descontraidamente encostado a uma parede, apanha-me a olhar para ele. O olhar malicioso no seu belo rosto bronzeado — assim como a piscadela de olho que me atira — dificulta o meu desempenho do papel de cordeirinho, porque tudo o que quero é fechar a cara e mostrar-lhe o dedo do meio. Desvio o olhar.

Reparo numa rapariga com uma compleição semelhante à minha, de cabelo ruivo curto, o corpo a vibrar de tensão. Algumas das outras raparigas recordam-me de Sarah — pequenas, com o hábito das bailarinas de posicionar os dois pés no chão, virados para fora. Aposto que são rápidas e fortes, mesmo sem o parecer.

Se as famílias Vassalas preparam os filhos, como Nick diz, então até um caloiro entraria na escola com algum treino e conhecimento de armas, talvez até experiência na caça de demónios. Eu presenciei dois ataques de demónios, o que me dá uma vantagem sobre quem nunca viu nenhum, mas não posso deixar que ninguém o saiba.

Nick não sabe da minha barreira nem da Bree-de-Depois, mas não pareceu achar que eu pudesse ter problemas em fingir ignorância. Afinal, fui capaz de mentir a Sarah para entrar na Sede.

Imagino o que Alice diria.

Acho que diria que dei um passo maior do que a perna e que se não saísse agora, podia não ser capaz de o fazer quando as coisas piorassem.

As portas duplas abrem-se de forma abrupta e Tor entra na sala. Ostenta um vestido azul com pregas que lhe abraçam as curvas e tem o cabelo solto em cascata, pelos ombros, com ondas amarelas como girassóis.

— Bem-vindos. O meu nome é Victoria Morgan, a Lendária Herdeira da Linhagem de Tristão, classe três.

Interrompe-se para os aplausos, e os Pajens presentes na sala chegam mesmo a bater-lhe palmas. Em vez de fazer o mesmo, reparo na sua pulseira azul. É igual à de Sarah. E se Sarah amadrinhou Whitty, isso significa que é uma Lendária.

— Esta noite começa o processo de iniciação anual para a nossa sagrada Ordem. — O seu olhar alegre detém-se em mim por um breve instante, como se tentasse perceber de onde venho. Os olhos arregalam-se-lhe quando avista o selo de Nick. — Pajens, esta noite ireis fazer o Juramento de Lealdade. Se o Juramento vos achar merecedores, ireis tornar-vos membros oficiais da Divisão do Sul e ser-vos-á garantida a Visão, a capacidade de ver éter. Se não fordes merecedores, ireis ser hipnotizados e banidos. Entretanto, quero silêncio até à cerimónia, sim? Sigam-me.

Em vez de seguir por onde veio, Victoria atravessa a multidão até ao lado oposto da sala.

— Tor? — chama Craig.

— Sim, Pajem McMahon? — responde Tor sem sequer olhar, abrindo a porta da varanda para deixar entrar o ar da noite.

Craig olha para todos nós e depois para Tor.

— Quantas vagas de Escudeiro há este ano?

— Oh! Desculpem. — Victoria gira nos calcanhares, com um brilho de satisfação no rosto. — Como já devem ter percebido, o Nick Davis está de volta. — A multidão emite murmúrios e acenos ávidos. — Graças ao Nick, esta noite e a nossa divisão ficarão para a história por mais do que um motivo. Este ano será recordado como o ano em que ele reclamará o seu título de Herdeiro, o ano em que os Pajens competirão por um recorde de *três* vagas de Escudeiro e… — Para minha surpresa, Victoria aponta diretamente para mim com um sorriso de

satisfação. — O ano em que a nossa divisão recebe a sua turma de Pajens mais diversificada.

Victoria lidera a sua própria onda de aplausos, acompanhada por metade da sala.

Sinto um calor a envolver-me o pescoço e as orelhas. *Diversificada.* Como um prémio que acabou de se oferecer a si mesma. Uma estrela dourada. *Diversificada*.

Seguimos Victoria pela varanda e, em fila indiana, descemos a escada de madeira que conduz ao jardim da Sede. Aqui, a noite húmida e sombria engole-nos por inteiro, com exceção da luz emitida por umas tochas altas que rodeiam a relva. Victoria manda-nos formar uma fila e esperar, e depois desaparece por uma via na fachada lateral do edifício.

Sinto-me grata pela iluminação parca, porque as palavras de Victoria ainda me queimam o estômago e não sou capaz de controlar a expressão facial.

A turma mais diversificada de Pajens? *De sempre? E como se esse tivesse sido o motivo pelo qual o Nick me escolheu?*

Norris. McKinnon. Tor. Três comentários, três suposições, três pessoas que me singularizaram pela minha aparência e por aquilo que decidiram que represento. Em quarenta e oito horas.

Fecho os olhos para conter o fluxo de emoções — ira, quente e flamejante, que me queima as bochechas. Repulsa pela expressão autocongratulatória que lhe vi no rosto. Depois, a fadiga profunda a que o meu pai chama «morte por mil cortes».

Quantos cortes vou ter de aguentar? Quem me dera que Alice aqui estivesse.

Greer dá-me uma leve cotovelada e eu abro os olhos.

— Foi ridículo, aquilo que ela disse.

Pestanejo, sobressaltada por, desta vez, o ouvir da boca de alguém.

— Obrigada.

Alguém na dianteira da fila nos manda calar. Greer aproxima-se.

— As pessoas também dizem muita merda sobre mim. Mas os meus pais são grandes doadores. Sou descendente de seis gerações de serviço Vassalar e de três gerações de Pajens, e a minha pele é branca, por isso as pessoas são estratégicas em relação a quando e a onde o fazem. Algumas pessoas não têm o mínimo interesse em melhorar ou aprender, e isso é nítido.

— Sim — respiro fundo, nervosa. — Sim.

— Lembra-te de que não tens de ser a melhor. Para nos qualificarmos para a Seleção, apenas precisamos de chegar ao fim do torneio sem perder ou desistir. Ainda bem que este ano abriram três vagas em vez de duas. Aumentam as hipóteses, 'tás a ver?

— Eu não diria isso — intervém Whitty, à minha direita. — Quanto mais prestigiosa a Linhagem, mais pessoas irão cobiçar o título.

Greer assente, a sua expressão é solene.

Vão ser uns longos meses.

A pressão do ar altera-se e faz disparar um pequeno *pop!* nos meus ouvidos. No instante a seguir, as árvores escuras diante de nós transformam-se em borrões emaranhados num nó preto e verde, desdobrando-se com um estalo num cenário idêntico que desta vez inclui uma linha de oito figuras de túnicas encapuzadas. Enquanto os Pajens atrás de mim soltam exclamações de surpresa, eu cheiro o ar, ansiosa.

Onde está aquele maldito Merlim?

Mas o cheiro da magia de Sel não chega, talvez por ter sido levado pelo vento quente que nos bate na cara. As figuras avançam, coordenadas, um único passo, com as túnicas a arrastar na relva. As sombras afundam-se nas dobras do tecido pesado e os capuzes são tão grandes que é impossível ter qualquer vislumbre dos seus rostos. Tenho a certeza de que são todos Lendários, mas é impossível dizer quem é quem. A meu lado, Greer respira fundo.

Em uníssono, as figuras dizem:

— Um de cada vez.

E tudo se torna escuro.

Completamente, infinitamente escuro. Ainda antes de o aroma a canela me atingir as narinas, sei que a hipnose de Sel nos interrompeu a visão.

Sinto o coração a martelar contra as costelas. Alguém geme, e o som ecoa contra as árvores.

— Silêncio! — dispara Vaughn.

Um movimento à minha frente. O suave murmúrio de dois pés a caminhar sobre a relva seca. Mais próximo. A respiração entrecortada de Greer. Uma

exclamação sufocada à minha esquerda. Uma pausa. Passos mais altos, misturados, o som a afastar-se. Dois pares de pés, talvez. Para onde nos levam?

Um de cada vez.

Outra vez o mesmo ciclo, agora à minha direita. Ouço Whitty resmungar antes de ele e a sua escolta seguirem adiante. Greer vai atrás dele. E depois outro. Serão os padrinhos Lendários a levar os seus Pajens?

Passos comedidos aproximam-se de mim. Espero que seja Nick. Estão mais perto. O coração salta-me para a garganta. Não quero que me toquem no escuro. A minha respiração faz vibrar as orelhas. Uma mão envolve-me o cotovelo, agarrando-me com um leve aperto. Aquele aviso subtil é tudo o que recebo antes de alguém me empurrar.

Alguém me guia pelos ombros. Galhos quebram-se sob pés que avançam talvez uns seis metros. O terreno muda da relva para a terra batida. Um trilho. O meu nariz formiga com o cheiro a seiva e agulhas de pinheiro. Os sons da natureza tornam-se mais intensos. Uma coruja pia acima de nós. Os grilos cantam um refrão agudo. Estamos na floresta.

Dois pares de passos, não muito adiante, ritmados e alternados. Outro guia, outro Pajem. Caminhamos em linha reta durante alguns minutos, depois viramos. Voltamos a virar. Perco a noção do tempo alguns instantes depois. Talvez seja o efeito do éter, mas o cheiro da hipnose de Sel e o caminho desorientador deixam-me tonta. Caminhamos durante mais dez minutos. Ou vinte. Acho que, a determinada altura, passámos duas vezes pelo mesmo sítio, mas não tenho a certeza. São centenas de hectares de floresta atrás da Sede. Podemos estar num ponto qualquer.

De repente, a pessoa que me guia para. Faz-me pressão no ombro até que me ponho de cócoras; depois, dedos quentes conduzem a minha mão a uma superfície de pedra fria e polida que acaba uns centímetros mais à frente. Um degrau. Escadas. Voltam a pôr-me de pé, e alguém para à minha frente, segurando-me ambas as mãos. Descemos a escada, um passo cuidadoso de cada vez. Quando chegamos lá abaixo, há um rio de suor a escorrer-me pelas costas. Estamos outra vez a andar sobre terra batida quando a mão que está no meu ombro direito desce até ao meu pulso, percorrendo-me os nós dos dedos.

— Sou eu.

Solto o ar que estava a prender. Nick vira-me a mão e aperta-me os dedos, e depois aproxima-se. Consigo sentir o calor do seu peito contra os meus ombros e, quando ele se inclina, o capuz com cheiro a mofo toca-me no ouvido.

— Aperta uma vez para sim, duas para não. Consegues ver? — Aperto duas vezes. — Continua assim.

Por outras palavras, *Sucumbe à hipnose do Sel. Não resistas.*

— Presta atenção. Os Juramentos são laços vivos selados pela palavra. As suas palavras puxam éter do ar, fazendo o compromisso tornar-se parte de ti. O Juramento de Lealdade saberá se e quando tencionares quebrá-lo, mas funciona como a hipnose, o que significa que… — interrompe-se, as suas palavras perdidas na noite.

— Nick? — sussurro.

Ele solta-me a mão. Sinto-o a avançar na minha direção. Acima de nós, enormes pinheiros rangem ao sabor do vento. Os pés de Nick movem-se no chão, como se estivesse às voltas no escuro, à procura de algo. O meu coração começa a acelerar. Passo a língua pela mordidela que dei no lábio, ainda em processo de cicatrização.

— O que…

— Chiu.

Sinto um laivo de indignação, que depois se desvanece quando oiço o som da sua espada a expandir-se. Imagino o seu rosto: sobrancelhas franzidas, olhos e ouvidos atentos, arma desembainhada. Um restolhar. O quebrar de um único galho, acima e à direita.

O mais ténue indício de movimento — e uma mão atinge-me o peito com tanta força que o ar me escapa dos pulmões.

Caio de costas no chão e a dor dispara-me pela espinha.

Um rosnado grave vindo de cima — o embate ríspido de metal contra metal.

O som agudo de armas que se debatem entre si.

— O que estás a *fazer*? — grita Nick, a voz tensa.

— Trazes uma Cria das Sombras para o *nosso* território, para a *nossa* cerimónia sagrada, e ainda perguntas o que *eu* estou a fazer?

Sel!

A adrenalina percorre-me as veias, a par da voz de Nick, e a Terceira Regra: *Nunca fiques sozinha com o Selwyn Kane. Ele não pode descobrir o tu que és capaz de fazer.*

Salto para trás num frenético passo de caranguejo, as mãos a raspar terra e cascalho.

Uma mão fervente agarra-me o calcanhar.

Um baque, um grunhido. Os dedos largam-me.

Dedos impossivelmente fortes afundam-se nos meus bíceps. Dor como o corte de adagas. Grito.

O golpe duro de carne a atingir carne. Um soco?

Os dedos de Sel libertam-me.

Alguém respira com dificuldade acima de mim. Nick, entre nós. O meu coração martela, em pânico. Conseguirei confiar nele, agora que sei o que Sel é capaz de fazer?

— Ela não é uma Cria das Sombras!

— Três noites seguidas a interferir com a Ordem não é coincidência. Eu próprio a hipnotizei duas vezes e, ainda assim, aqui está ela. Uma uchel…

— Meu Deus, Sel — rosna Nick. — Uma uchel?

O que é isso? Outro demónio? Dizem a nova palavra com um som de «i» curto no início e depois um «que».

— Eu decidi trazer a Bree até aqui. Ela é a minha Pajem. *Minha*. Juraste servir…

— E cumprirei o meu Juramento.

A intensidade do vento aumenta no instante em que o feitiço de Sel me chega ao nariz. Há um som constante, ritmado, como o de um pequeno ciclone a ganhar vida.

— Sel… — adverte Nick.

— Essa coisa enfeitiçou-te — rosna Sel.

Arcos de eletricidade percorrem-me o nariz e as bochechas. O vento intensifica-se e algo crepita. Ozono adentra o ar.

— Não faças isso…

— SELWYN!

A voz de um homem retumba pela floresta e o ciclone desaparece nesse mesmo instante.

Passos aproximam-se por trás de mim. Os passos são quase murmúrios, comedidos, mas o sotaque marcado e arrastado do homem mal contém a sua fúria.

— Não estavas a invocar éter contra o meu filho, pois não, Mago Real?

Mais uma pausa. Mesmo no escuro da hipnose de Sel, a tensão no ar arrepia-me os pelos dos braços.

— Não, meu lorde.

Meu lorde?

O Dr. Martin Davis — o pai de Nick — aproxima-se, e o cheiro da sua água-de-colónia envolve-me como uma capa rica e pesada.

— Ainda bem. Porque se estivesses, presumo que, neste momento, aquele teu Juramento estaria a queimar-te um buraco na garganta.

Foi tanto uma observação como um aviso. Sel também o percebe; no silêncio que se segue, oiço o ranger dos seus dentes.

— Sim, meu senhor.

— Nicholas.

A forma ofegante com que o Dr. Davis profere o nome de Nick faz-me questionar a frequência com que vê o filho.

— Pai.

— «E haverá quem o considere mais do que um homem, e sonhe que caiu do céu.»

— Tennyson — diz Nick, num tom firme.

— Correto.

A estranheza nas suas vozes faz-me questionar o que terá acontecido àquela família. O que os quebrou?

Ao meu lado, o homem endireita a postura.

— Misericórdia! E quem é esta adorável rapariga? — Ainda estou semicongelada no chão, com a adrenalina a percorrer-me o corpo. Dedos leves pousam-me no ombro. — Posso ajudar-te a levantar?

Assinto e ele segura-me o cotovelo por baixo, puxando-me gentilmente para cima.

Outro par de mãos em torno do meu outro braço. O Dr. Davis permite que o filho me puxe para perto dele.

— Esta é Briana Matthews, a minha Pajem.

Davis arqueja.

— A *tua* Pajem? — A esperança inunda-lhe a voz como uma corrente calma. — Quer dizer que… vais…

— Foi uma decisão de última hora.

Oiço um clique e o som da espada de Nick a retrair-se.

— Ah. — Fico com a impressão de que o pai de Nick está a pensar no que dizer a seguir, como se a frase errada pudesse levar o filho a fugir pela floresta. Finalmente, diz: — Tenho a certeza de que sabes quanto isso significa para mim. E para a Ordem.

— Sei, sim.

A resignação na voz de Nick apanha-me desprevenida, e o meu estômago revira-se. Fui eu que o empurrei até aqui. Serei eu o motivo da consternação na sua voz?

Orgulho e fascínio entrelaçam-se na voz do homem mais velho.

— O meu filho a reclamar o título e a trazer uma Pajem, tudo numa só noite. Deveras… inesperado. — As palavras seguintes são-me dirigidas. — Não sei como ou se és tu a responsável pela mudança no coração do meu filho, mas, se fores, considera-me eternamente grato. Tenho uma dívida para contigo, Briana. Sê bem-vinda.

Uma pausa. *Devo responder*?

Murmuro um débil «obrigada».

Davis pigarreia.

— Agora, gostaria de uma justificação para a vossa luta.

Nick não hesita.

— O Sel achou que tinha sentido uma Cria das Sombras aqui na floresta, mas estava enganado. O nosso Merlim continua vigilante, como sempre.

Sustenho a respiração, à espera da explosão de Sel e de uma possível correção, mas não é o que acontece.

Davis fica chocado.

— Aqui? As Crias das Sombras nunca ousaram abrir um Portal no nosso território, menos ainda havendo tantos Lendários debaixo do mesmo teto. Selwyn, isto é verdade?

Silêncio. Pergunto-me qual o motivo que leva Sel a não responder. Até há muito pouco tempo, parecia imensamente seguro, todo ele cheio de uma raiva determinada.

— Nós dependemos dos teus sentidos, meu filho. — Davis solta um murmúrio pensativo. — Estarão as tuas competências a tornar-se imprevisíveis, Mago Real?

Uma pausa. A resposta concisa de Sel surge por entre dentes cerrados.

— É um risco, Lorde Davis.

— Pareces infeliz, rapaz. Como diz o Evangelho de Lucas, celebremos e regozijemo-nos com o regresso de Nicholas, porque «ele estava perdido e foi encontrado».

Segue-se uma outra pausa, que Sel podia ter usado para rebater a explicação de Nick, mas não o faz.

— Bree, tenho de me desculpar pelo meu filho e pelo Selwyn. São como água e azeite, estes dois, desde pequenos.

Assinto. Satisfeito, Davis segue pelo trilho.

— Vamos para a Capela. Não quero deixar os outros à espera. Muito menos numa noite como esta.

Nick conduz-me até à frente. Não oiço Sel dizer ou fazer mais nada. Na verdade, os únicos passos que oiço são os de Nick e os do pai.

12

Quando o efeito da hipnose de Sel se quebra, a minha visão regressa toda de uma vez. Luzes apagadas, luzes acesas. É tão desorientador que Greer cai para a frente, as mãos apoiadas no chão. Nós os cinco — Pajens do primeiro ano — estamos de joelhos, a pestanejar até que o mundo volte a fazer sentido, integrando visão e audição: o som do fluxo de água sobre pedras nas proximidades — um riacho, talvez —, nas profundezas da floresta à nossa direita. A Lua em quarto minguante a iluminar-nos de cima, a cor das folhas a mudar de verde para prata. Estamos ajoelhados diante de um pequeno altar curvo que se projeta acima da própria laje, os nossos rostos iluminados pela luz bruxuleante das velas.

Há oito Lendários à nossa frente, posicionados ao redor do arco mais distante do círculo de pedra, os capuzes para baixo. Ao seu lado, cinco novas figuras de túnicas cinzentas — os Pajens veteranos, calculo. No meio está um homem de túnica carmesim-escura com bordas douradas, o capuz para trás o suficiente para permitir um vislumbre do seu rosto. O Dr. — aliás, o *Lorde* — Martin Davis. Parece-se quase exatamente igual ao do retrato.

Davis dá um passo para a frente, os braços escondidos nas longas mangas. Quando fala, a sua voz é firme e sonora.

— Sou o Lorde Martin Davis e sou o Vice-Rei da Divisão do Sul e dos seus territórios. Cada um de vós foi convidado por um membro Lendário que vos considerou dignos da iniciação como Pajens. Vós, os cinco, estais ajoelhados perante nós porque detendes a fagulha do potencial eterno.

A «Capela» é uma laje de pedra cor de ardósia, circular, no meio de uma clareira salpicada de pedaços brilhantes de prata. A laje aparenta ser velha, desgastada e pesada, como uma moeda há muito abandonada por um gigante. Os pinheiros estendem-se num anel espesso à volta da clareira, encurralando-nos de todos os lados, sem nenhum caminho marcado para dentro ou para fora. Não

faço ideia de onde estamos ou em que direção fica a Sede. Estamos isolados aqui, numa superfície redonda sem fim, e dependemos deles para sair.

Todos os meus instintos me gritam que fuja. Apenas alguns quilómetros e podia estar de volta ao mundo real, onde não há altares ritualísticos, túnicas e Juramentos mágicos. Mas não existe mundo real, pois não? É a superfície que a Ordem se esforça por manter enquanto opera por debaixo, nas suas extremidades e sombras. Não posso fugir. Ficar aqui e desempenhar este papel é a única maneira que tenho de descobrir a verdade.

— Esta noite, na nossa Capela, ireis ajuramentar-vos à nossa Ordem e à sua missão através do Juramento de Lealdade. O nosso trabalho é invisível e desvalorizado pelas próprias vidas que protegemos, e por isso não há compromisso mais sagrado. Mas, primeiro, uma apresentação.

Apenas por estarmos a olhar de baixo para Lorde Davis é que noto o movimento perto do seu ombro. Nove metros acima e entre as árvores, a escuridão ganha forma. Sem um único estalar de galhos, uma figura de túnica escura antes escondida desce num longo e suave arco. Selwyn pousa, agachado, e os outros Pajens deslocam-se para trás, alarmados. Ao meu lado, Whitty faz um barulho de surpresa quase inaudível.

Nick disse que os outros novos Pajens souberam da existência da Ordem na maior parte das suas vidas, mas apenas de forma abstrata. Apenas pelas histórias. Foram treinados para batalhas que ainda não encontraram, ouviram falar do éter que nunca viram, mas conhecimento não é o mesmo que experiência. Não os censuro pelo susto. Aquele salto podia ter partido as pernas de uma pessoa normal, e nenhum de nós detetou a sua presença. Também me assustaria se esta fosse a primeira vez que via Selwyn Kane.

O Merlim ergue-se num único movimento, silencioso como uma pantera, os olhos igualmente brilhantes. As luzes das velas fazem os fios prateados nas extremidades da sua túnica transformarem-se em algo vivo: uma linha fina branca emoldura-lhe o rosto, um chicote de eletricidade à volta dos punhos. Sob o capuz, o cabelo de Selwyn é tão negro que mal o consigo discernir do tecido. Pertence à noite, como um predador. E, como um predador, observa-nos de alto a baixo. Quando os seus olhos brilhantes e dourados se fixam em mim, recordo uma frase da minha infância: *São para te ver melhor, minha querida*.

Agora que sei o que os Merlins realmente são, tudo o que consigo ver é a arrogância de Sel e, através dele, a arrogância do Merlim que lhe sobrevém. Vejo o homem que me roubou as memórias. O soldado que me pode ter roubado a mãe.

Eu devia seguir as regras de Nick. Devia ter *medo*. Em vez disso, do lugar onde estou ajoelhada, levanto o queixo. Deixo o brilho da provocação inundar-me o olhar. Corro o risco de me denunciar com estes pequenos gestos, como se fossem um pequeno rasto de sangue, mas não quero saber.

Mas Sel quer. O maxilar contrai-se-lhe e o éter reluz-lhe na ponta dos dedos — mas quando Lorde Davis franze as sobrancelhas na sua direção, Sel absorve as chamas fechando os punhos em seu redor. A boca estremece quando avista o meu sorriso de satisfação.

— A Capela do Sul tem a sorte de poder chamar a Selwyn Kane nosso Mago Real. Os Merlins são apenas alguns dos muitos segredos somente destinados aos membros ajuramentados da Ordem.

Seguindo a deixa, Sel afasta-se até à extremidade oposta do altar.

A voz em *legato* de Davis flui por nós como a de um pastor que lidera a sua congregação.

— Esta noite, ecoarão os votos ancestrais jurados por guerreiros medievais. Naquele tempo, os homens comprometeram-se com grandes poderes e grandes missões, deixando para trás as preocupações insignificantes dos desejos terrenos. Tal como eles, a nossa Ordem segue a política do corpo. Os nossos amigos Vassalos e os seus feudos contemporâneos são os membros inferiores da Ordem. Sem eles, não teríamos conseguido sobreviver a quinze séculos desta guerra, não teríamos avançado da Idade Média para a modernidade. Os Pajens são a mão esquerda: uma vez ajuramentados, receberão a Visão para empunharem os escudos enquanto lutamos nas sombras. Os Merlins são a mão direita, a espada e os punhos da Ordem. Os nossos guardiões e as nossas armas contra a escuridão. Os Herdeiros Lendários e os Escudeiros são o coração. O texto sagrado das suas Linhagens tem sustentado a nossa missão desde o início. Os Regentes são a coluna vertebral, guiam os nossos olhos e as nossas energias para os assuntos urgentes.

Davis faz uma pausa, deixando que a metáfora se firme na nossa mente.

— E, quando Despertar, o nosso rei será a cabeça e a própria coroa, conduzindo-nos para a vitória por direito divino.

Um murmúrio cresce na noite. *Shh-shh-shh-shh*. O som vem de outros Pajens e dos Lendários que se encontram atrás de Davis. Ergueram as mãos à altura do peito, todos, e estão a esfregar os polegares sobre os dedos em movimentos circulares ritmados e regulares. Aprovação.

Quando Davis levanta uma das mãos, o som para.

— Sintam-se orgulhosos pelo vosso convite, mas saibam que ainda há muito por acontecer. Esta noite, vários de vós usais as cores e os selos da Linhagem que a vossa família serve, e, como Pajens, sempre a usareis. Mas, durante a Seleção, aqueles que receberem o título de Escudeiros passarão a envergar as cores e os símbolos do seu Herdeiro. E a essa Linhagem servirão por escolha. — Uma pausa. — Não possuís títulos, mas possuís nomes. Precisamos de saber quem sois e conhecer o sangue que nos ireis oferecer.

— Revelai o vosso nome e família. — A voz de Sel apanha-me de surpresa.

É a primeira vez, em mais de uma hora, que nos pedem para falar. Vaughn não hesita.

— Vaughn Ledford Schaefer IV, filho de Vaughn Ledford Schaefer III, Vassalo da Linhagem de Bors.

Lewis fala a seguir:

— Lewis Wallace Dunbar, filho de Richard Calvin Dunbar, Vassalo da Linhagem de Owain.

Greer prossegue:

— Greer Leighton Taylor, filhe de Holton Fletcher Taylor, Vassale da Linhagem de Lamorak.

A minha mente rodopia enquanto Whitty se apresenta ao meu lado. Que devo eu dizer? O nome da minha mãe? Não, o nome do meu pai!

Quando chega a minha vez, abro a boca, mas não sai nada.

O som ríspido de sibilos atravessa a noite, atingindo-me, fazendo o meu coração disparar. Desaprovação. Sinto as orelhas a arder. A pressão começa na parte de trás dos meus olhos… Não! A barreira está a levantar-se! Agora não é altura para a fúria da Bree-de-Depois.

Davis leva uma mão ao ar e o barulho cessa.

— O teu nome — repete Sel, a voz grave.

Desta vez, digo:

— Briana Irene Matthews, filha de Edwin Simmons Matthews.

A Capela fica em silêncio, à espera das palavras finais que sabem que não posso reivindicar. Não tenho Vassalagem. Não tenho Linhagem. Alguém sibila na fila dos Lendários. Vaughn abafa o riso.

A voz de Davis corta a quietude, severa e em tom de aviso:

— Não sejas vítima do orgulho. A afiliação na Ordem não é equivalente a lealdade ajuramentada. Foi Tennyson quem o disse: «A *palavra* de um homem é Deus no homem.» Esta noite, quebrareis todas as promessas, exceto esta, e servireis a Ordem não como indivíduos, mas como um só.

Sinto que o meu peito se descomprime. Murmuro um «obrigada» silencioso ao pai de Nick, cujo olhar imperioso é capaz de acobardar o próprio Vaughn.

— Quem traz Vaughn Schaefer para fazer o Juramento de Lealdade?

Um Lendário dá um passo em frente, puxando o capuz para trás.

— Eu.

É o rapaz do átrio, Fitz. Ajoelha-se perante Vaughn e estende um antebraço sobre a pedra, com a palma da mão virada para cima e o outro antebraço ao lado, com a palma para baixo. Sel ajoelha-se na extremidade do altar e pousa os longos dedos na superfície salpicada de prata. Uma oscilação de fogo mágico ondula da ponta dos seus dedos até ao altar, de Vaughn até mim.

— Esta noite, ajuramentas-te para connosco e, através do teu padrinho Lendário, a Ordem ajuramenta-se para contigo.

Davis assente na direção de Vaughn.

Com a mão esquerda, Vaughn segura o braço de Fitz, que está virado para cima, e ergue a própria mão direita. Quando fala, sinto uma comichão irritante a rastejar-me pela pele. Consigo *sentir* o éter embebido naquelas palavras, mesmo que não seja eu a pronunciá-las.

— Eu, Vaughn Ledford Schaefer IV, ofereço os meus serviços à Ordem em nome do nosso rei. Juro ser o escudo da Divisão do Sul, os olhos e os ouvidos do seu território. Juro prestar auxílio nas suas batalhas e armar os seus guerreiros. Juro guardar os seus segredos e preservar tudo o que vejo e oiço daqui em diante.

Fitz pigarreia.

— A pena pela quebra deste voto é a hipnose total, a excomunhão e o exílio para as sombras do desconhecido, para nunca mais voltar à luz. Ainda assim te comprometes?

— Sim.

No altar, Sel assente, dando a Fitz uma espécie de incentivo.

— Eu, Fitzsimmons Solomon Baldwin, Herdeiro da Linhagem de Bors, aceito o teu Juramento em nome da nossa Ordem ancestral e dou-te as boas-vindas ao serviço. Presenteamos-te com a Visão para que sejas capaz de ver o mundo iluminado enquanto o teu coração se mantiver verdadeiro.

Um brilho forte de fogo mágico azul-prata sobe pela mão que Fitz pousou no altar. O seu corpo fica tenso, e depois as chamas descem pelo outro braço e chegam ao seu Pajem. A chama envolve os punhos de Vaughn, curvando-se pelos seus ombros. Agora, com a Visão, Vaughn observa o Juramento desaparecer na sua pele.

Lewis é a seguir, com Felicity. Depois Greer, com Russ. A cada Juramento, o meu peito é invadido por uma nova réstia de dúvida, porque sei que não tenho intenção alguma de cumprir esta promessa. Nick disse que os Juramentos são como as hipnoses, mas a que nível? Eu nunca resisti à hipnose de Sel em tempo real, apenas depois de acontecer. Quando Whitty começa o Juramento, o meu coração está a mil. Não consigo evitar olhar de relance para Sel, no altar. Ele fita-me com firmeza, como se pudesse ouvir o meu medo.

Davis interrompe-me os pensamentos.

— Quem traz Briana Matthews para fazer o Juramento de Lealdade?

— Eu.

Uma figura alta põe os pés fora do círculo. Nick puxa o capuz para trás enquanto caminha até ao altar, de olhar solene. Para à minha frente e eu tomo o seu antebraço mal ele se baixa, desesperada por algo familiar, algo em que possa confiar no meio disto tudo. Os olhos dele dão com os meus, o toque dos seus dedos no meu cotovelo dá-me conforto.

Respiro, trémula, levanto a mão direita e começo:

— Eu, Briana Irene Matthews, ofereço os meus serviços à Ordem em nome do nosso rei.

Faço uma pausa, a recuperar o fôlego. Sinto que as palavras me escorregam pelo corpo, que se retorcem nas minhas costelas. O olhar de Nick incita-me a prosseguir.

— Juro ser o escudo da Divisão do Sul, os olhos e os ouvidos do seu território. Juro prestar auxílio nas suas batalhas e armar os seus guerreiros. Juro guardar os seus segredos e preservar tudo o que vejo e oiço daqui em diante.

A voz de Nick ecoa pela Capela, mais alta e clara do que a dos que o precederam.

— A pena pela quebra deste voto é a hipnose total, a excomunhão e o exílio para as sombras do desconhecido, para nunca mais voltar à luz. Ainda assim te comprometes?

A maré fresca do Juramento assentou entre os meus dedos. Flui-me pelas costas como uma cascata até me cobrir por inteiro. Contorço-me, mudo o peso do joelho direito para o esquerdo. Alguém sibila, e Davis levanta a mão para o silenciar.

— Sim.

Isto não vai funcionar. O Juramento saberá que estou a mentir. Todos o vão saber…

De repente, a dor alastra pelo meu braço. É Nick que afunda os dedos na minha pele, quanto baste para deixar marcas. Olho para ele, que abana a cabeça de forma impercetível, pedindo-me que me foque na pressão contundente das suas unhas. Persigo a sensação como a um coelho na floresta — e a promessa ancestral afrouxa o seu domínio do meu corpo.

Os instintos rápidos de Nick salvaram-me. Talvez nos tenham salvado a ambos.

Do outro lado do altar, uma veia pulsa no pescoço de Nick. Precisa de duas tentativas para começar a falar.

— Eu, Nicholas Martin Davis… — Respira fundo, como se estivesse à procura de forças num poço profundo. — Eu…

Quando o seu olhar volta a pousar em mim, a expressão nos seus olhos inunda-me o estômago com uma sensação de terror. Há dor, ira. E, depois, resignação.

Quando a voz de Nick ressoa pela Capela, os Lendários sustêm a respiração.

— Eu, Nicholas Martin Davis, Herdeiro e descendente do Rei Artur Pendragon da Bretanha, filho de Uther Pendragon, portador de Caledfwlch, a espada

Excalibur, e classe um da Távola Redonda na guerra santa contra as Crias das Sombras, aceito o teu juramento em nome da nossa Ordem ancestral.

Nick observa o choque que me assoma com um olhar triste e cansado.

Mal sinto o éter que Sel envia, pulsando através da mão de Nick e para dentro da minha. Os nossos olhares ainda estão presos um no outro, mas tudo o resto mudou.

Rei Artur Pendragon da Bretanha.

Herdeiro e *descendente*.

— Dou-te as boas-vindas ao serviço. Presenteio-te com a Visão, para que possas ver o mundo iluminado enquanto o teu coração se mantiver verdadeiro.

Porque é que não me disseste? A pergunta reflete-se no meu olhar. Nick estremece.

As palavras pairam-me na língua enquanto as chamas rodopiam pelos meus braços acima como cobras azul-prata. As chamas mágicas passam por mim sem se entranharem na minha pele.

Disseste que não mentias.

Nick visualiza a acusação no meu rosto. Retrai a mão. Levanta-se, virando-se de forma que as sombras lhe ocultem a expressão.

Davis bate palmas, captando a nossa atenção.

— Ergam-se, irmandade, como Pajens Ajuramentados da Ordem da Távola Redonda e servos da Távola Redonda!

O tom sóbrio da noite rompe-se por fim, e voltamos a ser adolescentes e estudantes. Palmas e aclamações dos Pajens atrás de nós e assobios dos Lendários à nossa frente. Ponho-me de pé, amparada nas pernas dormentes, o estômago revirado num nó.

Ninguém repara que o Juramento de Lealdade não me atingiu nem me concedeu a Visão. Ninguém repara em mim de todo.

Sel ainda está ajoelhado no canto do altar, a cabeça baixa sobre a pedra, as mãos pressionadas contra a superfície. Por um momento, julgo que se magoou ou sobrecarregou com o Juramento, mas, no mesmo instante, as dúvidas desaparecem.

Sel não parece dorido — parece inebriado: os olhos semicerrados, sem foco, o rosto corado, a boca aberta e ofegante. Passa a língua pelo lábio inferior — e

olha para cima, reparando no meu olhar. O meu corpo enrijece, e viro-me noutra direção.

Whitty dá-me uma palmadinha de celebração nas costas e eu dirijo-lhe um sorriso, porque não sei que mais fazer.

Sel a chamar Nick filho pródigo. Felicity a fitá-lo sem palavras como se ele fosse a encarnação da segunda vinda de Cristo. O choque no rosto de Sarah quando eu disse o nome dele. Tenho estado tão concentrada em encontrar uma maneira de desvendar os segredos da Ordem que nem parei para pensar realmente no que todas estas reações a Nick significavam. Pensei no que Nick representa para mim, mas não no que representa para todos os outros.

Levanto a cabeça e dou com Nick a olhar para mim com uma expressão resguardada, como se estivesse à espera de que eu descobrisse a verdade por mim mesma.

Suponho que já o tenha feito…

Ele é descendente do Rei Artur.

Davis pede-nos ordem.

— Vamos encerrar com o Juramento solene da nossa eterna Ordem.

Os novos Pajens olham uns para os outros. Não conhecemos o Juramento, mas, ao que parece, esperam que o aprendamos agora.

A divisão canta em uníssono e, apesar de não ser capaz de lhe distinguir a voz no coro, Nick junta-se a eles.

— *Quando as sombras se erguerem, a luz ascenderá. Quando o sangue for derramado, ao Chamamento do sangue responderei. Pela Távola do Rei, pelo poder da Ordem, pelos nossos Juramentos eternos, a Linhagem é Lei.*

Davis levanta as mãos para as estrelas, em sinal de bênção.

— Pela mão sagrada dos céus, a Linhagem é…

Um grito de gelar o sangue atravessa a noite e toda a gente estaca. O grito ecoa nas árvores, rebate nas pedras sob os nossos pés. Viro-me, em busca da sua fonte, e o som regressa, um urro de pânico que me arrepia os pelos da nuca.

Na dianteira do grupo, Felicity está de joelhos com ambas as mãos nas têmporas. A multidão aparta-se no momento em que Russ se precipita na sua direção.

— Flick? Flick, responde! — Ela volta a gritar, o som estrangulado por um soluço. — Felicity?

— Mas que raio? — atira Whitty, ofegante. — O que se passa com ela?

— Mago Real! — chama Davis por cima do ombro. — Ela precisa de cuidados.

— Felicity! — volta a gritar Russ.

— Escudeiro Copeland. — Sel aparece ao seu lado. Russ vira-se, o rosto contorcido numa mistura de medo e preocupação. — Chegou a hora dela. Afasta-te.

Russ abana a cabeça.

— Não, não, não pode ser…

— Escudeiro Copeland — insiste Davis.

Russ lança-lhes olhares desesperados, permitindo, então, que Sel o afaste da rapariga agonizante caída no chão.

Craig McMahon aproxima-se de mim.

— Não é possível. É demasiado cedo.

— O que é que não é possível? — questiono.

No centro do grupo, Felicity solta um longo e alto gemido. A sua cabeça descai para trás, de olhos vazios, e uma voz — grave, masculina, que não lhe pertence — emerge da sua garganta.

— *Ainda que eu caia, não perecerei, mas chamarei o sangue para que viva.*

Felicity colapsa para a frente com o corpo estendido.

Russ pega em Felicity e levanta-se com ela inerte nos braços.

— Vou levá-la de volta para a Sede. Ela precisa de descansar.

Sel detém-no.

— Sou mais rápido e mais forte. Deixa-me levá-la.

Russ hesita por um momento, o maxilar cerrado. Então, assente uma única vez e entrega gentilmente a Sel o corpo desfalecido de Felicity, que a levanta com facilidade. Sem mais uma palavra, Sel precipita-se pelas árvores e desaparece.

Assim que perdemos Sel de vista, a multidão entra em rebuliço — ou, pelo menos, os Pajens. Os Lendários ostentam expressões graves e trocam olhares preocupados. Uma veterana meneia a cabeça e murmura:

— Ela é de classe quatro. Isto não está certo.

Uma frase destaca-se acima do falatório.

— É demasiado cedo.

Davis pede calma, mas é a voz do seu filho que aquieta a Capela.

— Porque é que ela foi Chamada?

A multidão aparta-se em torno de Nick.

Davis pestaneja, surpreendido.

— Tu sabes tão bem quanto eu, Nicholas, que não controlamos o Despertar dos nossos cavaleiros. Não passamos de meros instrumentos. Eles Chamam-nos quando há necessidade.

— Quando há necessidade e uma *ordem direta* — acrescenta Nick. — Os cavaleiros da classe um a cinco não Chamam os seus Herdeiros há décadas. A Felicity é de classe quatro, o que significa que o de classe cinco deve estar Desperto. Quando foi o Herdeiro de Kay Chamado?

Os outros murmuram. Cabeças assentem.

Se Alice estivesse aqui, diria que é demasiado tarde. Agora que sei que os Herdeiros descendem da Távola Redonda e são — violentamente — Chamados ao poder pelo espírito dos seus cavaleiros…

O que fui eu fazer?

Um tom de autoridade renovada entrelaça-se na voz de Davis.

— Isto não é uma reunião da Divisão. Discutiremos estes assuntos quando regressarmos à Sede.

— Não. — Nick levanta o queixo. — Fá-lo-emos agora. Porque é que Lamorak a Chamou, pai? Porquê agora?

As narinas de Davis dilatam-se, mas, antes que tenha tempo para responder, um rosnado baixo vindo das sombras reage à pergunta de Nick.

Por uma fração de segundo, ninguém se mexe. Paralisados pela descrença, julgo. Uma Cria das Sombras? Aqui?

Outro rosnado, seguido agora de um uivo alto, saído de um pesadelo, um uivo com o qual já estou bastante habituada.

Um cão infernal.

13

Enquanto toda a gente entra em ação, eu congelo, trémula. Achei que fossem raros. Achei, por algum motivo, que não me voltaria a encontrar com mais nenhum. Pelo menos enquanto estivesse na presença dos Lendários. Enquanto andasse apenas à procura de informação. Julguei que isto fosse um ritual. Uma iniciação. Uma praxe, na melhor das hipóteses, não…

Davis dispara ordens numa sucessão rápida e é como se uma bomba explodisse na multidão.

— Escudeiros e Herdeiros Despertos na dianteira! Os restantes, em formação atrás deles. Pajens, de volta à Sede!

A quietude eclode em ação e as pessoas dispersam-se em várias direções ao mesmo tempo. Os soldados precipitam-se para as suas posições de batalha.

Os momentos que se seguem passam em câmara lenta.

Os Lendários despem as túnicas e deslocam-se em duas colunas defensivas com uma precisão militar. Cinco ficam atrás, sacando armas de coldres, bainhas e alças ocultas: adagas, cajados periscópicos e espadas. Sarah e Tor preparam arcos idênticos. Apenas três jovens desarmados vão para a frente: o rapaz de ar simpático que cumprimentou Nick no átrio, Fitz, e um outro, alto, de cabelo ruivo. Semicerro os olhos, a tentar ver a cara do rapaz ruivo, porque há qualquer coisa nele que me é familiar. Quando vira a cabeça, dou conta de que é porque o conheço. É Evan Cooper, o namorado de Charlotte.

A parte primitiva do meu cérebro implora-me que corra para a Sede com os outros o mais depressa possível, mas não consigo desviar o olhar dos três Lendários que enfrentam corajosamente a escuridão, com as mãos vazias caídas ao lado do corpo. No que estarão a pensar? Onde estarão as suas armas?

Com um ruído sibilante, um fogo mágico surge em cada uma das palmas das mãos dos três rapazes. Circula num redemoinho esfumaçado, subindo-lhes pelos braços como cobras iridescentes. Entre um segundo e o outro, o éter solidifica-se

em armas nas suas mãos. Fitz e Evan empunham espadas idênticas e brilhantes. O rapaz de ar simpático segura duas adagas brilhantes com o comprimento dos meus antebraços. Mas o fogo mágico que lhes sobe pelos corpos ainda não está acabado. Fico a olhar, sem fôlego, enquanto lhes flui sobre os ombros e as pernas, solidificando-se em placas reluzentes de prata. O éter rasteja-lhes pelas gargantas e espalha-se pelos seus esternos até se tornar uma cota de malha. Nos braços, o fumo endurece e transforma-se numas luvas assustadoras.

Uma armadura. Uma armadura de éter.

Um outro uivo surge vindo da direção oposta. O meu sangue congela. Há mais do que um cão infernal?

— Dividir a formação! — grita Davis. O rapaz com as adagas corre para o outro lado da Capela e indica a outros três Lendários que o sigam.

— Bree! — Nick invade o meu campo de visão, bloqueando-me a vista para os rapazes escudados. — O que é que ainda estás aqui a fazer? Volta para a Sede! *Agora!* — Precipito-me para longe da clareira, mas os outros Pajens desapareceram na floresta. Devia tê-los seguido. Não faço ideia do caminho a seguir para voltar. Não sei em que direção correr. Nick apercebe-se disso ao mesmo tempo que eu e aponta a espada para trás de mim. — Por ali. Vai. Não pares.

Avanço para a floresta a toda a velocidade, com a adrenalina a percorrer-me as veias. Bato contra arbustos. Roseiras-caninas arranham-me os ombros e os braços. Tropeço.

Ecoam gritos atrás de mim. São os Lendários a enfrentar os cães infernais.

Outro uivo.

Silêncio.

Viro-me. Terão matado os demónios? Terá acabado?

De repente, o fedor a mofo e a água quente e estagnada apodera-se de mim. Agarra-se à parte de trás da minha garganta. O cheiro a madeira podre e a coisas a morrer. Coisas que já não veem luz há muito, muito tempo. Tapo a boca.

Um som surge à esquerda, como um tronco a partir-se.

Quando me volto, duas orbes vermelhas aparecem na escuridão, a meros centímetros do meu rosto. Lanternas incandescentes feitas de sangue. Uma

pestaneja, depois a outra.

Não são lanternas.

São olhos.

Grito e tropeço para trás. Depois, uma voz. O som nauseante de ossos a rachar, profundo e agudo.

— *Vais ajudar-nos.*

O terror condensa-se. Viro-me, mas os olhos aparecem à minha frente. Uma figura corpulenta, com dez metros de altura, atravessa as árvores.

A princípio penso que se trata de um enorme humano, mas os movimentos estão todos errados. As articulações dobram-se nos sítios errados. No feixe de luz vindo de cima, avisto um peito largo e membros grossos cobertos de gosma. Um líquido verde iridescente e brilhante jorra das fissuras da sua pele mosqueada. Um rosto estica-se numa cabeça inchada e bulbosa. Duas longas tiras de carne em putrefação ligam as mandíbulas abertas. A língua chicoteia para trás e para a frente como uma cobra a saborear o ar. O demónio solfeja, satisfeito.

— *Sim. Tu vais ajudar-nos.*

Atiro-me para o lado, mas a criatura também se move. Mais depressa do que sou capaz de acompanhar, para poder observar-me de um novo ângulo, inclina-se para o lado como se estivesse à espera da minha resposta.

Penso depressa, com o coração a martelar-me no peito. Não sou capaz de correr mais do que este demónio, isso é claro. Para que lado iria se conseguisse? Onde quer que eu esteja, estou mais perto dos Lendários do que da Sede. Esta criatura não aparenta querer devorar-me como queria o cão infernal… ainda.

Dou um passo e escorrego em direção à clareira, mantendo os olhos na criatura.

— Ajudar-te? Tens… tens a certeza de que sou a melhor pessoa para isso?

Os lábios retorcem-se-lhe num sorriso ávido, expondo duas filas de dentes pretos que se enrolam para trás como foices.

— *Sim* — replica, movendo-se sem me dar tempo de sequer emitir um som.

A criatura põe-me sobre os seus ombros, como se eu fosse um saco de batatas, e sacode-me o corpo com tal intensidade que sinto a cabeça a andar à roda. Um braço quente e esponjoso envolve a parte de trás dos meus joelhos, mantendo-me

estável. Um grito forma-se-me na garganta, mas engasgo-me com o fedor pútrido que exala do seu corpo.

Há um borrão, depois uma paragem abrupta que me faz bater com o queixo na espinha molhada do demónio. Volto a engasgar-me. Restos de mofo prendem-se à minha cara.

Antes de eu me poder sequer orientar, a criatura puxa-me para baixo e para o lado até eu estar pendurada como uma boneca, com os pés a balançar no ar. Debato-me para me libertar, mas sou puxada com mais força, e, com um movimento brusco, a minha respiração é cortada. Não consigo respirar bem.

Estamos de regresso à Capela, onde os oito Lendários e Lorde Davis encurralaram o segundo cão infernal. Fitz e Nick acabaram de o trespassar com a lança quando a criatura que me segura emite um grito infernal.

— *Pendragon!*

Todos se viram ao mesmo tempo.

O pai de Nick lança ao filho um olhar silenciador e dá um passo em frente. Davis percorre os dedos pelo cabo de uma longa espada numa bainha a seu lado, uma arma que manteve escondida debaixo da túnica.

— Porque vieste, uchel?

— *Qual de vocês é o Pendragon?*

Davis mantém a voz suave, calma. Um simples cavalheiro do Sul a cumprimentar um recém-chegado.

— Sou eu quem procuras. — O seu olhar relanceia na minha direção. — Tens uma das nossas Pajens. Liberta a rapariga e poderemos falar. Só nós os dois.

Os dentes da criatura chocam uns contra os outros, num padrão barulhento, como se estivesse desagradada. *Clac-clac-clac*.

— *Vai ser fácil desmembrá-la, velhaco*.

Unhas afiadas como navalhas traçam um percurso ardente pela minha bochecha, cortando-me a pele. Grito.

— Para! — grita Nick, avançando.

A mão de Davis fecha-se. Deve ser um sinal, porque os outros Lendá-rios reúnem-se à volta de Nick, mantendo-o no lugar. Protegendo-o. A raiva desabrocha-lhe no rosto.

A criatura aponta para Nick com uma das garras.

— *É ele quem procuramos.*

— Procuramos? — indaga Davis, com uma preocupação curiosa a atravessar-lhe a expressão.

— *Entrega-nos o Pendragon, Lendário.*

A mão do demónio fecha-se lentamente à volta do meu peito e uma dor negra ameaça apoderar-se da minha visão. Uma das minhas costelas dobra-se e dobra-se…

— Não me parece.

Davis avança, puxando a sua lâmina enquanto corre, mas não é suficientemente rápido. Segue-se um outro borrão e a criatura agarra, com uma enorme mão, o homem mais velho pela garganta, mantendo-me presa com a outra. A espada de Davis estatela-se na pedra com um estrondo.

— Não! — grita Nick enquanto tenta desenvencilhar-se de Russ e Fitz. O seu cotovelo voa para o nariz de Fitz, com o que deita o rapaz ao chão, mas Evan assume o lugar de Fitz antes de Nick sair do círculo. O sangue de uma lesão escorre pela testa de Evan, mas este mantém-se firme.

A criatura levanta Davis no ar. O pai de Nick luta contra as garras do demónio, ofegante e de olhos arregalados. O seu rosto vai adquirindo um tom cada vez mais avermelhado.

— *Hei de matá-los a ambos à tua frente, Pendragon* — rosna a criatura, e aperta Davis com tanta força que o homem fica roxo. — *E depois hei de matar-te a ti.*

— Falas demasiado.

Nunca pensei ficar feliz por ouvir aquela voz. Sel lança-se às costas da criatura e aperta-lhe o braço à volta do pescoço. O demónio ruge, deita-me ao chão e atira Davis para a floresta. O pai de Nick embate contra uma árvore com um golpe de fazer virar o estômago e cai na superfície da pedra como uma pilha de membros soltos.

Recuo e escapo por pouco de ser esmagada pelo enorme pé da criatura. O demónio agarra as costas e o cabelo de Sel, tenta afastá-lo, mas Sel agarra-se a ele com força e afasta a cara das garras.

Um par de braços fortes pega-me pelas axilas e puxa-me para longe do confronto.

Para minha surpresa, é Sarah, a rapariga-fada.

— Mantém-te afastada — urge, assim que nos distanciamos o suficiente. Depois corre para onde metade do grupo, incluindo Nick, se reuniu ao lado de Davis. O pai de Nick não se está a mexer. *Oh, Deus*.

A criatura e Sel defrontam-se num borrão negro e verde. Mais ninguém se atreve a entrar na luta, e porque o fariam? Mais ninguém o poderia fazer. Quando os dois oponentes avançam um sobre o outro, a força da sua colisão faz a terra tremer. Contorcem-se e rebolam pelo chão, punhos a colidir em baques profundos. Após alguns minutos, a camisa de Sel está rasgada e escurecida pela baba e pelo suor.

O demónio dá um pontapé no peito de Sel e o Merlim sai dali a voar.

Sel cai no chão apoiado nos dois pés e desliza, agachado. Um sorriso feroz atravessa-lhe o rosto. Volta a lançar-se contra a criatura, como uma bala.

A visão faz-me revirar o estômago. O pai de Nick pode estar morto, e Sel está a *divertir-se*…

— Agarra-o bem!

De volta à árvore, o rapaz que tinha as adagas faz pressão no peito de Davis com as mãos. Uma leve película de líquido prateado cobre-lhe os dedos. Enquanto assisto, o líquido espalha-se pela camisa do homem. Um instante depois, Davis acorda, a arfar.

— Calma — ordena o rapaz. — Ainda não acabei…

William, recordo. *O curandeiro.*

William continua a trabalhar em Davis, mas o alívio à sua volta é palpável. O pai do Nick está vivo.

Estão todos tão concentrados em Lorde Davis que só reparam em Nick quando já é demasiado tarde.

Nick junta-se à luta, e tem a espada do pai nas mãos.

Sel dominou a criatura no chão, com uma bota em cima do peito e uma lâmina de éter na garganta.

— Quase mataste o meu pai! — grita Nick, com a fúria a transformar-lhe a voz.

O demónio range os dentes com ardor.

— *O rapaz aproxima-se! Deixa-o vir, cachorrinho! Eu…*

Com o som sibilante da pressão da lâmina de Sel, a criatura é silenciada.

— Eu trato disto, Nicholas. — Sel mantém os olhos no prisioneiro. — Afasta-te. Deixa-me fazer o meu trabalho.

Nick ignora o aviso de Sel e brande a lâmina contra o focinho da criatura.

Com um movimento rápido, o demónio quebra o tornozelo de Sel. Empurra o Merlim para lado.

A espada de Nick desce.

O demónio defende-se com uma mão — a lâmina afunda-se na sua pele — e aperta a garganta de Nick com a outra.

Nick puxa os dedos da criatura. A arfar. A ofegar.

A criatura levanta-se e rosna, triunfante. Levanta Nick no ar e atira-o contra a pedra prateada. O seu corpo fica imóvel.

Estou a correr.

Lanço-me contra a criatura no mesmo momento em que Sel brande a espada de Nick.

Juntos, empurramos-lhe o corpo numa direção e a cabeça noutra.

14

Nick, Lorde Davis e Evan não são os únicos feridos.

Estou de pé, no canto da enfermaria da cave da Sede, e observo duas Pajens do segundo ano a correr de um lado para o outro entre cinco catres de metal.

Nick está na que me fica mais próxima. O pai dele está ao lado. Evan está no meio, e Victoria, na última. Eu nem sabia que Tor tinha sido ferida.

O peito dela foi rasgado por um cão infernal, e há sangue espalhado sobre o seu vestido azul. Tem as bochechas pálidas.

Ainda assim, está em melhor forma do que os homens da família Davis. A coluna vertebral de Lorde Davis está partida em dois sítios.

O crânio de Nick está rachado.

Devia ter sido mais rápida. Devia ter lutado mais contra o uchel. Devia ter chegado a Nick antes de ele próprio se lançar contra o demónio.

A enfermaria é o domínio de William, que caminha entre as mesas, as mãos revestidas de éter prateado tão espesso que parece mercúrio. O aroma brilhante e cítrico da sua assinatura de éter preenche a sala.

Há um padrão. William começa com as lesões mais graves e passa alguns minutos a murmurar numa linguagem lírica e fluida que não compreendo. Debruça-se sobre os seus corpos enquanto o éter lhes escorre pelas feridas, imiscuindo-se nas suas peles. Depois afasta-se e fecha os olhos, murmura outro encantamento que volta a puxar o éter do ar em redor dos seus dedos, e o ciclo recomeça.

Olho para as minhas mãos. Ainda não pararam de tremer.

Quando regressámos à Sede, o grupo tinha-se dispersado. A maioria dos Pajens foi enviada para casa. Russ foi ver Felicity. Depois de confirmar que ela ainda estava a dormir — o que é normal durante a recuperação do Despertar, pelo que me disseram —, desceu para me fazer companhia e ofereceu-me uma camisola. Vesti-a, porque não sabia que mais fazer. Perguntou-me se gostaria de subir para

tomar um duche. Não me lembro do que lhe disse, mas deixou-me sozinha depois disso.

Olho para as paredes da enfermaria e pergunto-me porque não são verdes, como as do hospital. Depois, porque as minhas defesas estão em baixo, dou por mim de volta ao hospital. A enfermeira está lá. E o Merlim. E a minha mãe foi-se antes que eu lhe pudesse dizer adeus… fecho os olhos com força e conto até dez, até que se passaram três meses. Até estar de volta à enfermaria da Sede.

— Onde é que ele está?

Sel irrompe pela porta como um anjo profano, vestindo um longo casaco preto, os olhos reluzentes como sóis. Se repara nos dois Pajens que saem de fininho com o medo estampado nos rostos, não diz nada.

A voz de William é calma, mas firme.

— Está estável, mas ainda não acordou. Sel… Sel!

Sel aproxima-se de Nick e não há nenhum tipo de hesitação no seu caminhar. Ter-lhe-á William curado o tornozelo? Sel examina Nick onde este jaz. A camisa de Nick foi cortada, expondo o seu peito e estômago. O rosto, normalmente esbelto e afável, está pálido e contraído. Ainda não abriu os olhos desde que aqui chegámos.

— Não te atrevas a morrer, Davis — ordena Sel. — Muito menos agora.

— Sel. — William dirige-se a Sel, as suas mãos revestidas de prata erguidas como as de um médico. — O Nick está estável — repete. — Irá recuperar. Lorde Davis, por outro lado, ainda não está estável. Preciso de continuar a tratá-los a ambos, e a todos os que aqui estão, e esta tua cena não está a ajudar.

Sel olha para a mesa de Evan e os músculos do seu maxilar contraem-se.

— Ele também não pode morrer. Nenhum dos Escudeiros ou dos Herdeiros.

— Nós sabemo-lo, Sel! — Russ passa a mão pelo cabelo. — Este é o nono ataque em, quê, duas semanas?

— E o primeiro uchel avistado em anos — intervém Fitz, encostado à porta ao lado de Sarah.

— Aquela matilha não veio para se alimentar nem para se besuntar com éter. Vieram com um propósito — replica Sel. — Eles *sabiam* que nos íamos reunir esta noite, sabiam que nos dispersaríamos e sabiam que o Herdeiro de Artur estaria presente. Como?

Russ desdenha.

— As Criaturas das Sombras não *sabem* de nada. São demasiado desmioladas para pensar, ainda mais para conceber um plano.

— Não viste o uchel, Copeland? — indaga Sel em tom de desprezo. As pontas do seu cabelo começam a chamuscar-se e a soltar fumo. — Só há um uchel capaz de comandar isels para que trabalhem em conjunto, e foi exatamente isso que aconteceu esta noite. Subestimas os grandes demónios por tua própria conta e risco. E do teu Herdeiro também, cuja vida, em breve, serás Ajuramentado para proteger.

Russ estremece e vira as costas.

Sel prepara-se para se ir embora, mas detém-se ao notar a minha presença. Quando fala, o seu tom é contundente. Perigoso.

— O que está *ela* a fazer aqui?

Sarah dá um passo em frente.

— A Bree foi tomada como refém pelo uchel, Sel. Está coberta de lodo e tremendamente assustada. Vai com calma, sim? — Fico surpreendida por me estar a defender, uma pessoa que mal conhece. — Ela até tentou salvar o Nick.

O olhar de Sel endurece.

— E devemos assumir que foi apenas uma coincidência o uchel ter voltado com *ela* nos braços?

— Eu tentei ajudar. — Detesto o ponto a que minha voz parece reduzir-se. Detesto que soe exatamente como me sinto. — Eu tentei…

— Tentaste o quê, miúda? — Contrariamente aos sapatos de todos os outros no piso de azulejo branco, os pés de Sel não fazem barulho quando avança na minha direção. — Ajudar? Ajudar quem? O Nick ou o uchel?

Abano a cabeça, embora isso apenas me deixe tonta.

— *O Nick*! Eu… Eu…

— Selwyn! — adverte Sarah. — Deixa-a em paz.

Mas ele já está à minha frente, tão perto que o chamejar do seu olhar me atinge o rosto. O ar entre nós começa a ferver. Forço um suspiro para fora dos lábios.

O medo agita-se, colide com as memórias. Conheço esta sensação. Já a vivi antes. Num hospital, e não queria outra coisa senão fugir.

Não o fiz na altura. E não o vou fazer agora.

Sel baixa-se até a sua boca estar próxima do meu ouvido. O seu hálito bate contra as minhas bochechas, canela queimada e fumo.

— Há algo em ti que não é verdade, *Pajem Matthews*. Se eu descubro que tiveste alguma coisa que ver com isto…

— *Não tive* — respondo, por entre os dentes.

Sel fita-me, o olhar inundado de ira, e depois afasta-se.

— Onde está o Pete?

— A montar uma patrulha com os Pajens do terceiro e quarto anos — responde Russ. — À procura de mais.

— Não — murmura Sel. — As Crias das Sombras já armaram a cena da noite. Não vai haver mais. Fica atento, Copeland. Vou administrar o Juramento do Guerreiro a ti e à Felicity assim que ela acordar. — Sel puxa o colarinho do seu casaco com uma mão e aponta para mim com a outra. — Quero-a fora daqui. Este lugar não é para ela.

Atravessa a porta e abandona a sala num silêncio desconfortável.

— O pior sobre este tipo é nunca saber se é seguro falar mal dele pelas costas — comenta Russ com um suspiro frustrado. Sarah dá-lhe uma palmada no braço. — O que foi? É verdade!

Sarah vira-se para mim, com o olhar carregado de preocupação e compaixão.

— Não ligues ao Sel. Ele é… protetor. Este lugar é para ti, sim. És uma de nós agora.

Olho para o lado, porque é essa a questão. Eu não sou um deles.

Sarah franze o sobrolho e aproxima-se para examinar a minha bochecha.

— Vais trabalhar na cara da Bree, não vais, William?

— Claro — murmura William, a cabeça inclinada sobre a testa de Evan. — Deixa-me fazer a triagem, Escudeiro Griffiths… — Mesmo a meio de um sermão, as palavras do curandeiro são proferidas num tom divertido.

William faz frente a Sel, que de alguma forma o ouve, e provoca Sarah, que me defende. Decido que gosto dos dois e segue-se um baque de culpa: Sel está errado acerca de eu trabalhar com as Crias das Sombras, mas não está errado acerca de eu mentir.

Ansiosa por desviar a atenção de mim, mudo de assunto.

— O que era aquele monstro? Julguei que os demónios se pareciam com animais ou…

Sarah abana a cabeça.

— Se os isels, os demónios inferiores, forem suficientemente fortes para se tornarem corpóreos, assumem a forma de animais ou das criaturas que se veem nos textos antigos. Duendes com chifres, caudas. Mas os uchels são demónios superiores. Menos traquinas, mais mortíferos, e suficientemente fortes para se tornarem corpóreos assim que atravessam para este lado. Parecem… — Hesita, troca um olhar com William que não consigo decifrar. — Mais humanos.

Russ recosta-se a uma parede e cruza os braços.

— Se acreditares nos velhos contos, o uchel mais poderoso, o goruchel, pode até passar por humano. Andar escondido entre nós e tudo isso.

O medo trespassa-me como uma adaga. Sel *chamou-me* uchel há algumas horas. Ele julga que eu sou um deles, fazendo-me passar por humana. Que estou aqui para prejudicar Nick e o resto da divisão. O ar abandona-me o corpo num exalar silencioso.

— Demónios que se fingem humanos. — Fitz revira os olhos. — Histórias assustadoras para contar às criancinhas. Lendas e folclore.

William intervém, sem desviar o olhar do que está a fazer:

— *Nós* também somos lendas e folclore, Herdeiro Baldwin.

Fitz responde com um gesto rude.

— Porque queriam o Nick? — sussurro.

William faz uma pausa com as mãos sobre Evan. Os quatro Lendários olham para mim e depois, uns para os outros.

Russ endireita-se.

— Porque ele é o nosso rei, ou será, formalmente. Quando Despertar.

— *Se* Despertar — diz Sarah.

Fitz escarnece, o pescoço a ficar vermelho.

— Achas *mesmo* que é uma questão de «se», Sarah? Somos chamados por ordem. A Linhagem Flick é a quarta, o que significa que o Herdeiro de Kay, lá no Norte, também foi Chamado recentemente, e o Lorde Davis não se deu ao trabalho de nos informar. A Tor e a Linhagem de Tristão serão os próximos.

Depois, o miúdo do Ocidente e a Linhagem de Lancelote. Depois, o número um, o Nick. E, *bum!*, Camlann.

Russ abana a cabeça.

— Vá lá, meu, não exageres.

— *Exagerar?* Achas que estou a exagerar? — Os olhos de Fitz enchem-se de desprezo. — O Herdeiro da Linhagem de Lamorak, o *teu* Herdeiro, foi Despertado. Bem-vindo à *nossa* realidade, Escudeiro Copeland. Vocês, miúdos de alta patente, podem brincar e fingir que não estamos realmente em guerra, enquanto o resto de nós está Desperto e a *morrer* de dois em dois anos. — A fúria contorce-lhe a expressão. — Camlann está a *chegar*, queiram ou não acreditar!

Ninguém diz nada durante um longo momento. No silêncio, pergunto:

— O que é Camlann?

Fitz assobia, a abanar a cabeça.

— Não me interessa que ele *seja* rei, alguém vai ter de ter uma conversa com o Nick Davis. Trazer uma Pajem sem lhe contar merda nenhuma… é assim que os Pajens morrem. Divirtam-se com a aula de Introdução aos Lendários. Estou fora.

Os seus passos furiosos ecoam pelo corredor.

— O Nick contou-me coisas — contesto, mal contendo a apreensão na voz. Precipito-me em direção à mesa de Nick, vendo o seu peito levantar-se em respirações superficiais e curtas. — Mas não… tudo.

O éter de William dissolve-se na testa de Evan e o curandeiro levanta-se com um suspiro, dirigindo-se diretamente a mim pela primeira vez.

— Bem, agora é uma altura tão boa como outra qualquer para te pôr a par de tudo.

15

Após declarar os seus quatro pacientes estáveis e infundidos com éter curativo suficiente para que recuperem por completo, William ordena a Sarah e Russ que vigiem o quarto enquanto ele e eu nos ausentamos. Russ dá início a um queixume, mas William silencia-o com o erguer de uma única sobrancelha.

À porta, faz sinal para que o siga. Digo a mim mesma que preciso de ir porque saber mais coisas sobre a Ordem faz parte da minha missão, mas uma pequena voz interior sussurra que o único motivo pelo qual concordo é o toque de cor rosada que finalmente regressa às bochechas de Nick.

Saímos para o longo corredor da cave, iluminado em tons fluorescentes, e dirigimo-nos para o elevador. A visão traz de volta uma breve e nebulosa recordação de uma conversa com Russ enquanto ele me levava para a enfermaria.

— Têm elevador? — perguntei.

Ele sorriu ironicamente e respondeu:

— Temos muitas coisas.

Uma vez lá dentro, William abre um painel na parede que Russ não usou. Insere um código num teclado numérico e carrega num botão quadrado que passa de preto a laranja. Quando o elevador se move, o meu estômago ameaça revirar-se.

William observa-me com os seus inescrutáveis olhos cinzentos.

— Como estão os meus braços?

Pestanejo, confusa.

— Os teus braços?

Faz sinal com a cabeça para os meus antebraços, onde os cruzei à altura do peito.

— Normalmente gosto de acompanhar os meus pacientes, mas foste levada antes que eu tivesse a oportunidade de o fazer.

O medo trespassa-me. A Primeira Regra estipula que não lhe posso dizer do que me lembro.

— Eu… não tenho a certeza…

Ele sorri.

— Não há necessidade de subterfúgios. Sou curandeiro por herança e por natureza. Estou genuinamente interessado em saber como estão as tuas feridas.

Sem saber o que responder, estico os braços. William pega-me nos pulsos e traceja um dedo na parte interna de um braço e depois do outro.

— Ótimo. Reagiste bem ao éter.

O elevador para abruptamente. Quando engulo a bílis, os olhos astutos de William estreitam-se minuciosamente. As portas abrem-se num andar ainda mais baixo e num longo corredor semelhante, mas William carrega no botão para as manter abertas.

— Posso?

Aponta para a mancha pegajosa e dolorosa que tenho na bochecha direita. Assinto. Mas em vez de me voltar a tocar, enfia uma mão no corredor e depois ri-se do meu ar confuso.

— O éter está em todo o lado, mas é um pouco como a rede de um telemóvel. Difícil de conter numa caixa de metal.

Olha para o elevador a título de explicação. Vejo como labaredas de fogo mágico se agrupam na palma da sua mão, solidificando num molho espesso e prateado que lhe escorre pelos dedos, cobrindo-os e à pulseira de couro verde no seu pulso. William aproxima-se, fazendo contacto visual, e levanta três dedos brilhantes sobre a minha bochecha. O cheiro cítrico do feitiço flui entre nós, preenchendo-me o nariz.

O éter está frio — e recorda-me vagamente da gosma do uchel na minha pele. Estremeço. William murmura:

— Respira fundo. — A sensação fria espalha-se, suavizando ao toque. Uma sensação de comichão, um assobio silencioso, e a dor desaparece. — Pronto. — Com um ligeiro agitar do seu pulso, o éter dissolve-se. — Como é que te sentes? Tonturas?

Abano a cabeça, inclinando-a para trás e para a frente.

— Não. Não como da última vez.

— Habituaste-te depressa, para uma Primavida — diz, pensativo.

— Obrigada?

William inclina a cabeça em resposta, indicando o corredor.

— Vamos?

Avanço, mordendo o lábio inferior. Ele sabe que estive na Sede ontem à noite, mas que mais saberá?

William indica uma porta no fim do corredor. Alguns segundos depois, fala mais alto, mantendo um tom descontraído. É como se me tivesse lido a mente.

— Sei que há mais em ti do que aquilo que estás a partilhar, Pajem Matthews. — Começo a rebatê-lo, mas William levanta uma mão e esboça um sorriso tranquilizador. — Eu não sou o Sel, por isso não te preocupes. Não te trouxe aqui para te encurralar. Não sei o que estás a esconder e, francamente, não preciso nem quero saber.

Detenho-me, completamente atordoada.

— Mas… não te preocupa que…

— Que possas ser um uchel? — William detém-se também, revirando os olhos. — Dificilmente. O Sel é um detetive incrível, o Merlim mais poderoso de uma geração, mas também é…

— Um idiota?

William reprime um sorriso.

— Ia dizer *volátil*. Acho que ele está errado em antagonizar-te.

Abano a cabeça, incapaz de acreditar na sua pequena generosidade.

— Mas…

— Eu confio no Nicholas. Ele é o nosso rei e, mais do que isso, é meu amigo. Seja o que for que vocês os dois tenham decidido, não é da minha conta. E — o seu olhar suaviza — tu trouxeste-o de volta para nós. Algo me diz que ele não estaria aqui se não fosse por tua causa.

A minha respiração volta ao normal. Nick não estaria na *enfermaria* se não fosse por minha causa.

Sinto o mundo a girar. Se não o soubesse, diria que Sel estava a lançar uma hipnose, mas não é o caso. Não foi ele que fez aquilo.

O que aconteceu esta noite foi uma escolha *minha*, e é demais. Tudo. Cada parte disto. *Demasiado.* Escolhi ser desonesta para descobrir a verdade sobre a

morte da minha mãe. E fi-lo por mim. Pelo meu pai. Talvez até para provar a Alice que eu estava certa e ela, errada.

Não escolhi o cheiro da decadência ainda agarrado à parte de trás da minha língua, ao interior da minha boca. Não escolhi o som da espinha do pai do Nick a quebrar-se contra um carvalho. O *crac* do crânio de Nick a abrir-se contra a pedra.

O meu estômago volta a revirar-se, e um braço envolve-me os ombros.

— Por aqui. — Tropeço, e William puxa-me para o seu lado enquanto abre uma porta. — Cá vamos nós.

Uma porta de casa de banho, uma sanita. Depois estou de joelhos a levantar-me, a vomitar, a levantar-me de novo até parecer que expulsei do corpo tudo o que comi.

Quando acabo, volto a encostar-me aos meus calcanhares. A sua mão esfrega-me círculos suaves nas costas. Uma mão fresca encosta-se à minha testa. Sentamo-nos em silêncio até a minha respiração abrandar.

Algum tempo depois, William entrega-me um lenço de pano cor de lima. Fico a olhar para ele, intrigada com a cor do tecido estrondosamente brilhante. Ouço o sorriso na sua voz.

— Era do meu pai. A Linhagem de Gawain é conhecida pelas pessoas perspicazes como «extravagante».

Pego no tecido, hesitante em usá-lo, mas ele contra-argumenta antes que eu possa sequer abrir a boca.

— Por favor. Tenho uma quantidade embaraçosamente grande numa arca embaraçosamente verde algures por aí.

Esboço um sorriso débil enquanto limpo o nariz e a boca. Quando acabo, William conduz-me a um banco almofadado perto dos lavatórios da casa de banho.

— Obrigada.

— Não me agradeças. — Tapa o meu joelho e fita-me o rosto com olhos atentos. — O nosso mundo é… assoberbante.

Respiro fundo, trémula.

— Sim.

Ele inclina a cabeça.

— E tens a certeza de que queres fazer parte dele?

A pergunta apanha-me de surpresa. *Terei* a certeza? Depois desta noite, terei realmente a certeza? Penso no meu pai e na conversa que tivemos nos degraus da biblioteca. Sou capaz de ouvir a voz dele neste exato momento. «Isto que nos está a acontecer… Eu também o sinto. E sei quanto custa.» Ele sente esta dor e mesmo assim continua a ir trabalhar todos os dias. A viver na nossa casa, a suportar *diariamente* o eco da minha mãe, quando eu mal o conseguia aguentar. Penso na minha mãe e na teimosia — não, na *fraqueza* — que me impediu de falar com ela após uma discussão sem sentido.

A nossa Bree Destemida.

Respiro fundo outra vez, desta feita com mais força.

— Sim. Tenho a certeza.

— Está bem — diz ele, pondo-se de pé. — Se estás determinada a ficar aqui, então precisas mesmo daquele curso de Introdução aos Lendários. Mas, antes, precisas de um chá.

William não estava a brincar quanto ao chá.

Faz-me esperar à porta da casa de banho por alguns minutos enquanto atravessa o corredor até uma *kitchenette*. Quando regressa, entrega-me uma caneca fumegante de chá de limão e gengibre, e ordena-me que o vá bebericando enquanto falamos.

Começo a perceber porque é que Sel não tentou contrariar William. É assertivo sem ser arrogante e tem uma tendência invulgar para ter razão.

Além disso, o chá é maravilhoso.

William passa à minha frente e conduz-nos até uma porta azul no fim do corredor, em frente ao elevador.

— Quantas caves há na Sede? — pergunto.

— Duas. A enfermaria e as salas de treino ficam lá em cima, mais algumas salas de recuperação para doentes gravemente feridos. Aqui em baixo estão todas as outras coisas secretas que não podemos arriscar que alguém veja por acaso. Os artefactos e documentos dos membros — aponta para a porta por que acabámos de passar — estão numa câmara frigorífica onde temos mais controlo sobre a temperatura e as condições de iluminação. Felizmente, os itens mais antigos

foram tão encharcados de éter pelos Merlins ao longo dos anos que não temos de nos preocupar que se partam aos pedaços. — Chega à porta e introduz um novo código no teclado perto da maçaneta. — Mas aqui fica o que realmente precisas de ver.

Aperto a caneca entre as mãos. O coração bate-me no peito tão ruidosamente que temo que William me possa ouvir.

— Não há demónios, certo? Não me vais atirar para uma casa de horrores medieval como uma espécie de praxe, pois não?

Ele ri-se alto e bom som.

— Não. — Abre a porta e inclina-se lá para dentro, tateando a parede em busca de um interruptor. — Mas «Casa de Horrores Medieval» daria um excelente nome para uma banda.

Reviro os olhos, mas sinto-me grata pelo seu sentido de humor. Outro gole de chá e o meu estômago quase se acalma.

William dá com o interruptor, iluminando não a outra divisão, mas o topo de uma larga escadaria em espiral.

Descemos mais dois andares, e ele fala enquanto caminhamos.

— Os pais Lendários falam da Ordem e das Linhagens com os seus filhos quando ainda somos jovens. Os Vassalos sabem o suficiente para serem perigosos, mas, com novos Pajens como tu, cabe geralmente aos padrinhos revelar todos os pormenores sumarentos.

— O Nick não teve tempo para isso — murmuro enquanto desço as escadas atrás dele. *Eu realmente não lhe dei tempo*, penso.

William permanece inabalável.

— Foi o que pensei. Não há problema, eu até gosto de fazer as honras.

Chegamos a uma sala ampla e com cheiro a mofo que, com exceção de um tapete velho e algumas cadeiras, se encontra vazia. Depois de acender outro conjunto de luzes, William dirige-se para o fundo da divisão. Na extremidade mais distante, há uma parede coberta por uma cortina preta com uma extensão quase tão larga como a da sala.

— Depois de um Vassalo jurar o Código de Secretismo e prometer serventia à Ordem, alguém da sua Linhagem designada lhe explica a origem da Ordem e a

sua missão. Se eles quiserem que algum descendente se torne Pajem e que tenha hipóteses de se tornar Escudeiro, esse descendente também faz o Juramento.

— E isso *funciona*?

— Sim. — Desata uma corda grossa dourada e solta um grunhido, puxando-a por uma roldana. — Os Vassalos não nos expõem; a maioria das famílias está alinhada com a Ordem há séculos, e têm muito a ganhar social e financeiramente, mesmo que os seus filhos nunca se tornem Escudeiros. Além disso — sorri —, os ricos adoram segredos.

Enquanto ele puxa, a cortina sobe, revelando a totalidade da parede, ou do que eu *julgava* ser uma parede.

Preenchendo toda a minha visão, encontra-se a maior placa de prata que alguma vez vi. Ainda maior do que a Capela. Deve ter uns três andares de altura. Chega à parede do primeiro andar. Ao descermos os olhos pela laje, vemos milhares de linhas meticulosamente esculpidas. A cada poucos centímetros, as linhas quebram-se, dando lugar a pequenas estrelas cintilantes feitas de pedras preciosas, recomeçando depois por baixo delas. A placa é tão alta que preciso de recuar para a conseguir ver na totalidade.

William cruza os braços e olha para cima, para cima, para cima.

— Esta é a Muralha das Eras. As treze linhagens de sangue da Távola Redonda e os seus Escudeiros.

No topo da Muralha, incrustadas em prata, estão treze pedras do tamanho de punhos. No centro está um diamante branco, mas as outras brilham em vários tons de vermelho e verde e azul e amarelo. Inscrita em letra cursiva elegante acima das pedras há uma frase: Y LLINACH YW'R DDEDDF.

— A Linhagem é Lei — traduz William. — A Ordem e os Vassalos colonizadores continham várias misturas: galeses, ingleses, escoceses, escoceses-irlandeses, alemães. Mas o País de Gales do século VI é o local de nascimento de Artur, daí que o galês tenha sido a língua original da Ordem. Alguns dos antigos encantamentos ainda estão em galês, como os swyns, que uso na enfermaria.

A Alice havia de adorar isto, penso. *A história, a Muralha, tudo*. Depois sinto um baque de culpa por desejar que ela aqui estivesse comigo. Nunca quis que ela se magoasse, e neste momento o preço para aqui estar parece ser pago em lesões corporais.

— Os filhos Herdeiros com potencial aprendem as lendas desde tenra idade. Primeiro através dos pais, depois, através dos Suseranos, que são Herdeiros e Escudeiros reformados, e depois outra vez por intermédio dos nossos pais quando completamos os dezasseis anos. Este é o primeiro ano em que os nossos cavaleiros nos podem Chamar. — Os olhos dele perdem o foco quando regressa a uma história que claramente já ouviu muitas, muitas vezes. — No auge da Távola Redonda, Artur tinha mais de cento e cinquenta cavaleiros sob o seu comando. Mas, com o passar do tempo, as Guerras das Sombras, a nossa luta com os Cysgodanedig, reduziram esse número até restarem apenas os treze cavaleiros mais fortes. Merlim e Artur temiam no que o mundo se podia tornar se a Távola caísse, e Merlim acabou por conceber o Feitiço da Eternidade: poderoso a ponto de ampliar as capacidades dos cavaleiros que ainda havia e ligar os espíritos de cada um à sua linhagem, para que os seus herdeiros pudessem para sempre lutar contra a escuridão. Para que a Távola permanecesse viva, imortal. — A voz de William torna-se mais grave, como que ganha um tom de reverência, ou talvez esteja a fazer eco da reverência daqueles que contaram a história antes dele. — Quando os nossos cavaleiros Despertam, o seu espírito volta a viver. É por isso que chamamos Unanedig aos que nascem fora das Linhagens. «Primavida». E porque nos chamamos a nós mesmos Chwedlanedig. «Lendários».

Ser capaz de seguir o rasto da própria família até tão longe é algo que nunca imaginei. A minha família apenas conhece a geração que se seguiu à Emancipação[6]. De repente, é difícil estar aqui e absorver a magnificência da Muralha e não sentir uma inegável sensação de ignorância e inadequação. Depois, uma onda de frustração, porque provavelmente houve alguém que quis gravar tudo, mas quem poderia ter escrito a história da minha família até aqui? Quem teria sido capacitado, ensinado, autorizado a fazê-lo? Onde está a *nossa* Muralha? Uma Muralha que não me faça sentir perdida, mas sim encontrada. Uma Muralha que se sobreponha a qualquer pessoa que lhe ponha os olhos em cima.

Em vez de admirada, sinto-me… *injustiçada*.

Respiro fundo e viro-me para William, e digo, no meu tom férreo:

— Disseste século sexto? A linhagem de cada cavaleiro não teria já milhares de descendentes vivos?

— Sim, mas a verdade é que um Herdeiro é mais do que um mero descendente… A *herança* do cavaleiro, as suas capacidades melhoradas e a afinidade pelo éter habitam numa só pessoa de cada vez. E essa herança apenas é transmitida por um Herdeiro Desperto, um que foi Chamado ao poder como Felicity foi esta noite. Pensa na monarquia britânica e na linha de sucessão. Nem todas as crianças são herdeiras do trono, apenas as mais velhas do soberano. Se o herdeiro aparente não puder assumir o trono, a responsabilidade será transmitida para o seu filho, ou para o filho do seu filho, e assim por diante. Se o herdeiro não tiver filhos, o poder passa para o seu irmão e, posteriormente, para os seus respetivos filhos. E mesmo assim, quem quer que esteja na fila deve ser elegível.

Franzo o sobrolho.

— Disseste algo sobre ter dezasseis anos?

William arqueia uma sobrancelha.

— Não te escapa nada. Bem. O Herdeiro deve ter entre dezasseis e vinte e dois anos. Há que reconhecer a argúcia de Merlim, o Feitiço mantém as coisas em ordem. Repara.

Pousa um dedo na penúltima linha à direita. Assim que a ponta do seu dedo toca na pedra, uma corrente de luz estende-se ao longo das linhas da Linhagem, fluindo como sangue pelas veias. Assim que a luz chega ao cume, uma única gravura reluzente aparece acima de cada pedra, enquanto um símbolo maior brilha sobre todos.

Cores. Moedas. Selos.

Puxo o colar de Nick, pouso-o na palma da mão… e vejo algo em que ainda não tinha reparado. É uma moeda de duas faces. De um lado, o símbolo unificador da Ordem, com o círculo com um diamante adornado no centro. Do outro, um dragão rampante.

O Pendragon.

William aproxima-se, mas fala de costas voltadas para mim.

— A Muralha é encantada para esconder os nomes no caso de alguém de fora encontrar esta sala. As últimas sessenta gerações de nomes de Herdeiros estão

gravadas aqui até aos dias de hoje. A Ordem costumava manter todos os registos em livros. Ainda o fazem, por conveniência, claro, mas os fundadores da Divisão do Sul começaram a transferir os registos para a Muralha assim que decidiram construir a escola.

Arregalo os olhos.

— Foi a Ordem que construiu a UCN?

William pisca-me o olho.

— Claro. As Crias das Sombras espalharam-se da Europa até às Américas, talvez à procura de novos territórios de caça, e multiplicaram-se, a par das colónias. Por volta de 1700, havia uma alta concentração de Portais na Costa Leste. Os fundadores abriram a primeira divisão da Távola Redonda, construíram a Sede e a universidade ao redor. Aliás, parte do motivo que levou à construção da UCN foi a possibilidade de reunir e treinar Herdeiros elegíveis. O Programa de Admissão Antecipada foi um estratagema recente para trazer Herdeiros de dezasseis anos para o *campus* o mais cedo possível, para que possam viver e treinar perto dos Portais com a divisão. As Linhagens estão espalhadas por várias universidades históricas, mas a nossa divisão é a mais antiga. As Linhagens seguem a cadeia de comando original da Távola Redonda, e essa hierarquia determina a ordem em que somos Despertos. — Aponta para uma linhagem de sangue que desce de uma pedra verde e termina numa pequena estrela. — Este sou eu. Eu sou o Herdeiro da Linhagem de *Sir* Gawain, classe doze. Além de uma cura melhorada, o Feitiço concedeu a Gawain força sobrenatural ao meio-dia e à meia-noite. — Fico boquiaberta e ele encolhe os ombros. — Gawain era um tipo estranho, enfim.

Desloca o dedo até à linhagem seguinte, e esta desce de uma pedra laranja.

— O Fitz é o Herdeiro de *Sir* Bors, classe onze. Em combate, é ágil como nunca se viu. Quando aceitamos um Escudeiro, estamos a escolher um parceiro de batalha para se juntar a nós no Juramento do Guerreiro. Alguém com quem partilhar o poder da nossa linhagem de sangue. O Fitz escolheu o Evan como seu Escudeiro no ano passado.

Move a mão para a linha abaixo de uma pedra amarelo-escura.

— O Pete é novo, entrou este ano, um caloiro. Herdeiro de *Sir* Owain, classe sete. Os Herdeiros de Owain podem invocar um leão familiar para que se junte a

eles na batalha. Tal como eu, o Pete este ano também precisa de um Escudeiro.

Ligeiramente mais acima, a pedra vermelha.

— A Felicity é a Herdeira de Lamorak. Classe quatro, como já sabes. Escolheu Russ como Escudeiro no torneio do ano passado. Após esta noite, será tão forte que o seu punho será capaz de atravessar uma rocha. E quando o Sel os Ajuramentar aos dois, o mesmo acontecerá ao Russ.

A que se segue é azul.

— Victoria, Herdeira da Linhagem de Tristão, classe três, com Sarah como Escudeira. Quando ela Despertar, o seu nome virá para aqui. Mira e velocidade.

William aponta para uma linha final, mesmo no centro.

— E esta estrela é para o Nick.

Olho para cima. O diamante branco puro de Artur segue para baixo, indo dar a uma única estrela brilhante gravada na muralha, à mesma altura da minha cintura.

Instintivamente, os meus dedos estendem-se para lhe tocar, mas retraio-os. A boca de William treme com um sorriso de compreensão.

— Em circunstâncias normais, a Ordem funciona muito bem sem um rei Desperto. É para isso que servem os Regentes. As Crias das Sombras vêm para o nosso mundo para se alimentarem e espalharem o caos, nós matamo-las, e a paz é restaurada, por assim dizer. Herdeiros de baixa estirpe, como eu, são Despertos frequentemente, e tendemos a ser fortes a ponto de podermos manter os demónios à distância. Se envelheceres ou expirares, o próximo Herdeiro elegível poderá ser Chamado no teu lugar, e o ciclo continua.

— Expirar? Quer dizer *morrer*? — pergunto, horrorizada.

— O Herdeiro de cada linhagem e os nove descendentes potencialmente elegíveis na linha de sucessão atrás deles começam a treinar mal aprendem a andar. — Vira-se para mim, com os olhos a avaliar a minha expressão. — Conhecemos os riscos e preparamo-nos para eles o melhor que podemos.

Lembro-me do que Fitz me disse — e das ordens de Lorde Davis para enviar os Despertados para a linha da frente contra os cães infernais.

— Mas se os Herdeiros de baixa estirpe estão sempre a ser Chamados, então as suas Linhagens são como uma… infantaria. São vocês que carregam o fardo da guerra. Os Herdeiros de mais alta estirpe…

William interrompe-me com o levantar de um dedo.

— Não, pequena Pajem, não vás por aí. — Suspira. — A conduta do Fitz, de toda a sua família, é… desonrosa. Somos os primeiros a ser Chamados porque há quinhentos anos os nossos cavaleiros foram os primeiros a ir para o campo de batalha. É como diz o Lorde Davis, servir é edificar-se a si mesmo. É uma honra. Alguns carregam o fardo com rancor, mas a verdade é que nenhum de nós tem escolha. A imortalidade tem um preço. Ao fim do dia, o mundo está repleto de maldade e nós somos os únicos preparados para a combater.

— Numa situação normal, a Ordem passa bem sem um Artur Desperto… mas nós não estamos numa situação normal, pois não?

— Não, parece que não. — William suspira com pesar. — O Nick tinha razão. Há muito tempo que um Herdeiro com classe superior à sexta não é Chamado. E o Sel também estava correto. Os demónios, sobretudo os isels, não trabalham em conjunto como fizeram esta noite. E ver um uchel é extremamente raro. — Ele estuda-me. — Mas porque não fazes a pergunta que realmente te apoquenta?

— Qual delas? — respondo.

A boca treme-lhe.

— A maior.

— Camlann é o quê?

William conduz-me a um par de cadeiras perfeitamente posicionadas para contemplar a Muralha, ou a história e o legado da Ordem, ou ambos.

— Está escrito nos livros que a magia que mantém o feitiço de Merlim, o motor por detrás de todo o sistema, é preservada no espírito de Artur. Enquanto o espírito do rei permanecer adormecido, o feitiço manter-se-á seguro. É por isso que Artur, o primeiro cavaleiro, é o último a Chamar o seu Escudeiro, e apenas quando o «flagelo demoníaco» se torna tão poderoso e descontrolado que a Távola Redonda não tem outra escolha que não a de se reunir sob a sua liderança para o combater. Só uma grande ameaça justificaria o Despertar de Artur e a sua ida para a batalha, o que faz perigar a existência de todas as Linhagens.

William faz uma pausa e recita as palavras que se seguem de cor:

— «Quando treze Herdeiros tiverem Despertado e reclamado Escudeiros, o Herdeiro de Artur irá liderar a Távola Redonda contra a peste demoníaca num confronto mortal.» Esta guerra chama-se Camlann porque, na lenda, Camlann é o lugar onde foram mortos muitos dos últimos cavaleiros. Foi no campo de batalha de Camlann que Artur caiu. Foi onde a Távola Redonda original foi quebrada… para sempre. Se um Artur completamente Desperto for morto pelo sangue de uma Cria das Sombras, as Linhagens Lendárias também serão quebradas para sempre.

— E os humanos, os Unanedig, não terão quem os defenda — sussurro.

— «E as Crias das Sombras governarão a Terra.»

A divisão afunda-se num silêncio tenso. Vindo de algures, de trás da muralha prateada, ouço um gotejar.

Recordo o sorriso caloroso de Nick no passeio pelo *campus,* e depois o terror estampado no seu rosto esta noite na floresta. Fui *eu* a responsável por essa sequência de expressões. Mesmo que ninguém possa controlar o Chamamento do seu cavaleiro, fui eu quem aproximou Nick de algo que ele nunca quis. O sentimento de culpa inunda-me o estômago.

Olho para a estrela de Nick e penso nele a lutar, gracioso como um bailarino, pés leves, corpo em movimentos cheios de destreza. Brande a sua espada com confiança e determinação. Conduz a sua lâmina através do cão infernal. Não consigo pensar nele a cair em batalha. A minha mente não é capaz de o imaginar.

— Quando foi a última vez que Artur Chamou o seu Herdeiro?

William inclina ligeiramente a cabeça.

— Há quase duzentos e cinquenta anos. Em 1755, se não me engano.

— O quê? Isso foi…

— Durante a Guerra da Independência dos Estados Unidos. — Um dos lados da boca dele descai numa expressão de pesar. — A resposta varia dependendo da pessoa a quem fazes a pergunta, mas, na minha opinião, essa guerra teria acontecido de qualquer maneira. E guerra é guerra, quer as Crias das Sombras a incitem, prolonguem ou utilizem para se alimentar. Morreram dezenas de milhares de pessoas. Que importa o nome que lhe dão?

Admito-o. Os meus olhos são novamente atraídos para a estrela de Nick.

E, ao seu lado, dou por algo em que ainda não tinha reparado. Levanto-me e aproximo-me da Muralha. Sim, há qualquer coisa ali, ligada à estrela de Nick por um traço cintilante.

— O que é isto?

William detém-se ao meu lado, em busca do que me chamou a atenção. Indico o pequeno mármore escuro preso na placa diretamente ao lado do nome de Nick. É tão escuro que parece absorver a luz.

— Este mármore. O que é?

— Ah. — Pela primeira vez, William hesita antes de falar. — Só a criança Merlim mais poderosa de uma geração é selecionada para fazer o Juramento do Mago Real. A criança é retirada à sua família e trazida para cá, para uma cerimónia formal diante de toda a divisão com uma criança Herdeira de Artur. Pelo resto da sua vida, esse Merlim será o protetor ajuramentado desse Herdeiro até à morte.

O meu estômago contorce-se. *Retirada à sua família*. Uma criança — e uma infância — sacrificada para proteger outra.

— Nenhuma criança seria capaz de compreender o que significa fazer um Juramento destes.

— É como te disse — murmura William —, nenhum de nós tem escolha.

O coração dói-me pelos dois. Mesmo por Sel, que está magicamente ligado — para sempre — a um Herdeiro que nunca quis o seu título. Posso não gostar dele, e ele certamente parece detestar-me, mas sinto-me obrigada a examinar o mármore de Sel e a ler a inscrição que lá está:

Selwyn Emrys Kane.

William murmura, apreensivo:

— Estás pronta para voltar? Tenho de ir ver os meus pacientes.

Assinto, preparada para deixar este lugar, que me parece mais repleto de morte e de perda do que de vida.

Antes de me virar, os meus olhos dão com a estrela que está acima da de Nick. Ao seu lado, alguém esculpiu «Martin Thomas Davis» na pedra. *É claro*. Lorde Davis foi para a UCN há vários anos, quando ainda era o Herdeiro de Artur e antes do nascimento de Nick. Mas há outra coisa que me chama a atenção.

— O que é que aconteceu aqui?

Aponto para o mármore ligado à estrela de Lorde Davis, representando o seu Mago Real, um tal «Isaac Klaus Sorenson».

William estreita os olhos.

— Não tenho a certeza. Talvez o arquivista se tenha descuidado.

Não o percebo de imediato, porque o que ele disse não faz sentido. Todas as outras linhas e pedras e estrelas foram meticulosamente esculpidas, sem um único golpe fora do lugar ou erro à vista. Mas há cortes profundos e furiosos em redor do mármore de Isaac, como se tivesse sido atacado por um animal. E, no entanto, o mármore em si parece igual ao de Sel: brilhante, suave e perfeitamente redondo.

— Vens?

— Sim — murmuro, e acompanho-o até lá acima.

Referência à «Proclamação da Emancipação», assinada em 1862 pelo presidente dos EUA Abraham Lincoln, dando início ao processo de abolição da escravatura nos estados confederados norte-americanos. (*N. da T.*)

16

Entro em pânico quando voltamos à enfermaria, porque Nick desapareceu. Também não vejo Tor em lado nenhum.

— Onde estão os meus pacientes? — vocifera William para Russ e Sarah. Os dois escudeiros estremecem, de olhos arregalados. Não os censuro. William, normalmente tão gentil, parece capaz de matar alguém.

— Acordaram! O Nick foi para casa — diz Russ. Ao mesmo tempo, Sarah completa:

— A Tor está lá em cima. Disse que estava com fome!

Sinto o estômago a tornar-se pequenino. O Nick foi-se… embora?

Os gritos fazem Lorde Davis gemer baixinho, e William detém-se antes de voltar a gritar:

— E vocês deixaram-no ir?

Russ é o primeiro a responder.

— Ele é… o rei?

— Nesta enfermaria — sibila William, avançando sobre ele —, sou *eu* o vosso rei. O Nick *não* teve alta! A cabeça dele ainda está a sarar!

— Ele deixou-me? — Lamento a pergunta assim que a profiro em voz alta. Parece mesmo… *patética*. — Quero dizer, é só que ele… eu não… — A sobrancelha arqueada de William e a expressão confusa de Russ não ajudam em nada. — Só achei que teria a oportunidade de ver como ele está.

Sarah lança-me um olhar compassivo.

— Não sabíamos para onde tu e o Will tinham ido. O Nick fartou-se de te ligar, disse que ia sempre parar ao atendedor de chamadas. Acho que ele pensou que tinhas ido para casa depois… depois de tudo o que aconteceu na floresta.

Dou conta das palavras que ela não diz: ele pensa que eu *desisti* depois de tudo o que aconteceu na floresta. Que fugi para casa com o rabo entre as pernas.

— É bem possível que o Nick só precise de algum espaço para processar tudo isto — diz Russ, com um encolher de ombros. — Pensem bem… ele aparece para reclamar o seu título após anos de ausência, e *bum!* Apenas dois Herdeiros Despertados nos separam de Artur. Eu também me estaria a passar.

— Will?

Numa mesa distante, Evan agita-se. Em menos de três passos, William põe-se ao seu lado, com a fúria a dar lugar à sua gentileza habitual.

— Mantém-te quieto, Ev. Levaste com uma garra na cabeça, amigo.

Evan segue as instruções, mas abre os olhos turvos e perscruta a divisão. Demora apenas um segundo a ver-me. O seu corpo fica tenso.

— Olá, Bree.

Faço-lhe um aceno desajeitado.

— Olá, Evan. E eu a julgar que não passavas de um rapaz desmiolado de uma fraternidade.

O seu riso débil é interrompido por uma crise de tosse.

— Não digas à Char que me magoei, está bem?

Charlotte Simpson parece pertencer a uma vida passada e a um mundo distante — um mundo a que vou ter de regressar amanhã, como se nada tivesse acontecido.

— Não o farei.

— Fixe — murmura, e relaxa na cama.

William resmunga.

— Se estás bem o suficiente para te preocupares com a tua namorada, então estás bem o suficiente para recuperar na tua própria cama. Deixa-me examinar-te antes de ires lá para cima.

Alguém me toca na manga. Sarah.

— Posso levar-te a casa?

Pestanejo, surpreendida com a oferta.

— Quer ires ver a Tor primeiro?

Ela parece satisfeita por eu ter perguntado.

— A minha miúda fica fora de si quando tem fome, mas ela está bem.

Quando saímos, William também expulsa Russ da enfermaria. Ouço-o murmurar qualquer coisa sobre não haver paz nesta casa, e algum galês que

quase aposto serem palavrões.

Sarah não é uma daquelas pessoas que têm de encher um carro silencioso de conversa fiada. Liga o rádio, deixa-me aproveitar a viagem de regresso ao *campus* para pensar em tudo o que vi e fiz esta noite. Assim que estaciona o carro num dos parques do *campus*, perto dos quartos, já tenho uma dor de cabeça descomunal à conta de tanto pensar.

Quando saímos, reparo que ainda trago a camisola que o Russ me deu. Dispo-a e estendo-lha.

— Acho que isto é do Russ.

Ela franze o nariz.

— Eu devolvo-lha.

Dobro a camisola e entrego-lha, e depois olho pela primeira vez para o carro em que me trouxe até aqui. É um *Tesla*.

— Belo carro.

Sarah encolhe os ombros.

— Não é meu. A Ordem tem vários destes que podemos usar.

Arregalo os olhos.

— Uau. Isso é…

— Pretensioso.

Pestanejo.

— Estás autorizada a dizer essas coisas?

Ela revira os olhos.

— Com certeza que não o diria à frente dos Regentes, mas…

Quando me viro para a minha residência, ela volta a surpreender-me ao pôr-se a andar ao meu lado. Tento pensar numa maneira de fazer a minha pergunta sem soar rude.

— Tu não és uma criança Vassala?

— Não sou rica, é isso que queres dizer? — Crispo os lábios, mas ela limita-se a sorrir e aperta a camisola à volta dos seus ombros estreitos. — A família da minha mãe é rica, mas o meu pai não. Ela foi Pajem na Divisão Ocidental, na Virgínia, mas não chegou a ser Escudeira. Foi lá que eles se conheceram.

Tomo algum tempo para pensar naquilo. Os meus pais conheceram-se depois de a minha mãe se ter formado; o meu pai não foi para a faculdade. Eu nunca quis saber se ela conheceu alguém na escola, se namorou. Sempre a imaginei num laboratório, mas o que é que eu realmente sabia sobre a vida dela aqui?

— A tua mãe queria ser Escudeira? — pergunto.

— A princípio sim. Os meus avós queriam *muito* que ela fosse, mas depois conheceu o meu pai e percebeu que queria uma família. — Descemos o caminho pelo qual eu e Nick passámos há duas noites. — Ela nunca o admitiria, mas acho que queria o prestígio, não a guerra.

— E o teu pai sabia da Ordem?

Sarah abana a cabeça.

— Não. Só mais tarde. Ele é um Vassalo Ajuramentado. Teve de o fazer para se poderem casar, mas o que ele sabe resume-se essencialmente aos jantares, bilhetes para a ópera e galas formais. Não que ele seja particularmente bem recebido em qualquer desses eventos.

— Porquê?

— Ele é venezuelano. Mas a minha pele é branca, por isso as pessoas não percebem que eu também sou. Ou então esquecem-se. Às vezes também me dizem cenas racistas.

— E tu?

Sarah encolhe os ombros.

— Umas vezes, insurjo-me. Noutras, não me dou ao trabalho.

— Ah — respondo, e nenhuma de nós tem mais que dizer sobre o assunto.

— Achas que o teu pai tem noção do perigo…

Sarah bate-me com o cotovelo para que eu pare de falar. Um casal de estudantes, aparentemente a caminho da biblioteca aberta vinte e quatro horas por dia, passa por nós.

Certo. Foi para isto que me inscrevi. Seguir o Código de Sigilo significa não falar de ataques demoníacos ao alcance dos ouvidos do público em geral.

Assim que eles se afastam, ela olha por cima do ombro para os ver a virar a esquina.

— Desculpa. O que é que ias perguntar? Se acho que o meu pai tem noção do perigo? Ele sabe das Crias das Sombras e do porquê de as combatemos, mas não

acho que pense que é algo *perigoso*. Ele não consegue Ver o éter, e nunca viu um demónio. Sabe que temos um curandeiro e sabe que a minha Linhagem não é Chamada há décadas, por isso provavelmente pensa que estou protegida do pior. A minha mãe só queria que eu fosse Escudeira se fosse Selecionada por um Herdeiro de alta estirpe, uma vez que é menos provável que eles sejam Chamados para o Abate, sabes?

— Não, não sei. O que é o Abate?

Sarah pragueja por entre os dentes.

— O Fitz é um idiota, mas tem razão. O Nick devia ter-te ensinado estas coisas. Tens direito a conhecer os riscos.

Detenho-me.

— Sar, o que é o Abate?

Sarah respira fundo.

— Quando um Herdeiro é Despertado, todo o poder do seu cavaleiro é transferido para si. O Feitiço da Eternidade é muito poderoso, sabes? Mas, ainda assim, nós somos humanos. Quanto mais tempo os Herdeiros estiverem Despertos, mais isso os drenará. Depois de ultrapassarem a idade limite, a maioria não vive além dos trinta e cinco.

Sinto dificuldade em respirar, em falar. William não me disse nada sobre isto. Não consigo imaginá-lo a morrer tão jovem.

— Aquilo *mata-os*?

Sarah apressa-se a corrigir-me.

— Só se tiverem sido Despertados. É… É por isso que os Lendários são venerados. Por serem guerreiros santos e isso tudo.

Penso em Felicity. Há seis horas, julgava que iria viver até aos seus oitenta anos. Mas agora…

— Os Herdeiros não podem simplesmente escolher *não* lutar? Deixar algum outro parente carregar o fardo?

Sarah pontapeia uma pedra enquanto caminhamos.

— Os Herdeiros não se podem afastar do seu próprio sangue. Assim que Despertam, sentem uma… uma *necessidade*. De lutar. Vinda diretamente dos seus cavaleiros. Se a Tor for chamada, ela vai senti-lo, e quando estivermos unidas, eu

também o sentirei. Assim que absorver um pouco do poder de Tristão através dela, também ficarei sujeita ao Abate.

O meu peito está tão pesado que mal consigo proferir as palavras.

— Porque é que se *sujeitam* a isto?

— Não posso responder por todos, eu fui criada para servir. Além do mais… — Encolhe os ombros, com o rosto a enrubescer. — Eu amo-a. Nunca a deixarei lutar sozinha.

Antes que tenha tempo para perguntar mais alguma coisa sobre a ligação entre Herdeiro e Escudeiro, uma sombra surge de cima. Sarah põe-se à minha frente num piscar de olhos, em posição de combate, joelhos dobrados, um punho em guarda, o outro pronto para atacar.

— Pajem Matthews.

Sel avança três passos determinados na minha direção antes de Sarah se posicionar entre nós. Embora o Merlim seja um adversário superior, com trinta centímetros a mais de altura, a rapariga fita-o, pronta para a luta. A dureza no seu olhar diz-me que seria uma boa luta.

— Para trás, Sel. Eu vou levar a Bree até à residência.

— Não antes de eu a interrogar.

Só quando ele se mexe é que notamos que algo não está bem. Ele *tropeça*. Na verdade, é como se tivesse perdido o sentido da orientação.

Não pensei que fosse sequer possível. Sarah também o fita com descrença.

— Mas que…

— Ela não é o que parece — acusa Sel, com desprezo. Tenta contorná-la, mas a sua velocidade de antes está comprometida. Quando se detém, eleva-se sobre mim… e atrai uma nuvem de fumo quente e opressivo, odor a canela queimada e cabedal. O cheiro é tão intenso que tapo o nariz, enojada, e afasto-me.

— Estás podre de bêbedo, meu. Baza.

Sarah mexe o braço entre nós e empurra-o para longe de mim. Ele bate-lhe na mão… e falha. A precisão de movimentos que sempre demonstrou desapareceu; cada gesto é impreciso, demasiado extenso.

É a coisa mais surreal que alguma vez vi, o que, depois de uma noite como esta, é dizer *muito*.

A minha pergunta é abafada pelos meus dedos.

— O que é que ele tem?

— Está inebriado de éter — responde Sarah, como se isso explicasse tudo. Empurra-o com força, mas Sel deixa cair o corpo por cima dela. Sarah grunhe, frustrada. — Deve ter acabado de unir a Felicity ao Russ. O Juramento do Guerreiro é bastante duro, e esta noite ele Juramentou-vos a todos.

Oh. *Oh*.

Aquele olhar estranho e intoxicado que lhe vi no rosto depois do Juramento de Lealdade. Os olhos raiados de sangue agora. O rosa-escuro dos lábios apartados, o rubor furioso nas bochechas.

— Não estou, não! — declara Sel em voz alta.

Seria engraçado se eu não soubesse quão letal ele realmente é.

Sarah empurra-o com força e Sel rosna-lhe. Surpreendentemente, ela rosna-lhe também. É uma pequena imitação pateta do seu ronco grave, mas *funciona*. Sel pestaneja e lança-lhe um olhar confuso que, de alguma forma, não me parece nada intimidante.

— Estás — insiste Sarah. — E não te vou deixar sozinho com a Bree enquanto estiveres nesse estado. Vamos embora.

— Esta noite não devia ter acontecido, Sar — murmura ele. As sobrancelhas escuras juntam-se como se estivesse a assistir a tudo outra vez. — É a primeira vez que algo como isto acontece… Quando os Regentes descobrirem…

O tom de Sarah torna-se apaziguador.

— A culpa não foi tua.

— Não é isso que eles vão dizer — murmura Sel, com a voz rouca quase levada pelo vento. Os olhos dele aterram em mim e apertam-se, em tom acusador.

— Ela é a Pajem do Nick. — Sarah abana-lhe o ombro. — A Sabedoria do Rei e isso tudo. Que nem te passe pela cabeça tocares-lhe com um ded…

Sel desdenha.

— Foda-se! Ele está adormecido. Não tem sabedoria. Está tão preocupado com o próprio umbigo que não daria pelo Chamado de Artur nem que este lhe mordesse o rabo!

Os olhos dele encontram o selo de Nick no meu peito e endurecem como uma rocha sedimentar.

— Se lhe fizeres mal… — murmura, com a voz fria, oca. — Mato-te. Queimo-te até que o teu sangue fique feito em cinzas. — Sel observa o medo a inundar-me o corpo, e a boca contorce-se-lhe num sorriso perverso. — Sabes que o faço, não sabes? Sabes bem que sou capaz.

Sarah vira-se, e empurra as costas contra o peito de Sel para me poder encarar.

— Eu trato dele. Consegues voltar sozinha?

Os meus pés já me estavam a levar de volta pelo caminho de relva molhada. Agora viro-me e desato a correr enquanto as gargalhadas de Sel me perseguem através do quarteirão.

As minhas mãos tremem tanto que preciso de três tentativas para enfiar a chave na porta. Uma vez aberta, deixo-me cair no chão e fecho-a atrás de mim.

Como se uma porta fosse capaz de deter Selwyn.

Encosto-me contra a madeira, o peito pesado. À espera. Caso Sel mude de ideias.

— Bree?

Sobressalto-me. Com a mão no peito, procuro Alice na luz fraca.

Ela atrapalha-se com o candeeiro da mesa de cabeceira.

— Fazes ideia das horas que… — Detém-se abruptamente quando a luz do candeeiro invade o quarto. — Que merda é esta?

Alice *nunca* pragueja.

Protejo os olhos da luz.

— Desculpa pelas horas.

Alice salta da cama, de pijama, pega nos óculos pelo caminho.

— O que é que te aconteceu?

Nem sei que mentira inventar neste momento. Que merda, de facto.

— Eu… eu…

— Bree? — Paro de gaguejar ao detetar o tremor na voz dela. Está mesmo à minha frente, as mãos a meros centímetros dos meus ombros, os olhos a perscrutar-me o rosto, o peito, as pernas. — *Oh, meu Deus!* Estás ferida!

Pestanejo.

— O quê?

A sua voz está frenética, o pânico a aumentar-lhe o volume.

— Parece que foste *arrastada*! Pela lama! — Tapa o nariz com uma mão. — Cheiras a pântano. Tens buracos na roupa. Estás *imunda*. O teu cabelo está… *Caramba*, Matty. Mas que raio te aconteceu?

17

Abro e fecho a boca como um peixe. Quero mentir-lhe, mas não encontro as palavras. Já não me resta nenhuma. Nenhuma capaz de explicar o que me aconteceu esta noite. O que eu *escolhi* esta noite.

O horror transparece no rosto de Alice.

— Foi alguém que te fez isto?

Abano a cabeça. Não. Ninguém me fez isto. Ninguém humano, pelo menos.

— Podes contar-me se te fizeram mal. — Ela agarra-me as mãos, os olhos marejados por trás dos óculos. — Vou acreditar em ti.

Alice conhece-me há metade da minha vida. Temos um historial de festas de pijama, joelhos esfolados e primeiras paixões, e de nos certificarmos sempre de que os nossos cacifos ficam lado a lado.

Vê-la chorar deixa-me destroçada.

O choro que tenho segurado desde a floresta finalmente rebenta.

— Eu posso chamar alguém. A polícia do *campus* ou…

— Não! — grito, a minha mente visualiza o agente Norris, o diretor… — Não… não foi nada disso. Juro.

— Está bem — acede, com os olhos a dardejar para trás e para a frente enquanto processa. — Se tu… está bem.

Assim que me sinto confiante de que não irá chamar um Vassalo sem se aperceber, encosto a cabeça à madeira da porta.

Alice esfrega-me o antebraço.

— Vamos lá limpar-te.

Tal como com William, deixo-a conduzir-me para fora do nosso quarto, para a casa de banho comum do corredor, e ela leva a minha malinha de artigos de higiene aninhada por baixo do braço. Quando entramos, uma rapariga que lava as mãos num dos lavatórios lança-nos um olhar desconfiado.

Quando chegamos aos duches vazios, Alice pega nas pontas da minha *T-shirt*.

— Vais sentir-te melhor depois de um duche. Precisas de ajuda?

Fala baixinho e lentamente, como quando uma pessoa está tão assustada que não consegue lidar com frases complexas e a outra tenta acalmá-la. Percebo o que ela está a fazer, mas deixo-a continuar, porque resulta.

— Eu consigo — murmuro, e levanto a *T-shirt* por cima dos ombros.

Ela tinha razão em relação aos buracos. Três cortes finos atravessam o tecido no sítio em que as garras do uchel me rasgaram.

A porta abre-se e fecha-se, deixando-nos sozinhas. Alice inclina-se para um dos chuveiros e abre a torneira. Enquanto testa a temperatura da água, afasto-me para me olhar ao espelho.

Não admira que ela tenha praguejado.

Pareço um autêntico caco.

O meu penteado desta manhã já viu melhores dias. Está quase intacto, mas arruinado pela gosma do uchel. Uma substância escura colou-se aos caracóis soltos na testa e na nuca. Olhos brilhantes, bochechas inchadas, bocados de sujidade no nariz. A maior parte da sujidade estava na *T-shirt*, mas parte dela prendeu-se nos braços e no cotovelo. Um longo hematoma avermelhado segue a linha da caixa torácica. Puxo o sutiã para baixo, para a esconder. A moeda de Nick brilha no meu esterno. Tiro o colar e enfio-o no bolso.

— A água está pronta, as tuas coisas estão lá dentro. — Alice surge atrás de mim, observando-me através do espelho. Abre a boca para fazer outra pergunta, mas decide guardá-la para si, o que quer que fosse. — Vou estar lá fora, se precisares de alguma coisa.

Assim que se vai embora, dispo-me tão rapidamente quanto a minha costela permite e entro no chuveiro. A pressão da água é fraca, mas pelo menos está quente. O fedor a uchel flutua ao meu redor num vapor nocivo até que o gel de banho com perfume de baunilha o afugenta.

O meu cérebro tenta juntar as fases que se seguem a um duche — mas nada aparece.

Isto costumava acontecer em casa. Nas semanas após a morte da minha mãe, era capaz de iniciar as tarefas mundanas — despir-me e entrar no duche, abrir o frigorífico e pôr a carne a descongelar, pôr a roupa suja na máquina de lavar —

mas os passos seguintes escapavam-me. Como um moinho velho, a minha mente girava e girava até dar conta do que precisava de fazer a seguir.

O cabelo. Tenho o cabelo sujo. Sim, posso tratar disso.

Não planeara sequer molhar o cabelo durante pelo menos mais uma semana, mas não posso deixar de o lavar esta noite. Não quando tresanda a doença e a pântano. Amanhã, vai estar limpo e incrível, mas estremeço ao pensar no tempo extra que requer. Vou precisar de *pelo menos* mais uma hora e meia até poder voltar à cama, mesmo saltando o amaciador e o penteado e amarrando tudo em cima como um ananás molhado.

Alice regressa quando estou a dividir o meu cabelo espesso e húmido em secções.

— Tudo bem aí dentro?

— Sim. Lembrei-me de que tenho de lavar o cabelo.

— Ui.

— Pois.

Silêncio. Ela não se vai embora. Não me importo, porque quero a companhia. A dela. Apenas a de Alice.

Ela deve estar a pensar no mesmo, porque do outro lado da cortina do chuveiro ouço-a dizer:

— Importas-te que fique aqui? Pareces-me bastante agitada.

— Estava a pensar no mesmo.

— Bruxo, então.

Lavo o cabelo e começo a usar o amaciador, orgulhosa por saber o passo seguinte sem ter de pensar muito nisso.

Há outro passo que também preciso de dar esta noite.

— Alice?

— Sim?

— Desculpa. A situação da pedreira. De certa forma, eu sabia que tu ias se eu quisesse ir e acho que acabei por decidir pelas duas. Eu sei que o diretor ligou aos teus pais, e não sou capaz de imaginar o que eles disseram. Só lamento a minha parte nisso e lamento ter gritado contigo e… — as lágrimas acumulam-se nos meus olhos e as minhas mãos estão demasiado sujas para as limpar — ter-te dito aquelas coisas. Foi injusto e errado.

Alice suspira.

— Desculpa também. A decisão de ir à pedreira foi minha, não tua. Não te devia ter atacado pela tua escolha de cadeiras e por estares aqui. Estava apenas zangada e preocupada. — Uma pausa. — Tal como estou agora. Preocupada e prestes a ficar aterrorizada.

Afundo a cabeça debaixo da torneira. Deixo a água escorrer-me pelos caracóis, separando-os com dedos trémulos. Voltar a dividir em secções, passar champô…

— Vais contar-me o que aconteceu esta noite?

Eu sabia que ela ia perguntar, mas a pergunta ainda me abala. Tenho de apoiar ambas as mãos no azulejo do chuveiro para parar os tremores. Eu estou limpa, no sentido físico. Mas ainda me *sinto* suja.

— Bree?

Fecho os olhos com força, mas as imagens que tentei enterrar ascendem demasiado depressa: os movimentos agudos do peito de Nick quando William lhe *empurrou* o éter para o corpo; Sel, num acesso de fúria tenebroso e amargo, a arrancar os braços e as pernas ao uchel morto, atirando-os para a floresta; a forma como os corpos dos cães infernais… se *dissolveram* passado algum tempo. As memórias ameaçam sufocar-me, tal como as da noite em que a minha mãe morreu.

— *Não posso.*

Outra pausa. O champô cai-me para os olhos. Arde.

— Confia em mim. Por favor? — rogo, tão silenciosamente que não estou certa de Alice me conseguir ouvir por cima do barulho da água. Torna-se mais difícil respirar. As lágrimas quentes da Bree-de-Depois ardem-me por trás dos olhos.

— Está bem.

Não parece zangada, mas vai-se embora sem dizer adeus ou sequer boa noite.

A porta fecha-se, e *algo* em mim volta a quebrar-se. Uma onda de ar abandona-me os pulmões, como se estivesse a suster a respiração há horas e horas.

Depois, a minha pele rebenta em chamas.

Bato com as mãos nas paredes, no chão de azulejos, mas nada impede o florescer rubro que me sobe dos dedos até aos cotovelos. O fogo vermelho-sangue acende-se nas pontas dos meus dedos e espalha-se até aos cotovelos num

espasmo ruidoso. Mesmo debaixo de água, o fogo cresce, envolve-me os cotovelos como uma videira incandescente.

O fogo escalda-me a pele sem queimar, cintila sobre o meu nariz como borboletas selvagens.

Manchas na minha visão passam de pontinhos pretos para piscinas cor de obsidiana. Caio de joelhos, as mãos espalmadas sobre os azulejos, o coração a martelar contra a caixa torácica.

Fogo mágico.

É o que isto é.

Não é azul-prata como o de Sel ou como o dos Lendários, nem verde como o dos cães infernais, mas continua a ser fogo mágico.

Saber o que é não explica o *porquê* de estar aqui.

O porquê da cor crua e repugnante de uma ferida aberta.

O porquê de o fogo parecer vir de *dentro* de mim.

Os únicos seres que vi a expelir fogo mágico assim eram demónios. Sel já pensa que eu sou uma Cria das Sombras. Se ele me vê assim…

— *Oh, Deus* — choramingo.

Deve haver outras explicações: é a reação retardada do meu corpo ao Juramento. É o éter de Sel que ainda sobrou na minha pele, que se tornou azedo devido à minha resistência. É algo que o uchel atirou para dentro de *mim* quando me atingiu. Qualquer uma destas pode ser a verdade. Ou nenhuma. O resultado é o mesmo: mesmo não conseguindo explicar o que está a acontecer, tenho de encontrar uma maneira de o controlar, porque se não…

Sabes que o faço, não sabes? Mato-te. Sabes bem que sou capaz.

Fecho os olhos com força. Encontro a minha barreira. Moldo-a em todas as imagens que alguma vez usei para conter a Bree-de-Depois e toda a sua raiva explosiva e perigosa — entre outras coisas.

Uma parede de tijolo. Feita de aço. Com parafusos do tamanho do meu punho.

Uma barragem de um quilómetro e meio.

Alta o suficiente para conter um gigante, forte o suficiente para reter um deus.

O cofre de um banco com portas à prova de bala com sessenta centímetros de espessura.

Metais inquebráveis, superfícies impenetráveis, alturas inalcançáveis.

Ponho cada parte de mim atrás de tudo isso.
Sem fissuras, sem brechas, sem entradas nem escapatórias.
Empurro, arquejo e choro até estar segura por detrás da minha barreira.
Quando volto a abrir os olhos, as chamas desapareceram.

18

Ao acordar, tenho a mente limpa. Estou cansada, mas sinto-me mais eu própria.

Tiro a touca de cetim e puxo alguns caracóis húmidos. Enrolo alguns fios brilhantes à volta dos dedos e depois volto a pô-los no lugar.

Os meus braços parecem normais outra vez. Familiares. Banais.

Mas o que aconteceu ontem à noite não foi banal.

Revivo mentalmente a explicação de Nick: o éter é um elemento do ar. O fogo mágico é o subproduto que o éter cria quando em estado sólido. Herdeiros e Merlins Despertados utilizam éter para diversos fins. Tudo coisas que já testemunhei. Mas tenho estado tão ocupada a aprender coisas sobre a Ordem e o que são capazes fazer que ainda não fiz um balanço das *minhas* próprias capacidades.

Visão? Resistir à hipnose? E desde a noite passada, Juramentos? Quanto mais sei sobre os Juramentos e o seu papel na estrutura da Ordem, mais concordo com Nick em relação a não expor as minhas capacidades. Mas estas habilidades são passivas e silenciosas. Fáceis de esconder.

O que aconteceu ontem à noite não foi *nada* disso. E se voltar a acontecer perto da divisão, não sei se serei capaz de o esconder.

Quarta Regra. Jamais, seja qual for a ocasião, deixar que vejam éter a sair da minha pele como sangue flamejante.

O meu telefone toca. Franzo o sobrolho. Ficou sem bateria na Sede e não me lembro de o ter carregado ontem à noite.

— Deixei-te o telemóvel a carregar. — Alice está do outro lado do quarto, vestida e sentada à secretária. — Vi que estava sem bateria. Também te trouxe o pequeno-almoço.

Faz sinal com o queixo para um saco de papel que está em cima da minha secretária.

Assim que o vejo, é tudo o que consigo cheirar. Merendinhas doces. Ainda quentes.

— Foste aos *Bojangles*?

— A Charlotte ofereceu-se para os ir lá buscar.

Entreolhamo-nos num silêncio desconfortável.

— Não vais atender?

— Sim. — Pego no telemóvel e no mesmo instante quase desejo que ela o tivesse deixado ficar sem bateria. — Olá, pai.

— Briana Irene. Estou à espera de uma justificação.

Agarro nos *Bojangles*.

O aroma espesso que emana do saco de papel faz-me crescer água na boca.

Merendinhas de leitelho… Alguém me segure.

— Devia ter-te telefonado. Esqueci-me. Tem acontecido muita coisa.

Não é uma merendinha qualquer. É um *Bo-Berry*. Mirtilos e *glacé*. Obrigada, Deus.

— És a maior — sussurro a Alice.

Ela sorri e senta-se na minha cadeira com um ar muito satisfeito.

— Não me digas. Como por exemplo?

— Conheci umas pessoas novas…

— E como é que isso está a correr?

A cada pergunta fico um passo mais próxima da minha desgraça, consigo sentilo.

— Bem.

— Bem por teres sido chamada ao gabinete do diretor? Por teres acabado no banco de trás de um carro-patrulha?

— Foi só uma reprimenda…

Alice arqueia uma sobrancelha. Desaprovação vinda de dois sentidos. Afasto o telemóvel e sussurro:

— Não tens aula agora ou assim?

Ela sorri.

— Estou livre até às dez.

O meu pai continua do outro lado do telemóvel:

— Dizes que me vais ligar de volta, mas não ligas. Depois descubro que estiveste numa festa até tarde?

Volto a sentar-me, alarmada.

— Que festa? — Claro. A festa falsa que Nick e/ou Sel inventaram para cobrir a minha hipnose. — Ah. Aquela festa!

Estou resignada com o facto de arranjar problemas por coisas que *não fiz* para manter em segredo as coisas que de facto fiz. Espera, como é que…

— E voltaste a chegar tarde ontem à noite?

Aquilo deixa-me em choque. A única maneira de ele saber disso seria…

— A Alice tem-me mantido a par, e graças a Deus por isso. Se tivesse de confiar em ti para me contares as coisas, quem sabe quando descobriria a verdade.

Estou demasiado atónita para responder ao meu pai. Tudo o que posso fazer é olhar fixamente para a minha amiga.

— Contaste-lhe?

Sinto uma lança gélida de rancor a atravessar-me o corpo, da cabeça aos pés, que se desvanece ligeiramente quando Alice levanta as mãos e solta:

— Assustaste-me!

Ao mesmo tempo, o meu pai repreende-me:

— Não te zangues com a Alice agora! Tens aí uma boa amiga.

A juntarem-se contra mim, os dois. Agora entendo porque é que ela decidiu ficar para ouvir esta chamada.

— O que é que te deu, caramba? Andas a consumir drogas?

— O quê? *Não*, não ando a consumir drogas.

Lanço um olhar ressentido a Alice, que tenta forçar um sorriso.

O meu pai atingiu o seu limite. Está cansado, ponto final.

— Então o que se passa, filha? Fala comigo.

Alice deve ouvir o pedido do outro lado do telemóvel porque esboça uma expressão expetante, tal como imagino que o meu pai tenha feito. Suspiro. Não consigo lidar com isto, como se já não bastasse tudo o resto. Não posso simplesmente falar-lhes da Ordem, muito menos depois do que aconteceu ontem à noite.

— Desculpa. Eu só… tenho lidado com muita coisa ao mesmo tempo. Mas está tudo bem, a sério.

Mas não está. Fogo mágico a sair da pele não configura um «está tudo bem» em nenhum destes dois mundos em que agora habito.

— Tens lidado com o quê?

O meu pai não desiste.

Pensa, Bree.

— O diretor McKinnon arranjou-me um mentor, um aluno perfeito. Ele tem de me manter debaixo de olho.

O meu pai grunhe.

— O diretor disse-me que ia tentar endireitar-te com a influência de algum tipo de aluno modelo.

As melhores mentiras são aquelas que se aproximam da verdade.

— O pai do Nick estudou aqui, por isso ele é uma espécie de realeza da UCN. Ele meteu-me num daqueles grupos de estudo exclusivos em que só se entra com convite. Casa grande, miúdos ricos. Estilo debutante, cotilhão, mas para estudantes universitários.

Só que em vez de aprendermos etiqueta, aprendemos a combater hordas de demónios.

Ao meu lado, a Alice arqueia uma sobrancelha. O meu pai volta a grunhir, mas não insiste. Em vez disso, muda de estratégia.

— Bree, tenho tentado dar-te espaço desde que a tua mãe morreu, mas acho que cometi um erro. Chegou a hora de intervir.

Uma vaga de ansiedade percorre-me a espinha.

— Intervir? Intervir como?

— Vais começar a ter acompanhamento psicológico. Já tratei de tudo com o Departamento de Saúde do *campus*. Eles aceleraram o teu processo, dado que ainda és menor.

O meu coração acelera.

— Não vou fazer terapia.

Pela surpresa na cara da Alice, ela não sabia da parte da terapia.

— Oh, vais sim. — Nunca lhe ouvi tamanha severidade na voz. — Ou então voltas para casa. — Deixa o ultimato assentar e depois diz: — E então? Estou à espera de uma resposta.

Tento pensar numa desculpa, mas nada me ocorre.

— Está bem.

— Duas vezes por semana.

As minhas mãos fecham-se em punhos.

— Duas vezes por semana.

— A partir de hoje.

— A partir de *hoje*? — grito. — Pai, eu tenho aulas. Trabalhos de casa.

Ele não cede.

— Todas as quartas e sextas, Briana. Já enviei o teu horário à doutora Hartwood. E sabes o melhor? Estava a ver perfis de psicólogos no *site* e vi que ela se formou aí na UCN. Liguei-lhe e perguntei-lhe quando tinha estudado aí, e adivinha? Foi na mesma altura da tua mãe.

Aperto o telemóvel contra o ouvido.

— A psicóloga conhecia a mãe?

Alice endireita-se, com o interesse mais do que estampado na cara.

A voz do meu pai suaviza-se pela primeira vez nesta chamada.

— Conhecia, filha. Disse que tiveram algumas cadeiras juntas, acredites ou não. Achei que isso seria bom, por isso é que a escolhi. Isso e o facto de ser uma mulher negra. Não há muitos como nós naquele *website*.

— Uau — murmuro.

A minha mente agita-se com as possibilidades. Alguém que conheceu a minha mãe enquanto ela esteve aqui. Alguém que pode ter uma pista sobre como ela entrou no radar da Ordem…

O meu silêncio deixa o meu pai inquieto.

— Se não gostares dela, podemos escolher outr…

— Não! Eu quero conhecê-la — respondo, erguendo o polegar a Alice. Ela relaxa e levanta-se para recolher os seus livros e cadernos. — Vai ser bom para mim.

Espero até que Alice saia para atravessar o dilúvio de notificações de ontem à noite.

Quatro chamadas e uma mensagem de voz de Nick. Onze mensagens, também de Nick. Como um dos *Bo-Berry* e ouço o *voicemail*. Nick parece ligeiramente ofegante.

«B. Esta noite foi… acho que só queria saber como estavas. Fico feliz por estares a salvo. Não… não sei por onde começar. Liga-me. Por favor. Ou envia-me uma mensagem. Seja o que for.»

Não foi muito específico, mas talvez ainda estivesse na enfermaria, perto de ouvidos atentos. As mensagens são mais do mesmo.

Ele *tentou* localizar-me. Ele estava *mesmo* preocupado.

Ele chamou-me «B.»

De repente, sinto-me tímida. Ler as suas palavras e permitir que mexam assim comigo é… embaraçoso. Alice foi-se embora, mas continuo sentada na cama a sentir-me exposta. E *quente*. Bem. Confusa. Sem motivo aparente.

Talvez seja por isso que a sua última mensagem de texto, enviada às 2h32 da manhã, seja tão alarmante:

Tens de desistir. Estive demasiado tempo afastado e as coisas estão piores do que eu pensava. Vou descobrir o que aconteceu com a tua mãe. Prometo.

Depois de tudo o que vi, sinto-me tentada a aceitar a oferta. Mas, por outro lado, se o povo dele está em guerra, onde ficará a minha missão na sua lista de prioridades? Toco no ecrã com os dedos:

Não vou desistir.

Ele escreve. Para. Recomeça. Para. E então:

Imaginei que fosses dizer isso.

Sorrio.

Ele volta a escrever-me:

Esta noite, às 6, a divisão vai organizar um jantar na Sede. Requerem a presença de todos os Pajens. Aparece uma hora mais cedo. Há uma sala onde podemos falar em privado.

Aquele calor «sem motivo aparente» invade-me o peito.

Sim, sem problema.

Claro, precisamos de um lugar privado na casa semissecreta da sociedade secreta para falar sobre a nossa parceria supersecreta de infiltração e reconhecimento.

Perfeitamente razoável.

Patricia Hartwood envia-me uma mensagem de texto assim que chego à minha primeira aula.

Olá, Bree! Daqui fala a Dra. Hartwood. O teu pai tratou de tudo para que nos encontrássemos regularmente a partir de hoje. O que achas de nos reunirmos algures no «campus»? Está um dia

lindo!

Parece-me bem. Onde?

Que tal o Arboreto, às 14 h, depois da tua aula de Introdução às Plantas do Piemonte? Parece-me apropriado, o Arboreto depois da botânica!

O humor das mensagens dos adultos é *terrível*.

Okay!

É tudo o que consigo responder, mas por dentro mal posso esperar para a conhecer. E se ela for a chave para desvendar o mistério da minha mãe?

Alice tinha razão. Introdução às Plantas do Piemonte é realmente uma cadeira básica. O professor auxiliar sentou-se num canto e ficou a mexer no telemóvel enquanto «assistimos» a um filme educativo de cinquenta e cinco minutos, praticamente pré-histórico, que insistiu que nos ajudaria na preparação para o teste da próxima semana. Depois deixou-nos sair mais cedo só porque sim, por isso cheguei ao Arboreto antes da hora combinada.

O Arboreto é muito maior do que imaginava. A placa do jardim diz que abriga mais de quinhentas espécies e cultivares. A minha mãe teria adorado. Ao caminhar, imagino uma versão mais nova dela a vir aqui nos intervalos das aulas, a recolher amostras e a escondê-las na mochila. Dobro uma esquina e deixo de sonhar acordada.

Há uma mesa de granito preta no meio de uma gruta artificial, por baixo de um fluxo constante de fogo mágico.

É mais fino do que os laços espessos que se enrolaram à volta dos meus braços ontem à noite, e muito, muito mais suave. Amarelo-pálido em vez de carmesim-vivo.

A mesa fica no meio de um círculo castanho-escuro de terra preta e de uma mistura de palha húmida com folhas e outro tipo de matéria vegetal. Por baixo, umas estatuetas de bronze com as mãos erguidas para o topo da mesa como se sustentassem o seu peso. As estatuetas estão dispostas em filas que desaparecem debaixo da laje, dando a impressão de que há mais além daquelas que se veem à primeira vista. Há uma corrente de éter a fluir por entre os seus braços e pernas e sobre a terra húmida, como uma névoa dourada.

— Eles puseram aqui a mesa para quem quiser ler, estudar ou descansar. E mesmo assim custa-me ficar aqui sentada a fazer qualquer outra coisa que não

seja ficar triste.

A voz vem de um canto escondido da gruta.

Uma mulher negra deslumbrante e com rastas em tons grisalhos está sentada num banco de pedra, um almoço tardio disposto pelo espaço vazio ao seu lado. Um xaile com um padrão brilhante e um forro de franjas amarelas e cor de vinho cobre-lhe os ombros. Os seus olhos são de um tom de terra quente e rico, e o seu rosto oval é de um castanho profundo. Observa-me por detrás de um par de óculos amarelo-brilhantes. Não sou capaz de precisar a sua idade, e não me surpreendo, porque é algo que faz parte da magia das mulheres negras. Ela tanto pode ter quarenta como sessenta anos, como qualquer outro número pelo meio.

— Você é…

— Sou a doutora Patricia Hartwood. — Um largo sorriso espalha-se pelo seu rosto. Faz-me sentir mais leve, mais alegre. — Tu deves ser a Bree.

Estudo esta mulher, examino-lhe o rosto como se esse simples ato pudesse de alguma forma aproximar-me da minha mãe. Como se talvez houvesse um fragmento dela escondido no seu olhar. Uma migalha de vida ainda preservada em alguém que a conhecia de uma forma diferente da minha. Percebo que estou desesperada e desconfortavelmente ávida de qualquer coisa que ela me possa dar.

Ela devolve-me o olhar calmamente, como se fosse capaz de me ler o pensamento.

Os meus olhos voltam-se para a mesa.

— Porque é que isto a deixa triste? — pergunto.

— Olha com mais atenção.

Aproximo-me até ficar a meros centímetros da superfície da mesa. Quando me agacho, o fogo mágico circula em nuvens quentes à volta dos meus tornozelos. As estatuetas não são idênticas, como presumi que eram quando as vi ao longe. Mas têm várias coisas em comum. Cabelo crespo natural. Narizes largos e fortes. Lábios cheios.

Pessoas negras.

São pessoas negras. Todas elas.

Pessoas negras que sustentam o tampo da mesa redonda como centenas de Atlas que sustentam o mundo. Alguns dos homens usam camisas longas por cima das calças. Outros estão de peito despido, os músculos de bronze tensos ao longo

dos estômagos e bíceps. As mulheres de saia aguentam o fardo impossivelmente pesado. Os seus pés estão enterrados na terra húmida, e mesmo assim continuam a fazê-lo.

A minha voz sai baixa e ofegante.

— O que é isto?

— O Memorial dos Fundadores Não Celebrados. A forma de a UCN reconhecer os escravizados e os servos que construíram este lugar — responde, num tom que pende entre o orgulho e o desdém. — Recebemos este memorial e suponho que já seja um começo. Foi um presente de graduação para a turma. Tem a sua importância, não o nego. Mas como posso eu estar em paz quando olho para baixo e vejo que ainda estão a trabalhar? Entendes?

Entendo e muito bem. Este tipo de conhecimento é um preço elevado a pagar. Não me posso esquecer do conhecimento apenas porque o preço é elevado. E, no entanto, por vezes temos de afastar as memórias do presente para nos fortalecermos contra elas no futuro.

A Dra. Hartwood levanta-se do banco.

— Mas não é disso que se trata a nossa sessão.

Levanto-me, mas é difícil esquecer o memorial agora que sei o que — e quem — representa. Também me custa esquecer o seu estranho fogo mágico. Porque é que o éter se juntaria *aqui*? Faço uma nota mental para perguntar a Nick mais tarde.

Por fim desvio o olhar.

— Acredito que o meu pai lhe tenha contado tudo sobre mim.

— Ele tem muito orgulho em ti. — O seu sorriso faz-me lembrar o da minha mãe. Encarquilhado nos cantos. O batom a combinar com o xaile. — Ele disse-me que eras brilhante e, mais do que isso, sensata.

Solto uma gargalhada irónica.

— Sensata? Meti-me em sarilhos na minha primeira noite aqui. Não sou sensata.

— Temo que a sensatez não seja um traço que se possa reivindicar ou dispensar.

— Pois, talvez.

Fico surpreendida com a facilidade com que cedo ao meu próprio sotaque arrastado. Falar com ela parece-me familiar. Como estar em casa. Como reuniões e peixe frito e salada de batata em mesas de piquenique atrás da igreja. Há muito tempo que não me sentia assim, que não deixava a minha boca mexer-se assim. Desde que vim para a UCN.

Sento-me e ela estende-me a mão. Quando as nossas mãos se tocam, um zumbido grave e constante de eletricidade percorre-me o braço até ao cotovelo. Não se compara ao olhar de Sel. O dela é quente como sidra condimentada no Natal. Calda quente em cima das panquecas.

— Prazer em conhecer-te, Bree.

É um facto: ela absteve-se dos clichés. Uma adulta que, sem sombra de dúvida, sabe que a minha mãe está morta. Estou perplexa.

— Hã… — gaguejo. — Igualmente, senhora.

— Patricia, por favor. Ou doutora Hartwood, se preferires, tudo menos senhora. — Patricia balança a mão com desdém. — Guarda isso para as tias que exigem ser chamadas assim.

Rio-me, e ela sorri também. Não tenho falado com tias destas desde o funeral da minha mãe.

— Então é você a minha psiquiatra?

— Psicóloga, conselheira, terapeuta. Gosto mais desses termos. Já há alguns dias que estás a viver no *campus*. Como é que tem sido?

Demónios. Éter. Cavaleiros. Trabalhos de casa. Um rapaz que me faz sentir confusa.

— Normal.

— Hum. — Os olhos castanhos de Patricia parecem perfurar-me o crânio como uma broca de veludo. — Amigos?

— Vim para cá com a minha amiga Alice, mas tivemos um começo um bocado conturbado.

Patricia anui, compreensiva.

— É o normal para alunos que partilham quarto com amigos do secundário. Há quem ache que o novo ambiente desafia as velhas relações.

— Não é bem assim. Também já conheci algumas pessoas em aulas e eventos.

Oh, tu sabes, eventos como rituais feudais secretos.

— Fala-me da Alice.

Quão rude seria dizer-lhe que a única razão pela qual estou aqui é para descobrir o que ela sabe?

— Somos melhores amigas desde pequenas. Candidatámo-nos juntas ao Programa de Admissão Antecipada. Saímos do *campus* para uma espécie de festa na pedreira Eno, presumo que já saiba, e arranjámos sarilhos. Discutimos por isso. Ignorámo-nos uma à outra, mas acho que fizemos as pazes ontem à noite. Mais ou menos. Ainda estou chateada por ela ter ligado ao meu pai, mas acho que compreendo os motivos dela.

As sobrancelhas de Patricia arqueiam-se ligeiramente.

— Estavas ciente de que era contra as regras ir à pedreira?

Algo me ocorre, e endireito a postura.

— O meu pai recebe relatórios sobre o que eu lhe digo?

Ela abana a cabeça.

— É tudo confidencial. A não ser que exprimas o desejo de te magoares a ti ou a outros, ou que descrevas abusos, passados ou em curso. Nesses casos, sou obrigada a fazer uma denúncia à polícia universitária.

— Hum — pondero. — Nesse caso, sim. Tinha noção de que era contra as regras.

— Isso fez-te hesitar?

— Na altura, não.

— E, mesmo assim, foste. Porquê? Qual é a tua opinião sobre isso?

— Estava chateada. Queria apenas sair. Fazer qualquer coisa.

— Que tipo de coisa?

Apesar de não querer responder, penso na inquietação que senti na falésia, antes de Sel me encontrar. A pressão sob a minha pele. O desejo de explodir.

— Não sei.

— Hum. — Patricia não acredita em mim. Nesse aspeto, faz-me lembrar a minha mãe. Não foi por acaso que me candidatei à UCN sem ela saber. Se lhe tivesse perguntado e ela tivesse dito que não, teria sido capaz de detetar a rebeldia no meu rosto. — Vamos mudar de assunto.

— Por mim, tudo bem.

— Gostaria de falar sobre a tua mãe.

Pânico e ansiedade agitam-se no meu estômago, na parte de trás da garganta.

— O meu pai disse que a conhecia.

— Conhecia — diz ela, calorosamente. — Não muito bem. Mas gostava muito dela.

De repente, torna-se difícil engolir. Pensei que queria que ela falasse da minha mãe. Porque é que, agora que o fez, me sinto tão mal?

— Oh.

— Sabes porque pedi para me encontrar contigo aqui, Bree?

A pergunta apanha-me de surpresa.

— Não. Isso é uma pergunta com rasteira?

Ao que parece, a minha resposta apanha *Patricia* de surpresa, porque ela pestaneja e recosta-se na cadeira.

— Estes jardins são abundantes em energia de raiz. Não és uma Artesã Selvagem, como a tua mãe?

19

Choque, medo, esperança — as emoções entram em conflito dentro de mim.

— O que é uma Artesã Selvagem?

Pela primeira vez, Patricia parece nervosa.

— Arte Selvagem é a abreviatura para o ramo de Arte de Raiz que a tua mãe praticava. O tipo de energia que ela conseguia manipular encontra-se em coisas vivas, como plantas, ervas e árvores. No seu tempo de estudante, costumava passar horas aqui nos jardins e… — O seu rosto contorce-se num esgar de compaixão. — Lamento imenso, Bree… Achei que seria um lugar familiar e reconfortante para ti. Pensei que soubesses o que ela era.

Por pouco não caio do banco. Quantas vezes numa semana se pode ter o mundo virado do avesso, fraturado e depois reconstituído? Uma dúzia? Duas dúzias? A Bree-de-Depois faz força contra as paredes que a restringem. Contra a surpresa e os segredos e mais um momento da minha vida que abre uma outra racha no meu mundo. Sinto um formigueiro acirrado na pele. Fecho os olhos e empurro tudo para longe antes que o pânico me domine.

— A minha mãe… manipulava energia?

— Sim.

As perguntas derrubam-se umas às outras como peças de dominó.

— Que tipo de energia? O que é Arte de Raiz?

Será que *toda a gente* aqui guarda segredos?

Patricia recupera a compostura. Bate com uma unha pintada no lábio, os olhos a dardejar para a frente e para trás, apreensiva.

— Não sei se deva dizer mais sobre isto.

De repente, sinto-me tão impaciente e indignada que estou capaz de a abanar até que as respostas lhe caiam do corpo. Gritar até que ela me conte o que sabe. Ranjo os dentes.

— Porque não?

Ela hesita, olha-me nos olhos.

— Não acho que tenha esse direito.

— Porquê? Ela disse-lhe para mo esconder? — Ocorre-me um pensamento. — Ou foi o meu pai?

Ela estende as mãos sobre a saia.

— Não conhecia muito bem a Faye, e não mantivemos contacto depois de nos formarmos. Eu nem sabia que ela tinha uma filha até o teu pai me ligar hoje, não sabia sequer que tinha falecido. E duvido de que o teu pai saiba alguma coisa sobre isto. Na maior parte das vezes, o ofício passa de mãe para filha.

— *O quê?*

Levanto-me repentinamente.

— Bree, gostaria que te acalmasses.

— Porque haveria de me acalmar? A minha mãe tinha uma vida secreta e nunca me contou. *Porque é que ela não me contou?*

— Eu não sei porque é que a Faye tomou as decisões que tomou. Quando um ente querido morre, surgem perguntas como essa, perguntas cujas respostas apenas podemos imaginar.

A confusão e a raiva invadem-me num fluxo de calor.

— E essas perguntas são sempre sobre magia?

— Não lhe chamamos magia.

— Chamamos? — As minhas mãos fecham-se. — Acabei de a conhecer e já são um «nós»? Você e a minha mãe?

Patricia contrai os lábios.

— A minha mãe era botânica. Uma cientista. Há cinco minutos, pensei que qualquer manipulação de plantas que ela fizesse ocorresse num… num laboratório farmacêutico. E agora está a dizer-me que ela me *mentiu*.

A expressão de Patricia suaviza-se.

— Obrigada por partilhares como tudo isto te está a fazer sentir. Tens razão. Devo-te mais do que aquilo que disse. Por favor, senta-te.

Uma reviravolta.

— Mudou de ideias, assim, sem mais nem menos?

Os seus lábios curvam-se num sorriso.

— Acredito que, na minha área, a agilidade emocional faça parte do trabalho.

A minha respiração torna-se entrecortada. Os meus punhos recusam abrir-se. Mas eu sento-me.

— Sabes o que são auras?

A visão do fogo mágico vermelho assoma-me num fluxo de calor. *Aquilo* era uma aura? Não era de todo fogo mágico? Patricia volta a atenção para o meu rosto, mas, antes que tenha tempo de repetir a pergunta, desenho um círculo vago com uma mão à volta da cabeça.

— Cores à volta das pessoas?

— Quase isso. As auras são a tua energia pessoal. Refletem o estado do teu espírito.

— Como é que elas são?

— Pelo que sei, parecem-se com uma espécie de nevoeiro ou névoa fina.

Aquele fogo mágico *irrompeu* pela minha pele, apenas fogo, raiva e sangue. Não era uma aura, portanto.

— Quando eu estudava aqui, tinha uma amiga chamada Janice que era uma Leitora, alguém cujo ramo de Arte de Raiz lhe permitia ver as auras das pessoas. Emoções, intenções, habilidades. Um dia, a Janice viu-me a mim e à tua mãe a falar fora da aula e mais tarde disse-me que a tua mãe conhecia o ofício. Por isso, pedi à tua mãe que praticássemos e partilhássemos. Ela foi muito educada, mas recusou. Pareceu tão desconfortável com a minha oferta que nunca mais falei daquilo. Não fiquei ofendida. Pensei que talvez ela tivesse a sua própria comunidade. Nós tendemos a manter a arte privada, mas eu pensei que talvez ela seguisse um código mais rígido; a Arte de Raiz é ensinada no seio das famílias, e diferentes famílias têm diferentes abordagens. Ainda assim, surpreende-me que a tua mãe nunca te tenha falado das suas capacidades.

O ar foge-me do peito. Para onde foi? A minha mente está a apagar-se, a fechar-se.

— Bree? — Patricia inclina-se para a frente, entrando no meu campo de visão. — Respira fundo. Fecha os olhos e pensa em algo ou em alguém que te tenha feito sentir segura nas últimas vinte e quatro horas.

Sigo as suas instruções — e a minha mente viaja até uns olhos azuis e escuros como uma tempestade.

Respiro fundo algumas vezes antes de abrir os olhos. O pânico ainda lá está, mas já não me consegue dominar.

Acredito no que Patricia me disse. Depois de tudo o que já vi aqui, seria uma estupidez achar que não há mais nada para aprender. Mas, de todos os segredos que julguei vir a descobrir, nunca pensei que a vida da minha mãe — e a magia que ela detinha — fosse um deles. Arte Selvagem, manipular a energia das plantas. Que perigo haveria em partilhar essas capacidades com outras pessoas como ela? Terá achado que Patricia era perigosa? Parece-me improvável — ela deixou-a em paz. A militância da Ordem é razão mais do que suficiente para manter a discrição neste *campus*. Mas se foi esse o seu motivo, tal significa que ela sabia da existência da Ordem e dos Merlins muito antes de eu nascer. Então, será que um Merlim a conhecia? O meu instinto diz-me que sim. Por que outra razão estaria um no seu leito de morte vinte e cinco anos mais tarde?

Patricia levanta-se para enrolar o xaile à volta dos ombros.

— Pela tradição, cabe à tua mãe ensinar-te tudo isto. O facto de não saberes quando a tua mãe descobriu as suas próprias capacidades significa que ela teve um motivo para reter essa informação. E isso significa que, por questões éticas, *eu* preciso de considerar o que significa contar-te o que a tua mãe não te contou. Talvez seja a terapeuta em mim a falar, mas gostaria de respeitar os seus desejos. Acho que, por hoje, devíamos ficar por aqui. Voltaremos a encontrar-nos na sexta-feira e eu informar-te-ei da minha decisão.

— *Não!* — Ponho-me de pé, com o coração a bater. — Preciso que me conte tudo. Eu preciso de saber…

Ela faz uma pausa, franze as sobrancelhas.

— Precisas de saber o quê?

O que é que posso dizer? Se contar a alguém que suspeito de que a Ordem foi responsável pela morte da minha mãe, posso pôr essa pessoa em perigo, mais ainda se essa pessoa utilizar éter. E se a minha mãe ocultou a Patricia partes de si mesma, deverei fazê-lo também?

Opto por partilhar o que é mais seguro, e profiro-o com cautela:

— Eu sei do éter.

Patricia solta o ar pesadamente e, nesse mesmo instante, sei que disse algo errado.

— Onde é que aprendeste essa palavra?

— Não… não posso dizer.

Patricia lança-me um olhar perspicaz e avaliador. Ela sabe que estou a esconder alguma coisa. *Tal mãe, tal filha*, penso.

— Respeito e valorizo a confidencialidade, por isso não te vou questionar sobre o que sabes ou sobre como o sabes. Em vez disso, terei como objetivo conquistar a tua confiança. Mas devo dizer-te que os… *praticantes* — pronuncia a palavra como se lhe tivesse deixado um sabor amargo na boca — que usam a palavra «éter» não fazem parte do povo da tua mãe.

— O povo da minha mãe? — indago.

— O povo da tua mãe. O nosso povo. Nós somos os descendentes daqueles que desenvolveram a Arte, e não chamamos «éter» à energia invisível do mundo. Chamamos-lhe «raiz».

— Agora que voltámos a ser melhores amigas, queres vir jantar comigo? Uma rapariga da minha turma de Clássicos quer ir sair. — Alice franze o nariz. — É «Noite Italiana» no Lenoir, seja o que for que isso signifique.

Desde que acabámos as aulas do dia, temos estado deitadas nas nossas camas com os telemóveis na mão. Não sei bem o que a Alice tem estado a fazer, mas eu não paro de abrir compulsivamente a minha aplicação de mensagens, como se o Nick me tivesse enviado uma mensagem e a aplicação simplesmente se recusasse a revelá-la. Talvez seja desta. Talvez seja *desta*. Talvez *agora*?

Não é embaraçoso se ninguém me vir a fazê-lo, certo?

Começo a escrever nada menos do que sete mensagens diferentes, mas apago-as a todas antes de enviar, porque… e se eu lhe enviar *de facto* uma mensagem e ele não me responder?

Mais importante ainda, o que é que eu lhe diria?

Decidi não lhe falar do meu encontro com Patricia. Pelo menos até descobrir mais coisas. E, mesmo assim, ainda não tenho a certeza do que *deva* partilhar com ele, ou seja com quem for.

Se a minha mãe sabia da Ordem, da sua reivindicação sobre a magia e da sua tendência para pôr os seus utilizadores à prova (ou pior), faz sentido que tenha escondido as suas capacidades no *campus*, tal como estou a fazer agora. Se o que

Patricia disse é verdade, então ligar ao meu pai não terá utilidade alguma, porque a minha mãe também lhe escondeu esta parte da sua vida. Até agora, apenas Nick sabe de mim e do que sou capaz de fazer, sem contar com o fogo vermelho. Talvez seja assim que as coisas devem continuar.

Sinto-me absolutamente confusa, atiro com o telemóvel para longe do meu alcance e deixo-me cair em cima das almofadas, a fitar o teto com um suspiro de frustração.

Saber que a minha mãe esteve no *campus* da UCN há vinte e cinco anos, a fazer exatamente o que estou a fazer agora — a guardar segredos, a esconder partes de si própria —, faz-me sentir mais próxima dela e, ao mesmo tempo, como se nunca a tivesse realmente conhecido.

Quem foi ela, *realmente*?

— Bree? — pergunta Alice, afastando-me dos meus pensamentos. — Noite Italiana?

— Tu sabes o que significa Noite Italiana — respondo, e sento-me direita, voltando a pegar no telemóvel, porque, ao que parece, estou empenhada em ser ridícula. — Esparguete ensopado e demasiado cozido com molho demasiado líquido. Lasanha deprimente que ficou duas horas esquecida debaixo de um aquecedor.

— Fica entre a massa deprimente e a praça da alimentação. Qual preferes?

A janela do nosso quarto no último andar está aberta. Os gritos da multidão da festa de quarta-feira à noite chegam-nos da calçada abaixo. Segundo Charlotte, que passou pelo nosso quarto à saída, «a noite de quarta-feira é a nova noite de quinta-feira, e, a propósito, ninguém sai à sexta-feira».

— Não posso ir a nenhum deles — murmuro, e o meu estômago revira-se com mais uma mentira. — Aquele grupo de estudo de que falei… Estão a organizar um jantar esta noite na casa deles.

Do outro lado do quarto, Alice senta-se.

— Como é que esse grupo se chama mesmo?

Estou pronta para a pergunta e mantenho a voz mais calma que me é possível.

— É uma das sociedades secretas.

Alice arregala os olhos.

— Já ouvi falar disso! Podes dizer-me qual?

— Não, desculpa — respondo. *Lamento imenso, Alice*.

Ela faz beicinho.

— Estava com esperanças de ser recrutada pela Ordem do Tosão de Ouro, mas disseram-me que eles não aceitam pessoas do Programa de Admissão Antecipada. Se isso não resultar, vou apostar na DiPhi.

A DiPhi é a sociedade de debate estudantil mais antiga da UCN. Se Alice se juntar a eles, ambas estaremos em organizações históricas estudantis. A única diferença é que ela poderá mencionar a sua no currículo.

Mentir a Alice depois do que aconteceu na noite passada e esta manhã faz-me sentir uma completa idiota. Talvez seja por isso que Sel é como é. Zangado e rabugento e paranoico. E talvez este seja outro motivo para Nick não se querer envolver com a Ordem. Todas as mentiras, o esforço que requer estar neste *campus* e viver duas vidas diferentes. Suspiro.

— O Nick diz que tenho de manter tudo em segredo, manter tudo em segurança.

— Acabaste de citar *O Senhor dos Anéis*?

— Nã. — Sorrio. — *A Irmandade do Anel*!

O seu rosto assume uma expressão de astúcia.

— Porque é que dizes o nome dele assim?

— Digo como o nome de quem?

Os cantos da sua boca soerguem-se.

— A tua voz ficou toda esquisita quando disseste «Nick». É tal qual como costumavas dizer o nome do Scott Finley.

— Eu não dizia o nome do Scott de nenhuma maneira específica. — Não havia necessidade de ela me expor assim. Foi com onze anos que tive um fraquinho por Scott Finley, o jogador de basebol.

Os cortes mais profundos são os dos melhores amigos.

Alice aponta-me o dedo de forma acusadora.

— Mentirosa que mente mentiras! — O meu coração aperta, mesmo sabendo que ela está a brincar. Ela precipita-se para a minha cama. — Como é que ele é? O Nick?

Apenas voltámos a falar — a falar a sério, como melhores amigas — esta manhã, mas o calor dos seus olhos castanhos preenche-me de uma forma que eu

não sabia que precisava. Com os segredos — e as mentiras — da minha mãe a pairar desde a sessão com Patricia, e as memórias da noite passada a insurgir-se de duas em duas horas como um pesadelo, estar aqui sentada com a minha melhor amiga a falar sobre um rapaz giro é para lá de refrescante. E, contrariamente a tudo o resto na minha vida neste momento, é fácil.

Mesmo assim, sinto as bochechas a arder.

— Cabelo loiro, olhos azuis e…

— E?… — insiste Alice, a gesticular, à espera de mais. Uma gargalhada libertadora escapa-me dos lábios. *Meu Deus,* isto sabe bem.

As palavras saem-me da boca antes que tenha tempo de pensar nelas.

— E parece um gladiador. Como aqueles tipos giros com formas estranhas desenhados nos vasos de cerâmica da Grécia Antiga. Alto e atlético e… — Nick a conduzir-me para um lugar seguro com a sua espada, o olhar férreo de medo e concentração — heroico.

— Aii! — Alice cai para o lado. — Vês, isso é o que é bom. Apesar de os gladiadores serem romanos.

Bato-lhe levemente com o pé nos joelhos.

— E tu? Alguma rapariga te chamou a atenção?

Ela dá-me uma palmada no pé.

— Boa tentativa, mas as tuas deflexões de assunto não funcionam comigo. Sou imune. Vamos continuar a falar sobre a tua paixoneta pelo teu mentor. Tipo, a pessoa que devia estar a ensinar-te tudo sobre a universidade. E a dar-te explicações sobre como alcançares o sucesso após o teu breve desvio para a delinquência.

— «Paixoneta» não é o termo mais correto. Acabei de o conhecer.

— Bree. — Agarra-me os tornozelos com ambas as mãos. Com uma falsa expressão de solenidade, declara: — Isto é como um livro. Ou um programa de TV onde todos têm um cabelo fantástico e são demasiado velhos para interpretar um adolescente. Tu és *literalmente* uma comédia romântica ambulante neste momento.

— *Alice!*

Dou-lhe pontapés até ela me largar e se levantar com um sorriso.

— Tenho de ir ter com a Teresa — diz, a andar para trás e a apontar para mim —, mas quando voltares vais ter de me contar *tudo*, Briana Matthews!

Sorrio, apesar de não poder contar tudo à Alice. Nunca. Jamais, se a quiser manter em segurança.

20

Quando bato à porta da Sede, é Evan quem abre.

Um sorriso aflora os lábios do ruivo.

— Cá está ela! A Pajem que *finalmente* tirou o nosso cavaleiro errante da floresta.

— Cavaleiro errante?

Ele afasta-se e eu atravesso a porta a sacudir o guarda-chuva. Começou a chuviscar no caminho para cá.

— Sim — responde, e pega no guarda-chuva e põe-no no suporte de bronze do átrio. — É uma expressão antiga para um cavaleiro que faz o que quer, vagueia por aí e assim.

— E o Nick é assim?

Evan sorri, despreocupado.

— Agora já não.

— Evan, rapaz de fraternidade durante o dia, Escudeiro de uma ordem secular durante a noite. Como é que consegues?

— Magia — diz ele, fazendo uma vénia com um floreio.

Rio-me, mas depois penso em Alice e na minha vida dupla.

— Não, a sério. Como é que consegues mentir à Charlotte todos os dias sobre quem realmente és e o que realmente fazes?

Ele pisca-me o olho.

— Mentir é fácil quando se luta pela causa certa.

— Hum. — Considero as minhas próprias mentiras e causa… e a pessoa que está a mentir ao Evan e a toda a divisão por minha causa. — Sabes se o cavaleiro errante está por aqui?

— Quem é o cavaleiro errante?

Uma voz divertida intervém do topo das escadas.

— Aqui está ele!

Apoiado na balaustrada, Nick lança a Evan um olhar divertido.

— Deixa lá de assediar a minha Pajem, Ev.

Evan afasta-se, de mãos no ar.

— Com certeza, meu suserano.

Nick resmoneia.

— Já agora, também podes parar com essa treta do «meu suserano». Anda comigo, Bree. Evan, deixa-te estar.

Evan fecha a porta com uma gargalhada que ecoa pelo átrio.

Nick está à minha espera no cimo das escadas, e eu culpo totalmente a Alice Chen pelas coisas que me passam pela cabeça enquanto subo ao seu encontro, porque tudo em que consigo pensar é que ele parece um sonho saído de uma comédia romântica e que ganhou vida. As mãos dele estão enfiadas nos bolsos de um par de calças de ganga escuras, e traz vestida uma camisa *Henley* azul que lhe realça os olhos. Olhos que também me perscrutam, com uma expressão suave e inescrutável.

Quando chego lá acima, Nick inclina ligeiramente a cabeça para a esquerda.

— Por aqui.

Enquanto o exterior é um castelo e o interior, um casarão, o segundo andar, garrido de vermelhos, castanhos e amarelos, é verdadeiramente a origem do nome Sede. O chão de pinho restaurado mantém os nós e os rebordos das árvores originais, e o tecido pesado de brocado que reveste as paredes faz o lugar parecer aconchegante e residencial. A música de alguém está a tocar alto o suficiente para fazer as arandelas tremer.

Abre-se uma porta da qual surgem Felicity e Russ, e o riso miudinho de ambos preenche o corredor. Quando o casal dá conta da nossa aproximação, o rosto de Felicity torna-se vermelho como o seu cabelo.

— Oh! Ol… Olá.

Acena com uma mão enquanto, com a outra, afasta Russ, que está praticamente colado a ela. Tem um ar adoravelmente nervoso, ao passo que Russ está abertamente radiante. Não sei se me deva rir ou sentir pena.

Nick não hesita.

— Felicity, como te sentes?

Russ inclina-se para ela, acariciando-lhe o pescoço.

— Sim, Flick, como é que te sentes?

Os olhos de Felicity arregalam-se e ela empurra-o — com mais força do que o necessário. Russ é atirado para cima de tal forma que fica suspenso no ar por um segundo antes de aterrar de cócoras do outro lado do corredor.

Felicity abre a boca, horrorizada, e pede desculpa. Russ ri-se de forma descontrolada, mal conseguindo formular uma resposta:

— Ficaste esclarecido, Nick?

— Sou capaz de responder por mim própria, obrigada! — Felicity caminha até nós com toda a dignidade que consegue reunir. — Sinto-me bem, Nick, obrigada por perguntares. Apenas não… — Olha para o seu Escudeiro, já de pé, com um largo sorriso. — Não me habituei à força.

— Eu posso dizer o mesmo — diz Russ, aproximando-se.

— E descobrimos que Lamorak tinha um temperamento difícil — acrescenta Felicity. — Não é propriamente a minha herança favorita.

— Vocês estão bem? — Nick arqueia uma sobrancelha. — Não estavam a lutar um com o outro, pois não?

— Não. — Felicity cora. — Não exatamente…

Nick abre a boca, nota o riso mal contido de Russ, e as suas bochechas enrubescem.

— Encontramo-nos lá em baixo para o jantar.

— Sim!

Russ envolve os ombros da sua Herdeira com um braço.

Os dois descem as escadas rapidamente e Nick indica-me que continue a andar. Paramos num quarto com o número 208 e ele tira uma chave do bolso.

— Eu nunca o uso, mas o meu pai guarda este quarto aqui para mim.

— Porque é que não o usas?

Nick encolhe os ombros, ao mesmo tempo que empurra a porta.

— Viver aqui enviaria um certo tipo de mensagem.

Começo a perguntar-me o que quererá dizer com aquilo, mas a visão do quarto, e a perceção de que é ali que ele quer falar, deixa-me num estado de abalo temporário.

A divisão é grande o bastante para acomodar uma cama grande, uma cómoda, um armário cheio de gavetas e uma mesinha de cabeceira, e ainda sobra espaço, o que é mais do que posso dizer sobre o meu quarto. Gostava de saber se todos os quartos da Sede têm uma disposição semelhante, com mobiliário semelhante. Talvez os quartos ocupados pelos outros membros não estejam decorados com riscas azuis e brancas, com tema naval, e um tapete em forma de âncora ao pé da cama.

Não haja dúvidas de que Lorde Davis passou muito tempo em lojas de decoração.

Nick fecha a porta depois de entrarmos. Quando avanço mais para dentro do quarto, percebo que os nossos quartos têm algo em comum: mal foram habitados. Não há nada neste que indique que pertence a alguém, muito menos a Nick.

Quando me viro para lho dizer, vejo-me envolta nos seus braços, o seu cheiro a roupa lavada e cedro abraça-me numa nuvem quente. As mãos dele são tão grandes que me cobrem toda a coluna vertebral, irradiando calor onde quer que me toquem. Com a cara afundada no meu pescoço, Nick murmura:

— Aquela coisa ia matar-te mesmo à minha frente. Só conseguia pensar que a culpa era toda minha por te ter trazido para cá.

A preocupação e a culpa na sua voz abafada fazem-me sentir o ardor das lágrimas nos olhos. Por instinto, os meus braços também o envolvem.

— É curioso que digas isso — exprimo, a tentar aliviar os ânimos. — Eu tenho-me culpado a mim mesma por te ter trazido *a ti* para cá.

Quando se ri, sinto os músculos das suas costas moverem-se sob os meus dedos.

— Bem, eu fui o primeiro a dizê-lo.

Sorrio contra o ombro dele. As minhas respostas «sem motivo aparente» tornam-se subitamente justificadas.

Nick levanta a cabeça. O seu olhar deambula-me pelo rosto, pela bochecha curada, pelo peito.

— De certeza que estás bem?

A mão esquerda dele paira sobre o meu flanco, os dedos tocam ao de leve no material de algodão que cobre o hematoma agora roxo-escuro e preto nas minhas costelas. É então que parece dar conta de quão próximos os seus dedos

estão de outras partes do meu corpo, e recua. Os nossos braços descaem de forma desajeitada.

Fico perplexa ao ver que ele sabia exatamente onde estava a minha ferida — que esteve atento ao ponto no qual o uchel me agarrou. E sou atraída para as duas dedadas rosadas que tem nas bochechas.

— Hematomas — murmuro, ainda quente e confusa. — São apenas hematomas.

A voz sai-lhe ligeiramente rouca.

— Ainda bem.

— Sim.

— É.

Pigarreio.

— Como está a tua cabeça?

Ele esfrega a nuca.

— Como se tivesse batido contra alguma coisa?

— É uma resposta ao mesmo tempo inacreditável e normal, não é?

— Condiz com esta situação ao mesmo tempo inacreditável e normal.

Há um brilho no seu olhar.

Entreolhamo-nos, lutando com este momento que parece novo e desconhecido, uma mistura entre algo que pedimos e algo por que não esperávamos. Os olhos de Nick são da cor do céu nublado.

Sou a primeira a afastar-me.

— Quer dizer que este é o teu quarto. — *Porque é que eu disse isto? Já falámos sobre isso, Bree. Jesus!*

— Não assumo responsabilidade alguma pela decoração.

Estava enganada. O quarto não é inteiramente carente de Nick. Há alguns objetos pessoais presos num quadro de cortiça suspenso sobre a secretária. Quando me aproximo, reparo numa imagem de um Nick no ensino básico, em frente ao *habitat* do lobo vermelho no Jardim Zoológico da Carolina do Norte. O seu cabelo é loiro, a abeirar-se do branco, e o sorriso é desdentado. Há um prémio de mérito académico mesmo abaixo da fotografia. O último objeto é uma fotografia impressa de Nick com onze ou doze anos, Lorde Davis e uma loira sorridente que deduzo que seja a mãe de Nick. A mulher tem os olhos e o

sorriso dele, embora, nesta fotografia, o sorriso de Nick seja dominado por um aparelho ortodôntico. A família está em frente a uma grande colina sob um céu azul-claro.

— O Trono de Artur — informa-me Nick. — O pai levou-nos a Edimburgo nas férias de verão. Não foi capaz de resistir a uma sessão fotográfica com o filho Herdeiro.

— Pareces feliz.

Ele inclina a cabeça como se estivesse a processar a ideia.

— E éramos. Na altura.

— Nunca te ouvi falar da tua mãe.

O seu sorriso desvanece-se.

— Fica para outro dia.

Nick estuda-me, como na noite em que nos conhecemos. Parece que foi há uma eternidade, mas só se passaram quarenta e oito horas. *E daqui a quarenta e oito horas, vou ficar a saber mais sobre a magia da minha mãe, e talvez sobre a minha própria magia.*

— Temos de falar.

Levanto uma sobrancelha.

— Sobre o facto de seres o descendente do Rei Artur?

— Eu não sou *o* descendente. Apenas um de *muitos*.

— Porque é que não me disseste? — pergunto, irritada.

Um calor trespassa-lhe os olhos.

— E quando é que achas que o devia ter feito? Exatamente quando, Bree? Naqueles dez minutos antes do Juramento? Nos dois minutos antes de o Sel te ter atacado?

Cruzo os braços.

— Sim.

Nick olha para mim, o maxilar trémulo. Inspira, e depois solta o ar pelo nariz.

— Já te falaram das Linhagens?

— Eu vi a Muralha.

— Quem?

— O William.

— E que mais te disse o William?

— Também fiquei a conhecer Camlann.

O seu olhar endurece.

— Então sabes o que me leva a querer que desistas.

— Já te disse que não vou desistir. — Pestanejo, assustada com o olhar que me dirige. — Fizemos um acordo!

— E a noite passada mudou o acordo. Se Camlann está mesmo a chegar, então tornares-te Escudeira… Minha, do William, do Pete… É demasiado arriscado. E depois não poderás simplesmente desistir porque estaremos em *guerra*. — Ele agarra-me pelos braços e inclina a cabeça para me olhar diretamente nos olhos. — *Morre* gente durante o Camlann, Bree.

O pânico agita-se no meu peito como um pássaro enjaulado.

— Não, esta é a única maneira. Este ano. Neste momento.

— Nunca devia ter concordado com isto, mas queria ajudar-te. Eu… — Os dedos dele apertam-me com mais força. — Tornares-te Escudeira em tempo de paz é uma coisa. Assim que reclamei o meu título, tinha planeado intervir, tirar-te de lá antes de fazeres o Juramento do Guerreiro. Mas agora? A Ordem está em alerta, e eu *conheço* o Sel. Podem ordenar-lhe que te ligue ao teu Herdeiro e… e eu não te posso deixar fazer isso.

Liberto-me das mãos dele. Consigo ver a palavra no seu olhar, ainda que ele não a diga: Abate.

Nick não quer que eu sofra as consequências de uma ligação. Não quer que eu morra antes do tempo. O afeto — e o medo — que demonstra, tudo por mim, deixam-me com a cabeça à roda. Mas há ali determinação, bem vincada nas linhas definidas do seu rosto. Neste momento, está a dar-me a opção de me afastar. Mas agora que sei quem ele é e no que se pode tornar, sei que essa hipótese de escolha me pode ser retirada a qualquer momento.

Perscruto o seu olhar e pergunto-me: será que ele o faria? Expulsar-me? Iria eu permiti-lo?

Mudo de estratégia.

— Sou capaz de resistir ao Juramento.

— Talvez sejas, mas o teu Herdeiro vai sabê-lo, e por isso o Sel vai saber também. E vai mandar-te para os Regentes.

— E tu podes ordenar-lhe que não o faça. Ou arranjamos outra maneira de descobrir a informação. Ou talvez eu faça o Juramento e me limite a deixar que aconteça! — Lanço as mãos ao alto. — Eu sei o que é o Abate.

Os olhos dele arregalam-se como se eu tivesse dito um palavrão.

— Isso é…

— O que estou disposta a arriscar para chegar à verdade! — Ele abre a boca para protestar, mas volto a cortar-lhe a palavra. A decisão tornou-se clara assim que a proferi em voz alta. — Ela teria feito o mesmo por mim.

Após um longo e apreensivo olhar, Nick assente com a cabeça.

— Não gosto, mas compreendo.

A tensão no quarto dissolve-se em parte, e é-me agora possível respirar com mais facilidade.

— Talvez o Camlann não aconteça. O William disse que Artur não Chama o seu Herdeiro há duzentos e cinquenta anos.

— Não precisou de o fazer, mas isso não quer dizer que não o venha a fazer. — Passa uma mão pelo cabelo. — Meu Deus, quem me dera que as coisas fossem diferentes para ti. Fazes ideia de quantos Herdeiros e Escudeiros gostariam de simplesmente poder virar as costas a isto tudo?

— Tal como tu fizeste?

O maxilar de Nick contrai-se; depois ele faz um esforço para relaxar. Dou conta de que, desde que nos conhecemos, tenho sido testemunha de que Nick está a reviver uma versão do mesmo ciclo: raiva, contenção, resignação.

— Ninguém, nem sequer os Regentes, pensou que eu ia ser Chamado. A minha renúncia foi simbólica. Política. Um protesto infantil. E vão ser necessários passos simbólicos e políticos para restaurar a fé do Reino, e da Távola, em mim. Para reclamar o título por completo.

Antes da noite passada, as probabilidades estavam a favor de Nick. Decorreram duzentos e cinquenta anos desde que alguém da sua Linhagem precisou de assumir a sua posição ou teve poderes para tal. Agora sou capaz de o entender. O desespero que lhe vejo no rosto é por mim, mas também por si mesmo. A estrada é longa, e as pontes foram queimadas.

— O que é que te podia acontecer se… se…

Ele senta-se no parapeito da janela. Suspira.

— Se eu for Chamado e Despertado, herdo a força e a sabedoria de Artur. Tenho treinado para esse momento desde que aprendi a andar. Se o exército das Crias das Sombras está a chegar, não vou deixar que os meus amigos o combatam sozinhos.

— E o Abate?

O seu semblante torna-se grave.

— O meu pai diz que o foco é o presente mais precioso da morte.

— A morte não dá presentes.

— Diz isso a um Herdeiro.

Empurro-lhe o pé e ele desvia-se para que possamos partilhar o espaço.

— Tu não queres liderar — digo.

Ele responde sem me olhar nos olhos.

— Nunca quis.

— Não queres a glória? — Aproximo-me dele. — Não queres ser rei?

É então que Nick se vira para mim, o olhar sério.

— Bree, se eu conseguir isso tudo, isso significa que Camlann é inevitável. Eu não quero que o mundo *precise* de um rei.

21

Dez minutos depois, descemos as escadas com uma espécie de consciência espinhosa a pairar entre nós. Na véspera, quando entrámos no salão, estávamos na mesma página, mas cada um tinha informação limitada sobre a natureza da situação de ambos. Vinte e quatro horas depois, o mundo de Nick está à beira da guerra e eu estou a preparar-me para desvendar a verdade sobre a minha mãe. À medida que cada um for trilhando o seu caminho, seremos nós ainda capazes de encontrar terreno comum?

Quando chegamos ao átrio, os sons da reunião chegam-nos da ampla sala de jantar, na divisão contígua. Talheres tilintam. Cadeiras arrastam no chão. Vozes.

Volto-me para trás e apanho Nick a olhar para mim, e a minha própria incerteza refletida na expressão do seu rosto.

— Estamos bem, B.?

Assinto.

— Estamos bem.

Nick parece hesitar.

— Não sei porquê, mas…

De repente, as portas da frente abrem-se e uma chuva leve e húmida respinga sobre o piso de azulejo. Lá fora, três mulheres embrenhadas numa conversa agitam os guarda-chuvas no pátio antes de entrar. Estão vestidas dos pés à cabeça num estilo clube chique: blusas, *cardigans*, calças *capri*, ténis brancos imaculados. Os seus rostos pálidos, de contornos perfeitos, iluminam-se quando avistam Nick.

— Não posso crer…

A mulher da esquerda usa um cachecol amarelo-torrado, a cor da Linhagem de Owain.

— Aquele é?…

— Nick Davis. — A mulher mais alta, morena, fala com uma rouquidão grave. A primeira mulher acotovela-a, e ela corrige-se. — Perdoe-me. Herdeiro Davis.

Nick inclina a cabeça, cumprimentando-as.

— Membros da Rosa: Hood, Edwards e Schaefer. O que as traz até à Sede? — Recua para as deixar entrar. — As provas do torneio são à porta fechada, como sabem…

Levo um instante, mas reconheço os apelidos e características faciais. Estas três são mães dos membros da divisão: Pete Hood, Herdeiro de Owain; Ainsley Edwards, uma Pajem do segundo ano; e Vaughn Schaefer, da minha turma de Pajens.

Os olhos de Schaefer, membro da Rosa, cintilam quando atravessa a porta de entrada. Dirige-me um sorriso educado e um aceno, lançando depois um olhar astuto a Nick.

— Ouvimos um rumor de que tinha regressado.

— Elena, por favor. — Edwards abana uma das mãos, as unhas pintadas no tom laranja-escuro dos Bors. — A Ordem da Rosa *sempre* supervisionou o *catering* durante as Provas. — Ainda a dirigir-se a Nick, estende o guarda-chuva na minha direção, com o cabo à frente. — Deixa-o a secar. Continuando, a refeição de hoje à noite…

Para de falar ao perceber que não sigo as suas instruções. Vira-se e olha realmente para mim pela primeira vez.

— Não fui clara?

A indignação e a ira ardem em mim como uma fornalha.

— Foi bastante clara — murmuro, por entre os dentes.

Ela respira fundo, irritada.

— Onde está o teu supervisor?

— Esta é Briana Matthews, a minha Pajem. — Nick pega ele mesmo no guarda-chuva, dirigindo-se a Edwards num tom férreo. — Não é uma criada, Virginia, e tão-pouco vou permitir que a trate como tal. Esteja eu presente ou não.

As outras mulheres detetam a fúria silenciosa de Nick e deixam-se ficar caladas.

Mas Virginia Edwards ainda não acabou. As suas narinas dilatam-se com o ralhete de Nick. Com a forma como o seu nome foi rebaixado por um

adolescente e com a recordação da sua autoridade.

— A sua… *Pajem*? — O olhar dela dardeja de ponto a ponto enquanto processa a informação: o meu rosto, cabelo, *T-shirt* e calças de ganga. A minha proximidade a Nick. — Herdeiro Davis, imaginei que optasse por um Pajem dos Vassalos da sua Linhagem, como manda a *tradição*.

— Valorizo as capacidades da Pajem Matthews — responde Nick, com uma expressão impassível. — E as suas *expetativas* não me dizem respeito.

Edwards fica hirta.

— O que pensa o seu pai sobre isto? Certamente, deve…

— O pai está grato pelo regresso do filho. — Viramo-nos para ver Lorde Davis adentrar o átrio, numa cadeira de rodas. Nick faz menção de o ajudar, mas Davis dispensa-o com um gesto. — E satisfeito por, mais uma vez, poder contar com a presença da Ordem da Rosa para apoiar o torneio deste ano.

— Lorde Davis. — A mãe de Vaughn baixa a cabeça, tal como as outras. — O meu filho contou-me que se tinha ferido em batalha.

— Não se preocupe. Já estarei de muletas no fim de semana e a andar sem ajuda na segunda-feira. O éter trabalha bem, mas os velhos como nós não se curam tão depressa como os novos. Meninos — vira-se para nós, lançando-me uma piscadela —, porque não se juntam aos outros na sala de jantar? Eu levo as nossas convidadas até à cozinha, onde o pessoal do *catering contratado* deixou a refeição.

— A Ordem da Rosa? — sibilo enquanto caminhamos, ainda a fumegar.

Nick resmoneia:

— Um apoio feminino fundado há vários séculos quando as mulheres ainda não podiam ser Pajens, Escudeiras ou Herdeiras. Hoje em dia, é mais cerimonial do que outra coisa. Uma forma de as mães ou antigas Pajens apoiarem os eventos das divisões.

Tudo o que vejo são obstáculos. Mulheres que querem os seus filhos no meu lugar. Mulheres brancas que presumem que uma rapariga negra na Sede é uma criada, não um membro. Certamente não poderá ser alguém de maior classe. Se Virginia me trata assim, como tratará os funcionários do *catering*? Sinto a pele a formigar. Depois, algo me ocorre.

— Disseste que as mulheres não podiam ser Herdeiras? Pensei que o Feitiço seguisse a Linhagem de sangue, independentemente de quem fosse elegível.

— E segue. — O maxilar de Nick contrai-se. — Mas, durante muito tempo, os homens não se importavam com o que o Feitiço ditava. Eliminavam as filhas para forçar o lugar do herdeiro seguinte.

Paro de andar e fito-o. O meu estômago contorce-se de horror.

Nick detém-se à porta da sala de jantar.

— Mil e quinhentos anos é muito tempo de operação. A Ordem nunca esteve acima da brutalidade do mundo. Continua a não estar.

— Isso é… repugnante.

— Isso é o que acontece quando se lidera com medo e ganância.

— Bree! Aqui! — Greer acena para mim. Tem a moeda Lamorak a reluzir na pulseira vermelha. — Guardei-te um lugar!

Nick inclina a cabeça.

— É a nossa deixa.

Ainda a processar aquela revelação, acompanho-o até à sala.

Nick dirige-se para a mesa dos Lendários, onde se sentam os Herdeiros, os Escudeiros e Sel. Eu ocupo o lugar entre Greer e Whitty na mesa dos Pajens, grata por estar entre pessoas que conheço.

Whitty come o que parece ser um bife com alecrim, enquanto Greer me passa uma enorme travessa de cerâmica com batatas gratinadas.

— Estava com medo de que tivesses desistido — confessa Greer.

— Nã. Não sou de desistir.

— E de fazer batota? — indaga Vaughn do outro lado da mesa, ao desviar o olhar do prato. Assim que as palavras lhe saem da boca, o silêncio cai sobre a mesa.

Sinto o estômago revirar-se até se transformar num nó frio.

— Também não.

Vaughn apunhala um naco de carne particularmente ensanguentado e recosta-se na cadeira, e põe-se a fitar-me depois de o abocanhar. Os olhos dele têm o mesmo tom castanho dos da sua mãe, mas onde os dela transmitem gentileza, os seus transbordam desprezo.

— Então porque é que ontem ficaste para trás com o Lendário, apesar de nos terem sido dadas ordens diretas para que regressássemos à Sede? Qual era a tua ideia? Exibires-te a um Herdeiro durante a luta?

— Não foi isso que aconteceu. Eu… — Os outros Pajens dirigem-me olhares, alguns curiosos, outros acusadores. — Eu congelei. Tentei voltar para a Sede, mas o uchel apanhou-me primeiro.

— Claro — goza Vaughn. — Então porque é que passas tanto tempo sozinha com o Herdeiro de Artur? Para ele te passar a mão na cabeça? Ou és tu que lhe andas a dar *uma mãozinha*?

Fico em choque com a acusação subentendida. O sangue assoma-me aos ouvidos como um oceano furioso, mas não a ponto de bloquear os risinhos dos Pajens veteranos sentados ao seu lado. Uns que não conheço, Ainsley e os gémeos lutadores do terceiro ano, Carson e Blake.

— Estás a insinuar que eu…

Nem sou capaz de dizer o que ele pensa que estou a fazer para comprar o favorecimento de Nick.

Vaughn aponta-me a faca ao peito.

— Acho que deixaste que essa moeda que tens à volta do pescoço te subisse à cabeça.

— Baixa a faca, Schaefer. — O sotaque em geral arrastado de Whitty soa grave e ameaçador. — O Nick pode falar com a sua Pajem à vontade. Não há mal nenhum nisso.

— A sua *Pajem*, não a sua Escudeira — cospe Vaughn. — Foi ele quem a trouxe para aqui, mas isso não significa que ela consiga sobreviver às Provas. E mesmo que consiga, isso não lhe garante que seja Selecionada.

— Estou bem ciente — respondo, por entre os dentes, com os dedos afundados nas coxas.

— Ótimo. — Vaughn indica o resto dos Pajens que nos observam enquanto fala, com a voz carregada. — Porque muitos de nós têm esperado e treinado *a vida inteira* para se tornarem Escudeiros Lendários. E não vamos permitir que um caso de caridade para uma *merda* de campanha pela diversidade nos estrague as hipóteses.

A mesa fica em silêncio enquanto todos esperam pela minha resposta. Alguns dos Pajens desviam o olhar. Alguns olham-me de alto a baixo. Outros permanecem boquiabertos e calados. A boca presunçosa de Vaughn está ligeiramente retorcida num sorriso triunfante.

Quero esmagar-lhe a porra das batatas gratinadas nas trombas. Quero gritar que o tratamento preferencial concedido aos Vassalos e às crianças ricas foi *precisamente* o que os trouxe aqui. Mas o Nick disse-me que desaparecesse. Que me mantivesse longe do radar dos Vassalos. Manter a cabeça baixa para conseguir sobreviver ao torneio.

Foi ingénuo da parte dele pensar que isso alguma vez seria possível. Para os preconceituosos, não importa como ou porque é que estou aqui; o facto de eu cá estar já é errado por si só.

Vou conseguir sobreviver ao torneio. Hei de fazer o que for preciso para concluir a minha missão.

Mas não vou desaparecer. E não *pretendo* baixar a cabeça.

Em vez disso, hei de dar a Vaughn um vislumbre de quem realmente sou — e mostrar-lhe em quem ele não me pode transformar.

Com o coração a trovejar-me no peito e a garganta apertada, respondo-lhe — e a qualquer outra pessoa sentada nesta mesa que pense como ele.

— És um preconceituoso e um *bully*, Schaefer. Insultas-me porque julgas saber do que sou capaz, mas não podias estar mais enganado. Mas eu devo deixar-te nervoso, para expores assim as tuas inseguranças em relação às tuas probabilidades de sucesso no torneio.

— As minhas *inseguranças*? — rosna Vaughn, pronto para se atirar a mim.

— Sim — disparo. — E a tua negligência. Acabaste de questionar, em público, o juízo do próprio Herdeiro de Artur ao sugerires que ele não teve um bom motivo para trazer a sua Pajem. — Sorrio e olho diretamente para os olhos de Vaughn. — O nosso futuro rei não te deve explicações, e agires como se assim não fosse apenas revela insubordinação, deslealdade e medo. Não poder. Não força. Na verdade, sinto *pena* do Herdeiro que te escolher como Escudeiro. Isto é, se chegares a ser escolhido.

Um instante de silêncio. Depois, Vaughn lança-se sobre a mesa. Carson apanha-o antes de ele se chegar a mim, tal como eu deduzi que faria. Vaughn

endireita a postura enquanto Carson lhe sussurra ao ouvido. Os olhares curiosos dos seus aliados dardejam entre mim e Vaughn, como esperei que fizessem, e um rubor escuro consome-lhe o rosto.

Um momento. Dois. E Vaughn volta ao seu lugar com uma sede de violência estampada nos olhos.

— Isto não acaba aqui, Matthews.

Não, não acaba. Se Vaughn não era meu inimigo antes, agora passou a ser.

Mas neste momento não me consigo preocupar com isso.

Whitty quebra o silêncio, a voz descontraída ao perguntar:

— Passas-me as couves de Bruxelas, Ainsley?

Ainsley carrega o sobrolho e passa a tigela diante de mim, sem sequer pedir «com licença». A conversa continua à nossa volta e o jantar recomeça, mas, debaixo da mesa, tenho as mãos a tremer.

Um lampejo de faíscas cai sobre a ponta do meu nariz e nas bochechas. Do outro lado da sala, ninguém na agitada, barulhenta e divertida mesa de Herdeiros reparou no que acabou de acontecer do nosso lado. Ninguém exceto Selwyn Kane. O Mago Real está sentado com o queixo apoiado na mão e fita-me com uma expressão contemplativa. Como se tivesse estado a observar — e a ouvir — todo o confronto com Vaughn. Ter-nos-á conseguido ouvir por cima de todo o palratório e tilintar de talheres de prata?

Greer surpreende-me ao pegar na tenaz do bife e depois no meu prato.

— Comes carne de vaca?

— Sim — assinto, ainda atordoada. — Porque estás a ser tão simpátique comigo?

Elu encolhe os ombros.

— Se o mundo for simples, certas pessoas nunca serão incomodadas e nunca precisarão de se adaptar. A minha existência perturba essas pessoas, e a tua também. Tens vindo a fazê-lo desde que entraste por aquela porta. E eu gosto de pessoas que perturbam e quebram o ritmo. Devíamos começar um clube.

Corto uma fatia de bife.

— Podemos usar *T-shirts* nesse clube?

Elu ri-se. Ao meu lado, Whitty inclina-se para a frente e dou conta de que ele ainda está a usar o mesmo casaco com padrão de tropa de aspeto antigo e

confortável. Num mar de polos e camisas abotoadas, ele próprio está a quebrar alguns ritmos.

— Acho que também devíamos arranjar chapéus a condizer, pessoal.

Greer olha para o meu cabelo e depois indica o seu. Esta noite, optou por duas grossas tranças que se estendem da coroa até à parte inferior de cada escápula.

— Depois do trabalho que deu fazer este penteado? Que ideia de merda, Whitlock.

— Vês como é que elu me trata, Bree? — Revira os olhos. — Que insolência.

Mal as pessoas começam a atacar a mesa das sobremesas, Lorde Davis entra na sala. Nick fica ao lado do pai. Todos os olhos se voltam para eles.

— Olá a todos. Obrigado pelos vossos desejos de melhoras. O nosso curandeiro, Herdeiro Sitterson, acredita que estarei totalmente recuperado até ao fim de semana. — À minha volta, os membros esfregam as pontas dos dedos em círculos, com um *shh-shh-shh* de aprovação. — Infelizmente, a celebração é prematura. Como estou certo de que já sabem, ontem à noite a nossa Escudeira de classe quatro, Felicity Caldwell, foi Chamada ao serviço pelo seu cavaleiro, *Sir* Lamorak. E é verdade que o Herdeiro de Kay, de classe cinco, foi Chamado na semana passada na nossa Divisão do Norte.

— *Na semana passada*? — grita Fitz. — Porque é que ninguém nos contou?

Seguem-se vários acenos silenciosos de concordância.

— Compreendo a frustração — responde Davis. — Os Regentes optaram por manter este Despertar em segredo, dado que já passaram mais de cinquenta anos desde a última vez que um Herdeiro de classe cinco foi Chamado. A verdade é que tem havido um aumento dos ataques de Crias das Sombras em todos os *campi* das divisões. Mais portais abertos e mais demónios parcialmente corp a atravessar. O uchel totalmente corpóreo que vimos ontem à noite deixou claro que as Crias das Sombras estão a ganhar força e podem ser coordenadas. Existem até rumores de avistamentos da Linhagem de Morgana.

Há alguns sussurros na sala. Ao meu lado, Greer cerra os punhos. Enquanto isso, pisco os olhos, confusa. Mas que raio é a Linhagem de Morgana?

— Temos de nos preparar para os Chamados de Tristão, Lancelote e Artur. — Olha para Nick com uma expressão de orgulho. — «Ainda assim, alguns dizem,

por toda a Inglaterra, que o rei Artur não está morto, mas que pela vontade de nosso Senhor Jesus foi recebido noutro lugar…» — Gesticula para que Nick conclua a frase.

A cena faz Nick franzir as sobrancelhas, mas, ainda assim, acede.

— «E os homens dizem que ele voltará.»

— «E os homens dizem que ele voltará» — repete Davis, como uma oração. — *Le Morte d'Arthur*. Malory. Um homem que conhecia os nossos ciclos de guerra. Que sabia o que era Camlann. — Fita a divisão e volta a dirigir-se a todos nós. — Os Regentes decidiram que, para preparar a Távola Redonda para o pior dos cenários, precisamos de acelerar os torneios deste ano em todas as divisões. Não podemos esperar meses para que os Herdeiros de qualquer classe escolham um Escudeiro, se já não o tiverem feito. Com isto em mente, iremos dar início à primeira prova após a refeição desta noite e concluiremos o torneio com a cerimónia de Seleção dentro de seis semanas. Assim que possível, todos os Escudeiros e Herdeiros estarão decididos e unidos.

Algumas cadeiras arrastam no chão de madeira, aumentam os olhares nervosos e os murmúrios. Estabeleço um breve contacto visual com Nick, que já está a olhar para mim. Depois o meu olhar encontra William, encostado à parede lá do fundo. Pete, que não conheço, parece nervoso ao lado de Evan. Poderia Ajuramentar-me a algum deles?

— O Juramento do Guerreiro é um dos nossos votos mais sagrados e une para sempre Herdeiro e Escudeiro. Os pares Despertos enfrentam a morte, seja no campo de batalha ou pelo Abate. Digo-vos isto, Pajens, porque o torneio deste ano e a Seleção de Escudeiros serão diferentes de tudo a que esta divisão alguma vez assistiu. — Faz uma pausa, unindo as pontas dos dedos. — O que pode acontecer nos próximos meses é algo que a nossa Ordem não testemunha há duzentos e cinquenta anos. Tenho de pedir a todos os Pajens que considerem profundamente, neste exato momento, os seus compromissos aqui e noutros lugares. Eu, pessoalmente, não vos censurarei se decidirdes prestar serventia à missão de outras maneiras. E assim, por favor, que se levante quem quiser desistir do torneio deste ano.

A sala enche-se de murmúrios inquietos. Alguns Pajens do terceiro ano e um do quarto ano, os que cá estão há mais tempo, partilham olhares nervosos. Por fim,

o rapaz do quarto ano, Craig, levanta-se, e a vergonha e o medo estão-lhe estampados no rosto. Uma rapariga do terceiro ano com o colar verde de Gawain levanta-se também, anunciando a sua desistência. Depois dela, um rapaz do primeiro ano, Lewis.

O número de Pajens em competição cai de quinze para doze.

Assim que se vão embora, um único pensamento pesa sobre a sala.

Camlann está a chegar.

22

Nick conduz-me pela floresta por detrás da Sede, com as mãos sobre os meus ombros. Felizmente, parou de chover.

Ocorre-me um pensamento um minuto depois de começarmos a andar, o que causa um pânico silencioso.

— Não temos de fazer outro Juramento esta noite, pois não? Para o caso de o fogo vermelho voltar com toda a gente a ver…

— Não. Não tens mais Juramentos a fazer enquanto Pajem.

Liberto um suspiro.

— Então porque é que o Sel nos voltou a hipnotizar?

— A noite passada foi, em parte, um ritual simbólico e, em parte, uma medida de segurança… Não podemos permitir que Não Ajuramentados vagueiem pelas nossas terras. Mas hoje vai ser a primeira prova. Todos os Pajens em competição são hipnotizados para que ninguém veja o lugar da prova e fique em vantagem. — Belisca-me carinhosamente o ombro. — Devagar, há uma curva.

A humidade deixada pela chuva ainda paira no ar e os meus calcanhares afundam-se no chão da floresta.

— Mas porquê hipnotizar os Pajens veteranos? Eles não fizeram a mesma coisa no ano passado?

— Não. Os três aspetos testados pelas Provas são imutáveis, mas os testes mudam de ano para ano. Devagar, devagar. Muito bem, calma, um pé à frente do outro.

Quem me dera poder ver o lugar para onde me está a conduzir. Parece agitado e extremamente instável.

— O que é a Linhagem de Morgana?

— Apanhaste aquilo, não foi?

— Estou aqui para ser sorrateira e aprender coisas.

— Hum-hum… eh lá! Para, para, para!

Um dos braços dele envolve com força a minha cintura, mantendo-nos ambos firmes em qualquer que seja a superfície instável em que nos encontramos.

O perfume dele, muito próximo — roupa lavada, cedro, um ligeiro aroma a suor —, e a sensação de instabilidade por baixo dos nossos pés deixam-me tonta.

Para com isso, Bree. Concentra-te na tarefa que tens em mãos e não no rapaz simpático que também tem um belo perfume.

Um momento depois, o mundo retoma o seu ponto de equilíbrio.

— Pronto, muito melhor.

Ele aperta-me a cintura.

— Estás bem?

— Sim — respondo num tom cerca de duas oitavas mais agudo que o normal.

— Certo. — Nick pousa as mãos nos meus braços e guia-me. — Um passo de cada vez. Mantém o pé direito firme. Boa, assim. Onde é que nós íamos? Ah, sim. A Linhagem de Morgana. Êxodo 22:18. «A feiticeira não deixarás viver.»

— Sim?…

— Isto é basicamente a perspetiva dos Regentes em relação à Linhagem de Morgana. Depois das Crias das Sombras, eles são os inimigos número um da Ordem. Algures no ano de 1400, as coisas deram para o torto com um determinado séquito de Merlins. Não sei bem porquê, apenas que eles não gostavam da forma como os Regentes faziam as coisas. Também não queriam esperar que um Herdeiro de Artur fosse Chamado e arriscar a oportunidade de esse Herdeiro liderar a Ordem igualmente mal. Algumas histórias dizem que começaram a atacar membros da Ordem, usando a hipnose em Suseranos para influenciar as Linhagens e os Vassalos. Esse grupo de Merlins terá acabado por se separar da Ordem e por adotar outro nome. Passaram a intitular-se Linhagem de Morgana. Muita coisa mudou depois disso: a forma como os Merlins são treinados e Ajuramentados, a política dos Regentes. As Morganas são o principal motivo para os Regentes terem uma política de tolerância zero para com qualquer pessoa que use éter fora da sua competência.

Processo a informação. A Linhagem de Morgana é constituída por Merlins que se voltaram para o mal, mas há outra coisa que me incomoda na história de Nick, algo muito mais imediato.

— Se os Regentes descobrissem coisas sobre mim, tratavam-me como se eu fosse da Linhagem de Morgana?

Sinto que encolhe os ombros.

— Provavelmente. Fariam alguns testes durante o teu julgamento, mas isso não importa. O tratamento é o mesmo para todos os utilizadores «rebeldes» de éter. Aqui, estamos a sair da ponte… sim, era uma ponte, não te passes… e vamos agora apanhar a última estrada.

Engulo em seco. Quão alta será essa ponte?

— O que é que a Linhagem de Morgana fez depois de abandonar a Ordem?

— Desapareceram da face da Terra, tanto quanto sei. Por si só, a Linhagem de Morgana perdeu o acesso aos treinos e aos textos antigos que os Merlins usam para desenvolver as suas competências. Sem isso, a Linhagem não era, nem de longe nem de perto, poderosa como os Merlins, nem tinha maneira de o ser. Acabou por se tornar mais numa história para assustar do que outra coisa.

— As Morganas são organizadas a ponto de desenvolverem as suas próprias missões pelo mundo, como os Merlins?

— Raios. — O Nick percebe o que quero dizer. — O Merlim que estava no hospital pode ter sido uma Morgana. Não tinha pensado nisso antes.

— Achas que é possível?

Nick solta um tufo de ar.

— Não acho que seja impossível. E tens a certeza de que não te lembras de mais nada que o polícia possa ter apagado?

Mordo o lábio. Tentei lembrar-me de mais pormenores daquela noite vezes sem conta, mas não me surgiu mais nada. Nem sequer me lembro da cara do agente. Apenas da forma da sua boca, dos olhos e do som do feitiço que lançou. Nick e eu discutimos a possibilidade de me ter esquecido de mais do que imagino, mas não é possível ter a certeza. Até agora, lembrei-me de tudo o que Sel tentou apagar.

— Não. Nada. Como é que podia saber se se tratava de um Merlim ou de uma Morgana?

— Não podias. Sabemos que detêm as mesmas habilidades dos Merlins, mas quando pararam de administrar os Juramentos… — Detém-se por pouco tempo e recomeça. — Sem Juramentos, a Ordem desmorona-se. Apenas um Merlim

seria capaz de te dizer se aquele oficial era uma Morgana ou um Merlim, e mesmo assim teria de lá ter estado. Eu diria que podíamos perguntar ao Sel, mas…

— Ele detesta-me — murmuro, e penso em Vaughn. — Ele e todos os outros do Clube Anti-Bree.

Os dedos de Nick dobram-se à volta dos meus braços.

— Alguém te anda a chatear?

Pergunto-me se estou capaz de lhe contar o que aconteceu ao jantar. Se vou conseguir processar a reação dele *e* a minha, reviver o sucedido tão cedo. Acabo por dizer:

— Nada que eu não seja capaz de resolver. As pessoas julgam que estou desesperada por ser tua Escudeira a ponto de, sei lá, recorrer aos meus truques femininos para te tentar convencer.

Silêncio outra vez.

— Nick?

— Desculpa, o meu cérebro desligou nos «truques femininos».

— Nick!

Detenho-me, o que é uma má ideia, porque ele embate contra mim, e consigo sentir a pressão dele contra as minhas costas, os seus ombros a tremer de riso. Nick afasta-se após um segundo e eu bato na parte da escuridão onde imagino que ele esteja — a minha mão atinge o ar duas vezes, e só depois lhe acerto no peito. Ele ainda se está a rir, mas prende os meus dedos entre os dele e, antes que eu tenha tempo de dizer seja o que for, beija-me suavemente os nós dos dedos.

Fico sem fôlego. Acho que ele nem sequer repara.

— Antes de mais: estás a dizer que *não* estás desesperada por ser minha Escudeira? Sinto-me insultado. Em segundo lugar… Não, desculpa, esta mão agora é minha… Custa-me que os outros Pajens te estejam a atacar por minha causa. E, por fim, não sei quais são os teus truques femininos, *mas* estaria disposto a avaliá-los. Para ver se poderiam, de facto, seduzir-me a ponto de me convencer a unir-me a ti *para sempre*.

Estaco, com a mão no peito dele, aninhada entre os seus dedos, enquanto a minha mente tropeça em tudo o que ele acabou de dizer.

— Bree? Estava só a brin…

— Queres… *queres* que eu tente ser tua Escudeira?

Nick aperta-me os dedos e suspira. Um momento depois, os seus lábios voltam a roçar-me os nós dos dedos, só que, desta vez, a sua boca permanece ali, movendo-se contra a minha pele enquanto fala.

— Tens de ser tu a tomar essa decisão.

E depois solta-me. Quando volta a falar, a voz sai-lhe rouca e grave.

— Vou ver se eles já estão prontos para receber os Pajens no local da prova. Volto já.

Depois desaparece no meio do matagal, cada passo ritmado como um batimento cardíaco nos meus ouvidos sensíveis, até que desaparecem por completo.

Fico cinco minutos sozinha na floresta, talvez mais, a esfregar os dedos nos sítios em que os lábios de Nick tocaram, quando sinto os olhos *dele* na minha pele.

— Sei que estás aí.

A capa de Sel flutua no ar da noite, mas eu não o ouço aterrar.

— Sentiste a minha presença, não foi? As Crias das Sombras são conhecidas pela sua capacidade para detetar outros utilizadores de éter. — A sua voz suave e profunda ecoa ao meu redor. À minha esquerda, à minha direita, à minha frente. — O interesse do Nicholas em ti mantém-te a salvo, por agora. Mas farias bem em lembrar-te de que, ao aproximares-te do Nicholas, também te aproximas de mim. Ou cometes um deslize e te expões, ou eu fá-lo-ei por ti.

Consigo cheirar a sua assinatura de éter, uísque pungente e uma pitada de canela queimada que me faz estremecer pela espinha abaixo. Ele repara na minha reação e ri-se algures acima de mim. Detesto não saber há quanto tempo está por perto. Ter-me-á observado, a mim e a Nick? Terá ouvido a nossa conversa? De repente, fico furiosa. Primeiro a merda racista na Sede, e agora este Merlim paranoico?

As palavras escapam-me num fluxo irado:

— Estás sempre a ameaçar-me, mas no fim não fazes nada. Não me podes tocar porque sou a Pajem do teu rei, mas continuas a provocar-me porque isso te faz sentir importante. Não consigo imaginar o golpe que está a ser para o teu ego, ser ignorado pelo próprio Herdeiro a quem juraste a tua vida!

Um silêncio perplexo. De ambas as partes.

Então, a voz dele surge ao meu ouvido.

— Cá está ela. A fúria pedante da raça demoníaca. Patético.

— Não tão patético como tu.

— Hã?

Faço uma pausa, caso ele tente avançar contra mim ou assim, mas não o faz. Nem consigo perceber se ainda estou virada na direção certa. Destemida, continuo:

— Digamos que passas por cima do Nick e que me denuncias ao Lorde Davis ou aos Regentes. Eles irão submeter-me a um dos seus julgamentos. Irão pedir-te provas que corroborem o que quer que penses que eu sou, e é aí que está o teu problema, Merlim. Não tens nenhuma.

Silêncio outra vez. E então:

— Será mesmo assim?

— Sim, é mesmo assim. — Aproveito a onda de ousadia. — O meu pai teve um cão parecido contigo, quando era pequeno. A família dele vivia no campo e aquele cão perdia a cabeça quando os carros passavam na estrada, uivava a todos os gatos vadios. Tudo isso fez dele um cão de guarda inútil, e por isso o meu pai deu-o a outra pessoa. Se apresentares aos teus superiores esse teu palpite de eu ser uma uchel e não tiveres provas, os Regentes vão questionar a tua capacidade de fazer o teu trabalho. E isso é um risco que não podes correr. Não queres tornar-te naquele velho cão, pois não, Mago Real?

Silêncio. Depois um riso grave e lento na escuridão.

— Tens uma língua afiada, rapariga misteriosa. — Uma pausa. — Estou a sentir uma vontade súbita de ta arrancar.

O coração salta-me para a garganta.

— Felizmente para ti, estou habituado a ser provocado. — Uma lufada de ar, e depois a voz dele chega até mim vinda de cima. — Talvez noutra altura.

Assim que ele sai, um tremor leve envolve-me os dedos. Quando Nick volta a surgir na floresta, tenho ambas as mãos a tremer, o peito congestionado de medo.

— Muito bem. Acho que estão prontos para ti na arena.

Assinto e engulo em seco, com um nó gigantesco na garganta — e a língua que me sinto grata por ainda ter.

— Ei, o que se passa?

Esboço um sorriso hesitante.

— O teu Mago Real passou por aqui para me transmitir alguma inspiração antes do jogo. Ele ainda acha que sou um demónio e ameaçou-me, mas desta vez respondi-lhe à letra. Agora quer arrancar-me a língua.

Nick emite um som de frustração.

— Foi por isso que não o senti.

— Consegues *sentir* o Sel?

— O Juramento dos Magos Reais é para toda a vida. Ele consegue sentir quando eu estou em perigo mortal, e eu consigo sentir a sua intenção assassina. Foi assim que soube que ele estava por perto antes de ele te atacar ontem à noite.

Estremeço, lembrando-me da sensação de Sel a agarrar o meu tornozelo na escuridão.

— Devo ficar *aliviada* por não teres sentido o seu desejo de me matar?

Uma pausa desconfortável.

— Sim?…

— Uau.

— Pois.

Ele pega-me na mão e conduz-me para a frente.

— Espera, disseste *arena*?

É mais do que óbvio que Sydney me *despreza*. Quando Tor nos juntou, ela lançou-me um olhar tão abrasivo que era capaz de me causar queimaduras de terceiro grau.

Sydney não parece dar-se muito com Vaughn, por isso os seus motivos são outros. Em sua defesa, virou-se para mim, sem receios, e disse-me exatamente porque não gosta de mim:

— Estou aqui para ganhar isto e não confio em ninguém.

Honesta e direta. Não a posso censurar.

Infelizmente para ela, hoje à noite terá de confiar em mim. Porque a única forma de qualquer uma de nós avançar para a segunda prova é se trabalharmos

em equipa.

Se eu falhar hoje, ela também falhará, e então está fora do torneio. Eliminada. Nós as duas.

E é por isso que não vou falhar.

No mesmo instante, Sydney aponta para o topo de uma pequena elevação e ordena-me que me esconda na vala da nossa base, de guarda às nossas três «vítimas» Primavidas.

— Algum sinal? — sussurro.

— Ainda nada — responde sem olhar para mim, irritada antes mesmo de alguma coisa acontecer.

Testo o peso do manequim de tamanho médio. Deve pesar *pelo menos* setenta quilos. Puxo-o por cima dos ombros, a equilibrar-me nos calcanhares, e ponho-me de cócoras como o meu pai me ensinou. Os meus joelhos tremem e levanto o manequim no ar sem o deixar cair.

Mas serei eu capaz de *correr* com ele?

A «arena» é uma faixa de terra plana que corta a floresta que fica por trás da Sede. A dada altura, foi aberta para dar lugar a uns enormes cabos de eletricidade, mas agora é apenas uma estrada de terra batida e aberta entre duas matas densas. Um campo de futebol de um lado ao outro. Há Pajens como nós a quinze metros uns dos outros, de cada lado, escondidos por árvores e arbustos, ocultos em valas. E algures, numa cumeeira, encontram-se nove Herdeiros e Escudeiros com uma visão clara da prova que se avizinha.

Lanternas dão-nos luz suficiente para navegar na arena, iluminando os pontos de partida para cada equipa e a extensão do campo até onde precisamos de chegar se quisermos vencer.

Sydney bate com uma das suas adagas na coxa, nervosa. A lâmina brilhante é tão longa como o meu braço, além de afiada. Veio preparada para esta noite com dois coldres presos às ancas, por isso não precisou de tirar uma arma da pilha que Russ e Evan depositaram diante dos doze Pajens. Assim que nos apresentaram as opções, foram juntar-se aos outros Lendários que assistiam à prova. Tínhamos rédea solta para escolher entre espadas, adagas, longos bastões, malhos, e até um chicote — mas sem indiciar qual das armas nos seria mais útil. Não sou fraca. Tenho uma força razoável e boa resistência, graças aos treinos na

equipa de atletismo da Escola Secundária de Bentonville, mas nunca manejei uma arma na vida. Estava com medo de poder vir a cortar o meu próprio braço, por isso optei pelo bastão curto e pesado de madeira — a que Whitty chamou «moca» —, e prendi-o às costas com o arnês de couro.

Não nos foram dadas armaduras de tipo algum.

— Ali.

Deixo o manequim cair ao chão com um estrondo e rastejo até Sydney.

— Onde?

— Ainda estás hipnotizada, Matthews? Usa os olhos! O Mago Real está mesmo ali.

Aponta com um dedo para um dos extremos da arena. Selwyn, vestido de preto, mistura-se com a linha do horizonte, mas consigo discerni-lo sob a luz das estrelas, de pé, no centro da arena.

Sem aviso prévio, Selwyn levanta os braços de ambos os lados do corpo. Os seus dedos retorcem-se no ar, puxando éter do céu noturno em ondas pesadas e ritmadas. Um pequeno tornado de chamas azul-prata forma-se-lhe numa das mãos, e depois na outra. As chamas crescem cada vez mais até que as extremidades abertas dos funis se erguem três metros acima da sua cabeça. Protegemos os olhos contra a luminosidade pulsante. Olho para trás mesmo a tempo de o ver empurrar ambas as palmas para o outro lado da arena, mandando todo o éter diretamente para o meio. O cheiro a canela queimada chega-me ao nariz, o suficiente para me fazer tossir.

Eu sabia que Sel era forte, mas nada do que já o vi fazer me preparou para isto.

Serpentes de fogo pelo ar. Retorcidas. Derretidas. A fluir em seis formas largas e sibilantes. Formas às quais crescem pernas curtas e atarracadas. Uma pelagem translúcida ascende numa longa crista. O éter solidifica-se em olhos azul-escuros e brilhantes. Estende-se até gerar uns focinhos curtos. Aguça-se em pontos cristalinos no fim de presas longas e letais.

— Javalis infernais? — sussurro, horrorizada.

— Javalis infernais do tamanho da porra de um bisonte — murmura Sydney, com os olhos a estreitar-se perante a criatura que brilha à nossa frente.

A criatura raspa a terra, mas, ao contrário de Sel, os cascos emitem sons rasgados, arrancando grandes pedaços de relva.

Dois Pajens por equipa. Três equipas a correr à vez. Um objetivo: chegar ao outro lado com todos os corpos — os vivos e os falsos — inteiros.

Em dez minutos ou menos.

— Mas não são reais.

— Vão-nos desmembrar como se fossem. A nós — vira-se para avaliar as nossas três vítimas de resgate — e a estes.

Eu olho para a nossa carga pesada e para as suas peles de serapilheira cosida com uma ansiedade renovada. Fomos designadas para o segundo grupo de três, por isso talvez possamos estar atentas a estratégias. E a erros.

Um apito corta o ar — e nada acontece.

Uma brisa serpenteia pelas árvores. O meu coração martela contra as costelas.

A arena está quieta.

Vaughn e Spencer saltam da sua base e correm como foguetes. Cada rapaz carrega uma espada numa mão e um manequim num ombro. Os javalis infernais guincham e correm atrás deles.

Whitty e Blake avançam a seguir. Blake lidera, girando o seu bastão com uma precisão mortal. O movimento distrai os javalis — e Whitty vai para o outro lado, carregando os manequins.

Ao fundo do campo, Carson gira um malho de cabo longo, mantendo os dois javalis à distância.

Greer segue atrás dele, os dois manequins mais leves pendurados por cima dos ombros.

Vários sons atravessam a noite: armas a girar, sibilantes. Gritos. Guinchos. Gemidos. Cada um deles sinaliza uma potencial vitória ou ferida.

Vaughn e Spencer estão mais perto e nada me daria mais prazer do que ver Vaughn perder, por isso observo-os com uma atenção redobrada.

Os javalis ainda os perseguem de perto, até que os rapazes se viram em direções opostas, quase escorregando na erva molhada. Os modelos também se dividem, girando para os acompanhar, mas os cascos deslizam pelo terreno, espalhando lama e terra. Eles caem no chão com um baque forte e gritam.

Os javalis ficam de pé. Como se estivessem à espera do momento certo, os rapazes abandonam as suas «vítimas Primavida». Os manequins caem ao chão com um forte golpe.

A princípio acho que planeavam combater os javalis quando as suas vítimas estivessem fora de perigo, mas Spencer não desembainha a espada. Ao invés, corre de volta à base, com um javali no seu encalço. Desliza até à segurança da vala. E deixa Vaughn a enfrentar os dois javalis sozinho.

— Cobarde! — sibila Sydney, repugnada.

O javali de Spencer chega ao limite da lanterna e depois volta para trás. Não pode ir mais longe do que aquilo. Precipita-se em direção a Vaughn, que já usou a espada para deixar dois cortes nos flancos do companheiro. Apenas quando o javali de Spencer quase apanha Vaughn é que a verdadeira estratégia dos rapazes é revelada:

A cabeça de Spencer emerge dos arbustos. Ele surge carregando o manequim mais pequeno por cima do ombro e depois corre em linha reta pela arena.

— Não é um cobarde — sussurro. — É o corredor.

Tenho de admitir, é inteligente: usar Vaughn, o lutador mais forte, para distrair os dois javalis enquanto Spencer, o mais rápido dos dois, completa o primeiro terço da prova.

De volta ao campo, Vaughn diminui o ritmo. Os javalis têm-no encurralado de ambos os lados. Ele desfere golpes rápidos — um, dois! — antes de recuar, escapando por pouco à mandíbula de um deles.

Spencer é rápido. Larga o manequim na base mais distante, sem parar, e depois corre de volta pelo caminho por onde veio. Apanha uma das vítimas abandonadas mais pesadas a meio caminho, vira-se para correr para o outro lado…

Vaughn grita por ajuda. A vítima de Spencer volta a cair. Ele dispara em auxílio do parceiro, sacando a espada pelo caminho.

Spencer salta, a espada é puxada para trás, pronta para desferir um golpe. Na descida, Spencer afunda a lâmina na espinha de um dos javalis, removendo-a de seguida e saltando para trás num só movimento.

O grito gutural do animal ecoa pela cordilheira, atravessa o campo, faz os meus dentes ranger.

Uma nuvem de éter desprende-se da ferida, transformando-se em pó, como brasas prateadas numa fogueira. O modelo moribundo cai nos quartos anteriores e Spencer volta a atacar, desta vez atingindo a besta entre os olhos.

Enquanto Spencer corre para o seu parceiro, o javali derrete numa poça prateada e depois explode num mar de cinzas cintilantes.

Spencer e Vaughn dão conta do último javali num piscar de olhos. Em dois minutos, está com os quatro joelhos dobrados, a guinchar de dor. Juntos, os rapazes perfuram-lhe o crânio.

Os aplausos ecoam pela cumeeira enquanto os dois recolhem as vítimas que restam e correm para a segurança da linha de chegada.

Um apito ecoa vindo de cima. A primeira equipa já acabou.

— Três minutos! — grita alguém.

Um aviso para os outros.

Greer e Carson estão quase a terminar. Um javali já caiu. Greer já carregou dois manequins e saca de duas adagas enquanto corre de volta para o campo. O malho de Carson gira tão depressa que só sou capaz de ver as pontas espinhosas das maças sobre o topo da cabeça do último javali.

Mas Whitty e Blake estão a debater-se. Algures entre a transladação do primeiro manequim e do segundo, Whitty perdeu uma adaga. Estão cercados, de costas um para o outro. O bastão de Blake faz um arco. Embate no crânio do javali. Põe-no de joelhos. É uma pancada forte, mas não foi um golpe mortal.

Um grito arrepiante rasga a noite, e procuro a fonte, com o pânico a agitar-se no meu peito. Temo que aconteça o pior a algum dos meus amigos, mas não é Greer que está em apuros.

Um dos javalis prendeu Carson sob o seu peso. Ele dá pontapés e socos com toda a força que tem, mas a sua arma está a vários metros de distância.

Greer corre, salta e paira no ar. Aterra nas costas do segundo javali, abre os braços como se fosse uma ave e afunda uma adaga em cada pulmão. Carson tropeça para trás quando o modelo explode e o pó brilhante lhe borrifa a cara. Uma parte cai-lhe para dentro da boca.

Quando me viro para trás, Blake e Whitty estão a acabar com o segundo javali.

As três equipas levam a última vítima para um local seguro. A primeira ronda chegou ao fim.

E nós somos as próximas.

23

Ainsley e Tucker são a primeira equipa a ir para o campo apenas com as suas armas. Avançam à nossa frente, com a determinação evidente nos rostos e as espadas erguidas; planeiam derrubar primeiro os dois javalis infernais, sem serem impedidos pelos manequins.

É um erro.

Há uma razão para a estratégia de todos os outros ter incluído manobras de distração: os javalis são animais grandes, pesados, facilmente confundíveis, incapazes de rodopiar ou de se desviar rapidamente.

Mas, num ataque direto, são praticamente imparáveis.

Observamos, impotentes, enquanto os Pajens são dizimados em menos de sessenta segundos.

No último instante antes do impacto, Ainsley desloca-se para a esquerda. O peso da espada fá-la perder o equilíbrio. Tropeça. Esforça-se por se pôr de pé e o javali deita-a ao chão. Ainsley solta um grito de fazer gelar o sangue. — Estarei prestes a vê-la ser devorada? Esmagada até à morte? — E o javali explode em cima dela.

O segundo javali está a trinta centímetros de rasgar Tucker em dois — depois explode a meio da perseguição.

A arena congela. O único som é o de Ainsley a chorar no chão, enquanto partículas brilhantes caem sobre o seu corpo.

— A Pajem Edwards precisa de assistência médica — anuncia Sel calmamente. — Ela e a Pajem Johnson estão desclassificadas. — Depois vira-se para os restantes e grita: — O tempo ainda está a contar!

Sydney e eu rebentamos para fora da nossa vala, assim como as outras Pajens, Celeste e Mina. Quanto tempo teremos? Oito minutos, talvez? Oito minutos e meio?

Tenho de me concentrar.

Trago o manequim mais pesado aos ombros, encostado à minha arma. O meu único pensamento é o objetivo estabelecido — salvar os manequins. Atrás de mim, uma das adagas de Sydney assobia pelo ar.

Um golpe profundo.

O javali que me persegue atinge o chão. A terra treme.

Não olho para trás; ela planeou matá-lo de um só golpe, e não tenho dúvidas de que o fez.

O manequim é pesado, mas assim que ganho impulso, quase me esqueço dele. E, de repente, estou do outro lado, a levantá-lo sobre a cabeça como um saco de batatas.

Corro de volta para a nossa base, na esperança de ficar fora do campo de visão do outro javali. Sei que Sydney está a poupar a sua outra adaga. Não podemos dar-nos ao luxo de a obrigar a desperdiçá-la em mim.

Pelo canto do olho, vejo-a a dançar e a afastar-se do monstro. Não, não posso olhar. Um objetivo: salvar os manequins.

Deslizo para dentro da base e iço o segundo manequim mais pequeno, tal como tínhamos combinado.

Mexo o mais pesado primeiro, enquanto ainda me sinto com energia. Guardo o mais leve para o fim, para quando estiver cansada.

Estou a meio caminho do campo quando tropeço na primeira adaga de Sydney, abandonada na erva. O manequim e eu saímos a voar. O manequim cai um metro à minha frente — com um estrondo que atrai as atenções do javali.

Sydney é rápida. Grita. Acena. Dá saltos para o distrair, mas — claro — o javali que nos resta tem uma centelha de foco.

Os seus olhos brilhantes dão comigo e ele carrega para o ataque.

Revejo as opções que tenho: estando demasiado longe do outro lado da arena, não consigo enfrentá-lo, não posso usar o manequim para me defender, não sou capaz de o carregar e de fugir ao javali.

Agarro na adaga de Sydney e disparo a correr, gritando-lhe:

— Põe-no em segurança!

Espero que ela perceba o que quero dizer.

Volto a correr para a nossa base, mas faço um arco amplo para que o javali que me persegue também faça uma curva — e evite pisar o manequim caído no

chão.

Atrás de mim, cascos trovejantes martelam a terra. As minhas coxas e os meus pulmões estão em brasa. Ainda assim, insisto com mais força. Consigo ouvir a sua respiração, os grunhidos pesados através do focinho molhado.

Mais uma vez, desvio-me para a esquerda, para ganhar tempo, mas a mudança de direção é demasiado brusca, demasiado rápida. O meu joelho esquerdo é arrastado dolorosamente. Continuo a correr e atiro-me para a vala. O meu ombro esbarra contra um pinheiro. Farpas alojam-se no meu braço, mas o guincho frustrado atrás de mim diz-me que consegui. Estou a salvo.

Quando me volto e olho para cima, o javali está a bater com as patas na terra e a bufar na minha direção. Sustenho a respiração e fico a olhar enquanto a sua cabeça pesada vai balançando para trás e para a frente. À procura.

Estou a menos de dois metros dele, porque é que…

Não me consegue ver. A sua visão é fraca.

Um galho estala sob o meu pé direito, e as suas orelhas abanam para a frente, o focinho ergue-se num padrão lento de caça.

Mas ele consegue ouvir-me. Tem um bom olfato. Ótimo.

Será que a Sydney fez o que lhe pedi? Agarrou no manequim e levou-o para o outro lado? Não me dou ao trabalho de olhar para trás; sei que o manequim mais pequeno ainda lá está, à espera de ser resgatado. Quanto tempo restará?

Ouço gritos e pés a bater à minha esquerda. Celeste e Mina ainda estão na arena, ainda a trabalhar.

O meu javali continua a andar, obstinadamente à espera de me ver sair, para me poder furar. Tenho de fazer alguma coisa.

Muito bem. Pensa.

Tenho a adaga de Sydney, mas não tenho as suas habilidades de arremesso nem a mesma pontaria. Ainda tenho o meu maço amarrado às costas, mas, neste ângulo, não tenho força suficiente para mais do que um golpe duro no queixo. Olho à minha volta, para o lado — e depois para cima.

Ponho a adaga de Sydney na boca e começo a escalar o carvalho ao meu lado antes de decidir se é ou não uma boa ideia. Tudo o que sei é que percebo de árvores. Trepo-as desde pequena. As árvores são boas.

Subo aos grandes sulcos de cada lado do carvalho, agarrando as suas formas bulbosas o melhor que consigo com estes ténis, ao mesmo tempo que tento encontrar o sulco seguinte, içando-me. A cabeça do javali levanta-se para me seguir, mas estou a apostar que não me consegue ver bem e apenas sabe que estou em movimento. Os ramos estão demasiado altos para me servirem de alguma coisa, mas paro cerca de três metros acima com um braço ao redor do tronco, perigosamente equilibrada num rebordo ligeiramente maior do que o meu sapato.

O javali recuou agora, ficando apenas a alguns centímetros da linha das árvores. Tenho dificuldade em puxar o maço e a tira de couro com uma só mão, mas consigo fazê-lo rapidamente e mantenho a arma fivelada longe de mim e da árvore, agitando-a um pouco para atrair a atenção do javali. Para de se mexer. Os seus olhos brilhantes seguem o movimento com avidez.

Isto é uma *péssima* ideia.

Um. Dois. *Três!*

Atiro a moca para a minha direita e agarro na adaga com a mão livre, enquanto a criatura faz exatamente o que eu esperava: move o corpo em direção à moca em queda, para longe de mim, baixando a cabeça para inspecionar a arma — e eu salto da árvore, lançando-me para as suas costas com a adaga apontada para baixo.

A gravidade, não eu, empurra a lâmina afiada para o pescoço brilhante da criatura, mas o golpe funciona mesmo assim.

O animal guincha e sacode-se, lançando-me ao ar como um boneco de pano. Bato no chão com estrondo e enrolo-me numa bola, pronta para a forte pisada dos cascos — mas ela nunca chega.

A minha cabeça sobe mesmo a tempo de ver o javali — com a adaga ainda cravada bem fundo — a desabar no chão.

— Corre! — grita Sydney. Ela vai buscar o manequim.

Levanto-me e disparo até ao outro lado da arena; ambas temos de lá chegar a tempo.

A Sydney desliza pela vala mesmo atrás de mim, o manequim ao ombro, no preciso momento em que o apito soa.

Somos a única equipa da nossa ronda a passar. Algures durante a minha encenação de esquilo-voador, Celeste e Mina deixaram que dois dos seus manequins fossem perfurados. Quando saímos do nosso lado da arena, os Lendários aplaudem dos seus pontos de observação na floresta. Sinto-me atordoada, mas entusiasmada. Sydney não me sorri propriamente, mas acena na minha direção antes de se juntar a Vaughn e Blake e às outras quatro Pajens que passaram. Mantêm-se juntos e cumprimentam-se uns aos outros.

Os quatro que não passaram estão em diferentes níveis de choque e devastação. Mina enxuga lágrimas da cara enquanto Ainsley lhe esfrega as costas em círculos lentos. Celeste e Tucker estão numa discussão acesa; pelos fragmentos que ouço, ambos culpam os parceiros pelas suas eliminações.

Permaneço entre eles, sem saber ao certo onde me encaixo.

Quando olho de relance para Sel, está a olhar para a colina onde os Lendários começaram a atravessar as árvores para se encontrarem connosco. As sobrancelhas dele encontram-se franzidas, a sua cabeça inclinada para o lado, como se estivesse à escuta.

— Nick! *Nick!*

Quando Victoria grita, Sel já se está a mover em direção ao som. Passa por mim tão rapidamente que ouço o vento estalar à volta do seu corpo antes de desaparecer na linha das árvores num borrão sombrio.

Estamos todos a correr para o seguir.

As árvores são tão altas na colina oblíqua que é difícil ver o que está a acontecer, mas conseguimos ouvi-lo. *Alguma coisa* está a rolar através das árvores como uma enorme bola de *bowling*, rachando troncos ao meio como pinos gigantes. Seja o que for, aproxima-se, o som torna-se mais alto e depois rebenta por entre um par de pinheiros, lançando cascas e farpas em todas as direções, derramando-se sobre o chão da arena, detendo-nos a todos.

É uma serpente maciça, completamente corpórea, o corpo escamado tão grande e redondo como o pneu de um trator. Levanta metade do corpo até que se eleva seis metros acima de nós, os olhos vermelho-sangue do tamanho do meu punho a brilhar sobre nós. A criatura resplandecente abre as mandíbulas para soltar um silvo estridente e tenebroso que me arranha os tímpanos.

Uma serpente infernal, penso. Com o corpo envolto na sua cauda refulgente.

— *Nick!* — grito por ele, mas não adianta. Levo apenas um segundo para ver que está embrulhado da cabeça aos pés numa roldana de músculos, só com o cabelo pálido visível no aperto da serpente infernal.

Os Lendários Despertados reúnem o éter enquanto correm, formando espadas e adagas incandescentes. Vislumbro Felicity e Russ, que conjuram armaduras sobre si próprios enquanto correm para a frente, mas a sombra veloz de Selwyn Kane surge disparada das árvores e salta sobre a serpente antes de qualquer outra pessoa.

Enquanto a serpente se contorce, Sel escala o seu corpo, usando as escamas como suporte para as mãos. Monta a cabeça da criatura enquanto esta se agita para a frente e para trás, com a língua bifurcada a estalar como um chicote brilhante. Sel não teve tempo de criar uma arma, mas todo o seu corpo está envolto em nuvens finas e rodopiantes de éter azul-prata. Recua com um rugido e enfia ambos os braços nos olhos da serpente, enterrando-os até aos cotovelos.

A criatura guincha de tal maneira que o som podia ser capaz de estilhaçar vidro. Os espasmos do seu corpo são tão fortes que qualquer outra pessoa teria sido arremessada, mas Sel aguenta firme e afunda os braços ainda mais. Um fluido viscoso rebenta-lhe no rosto. Após um último tremor, a serpente infernal fica rígida e cai para a frente, libertando Nick, ofegante, que bate com a cabeça no chão.

24

Fico diante da porta de Nick durante o que me parece uma eternidade, mas talvez sejam apenas alguns minutos incertos.

Não sei porque estou tão nervosa. Talvez ele esteja apenas a dormir. Ele devia estar a dormir. E se for esse o caso, também vou para casa dormir. Posso vê-lo amanhã.

Não, eu sei porque é que estou nervosa. É porque já é tarde, a Sede está silenciosa, e ele pode *não* estar a dormir — e estar sozinha com ele tornou-se mais… intenso.

Olho, esperançosa, para o corredor como se alguém pudesse aparecer e salvar-me do cenário do Gato de Schrödinger dos Rapazes Conscientes em que me encontro, mas está vazio e de nada me serve. Os únicos sinais de vida neste piso são as poucas lâmpadas brilhantes espalhadas por algumas das mesinhas de teca entre as portas dos residentes.

Do outro lado desta porta, Nick está a recuperar de mais um ataque que o poderia ter matado. É nisso que me devo concentrar. É nisso que *preciso* de me concentrar.

Inspiro lenta e profundamente e abro a porta do quarto, deslizando para dentro e fechando-a atrás de mim.

Nick está a dormir em cima do edredão e veste roupa larga; calças de flanela, uma *T-shirt* macia. Os seus braços repousam direitos ao lado do corpo, os fios delicados do seu cabelo estão em parte emaranhados para um lado, em parte espalhados pela almofada como se tivessem sido soprados por uma rajada de vento. Ele também está corado; cada uma das suas bochechas ostenta um toque de vermelho.

Aproximo-me, abraçando firmemente o meu próprio corpo.

Ele recuperou das costelas partidas que William tratou. A sua respiração estável indica que está fora de perigo e que os pulmões estão bem, mas o ligeiro repuxão

nos cantos dos olhos diz que ainda pode estar com dores. Ter-lhe-á William dado algo para o fazer dormir? Espero que sim.

Começo a virar-me, para o deixar descansar, mas dou um salto quando Nick sussurra atrás de mim.

— Quem é o psicopata agora?

Viro-me para a cama, onde Nick começou a levantar-se, apoiado na almofada. Estremece, mas dispensa-me com um aceno quando faço menção de o ajudar.

— Estou bem, apenas um bocado enferrujado.

Olho para ele, desconfiada.

— Se eu ficar aqui a falar contigo, o William vai-se chatear comigo?

Nick ri-se, mas o som é cortado pela dor causada pela sua respiração.

— O William vai-se chatear com os dois, provavelmente.

Esfrega uma mão no peito e engole com dificuldade. Ver o movimento faz a minha mente voar de volta para a arena.

Transfiro o meu peso de um pé para o outro.

— Ouvi o Sel dizer aos outros que julga que este ataque também foi planeado. Que não foi coincidência. Que a Cria das Sombras enviou uma criatura que seria capaz de te subjugar rapidamente e de te levar embora.

Os olhos dele desviam-se quando acena com a cabeça.

— O meu pai disse o mesmo na enfermaria. Os Regentes convocaram uma reunião. O meu pai vai precisar de mais um dia para recuperar e depois voará até à Divisão do Norte para falar com eles e com os outros Vice-Regentes.

Observo-o a mexer nas âncoras de ouro bordadas no edredão, quase como se precisasse de algo que lhe mantivesse as mãos ocupadas.

— O William disse que o Sel ficará no comando enquanto ele estiver fora.

— Infelizmente.

Depois de Nick ter sido recuperado vivo, mas ferido, Sel levou-o diretamente para a Sede. A longa caminhada de volta pela floresta deu-me bastante tempo para pensar na minha «missão» aqui e no perigo a que me estava a sujeitar, e não só a mim, mas também a Nick. A cada passo, a culpa afundava-se-me no corpo, um tijolo pesado de cada vez.

Sel pode ser assustador e cruel, mas é a única razão pela qual o plano das Crias das Sombras de raptar Nick fracassou esta noite. O papel de Sel como Mago

Real é mais decisivo do que nunca neste momento, e as suas suspeitas sobre mim estão a desviar-lhe a atenção do seu trabalho. Pior ainda, porque tais suspeitas são infundadas. Ele está a desperdiçar energia em mim quando, depois desta noite, não há dúvida de que a vida de Nick está em perigo. A Ordem é um exército e os Lendários são os seus soldados. Poderei realmente continuar no torneio e tornar-me Escudeira de William ou de Pete, ou mesmo de Nick, se a minha única intenção for ganhar o título para poder descobrir o que aconteceu à minha mãe?

Esta tarde, com Patricia, encontrar a verdade parecia ser a coisa mais importante do mundo. Importante a ponto de ter mentido ao meu pai, mentido a Alice e mentido a todos na Sede. A minha missão continua a ser importante e necessária. Como é que posso descansar sabendo que alguém pode ter levado a minha mãe para longe de mim? Que pode não ter sido de todo um acidente?

Porém, quer Camlann chegue ou não, e quer alguém da Ordem tenha ou não matado a minha mãe, Nick precisa de um *verdadeiro* Escudeiro, não de um intrujão.

Pela primeira vez, pergunto-me se talvez Sel tenha razão e eu tenha nascido das sombras. Ou talvez essas sombras não sejam quem sou, mas continuo a encontrá-las de qualquer maneira.

Nick resmoneia.

— Terra chama Bree! Estás aí especada, a sonhar acordada. Estou a ficar ansioso. — Dá umas palmadinhas na cama, e os seus olhos exibem uma centelha da sua velha sagacidade. — Podes sentar-te, sabes? Eu não mordo.

Fico então a olhar para ele, a olhar *realmente* para ele. Alguém com quem me importo está vivo, mas magoado. Alguém de quem gosto muito está aqui, mesmo à minha frente, a pedir-me para me sentar com ele. Percebo que se o ignorar ou esquecer como é importante, então terei verdadeiramente feito das sombras a minha casa.

Respiro fundo e dou um passo em frente, descalçando os sapatos e subindo para a cama dele — e, sem mais nem menos, a proximidade de Nick puxa toda a minha atenção: o seu calor, o cheiro pungente do éter de William misturado com o cheiro a detergente da roupa lavada, os olhos entreabertos que me seguem enquanto me dirijo para ele e me observam enquanto me acomodo. É muita

coisa junta, e todo o meu corpo o sabe. Inclino-me para trás uma fração minúscula.

É claro que Nick repara. Comprime os lábios com força para reprimir um sorriso, e a expressão, de certa maneira, faz o seu já belo rosto tornar-se mais atraente e convidativo.

— Estás nervosa, B.?

— Não — respondo, e levanto o queixo para me sentir, e parecer, convincente.

Não sei se funciona, porque ele faz um som suave e curioso.

— Eu deixo-te nervosa?

Inclina a cabeça para o lado, mas isso só faz o seu cabelo emaranhado subir de forma cómica. Encolho-me e rio-me.

— Pareces um galo.

Preciso de toda a minha força de vontade para não me esticar para cima e ajeitar-lhe o cabelo.

— Um galo?

Nick inclina a cabeça para o outro lado, fazendo o cabelo voltar a subir.

Solto uma gargalhada, tal como ele pretendia, e ele sorri.

Não consigo evitá-lo. Inclino-me para a frente, de joelhos, e acaricio-lhe o cabelo para baixo. Assim que os fios macios ficam lisos, reparo no cuidado com que Nick me observa, como se deixou ficar imóvel. Tem olhos de um azul-ardósia com tracejados de cinza, pestanas finas pinceladas de tinta contra a pele.

Gostava de saber se ele também estará a suster a respiração.

Começo a recuar, mas ele agarra-me o pulso com uma mão e passa por ela o polegar quente e calejado. O movimento causa-me um formigueiro na pele e faz cócegas, e Nick carrega com o polegar para baixo e envia uma onda de calor que vai da minha mão até aos dedos dos meus pés.

O meu coração está a bater tão depressa que tenho a certeza de que ele o consegue ouvir, e de que o sente através da minha mão.

— Obrigado.

— Pelo quê? — pergunto.

A esta distância, o cheiro a roupa lavada e a cedro de Nick é suficientemente forte para me deixar atordoada. Há outros cheiros que absorvo com uma

inspiração silenciosa: relva verde num dia quente de verão, um leve toque de metal.

Os olhos dele percorrem um caminho sem pressa pelo meu rosto, das sobrancelhas até ao nariz. Detêm-se na minha boca e voltam para os meus olhos, e, sem mais nem menos, o meu fôlego volta a desaparecer.

— Por ainda estares aqui — diz, a sua expressão feita uma mistura de espanto e gratidão. — Mesmo depois do cão infernal, e do uchel, e da Felicity a ser Chamada, e, agora, de um sarff uffern. Nunca pensei que estivéssemos tão perto de Camlann, mas estou contente por estares aqui comigo. — Ele baixa os olhos e meneia a cabeça. — Quando nos conhecemos, uma parte de mim confiou em ti. Não sei porquê. Simplesmente, fê-lo.

Apesar da minha culpa, penso em como, em tantos momentos desde que o conheci, a minha própria confiança se elevou dentro de mim para se igualar à dele, segura e firme.

Apelo e resposta.

Talvez Nick esteja a pensar no mesmo, porque me acaricia mais uma vez a palma da mão, com a respiração entrecortada.

— E agora? — sussurra, a sua voz áspera.

— Agora? — suspiro.

Algo sombrio e estonteante atravessa o olhar de Nick.

— *Isto* deixa-te nervosa?

O último rapaz que beijei foi Michael Gustin, no nono ano, num canto do salão de baile da escola. Lembro-me de estar aterrorizada e de, depois de muita ação-molhada-e-desajeitada, me sentir desiludida. Mas isso foi no nono ano e com o Michael. Isto é agora. E este é o Nick.

Não me sinto nervosa. Sinto o desejo a esmurrar-me o peito como um pássaro engaiolado.

Sinto hesitação. Sinto-me assoberbada. E também me sinto mortificada quando dou conta de que Nick, com os seus olhos aguçados e perspicazes, assistiu a tudo isto.

Ele sorri, subtilmente e em segredo, e acaricia-me o rosto com a mão livre, deslizando o polegar sobre a minha bochecha. Os seus olhos acompanham o

movimento cuidadosamente, antes de se levantarem para reivindicar novamente o meu olhar. Ele aperta-me o pulso, e depois solta-me.

Cambaleio para trás, as faces coradas, ainda a sentir o fantasma do seu toque na minha pele.

Sinto-me grata por ele estar ocupado a ajustar as almofadas em vez de estar a olhar para mim. Tenho a sensação de que o faz de propósito, o que me dá um momento para me recompor.

Assim que ele acaba, encosta-se à cabeceira e dobra as mãos no colo.

— Queres sentar-te comigo? — pergunta, afável.

E, assim, o ar entre nós parece mais leve, mais agradável. Como se nada de anormal tivesse acontecido.

Estou impressionada, apesar do meu ritmo cardíaco ainda acelerado. Como é que ele o faz? Como é que este rapaz navega as minhas emoções como um marinheiro experiente, encontrando os céus limpos e trazendo-os para perto quando tudo o que pareço ser capaz de fazer é agarrar-me às tempestades?

Nick espera, paciente, que me decida, de olhos suaves e abertos. Por fim, assinto e gatinho até à cabeceira, pondo-me confortável no espaço ao seu lado.

Ficamos assim sentados durante bastante tempo, até as nossas respirações subirem e descerem como uma só.

Devo ter adormecido, porque me sobressalto quando ouço a porta da frente da Sede bater no andar de baixo.

O quarto está às escuras. Por um momento, esqueço-me de onde estou.

Nick põe uma mão no meu joelho e diz, com uma voz sonolenta:

— Se for grave, eles vêm à nossa procura.

O relógio digital que está por cima da porta diz que já é quase uma da manhã.

— Tenho de ir.

— Se saíres agora, o Sel vai saber que ainda estás aqui e vai gritar com os dois — diz Nick. — Fica.

Não tenho argumentos para o contrariar. Além disso, agora que a adrenalina abandonou por completo o meu corpo, estou para lá de exausta.

Ainda assim, pego no telemóvel e envio uma mensagem a Alice para lhe dizer onde estou e que estou bem antes de ativar o Modo Silêncio. Quando o ecrã fica

preto, sentamo-nos na escuridão a ouvir as vozes lá em baixo até a casa se tornar novamente silenciosa.

Começo a perguntar-me se devo procurar um pijama e esgueirar-me para um dos quartos de hóspedes, para conseguir dormir alguma coisa. Levo a mão ao cabelo e puxo o meu coque. Detestaria ter de dormir sem a minha fronha de cetim. Talvez a Felicity tenha um lenço.

Antes que consiga deslizar para fora da cama, Nick começa a falar, a voz baixa e intangível no quarto escuro.

— A maioria dos pais de Herdeiros mal pode esperar para que o filho tenha idade suficiente para começar a treinar. Eu sei que o meu pai era assim. Mas a minha mãe? Quando olho para trás, era óbvio que ela estava *aterrorizada*.

— Não precisas de falar sobre isso agora, se não quiseres.

— Eu quero.

Pego na mão dele na escuridão e ele aperta a minha.

— A minha mãe foi criada numa família Vassala e tornou-se logo uma Pajem, mas nunca tentou obter o título de Escudeira. Casar com um Herdeiro de Artur era a melhor coisa depois disso, pensavam os pais dela. O meu pai nunca foi Chamado, mas os Herdeiros de Artur ainda têm… muito poder. Quando eu era mais novo, ela e o meu pai discutiam muito. Sobre o meu futuro, sobre o regime de treino do meu pai. Eu não podia ir para uma escola normal; ele educou-me em casa para ter mais controlo sobre os meus estudos. Tinha oito anos quando o meu pai começou a trazer outros Suseranos para me treinar. Disse-lhes que não me facilitassem a vida só porque era uma criança. Porque, na verdade, eu não era uma criança. Eu era o rei deles. E eles não o fizeram. Facilitar-me a vida, digo. Eles…

Nick faz uma pausa, e consigo ouvi-lo engolir uma, duas vezes. Tenho medo de que ele esteja a chorar e não sei o que fazer. Pressiono o meu ombro contra o dele e espero poder enviar-lhe o meu calor e força. Quando recomeça, a sua voz fica embargada pelas memórias.

— Não são os ossos partidos ou os hematomas, os olhos negros ou as concussões que me mantêm acordado à noite. Isso tudo era curado por um Herdeiro de Gawain. É o olhar da minha mãe quando eu entrava em casa, como

se olhar para mim lhe abrisse buracos no coração. Era nesses dias que eles discutiam mais.

Ele respira fundo na escuridão, e eu respiro com ele, porque quero que saiba que estou aqui.

— Certa noite, ela acordou-me e disse-me que pegasse nas minhas coisas, que estávamos de partida. Estava farta de ver o seu filho ser espancado. Conseguimos percorrer cerca de um quilómetro para fora da cidade antes de uns carros pretos nos cercarem. O meu pai saiu de um deles, assustado e furioso. Mais chateado do que alguma vez o vi. Acho que temeu que tivéssemos sido raptados pelas Crias das Sombras, e foi por isso que pediu ajuda aos Regentes. Nunca imaginara que a sua própria mulher lhe tiraria o filho. Um Merlim que eu nunca tinha visto levou a minha mãe sem sequer nos deixar dizer adeus. — A voz torna-se gélida de ira, serena de tristeza. — O meu pai desfez-se em lágrimas quando eles se foram embora, porque sabia que ela seria castigada. Penso que tentou impedi-la, mas a palavra dos Regentes é definitiva. Os treinos pararam durante algum tempo. Ele inscreveu-me numa escola privada, deixou de falar da minha estirpe, da nossa linhagem. Voltei… voltei a ver a minha mãe algumas semanas depois, num parque perto do nosso bairro. O meu pai e eu estávamos a comer um gelado. A minha mãe passou, e eu corri até ela e dei-lhe um abraço, disse-lhe que estava feliz por ela ter voltado. Mas ela não tinha voltado. A minha mãe sorriu, mas depois afastou-me e perguntou-me quem era.

Começo a soluçar. As lágrimas ardem-me nos cantos dos olhos.

— Passei anos a pesquisar a hipnose dos Merlins. A tentar descobrir maneiras de reverter o que lhe tinham feito. Extrair a memória de um filho a uma mãe é um tipo de hipnose que apenas um Mestre Merlim seria capaz de fazer. Quando nos conhecemos e me disseste que tinhas quebrado a hipnose de Sel, pensei que talvez me tivesse escapado alguma coisa…

A sua voz transforma-se num suspiro pesado.

Foi isso que vi nos seus olhos naquela primeira noite na Sede. Esperança.

— Lamento imenso — murmuro.

Ele aperta-me a perna.

— A culpa não é tua. — Respira fundo, regressando à memória. — De qualquer modo, depois de a termos encontrado, o meu pai fez-nos mudar de

cidade no espaço de uma semana. Para me proteger, penso eu. Pouco tempo depois, o Sel veio viver connosco, e um outro Merlim trouxe-nos até aqui para o Juramento do Mago Real. O Sel era uma criança, jurando a própria vida para me proteger, e eu só conseguia pensar no *ódio* que nutria pelos Merlins, por serem monstros, e em como não queria aquele estranho na nossa casa. Eu queria a minha mãe. Culpei o meu pai por ter chamado os Regentes naquela noite, mas, no final, foi Artur quem separou os meus pais, e eu estou… estou mesmo *furioso* com ele, Bree. Furioso com um fantasma do século VI. — Nick ri-se amargamente. — Eu estava com… tanta raiva de *tudo isto* que pensei que se deixasse de treinar todos os dias, se deixasse de fazer tudo o que o meu pai queria e deixasse de me dar com as pessoas daqui, William, Whitty, Sar, todos, talvez pudesse fazer com que Artur nem sequer me *quisesse* Chamar. Abandonei este mundo, as pessoas, a política, os rituais… para que talvez ele me considerasse indigno e me deixasse em paz. E agora pode ser real?… — Solta outra gargalhada oca. — Afastei tudo durante tanto tempo que por vezes nem sei se seria capaz de ouvir Artur se ele me Chamasse.

Abraço-o com força e ele repousa a bochecha na minha cabeça, abraçando-me também.

Não lhe digo que Sel me disse a mesma coisa quando estava embriagado de éter, sobre Nick não ser capaz de ouvir o Chamado de Artur.

Detesto o facto de Sel, no seu ataque de fúria, poder ter tido razão.

Acordo com o som de Nick a tomar banho na casa de banho do quarto. O meu telemóvel indica que já são sete e meia da manhã e que ainda vou a tempo da minha primeira aula. Sento-me e ajeito os caracóis despenteados, como se estivesse a pedir desculpa ao meu cabelo por ter dormido sem touca, quando reparo num pequeno cesto de artigos de higiene pessoal na mesinha de cabeceira ao meu lado. Sabão, uma toalha de rosto, um pente que nunca conseguirei usar, e uma pequena escova de dentes e um minúsculo tubo de pasta de dentes.

Já sou capaz de ouvir o grito de alegria de Alice quando lhe contar sobre os esforços de Nick. Posso não ser capaz de contar tudo à minha melhor amiga, mas posso ao menos contar-lhe que dormi na cama de Nick e que acordei com uma cesta de presentes ao lado.

Agarro nos artigos de higiene pessoal e desço para uma das casas de banho do corredor, torcendo para que ninguém me veja sair do quarto de Nick. Dez minutos depois, Nick encontra-me e insiste em acompanhar-me de volta à residência.

O orvalho e a neblina instalaram-se nos terrenos da Sede durante a noite, e o sossego da manhã cai, espesso e pesado, sobre nós.

Nick abana a cabeça. As sobrancelhas franzem-se assim que nos afastamos do edifício e nos dirigimos para a estrada de cascalho cercada por árvores que nos leva de volta ao *campus*.

— O que foi? — pergunto.

— Sempre que aqui venho, as pessoas olham para mim como se eu soubesse o que estou a fazer.

Cruzo os braços enquanto caminhamos, e assoma-me uma memória.

— A minha mãe costumava dizer: «Fingir até conseguir.» Talvez seja esse o truque. Fingir até conseguir.

Ele ri-se, e o calor enche-me o peito.

— Obrigado, parceira.

— Oh, não sou tua parceira. — Aponto com o polegar por cima do ombro, em direção à Sede. — Acho que o Vaughn está interessado nessa vaga.

— Uf, aquele gajo! — Nick revira os olhos. — Continua a pedir-me que treine combate com ele. Age sempre como… como se fôssemos *tropas*? É assim que se diz, não é? — Rio-me, a imaginar o idiota do Vaughn a perseguir Nick com espadas de madeira, a implorar-lhe que pratique com ele. — Eu realmente não o quero como meu Escudeiro. — Os olhos de Nick arregalam-se esperançosamente. — Já pensaste se…

Levanto as mãos.

— Como todos vimos ontem à noite, não faço a menor ideia do que fazer para empunhar uma espada ou um arco e flecha, ou o que seja, como deve ser. Eu seria horrível.

— Iríamos treinar-te. — Nick sorri. — Já te vi em ação. Serias *incrível*.

— Oh, a sério?

Cruzo os braços e estreito os olhos.

— Sim, a sério. — O seu riso é como um tremor suave no ar calmo da manhã. — Talvez eu goste de te ver em ação.

Abro a boca, mas as palavras escapam-me, por isso abano a cabeça e viro-me.

Ele detém-se e segura-me o pulso, virando-me até que ficamos frente a frente.

— Não faças isso — repreende-me.

— A que te referes?

Há sombras a bailar-lhe no rosto quando me puxa mais para si. Tal como ontem à noite, no quarto dele, põe o polegar na palma da minha mão, e basta aquela leve pressão para me incendiar as entranhas e fazer disparar o coração.

— Aquilo que acabaste de fazer. Isso que estás sempre a fazer — diz Nick, o olhar divertido trespassado por uma sombra de mágoa. — Dizeres a ti própria que estou apenas a brincar. Não há problema em ficares nervosa, mas, por favor, não descartes a ideia de eu gostar de ti, B.

Solto uma espécie de som estrangulado de indignação.

— Não estou nervosa. Estou só…

Ele inclina a cabeça.

— Só o quê?

Pestanejo, em choque, porque ele está realmente à espera de uma resposta. Não está?

— Só… muitas coisas.

Nick murmura numa concordância divertida, os lábios contraídos num sorriso contido.

— Sim. Concordo.

— E… e… Não estou habituada a sentir-me assim.

— Assim como?

Sinto o calor aflorar-me às bochechas e olho para o lado no instante em que Nick abre um sorriso suave e sabichão. Passa os dedos pelos meus antebraços, subindo até ao interior do cotovelo, fazendo-me estremecer. A sua mão direita sobe-me até ao ombro, onde repousa sobre a clavícula, e o polegar desliza ao longo da minha mandíbula.

— Pensei no que te disse ontem à noite. — A voz sai-lhe grave, quase ponderada, enquanto observa o seu polegar na minha face. — Sobre ser o Herdeiro de Artur e como, a um certo nível, nunca pensei que teria de lidar

realmente com isso, sabes? Não a sério. O meu pai não o fez. O meu avô não o fez. Um Herdeiro adormecido tem a sua influência, mas não tem uma palavra a dizer na Ordem. Nunca pensei em como seria ter os poderes dele e no que poderia fazer com eles, até…

O seu olhar encontra o meu.

A minha respiração falha.

— Até?

— Até ao momento em que o uchel te atacou.

— Oh, claro — brinco, a voz ligeiramente trémula. O rosto de Nick está tão próximo que consigo sentir o cheiro do champô que usou esta manhã. Vejo-lhe os cortes finos na bochecha. Tenho medo de o desejar, mas desejo-o ainda assim. As palavras que profiro a seguir saem fracas e ofegantes. — As donzelas em apuros puxam pelo teu lado heroico?

A paixão na sua voz, a força ofegante que carrega, é suficiente para me fazer estremecer.

— Não te vejo como uma donzela, Bree. És uma guerreira. És forte e bonita e brilhante e corajosa. — Pressiona a testa contra a minha, de olhos fechados, e respira fundo de forma lenta e entrecortada. — E eu gostaria *muito* de te beijar.

— Oh — guincho, e imediatamente desejo ter pensado em qualquer outra resposta.

Literalmente qualquer outra.

Ele ri-se, o hálito limpo e mentolado já íntimo da minha boca.

— «Oh, não»? Ou «oh, sim»?

Nick recua para me olhar nos olhos, e há afeto e algo mais a cintilar-lhe nas profundezas do olhar. É esse algo que me envia um arco de eletricidade pelo corpo.

— A segunda opção…

Nick levanta o meu queixo e pressiona os lábios contra os meus, quentes e suaves.

Já li livros, vi filmes, sussurrei desejos secretos a Alice na escuridão das nossas festas de pijama. Fico à espera de que este beijo me faça sentir uma espécie de bem embaraçoso.

Do que não estava à espera era de que cada toque gentil dos lábios de Nick fosse diferente, se tornasse mais insistente… me deixasse em chamas.

Os sons distantes dos pássaros matinais desvanecem-se quando os dedos de Nick me acariciam o pescoço, inclinando-me o rosto para que as nossas bocas se liguem ainda melhor. Os meus dedos agarram-se à *T-shirt* dele, puxando-o para mais perto de mim, até que o sentimento me domina o pensamento lógico: o meu coração a bater com o dele, o calor do seu peito contra o meu, a força da sua coxa a pressionar a minha. Uma pausa para respirar e voltamos a encontrar-nos. Faço um barulho no fundo da garganta que devia ser embaraçoso, mas Nick consome-o com um murmúrio baixo contra a minha boca, puxando-me até nos sentirmos inundados. Nesse instante, sinto os dois lados da nossa dança familiar. O apelo e a resposta de confiança e lealdade, entrelaçando-se até se tornarem uma melodia. Uma bela verdade que circula ao vento, rodopiando-me na mente, crescendo até que todos os outros a consigam ouvir também.

Não sei no que o nosso beijo se está a tornar — à medida que os lábios dele me roçam o queixo, à medida que os dedos dele tocam ao de leve o meu pescoço, ouvimos os pés de alguém a esmagar cascalho na estrada atrás de nós.

— Nick? És tu?

Russ.

Congelo instintivamente, mas Nick levanta a cabeça, um gemido frustrado a emergir-lhe do peito.

Outra voz.

— Quem é aquele?…

Oh, Deus. O Evan também.

— Uau!

A dada altura, virámo-nos de modo que as minhas costas ficassem voltadas para o caminho por onde viemos, deixando Nick sozinho a enfrentar as vozes desincorporadas de Russ e Evan. Graças a Deus por isso, porque assim posso afundar o rosto no ombro de Nick e recuperar o fôlego em vez de ficar mortificada diante do *playboy* Evan Cooper.

Evan cantarola.

— Muito bem, pessoal! Pronto… Já percebi tudo.

Está ofegante de tanto rir.

— Isso é um beijo de bom dia ou um beijo de boa noite? — questiona Russ, o sorriso a abafar-lhe a voz. — Estamos a chegar ou a sair?

— Estou um bocado ocupado agora, rapazes.

Não posso deixar de sentir uma certa emoção com o tom férreo da voz rouca de Nick.

— Oh, deu para perceber.

Russ ri-se da sua própria piada enquanto Evan diz:

— Perdoai-nos a interrupção, nosso suserano! Por favor, prossegui com o vosso reinado de língua.

Ambos se demoram a rir do comentário, e até eu sorrio contra o tecido macio da camisa de Nick. Contornam-nos com aplausos e exultam durante todo o caminho pela estrada de cascalho rumo ao *campus*.

Quando deixamos de os ouvir, Nick suspira e aperta-me contra si.

— Estás bem?

Assinto contra o seu peito e pressiono a minha orelha contra ele. Ali ficamos, mergulhados num silêncio confortável. Ao fim de alguns minutos, os nossos corações abrandam de um galope rápido para um bater estável. Os meus lábios ainda formigam e os pelos finos dos meus braços estão alerta, de desejo, mas suspiro para não agir.

Pela primeira vez em muito tempo, permito-me desfrutar de um momento de carinho e segurança sem me perguntar se será real.

25

— *Hoje à noite?*

A voz de Alice ressoa de modo supersónico no meu ouvido.

— Siiiim — respondo, enquanto passeio pelo *campus*. Está um dia lindo, e deambulo pelos caminhos de gravilha com um sorriso na cara. Na quarta-feira, foi surreal caminhar entre milhares de estudantes da UCN que não faziam ideia do que realmente se passava na sua escola. Agora é sexta-feira e esse segredo não me parece nada de especial.

A realidade muda mesmo, depois de um beijo como aquele.

Depois de me ter acompanhado a casa ontem de manhã, Nick e eu ainda não parámos de trocar mensagens. Passei praticamente o dia inteiro a sorrir como uma tonta. Hoje de manhã, ele enviou-me uma mensagem a convidar-me para sair com ele e outros Lendários esta noite. Respondi-lhe que sim, e depois, como qualquer melhor amiga, enviei uma mensagem a Alice. Ela ligou-me logo. Tenho apenas alguns minutos para conversar antes de me encontrar com Patricia, mas tenho de concordar com Alice — para me derreter toda ao telemóvel com a minha melhor amiga sobre qualquer assunto relacionado com Nick e a sua boca, vale a pena um telefonema rápido.

— Onde vão?

— A um bar no centro da cidade? Um *pub*? Não tenho a certeza.

Ela ri-se.

— Significa que pouco te importa.

— Nem por isso.

E pouco me importa. Estou morta de vontade para voltar a ver Nick.

— Está bem, então isso é um encontro?

Viro numa passagem estreita enquanto penso na pergunta.

— Pode considerar-se um encontro se houver mais vinte pessoas por perto?

— Beeeem — começa Alice. Ao fundo, consigo ouvir o murmúrio de vozes e o sibilar do vento; ela está a caminho da aula algures no meio do *campus*. — Acho que sim, se agires como se fosse. Se parecer que são só vocês os dois, então é um encontro, não importa quem mais esteja por perto.

— Hum, como é que te tornaste assim tão sábia?

— Leio muitos livros. Próxima pergunta: o que vais vestir?

— Hum…

Patricia acena-me do lugar onde está sentada, encostada a um dos muros de pedra baixos omnipresentes do *campus*. Aceno-lhe também e espero que ela não interprete mal a expressão de terror que acaba de me trespassar o rosto. Nem sequer tinha *pensado* no que vestir para um encontro.

— Bree! — grita Alice.

Estou a poucos metros de Patricia, e chego mesmo na hora exata.

— Tenho de ir, Alice.

— Não! Os meus pais vêm buscar-me esta tarde, por isso não vou estar presente no teu esquadrão da moda. Devo ligar à Charlotte? Ela tem roupa bo…

— Chau, Alice!

Ela resmunga, mas despede-se. É uma chatice que ela não esteja por cá esta noite. Faço uma nota mental para, pelo menos, lhe enviar uma mensagem antes de sair.

— Desculpe — digo a Patricia, e guardo o telemóvel na mala.

— Não precisas de me pedir desculpa — responde Patricia, com um sorriso. O seu batom cor de vinho combina com o xaile de hoje. — Obrigada por te encontrares comigo aqui.

Olho em volta, observando pela primeira vez o nosso ponto de encontro. Não tinha pensado muito no cemitério durante a visita ao *campus*; era comum que cidades antigas em estados de antigas colónias como a Carolina do Norte tivessem cemitérios históricos no meio de um local moderno. Certamente não imaginei que o visitaria durante uma suposta consulta de terapia.

— Confesso que estranhei que tenha marcado a sessão para aqui.

— Ficaria preocupada se não o tivesses feito. Nada de questionários desta vez — diz ela, puxando o xaile. — Trouxe-te aqui porque decidi que gostaria de te ajudar, e acredito que este é o melhor lugar para começarmos.

Sem esperar pela minha resposta, avança em direção à entrada do cemitério, que na realidade é apenas uma fenda aberta no muro.

— No cemitério?

O seu ritmo é surpreendentemente despachado, tendo em conta que as suas pernas são muito mais curtas do que as minhas. Tenho de dar alguns passos rápidos para a apanhar.

— No cemitério.

O céu é de um azul-brilhante por cima de nós, e o cemitério de Old Chapel Hill, com áreas cobertas de relva verde e outras de árvores, é provavelmente o cemitério mais bonito de sempre. Parece um parque escondido, um refúgio afastado das multidões de estudantes debruçadas sobre os telemóveis a caminho das aulas, de professores a conversar a caminho do bar do *campus*.

Recordo alguns fragmentos da visita guiada ao *campus* enquanto caminhamos: quando a UCN foi fundada, no final do século XVIII, começou por ser apenas um edifício — a minha residência — em Old East. Alguns anos depois da inauguração, um estudante morreu inesperadamente e foi enterrado num pedaço de terreno vazio não muito longe do então centro do *campus*. À medida que o *campus* se foi expandindo, a universidade marcou o perímetro em torno do cemitério com cartazes informativos e um muro de pedra construído no início do século XIX para o separar do resto do terreno.

— Então é assim que me vai ajudar a compreender a minha mãe?

Patricia ofega um pouco à medida que o caminho serpenteia em subida, passando por uma enorme murta de carvalho.

— Não sei muito sobre a tua mãe, Bree, por isso a compreensão é um pedido difícil. Mas sei coisas sobre Raiz.

— Então o cemitério é onde me vai ensinar Raiz?

— É o ponto de partida — afirma Patricia, enigmática. — A raiz da raiz, se preferires.

Ri-se com a sua própria piada e eu desisto de fazer perguntas.

As lápides esculpidas por que passamos à beira do cemitério foram feitas de granito polido e refletor. As gravuras parecem ter sido feitas recentemente, embora tenham dez, vinte, trinta anos. Algumas delas têm flores frescas. A maioria das gravuras são pedras quadrangulares simples e lisas com placas de

identificação metálicas. Alguns são retângulos mais altos e sólidos sobre as lajes de pedra. Há até um pátio de mausoléu — para algumas famílias ricas, provavelmente. Mas à medida que nos aproximamos do centro, as marcações vão ficando mais velhas, mudam de forma. Obeliscos manchados de bolor, pedras tumulares mais finas, com dois e três conjuntos de nomes. Nomes longos, nascimentos e mortes do início de 1900 e finais de 1800.

Patricia conduz-nos para lá das lápides cinzentas mais antigas, por um caminho estreito que leva a outro talhão.

— A manutenção do cemitério é feita pela cidade, e todas as pessoas aqui enterradas estavam associadas à universidade ou à cidade de uma maneira ou de outra.

— Como diretores e professores?

— Exato — sussurra. — Originalmente, era usado para enterrar estudantes que morriam enquanto estavam matriculados, assim como membros do corpo docente. Esta é a secção mais antiga. O primeiro foi um jovem rapaz, membro da DiPhi, enterrado no final do século XVIII. Foram acrescentadas mais cinco secções depois disso. Uma mistura de professores e funcionários, filantropos e doadores, ex-alunos famosos e assim.

Paramos num muro de pedra de aspeto antigo que percorre toda a extensão do cemitério.

— Reparaste em alguma coisa?

— Pensei que tinha dito que hoje não haveria questionários. — Ela inclina a cabeça, os lábios curvados num sorriso misterioso, e isso faz-me lembrar que, aqui, é Patricia quem tem todas as cartas. As cartas que eu quero.

Perscruto o caminho por onde viemos. Temos andado por veredas de terra batida, endurecidas e suavizadas ao longo do tempo por muitos pés. Servem um duplo propósito: conduzem silenciosamente os visitantes para evitar caminhar diretamente sobre qualquer uma das sepulturas, mas também separam as diferentes secções do cemitério. Fora dos limites do cemitério, os carros passam em direção ao estádio de futebol, mas, além disso, os únicos sons são os de pássaros e do vento. A torre sineira ressoa em Westminster Quarters. Quando acaba, um sino solitário indica as duas e quinze.

Fico a olhar para ela, confusa, mas dou outra vista de olhos ao lugar onde parámos. Há uma pequena floresta do outro lado do muro de pedra.

— Aqui há poucas lápides. — Aponto para um canto na parte de trás, sombreado por uma árvore baixa. — Algumas pedras tumulares ali. Está quase vazio.

— Oh, não. Está cheio. Esta parede marca o início da segregação. Todos os negros estão enterrados nestas duas secções.

Inclina a cabeça em direção à relva além do muro.

O meu estômago revira-se com as suas palavras. Não imaginava que a terapia fosse assim. Tenho quase a certeza de que a maioria das pessoas não tem este tipo de sessões.

Patricia cobre os ombros com o xaile e continua:

— Alguns eram escravos de professores da universidade, mantidos no *campus* para ajudar a construir e manter a escola. Alguns eram servos ou pessoas livres após a abolição da escravatura nesta parte da confederação. — Suspira, indicando com a cabeça a relva por cima do muro. — Aquele memorial no Arboreto é a homenagem bonita, educada. Mas o sangue? O sangue está enterrado aqui.

— Porque é que não há nenhuma…

Engulo, desejando, de repente, sair a correr deste lugar que me parece demasiado íntimo, demasiado aterrorizante.

— A maioria não tem identificação. As pessoas usavam pedras ou cruzes de madeira, as coisas que se podiam dar ao luxo de adquirir. Algumas sepulturas ainda têm um pouco de iúca ou de pervinca, ou uma árvore que se vê que foi plantada deliberadamente — diz, apontando para plantas espalhadas pela relva. — Foram as famílias e os membros da comunidade que o fizeram, suspeito. Nos anos oitenta, as pessoas usavam esta secção como estacionamento nos jogos de futebol, portanto, sabe-se lá o que foi destruído na altura. Fizeram um estudo de preservação não há muito tempo, utilizando um tipo de radar qualquer. Encontraram quase quinhentas sepulturas não identificadas nestas duas secções e na do outro lado do muro, mas até um médium lhes podia ter dado essa informação.

Sorri, com um brilho de astúcia a atravessar-lhe o olhar. Patricia caminha através de uma abertura na parede e pisa a relva com cuidado, virando-se quando percebe que não a estou a seguir. Fito a terra sob os nossos pés.

— Quinhentas?

— Sim.

Engulo em seco.

— Tenho mesmo de andar em cima da relva? Posso estar a pisar a campa de alguém.

— E estás. — Patricia vira-se com um sorriso. — Mas nós vamos reconhecê-los. Agradecer-lhes.

Arquejo e solto um longo suspiro, e depois sigo os seus passos, imaginando que talvez ela saiba onde estão as sepulturas e as evite pelas duas. Paramos numa secção de relva não marcada.

— É aqui que dois dos meus antepassados estão enterrados — explica, simplesmente, como se me indicasse onde encontrar um copo num armário.

Os copos estão aqui. As canecas estão ali. Patricia senta-se com as pernas cruzadas na sua saia comprida.

Por instinto, afasto-me, mas ela fita-me com a sobrancelha arqueada.

— Senta-te.

Ajoelho-me com cuidado. A relva recém-cortada é quente e espeta-se nas minhas pernas despidas.

Sento-me de pernas cruzadas à frente dela, observando-a enquanto abre a mala de veludo que traz consigo e coloca algumas pedras no chão entre nós: uma verde e brilhante com a forma de um pequeno punho cerrado; uma pedra roxa e branca com algumas pontas afiadas — ametista, penso eu; e um quartzo fumegante. Para minha surpresa, Patricia dispõe outros itens à nossa frente, itens que nunca pensei trazer para uma sepultura: num saco mais pequeno, tem alguns frutos, um prato com pão de milho e uma caneca vazia que enche com chá.

— Não sei quem são os meus antepassados, pelo menos os que precederam a minha bisavó — comento.

Patricia encolhe os ombros.

— Muitos negros nos Estados Unidos não conhecem mais de quatro ou cinco gerações das suas origens, não conhecem nomes antes do final do século XIX. E porque haveriam de conhecer? Não nos deram propriamente os registos familiares detalhados quando nos libertaram. — Continua a organizar as suas oferendas sem olhar diretamente para mim.

Sinto-me preenchida por uma sensação azeda, semelhante à que senti ao olhar para a Muralha da Ordem.

— Nem cheguei a conhecer a minha avó.

A cabeça de Patricia inclina-se na minha direção. Tem uma expressão de curiosidade.

— Nunca conheceste a tua avó?

Assumo uma postura defensiva.

— Não.

— Ela morreu antes de teres nascido?

— Sim.

— Não tens tias desse lado da família? Tias-avós?

— Não.

A frustração arde dentro de mim, como se houvesse um fósforo a incendiar-me as entranhas. De repente, a minha pele parece ficar demasiado apertada para o meu corpo. Os pelos finos da minha nuca eriçam-se. A minha visão fica embaciada. Não preciso de ser recordada de que estou sozinha. De que estou perdida.

— Bree, respira — pede suavemente, mas com firmeza. — Devagar, pelo nariz.

Ouço Patricia falar, mas a sua voz chega de longe.

Faço o que ela diz até que o meu coração abrande, mas ainda sinto a garganta apertada. Preciso de pigarrear umas duas vezes para ser capaz de voltar a falar.

— Então, o que é que estamos a fazer aqui?

Ela sorri.

— Confias em mim?

Pestanejo.

— Isso é o que as pessoas dizem antes de fazerem alguma coisa esquisita a alguém.

Ela sorri.

— Eu consigo lidar com coisas esquisitas se tu também conseguires.

Penso em tudo o que aconteceu na última semana da minha vida.

— Consigo lidar com coisas muito esquisitas.

— Então vamos prosseguir. — Patricia levanta-se e dobra as mãos sobre o colo. — Como sabes, há uma energia invisível à nossa volta, no mundo inteiro, que só algumas pessoas conhecem. Algumas dessas pessoas chamam-lhe magia, outras chamam-lhe éter, outras chamam-lhe espírito, e nós chamamos-lhe Raiz. Há mais do que uma escola de pensamento sobre esta energia. Será um elemento? Um recurso natural? Penso que se trata de ambos, mas um praticante na Índia, na Nigéria ou na Irlanda pode não concordar. A única verdade universal sobre a raiz é quem, ou o quê, lhe pode aceder e como. Os mortos têm maior acesso à raiz, e as criaturas sobrenaturais vêm em segundo lugar. Mas, e os vivos? Os vivos precisam de pedir emprestado, negociar ou roubar a capacidade de aceder e utilizar essa energia. O nosso povo, os Artesãos da Raiz, pedem a raiz emprestada temporariamente, porque acreditamos que a energia não é para nós. — Patricia acena com uma mão sobre as suas pedras e comida. — Fazemos oferendas aos antepassados para que eles partilhem connosco a raiz durante algum tempo. E depois, quando é devolvida, agradecemos-lhes por serem uma ponte para o seu poder. Esta é a filosofia unificadora da nossa prática. Além disso, as famílias têm as suas próprias variações, os seus próprios sabores, se preferires. Assim tem sido sempre, e assim é.

— Disse-me que não sabia como a minha família praticava.

— E não sei. Nas atuais circunstâncias, parece que o caminho da tua família desapareceu. Tudo o que posso fazer é apresentar-te o ofício tal como a minha família o entendia, usando a minha maneira de partilhar as suas verdades.

Faz sentido, mas…

— O que faz com a raiz?

Enquanto Patricia olha para mim, um calor suave e difuso espalha-se pelas minhas bochechas e nariz, como um raio de sol.

— Dá-me a mão e eu mostro-te.

Assim que pego nas suas mãos, há uma sensação de pulsar — a sua pele é quente, seca e macia — antes de o mundo que nos rodeia se pôr a girar e depois desaparecer.

PARTE TRÊS

RAÍZES

26

Parece que a mão do universo me atravessou o peito e simplesmente… *puxou*.

A sensação de movimento é muito forte — estou a voar, a expandir-me — e depois, tão depressa como começou, detém-se.

Caio para a frente, apoiada nas mãos, com tonturas e inalando grandes quantidades de ar empoeirado. Ar que se agarra à parte de trás da garganta e me reveste a boca com um sabor a cobre.

— Está tudo bem, Bree.

A voz de Patricia, vinda de algum lugar perto do meu ombro, acalma-me. Ela está ao meu lado, com os seus sapatos pequenos e achatados ao lado das minhas mãos. Abro os olhos para descobrir que tenho as mãos espalmadas sobre argila compactada, esfarelada, que foi escovada e alisada para se tornar uma superfície uniforme. Um piso. Estou *dentro* de um edifício. Não, de uma cabana.

Mas estávamos no cemitério há menos de um segundo.

Uma mulher geme por ali, um som estrangulado de dor. Viro a cabeça para encontrar a fonte e quase volto a cair para a frente.

O espaço pequeno e retangular está iluminado apenas por uma lareira à altura da minha cintura, no meio da parede mais longa. As paredes são feitas de tábuas de madeira rugosas, e nos intervalos das tábuas há pequenos restos de pano enfiados entre fendas para escorar as aberturas contra o ar frio da noite. Ao meu lado, no chão de terra batida, estão dois cobertores finos, de uma cor castanho-esborratada, com as pontas esfarrapadas e irregulares. Assim que vejo a lareira, o calor bate-me na cara é então que percebo que isto não é um sonho, que isto é real.

Reais como as duas figuras diante do fogo: uma mulher negra deitada sobre uma zona do chão coberta de palha cujo corpo está quase oculto da minha visão, e a outra, uma mulher negra de meia-idade debruçada sobre a companheira, usando um vestido longo e liso e um chapéu de algodão branco.

A mulher deitada volta a gemer, e a outra conforta-a com uma voz suave e tranquilizadora.

— Aguenta, Abby, aguenta. A Mary está a chegar.

Abby sibila em resposta, e é o som de uma dor súbita, tão aguda que me rouba o fôlego.

— Onde estamos?

A minha voz não passa de um sussurro e quase se perde por entre o som do choro de Abby. Ponho-me de pé. Ao meu lado, o rosto de Patricia contrai-se ao assistir à cena diante de nós.

Responde-me com um tom férreo, sem sussurros.

— A cerca de quarenta quilómetros do local onde nos sentámos no cemitério.

— Como é que…

A expressão de Patricia ostenta uma estranha mistura entre tristeza e orgulho.

— O ramo da minha raiz permite-me trabalhar as memórias, compreender a sua energia e o poder que detêm sobre o nosso presente. Trouxe-te num passeio pela memória: uma espécie de viagem no tempo, se preferires, para uma memória da minha antepassada, Louisa, cuja sepultura visitámos. É pouco ortodoxo para uma pessoa que trabalha com memórias trazer alguém de fora da família, mas eu esperava que as minhas intenções fossem claras. Com a minha oferenda, pedi à Louisa que me ajudasse a mostrar-te o mundo e as pessoas que deram à luz à nossa arte. E esta é a memória que a Louisa escolheu.

Patricia inclina a cabeça na direção de Abby, cujo corpo ainda não sou capaz de ver claramente. Consigo apenas ver a sua cabeça e os seus ombros. Os olhos grandes são emoldurados por longas pestanas que qualquer pessoa pagaria para ter, e os caracóis fechados são grossos e volumosos ao redor de um rosto cor de bronze em formato de coração. Não parece ter mais de vinte anos.

— Este é um exemplo das circunstâncias que reforçaram a aliança de energia entre os nossos vivos e os mortos, formando a tradição a que chamamos Arte de Raiz.

Um arrepio percorre-me a espinha, mesmo com a lareira a aquecer a divisão.

— Estamos *dentro* de uma memória?

Nunca ninguém da Ordem mencionou nada parecido com isto. Sel é um ilusionista, capaz de lançar feitiços e de manipular memórias com a sua hipnose,

mas *viajar* para dentro delas?

— Sim — afirma Patricia. — Conheço bem esta, na verdade. Estamos no início de junho de 1865. Alguns meses depois da Batalha de Appomattox, mas antes da Proclamação da Emancipação. Temos de nos aproximar. A Mary está quase a chegar.

Dá um passo em frente, mas eu deixo-me ficar para trás, a abanar a cabeça, porque consigo imaginar a origem do sufocante e aterrador cheiro a cobre: sangue. Muito sangue.

Quando Patricia se apercebe de que não estou atrás dela, repara na minha expressão e um esgar de compreensão preenche-lhe o rosto.

— Não faz mal ter medo, Bree. Como muitas coisas reais, isto também é horrível e difícil. Se te ajudar, a Abby sobrevive, com a ajuda da Mary. Vive uma longa vida depois desta noite.

Ajuda, um bocado.

— Elas não nos vão ver? — pergunto, vendo como Louisa espreme um pano molhado para dentro de um balde, a preocupação estampada no seu rosto negro. Mesmo durante uma crise, as suas mãos estão firmes.

— Não. O espírito da Louisa trouxe-nos até aqui, mas o que é passado é passado. Somos apenas observadoras. Ela não nos pode ver nem ouvir, e o mesmo vale para os outros.

Mordo a bochecha por dentro.

— Mas porque é que ela escolheu esta memória?

— Vais poder ver por ti mesma. Anda.

Patricia estende-me a mão, e eu aceito-a.

À medida que nos aproximamos, a porta frágil da cabana abre-se e uma jovem de pele escura com um vestido bege dispara pela sala, as suas feições elegantes concentradas.

— O que aconteceu?

Louisa exala, aliviada, levantando-se a custo. A parte da frente do seu vestido está manchada de sangue seco.

— Aquele rapaz com cara de rato, o Carr, apanhou-a.

Louisa recua quando Mary se aproxima. Tem um saco de pano numa mão e, ao ajoelhar-se, começa a desfazer o nó da parte de cima.

— De que é que ele a acusou desta vez?

Um trejeito de escárnio perverte as feições bonitas de Louisa.

— As mesmas mentiras de sempre. De se meter com alguma mulher branca na rua, de lhe ter respondido torto, ou algum disparate do tipo.

Mary tem agora o saco aberto e espalha o conteúdo sobre o chão. Lá dentro, há ervas enfaixadas, pequenos frascos de vidro verde com líquidos turvos e algumas plantas recém-colhidas, terra húmida ainda agarrada a raízes espigadas.

A boca contorce-se-lhe numa careta.

— Aposto que aquele rapaz tem uma história diferente de cada vez que a conta.

Louisa está tão furiosa que tem os punhos a tremer ao lado do corpo.

— A Chloe disse que foi a correr até à guarnição para pedir ajuda, mesmo tendo-lhe eu *dito* várias vezes que eles não estão aqui para nos proteger, mas sim para nos manter na linha. O Carr arrastou-a para fora. — O olhar de Louisa torna-se duro como pedra. — Deixou-a lá no chão, desmaiada de tantas chicotadas. Eu e a Chloe trouxemo-la outra vez para aqui, e ela acordou a meio caminho. Tenho-a mantido calma, mas…

— Mary?

A voz de Abby é um sussurro fraco.

— Estou aqui, Abby.

Mary conforta a outra mulher enquanto as suas mãos trabalham nos materiais espalhados pelo chão.

Patricia tem-me puxado lentamente para a frente. Estamos agora na lareira, e consigo finalmente ver o que aconteceu a Abby.

Tem as costas rasgadas, como se um gato gigante tivesse usado a sua coluna vertebral como um brinquedo de arranhar. Longas tiras de carne dilacerada atravessam-lhe o ombro até à cintura, algumas são finas como navalhas, outras, tão largas e abertas que revelam as dobras do tecido muscular em tons de vermelho e rosado que apenas reconheço dos talhos. O chicote perfurou-lhe pele e roupa, deixando-lhe tanto o corpo como o vestido em retalhos.

Um ser humano fez isto a outro ser humano. Um rapaz qualquer fez *isto* a Abby por conta de uma alegada ofensa. Ela correu a pedir ajuda e ninguém se

dispôs a ajudá-la. Entregaram-na a um rapaz que lhe rasgou o corpo e a deixou a morrer.

A fúria acumula-se em mim como um veneno. Uma sensação aguçada e perigosa que nunca senti em relação a alguém que não conheci.

— *Carr.*

Patricia acena com a cabeça.

— O monumento dele está no quarteirão.

— *O monumento dele*?

Viro-me para ela, furiosa, incapaz de aceitar que um monstro destes tenha sido homenageado na UCN ou em qualquer outro lugar.

Patricia suspira com pesar.

— Todas as histórias têm dois lados. Especialmente no Sul.

Procuro encontrar a minha raiva refletida no seu rosto, mas a sua expressão ostenta uma máscara cansada. Ela deve senti-la. *Tem* de a sentir.

Patricia olha para trás como se soubesse o que estou a pensar.

— Nunca te esqueças. Sente a tua raiva. E canaliza-a. — Pega-me na mão e aperta-a, e essa é a única coisa que me impede de cair no chão. — Observa. Este é o coração da Arte de Raiz, Bree. Proteção contra aqueles que nos querem magoar e, caso o façam, a cura para que possamos sobreviver, resistir e prosperar.

Vejo Mary a ficar de joelhos, as mãos voltadas para cima no seu colo. Vejo como começa a cantar baixinho, um pulsar grave que se parece com tambores quentes a bater-me nos pés, na barriga, no coração. Depois vejo como esses tambores se tornam mais do que uma sensação, à medida que ganham forma e se tornam visíveis.

A luz surge dos nós dos dedos de Mary, revestindo-lhe as palmas das mãos e os pulsos à medida que chamas crescem e pulsam ao longo da sua pele.

— Fogo mágico — sussurro, admirada.

Patricia surpreende-se ao meu lado, mas, de alguma forma, isso parece não importar. Menos ainda quando vejo Mary inclinar-se sobre Abby até que as suas mãos douradas brilhantes pairam sobre os ferimentos e as feridas começam a fechar-se lentamente. Menos ainda quando a respiração de Mary e os suspiros

entrecortados de Abby se ligam até que os seus peitos sobem e descem ao mesmo ritmo, a raiz a unir músculo a músculo, músculo a fáscia, pele a pele.

Os cheiros a mel e sangue misturam-se no meu nariz e na minha boca.

As duas mulheres respiram juntas durante muito, muito tempo, enquanto o sangue dos antepassados de Mary desperta para curar as feridas forjadas por um chicote de cavalo nas mãos de um homem maldoso.

Por fim, Mary inclina-se para trás, com gotas de suor a cintilar-lhe na testa. Mas as feridas de Abby ainda não fecharam por completo.

— Ela ainda não acabou, pois não?

— Acabou, sim.

— Mas a Abby ainda está a sangrar!

— Olha para as ervas.

Ao lado dos joelhos de Mary, os feixes de plantas e ervas tornaram-se murchos e escurecidos. As raízes antes húmidas secaram e retorceram-se em pequenas bolas de fuligem.

— Não compreendo.

— Os Artesãos Selvagens pedem emprestado o poder dos seus antepassados para utilizarem a energia das plantas. Esse poder é finito, assim como a energia vital das plantas, assim como a capacidade de Mary de operar como uma ligação, assim como com todos os artesãos no seu ramo.

Ilustrando as palavras de Patricia, Mary cai de joelhos. Louisa corre para ela, ajudando-a a estabilizar.

Abano a cabeça. Não foi isto que vi William fazer. Ele consegue fechar feridas por completo. Quando penso nele, em Sel e nos outros Herdeiros Despertados, o seu poder parece não ter limites. Porquê? Porque não o de Mary?

— Mas a Abby ainda está a sofrer.

— Ela salvou a Abby de uma infeção mortal. O corpo da Abby vai curar o resto. Talvez se houvesse um outro Artesão Selvagem por perto, mas, mesmo assim, os antepassados poderiam não permitir um tratamento duplo. Não podemos ligá-los e desligá-los como uma torneira. Afinal, são eles que nos *permitem* usar o seu poder.

— Abençoada sejas, Mary — sussurra Abby, a sua voz grogue de exaustão. — Abençoada sejas.

— Não temas. — Mary acalma-a enquanto Louisa a ajuda levantar-se. — Descansa agora.

— Mary, fica — pede Louisa, gesticulando para os cobertores que antes vi. — Também precisas de descansar. Os antepassados também te esgotaram, imagino.

Mary aquiesce, os olhos quase fechados.

— Está bem.

Louisa guia-a até ao extremo da cabana, passando por nós, e ajuda Mary a acomodar-se no chão de argila.

— O que disseste há pouco? — Patricia puxa-me a mão. — Sobre o poder da Mary?

Observo Mary a ajeitar-se sob os cobertores de Louisa e sinto uma vontade esmagadora de lhe oferecer a minha camisola, as minhas meias. Qualquer coisa que a possa ajudar, ou a Louisa, ou a Abby, a sentir-se mais quente.

— Fogo mágico. Eu vi-a reunir éter… raiz… nas palmas das mãos antes de curar a Abby. É da mesma cor do éter que circunda o Memorial dos Fundadores Não Celebrados.

Patricia invade o meu campo de visão, e tem os olhos arregalados.

— Consegues ver a raiz?

A pergunta apanha-me desprevenida.

— Você não?

Uma mescla de fascínio e confusão transforma-lhe o rosto.

— Eu *sinto-a*, mas não a vejo. Um Leitor, um Médium ou um Profeta poderia, talvez, se pedisse aos antepassados que lhe emprestassem os olhos. Mas nunca por mais de um curto período de tempo. — A sua expressão altera-se. — Quem te ensinou essas palavras, Bree?

Não quero mentir.

— A Ordem da Távola Redonda.

A consternação domina as feições de Patricia, e, de repente, o ar na cabana torna-se frio.

— *Artesãos de Sangue* — sussurra, com o medo estampado no rosto.

— Outro… outro termo para Lendário? — gaguejo. — Tal como chama «raiz» ao éter?

— Não, não é apenas um termo. — Toma-me as mãos, unindo-as entre os nossos corpos. A suavidade da sua pele é apenas uma casca. Por baixo, as mãos de Patricia são como aço inflexível. — Os Artesãos de Sangue não pedem poder *emprestado* aos antepassados, roubam-no. Retêm-no no corpo por gerações e gerações.

— Eu… eu sei o que são as Linhagens — assumo, desnorteada, e um sentimento de horror assoma-me ao estômago. — Para que usam os poderes, aquilo por que lutam.

— Então conheces os seus pecados — diz Patricia. — A Arte de Sangue é uma maldição que ganhou vida.

O olhar de Patricia contém todos os horrores dos Lendários de que já ouvi falar e testemunhei, cada mal que imaginei, e mais alguma: o Merlim que me roubou a minha mãe. O Merlim que levou a mãe de Nick. A crueldade de Sel. Os Regentes. As perdas de Fitz. Os Suseranos que abusaram de uma criança a quem chamaram rei.

— Eles são… É…

— Magia de colonizador. Magia que *custa* e que *tira*. Muitos praticantes enfrentam demónios. Muitos de nós enfrentamos o mal. Mas a partir do momento em que os seus fundadores chegaram, a partir do momento em que *roubaram* as terras aos indígenas, a própria Ordem forneceu aos demónios bastante com que se alimentar! Eles colhem o que semeiam com a própria magia.

De repente, Louisa surge a meros centímetros de nós. Patricia solta-me e ambas nos afastamos. Depois, sem aviso, Louisa vira a cabeça, o olhar relanceado ligeiramente na minha direção.

— Pensei que ela não nos conseguia ver — sussurro.

Patricia franze as sobrancelhas enquanto observa a sua antepassada a perscrutar o espaço onde se encontra a minha cabeça.

— E não consegue.

Mas os olhos castanhos de Louisa fixam-se nos meus, lançando faíscas por toda a minha pele.

— Eu vejo-te — sussurra ela, em tom grave.

Antes que tenha tempo de abrir a boca, Louisa agarra-me o cotovelo e o mundo volta a desaparecer.

Abro os olhos, ofegante com a sensação de aperto à volta da coluna. A sensação é menos vertiginosa do que o primeiro passeio pela memória, mas tenho de me dobrar, pousar as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego antes de poder olhar para o que me rodeia.

Estou noutra cabana, que é como a primeira, mas esta é mais pequena, mais iluminada, e está cheia de mulheres negras agitadas. Mais uma vez, o lamento de uma mulher preenche o espaço, uma única nota tortuosa arrastada, que então termina. Vozes de encorajamento, outro gemido ténue.

— O que foi *aquilo?*

Viro-me para o perguntar a Patricia. Mas Patricia não está aqui. Apenas Louisa.

A mulher mais velha está de pé ao meu lado, ainda com o vestido ensanguentado, e olha para o outro lado da cabana sem me responder. Os seus olhos acompanham duas mulheres que saem por uma porta lateral carregando um pesado balde de metal entre elas.

Percebendo que ela não vai explicar o que acabou de fazer — ou como foi capaz de me ver —, tento outra pergunta.

— Onde estamos?

Louisa responde sem olhar para mim.

— Não muito longe da minha casa da outra memória. A melhor pergunta é quando, rapariga.

Levanto-me.

— Quando?

— Cinquenta anos antes do meu tempo, quando a minha avó era nova.

— Estamos em 1815. Porque me trouxe até aqui?

Louisa lança-me um olhar astuto.

— Porque precisas de ver isto.

— Onde está a Patricia?

— Tantas perguntas! — reclama Louisa. — A minha descendente está de volta ao seu tempo. Regressarás quando terminarmos. Vem. — Agarra-me o cotovelo

com força e puxa-me, pouco se importando com o facto de eu ir aos tropeções atrás dela. Quanto mais nos aproximamos, mais forte se torna o cheiro quente e acobreado de sangue.

E então, o choro alto de um recém-nascido.

Três mulheres com vestidos longos ajoelham-se à volta de uma quarta mulher, que acabou de dar à luz. A mãe — uma jovem de dezoito, talvez dezanove anos — está deitada em lençóis embebidos em sangue, enovelados ao redor de um amontoado de palha e erva. Traz a saia enrolada na cintura, as mãos pousadas sobre os seus joelhos dobrados. Está ofegante, exausta e coberta de suor, mas a determinação feroz no seu rosto castanho-dourado quente torna-a… deslumbrante. Linda.

— A que acabou de ter um bebé é a Pearl — explica Louisa. Faz sinal com o queixo para as outras três mulheres. A mais nova parece ter a idade de Pearl e as outras aparentam estar nos seus vinte e poucos anos. — Cecilia, Betty e Katherine.

— Conhece-as?

Louisa sorri e aponta para a mulher mais jovem.

— Aquela é a mãe da minha mãe. Foi ela que nos trouxe até aqui.

Cecilia limpa a testa de Pearl enquanto Betty se ocupa dos cuidados pós-parto. É Katherine quem mantém o bebé, ainda a chorar, fora de vista, limpando-o, imagino, com um dos trapos humedecidos pendurados sobre um balde de água. Os meus olhos são atraídos para uma lâmina ensanguentada sobre uma tábua de madeira ao lado dela. É difícil não pensar nos riscos — germes, infeções, água suja —, embora saiba que as mulheres o fazem há séculos, com os mesmos meios, ou até com menos.

— Porque é que ela me trouxe até aqui?

Louisa inclina a cabeça.

— Não sei.

Katherine sibila, uma inspiração pesada que capta a atenção de todas as presentes. Pearl, a nova mãe, alerta, estica as mãos para pegar no filho.

— O que foi, Kath? Ele está bem?

Katherine vira-se e, pela primeira vez, consigo ver o bebé que tem aninhado nos braços. Ainda está manchado de sangue, enrugado e molhado. O seu choro

é silenciado, substituído por lamúrias. Betty aproxima-se, e ela e Katherine entreolham-se. Pearl também repara nisso.

— Betty? O que é que se passa? — questiona Pearl, apreensiva, o olhar a dardejar entre as duas mulheres. — Continuo a sangrar muito?

Betty abana a cabeça.

— Já vi pior. O sangramento não é o problema.

Pearl fica agitada.

— Então dá-mo!

— Dá-lhe o bebé, Kath — diz Betty calmamente.

Katherine acede e passa o recém-nascido para os braços da mãe. Quando Pearl o recebe, a preocupação e o amor estão estampados no seu rosto. Mas quando o fita de perto, um horror silencioso toma conta de si.

Por cima do ombro de Pearl, Cecilia exclama.

— Os olhos dele!

Uma ténue espiral de apreensão zumbe-me na pele.

Talvez Cecilia também o sinta, porque parece pronta para se afastar de Pearl rapidamente.

Katherine abana a cabeça.

— Eu disse-te para não te meteres com aquele diabo de olhos vermelhos, mas tu fizeste-o, não foi? Não há nada de bom que possa vir de um homem que se conhece na encruzilhada, Pearl. Nada.

Os olhos de Pearl estão marejados de lágrimas. Ela abana a cabeça, para assim renegar as palavras de Katherine ou aquilo que vê com os próprios olhos, não sei.

— Ele é meu filho — diz, com os lábios trémulos.

Dirijo-me a Louisa sem olhar para ela, os meus pés a aproximarem-se da cena.

— O que se passa com os olhos dele?

— Uma cria da encruzilhada — responde Louisa, enigmática.

Ela não me detém nem me pede para recuar. Estou quase ao lado de Pearl, e as minhas mãos tremem como se todo o meu corpo já soubesse o que se passa com este bebé. Com o que — e com quem — ele se vai parecer.

— Ele pode parecer um bebé, mas isso é só um disfarce — diz Katherine, com a tristeza e a censura espraiadas no olhar. — Não se pode confiar neles, porque é

da sua natureza mentir, Pearl. Tal como o pai, um dia ele há de virar-se contra ti.

Estou perto o suficiente para ver o recém-nascido, parada entre a mãe e Cecilia. Inclino-me para a frente, a voz desesperada de Pearl a ressoar no meu ouvido.

— É o meu filho!

E vejo o que temia.

Dois olhos âmbar, brilhantes no rosto suave do bebé, fitam Pearl.

Depois, desafiando a compreensão de Patricia, assim como Louisa o fez, Cecilia agarra-me no cotovelo. Os seus olhos ardem de apreensão e fixam-se firmemente nos meus. Tento afastar-me daquele fogo, daquele ardor… mas ela agarra-me com força.

— Isto não é uma criança — diz ela ferozmente. — É um monstro.

O mundo gira e volta a desaparecer.

Quando aterramos, Cecilia puxa-me para junto de si numa caminhada rápida. Não preciso de me virar para saber que Louisa não está connosco.

— Por aqui.

Estamos de volta à universidade, encerradas na escuridão profunda da madrugada. Cecilia arrasta-me para o centro do *campus* a um ritmo vertiginoso.

— Porque me mostrou aquilo?

— Porque precisavas de o ver — responde Cecilia sem fôlego, fazendo eco das palavras de Louisa.

— Eu precisava de ver aquele bebé? — questiono, ofegante. — O que era ele?

Ela explica sem parar de andar.

— Uma cria da encruzilhada, nascida de um homem da encruzilhada. O pai caminhava entre nós e partilhava a nossa forma, mas na verdade era um demónio nascido das sombras. A criança é metade humana.

Tropeço ao ouvir a explicação fria e distante de Cecilia. Ela puxa-me pela mão para me levantar.

Nascido das sombras, mas com a forma de um homem. Um homem da encruzilhada. É isso que os Artesãos de Raiz chamam a um goruchel? Se eu não o tivesse visto com os meus próprios olhos, nunca teria acreditado que uma união pudesse ser possível.

— O que aconteceu ao bebé da Pearl?

— Forçaram-na a desfazer-se dele antes que pudesse crescer o suficiente para fazer algum mal.

Desfazer-se dele.

— Estamos a aproximar-nos. Presta atenção.

Olho em volta. Não sei em que ano estamos, mas deve ser recente, porque reconheço os edifícios, as árvores, os caminhos pedestres.

— Está a levar-me de volta à Patricia?

— Não. Foi a Ruth que te quis aqui.

— Quem é a Ruth?

Cecilia não responde, nem parece interessada em conversar. Detém-se perto de um banco de pedra sob um velho álamo. Antes que eu possa fazer outra pergunta, passa por nós uma mulher de aspeto familiar, as mãos enfiadas nos bolsos, uma mala moderna pendurada ao ombro. Parece-se muito com uma estudante.

— Ruth. Irmã da Patricia.

Os meus olhos arregalam-se. *Irmã* da Patricia?

Cecilia volta a puxar-me até estarmos a caminhar ao lado de Ruth, que parece não nos ver. Usa auscultadores, daqueles antigos com fios, e uma faixa metálica por cima do cabelo castanho.

Nós as três — uma mulher escravizada do século XIX, uma adolescente do século XXI e uma estudante universitária do século XX — serpenteamos por entre estudantes da UCN que permanecem no pátio de gravilha do Fosso. Não sei o que poderá acontecer se tocar nos estudantes universitários que me rodeiam, e não quero descobrir. Descemos os degraus até ao nível da rua, atrás das lojas, e Ruth conduz-nos pela estrada sul e através da calçada em direção ao centro do *campus* da UCN — a torre sineira. Quando nos aproximamos da torre, Ruth estaca, baixando-se de repente por trás de uma das sebes, arrancando os auscultadores dos ouvidos.

— Porque é que ela parou? — pergunto.

Cecilia aponta.

— Por causa dele.

Juntas, observamos as sombras atrás do pátio de tijolos na base da estrutura, onde uma figura encapuzada se ergue numa mancha escura de relva do outro lado do relvado, quase oculta. Quem quer que seja, posicionou-se estrategicamente, parando no exato lugar onde o marco imponente o esconde dos transeuntes da madrugada e bloqueia o brilho laranja-baço dos postes de iluminação do *campus*. O som de um cântico grave e austero chega-me aos ouvidos. Não é inglês. Também não é galês da Ordem.

Balanço os pés enquanto me ponho a ouvir, cativa por momentos. Avanço um meio passo antes de emergir do transe súbito. Estremeço. Há qualquer coisa que não está bem, aqui sob a sombra da torre.

Cecilia dá-me um toque.

— Continua. Aproxima-te. Eles não te conseguem ver.

— Tal como você e a Louisa não conseguiam? — sibilo.

— Há forças maiores do que a Patricia a trabalhar contigo — diz Cecilia, estreitando os olhos. — O seu passeio original foi puxado para a corrente da energia ancestral da nossa família, como uma folha num rio. Os antepassados não te vão libertar antes de acabarem o que estão a fazer. Agora vai.

Cecilia empurra-me com força em direção ao relvado.

À medida que me aproximo, a figura cantante vira-se, de modo que tudo o que consigo ver é a sua camisola preta com capuz e calças de ganga. Olha por cima do ombro, como se um barulho lhe tivesse captado a atenção — talvez Ruth —, e congelo, mas o seu olhar atravessa-me como se eu nem lá estivesse.

Ainda que estejamos a um metro de distância, não consigo discernir-lhe as feições. O capuz está puxado para baixo, mas mesmo o seu nariz e boca estão ocultos pelas sombras. Satisfeita por estar sozinha, a figura vira-se, tirando um pequeno item do bolso. Um frasco de líquido escuro. A figura desenrosca o frasco e despeja-o sobre uma mão enluvada. É sangue, percebo, e reveste-lhe as palmas das mãos e os dedos até o couro começar a brilhar.

Caminha lentamente pela relva, enquanto agita no ar a luva, com a mão aberta, deixando um rasto verde de fogo mágico. O fogo no ar como um arco-íris esmeralda, e depois transforma-se em líquido. O éter flui, resplandecente, para o chão em faixas espessas. A figura afasta-se, recitando uma coisa qualquer, e o éter espalha-se até se transfigurar num véu brilhante mais alto do que um

homem e com pelo menos seis metros de largura. Um rugido crepitante ascende como uma onda nos meus ouvidos, e depois o som de um rasgo.

Volto a sentir o puxão na minha coluna, mas, pouco antes de o mundo desaparecer pela última vez, vejo dezenas de patas parcialmente corpóreas com garras a estender-se através do véu e a aterrar na relva. Um uivo grave inicia-se fora do meu campo de visão, o som intangível torna-se mais alto, mais alto…

Cães Infernais.

Regresso, ofegante, sentada na mesma posição em que estava antes da viagem com Patricia. Há um som que não consigo distinguir. Um som de «iii». Volto a ouvi-lo.

— … iii?

Uma pergunta. Pestanejo e vejo Patricia de joelhos, com as mãos a tremer sobre os meus ombros. A sua boca move-se, e desta vez ouço-a.

— Bree?

— Patricia.

— Oh, graças a Deus. — Puxa-me para um abraço apertado e depois volta a sentar-se. — Estavas aqui, mas não estavas aqui. Respiravas, mas sem reação. A Louisa não me deixava voltar a chamar-te. Tive o pressentimento de que devia esperar, mas…

Sacudo a cabeça para dissipar a névoa, mas as memórias — as minhas novas memórias — permanecem. As imagens pintam-me o interior da mente, pulsando através da consciência, como os tambores. As costas de Abby. As mãos de Mary. Artesãos de Sangue. O olhar determinado no rosto de Pearl. A cria da encruzilhada e o seu olhar laranja-dourado. O Portal das Crias das Sombras.

Uma matilha de cães infernais a atravessar para o nosso mundo.

O meu olhar encontra o de Patricia.

— Tem uma irmã chamada Ruth.

Ela pestaneja.

— Tinha. Ela faleceu há alguns anos.

— Oh — sussurro. — Não sabia.

Patricia sorri como se soubesse no que estou a pensar.

— Já passeámos juntas. Tenho saudades dela, e mesmo assim vejo-a quando preciso. Porque perguntas?

— Porque eu também passeei com ela. Quando ela andou aqui, na universidade. Quando é que isso foi?

— Ela formou-se há cerca de vinte e cinco anos. Porquê?

É como se tivesse acabado de me dar um murro no estômago. A minha mãe esteve aqui há vinte e cinco anos, talvez a viver numa residência não muito longe de onde Ruth estava naquela noite.

Depois lembro-me do que Louisa me mostrou — o bebé de Pearl, do qual se desfizeram, o homem de olhos vermelhos que era seu pai — e o pavor no meu estômago cresce até me arrepiar o corpo inteiro.

— Tenho de ir.

— Ir aonde? — Patricia pestaneja. — O que é que viste?

— Elas mostraram-me aquelas memórias de propósito — murmuro, erguendo-me. — Desculpe, tenho de ir.

— Bree! O que é que aconteceu?

— Desculpe!

Já estou a tirar o telemóvel do bolso enquanto corro.

Nick não atende a minha chamada, mas isso não me dissuade. Estou disposta a atravessar o *campus* inteiro e ir diretamente para a Sede, até perceber que primeiro tenho de parar noutro lugar.

Porque, por mais urgentes que sejam as minhas novas missões, tenho de o ver.

Quando chego à estátua, é como se estivesse a olhar para ela pela primeira vez.

Carr está com o uniforme completo da Guerra Civil, uma espingarda de cano longo nas mãos. O escultor, seja quem for, certificou-se de que a espinha de Carr estivesse direita, os ombros para trás e o queixo erguido. Um soldado orgulhoso, de pé por uma guerra perdida.

A fúria venenosa regressa.

Com o coração a martelar por incontáveis motivos, volto a pensar na Muralha das Eras e nas suas Linhagens, e na mistura de desconexão e frustração que senti ao olhar para ela. Depois, do lugar de honra do monumento no topo do *campus* da UCN, olho para trás, para os edifícios da instituição e para os relvados e

caminhos de gravilha. Também aqui deixo o meu olhar traçar linhas, de edifício a edifício, de árvore a árvore, de vidas enterradas a vidas dilaceradas, de sangue roubado a sangue escondido. Mapeio os pecados deste terreno, numerosos e invisíveis, e mantenho-os perto de mim. Porque mesmo que a dor desses pecados me tire o fôlego, é uma dor que parece pertencer-me, e ignorá-la depois de tudo o que acabo de testemunhar seria uma perda.

Deixo-me ficar de pé, defronte daquela estátua, e reivindico os corpos cujos nomes o mundo quer esquecer. Reivindico os corpos cujos nomes *me* foi dito que esquecesse. E reivindico as linhagens não celebradas que impregnam o chão sob os meus pés, porque sei, apenas *sei*, que, se pudessem, me reivindicariam a mim também.

Não sei porque o faço, sinceramente, mas antes de ir, viro-me para encarar aquela estátua, pressiono ambas as mãos contra ela e *empurro-a*. Imagino todas as mãos que construíram esta universidade e que sofreram nos seus terrenos a empurrar comigo, através das minhas mãos, e, ainda que a estátua não se mova, sinto que lhe enviei uma mensagem.

Talvez seja da minha imaginação, mas sinto-me mais forte. Mais alta. Como se tivesse as raízes de que preciso para seguir o meu caminho.

E depois, com fogo nas veias, começo a correr.

27

Sarah e Tor estão a conversar no átrio quando passo a correr pela porta da frente.

— Bree? Estás bem? — pergunta Sarah, observando o meu ar desalinhado.

— Onde está o Nick?

Tor franze a sobrancelha.

— A levar o pai ao aeroporto.

Não.

Esqueci-me completamente. Lorde Davis vai para a Divisão Norte para se encontrar com os Regentes.

— Quando é que ele volta?

— Ele vai ter connosco ao Tap Rail daqui a uma hora, novata — diz Tor, cruzando os braços. — Porquê?

O bar. Deus, também me tinha esquecido disso, o que significa que, por agora, não poderei falar sobre o Portal e a figura misteriosa. *Uma crise de cada vez, Matthews*. Se Nick e Lorde Davis se foram ambos embora…

— Preciso de falar com o William.

Sarah arqueia as sobrancelhas.

— Estás ferida?

— Não.

Começo a andar pelo corredor que conduz ao elevador, mas Tor mete-se no caminho.

— Então porque precisas dele?

Fico a olhar para ela, demasiado cansada para assumir o papel de boazinha. Sarah intervém.

— Ele está lá em baixo, na enfermaria.

— Os Pajens não podem lá ir, a menos que sejam chamados — protesta Tor. — Ouve, Matthews, não podes andar por aí a fazer o que te dá na gana…

— Torrrrr — geme Sarah. — Bree, vai lá.

O olhar que Sarah lança a Tor é do tipo que se lança a alguém que nos irrita profundamente e que mesmo assim amamos mais do que conseguimos suportar. De repente, torna-se claro quem realmente manda nessa relação entre Herdeira e Escudeira.

Lá em baixo, na enfermaria, encontro William sozinho, sentado atrás de uma secretária, a escrever num computador portátil prateado. Ele olha para cima quando entro, mas o sorriso no seu rosto desaparece mal me vê.

— Estás bem? — pergunta, levantando-se, os olhos a perscrutar-me em busca de lesões.

— Estou bem — apresso-me a responder. — Bem, não. Na verdade, não estou.

A sua expressão passa do alívio a uma curiosidade cautelosa.

— O que se passa?

Um homem de olhos vermelhos e sem nome surge-me na mente, seguido pelo filho de olhos da cor do âmbar.

— O Sel não é humano.

Os olhos cinzentos de William arregalam-se ligeiramente.

— O Sel é o nosso Merlim e Mago Real.

— Não me refiro aos *títulos*, William!

Um músculo treme-lhe no maxilar.

— Estás a falar do quê?

Ando de um lado para o outro enquanto falo.

— O Lorde Davis fez parecer que os Merlins são apenas humanos naturalmente mágicos. Mas isso não é verdade no caso do Sel, pois não? — Quando olho para cima, vejo a flexão subtil dos dedos de William, a veia a pulsar-lhe no pescoço. Contraio o maxilar; aprendi a reconhecer um segredo por detrás de um olhar. — E tu sabe-lo, não sabes?

— Sei o quê? — pergunta tranquilamente, pegando em alguns papéis.

— Que o Sel é uma Cria das Sombras.

— Fecha a porta — ordena William, com a voz mais firme do que alguma vez o ouvi.

Que mais segredos haverá por aqui?

— Eu…

— Por favor.

Os lábios dele comprimem-se numa linha fina.

Acato a ordem em respeito ao «por favor», mas sinto que a minha confiança por William se esvai a cada passo que dou de volta à sua secretária.

William passa uma mão pelo cabelo claro e liberta um longo suspiro.

— Peço desculpa pelo meu tom. Isto não é o tipo de informação a que os Pajens geralmente têm acesso. É difícil promover a ideia de uma guerra contra hordas de demónios quando se tem um a viver sob o mesmo teto. — Sorri, tenso. — Sim. O Selwyn é, tecnicamente, uma Cria das Sombras.

Sabia a verdade antes de entrar nesta sala, mas ouvi-la da boca de William, ter a confirmação…

— Ele é um demónio. Como é que consegue…

— Ele é em *parte* demónio.

William volta a sentar-se na sua cadeira com as mãos dobradas sobre o colo.

— Como é que podem confiar nele? Como é que *alguém* pode confiar nele para…

Ele corta-me a palavra.

— Todos os Merlins são parte demónio, Bree. Sempre o foram.

Esta não é a conversa que pensei que ia ter com ele. Ainda tenho o passeio pela memória fresco na cabeça. Ainda consigo ver o rosto de Pearl contorcido de medo do seu próprio filho. Ainda consigo ver a parteira a afastar-se da criança como se estivesse amaldiçoada. *Ele pode parecer um bebé, mas isso é só um disfarce. Não se pode confiar neles, porque é da sua natureza mentir, Pearl. Tal como o pai, um dia ele há de virar-se contra ti… Isto não é uma criança. É um monstro.*

— Como é que a Ordem é capaz de usar monstros? A vida do Nick está em perigo! Todos aqueles ataques…

William suspira.

— Há proteções…

— Proteções? — Como pode ele estar tão *calmo* em relação a isto? Disparo: — Mas se ele é metade demónio… metade uchel…

— A mãe dele era uma Merlim e o pai é humano. Já ouviste falar em incubus e sucubus, certo?

Pestanejo, atordoada pela mudança de rumo da conversa.

— Demónios do *sexo*?

Os seus lábios curvam-se num sorriso divertido.

— Acabaste de sussurrar a palavra «sexo»?

— Não — replico, corada. — Enfatizei-a.

— Claro, vamos presumir que sim — diz ele, inclinando-se sobre a secretária para puxar um caderno. Pega numa caneta e começa a rabiscar um diagrama, começando com dois círculos rotulados *MM* e *Eu*.

Abro a boca, mas ele volta a interromper-me.

— Preciso que me ouças. Sem falar.

— William…

— *Ouve*, Pajem. — Ele aponta a caneta para mim. — Dá-me cinco minutos.

Respiro fundo.

— Está bem.

— Obrigado — diz, com afetação, e bate no primeiro círculo. — Há muito tempo, no século VI, a mãe de Merlim era uma humana que se deitou com um poderoso íncubo goruchel. Uns solavancos aqui, um ou outro roçar, e temos uma cambion, uma criança metade humana e metade demónio. — Desenha uma linha entre os dois círculos e uma linha perpendicular, descendo até ao outro círculo, *M*. — A afinidade com o éter no sangue demoníaco é dominante. Tipo, perfuraria um quadro de Punnett. O que significa que todos os descendentes de Merlins são cambions também. As pessoas a quem aprendemos a chamar Merlins podem recorrer ao éter e usá-lo quase tão bem como o próprio Merlim, mesmo tendo apenas uma única gota do seu sangue demoníaco… e não precisam de nenhum feitiço do Despertar Lendário.

Fito-o, atónita.

— Todos os Merlins são, em parte, demónios do sexo.

William sorri.

— Tecnicamente, sim, mas a este nível de distância genética, as suas características sedutoras são passivas. — Sacode a mão de forma desdenhosa. — Nada que os genes humanos normais não possam produzir, tirando a cor dos olhos. Beleza fora do normal, voz diferenciada, essas coisas. Passivo, mas efetivo. Num minuto estás a colher sangue e no outro começas a imaginar se a cama da

enfermaria aguenta o peso de duas pessoas. Não acreditas em mim? — Os olhos dele brilham enquanto se aproxima. — Pergunta à Tor.

O meu estômago revira-se com a revelação subentendida. Tor e Sel namoraram? Ou, se não chegaram a namorar… afasto a ideia da cabeça.

— Então, ele não é… *maligno*?

— Volátil, como te disse, mas não é maligno. — William coça o queixo, pensativo. — Tanto do ponto de vista médico como militar, os Merlins são perfeitos para a guerra: corações de corredores de longa distância que pulsam a cerca de trinta batidas por minuto; temperatura corporal aproximada dos quarenta e três graus Celsius… quente o suficiente para fritar um cérebro humano como um bife, mas também significa que queimam qualquer vírus humano ou parasita. Metabolismo avançado, velocidade, força, visão…

— *E audição!*

A porta abre-se atrás de nós e Sel entra, e tem os olhos amarelos a arder.

William sobressalta-se, erguendo as mãos.

— Sel, acalma-te!

Afasto-me à medida que Sel se aproxima de mim, com as pontas do cabelo a fumegar.

— Agora andas bisbilhotar sobre mim, é? À procura de informações que possas usar contra mim?

Embora os pormenores da fisiologia de Sel ainda me ecoem nos ouvidos, depois de tudo o que vivi hoje, não suporto a ideia de até alguém com a fisionomia sobre-humana de Sel me fazer encolher.

— Isto está a tornar-se repetitivo, Mago Real — digo-lhe. — Precisas de aprender truques novos.

Antes que Sel possa responder, William mete-se entre nós de uma forma que apenas vi Nick fazer.

— Tens de te acalmar. A Bree não estava a bisbilhotar. Se te vais zangar com alguém, zanga-te comigo por lhe ter contado.

— Oh, podes contar com isso — rosna Sel.

Os seus olhos dourados fazem chover faíscas quentes por cima de mim.

— Estás nervoso, *cria da encruzilhada*? — disparo.

Sel arqueia as sobrancelhas, e manchas vermelhas inundam-lhe as bochechas. *Bingo*.

— Parem com isso! Vocês os dois! — ordena William. Empurra-me até à parede com as costas, protegendo-me. — Se vais magoar a Bree, terás de passar por mim primeiro, e não me parece que o teu Juramento de Serventia o permita. Por isso, e para evitar que faças figura de parvo, vai-te embora. — Faz sinal com a cabeça em direção à porta. — Fora.

Sel olha para nós uma última vez e deixa a sala num borrão raivoso. Ao longe, outra porta bate, marcando a sua saída.

— Juramento de Serventia?

Quantos Juramentos existem? E quantos fez Sel?

William suspira, ainda de frente para a porta aberta e para o corredor.

— O Juramento primário do Sel é para com o Nick. O segundo é para com os Lendários. — Vira-se e aponta-me o dedo. — Mas numa coisa ele tem razão: gostas de te meter em sarilhos, não gostas?

Neste momento, não posso dizer que discordo.

É demasiado fácil convencer o segurança da Tap Rail de que sou uma mulher negra de vinte e um anos chamada Monica Staten. Pestanejo, perplexa, fitando a carta de condução da Carolina do Norte que tenho na mão.

— Não acredito que resultou — digo.

Greer pisca-me o olho.

— Tirei-a à minha colega de quarto, a Les. Ela tirou-a a uma rapariga que se formou no ano passado. Quando Whitty passou pelo meu quarto mais cedo e disse que íamos sair, lembrei-me de que só tinhas dezasseis anos. Acho que a Les a está sempre a usar, pelo que valia a pena tentar.

— Sim, mas isto é muito *errado* — respondo, a abanar a cabeça. — Diz aqui que Monica Staten é quinze centímetros mais baixa do que eu! E usa óculos.

— O que é que se há de fazer? — Encolhe os ombros. — A cegueira dos brancos para com pessoas de diferentes etnias é real.

A única coisa que eu e Monica Staten temos em comum é o nosso sentido de moda. Enviei à Alice uma fotografia do meu visual — um *top* vermelho e calças de ganga — e ela aprovou, e, portanto, foi o que optei por vestir.

A divisão reservou a varanda de madeira dos fundos do Tap Rail, um elétrico transformado em bar no fim da rua Franklin, na colina do centro da cidade em Chapel Hill. Duas longas mesas estão juntas para nos acomodar a todos. A última mensagem de Nick dizia que ele estaria aqui em breve. William tinha outros planos. Sel não se encontra em lado nenhum.

Verifico o telefone enquanto espero. Patricia telefonou-me oito vezes. Enviei-lhe uma mensagem pelo caminho a dizer que precisava de tratar de umas coisas e que lhe explicaria mais tarde. Os seus avisos ainda me ecoam na cabeça. Artesãos de Sangue, maldições que ganham vida. Não duvido de que haja verdade no que ela disse. O Abate é prova suficiente. Mas neste momento preciso de falar com Nick e de lhe falar do Portal.

Dentro do bar, Greer escolhe uma cerveja artesanal local, mas muda de ideias quando Felicity informa que o bar faz um *bourbon* com refrigerante de cereja incrível. O empregado de balcão arrogante mistura uma dose de *bourbon* com refrigerante até que esta ganha um tom roxo-avermelhado profundo, e cheira a rebuçado.

Felicity dá-me um gim tónico.

— É como se fosse uma *Sprite*.

Quase recuso, mas depois penso na conversa que preciso de ter com Nick e de repente o álcool parece-me uma boa ideia. Bebo um gole e tusso ao sentir a garganta a arder.

— *Sprite* é um exagero — digo, com alguma rouquidão na voz.

Ela encolhe os ombros.

— Podes dar-mo a mim. Que tal um uísque com *Coca-Cola*?

Engasgo-me, a minha mente retorcida com a recordação do cheiro que ocasionalmente sinto nos feitiços de Sel.

— Não! Nada de uísque.

Felicity ri-se e encosta-se ao balcão.

— Então, o que vão vestir para a Gala da Seleção?

Ergo a mão.

— A quê?

— Oh, não. — Felicity pousa a bebida. — Ninguém te disse? Desculpa… Achei que toda a gente soubesse…

Greer sorri.

— Desculpa, Bree.

Comprimo os lábios.

— Tudo bem.

Felicity é rápida a pôr-me a par.

— A gala é um grande evento formal num dos clubes universitários. Jantar, dança, champanhe por todo o lado. Todos os anos, as famílias Vassalas vêm e socializam com os Pajens e as famílias Lendárias para celebrar o fim do torneio. Após o jantar, os Herdeiros que precisam de Escudeiros anunciam qual o Pajem que escolheram. Mas comprar os vestidos é a melhor parte! A Ordem da Rosa até envia cabeleireiros profissionais…

A voz de Felicity desvanece-se. Não consigo pensar em ir a um jantar formal. Ou usar um vestido de gala. Ou dançar. Talvez seja do álcool, mas de repente só consigo pensar em Nick, diante de todos, a anunciar que escolheu um Escudeiro, e não sou eu.

A voz de Felicity regressa.

— Gosto de um penteado mais para cima, mas acho que a Bree devia ir de cabelo solto. Quer dizer, *vejam* só estes caracóis!

Alguém — não, *dois* alguéns — me toca gentilmente no cabelo.

Afasto a cabeça.

— Mas que *raio*? — Tanto Greer como Felicity levantam as mãos, com a surpresa estampada na cara. — Não me toquem no cabelo.

Greer parece mortificade. Felicity gagueja.

— Eu… eu estava só a falar do cabeleireiro que vem à Sede, e o *teu* cabelo…

— É diferente do teu? — grito. — É encaracolado? É volumoso? Claro, mas isso não significa que lhe podem tocar sempre que vos apetece. Não sou um animal de jardim zoológico.

— Desculpa, Bree — diz Greer, a corar.

Felicity pestaneja, abre a boca para falar e depois detém-se. Assente.

— Desculpa. Eu não sabia que…

— Pois. — Respiro fundo, balanço a cabeça. — Agora já sabes.

De volta ao alpendre, o grupo dividiu-se em dois. A multidão barulhenta à mesa já vai na segunda ou na terceira rodada. Alguém pediu jarras de bebida. Do relvado, ouve-se o barulho de uma partida de *cornhole*[7]. Para qualquer observador externo, não passa de um grupo de estudantes universitários a divertir-se numa noitada. Ninguém pensaria que são descendentes de linhagens antigas, curandeiros, velocistas, mulheres fortes ou guerreiros. Apenas jovens. Para qualquer observador externo, eu sou um deles.

Pete acabou de começar uma história sobre o seu pai a caçar um demónio no Trilho dos Apalaches quando Nick e Sel entram no alpendre. Parece que o Mago Real está a levar o seu trabalho como guarda pessoal de Nick mais a sério desde o ataque de quarta-feira à noite. É a primeira vez que os vejo chegar juntos a algum lugar, ou mesmo a estar perto um do outro sem discutir. Sel está todo vestido de preto, como sempre, mas Nick veste uma *T-shirt* dos X-Men que parece confortável e um velho par de calças de ganga. Depois do dia que tive, preciso de muito autocontrolo para não me lançar para os seus braços, mas Russ fá-lo por mim, batendo-lhe ao de leve nas costas e entregando-lhe uma bebida.

Depois de cumprimentar algumas pessoas, Nick olha para mim e precipita-se na minha direção. Senta-se ao meu lado, o cheiro a roupa lavada e cedro no máximo, e empurra um cesto vermelho e branco com batatas fritas cobertas de *bacon* e *cheddar* na minha direção.

— Olá.

— Olá.

Tento não prestar atenção à forma como Nick se senta tão perto de mim. Ou em como, depois de se sentar, não afasta o corpo do meu. Ou em quão quentes estão os seus braços e cintura através da roupa. Mas é difícil. De repente, o meu *top* curto parece-me *demasiado* curto. A minha pele, *demasiado* exposta. Passei as últimas vinte e quatro horas obcecada com cada mensagem, cada *emoji*, mas agora estou tão sintonizada com ele que a mera *proximidade* me dá vontade de fugir para longe, longe daqui. *Mas que raio, Matthews? Recompõe-te.*

Sel ocupa um lugar à nossa frente, oculto sob a saliência do telhado, e balança-se contra a parede apoiado nos pés de uma cadeira. Parece muito agradado por manter os olhos em mim e nem um pouco interessado em parar. Depois do nosso confronto e da revelação da sua ascendência, metade de mim grita-me que

desvie o olhar e a outra metade quer ficar de olho *nele*. A boca de Sel contorce-se num sorriso, como se soubesse exatamente no que estou a pensar e o achasse divertido.

Idiota.

Ao meu lado, Nick inclina a cabeça com um olhar franzido, fixo na minha boca.

— Ainda não te vi sorrir. Está tudo bem?

— Não exatamente.

Como posso contar-lhe o que vi no passeio da memória? Testemunhei algo que nunca foi visto por ninguém que conheça. Como poderia sequer *começar* a falar disso com um rapaz loiro de olhos azuis que nunca teria estado na outra ponta do chicote de Carr? Será que Cecilia e Ruth *quereriam* que eu partilhasse as suas memórias? Eles não as mostraram a Patricia.

Não sei como carregar as imagens emprestadas que ainda parecem vivas e cruas no meu corpo. Como é que Patricia o faz?

— Disseste que querias falar.

Aceno com a cabeça para o canto do alpendre, onde poderemos ter alguma privacidade. Nick entende a deixa e levanta-se da mesa, pegando numa batata pelo caminho. Antes de podermos desenroscar as nossas pernas por baixo da mesa, Vaughn passa por nós. Sem preâmbulo algum, pergunta:

— Então, a Távola está a ser reunida ou quê?

Um momento de silêncio.

Nick perscruta o rapaz, paciente, antes de responder.

— Se estás a perguntar se o Artur já me Chamou… — Baixa o olhar para a mesa, para os outros ouvidos curiosos. — Se algum de vós estiver a fazer essa mesma pergunta, a resposta é não. Ainda não.

— Tenho um amigo na Western. — Whitty, ao lado de Evan, enfia as mãos nos bolsos. — Dizem que avistou seis Crias das Sombras por lá na semana passada.

Nick suspira tão silenciosamente que só eu o consigo ouvir. Põe a batata meio comida no cesto e limpa as pontas dos dedos.

— O meu pai vai falar com os Regentes esta noite e amanhã. Se a Tor for Chamada — diz, e olha para a mesa onde Sar está empoleirada no colo de Tor

—, o plano pode mudar, mas por agora devemos continuar quietos, continuar a treinar e manter os olhos abertos.

— Brindemos a isso — clama Evan, e os que têm bebidas levantam os copos. Alguns dos Lendários brindam às suas Linhagens ou à própria Ordem.

Nick e eu aproveitamos a oportunidade para nos afastarmos e descermos os degraus que dão para o relvado e para as mesas de *cornhole* agora abandonadas. Assim que chegamos ao fundo das escadas, ele puxa-me para o recanto escuro sob o alpendre e inclina-se na direção do meu ouvido.

— Estás linda.

Estremeço, apesar de a noite estar quente e abafada.

— Obrigada.

Entrelaça os dedos nos meus e abre um pequeno sorriso furtivo.

— Então, sobre a manhã de ontem…

— O que é que aconteceu na manhã de ontem? — pergunto, com a animação, por estar envolta na órbita de Nick, a tomar conta de mim.

O sorriso dele alarga-se enquanto abana a cabeça.

— Já te esqueceste, B.? — Ele desliza uma mão do meu ombro até ao meu pescoço, acariciando-me a clavícula com o polegar. Puxa-me até que as nossas testas se tocam. — Deve ter sido um beijo horrível — murmura.

— Terrível — respiro, e a tensão contida durante um dia desfaz-se.

— Eu sabia — diz ele, depois inclina a boca para se unir à minha e… somos afastados pelo som de um pigarreio.

Sel está parado ao lado de Nick.

— A viagem até ao aeroporto foi uma coisa, mas, agora que estás de volta, preciso que te mantenhas no meu campo de visão.

Nick suspira e liberta-me.

— Precisamos de falar em privado durante alguns minutos, Sel. Não nos vamos embora.

Nick move-se para contornar Sel, mas este segue-nos, detendo-nos.

Os olhos do Mago Real voam até às nossas mãos entrelaçadas.

— Péssima ideia.

Não sei dizer se se refere à nossa saída do alpendre ou às nossas mãos enleadas. A expressão tempestuosa de Nick indica-me que ele também nota a

ambiguidade, e não a aprecia. Nem dei conta de que me estava a afastar até Nick me segurar a mão com força.

— Deixa-nos em paz.

Os olhos de Sel deslizam para a multidão que está para lá do ombro de Nick, regressando depois para nós.

— Isso é uma ordem?

— É.

A boca de Sel curva-se num sorriso irónico.

— Que amoroso. Mas o teu pai deixou-me no comando enquanto estiver fora e tu estiveres aqui. As Crias das Sombras andam atrás de ti e eu não lhes vou facilitar o trabalho.

Nick está tão irritado que consigo ouvir os seus dentes a ranger.

— Sel.

— Não sejas dramático, Nicholas.

Tenho a possibilidade de dar uma olhadela rápida por cima do ombro. Tor está a observar a nossa troca de palavras, assim como alguns dos outros. Sarah, Russ, Vaughn, Fitz. Puxo a mão de Nick e ele olha para mim. Tento dar-lhe a entender que não quero armar uma cena. A expressão no seu rosto diz que me compreende, mas que não está satisfeito. Permite-me que o conduza de regresso às mesas. Volta a sentar-se ao pé de mim, de forma que os nossos ombros e cinturas se toquem, mas desta vez consigo sentir o seu corpo a tremer com uma fúria impotente.

De volta ao meu quarto, já sinto falta de Alice, mas também uma espécie de alívio culpado por ela não estar aqui. Começo a ficar cansada de estar sempre a mentir-lhe.

— Diz-me outra vez como é que descobriste isso? — pergunta Nick, a confusão na sua voz nítida pelo telemóvel. Passei os últimos vinte minutos a andar de um lado para o outro pelo quarto, a contar-lhe sobre a figura misteriosa no *campus* que abriu um Portal há vinte e cinco anos.

— Tens a certeza de que o Sel não te consegue ouvir?

— Já te disse, ele partiu em patrulha com a Tor e a Sar, e ordenou-me que ficasse nos limites da Sede.

Recordo o escudo de éter em que toquei na primeira vez que visitei a Sede e como o sentia a ondular pela pele sempre que passava por ele. Sarah explicou-me que esse tipo de proteções afastaria qualquer pessoa — ou coisa — que não fosse bem-vinda. Detesto admiti-lo, mas concordo com Sel. Por agora, o melhor é Nick permanecer na Sede.

— Bree? — chama Nick. — Quem é que te falou do outro Portal?

— Não sei se posso dizer — respondo com um suspiro. Ele ri-se.

— Certo…

Deixo-me cair na cama.

— Não quero trair a confiança desta pessoa ou pô-la em risco. Foste tu que me disseste que os Regentes são severamente contra utilizadores de éter que não controlam.

— De facto. Então essa pessoa é utilizadora de éter? No *campus*?

Hesito. Mas trata-se de Nick. Posso dizer-lhe pelo menos isso.

— Sim.

— Um utilizador de éter que tu encontraste? Ou que te encontrou a ti?

— Um pouco de ambos?

— Essa pessoa é de confiança?

A preocupação na sua voz é clara.

— Sim. Esse alguém quer ajudar-me. E esteve aqui quando a minha mãe esteve, embora não a conhecesse bem. E… prefere manter a discrição.

Ele lida com a notícia surpreendentemente bem.

— É capaz de ser melhor que eu não saiba, então. E é uma pessoa como tu?

Apoio a cabeça na almofada.

— Acho que não.

— Ah. Mas confias nela?

Mordo o lábio, tentando pensar numa forma de manter a Arte de Raiz, os passeios pela memória e Patricia fora da conversa.

— Confio naquilo que vi. Porquê? Não acreditas em mim?

Ele suspira, e imagino-o no seu quarto, deitado também na cama. O pensamento — e a recordação de ter dormido lá com ele — faz uma sensação de calor preencher-me o estômago.

— Acredito em ti, mas nunca ouvi falar de nada parecido. O pai nunca referiu nada sobre isso, nem o Sel, sendo que, como Mago Real da divisão, tem acesso a todos os registos de travessias, aparições e ataques de Crias das Sombras. Acho que nem sequer um Herdeiro de classe *oito* foi Chamado nessa altura, que foi um tempo de paz no que diz respeito a Camlann. Tanto quanto sei, só o sangue demoníaco pode abrir Portais, por isso talvez se tenha tratado de um uchel em forma humana…

Mordo a parte de dentro da bochecha, a analisar tudo o que vi e aprendi hoje.

— Ou um Merlim…

— Eles são Ajuramentados.

— E se for um humano com um frasco de sangue demoníaco?

— De onde tiraste essa ideia?

— De algo que o William disse há pouco sobre colher sangue do Sel…

— Do Sel… — Uma pausa. Um suspiro. — Ele falou-te do Sel?

Franzo a sobrancelha.

— Eu cheguei lá sozinha.

— Porque é que não estou surpreendido?

— Porque sou esperta.

— Lá isso és. — O afeto e o orgulho desabrocham-lhe na voz. — Bem, o Sel é um cambion, por isso, em teoria, o sangue dele podia funcionar. Mas isso ainda está além de qualquer coisa de que já tenha ouvido falar. Magia maligna.

O cântico *parecia* maligno.

— A Linhagem de Morgana?

— Possivelmente. E esta pessoa, por acaso, abriu esse Portal e libertou os cães infernais parcialmente corp na mesma altura em que acreditas que a tua mãe se matriculou?

— Tenho a certeza de que foi quando ela aqui esteve. É coincidência a mais. A questão é: se os Regentes descobrissem a abertura do Portal, teriam mantido segredo?

— Os cães infernais parcialmente corp não são visíveis para os Primavidas. O Merlim teria detetado a matilha e enviado a divisão para os abater. Não haveria necessidade de envolver os Regentes.

— Mas se os demónios consumiram éter suficiente para se tornarem completamente corpóreos?

Uma pausa.

— Se os Primavidas testemunhassem e fossem atacados por uma matilha corpórea, os Regentes fariam tudo o que estivesse ao seu alcance para ocultar o caso. Trabalhar com Vassalos ou ex-Pajens na administração da universidade para a manter em silêncio no *campus*. Facilitar o suborno de qualquer pessoa de fora do governo da cidade para o manter fora das notícias. Indemnizar qualquer família Primavida cujos filhos fossem feridos ou mortos. Recorrer à hipnose, se necessário.

— E enviar um Merlim para perseguir uma testemunha Primavida? — pergunto. — Mesmo que fosse quase três décadas depois?

— Sem dúvida. — Solta um suspiro longo e grave. — Estou ciente de que a Ordem nem sempre usa os melhores métodos, mas a missão deles é proteger os Primavidas, não assassiná-los.

— Sim, mas talvez a hipnose não tenha funcionado e eles tenham descoberto que ela era como eu.

Ambos ficamos em silêncio por um instante. Consigo ouvir as engrenagens a girar na cabeça de Nick. A voz sai-lhe desconfiada, gutural.

— Se acusares o Alto Conselho de Regentes do assassinato da tua mãe, serás forçada a expor-te durante o processo. E não vai fazer diferença se tens ou não razão.

Pela segunda vez hoje, parece que fui esmurrada por palavras alheias.

— *Claro* que faz diferença se eu tiver razão!

— Desculpa. Não foi isso que quis dizer — suspira. — Eu só… só não quero que nada te aconteça. Eu, de entre todas as pessoas, sei o que é querer ir atrás dos Regentes pelos seus pecados, mas não te posso proteger deles e dos Merlins. Nisto, então, é que não. Ninguém pode, nem sequer o meu pai. A não ser…

Aperto o telemóvel com força.

— A não ser o quê?

Quando Nick volta a falar, há um peso familiar entrelaçado na sua voz.

— A não ser que Artur me Chame e eu Desperte. É a única maneira de me pôr entre ti e os Regentes. Como rei, eu controlaria toda a Ordem, incluindo os

Regentes. Mas se Artur me Chamar…

— Camlann.

— Camlann.

— Então vamos deixá-los sair impunes?

— Não, continuamos à procura de provas, e quando as encontramos, eu levo-as ao meu pai. Ele nunca superou o que eles fizeram à minha mãe. Penso que ele nos ajudaria. E, quem sabe, da forma como as coisas estão, posso ser rei daqui a algumas semanas. Ter provas nas mãos só me facilitará o trabalho de descoberta dos responsáveis.

— E castigá-los por aquilo que fizeram?

Segue-se uma longa pausa.

— Castigá-los como, Bree? O que queres que faça?

Não respondo, mas não é por não saber a resposta.

Jogo popular na América do Norte em que os jogadores ou equipas se revezam a atirar pequenos sacos de feijões contra uma plataforma de madeira inclinada com um buraco na extremidade mais distante. O objetivo é marcar pontos, o que pode ser feito acertando com o saco na plataforma ou fazendo-o passar pelo buraco (*N. da T.*).

28

— Bem-vindos à segunda prova, Pajenzinhos.

Sel está parado como um sargento no relvado da frente da Sede, de pés afastados e mãos pelas costas. Está vestido de preto, como sempre, mas o casaco comprido desapareceu. As tatuagens estão à vista sob as mangas enroladas até aos cotovelos. Envolvem-lhe os antebraços e os pulsos, e não consigo deixar de as estudar. Imagino quantas tem e até onde vão antes de me lembrar de que o detesto e de que não me deveria importar minimamente com as suas tatuagens.

As únicas pessoas que não parecem sentir-se intimidadas por ele são Whitty e Vaughn. Nenhum deles parece sequer cansado; levantam e descem o corpo, apoiados nas pontas dos pés. Agitados. Os restantes ainda estão meio a dormir, a arrastar-se e a reprimir bocejos.

Evan, Fitz e Tor foram de residência em residência para nos acordar a todos a meio da noite. Bateram-me à porta vestidos com equipamento tático preto, caras cobertas de tinta preta e verde, e gritaram comigo para me vestir em menos de dois minutos — ou desistir do torneio de vez. Depois de ter ficado até tarde a falar ao telemóvel com Nick, dormi menos de três horas.

— O evento noturno é uma caça ao tesouro. — Pela forma como o olhar de Sel pousa sobre cada um de nós, tenho a sensação de que definitivamente consegue ver no escuro melhor do que nós. — Cada um terá acesso a uma lista de objetos formados por éter que estão espalhados pelo *campus* e que terão de recolher. Os seis Pajens que chegarem ao fim da noite com o maior número de objetos irão avançar para a terceira e última prova.

Olho para a fila de Pajens à minha esquerda. Sobram oito. Greer, Whitty, Spencer, Vaughn, Sydney, Carson e Blake.

— Como é que uma caça ao tesouro… — Spencer boceja, uma mão a tapar-lhe a boca — testa as nossas capacidades estratégicas?

— Não te desleixes, Monroe. — Tor avança entre Spencer e Vaughn, batendo na nuca do seu Pajem. Spencer dá um passo em frente com a força do estalo, e tem a indignação estampada na cara e o deleite a ondular pela de Vaughn. — O Sel deixou de fora a melhor parte. Quanto mais objetos de éter recolherem, mais os cães infernais de Sel se sentirão atraídos para vocês. Se forem encurralados ou feridos, são automaticamente desclassificados.

Tor e o resto dos Lendários, oito Herdeiros e Escudeiros ao todo, emergem da Sede e juntam-se a Sel, alinhando-se numa fila à nossa frente.

Cada padrinho move-se para ficar diante do seu Pajem, exceto Evan, que apadrinhou Ainsley. Não a voltei a ver desde que foi desqualificada, mas presumo que agora só venha à Sede quando é necessário. Ouvi dizer que os Pajens eliminados ainda são bem-vindos para refeições e eventos, apesar de não poderem competir.

Quando Nick se detém à minha frente, o meu estômago salta algures para perto dos pulmões. Mesmo coberto de tinta, mesmo a três metros de distância, a cara dele faz alastrar uma onda de alívio pelo meu corpo. Se Nick está aqui, eu vou ficar bem. O pensamento ecoa-me na mente, nítido e intenso como um sino.

Os olhos de Nick perscrutam-me, percorrendo rapidamente o meu rosto.

— Estás bem? — pergunta-me.

Respondo que sim com um leve aceno de cabeça. Pela expressão do seu rosto, não está contente por ter sido forçado a manter o segredo da prova desta noite. Quem sabe? Talvez ele próprio apenas tenha descoberto uma hora antes de mim. Parece cansado. E irritado.

Sinto umas pontadas nas bochechas. Sel pigarreia. Além do olhar faiscante, o resto do seu corpo ainda está tenso.

— Caso alguém se tenha esquecido, os padrinhos não podem ajudar-vos durante as Provas. A violação desta regra resultará na eliminação direta.

Recorrendo ao éter, Tor produz um amontoado de papéis e entrega-os aos Lendários do lado esquerdo e direito. Também entrega sacos com cordões a cada Pajem.

— A caçada desta noite irá emparelhar cada Pajem com um Herdeiro ou Escudeiro que *não* seja o seu padrinho, apenas para fins de monitorização. Serão

os responsáveis pela anotação dos vossos progressos, pelo relato da vossa pontuação final e por despachar um cão infernal caso se metam em apuros.

Tor forma os pares. A Felicity é emparelhada com Spencer. Russ, com Whitty. Victoria e Sarah ficam com Carson e Blake, respetivamente. William fica com Greer, que parece satisfeite com a escolha. Praguejo por entre os dentes. Se não pudesse ter Felicity, Evan ou Russ comigo, optaria por William. Greer lança-me um olhar de desculpa genuíno, e eu respondo-lhe com um sorriso débil; posso estar desiludida, mas sei que a culpa não é delu.

Sobram Nick e Pete, o Herdeiro de Owain. E Fitz. Uma pontada de medo perfura-me as entranhas. Peço silenciosamente a Tor que não me torture com Fitz. Não conheço Pete, mas sei que é novo e simpático.

— Pete, tu vais com o Vaughn.

Tor bate no lábio, a olhar para mim e para Sydney. Somos os únicos Pajens que faltam.

Se não me é permitido ficar com Nick, vou ter mesmo de ficar com Fitz.

Fitz chega à mesma conclusão um segundo depois, e os lábios contorcem-se-lhe num sorriso perverso. Começa a andar na minha direção quando Sel intervém.

— Eu vou com a Briana. Fitz, ficas com a Sydney. Nicholas, fica na Sede, por trás das proteções.

Os murmúrios atrás de nós silenciam-se. A expressão de Nick assume um esgar de desgosto.

— Todos os outros vão com um Herdeiro ou Escudeiro.

Sel enfia as mãos nos bolsos e caminha pela relva, paralisando-me com o seu olhar elétrico. Sinto leves alfinetadas nas bochechas.

— Já disse o que tinha a dizer. Vou ficar de olho na Briana.

A esta distância, vejo que Sel trocou os alargadores pretos por uns prateados. Fala com Nick sem me libertar do seu olhar.

— As três competências testadas pelas Provas são fixas, mas o formato dessas Provas fica a cargo do líder da divisão durante o torneio. — Encolhe os ombros e o gesto fala por si. — E eu mudei de ideias.

Bastam dois passos para que Nick se ponha ao lado de Sel. É vários centímetros mais alto do que o Mago Real.

— Bem, eu não concordo.

Sel vira-se lenta e deliberadamente para Nick.

— Ainda não empunhaste a *Excalibur*, Davis, e o teu pai nomeou-me líder. Além disso, na qualidade de teu Mago Real, é minha responsabilidade manter-te em segurança.

A voz grave de Sel chega ao resto do grupo no meio do silêncio, sobrepondo-se ao trinado rítmico dos grilos. Deteto um leve aroma a canela e uísque entre os cheiros do florescer noturno de jasmim e da relva pisada.

— Enquanto essa espada não chegar às tuas mãos, vais ficar quietinho.

A expressão de Nick é inescrutável, os seus olhos, de um azul profundo e frio. Vira costas e regressa à Sede sem mais uma palavra.

Sel levanta o olhar para o céu. Observa a Lua durante alguns instantes, estuda as estrelas ao seu redor. Finalmente, encara o grupo.

— É uma e meia da manhã. Têm três horas.

Há quarenta objetos na lista, mas qualquer alívio que pudesse sentir desaparece quando leio as três primeiras pistas e vejo como estão escritas.

Oitenta e oito chaves e nenhuma fechadura à vista.

Microficha, recantos, pilhas ao monte e, no entanto, neste andar, não há um livro que se encontre.

— Enigmas? — indago.

Os lábios de Sel curvam-se à medida que percorremos o *campus* através da floresta de Battle Park. Algumas duplas já se adiantaram, mas os outros, como eu, preferiram rever as pistas antes de se apressarem.

Aponto para uma das pistas mais abaixo com a lanterna do telemóvel.

— *Prata e vermelho, branco e amarelo, encontra-me a brilhar onde os viciados queimam farelo*? Como é que eu hei de saber onde é que «os viciados queimam o farelo»? E que raio de expressão é essa?

— Talvez soubesses se ficasses pedrada — responde Sel secamente.

Controlo a vontade de lhe dar um estalo. Tenho quase a certeza de que não lhe quero tocar, mas talvez um pontapé funcione. Respiro fundo e volto à página, ao mesmo tempo que tento ignorar a sensação de formigueiro do seu olhar.

— O primeiro é fácil. É um piano, e o departamento de música não fica longe.

— Ah — diz Sel num tom evasivo.

Ignoro-o e começo a correr para oeste, grata por ter vestido umas *leggings* e ténis de ginástica. Ele acompanha-me facilmente, os seus pés praticamente a flutuar sobre o chão, silencioso como os mortos.

Passados alguns minutos, cedo.

— Porquê?

A respiração sai-me entrecortada.

— Porquê o quê, Briana?

O seu tom é tão monótono que bem poderia estar parado.

— Sabes bem a que me refiro.

— Eu disse-te, estou de olho em ti, rapariga misteriosa.

— Porque julgas que eu sou um demónio?

— Estás a dizer que não és?

A resposta faz-me soltar um som frustrado.

— E achas que tens moral para me fazeres uma acusação dessas? Não és tu a Cria das Sombras aqui?

A mão dele move-se mais depressa do que os meus olhos conseguem acompanhar. Agarra-me o braço com dedos quentes e fortes, fazendo-me estacar.

— Não sei o que julgas que sabes ou o que te contaram. Mas eu não nasci das sombras. — Os seus lábios estremecem. — Plantar um demónio uchel nas nossas fileiras disfarçado de Primavida inocente é uma forma perfeita de semear a discórdia, mas não vai funcionar comigo.

Puxo o braço para fora do seu aperto.

— Porque te preocupas tanto com um uchel quando a tua paranoia, por si só, já semeia a discórdia?

Afasto-me a correr, reprimindo a frustração antes que se transforme em algo que não consigo controlar.

Chego ao departamento de música, Hill Hall, alguns minutos depois e encontro-o vazio. Surpreende-me que não haja outros Pajens à volta; era um enigma fácil. Básico, na verdade. Não sei dizer se devo sentir-me satisfeita comigo mesma ou preocupada.

Sel surge ao meu lado enquanto os meus dedos se enrolam à volta do puxador da porta, e eu salto pelo menos uns trinta centímetros no ar. Nem sequer o ouvi mexer-se.

— Caramba! — grito.

Os olhos dele voam para os meus com a irritação a atravessar-lhe a testa, veloz como uma estrela cadente.

— Porquê tão assustada, Briana? Nervosa com alguma coisa?

«Nervosa» parece ser uma palavra minha e de Nick. A nossa piada íntima. A minha ira flameja.

— Ameaçaste matar-me! Já agora, e se parasses de ser tão silencioso?

— Está fora do meu controlo. — Estreita os olhos. — Como tu bem sabes.

Oh.

— Certo. Pés demoníacos. — Ocorre-me um pensamento. — Sabes que os *meus* pés fazem barulho, não sabes?

Sel estuda-me languidamente.

— Há quem diga que os goruchels são mímicos perfeitos quando se lhes mostra o ardil humano.

Reviro os olhos. A porta range e emite um som longo e alto quando a abro, e fecha-se com força atrás de nós quando entramos na rotunda do edifício. Levanto o telemóvel com a aplicação da lanterna ligada e aponto para o diretório na parede ao nosso lado.

— Salas de piano, cave.

Os meus passos ecoam no chão de madeira e a luz azulada da minha lanterna balança para trás e para a frente em busca das escadas.

— Porque é que estes edifícios não ficam trancados à noite?

Sel responde a um passo de distância de mim:

— A administração está a par do evento de hoje.

— Os Lendários fazem o que querem, não é?

Sel vem pôr-se ao meu lado.

— O que é que te garante que os próprios líderes da universidade não são membros da Ordem?

Ao fundo das escadas e até à cave há um longo corredor com salas idênticas, cada uma contendo um piano vertical e uma cadeira.

— Suponho que não possas usar, sei lá, um sinal secreto ou algo do género e apontar-me para que sala preciso de ir?

— Eu limitei-me a criar os objetos. Os outros esconderam-nos. Não faço a menor ideia da sala em que tens de entrar.

Sel esboça um sorriso de satisfação. Eu fuzilo-o com os olhos.

Passamos por quatro salas silenciosas. Levanto as tampas dos pianos, ponho-me de cócoras para procurar por baixo de cada um e dos bancos correspondentes. Em todas, o ar é rançoso, e a proximidade de Sel deixa-me desconfortável. A sua presença, mesmo num corredor tão amplo, torna todo e qualquer espaço demasiado pequeno e apertado.

Na última sala à esquerda, vejo-a. Uma caneca de pedra lisa a brilhar em tons de azul na escuridão, por baixo da perna traseira de um piano. Não me dou ao trabalho de esconder o som alegre que me escapa quando me apresso a agarrá-la. Sel inclina-se sobre a ombreira da porta, observando-me.

Examino a caneca na mão. A luz pulsa num ritmo lento.

— Porque é que ela faz isto?

— O éter é um elemento ativo. Estou a mantê-lo em funcionamento. — Ele vira-se e dirige-se para o corredor. — Passaste vinte minutos à procura de um objeto. É melhor apressares-te, se não quiseres acabar entre os dois últimos.

Enfio a caneca na mala e saio dali a correr para o apanhar, curiosa apesar de tudo.

— Estás a manter todos os quarenta objetos em funcionamento? Neste mesmo instante?

Sel passa os dedos pelo cabelo e suspira, impaciente.

— Criei-os ao mesmo tempo, mas sou bem capaz de os sentir à distância e de os reforçar se isto durar mais do que algumas horas.

— Espera, o quê? — Paro no corredor. — Podes conjurar éter à distância?

— Sim. — Gira os calcanhares na minha direção. — Vens?

Abano a cabeça, a tentar imaginar o esforço que deve requerer o controlo de quarenta objetos, quanto mais de quarenta modelos — sem falar dos cães infernais. Não sei como funcionam as conjuras, mas o que ele fez esta noite parece-me impressionante. Impossível. Ambos.

— Estás a desperdiçar tempo. — Ele olha para mim com incredulidade. — Ou preferes interrogar-me e desistir?

Volto a apanhá-lo e corremos pelo edifício até à saída.

Encontro mais cinco itens da lista sem grandes dificuldades — e sem cães infernais à vista. O único enigma que me apanha desprevenida é o que diz respeito aos livros. Para chegar ao «andar sem livros à vista», tive de encontrar a extremamente bem escondida porta de acesso ao telhado, no oitavo andar da biblioteca.

Não sou grande fã de alturas.

E levei vinte minutos a encontrar a caixa de joias dentro de um tubo de ventilação.

Sel, por outro lado, manteve-se ocupado enquanto percorria a cornija de tijolos do telhado, um espaço com dez centímetros de largura, perfeitamente equilibrado. Ao mesmo tempo que assobiava.

Continuo à espera que ele salte, que me agarre ou que volte a tentar matar-me, mas parece satisfeito por me ver a debater-me com os enigmas e a correr pelo *campus* de um lado para o outro. É irritante. É a primeira vez que passo tanto tempo com ele sem sinal de ameaças, hipnoses ou provocações.

Quando voltamos para dentro, verifico a mala: a caixa de joias, a caneca do piano, uma lanterna da fonte que encontrei em frente ao edifício de graduação, uma minúscula chave de metal muito difícil de ver, que estava cravada entre dois tijolos no departamento de jornalismo, e uma vela que encontrei aconchegada nas dobras dos braços de uma estátua.

Olho para cima para dar com Sel a observar-me outra vez, como se estivesse à espera de me ver transformada acidentalmente num demónio.

— Onde estão os cães? — pergunto, e ele encolhe os ombros.

— Achei por bem dar-lhes um ligeiro toque de independência. Senti um há pouco, ao pé do Campus Y, mas ele não te apanhou o cheiro.

— Oh, adorável — respondo. — Estavas a pensar avisar-me da presença de um cão infernal nas proximidades?

Sel põe-se no gozo.

— Porque havia de fazer tal coisa?

Resmoneio e olho para a lista, em busca de outra pista.

— *Eu fui o primeiro e o meu resto é o mais velho, que não haja debate.*

Mordo o lábio.

Sel, empoleirado num dos muitos muros de pedra à volta do *campus*, observa-me com os olhos entreabertos, enquanto tento entender o enigma. Tenho a certeza de que os tem conseguido decifrar antes de mim e que está a adorar não partilhar as respostas.

Olho para o meu relógio. Tenho apenas uma hora, estamos no meio do *campus*, e não vale a pena andar se não souber para onde vou.

Ando para a frente e para trás, e os olhos de Sel, brilhantes na escuridão, seguem os meus passos.

— *Eu fui o primeiro e o meu resto é o mais velho, que não haja debate*. Com a sorte que tenho, é mais uma treta medieval hiperobscura.

Uma gargalhada rouca escapa da boca de Sel, e ambos pestanejamos, perplexos com o som genuíno e descontrolado. O som de alguém que não está habituado a rir. Acho que nunca o ouvi exprimir outra coisa que não fossem provocações cuidadosamente direcionadas, irritações ou um sarcasmo amargo. Ele consegue adivinhar-me o pensamento, porque a sua expressão se torna férrea num piscar de olhos. Como se tivesse clicado num interruptor dentro de si.

Avanço até à borda do muro, a poucos metros de Sel, e olho para o *campus*. Começo pela esquerda, com os olhos a seguir a linha de edifícios à nossa frente: o salão de jantar, a biblioteca imponente quebrando a linha do horizonte, e a torre sineira a bater as três e meia.

Os meus olhos voltam-se para o lado esquerdo da torre sineira.

— *Eu fui o primeiro e o meu resto é o mais velho, que não haja debate.*

— Embora seja bastante poético, não é um refrão, Matthews. — Sel passa para o outro lado, as sombras prendem-se à sua forma deslizante. — A repetição não tornará o seu significado mais claro.

— Cala-te.

O seu olho esquerdo treme numa censura silenciosa.

Tenho a sensação de que sei onde está o objeto seguinte, mas não estou pronta para lá ir. Parece-me demasiado cedo. Mas que escolha tenho?

Suspiro e faço um gesto para que Sel me acompanhe.

— 'Bora lá.

O primeiro foi um jovem rapaz, membro da DiPhi, enterrado em finais do século XVIII.

Foi o que me disse Patricia. E, graças a Alice, sei que a DiPhi é a mais antiga sociedade de debate do *campus*. Queria desesperadamente que Patricia me tivesse apontado o lugar do túmulo durante o dia, porque procurá-lo durante a noite é como procurar um tom específico de azul no oceano.

O cemitério é mal iluminado por postes intermitentes, e as largas sebes e colinas tornam o trajeto lento. Embora esteja apreensiva como julguei que estaria, o cemitério parece-me agora… familiar.

De cada vez que olho por cima do ombro, Sel está lá, uma figura silenciosa que num momento se mistura com as sombras e no outro avança banhado numa luz dourada. Penso que o ouço rir, mas o som é levado por uma rajada de vento que me fustiga a cara com terra e galhos.

— Se nunca me viste magoar o Nick, porque é que ainda pensas que sou uma Cria das Sombras?

Não sei porque lho pergunto. Talvez porque, estando a liderar o caminho, não tenho de o olhar na cara.

— És imune à hipnose.

— Não é verdade — respondo, subindo por uma colina particularmente extensa.

— Mentira. — Sel não perde um segundo. — Utilizas a Visão com demasiada facilidade para alguém que só recentemente a recebeu. Viste o isel na pedreira.

Aquilo surpreende-me, mas não o mostro. Sel sobe a colina com uma facilidade irritante, e quando chega ao cume para olhar para mim e para a moeda de Nick que trago no peito, o olhar dele transpira um desprezo descontraído.

— E enfeitiçaste o Nicholas.

Gaguejo. O calor preenche-me as bochechas, e guardo o colar.

— O quê? Enfeiticei?! Eu não… Ele… Ele… Isso…

Sel arqueia uma sobrancelha negra. Um falcão curioso a ver um rato frenético que saltita para a frente e para trás.

Emite um som suave e desdenhoso no fundo da garganta. Não querendo ouvir mais nada sobre Nick ou qualquer tipo de *feitiço*, viro-me e desço a colina até ao talhão seguinte.

— Além disso, o *timing* da tua aparição — continua, seguindo atrás de mim — é demasiado conveniente. Os demónios estão a atravessar portais a um ritmo cada

vez maior, não só na nossa divisão, mas também nas outras, inseridas em escolas ao longo da costa. É quase inevitável que a Távola seja reunida, mas o Nicholas é vulnerável. Simbólico. Se alguma coisa lhe acontecer antes de Artur o Chamar e ele reclamar o seu legítimo título, a Ordem cairá no caos.

Ando pelas áleas, à procura da marca no chão, no talhão mais antigo.

— Pensei que detestavas o Nick.

Sel reduz o ritmo.

— As preocupações mesquinhas da infância do Nicholas e os atritos com o pai nunca foram mais importantes do que a missão da Ordem. Ele devia ter-se preparado para a Chamada em vez de ficar a chorar pelos cantos pelas suas obrigações.

Detenho-me ao ouvir o comentário.

— Não creio que ver a mãe hipnotizada a ponto de não se lembrar do próprio filho seja uma «preocupação mesquinha». Ela só o queria proteger.

— Ela tentou *raptá-lo*. — Sel olha-me fixamente, os olhos opacos, o tom impassível. — E a Linhagem é Lei.

Abano a cabeça, repugnada.

— Inacreditável.

Passo-lhe à frente e continuo a andar. Estou grata por Sel, pelo menos, ter parado de falar, deixando-me procurar a marca em silêncio. Um bater de asas pesado interrompe-me os passos enquanto avanço por cima de folhas e ramos amarelos, há muito mirrados pelo calor do verão. Viro-me para apontar o talhão com a sepultura a Sel, mas este desapareceu. O corredor atrás de mim está vazio.

— Sel?

A quietude e o vento são as únicas respostas. A dúvida aloja-se-me no estômago.

Um rosnado gutural atrás de mim quebra o silêncio.

Não me viro. Não preciso.

Começo a correr.

29

Em menos de um segundo, estou lançada num *sprint* completo. O cão infernal do Sel é rápido. Consigo ouvir a sua respiração pesada atrás de mim, mais próxima e mais alta a cada passo. Ouço as suas garras a raspar sobre as marcas de pedra. Chego ao talhão das lápides e serpenteio em torno delas, na esperança de ser mais ágil do que a criatura.

Nunca corri tão depressa na minha vida, e mesmo assim não parece ser suficiente.

— Revela-te, Briana!

A voz de Sel, trocista e entretida, chama-me, algures acima de mim. Salto sobre um muro e uma lápide, depois sobre outra, numa corrida em direção ao talhão dos mausoléus.

Estou quase lá. Consigo ver os três edifícios baixos virados para dentro e o pátio no meio. Se conseguir entrar num deles… Corro ainda mais depressa, desejando que as pernas se estiquem ainda mais. A voz de Sel mantém o ritmo. Grita de uma árvore mesmo por cima de mim.

— Para de fingir!

Pouco depois de saltar sobre um muro de pedra, quando o pátio está ao meu alcance, o cão infernal decide que é altura de agir. Ouço um grunhido, como se tivesse lançado todo o seu corpo para o ar. Mudo de rumo, tropeço numa marca de pedra e voo para a frente, derrapando pelos tijolos do pátio com o estômago e as mãos. O cão infernal aterra de cabeça contra um mausoléu, o crânio racha-se contra a parede de mármore.

Quando me consigo levantar, sem fôlego, o cão infernal já recuperou, e quando me viro, vejo-o pela primeira vez.

O cão infernal de Sel parece-se com o primeiro que vi, mas o seu é muito, muito maior, e totalmente corpóreo. Emite um éter prateado cintilante em ondas. Os pormenores que antes me escaparam são agora mais nítidos, mesmo

sob a luz fraca: o seu focinho longo com narinas dilatadas e inclinadas como um morcego. Sel deu-lhe os olhos de sangue das Crias das Sombras, escuros e impossivelmente vermelhos. Não consigo desviar o olhar; mal sou capaz de me mover, tal é o terror de que, quando o fizer, venha a atacar.

Recuo um pé e o meu calcanhar bate em algo duro, vertical, suave. Outro mausoléu. Não preciso de olhar para saber que a porta está fora do meu alcance. As únicas vias de fuga ficam entre os cantos dos edifícios e o lado aberto de onde vim — o lado que o cão infernal está agora a bloquear com o seu enorme corpo.

A criatura rosna e bate as mandíbulas encharcadas de saliva, deleitada, furiosa, não sei. Agacha-se com as orelhas a abanar para a frente. O meu coração galopa, o sangue pulsa-me nas têmporas.

— Tira-o daqui, Sel!

Sel cai silenciosamente ao lado do seu modelo, pousando agachado e levantando-se com um sorriso de satisfação.

— Tal como eu pensava. Tens tanto de mentirosa como de cobarde.

O cão infernal arqueja na minha direção, a boca larga e aberta num sorriso canino.

— Tira-o daqui!

Empurro as costas contra a parede.

Sel cruza os braços sobre o peito, e tem o prazer estampado por todo o rosto.

— Quando um verdadeiro cão infernal apanha um odor, nunca abandona a sua presa. A única maneira de o deter é matá-lo. Por muito que despreze essas bestas das Sombras, descobri que temos isso em comum. E foi por isso que decidi conceder-te uma última escolha: revela a tua verdadeira forma, ou mata-me.

— Planeaste isto tudo! — A adrenalina e a fúria percorrem-me as veias. — Tencionavas encurralar-me aqui.

Sel geme, impaciente, como se corrigisse um aluno burro.

— *Claro*. Devo admitir que me inspirei no que disseste ontem na enfermaria. Tinhas razão… Todo este jogo do gato e do rato está a tornar-se repetitivo.

Arrisco dar um passo em frente, mas o cão ameaça atacar. Caio para trás sobre os tijolos.

— Porque me estás a fazer isto?

— Porque estou *cansado*, Briana, das tuas mentiras de Cria das Sombras e de como te deves estar a divertir à nossa custa. Plantando a tua espécie no nosso Juramento, enviando a serpente para que rapte Nicholas debaixo dos nossos narizes, participando nas nossas Provas. — A cada passo lento para a frente, as suas feições tornam-se mais ameaçadoras e os olhos, mais selvagens, até se parecerem mais com o seu modelo de cão infernal do que com ele próprio. Mais demoníaco do que humano. — Ambos sabemos que não queres saber da nossa missão. Consigo vê-lo na tua cara!

— Isso não é verdade! — grito.

A expressão de Sel é dolorida, irritada.

— Mais mentiras? Mesmo agora? — Ajoelha-se à minha frente, o lábio superior curvado numa expressão de troça. — Sei que a Visão te permitiu ver aquele isel antes do Juramento. *Ambos* sabemos que o Primeiro Juramento não funcionou, que te desprendeste do nosso compromisso sagrado como se nada fosse. Como se não valesse nada para ti, menos valioso do que pó.

Estremeço. *Como é que ele sabia? Terá visto…*

Ele ri-se, baixo, perante a minha confusão.

— Julgas que não reconheço o meu próprio feitiço, que não sinto a sua ausência? — Aproxima-se para me sussurrar ao ouvido. — Consigo *senti-los*, Briana. Os Juramentos que fiz. — Os olhos dele deslizam pelo meu rosto e pescoço. — E não sinto nenhuma parte minha… em ti.

— Afasta-te de mim!

Empurro-o com força, as mãos trémulas, e ele ri-se, balançando-se nos calcanhares. Ponho-me de pé, mas o cão infernal está mesmo ali, com as mandíbulas a babar-me o ombro.

Sel levanta-se.

— O Nicholas precisa de saber quem realmente és antes de ser Chamado ao trono e de tu o transformares num palhaço. O William, a Felicity, o Russ, a Sarah… Todos eles parecem pensar que podes *realmente* ser um de nós, quando ambos sabemos que não pertences a lado nenhum.

Sinto o corpo a tremer. E não apenas pelo que Sel disse sobre Nick ou os outros, mas pelas suas últimas palavras.

Não pertences a lado nenhum.

Depois de tudo o que me aconteceu, de tudo o que fiz para chegar tão longe, para chegar tão perto da verdade do assassinato da minha mãe, estas palavras fazem algo estalar dentro de mim.

As minhas mãos começam a dobrar-se ao lado do meu corpo, a abrir e a fechar. As pontas dos meus dedos parecem prestes a explodir, como se houvesse um balão sob a minha pele que apenas desejasse expandir-se e rebentar. Olho para o cão infernal de Sel e penso em soprar-lhe fogo na cara e vê-lo arder, arder, arder. Em rir-me da sua dor, porque é muito pequena perto da minha. Vejo Sel. Vejo a confiança que deposita na sua missão ancestral e a sua avidez de me derrubar.

Posso não conhecer os meus próprios antepassados, mas depois de ver Mary, Louisa e Cecilia, tudo o que quero é mostrar a Sel que ele não é o único com poder a correr-lhe nas veias.

— O Nick tinha razão — digo numa voz grave que mal reconheço. — Os Merlins *são* monstros. *Tu* és um monstro.

Os olhos arregalam-se-lhe e os lábios comprimem-se numa linha fina e zangada — mas não descubro que coisa horrível estava prestes a dizer-me, porque não lhe dou hipótese alguma de resposta.

Um estrondo na floresta capta a nossa a atenção. Um uivo sinistro. Um latido agudo e perfurante, e depois outro que ecoa pelo pátio fechado.

Sel põe-se a troçar.

— O que é que fizeste? Chamaste reforços?

Sibilo:

— Não fiz nada, idiota!

Tal como ele, os meus olhos estão colados ao cemitério.

Não precisamos de esperar muito.

Três pesadelos emergem da floresta e saltam para a parede de pedra. Três enormes raposas, éter verde a subir como vapor das suas costas escamosas.

Estas são verdadeiras Crias das Sombras. Não são modelos. Não são ilusões.

O cão infernal de Sel dissolve-se até se transformar numa poeira prateada.

— *Cedny uffern!* — sibila Sel. Desliza para trás e adota uma posição de combate. — Manda-os embora, uchel! Se me matares, jamais te aproximarás de Nicholas. Todos os teus esforços serão em vão.

— Eles não são *meus*! — contraponho, furiosa.

As criaturas parcialmente corpóreas saltam para o pátio como se fossem uma só, cobrindo facilmente os três metros de distância. As raposas latem e rosnam, rangendo os dentes enquanto se aproximam nas suas longas pernas, com as caudas sem pelos, semelhantes a ratazanas, a chicotear atrás delas.

— Já te disse que os *mandes embora*!

— Não fui eu que *fiz* isto!

— Briana…

— *Por favor,* Sel!

O seu maxilar contrai-se ao olhar para mim, a dúvida recém-criada pelo meu apelo a debater-se com a fúria nos seus olhos. Há um clarão de éter azul e branco, e depois Sel murmura enquanto o éter lhe flui rapidamente para as mãos. A substância amontoa-se em globos giratórios. Depois os globos expandem-se e alongam-se até formarem dois longos bastões que endurecem até se transformarem em armas cristalinas e cintilantes, densas e pesadas.

Em vez de recuarem, as raposas estalam as mandíbulas, ávidas perante aquela visão.

— O que é que elas estão a fazer? — sussurro, mas os olhos de Sel estão presos nos demónios.

De repente, as três raposas infernais soltam uivos de gelar o sangue, o som a ricochetear no pátio e a zumbir de forma ininterrupta até eu me ver obrigada a tapar os ouvidos, tal é a dor. Depois vejo que não é de todo um uivo.

É um chamado.

Sei que as Crias das Sombras usam o éter para se tornarem sólidas, mas nunca o tinha testemunhado. O éter das armas de Sel desfaz-se e flui pelo ar em direção às bocas abertas das criaturas como um ribeiro que escorre para um lago. Ele arfa, apertando cada bastão nas mãos, mas de nada adianta. As suas armas dissolvem-se à frente dos nossos olhos até que haja apenas ar entre os dedos. As raposas brilham, mas o éter azul-prata que ele conjurou torna-se verde quando chega até elas. Sel já está a conjurar outro lote de éter, mas as raposas uivam mais uma vez e tomam-no antes que ele tenha tempo de formar qualquer coisa nas palmas das mãos. Sel ruge e pragueja enquanto as criaturas lhe roubam os poderes, sugando-os tão depressa quanto ele é capaz de os conjurar.

O calor acentuado da conjuração de Sel preenche o ar. As raposas absorvem tudo e usam-no para se tornarem maiores, mais fortes. O éter incha-lhes o corpo, esticando-as até a pele lhes rachar. Um fluido verde-escuro fedorento escorre das aberturas, revirando-me o estômago. Sel começa a conjurar um terceiro lote de éter para criar armas contra as criaturas — mas elas tornar-se-ão corpóreas dentro em breve, e visíveis para qualquer Primavida que por aqui passe.

— Para! — rogo. — Elas estão apenas a usar-te para se tornarem corpóreas!

Não precisava de o gritar. Sel também se tinha dado conta, e percebeu que os seus esforços seriam inúteis. O rosto torna-se selvagem de frustração, e ele rosna para as criaturas com os caninos expostos.

Na minha visão, o mundo treme, mas não é o mundo que está a tremer, a ferver, a crescer. Sou eu.

O tempo abranda, e vejo as raposas à espreita com novos olhos. As suas garras e fileiras de dentes, os olhos a brilhar sedentos de sangue. Tudo na minha perceção delas — visão, cheiro, som — se torna subitamente mais nítido, mais brilhante. A pele rachada de lava das raposas está em alta definição, cada mudança e cada ondulação dos seus músculos tornam-se claras sob a superfície. Sou capaz de lhes sentir o gosto dos corpos azedos e podres de éter, o cheiro espesso no fundo da minha garganta. Um rosnado estrondoso vem de uma delas, e sei-o porque ouço o ar acumulado que o produz nas profundezas do seu peito.

— Mas que raio?

A voz de Sel quebra-me a atenção e o mundo volta a acelerar.

Pestanejo e olho para baixo. Avancei dois passos na direção das raposas, sem sequer me aperceber. Tenho as mãos estendidas ao lado do corpo — e há chamas carmesim brilhantes a fluir da ponta dos meus dedos. Um curto grito escapa-me da garganta, e depois um gemido. Balanço as mãos para tentar apagar as chamas.

— Eu não, eu não…

As raposas infernais não esperam pela minha explicação. A da esquerda já está em movimento, precipitando-se contra mim a uma velocidade vertiginosa. Desvio-me no último instante e a criatura embate contra a parede. Enquanto recupera, um outro grito, uma outra criatura a avançar para mim…

Um braço forte agarra-me pela cintura, arrancando-me ambos os pés do chão. O cemitério, o chão, as árvores passam a voar num borrão deslumbrante de cores, e depois sou libertada. O mundo fica enevoado, escuro…

— *Datgelaf, dadrithiaf… datgelaf, dadrithiaf…*

O chão sob o meu rosto torna-se nítido. O meu estômago parece estar algures perto dos pulmões. Os meus dedos dobram-se na terra — o fogo mágico vermelho desapareceu.

— Ai — gemo, pondo-me de joelhos. Não devo ter desmaiado por mais de um minuto.

— De nada — resmunga Sel, antes de voltar ao seu cântico. — *Datgelaf, dadrithiaf…*

Está de pé ao meu lado, os dedos e as mãos contorcem-se no ar sobre as raízes maciças de um carvalho. Olho para cima e descubro que estamos em McCorkle Place, o quarteirão norte. Talvez a dez minutos a pé do cemitério.

— *Datgelaf…*

Um uivo de raposa infernal atravessa o ar da noite.

— Oh, Deus. — Apoio-me na árvore para me levantar. — Elas vêm a caminho.

— Estou ciente disso.

Outro uivo, desta vez mais alto.

— Estão a aproximar-se!

— Eu tenho ouvidos!

— Temos de fugir.

Ponho-me de pé, mas o mundo ainda se está a ajustar depois do puxão de Sel.

— Não — diz ele —, temos de nos esconder.

Um sopro de ar, e portas duplas translúcidas surgem por cima das raízes da árvore. Sel lança a mão para trás e uma das portas abre-se, revelando um poço escuro sem fundo.

— Entra.

— Nem pensar!

Sem uma palavra, ele envolve um braço à volta do meu tronco e levanta-me, atirando-me para a escuridão. Aterro de rabo e a dor sobe-me pela espinha. Pelo

menos o chão de terra está apenas um ou dois metros abaixo, em vez da descida infinita em direção ao nada que imaginei. Sel cai ao meu lado e aterra como um gato — leve e silencioso. Dá um puxão para baixo e a porta fecha-se, mergulhando-nos na escuridão.

30

— Mas que mer…

— *Caluda*.

— Porque é que…

Uma das mãos de Sel empurra-me contra uma parede de terra e a outra tapa-me a boca. Com *força*. Quando emito um ruído abafado, a mão empurra ainda mais.

— *Chiu!*

Um barulho alto e estrangulado a poucos metros da minha cabeça. Inspiro com força, o coração a martelar com tanta força no peito que tenho a certeza de que Sel o consegue ouvir. A questão é: será que as raposas infernais acima de nós também conseguem? Rezo para que não, porque se Sel preferiu esconder-se a enfrentá-las, tal significa que não se julga capaz de vencer estas criaturas. As outras duas raposas juntam-se à primeira. Paralisamos na escuridão enquanto os três demónios tentam farejar-nos. As suas patas são silenciosas, mas o peso dos seus corpos de éter faz cair terra sobre o meu cabelo e sobre a parte de trás da *T-shirt*. Fecho os olhos e permito que as pedrinhas me caiam em cima das bochechas e nos dedos de Sel, que ainda me está a tapar a boca. E se as criaturas começarem a cavar? A minha mente acelera, as perguntas surgem numa catadupa crescente. Saberão que a porta oculta está aqui? Conseguirão sentir o éter que a escondeu, tal como Sel consegue sentir o éter que as materializa? Espera. Porque não pressentiu Sel a aproximação das raposas?

Devo ter feito algum barulho, ou talvez o ritmo da minha respiração se tenha alterado, porque Sel inclina-se para mais perto, como se me transmitisse um aviso. Arregalo os olhos — e encontro os seus olhos amarelo-brilhantes no escuro. É, definitivamente, um aviso. Tão claro como o dia: *Não. Te. Mexas.*

Após um minuto, o som dos focinhos torna-se mais distante em função do avanço das raposas. Sel espera um minuto, só por precaução, depois outro, e

liberta-me. Faz estalar os dedos e uma pequena chama azul aparece-lhe na palma da mão, iluminando a caverna em que nos colocou. Não, não é uma caverna. Um túnel.

— Vamos.

Sel vai à frente, com o fogo mágico azul a lançar sombras sobrenaturais contra as enormes raízes expostas, as paredes de terra desmoronadas e as vigas ancestrais que sustentam a terra acima de nós.

— Acabaste de conjurar um túnel?

Ele não espera que eu o siga, por isso tenho de correr para o apanhar.

— Eu *revelei* um túnel. O tronco da árvore é uma ilusão, bastante antiga, se queres que te diga. Os fundadores sabiam que a universidade iria precisar de uma fachada pública, por isso cavaram túneis para se deslocarem mais facilmente e cavernas para armazenamento antes de o *campus* ser construído.

— Eles cavaram isto tudo para se deslocarem mais facilmente?

— Estas são cavernas de proteção. Rotas de fuga. Os Merlins originais usaram-nas para mascarar o éter de modo que as Crias das Sombras não os pudessem seguir, mesmo acima do solo.

Tiro o telemóvel do bolso, mas não há rede. A bateria está a meio, por isso podia usar a lanterna, mas porquê gastá-la quando Sel demonstra ser perfeitamente capaz de iluminar o caminho por si só?

— Porque estamos aqui e não na Sede? Podias ter-nos levado de volta…

Sel detém-se e lança-me um olhar furioso.

— Não sei porque é que aquelas coisas nos atacaram ou de onde vieram, e, ao que parece, nem tu. Não os vou levar diretamente ao Nicholas, mesmo com as proteções da Sede em perfeito funcionamento. Se forem como os cães infernais, detetaram-nos o cheiro e hão de continuar no nosso encalço e no de mais ninguém. Gostaria de manter as coisas assim.

— Porque é que não as sentiste?

O seu olhar descai e Sel continua a andar, levando consigo a única fonte de luz.

— Não tenho a certeza.

Há algo estranho na sua voz, como se estivesse a reter uma resposta que se recusa a dizer em voz alta.

— Como é que te roubaram o éter?

— Não sei.

— Isso quer dizer que nunca tinhas visto uma raposa infernal antes?

Ele vira-se abruptamente e quase tropeço nele.

— O que é que tu és?

— Eu…

— A verdade — exige. — Como é que conseguiste gerar éter na ponta dos dedos?

Pestanejo.

— Eu não gerei nada…

Sel avalia-me, estreitando o olhar.

— Isso explica o porquê de me teres distraído na noite da pedreira, quando estava a caçar o isel. Detetei uma centelha do teu éter e presumi incorretamente que os meus sentidos me tinham enganado. — Inclina-se para mais perto com os dedos em chamas, e aponta para o meu peito com a outra mão. — Mas há apenas alguns minutos estavas a cozinhar o éter como uma fornalha, *aqui* mesmo.

— Afasta-te de mim!

Empurro-lhe a mão e cruzo os braços sobre o peito. Até uma conjuração pequena de Sel emite um cheiro capaz de preencher o túnel e o meu nariz.

— Não sabes navegar nestes túneis e, mesmo que soubesses, não podes abrir nenhuma das portas que dão para a superfície — diz ele, a arquear uma sobrancelha —, por isso é melhor que comeces a dizer a verdade. Como é que fizeste aquilo?

Tudo o que mais quero é afastar-me dele, mas Sel tem razão. Não faço a menor ideia da orientação a seguir. Ele observa-me a chegar a essa conclusão como se estivesse a lidar com uma criança mimada e teimosa que se recusa a dormir a sesta. Cada traço do seu rosto me perturba: o cabelo ridículo, os olhos de cambion, o sorrisinho irritante que lhe contorce os cantos da maldita boca.

— *Não sei.*

Consigo ouvir a petulância na minha própria voz, e também a desprezo.

Sel estreita os olhos dourados e perscruta-me o rosto. Um instante depois:

— Estás a dizer a verdade, pelo menos em relação ao que és e à origem dos teus poderes.

— Sim! Estou!

E estou mesmo. Não sei o que sou. Patricia também não. Mas que sei da Raiz e que a minha mãe foi uma praticante… isso *nunca* lhe revelarei.

A cara dele assume a expressão de alguém que pondera.

— A minha mãe era uma Merlim e uma estudiosa do éter. Estudava demonologia, éter de Portal, runas, textos antigos, de tudo um pouco. Eu era uma criança precoce, por isso esgueirava-me muitas vezes para o escritório dela para ler o seu grimório e o dos Merlins que nos precederam.

Cerro os dentes, enervada por ele ter referido a sua própria mãe. Terá percebido que também eu estava a pensar na minha?

— Pretendes chegar a algum lado com essa história?

Sel ignora-me.

— Com esse tipo de educação, eu, mais do que a maioria, compreendo que a nossa magia, se assim a considerares, é, no seu âmago e nos seus próprios fundamentos, um tipo de física. — Estende o seu braço na luz débil. A tatuagem preta que domina a maior parte do seu antebraço é um círculo grosso dividido por cinco linhas em cinco segmentos iguais. — Terra, ar, água, fogo e éter, ou aquilo a que os alquimistas medievais chamavam «quinta-essência». A todos os Merlins é ensinado que o éter não pode ser criado ou destruído, apenas infundido num corpo ou manipulado numa massa temporária. Se assim é — olha diretamente para os meus olhos —, como é que tu, Briana Matthews, desafias todas as leis do éter pelas quais milhares de Merlins se têm regido ao longo dos últimos quinze séculos?

Fito-o, temendo o peso das suas palavras, mas recuso-me a mostrá-lo.

— Talvez a Ordem não saiba tudo sobre a magia do mundo.

Sel arqueja e recua.

— Há muitas coisas que a Ordem não sabe.

Volta a caminhar à minha frente, sem se alongar nesse comentário *enigmático*. Não me resta outra escolha que não segui-lo.

Quanto mais avançamos, mais o cheiro a coisas podres me afeta. Puxo a *T-shirt* para tapar o nariz e sinto um ligeiro alívio, mas volto a pô-la para baixo, porque está um frio de rachar.

Algum tempo depois, faço-lhe a pergunta que precisa de ser feita.

— Vais entregar-me aos Regentes?

Ele responde sem olhar para trás.

— Ainda não decidi. Qual é o verdadeiro motivo que te leva a querer juntar-te à Ordem?

Ele é um Merlim. Não posso confiar-lhe a verdadeira resposta, e fazê-lo iria contra tudo o que Nick me avisou especificamente que evitasse.

— Deves estar a tentar conceber uma mentira — diz ele —, porque a verdade não demora esse tempo todo.

Volta a parar e lança-me um olhar expetante.

Elaboro a melhor resposta possível, a resposta mais honesta em que consigo pensar, e olho-o diretamente nos olhos enquanto a digo:

— Pedi ao Nick que me ajudasse a entrar porque preciso de entender as coisas que vi, e preciso de entender porque as vejo.

— O que pensa o Nicholas da tua capacidade de gerar éter?

— Eu… ele não sabe disso. Só aconteceu uma vez. Aleatoriamente. Na noite da iniciação. Pensei que pudesse ter sido uma reação ao Juramento. Eu não sabia…

Sel observa-me por um momento e depois os seus lábios contorcem-se, de repugnância.

— Tu *realmente* não fazes ideia do que és, e o Nicholas, sempre armado em herói, ofereceu-se para te ajudar a descobrir, trazendo-te para uma sociedade secreta ancestral sobre a qual não tinhas nenhum tipo de conhecimento ou preparação?

Fico desconfortável sob o peso do seu olhar.

— Bem, não, eu acho que… o obriguei a apadrinhar-me. A ideia foi mais minha do que dele.

Sel parece perplexo.

— Então sois os dois uns parvalhões. — Sorri. — E eu também, por acreditar que podias ser mais do que uma rapariguinha tola Unanedig. — Vira-me as costas e prossegue pelo corredor de terra, murmurando sob a sua respiração.

Fico boquiaberta.

— Pensei que tinhas dito que eu desafiava «todas as leis do éter»!

— E disse — escarnece por cima do ombro —, mas tenho-te observado atentamente a semana inteira e, ao que tudo indica, és capaz de desafiar as nossas leis *e* de ser uma rapariguinha tola Unanedig ao mesmo tempo. Parabéns.

Parece que estou a reviver o nosso primeiro encontro na pedreira — mal ele encontrou o isel, dispensou-me, porque se não fores uma presa de Sel, não vales o tempo dele.

— Não devias… sei lá… investigar anomalias? — digo, a correr atrás dele, entre a indignação e o alívio.

— Eu investigo *ameaças*. Quaisquer que sejam as tuas competências, não és capaz de as controlar. Mal consegues matar um modelo infernal sem a ajuda da gravidade.

Solta uma gargalhada, como se estivesse a rir da minha prestação na Prova desde que aconteceu.

Fico tão confusa com o comentário de Sel — e por ele estar, de facto, a conversar comigo — que estaco de repente. Tê-lo-ei julgado mal? Ou Nick? Ou será que Sel está apenas a agir como sempre agiu — tratando tudo e todos como uma ameaça até que os factos e os seus próprios olhos comprovem o contrário? Há pouco menos de uma hora, ainda me qualificava, mas agora… não? Não esperava sentir-me tão insultada, mas, depois de tanto tempo, de todos os olhares, de todas as ameaças, é exatamente assim que me sinto. Insultada *e* irritada. *Como é que ele se atreve?*…

— Vais ficar aí especada no escuro? — Sel faz estalar os dedos da mão esquerda para produzir um novo fogo mágico e roda o outro pulso para extinguir o primeiro, para que assim possa usar essa mão para se equilibrar contra uma viga de apoio. Sigo o seu olhar para a frente, onde há uma elevação de terra que vamos ter de trepar para passar. — Ou desejas acrescentar alguma coisa?

— Mas, e quanto a toda aquela conversa de enfeitiçar o Nick? — atiro, a gaguejar. — E de fazer dele palhaço? E… e… que não pertenço à Ordem? Disseste aquilo tudo só para seres um imbecil?

— Oh, não, era precisamente o que queria dizer. Como eu julgava que eras uma Cria das Sombras, esperava provocar uma resposta emocional… quanto mais negativa, melhor, já que os demónios são atraídos por isso, mesmo que interiormente. De certa forma, funcionou, mas não como esperava. — Suspira e

vira-se, entediado. — No que diz respeito ao Nicholas, se lhe causares qualquer tipo de problema ou se te revelares uma distração no seu caminho até ao trono, não hesitarei em denunciar-te aos Regentes e explicar aos seus Merlins como lidar contigo para que te deixem num laboratório qualquer e te investiguem por conta própria.

Um arrepio percorre-me a espinha. Seria esse o meu futuro? Nick nunca me disse…

— Se continuares assim a iniciação, certamente irás falhar no teste de combate, o que significa que só preciso de esperar algumas semanas para me ver livre de ti. Alguma coisa me diz que, com a ajuda *detestavelmente* sincera do Nicholas, irás conseguir encontrar uma brecha qualquer para abandonares o estatuto de Pajem *e* a divisão como um todo. Talvez ele use o teu histórico como Não Vassala para pedir uma exceção à lei da filiação perpétua, afirmando que foste uma experiência falhada. Ou talvez peça um favor ao pai, que lho concederá movido pela culpa e por valorizar o facto de o filho ter *finalmente* aceitado o cargo que lhe estava destinado desde o berço. Por isso, quando nos deixares, não irás quebrar o Código de Sigilo para expor a Ordem, dado que te importas realmente com o Nicholas e fazê-lo tornaria a vida do nosso antigo e futuro rei muito mais difícil, comprometendo a nossa missão. Estou lá perto?

O meu queixo por pouco não se estatela no chão.

— Foi o que pensei. Em suma, neste momento tenho preocupações muito maiores do que o «mistério de Briana Matthews», sendo uma delas a provável iminência de Camlann. Tais preocupações incluem também as ameaças realmente *ativas* tanto no que toca à vida de Nicholas como à da divisão que fui Ajuramentado para proteger.

O tipo de ameaças pelas quais serei castigado — dolorosamente — se não as perseguir. Ele não o diz, mas eu ouço-o ainda assim, recordando o que Lorde Davis disse acerca de o Juramento de Mago Real lhe acender um buraco na garganta.

— Desculpa — começo, a abanar a cabeça —, mas não consigo superar o facto de tu definitivamente, *definitivamente* teres andado este tempo todo a ameaçar a minha vida de forma violenta, e agora simplesmente… teres parado.

— Não penses por um segundo que não estava a falar a sério quanto a essas ameaças violentas, porque de certeza que estava. Ainda estou, para ser sincero,

se me forçares a isso. Neste momento, no entanto, estou a reconsiderar a forma como te descrevi — murmura, ao subir graciosamente a pequena elevação. — Devia ter-vos chamado a ambos tolos *e* egocêntricos.

Estou a fumegar, mas sigo calada atrás dele. Não quero dar-lhe mais munições verbais.

Sel parece saber para onde vai, porque paramos numa pequena caverna redonda cerca de dez minutos depois e ele aponta para uma abertura entre as vigas petrificadas.

— Esta porta vai levar-nos até à superfície do outro lado do *campus*. Há um cofre de armas de metal ilusório escondido na floresta, não vá dar-se o caso de as raposas nos encontrarem, mas iriam precisar de um olfato superior ao da média dos demónios para nos seguir até aqui. Eu vou primeiro, indico-te se o caminho estiver livre e puxo-te para cima.

Assinto e fico a vê-lo quando recomeça a murmurar. O galês parece similar aos sons que William faz quando está a curar. Os dedos de Sel criam formas no ar acima das nossas cabeças; depois, num reverso do que fez da última vez, desfere um golpe no ar com a mão aberta. Uma porta abre-se acima de nós.

Sel agacha-se, dá um salto vertical equivalente ao dobro da sua altura e aterra na relva ao lado da porta. Um momento volvido, sussurra que o caminho está livre e estica-se para me puxar para a superfície.

Emergimos exatamente onde Sel disse que o faríamos: num muro de pedra baixo que demarca o perímetro do *campus* e, para lá dele, a floresta cerrada que pertence à cidade de Chapel Hill. Tem as costas viradas para a base do largo carvalho de onde saímos. Sel gira as palmas das mãos e volta a esconder a porta de éter quando os pelos da minha nuca se levantam em sinal de alerta.

Quando Sel grita «baixa-te!», o meu corpo não hesita. Atiro-me ao chão a tempo de ver uma raposa infernal por cima das nossas cabeças e o seu crânio a colidir com o tronco do imponente carvalho com um estrépito ruidoso que faz tremer o chão.

Enquanto esta recupera, uma segunda raposa uiva, precipitando-se sobre Sel. As patas pesadas e o seu peso atiram-no ao chão. Tal como aconteceu com o

uchel, Sel e a raposa estão a girar, a rolar sobre a relva num borrão de roupa preta e escamas verdes fumegantes.

Sel deve ter olhado para mim de relance porque grita um alerta no exato momento em que a terceira raposa se lança para o local onde me encontro. O grito dá-me apenas tempo para rebolar. As mandíbulas estalam rente à minha orelha direita — onde o meu rosto estava um segundo antes.

Há um som horrível, como o de um rasgão, e um ganido agudo corta o ar.

Sel arrancou uma qualquer parte da sua oponente.

A raposa que tenho ao meu lado corre em auxílio da irmã, e depois Sel grita, tentando lutar contra ambas ao mesmo tempo sem conjurar nenhum éter.

Ele precisa de armas.

Levanto-me, salto o muro e corro em direção à floresta e à caixa ilusória. Num piscar de olhos, uma raposa infernal aparece-me à frente. Tem a cabeça rachada ao meio, e há éter verde e brilhante a escorrer da abertura: é a raposa que atingiu a árvore.

Perco o equilíbrio. Tropeço nos meus próprios pés. As minhas costas batem no chão. Com força. O ar desaparece-me dos pulmões.

Estou a contorcer-me na relva, a sufocar, com o cérebro a gritar com a voz que não me sai da boca. Nem sequer quando a raposa baixa a cabeça, fitando-me com os seus olhos negros, e depois salta.

Vai pousar de garras abertas. Mesmo em cima de mim.

Estou prestes a morrer.

Fecho os olhos com força, à espera de sentir o seu peso e os seus dentes afiados. Num movimento desesperado e descoordenado, levanto o punho num soco selvagem.

Há um grito uivante, um som de esmagamento profundo, um peso quente e ardente no meu peito, e depois a escuridão cresce e toma conta de mim.

Há algo quente e grosso a pulsar rapidamente contra os meus dedos.

Abro os olhos, mas não consigo compreender o que estou a ver ou a sentir. O meu cérebro anda à roda, junta as imagens pouco a pouco:

Estou viva.

A raposa está em cima de mim.

A minha face não está entre os seus dentes porque a sua mandíbula está pendurada.

As duas patas dianteiras estão soltas na terra, de cada lado do meu corpo.

Tenho o braço esquerdo num caos de gosma verde que escorre espessa pela minha pele e cai na relva.

O meu ombro direito está deslocado. E dói-me. Porque o meu punho e o meu antebraço desapareceram até ao cotovelo dentro do peito da raposa.

E esse braço está coberto de chamas vermelhas.

Há gritos. Os meus.

A minha visão fica turva. Puxo a mão para trás, mas algo me prende o pulso — uma costela partida de pontas afiadas. O vómito sobe, queima-me o fundo da garganta. Os gritos recomeçam. Choro enquanto tento tirar o punho de dentro do corpo da raposa. Um pus verde e viscoso derrama-se do seu estômago. Puxo com demasiada força e torna-se pior. A ferida escorre-me pelo peito, pútrida e já em decomposição, enquanto a língua da criatura escorrega para o lado.

Dentes batem raivosamente e o grito de ira da raposa infernal atravessa o ar, mas estou de costas voltadas para o chão, e o demónio que está morto em cima do meu peito é demasiado pesado. Assisto, de cabeça voltada para baixo, enquanto outra raposa corre na minha direção a uma velocidade assustadora. Empurro a carcaça, a gemer e a arfar.

Mas antes de me apanhar, a ponta afiada e pontiaguda de uma lança perfura-lhe a garganta.

A raposa emite um som gutural e cai no chão. Sel aparece ao seu lado e puxa a lança para fora, e depois usa toda a sua força para atravessar o crânio da criatura. Ela deixa de se mover. Sel inclina todo o seu peso contra a ponta do cabo, a respirar com dificuldade.

Tenho os olhos a arder. A carcaça fumega. Um gemido rouco escapa-me da boca e a cabeça de Sel levanta-se. Demora meio segundo a chegar ao meu lado, precipitando ambas as mãos para os ombros da criatura.

— A outra… — digo, numa busca frenética.

— Morta. Espera. — Sel franze as sobrancelhas escuras, enquanto o seu olhar dardeja entre mim e a raposa sem vida. — Não se pode desfazer enquanto houver algo vivo dentro dela. Tenho de te tirar aí de dentro.

Os meus olhos lacrimejam, e não consigo dizer se é do éter ou das lágrimas. Acho que de ambos. Preciso de tossir duas vezes antes de ser capaz de falar, e mesmo assim a minha voz está rouca de tanto gritar.

— Não consigo tirar a mão… não sou capaz…

Sel ajoelha-se até que fica com a cabeça ao nível da minha, e empurra o corpo da criatura para ver o ponto onde estou ligada a ela. Com a proximidade, percebo que está a sangrar de uma mordidela profunda na clavícula, quase invisível sob a camisola preta agora colada à ferida. A sua magia — canela, uísque, fumo — serpenteia-me pela cara. Estou tão grata pelo seu cheiro que solto um gemido, e volto a inalar para disfarçar o fedor da raposa infernal.

— O buraco é do tamanho exato do teu punho. Tens de fechar a mão — murmura Sel. Faz força até que o peito da criatura sai de cima de mim, e eu arfo com o alívio imediato. — Fecha a mão.

Não me mexo. Quero fazê-lo, mas simplesmente… não consigo. Choramingo e abano a cabeça.

Os olhos dourados de Sel fixam-se nos meus.

— Fecha a mão, Bree. — O seu tom é surpreendentemente dócil. — Eu faço o resto.

Aguento o seu olhar por um instante. Seja pelo seu tom estranhamente simpático ou pelo facto de me ter chamado «Bree» pela primeira vez, assinto e fecho a mão direita, aos gritos enquanto as minhas unhas raspam pelo coração ainda quente da criatura. Sel levanta-se e puxa a raposa pelos ombros até que o meu punho em chamas emerge do buraco fumegante entre as costelas da besta. Quando a minha mão se liberta, há um som húmido de sucção e uma nova mancha de pus verde-escuro escorre-me por entre as pernas. Arrasto-me para trás e tapo a boca com a mão esquerda trémula.

Sel deixa cair a carcaça e, um segundo depois de chegar ao chão, esta explode com um som cortante, transformando-se numa nuvem de pó verde em forma de raposa. Atrás de mim, a outra raposa também explode, como se o éter a tivesse rasgado de dentro para fora.

O mundo volta então a tremer, e mais uma vez percebo que sou eu. Apenas eu. Estou a tremer sem controlo. O meu pulso não vai abrandar. O meu peito parece prestes a explodir a par das raposas.

Apoio-me nas mãos e nos joelhos, e vomito, ofegante, até que a bílis me queima a garganta e a língua.

Sel cai de joelhos ao meu lado.

— Tu estás bem. As raposas desapareceram.

As raposas desapareceram.

Mas eu não estou bem.

Rastejo para longe do vómito até me poder sentar, e repouso os braços à volta dos joelhos fletidos. Enquanto limpo a boca com um pedaço da *T-shirt*, vejo que Sel me observa.

Os olhos dele percorrem-me a cabeça, os ombros, os braços.

— Está a apagar-se.

Olho para baixo e vejo que tem razão. A luz carmesim que tenho no antebraço e no punho está a diminuir. O pus coagulado nos nós dos meus dedos parte-se. Após um momento, restam apenas alguns grãos pretos.

— Está… Está a atuar como um escudo — diz Sel, e o seu tom está repleto de uma admiração que não conheço nele. — Está a queimar o sangue da raposa infernal.

Ele tem razão. Quando a luz vermelha desaparece, o mesmo acontece com o resto do líquido. Abano a cabeça, incrédula com tudo o que acabou de me acontecer.

Ao que parece, Sel está na mesma situação. Levanta-se, e a sua expressão é demasiado confusa para que seja acusatória.

— O que é que tu és?

Olhamo-nos mutuamente até ouvirmos os gritos.

— Bree!

— Sel!

— Bree! Sel!

Reconheço as vozes. Evan. Tor.

— Encontrei-os! — grita Evan.

Viro-me e vejo-o saltar o muro e precipitar-se na nossa direção. Uma figura de cabelo loiro ultrapassa-o a uma velocidade superior à que os olhos podem acompanhar e, de repente, Tor está ao nosso lado.

Sel também repara na sua velocidade.

— Foste…

— Despertada? — Evan termina a frase. — Sim. A Tor caiu há cerca de uma hora. Levámo-la de volta para a Sede e chamámos toda a gente, mas vocês não apareceram.

— E já estás de pé e a correr?

— O William acha que é pelo metabolismo acelerado. — Tor sorri, mas depois repara no que está no chão à nossa volta e vê-me ali sentada. — Que diabo aconteceu aqui?

Evan também repara na pilha verde a desaparecer.

— Isso é pó de Cria das Sombras?

Uma nova voz grita para nós do outro lado do muro.

— Encontraste-os?

Ao ouvir o som da voz de Nick, Sel dá um passo atrás, retraindo-se. Os meus olhos seguem o movimento e Sel e eu trocamos olhares. Observo a alteração no rosto dele, indo do fascínio e de algo que acredito ser preocupação para a neutralidade solene de um soldado de guerra. E, assim, o Selwyn Kane de há uns momentos está enterrado sob as pedras como um segredo que levará para a sepultura.

— Ei! — Nick salta o muro e corre na nossa direção. O seu rosto expressa alívio, tanto por mim como por Sel. Sarah segue atrás dele. — Vocês estão bem? Não sabíamos onde diabos se tinham metido. Depois a Tor foi Chamada e… — Nick abranda quando vê o meu braço ensanguentado. — Não…

Põe-se ao meu lado num abrir e fechar de olhos. Estica os dedos suaves até à minha mão esquerda. Quando a gira, sibila com a visão. Os cortes são longos e profundos, indo do cotovelo até ao pulso, e a terra e as pedrinhas estão coladas onde o meu braço ficou entalado contra o chão. Nem me tinha apercebido.

Tor pragueja baixinho, e ela e Sarah entreolham-se brevemente. Movo-me para ficar de pé, mas os meus joelhos não colaboram. O meu corpo inteiro parece lento, pesado.

— Eu estou bem — digo, com a voz rouca.

A mão de Nick sobe até ao meu rosto, os seus dedos pressionam a minha testa, descendo pelo meu ombro como se o tocar-me lhe desse as respostas que não posso dizer em voz alta.

Evan encosta o pé a uma pilha de pó onde uma das raposas infernais se dissolveu.

— Há três pilhas verdes. Os cães do Sel são azuis.

Nick inclina-se do meu lado para olhar ele próprio para a pilha. Os olhos azuis aguçam-se e o maxilar contrai-se.

— O que é que aconteceu aqui?

Ninguém olha para mim. As atenções recaem todas sobre Sel.

Tanto quanto sabem, Selwyn Kane é um feiticeiro irritado, constantemente entediado. Mas agora consigo ver através disso. Ele está nervoso. Agitado.

— Raposas infernais. Quase totalmente materializadas. — Indica as pilhas com a cabeça. — Absorveram o éter das minhas armas. Fomos para o subsolo, usámos os túneis, mas elas deram connosco.

Evan caminha na nossa direção a abanar a cabeça.

— Mas três? A trabalhar juntas no mesmo local e ao mesmo tempo? Não existe Portal grande o suficiente para deixar passar três ao mesmo tempo. De onde é que elas apareceram?

— Emboscaram-nos no cemitério.

— Três Crias das Sombras *emboscaram-te*? — Evan franze as sobrancelhas. — És capaz de sentir um duende não corpóreo a centenas de metros de distância. Como é que estes demónios te apanharam desprevenido?

Há uma fenda na fachada do Sel. Quando ele não responde imediatamente, sinto Nick ficar tenso ao meu lado.

— Como é que eles te surpreenderam, Sel? — pergunta ele ao seu Mago Real.

Sel cruza o seu olhar com o de Nick e nesse momento compreendo porque é que não respondeu completamente à minha pergunta no túnel.

— Eu estava… distraído.

O olhar ansioso de Tor dardeja entre Sel e Nick, o silêncio incaracterístico de Evan, e o subtil aperto de dedos que seguram os meus são o único aviso que recebo.

Nick levanta-se para enfrentar o seu Mago Real.

— Distraído? Distraído com o quê?

Sel passa a língua pelo lábio, um gesto nervoso que não parece natural no seu rosto.

— Há duzentos anos que não vemos uma revolta de Crias das Sombras. Se estivesses a planear uma, o que farias? Usarias um batedor para nos incapacitar primeiro? Para nos desequilibrar? Que melhor altura para perturbar as nossas fileiras do que a iniciação? Que melhor oportunidade para quebrar a Távola antes de ela ser reunida do que derrubar o nosso rei antes de ele ser Chamado?

— A pensar como um demónio, Sel?

Sel rosna em frustração.

— Faz parte das minhas *funções* pensar como um demónio.

As sobrancelhas de Nick franzem-se enquanto faz as ligações.

— O que é que isto tem que ver com a Bree?

Sel fita-o.

— Aquele primeiro uchel queria-te *a ti*, Nick. Ele chamou pelo Pendragon. Como é que ele sabia onde te encontrar? Um goruchel precisa apenas de se fazer passar por Pajem, agir como uma toupeira, para descobrir essa informação, e é apenas uma questão de tempo até que uma toupeira se exponha. — Sel engole em seco e uma sombra atravessa-lhe os olhos, mas não desvia o olhar do seu futuro rei. E respeito-o por isso. — Eu decidi acelerar o processo.

Nick dá um passo em direção ao seu Mago Real. Quando fala, a sua voz é mortalmente grave.

— O que é que fizeste?

O maxilar de Sel contrai-se, mas ele aguenta o olhar de Nick.

Mais um passo.

— O que é que *fizeste*?

Sel levanta o queixo.

— Eu podia ter tirado o cão de cima dela a qualquer momento…

Com o impulso do seu passo seguinte, Nick dispara um soco rápido e forte contra o maxilar de Sel. O golpe derruba o Mago Real contra o mesmo carvalho que atordoou a raposa. Nick deve ter aplicado uma força imensa, porque as minhas orelhas zunem com o som do embate de osso contra osso. Acontece tudo muito depressa — se assim não fosse, Sel não teria sido apanhado de surpresa — e toda a gente demora um segundo a reagir. Sarah grita e Evan solta um palavrão, mas ninguém se mete no meio deles.

Sel está contra o tronco da árvore, completamente imóvel, com a expressão atordoada, e luta com uma vontade visível de retaliar.

— Bem, isso não foi inteiramente justo, Nicholas — murmura finalmente. Levanta-se e cospe sangue vermelho-vivo para a relva antes de tapar a boca com a mão. O gesto deixa-lhe um rasto carmesim ao longo dos dedos pálidos. — Sabes que não te posso bater também.

Nick responde num tom férreo:

— Precisamente.

Os olhos de Sel brilham. Os lábios repuxam-se, expondo os dentes ensanguentados, e depois suavizam-se numa tentativa falhada de conter a fúria.

Os meus olhos dardejam entre os dois, o futuro rei e o seu protetor ajuramentado. Quando os vi lutar na floresta naquela primeira noite, Sel tinha apontado para mim, não para Nick. O Juramento de Mago Real significa que ele jamais poderá ter a *intenção* de ferir Nick sem arriscar a sua própria destruição, mas isso não impede que Nick faça mal a Sel. Eles cresceram juntos com este desequilíbrio de poder, mas nunca esperei que Nick o explorasse. Muito menos desta maneira…

Sel encolhe os ombros, como se a violência de Nick não importasse, mas a tensão irradia-lhe do corpo, das veias pulsantes do pescoço. Ele ri-se — e depois estremece, levando uma mão ao queixo.

— Hum. Ainda não tens a força de Artur, mas acho que quase me partiste o maxilar. Imagina o dano que vais causar quando fores Despertado.

— Foi por isso que quiseste ficar com a Bree esta noite? Para ameaçares a minha Pajem com os teus modelos? — Os punhos de Nick tremem caídos ao lado do corpo. — Para me desafiares?

O Mago Real olha para longe e eu vejo para onde a sua raiva está realmente direcionada: para si próprio. Distraiu-se e as suas capacidades falharam-lhe — tal como Lorde Davis sugeriu naquela noite na floresta. E aqui está o filho de Lorde Davis, a testemunhar esse fracasso e a castigá-lo por isso.

Sinto uma necessidade de me levantar e de o defender, mas o que poderia eu dizer? Não sou uma toupeira. Não sou um uchel. Não sei o que sou, mas não sou uma ameaça para Nick. No entanto, há algo em mim que reconhece algo em Sel.

— Mantém-te longe dela — ordena Nick, com a voz grave. — *Excalibur* ou não, Chamado ou não, se voltares a tentar algo assim… — Não acaba a frase, mas as consequências pairam no ar e todos nós podemos imaginá-las.

Nick levanta o queixo.

— Fui claro, *Mago Real*?

— Sim. — Os olhos de Sel escurecem até se tornarem opacos e imperscrutáveis. — Meu suserano.

Nick vira-se sem mais uma palavra e caminha de volta para mim. Tudo nele é vibrante, não sei se com a adrenalina ou com a ira, mas quando os olhos dele se cruzam com os meus, amolecem, tornando-se no oceano que conheço.

— Consegues pôr-te de pé? Temos de te levar ao William.

Assinto, mas afasto-lhe a mão quando ele me agarra.

— Eu consigo andar.

Ainda assim, ele sustenta a maior parte do meu peso facilmente com um braço enrolado nas minhas costelas, e viramo-nos na direção da Sede. Tor e Sarah posicionam-se de um lado e Evan, do outro. Flanqueiam-nos, apercebo-me. Como proteção.

Quando seguimos pela estrada de regresso, sou a única que olha para trás.

O Mago Real e eu fitamo-nos mutuamente uma última vez no momento em que as pilhas de pó das Criaturas das Sombras rodopiam no ar à sua volta e, como uma faúlha, deixam de existir.

31

— Isso faz comichão.

— Não te julgava tão queixinhas — murmura William, com as mãos a pairar sobre os meus antebraços.

— Não sou queixinhas.

— Claro. — William inclina-se para baixo para ver como o último pedaço de pele se fecha sobre uma cicatriz nova. Gira o pulso, e a cobertura prateada de éter que está nos dedos e no meu braço desaparece com um estalido silencioso. — Pronto. Vais acordar sem cicatrizes. Tenta manter os braços inteiros da próxima vez, está bem?

Estou deitada numa cama de hospital há dez minutos enquanto ele trabalha. É bom finalmente poder descansar um pouco, mas, depois, as restantes dores que tenho espalhadas pelo corpo tornam-se mais evidentes. Solto um gemido quando a minha cabeça bate na almofada. William faz um barulho suave e desgostoso.

— Posso usar o éter para curar essas nódoas negras.

O calor inunda-me as bochechas.

— As que estão por todo o meu rabo e costas? Deixa estar.

Ele vira os olhos.

— Sou um profissional de medicina, ou sê-lo-ei em breve. Estudante de pré-medicina, além de ser o Herdeiro de Gawain, lembras-te? — Agita os dedos. — Curandeiro a dobrar.

— Então estás a dizer que devia sentir-me confortável em ficar só de cuecas à tua frente?

— Nunca diria a alguém com o que precisa de se sentir confortável — responde William, com os olhos cinzentos pensativos. — Estava apenas a oferecer um pouco de contexto. Se ajudar, estou muito apaixonado por outra pessoa e não estou de todo interessado.

Sorrio, apesar do meu cansaço.

— Ah, sim? Quem é a pessoa sortuda?

— Ele não é Lendário, isso é certo. — William ri-se calorosamente. — Namorar dentro da Ordem só traz problemas.

Componho a postura.

— Porquê?

— Linhagens, juramentos, heranças? É só escolher. — William puxa a mesa e inclina-se para trás contra a outra cama. — Os Pajens podem namorar Pajens, fácil. Escudeiros com Escudeiros, tudo bem, mas é complicado. O trabalho de um Escudeiro é proteger o seu Herdeiro, e esse laço é inquebrável, sagrado. Em batalha, um Escudeiro não pode dar prioridade ao bem-estar do parceiro em detrimento do Herdeiro, e o Juramento do Guerreiro é para sempre, mesmo depois de o período de elegibilidade terminar e de as heranças desaparecerem. Quem quer estar com alguém que já está emocional e magicamente ligado a outra pessoa, para toda a vida?

Faço uma careta.

— Parece ser horrível.

— E é — assobia baixinho. — Devias ouvir os comentários invejosos que saem da boca das pessoas no Baile de Gala da Seleção. É só rancor, mexericos e dramas da Ordem. Mas até isso é apenas… embaraçoso e inconveniente. — William abana a cabeça. — Namorar Herdeiros é um jogo completamente diferente.

Apoio-me num cotovelo, curiosa.

— Porquê?

— Sessenta gerações, mais ou menos, de administração das Linhagens… Torna-se complicado. Os Regentes tiveram de intervir e estabelecer regras em determinado momento. A lei da Ordem proíbe o cruzamento entre Linhagens, de modo que não haja festa de lençóis entre quem possa tornar-se Herdeiro ou cujos filhos possam tornar-se Herdeiros na linha de sucessão. Se não o proibissem, haveria bebés com duas, três, quatro linhagens a correr por aí. Seria o caos tentar localizar quem será Chamado a seguir e como a Linhagem será preservada. É mais fácil para os casais dentro dos quais a gravidez é cem por cento impossível. Mas para casais que possam engravidar? Estão *lixados*. De uma forma não divertida.

— Isso é…

— Horrível, eu sei. Embora seja uma espécie de *fin'amor* moderno. O ideal medieval do amor cortês e enobrecedor que nunca pode ser consumado. Um conceito muito romântico naquela época. Mas hoje? Houve rumores de um casal de Herdeiros de outra divisão que escondeu a sua relação, mas os Regentes têm espiões por todo o lado. Foram apanhados. E castigados.

William franze a testa com aquela última palavra.

Sei que, se lhe perguntasse, William me diria o que os Regentes fizeram ao casal, mas o estremecimento que lhe percorre os ombros diz-me que talvez eu não queira saber a resposta. Quanto mais ouço falar dos Regentes e de quanto eles se intrometem na vida dos Primavidas, bem como na dos Lendários, mais os detesto. Ninguém na divisão falou dos Regentes sem um toque de medo, ou pelo menos de deferência, nas suas vozes. Nem Nick, nem Sel. Nem sequer Lorde Davis. Quem são estas figuras todo-poderosas que mantêm os registos da Ordem, controlam as suas linhagens, e enviam Merlins ao mundo como assassinos e hipnotizadores demoníacos?

Mudo de assunto.

— Então… que dizer de um Herdeiro namorar o seu próprio Escudeiro?

— Como Russ e Felicity? Ou Tor e Sar? — William faz um movimento hesitante com a cabeça. — Os casos de Herdeiros que namoram os Escudeiros até podem correr bem… mas imagina o que seria separarem-se e depois ficarem ligados ao *ex* para sempre. Não sei quanto a ti, mas preferia engolir a minha própria espada de éter.

— Ah. — É tudo o que consigo dizer.

— «Ah», diz ela. — William levanta uma sobrancelha zombeteira. — Como se isto fosse apenas conversa ociosa e não tivesse nada que ver com a tua relação com um Escudeiro em particular.

— Cala-te.

William volta a rir-se. Gosto das gargalhadas dele. Fazem surgir pequenos pés de galinha nos cantos dos seus olhos cinzentos.

— Então. — Agita as sobrancelhas de forma divertida. — Devo curar-te o rabo, ou ainda estás preocupada que fique a olhar para ele?

Suspiro e começo a tirar as calças.

— Podes verificar-me se quiseres. E olha que até sou girinha.

— Ah! — exclama. — Eu sabia que gostava de ti.

Quando estou de cuecas e de barriga para baixo, William começa. O éter parece o paraíso sobre a minha pele macia. Sufoco um gemido.

— Sabes — diz William, pensativo —, embora não estejas tão atordoada como podias ter ficado depois de teres enfrentado múltiplos demónios, os teus sinais vitais estavam caóticos quando te trouxeram.

Aparentemente, algures entre o cemitério e a Sede, desmaiei. Nick trouxe-me ao colo no resto do caminho e pelo elevador até à enfermaria. Acordei com Nick e William a discutir se o aspirante a rei podia ficar no quarto durante o tratamento. Mal abri os olhos, Nick resmungou e deixou William terminar o seu exame em paz. William limpou-me com uma esponja, desinfetou as feridas e começou a trabalhar.

— A princípio achei que estavas em estado de choque, mas isso não encaixava. Tensão arterial alta, aumento dos níveis de oxigénio, respiração rasa, pupilas dilatadas. Sinais típicos de adrenalina pós-luta demoníaca. Vejo-os a toda a hora. As respostas de lutar ou fugir são inerentemente drenantes, e, após cerca de uma hora, os sinais vitais regressam ao normal. Mas os teus números eram subnormais: pupilas contraídas, respiração lenta, ritmo cardíaco lento, baixa temperatura corporal.

Mordo o lábio ao lembrar-me das chamas vermelhas brilhantes à volta dos meus dedos e do que Sel disse sobre gerar o meu próprio éter.

— Isso é mau?

— «Mau» é um termo subjetivo por aqui. — William paira sobre um ponto particularmente doloroso na minha zona lombar. — Mas não é típico. Foi como se o teu sistema tivesse disparado tão intensamente que, em vez de simplesmente nivelar, o colocou em estado de hibernação.

Quente parece ser a forma correta de o dizer. A primeira vez no duche, depois do Juramento, eu estava… aterrorizada, sobrecarregada, triste, mas fui capaz de colocar uma barreira à frente daquilo tudo. Esta noite, estava furiosa no cemitério, e temi perder a vida sob a criatura, e as chamas desapareceram por si mesmas. Sel tem razão, não faço realmente ideia de como isto funciona, e não tenho a quem recorrer. Sel não tem interesse algum em ajudar-me a

compreender, nem eu gostaria de me juntar a ele para o descobrir. Podia contar ao Nick, mas hoje ele estava… furioso. E assustado, depois do Despertar de Tor. Ele e todas as outras pessoas no edifício estão à flor da pele. Não sei se é uma boa ideia lançar outra surpresa para cima dele. Talvez Patricia…

A porta abre-se e Nick entra.

— Ei, Will, a…

Grito e encolho-me numa bola, puxando o lençol fino para cima de todo o meu corpo. Não sou suficientemente rápida. O rosto de Nick está vermelho como um morango. Ele definitivamente viu o meu rabo. E as minhas costas. E as alças do meu sutiã. E talvez um bocadinho do meu peito, de lado.

Ele sufoca um «desculpa» e desaparece no corredor, batendo a porta atrás dele.

— Não acredito!

Puxo o lençol para cima, para que a minha cara também se possa esconder. William bate no tecido como se fosse uma porta.

— Pode-se?

Puxo-o para baixo para que só os meus olhos fiquem visíveis.

O olhar dele brilha.

— Em séculos passados, *alguns* cortesãos não queriam nada além de um rei elegível que os visse nus «por acaso».

— Cala a *boca*, William!

Quando estou completamente curada, tudo o que sinto é cansaço. Só quero a minha própria cama. Agradeço a William e ele acompanha-me ao elevador. Esbarramos com Nick lá em cima. Ainda tem as bochechas ruborizadas, mas são menos como morango e mais como pêssego.

William aperta-me o braço. Quando volta a entrar no elevador para subir até ao andar residencial, lança-me um piscar de olhos antes de as portas se fecharem.

— Chamai-me se precisardes de alguma coisa, *cortesã Matthews*.

A expressão confusa de Nick dardeja entre mim e o elevador, mas eu aceno, a tentar disfarçar.

— O William a ser o William.

Fico aliviada quando ele decide não mencionar quaisquer avistamentos acidentais da minha pele. Em vez disso, envolve-me nos braços e dá-me um beijo na testa. É para ser um gesto reconfortante, mas os lábios dele na minha pele fazem-me estremecer, deixam-me com calafrios.

— Tens a certeza de que estás bem?

Assinto e encosto-me ao seu peito. Neste momento, só me apetece desfrutar da sensação de estar envolvida nele, de respirar o cheiro a limpo da sua nova camisa.

— Estou capaz de dormir um dia inteiro, mas estou bem.

Ele afasta-se para me examinar a cara, passa um polegar sobre o meu lábio.

— Nunca te devia ter deixado sair sozinha com o Sel. Era a minha Terceira Regra e eu quebrei-a.

— Ele desafiou-te à frente de todos — contraponho.

— Não volta a acontecer. Juro.

Ele aconchega-me mais no seu abraço, dando-me um beijo suave e duradouro para selar o voto.

Este rapaz faz-me suspirar.

— Vamos levar-te para casa.

A luz da madrugada corre através de fendas entre as nuvens, banhando o átrio aberto e silencioso com o sol adormecido. Subimos apenas alguns degraus antes de duas figuras sentadas num banco numa das saliências escondidas na parede se levantarem para nos cumprimentar. Solto o braço de Nick antes de as figuras saírem da sombra e o pequeno ruído de desapontamento que ele emite enche-me como bolhas quentes e efervescentes por dentro.

— Bree!

Greer avança com Whitty ao seu lado, com a preocupação estampada no rosto. Envolve-me nos seus braços e afasta-se para me avaliar.

— *Raposas infernais?*

— A Sar disse que eles roubaram o éter ao Sel. Diretamente das armas dele? — pergunta Whitty.

Greer dá-lhe um leve soco no braço.

— A nossa preocupação agora é com a Bree, Whitlock.

Whitty fica vermelho.

— Desculpa. Estás bem, Matthews?

— Estou bem, a sério. — Esfrego os braços curados, ainda com comichão, e olho à volta do átrio pouco iluminado. Todos os outros Pajens voltaram para as suas residências, e os Lendários estão nas camas dois andares acima de nós. — Não precisavam de ter esperado por mim.

— Tu e o Sel estiveram desaparecidos mais de uma hora — diz Greer, não estando perto o suficiente de Nick para perceber da tensão que as suas palavras lhe estão a causar — e nenhum de vocês atendia o telemóvel. Ninguém sabia se a prova tinha terminado, se ainda estava a decorrer, ou sei lá. Então a Tor desmaiou mesmo à nossa frente, toda a gente começou a passar-se…

Whitty repara na expressão de Nick e bate no ombro de Greer para parar com o assunto.

Revejo mentalmente as suas palavras, atónita por uns instantes. Tinha-me esquecido completamente de como começou a noite. A caça ao tesouro, a prova, o torneio. Certo.

Nick põe-me a par.

— Tu, o Vaughn e o Whitty encontraram, de longe, a maior parte dos objetos da lista, seguidos da Sydney, de Greer e do Blake. O Carson só encontrou dois objetos, e o Spencer… — Uma linha aparece entre as suas sobrancelhas — Foi encurralado por um dos cães de caça do Sel. Ambos estão fora.

Na enfermaria, William disse que o Mago Real ainda não tinha voltado para casa. Gostava de saber se estará algures a lamber as feridas depois da discussão com Nick.

— Agora só resta a prova de combate — diz Whitty, a sufocar um bocejo. — Ouvi dizer que ia ser na quinta-feira, da forma que as coisas estão.

— Quinta-feira? — resmungo.

Quando Lorde Davis anunciou que o calendário do torneio seria acelerado, seis semanas pareciam tempo mais do que suficiente para pelo menos aprender a lutar *decentemente* com uma arma. Talvez o bastão. Mas hoje é sábado. O que poderia aprender em cinco dias?

— O que é que aconteceu às seis semanas?

Nick fica hirto ao meu lado.

— Isso foi antes de a Tor ser Despertada.

— Desculpa, Bree — murmura Greer, mudando o peso de um pé para o outro.

Whitty dirige-me uma expressão simpática. Ambos sabem o que eu sei, de que são poucas as hipóteses de eu me sair bem na prova final. Greer e Whitty despedem-se e saem pela porta da frente. Fico a vê-los ir-se embora, com o coração a afundar-se.

— Mais vale desistir agora.

— Só se quiseres — diz Nick com um suspiro, entrelaçando os nossos dedos. Lanço-lhe um olhar interrogativo e ele encolhe os ombros. — Fiz alguns telefonemas enquanto estavas lá em baixo. Pedi a um dos Suseranos que me treinaram, um dos bons, que liderasse as sessões de treino de grupo. A Gillian é leal. Confio nela.

— Consegue fazer milagres?

Nick sorri.

— Melhor. A antiga Herdeira de Kay. Não precisas de ganhar todas as batalhas na quinta-feira. Só precisas de perder *bem*.

Suspiro e abano a cabeça.

— Perder bem parece-se muito com perder, apenas e só.

— Não é a mesma coisa — murmura ele, e o seu polegar passa por cima dos nós dos meus dedos. — Acredita.

Fazemos uma pausa a meio do átrio e olhamos para as janelas enquanto o sol matinal espreita e os pássaros começam o seu dia. Olho para Nick, ali, ao meu lado, com a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados, o cabelo loiro transformado em ouro sob aquela luz. O rosto dele parece iluminado por dentro. Tento imaginá-lo como um rei numa pintura, nobre e austero. Quase o consigo ver. Especialmente depois desta noite. Talvez devesse tentar contar-lhe. Explicar o que me aconteceu.

— Nick?

— Hum?

— O que o Sel fez foi errado… — Nick fica tenso, mas baixa a cabeça para olhar fixamente para mim. A mistura de raiva e de proteção feroz nos seus olhos tira-me o fôlego. O meu coração, lento como William o descreveu, desperta como o Sol, martela-me no peito. Ignoro-o, só para poder continuar. — Mas

estou a mentir às pessoas. Não estou aqui pelas mesmas razões que todos os outros, e ambos o sabemos.

Os olhos de Nick são como duas luas azuis idênticas que brilham intensamente.

— A que te referes?

A que é que *eu* me refiro?

— Ele tem razão. Não pertenço a este lugar. Sou uma… uma distração.

As palavras parecem-me verdadeiras assim que as digo em voz alta.

A cabeça de Nick voa para trás, como se eu o tivesse esbofeteado, e os seus olhos brilham.

— O Sel usou os seus poderes para *ameaçar* diretamente uma pessoa desta divisão! Se tu fosses uma Lendária, o Juramento de Serviço dele tê-lo-ia queimado vivo. Tens alguma *ideia* do que o meu pai lhe faria se estivesse aqui?

Pestanejo, assustada com a sua veemência.

— Sim, mas ele pensou que eu estava aqui para te magoar, Nick! Ele estava apenas a fazer o seu trabalho. Tu próprio o disseste: eu sou uma anomalia. As coisas que sou capaz de fazer…

Ele põe um dedo na minha boca.

— Aqui não.

Tem razão. O átrio ecoante não é propriamente à prova de som se alguém abrir uma porta no andar de cima. Baixo a voz.

— O Sel não me magoou.

— Foi por causa dele que te magoaste — insiste ele num sussurro rouco.

— Não, não foi — contraponho.

Ele ri-se, incrédulo, e solta-me para passar as mãos pelo cabelo.

— Como é que podes estar a defendê-lo nesta altura?

— Não estou — resmungo. — O Sel não devia ter enviado o cão dele atrás de mim, mas ele não está errado por ser vigilante. Tu não viste as raposas infernais, Nick. Elas vão comer as armas e as armaduras Lendárias, absorvê-las. Deixar-vos a todos *completamente indefesos*…

— E é por isso que preciso de confiar no meu Mago Real — dispara ele. — E, neste momento, *não confio*. Não confio!

— Mas…

Ele segura-me as mãos e os seus olhos fazem-me um apelo sob a luz ténue.

— Se Camlann está a chegar e eu me tornar rei, vou ter de tomar decisões difíceis, Bree. Mas nunca será o tipo de decisões que permitem que nos voltemos uns contra os outros ou que nos comportemos tão mal como as Crias das Sombras. Não vou ser o líder que permite que os nossos adversários nos transformem em monstros imprudentes, e foi exatamente isso que o Sel deixou acontecer esta noite. Ele permitiu que a sua raiva e o seu medo distorcessem a perceção que tem dos factos e que o transformassem no seu pior «eu». Se ele sucumbe ao… — Nick detém-se. Aperta-me os dedos, para assim poder beijar as costas da minha mão. — Não é esse o tipo de guerreiro que podemos dar-nos ao luxo de levar para uma batalha.

As palavras chocalham-me no peito.

— O que é que queres dizer? O que é que vais fazer? Vais… podes…

Ele encosta a testa à minha e respira fundo.

— Não sei o que vou fazer, B. A única coisa que agora sei é que precisamos, os dois, de descansar. Ficámos acordados a noite inteira. Tu precisas de recuperar. A tua treinadora vai chegar daqui a doze horas e eu tenho de ligar ao meu pai à hora do almoço… — Dá-me outro beijo suave na bochecha. — Posso levar-te a casa?

Assinto sem energia porque Nick tem razão. Estamos exaustos e este momento talvez não seja o ideal para ter conversas sérias sobre liderança de um reino, o castigo a aplicar a um Mago Real ou as circunstâncias que levam uma pessoa a tornar-se num monstro.

Mas nada na maneira como me sinto — como *tudo* me faz sentir agora — parece estar bem.

32

Graças a Deus, há sábados.

Durmo até ao meio-dia, e mesmo assim só me arrasto para fora da cama porque a minha bexiga e o estômago que ronca começam a queixar-se com dores alternadas de desconforto. Vislumbro a minha imagem no espelho da casa de banho e estremeço.

William pode ter-me curado as feridas, mas ainda me pareço com alguém que lutou contra as criaturas infernais. Acho que nem sequer o éter o consegue curar. Entre os caracóis emaranhados e suados sob a touca, as olheiras e o hálito matinal, eu própria me *sinto* como uma criatura infernal.

Um duche quente, escovar os dentes e um pouco de água com amaciador no cabelo fazem-me maravilhas. Ainda estou de toalha, água a pingar pelo pescoço, quando recebo uma mensagem de grupo de um número que não reconheço.

Fala a Tor, Pajens. O jantar é às cinco, e as salas de treino abrem às seis. Os Suseranos Roberts e Hanover irão juntar-se a nós. Vistam-se adequadamente. Não se atrasem. Não nos envergonhem.

À medida que avanço pelo *campus* adormecido em direção ao refeitório, sou tomada por um certo deslumbramento silencioso, pois, mesmo com tudo o que me aconteceu na última semana, o mundo continua a girar. Faltam três semanas para o início do outono, mas o calor opressivo do fim do verão já se dissipou. O céu é de um azul calmo e tem poucas nuvens, suficientemente fresco para que talvez eu precise de levar uma camisola esta noite. Algures ao longe, a banda filarmónica de Tar Heels ensaia para o jogo de amanhã. Passo por um grupo de pessoas que não conheço e que distribuem panfletos de um grupo estudantil. Um fluxo constante de estudantes serpenteia pelo relvado em direção às bibliotecas, porque, seja o que for que me tenha acontecido, as aulas ainda estão a decorrer. Na terça, tenho um teste de literatura para o qual não estudei. Na quinta, uma prova para a qual não estou preparada. Nick — o meu namorado? Parceiro no

crime? Cúmplice que quero voltar a beijar? — está a um Herdeiro de distância de ser chamado ao trono de um reino dos tempos modernos. Um mago semidemónio diz-me que posso criar energia mística dentro de mim, e talvez tenha razão, mas mesmo assim não faço ideia daquilo que sou. Tudo isto e, pelo meio… o planeta continua a girar.

O meu telemóvel vibra. É Patricia, a enviar-me uma mensagem a perguntar se nos podemos encontrar para uma sessão especial no Arboreto, esta tarde, à uma. Já estou no *campus*, por isso aceito.

Decidi durante o meu banho que, mesmo que não conheça bem Patricia, confio nela. Sel disse que as minhas chamas vermelhas quebram as leis do éter, tal como os Merlins o entendem. Bem, Patricia opera fora das regras da Ordem e usa a raiz de formas que provavelmente também estão fora das suas leis. Ela pode não gostar da Ordem — e é legítimo, honestamente —, mas mostrou-me mais sobre a vida secreta da minha mãe do que a Ordem alguma vez faria. Compreender a minha magia pode ser a chave para compreender a magia da minha mãe — e, a partir daí, como pode ter-se envolvido com a Ordem, logo para começar.

Nick também me envia uma mensagem:

Acordei agora. E tu?

Também. A caminho do refeitório para o almoço. Queres juntar-te?

Desculpa, não posso. O meu pai vai ligar em breve para receber a atualização completa sobre a noite passada. Não vai ser bonito.

Faço uma careta. Não consigo imaginar o que Lorde Davis vai dizer. Pergunto-me se Nick vai contar ao pai tudo o que aconteceu com Sel ou se vai reter alguns dos pormenores. Ou esperar até que ele volte para a cidade. Estou quase à porta do refeitório antes de dar conta de que, de entre nós os dois, sou a única que tem razões para esconder um pouco do que aconteceu ontem à noite. Nick não sabe do fogo mágico vermelho, pelo que não tem motivos para censurar o seu relato. Incomoda-me que, mesmo sabendo que ele guardaria o meu segredo, não me sinta preparada para o partilhar com ele. Mas, pelo menos desta forma, não vai ter de mentir por mim. Já bastam as vezes em que o faz.

Com o estômago cheio — dois hambúrgueres e uma grande dose de batatas fritas com queijo —, dirijo-me para o Arboreto para me encontrar com Patricia.

Quando lá chego, surpreende-me vê-la sentada com uma jovem negra apenas alguns anos mais velha do que eu. Tem olhos grandes e escuros por trás de óculos redondos, é mulata e tem o cabelo puxado para trás antes de desabrochar num tufo largo e macio para cima.

— Bree. — Patricia põe-se de pé, tal como a mulher mais nova. — Esta é a Mariah, uma veterana aqui e praticante também.

Olho para a rapariga, e a inveja e a curiosidade corroem-me as entranhas, abrindo velhas feridas. Ela conhece a raiz porque a mãe a ensinou.

Eu podia ter sido como ela.

— A terapia não devia ser confidencial?

Patricia inclina a cabeça.

— Esta não vai ser uma sessão normal. Depois do que aconteceu ontem no cemitério, percebi que talvez precisássemos de alguma ajuda para chegar ao fundo da história da tua mãe, e da tua própria história. Perguntei à Mariah se ela se podia juntar a nós hoje para explorarmos um pouco do que viveste durante o nosso passeio. Ela vai manter tudo o que disseres confidencial. Lamento ter-te apanhado desprevenida. — O seu pedido de desculpas parece genuíno. — Não tinha a certeza de que a Mariah se pudesse juntar a nós em tão pouco tempo. Podemos conversar sozinhas, se preferires.

Não há subterfúgios no seu rosto, nenhum traço de manipulação. Patricia está a ser sincera. E Mariah, por sua vez, assente. Podia mandá-la embora, se quisesse. Mas se o fizer, não terei respostas.

— Está bem — murmuro.

Mariah sorri, dá um passo em frente e estende uma mão.

— Olá, Bree. — Quando lhe aperto a mão, o preto das suas pupilas expande-se. — Uau. A morte conhece-te *bem* — declara, com uma voz ofegante e grave.

Arranco a mão da dela, com um arrepio a percorrer-me da palma da mão até ao cotovelo recentemente curado.

— Prazer em conhecer-te também…

— Desculpa — diz ela, constrangida, e sacode a mão como se tivesse acabado de a molhar. — Sou uma médium. Não te quis assustar.

Os meus olhos arregalam-se.

— Consegues falar com pessoas mortas?

— Porque não nos sentamos primeiro?

Patricia intervém e indica o cobertor perto do banco, onde há três embalagens de comida.

Mariah acede ante a sugestão de Patricia, e ambas aparentam esperar o mesmo de mim. Patricia ajoelha-se com delicadeza e puxa as pernas e a saia para um lado enquanto Mariah se instala de pernas cruzadas. O cobertor é macio e desgastado, e a relva e o chão por baixo retêm o calor do sol da tarde.

Depois de recusar a sua oferta de almoço, Mariah pega numa das caixas.

— Fazes parte do MNE?

— MNE?

Ela sorri com ternura.

— Movimento Negro Estudantil. Encontramo-nos para refeições e eventos, e temos uma sala, uma revista, grupos de *performance*, comités. É muito fixe. Muitas formas de participar.

— Não sabia que existia um MNE — murmuro, ligeiramente constrangida.

Outro grupo, outro lugar a que pertencer, só que desta vez não é um segredo. Consigo ouvir a voz do meu pai. *Precisas de uma comunidade, Bree*.

Lendo-me a expressão, Patricia tenta tranquilizar-me.

— Ainda estamos na primeira semana de aulas, Bree. Não precisas de te censurar por não conheceres tudo e todos.

A gentileza e o carinho que lhes vejo apanham-me desprevenida, e o meu rosto contorce-se numa esgar de gratidão que está além do meu controlo. Respiro fundo e dirijo a Patricia um sorriso vacilante. Mariah fala-me mais do MNE e convida-me para uma reunião na próxima semana, e eu pergunto-lhe sobre o curso que está a tirar, porque essa é a pergunta que todos no *campus* parecem fazer primeiro.

— História da Arte — diz ela, enquanto mordisca pedaços de rosbife. — Os meus pais não ficaram muito entusiasmados quando lhes contei, mas estudei em Paris este verão e consegui estágio de curadoria e arquivamento no Musée d'Orsay. Isso ajudou.

— Aposto que sim.

Não tinha sequer considerado estudar no estrangeiro. Os alunos do Programa de Admissão Antecipada não podem candidatar-se através da UCN, mas há

programas de intercâmbio para estudantes do ensino secundário.

— E tu?

— Estou no Programa de Admissão Antecipada, por isso não temos propriamente um curso. Temos várias cadeiras de artes opcionais e obrigatórias.

Mariah inclina-se para a frente para inspecionar o meu rosto com uma expressão preocupada.

— És tão nova! Não me apercebi!

Encolho os ombros.

— Sou alta.

— Não — diz ela, baixando a sua sandes —, não foi isso que quis dizer. És muito nova para estares tão familiarizada com a morte.

Desde o funeral que não ouvia um comentário destes. Olho de uma para outra e volto a vê-la — a pena. A minha barreira ergue-se.

— Desculpa, como é que vais mesmo ajudar-me?

Patricia põe a sua própria sandes de lado.

— Bree, há várias coisas que se tornaram claras para mim no nosso passeio de ontem. A primeira é que tu própria tens um ramo de raiz, que te dá a capacidade de a veres na sua forma bruta. A segunda é o que me revelaste na memória da Louisa… que estás familiarizada com a Ordem da Távola Redonda. Se isso for verdade, posso deduzir que o único motivo pelo qual estás aqui sentada é porque a Ordem não está ciente do que consegues fazer. Estou correta?

Fico inquieta com o olhar dela, mas assinto.

— Que alívio — diz Patricia, com um suspiro. — O nosso povo aprendeu da forma mais difícil a esconder as nossas habilidades, mesmo quando trabalhamos nas casas deles e cuidamos dos seus filhos.

Não tinha levado aquilo em consideração e sinto-me tola por não o ter perguntado antes. Como é que os Artesãos de Raiz escondiam tudo o que podiam fazer dos olhos de Herdeiros, Escudeiros, Pajens ou de qualquer pessoa que fizesse o Primeiro Juramento e a quem fosse concedida a Visão?

Patricia lê a minha expressão.

— Conseguimos tornar-nos bastante invisíveis quando querem que o sejamos — diz ela secamente. — Os Artesãos de Raiz conhecem as suas origens, a sua

missão, e sabem usar o seu «éter» para combater as crias da encruzilhada. Também sabemos por experiência própria o que eles fazem a pessoas de fora que usam esse poder. Como os levam, os prendem, ou pior.

— Não contei a ninguém da Ordem que a conheço — apresso-me a dizer —, se é isso que a preocupa.

Ela põe uma mão sobre a minha.

— Nem pensei que o fizesses. Mas continuas a estar em perigo de cada vez que te aproximas deles.

— Eu sei — murmuro.

— Então porque é que o fazes? — pergunta Mariah, com a confusão estampada no rosto. — Escondes quem realmente és para andares com o grupinho dos betos? Reduzes-te a um formato que é conveniente para eles? — Torce o nariz. — Parece *cansativo*.

Engulo em seco e sinto um nó inesperado na garganta, porque ela tem razão. O olhar de Vaughn. As palavras de Tor na noite do meu Juramento. Os olhares que me lançam alguns dos Pajens eliminados. Quanta energia gasto a pensar se partilham da opinião de Vaughn sobre o motivo de Nick me ter escolhido como Pajem — se é sexo, cor da pele ou ambos. Entre as regras de Nick e as que já carrego comigo todos os dias, é realmente cansativo. Eu podia argumentar que a Ordem não é completamente branca, que Sarah está lá, mas depois lembro-me do que ela disse sobre o pai e os jantares, e volto a ficar cansada. Ambos praticam uma versão do contorcionismo que eu pratico: tentar descobrir como sobreviver em águas que *sabemos* que têm tubarões, porque isto tem de ser feito.

Não sinto nada disso aqui com Mariah e Patricia. Alice é o meu porto seguro, a minha casa, e isso nunca mudaria. Mas há *meses* que não ocupo um espaço apenas com mulheres negras, e não é apenas seguro, é… libertador.

Mentir-lhes neste momento parece-me a gota que faz transbordar o copo. E não posso dar-me ao luxo de fazer transbordar o meu copo. Muito menos agora.

— Não acredito que a morte da minha mãe tenha sido fruto de um acaso — começo, e os olhos de ambas arregalam-se. — Na semana passada, recuperei uma… memória. Na noite em que ela morreu, um dos seus feiticeiros… um Merlim, apagou as minhas memórias e as do meu pai no hospital, e não sei porquê. Creio que a Ordem pode tê-la matado, que alguma coisa aconteceu

enquanto ela esteve aqui matriculada, e isso fez dela um alvo. Tornei-me numa das suas iniciadas para descobrir a verdade, mas não estou *com* eles. Estou contra eles.

No momento que se segue ao fim do meu discurso, o vento levanta o lenço de Patricia, os meus caracóis e os de Mariah. O facto de nenhuma delas negar ou até questionar a minha suspeita diz muito sobre a reputação da Ordem. A expressão de ambas é tomada por uma mesma emoção, mas não consigo identificar qual.

É Patricia quem fala primeiro.

— Tens provas?

— Tenho as memórias de Ruth de algo que aconteceu no *campus* quando a minha mãe aqui esteve. Se conseguir passar nas provas da Ordem, recebo um título no mundo deles, e eles confiarão em mim. Posso fazer mais perguntas, ter as respostas e, depois, as provas.

— Queres vingança?

As minhas pálpebras tremem. Aquela palavra específica nunca me saiu da boca. Mas não era preciso, pois não? Sempre esteve lá, bem vistas as coisas. Vingança, retaliação, justiça. Mas nem sequer estas palavras são suficientes, sussurra uma vozinha na minha cabeça. Não parecem suficientemente profundas. Suficientemente grandes.

O que é que eu disse a Nick? *Castigá-los pelo que fizeram.* «Castigar» parece-me melhor. Castigar parece… mais acertado.

— Bree? É isso que queres?

— Quero encontrar o responsável. — As palavras surgem depressa dos pensamentos silenciosos que enterrei profundamente. — Usar as minhas habilidades de raiz, o título que vou receber e os contactos que tenho para levar à justiça quem quer que tenha estado envolvido.

Patricia observa-me cuidadosamente.

— Disseste que consegues resistir à hipnose deles?

— Sim, se o quiser.

Patricia e Mariah trocam um olhar preocupado.

— O que foi?

As rugas de expressão de Patricia aprofundam-se.

— Que mais consegues fazer, Bree?

Conto-lhe tudo. Que não se trata apenas da Visão ou da resistência à hipnose. Que posso sentir o cheiro das conjurações. Que posso sentir o olhar de Sel na minha pele. E, por fim, falo-lhes do fogo mágico vermelho.

O queixo de Mariah já caiu há muito tempo, mas a parte do fogo mágico deve tê-la assoberbado.

— Caralho.

— Tento na língua — repreende Patricia, mas a sua expressão também parece transmitir o mesmo. Cobre os dedos trémulos com o seu xaile *bordeaux*, para mos esconder, penso eu. — E nunca invocaste um antepassado para qualquer uma dessas habilidades?

— Não.

— Se não estás a pedir os poderes emprestados, então eles devem ter sido selados em ti de alguma forma.

— Selados em mim? — gaguejo, a abanar a cabeça. — Não. Quero dizer, selados por quem? — O seu aviso em relação à Ordem e aos seus poderes ressoa-me nos ouvidos. — Acha que sou um Artesã de Sangue? Não, eu nunca…

— Eu sei — diz Patricia. — Foi por isso que convidei a Mariah. Para termos respostas.

Mariah concorda.

— Agora compreendo, sem dúvida — diz ela, e depois aponta-me um dedo. — Precisas de falar com os teus antepassados.

Olho de uma para a outra.

— Estás a falar a sério, não estás?

O canto da boca de Mariah treme.

— Do outro lado, eles têm acesso a mais conhecimentos do que nós. Quando a doutora Hartwood me ligou esta manhã, fiz algumas oferendas para que a minha avó me passasse hoje o dom. Por vezes, se tiver sorte, consigo ajudar outras pessoas a falar também com os seus antepassados.

Sinto um nó na garganta, o estômago contrai-se, e os meus dedos agarram a terra que tenho ao lado dos joelhos. Poderia realmente ver a minha mãe? Falar com ela como falei com Louisa? Perguntar-lhe o que *aconteceu* naquela noite?

— Tu… podes ajudar-me a falar com a minha mãe? A voltar a vê-la?

Mariah fica séria, e algo me diz que ela já esperava aquela pergunta.

— Posso ajudar-te a chamar pelo teu povo, mas não controlo quem responde.

Assinto e pestanejo, e reprimo as lágrimas que me assomam aos olhos. O meu peito está cheio de pontadas agudas do luto e de uma sensação inesperada de alívio. Quando imagino voltar a ver a minha mãe — algo que nunca pensei ser possível —, parece que há mil palavras que me querem sair da boca de uma só vez. Tantas que não sou capaz de as articular.

Como se me tivesse lido o pensamento, Patricia inclina-se para a frente e toca-me no joelho.

— O amor é uma coisa poderosa, mais poderosa do que o sangue, embora ambos fluam através de nós como um rio. Ela pode responder, mas, se não o fizer, ainda te ama.

Anuo, mas as minhas emoções rodopiam dentro de mim como um furacão.

— Como é que isso funciona?

Mariah dobra as mãos sobre o colo.

— Amplifico a ligação entre os elementos da família e depois faço o pedido. Como um sonar. O antepassado que responder pode ser a tua mãe, um avô ou bisavô, ou um parente ainda mais afastado. Se o sinal for forte. Eu posso ajudar-te a falar com eles.

Mordisco o lábio inferior e pergunto-me se a minha mãe poderá não querer responder ao meu chamado. Ainda estará chateada comigo, como estava na véspera da sua morte? Sentiria orgulho do que estou a fazer? Quereria que eu parasse? E eu, fá-lo-ia se ela me pedisse?

— Está bem — acedo baixinho.

Mariah gesticula para que eu me ponha de frente para ela até que as nossas pernas cruzadas se tocam, joelho com joelho. Pega-me nas mãos e fecha os olhos. Patricia assente de maneira reconfortante e eu fecho os meus também.

— Vamos começar devagar, Bree — diz Patricia. — Vais apenas concentrar-te no teu amor pela tua mãe.

Puxo uma imagem da minha mãe da memória e, de imediato, há dor. Vejo-a no seu vestido favorito de verão, a passear pela nossa casa, a abrir as janelas. A cantarolar uma música sem melodia. Estou a ler um livro no sofá da sala de estar e, quando ela estende a mão para abrir a janela acima de mim, olha para baixo

com um sorriso largo e cheio de dentes que se destaca na sua pele castanho-acobreada. Atrás dos seus óculos, amor, orgulho e afeto transbordam-lhe dos olhos. Sorrio, mandando o meu amor de volta, mas ele contorce-se e endurece até se tornar noutra coisa.

— Mantém-te firme — sussurra Patricia. — Concentra-te no teu amor por ela. Agora, imagina o amor a esticar-se de volta aos teus avós, e depois mais além, como um longo fio que liga as gerações. É isso que a Mariah irá seguir.

Como uma Linhagem.

Dou o meu melhor para seguir as suas instruções, imagino a minha avó como a minha mãe a descreveu, mas, assim que o faço, o luto trespassa-me.

Patricia deve sentir a minha dor, como sempre.

— Bree, está tudo bem. Respira devagar. Estamos aqui. Não estás sozinha.

Eu não ouço. Só consigo pensar em *perda*. A minha perda, a perda da minha mãe. E o que não contei a Patricia: que a minha bisavó também morreu antes do nascimento da minha mãe. Nenhuma de nós conheceu as nossas avós.

Mariah faz um som grave e lamuriante.

— Há poços de vida, profundos, mas todos eles estão separados. Cortados uns dos outros.

Porque a morte quebra a nossa ligação! Quero gritar. A morte não é um fio. É o corte brusco que nos separa. A morte separa-nos uns dos outros e, no entanto, mantém-nos unidos. Ainda que a odiemos profundamente, ela ama-nos mais.

O meu coração martela ao seu próprio ritmo.

Uma mãe, duas mães, três mães. Mortas.

Mortas.

Mortas.

Mortas.

Mariah arfa e liberta-me as mãos. Os meus olhos abrem-se e encontram os dela, arregalados. Tem o peito a subir, a respiração acelerada.

— Algo terrível aconteceu na tua família… não foi?

Ponho-me de pé, ofegante e tonta.

— Bree?

Patricia estica a mão para me tentar apanhar, mas não sou capaz de olhar para ela. Ou para Mariah. Patricia chama pelo meu nome uma e outra vez, mas a sua

voz soa cada vez mais distante — e não admira, porque estou a fugir dela. Mais uma vez.

Sinto-me uma cobarde, mas não paro de correr.

33

Depois do encontro com Patricia e Mariah, e depois de várias horas a ignorar as suas chamadas, e depois de uma sesta agitada que me deixou mais cansada do que descansada, chego à Sede completamente desinteressada em sentar-me à mesa e fazer conversa fiada. Nick não está em lado nenhum. Enviou-me uma mensagem.

Ocupado.

Tudo bem. Também não me apetece falar.

O jantar é grandioso: *cocktails* de camarão na borda de taças de vinho cheias recheadas com molho de *cocktail* vermelho; *crudités* de legumes em travessas de prata de duas camadas; flores sazonais vermelhas e brancas aninhadas entre cestas de pãezinhos quentes, *crostinis* e *baguettes* embebidas em azeite. Palitos de ananás grelhado ao lado de um melão coberto de chocolate numa travessa branca.

Neste momento, nada disto me parece apelativo.

Continuo a pensar em como Mariah e Patricia olharam para mim quando lhes disse que a Ordem matou a minha mãe. Os seus olhares diziam que podem até acreditar na minha história, e lamentam caso realmente se confirme, mas acham que é algo que tenho de aceitar.

Os seus ramos de raiz deixam-nas a ambas mais próximas da morte, e por isso talvez a aceitação seja possível para elas, mas eu não sou assim.

Sou uma filha a quem foi tirada a mãe.

A aceitação, decido, é para pessoas cujos pais morreram sem causa aparente. Por acidente ou por doença. A aceitação não é possível quando se trata de homicídio.

Seja o que for que Mariah tenha feito, criou fendas através de todas as minhas antigas barreiras e trouxe a Bree-de-Depois, esfolada e rancorosa, de volta à superfície. Não me preocupo em arranjá-las. Apenas me permito *sentir*. Mais

profundamente do que nunca, sinto a presença da morte no meu peito. A da minha mãe, da minha avó, da minha bisavó. Agora que tenho todas aquelas mortes nas mãos, como posso simplesmente aceitá-las?

Se há uma coisa que a Ordem me ensinou, é que sou a Herdeira da *minha* família. É meu dever lutar por ela.

Já estive tantas vezes na enfermaria na cave da Sede que comecei a pensar que o andar inteiro «pertence a William». Esqueci-me completamente de que também albergava as salas de treino da Ordem.

Mesmo no subsolo, o teto da maior sala está a três metros de altura. A sala consegue abrigar todos os membros da divisão com facilidade e provavelmente mais umas vinte pessoas. Esta noite, no entanto, apenas os seis Pajens que permanecem no torneio estão presentes, espalhados enquanto aguardamos pelos nossos treinadores.

No meio há três círculos concêntricos pintados sobre um grande tapete quadrangular. O círculo mais pequeno, o de dentro, está delineado a branco, o seguinte, de tamanho médio, a azul, e o outro, com mais de cinquenta metros de diâmetro, a vermelho.

Na parede mais afastada, alinhado sobre uma prateleira, encontra-se um conjunto de armas metálicas. Longos bastões de madeira com anéis prateados, quatro conjuntos de arcos prateados com uma aljava sob cada um, maças, espadas e adagas.

Lembro-me de que não preciso de ganhar. Só preciso de perder *bem*.

A porta abre-se de supetão. Entram um homem e uma mulher, ambos na casa dos trinta e poucos anos. O homem é alto e de ombros largos, cabelo loiro cortado rente, a mulher é mais alta do que Nick e o seu cabelo preto também é curto, reto na altura dos ombros. Ambos envergam equipamento desportivo caro e sapatos macios e gastos que fazem pouco barulho quando andam.

— Formem uma fila! — grita o homem para nós, a apontar para um dos lados do tapete. Apressamo-nos enquanto ele observa. Se os olhos são janelas para a alma, então as janelas deste homem estão seladas com placas de madeira que tornam impossível ver lá para dentro.

— O meu nome é Suserano Owen Roberts, Escudeiro de um Herdeiro Caído de Bors. Esta é Gillian Hanover, Suserana de Kay.

Herdeiro *Caído*. Qual seria a sensação de perder o próprio Herdeiro em batalha? De repente, a expressão severa do homem adquire um novo significado.

E Gillian, a antiga treinadora de Nick, nunca foi Despertada na sua classe cinco, mas nada na sua aparência transmite fraqueza ou incapacidade. Nick mencionou que ela faz trabalho de campo desde os quinze anos, destacada pelos Regentes para combater Crias das Sombras pelo mundo inteiro, tal como os Merlins.

Por outras palavras, ambos são bastante mortais.

— Vamos estar por aqui nas próximas cinco noites para supervisionar a vossa preparação para a prova de combate e para vos ajudar a adquirir competências, conforme necessário.

Gillian diz a última parte com os olhos cravados em mim, e preciso de todo o controlo para não desviar o olhar. Algures à minha esquerda, Vaughn solta uma gargalhada de escárnio.

— Também vamos arbitrar a prova para que os membros desta divisão e os três Herdeiros que precisam de Escudeiros possam avaliar as vossas lutas como parte da plateia.

Quando Gillian dá um passo em frente, o peso do lado esquerdo do seu corpo aterra ferozmente: ela usa uma prótese. É possível que a tenha usado sempre e é igualmente possível que tenha sido ferida em batalha.

— Todos os Herdeiros devem tornar-se proficientes no uso de uma espada longa, mas nem todos os Herdeiros herdarão a do seu cavaleiro. Como Escudeiros, tereis de demonstrar proficiência com a arma de eleição do vosso Herdeiro, uma vez que gerarão essa mesma arma a partir do éter, assim que os dois estejam unidos. Quem aqui sabe dizer quais são as armas herdadas nas Linhagens de Artur, Owain e Gawain?

Vaughn recita os detalhes como se os estivesse a ler num livro.

— Os Herdeiros da Linhagem de Artur recebem força e intuição reforçadas para a estratégia de batalha, e a capacidade de empunhar a *Excalibur*. Como tal, o Herdeiro Davis usa a espada longa. Os Herdeiros de Owain recebem o modelo

familiar do éter do Cavaleiro do Leão e usam o bastão. Os Herdeiros de Gawain, cura, força ao meio-dia e à meia-noite, adagas duplas.

— Muito bem. — Gillian assente com a cabeça. Os seus olhos avaliam Vaughn rapidamente. — Nas três próximas noites, começamos com uma demonstração, modelando os combates que ireis realizar na noite de quinta-feira. Estes combates serão Pajem contra Pajem e estruturados de forma que cada um de vós tenha a oportunidade de demonstrar a sua perícia, ou fraqueza, em cada módulo de combate.

Espero que Gillian e Owen entrem no círculo de treino, mas, em vez disso, a porta abre-se e Sel entra na sala vestindo umas calças largas e uma camisola sem mangas.

O Mago Real atrai a atenção de toda a gente, como um íman, mas passa pelos Pajens sem uma palavra, o seu rosto como uma máscara vazia. Ao caminhar em direção ao círculo mais pequeno, invoca o éter azul rodopiante numa mão, puxando-o para a outra até se esticar e solidificar num bastão brilhante. No círculo branco, vira-se para encarar os instrutores e gira a arma cristalina de uma das mãos para a outra, pelas costas e a cruzar o peito.

Não o vejo desde a discussão com Nick. Para qualquer outra pessoa, ele parece o seu «eu» normal — estoico e mal-humorado —, mas posso dizer que é apenas uma fachada; a sua conjuração tem um cheiro acre e forte.

Sel está *furioso*.

Inspiro lenta e profundamente pela boca para bloquear o odor da sua fúria. Acrescento fita adesiva, cola e gesso às minhas barreiras, porque, dentro de mim, a Bree-de-Depois está a responder-lhe. Ela também quer ficar furiosa.

— O Selwyn e eu vamos fazer uma demonstração de combate com bastão — diz Owen. — Os Pajens que visam a Linhagem de Owain, por favor, prestem atenção. Observem a nossa demonstração com ênfase na velocidade dos ataques e nas técnicas de defesa contra um oponente das Sombras, que Selwyn irá imitar com fins educativos.

Os instrutores sabem que Sel é parte demónio, porém mais ninguém aqui sabe. Ninguém exceto eu. Gostava de saber se devia avisar Owen. Gritar-lhe que devia remarcar, parar a partida agora antes de começar. Sel está demasiado furioso. Outra parte de mim, recentemente cruel, diz: *E então?* Se Owen soubesse quem

sou, entregar-me-ia sem pensar duas vezes. Que Sel o vença. Limitar-me-ei a assistir.

Começam devagar com um trabalho de pés ponderado, um adversário ronda o outro. Depois, a certa altura, Owen avança e a luta começa.

Não consigo tirar os olhos de Sel. Os seus movimentos são tudo o que sei que os meus nunca serão: arcos que deslizam pelo ar, golpes rápidos que fazem o bastão assobiar em direção ao de Owen. Nos pontos em que Nick é forte e está pronto para o combate, Sel é esguio e dotado de agilidade e velocidade. Não se move como um ser humano, e choca-me que alguma vez tenha pensado que fosse um.

Ruídos estrondosos preenchem a sala; as armas entrechocam uma e outra vez.

O bastão de Owen bate abaixo, nas pernas de Sel, que salta — um perfeito mortal para trás —, e a madeira nunca atinge o seu alvo. Owen faz uma careta. Sel endireita-se com um sorriso.

Owen muda de tática, tentando um ataque aéreo. Sel evade-se com fluidez, abaixo e acima da investida de Owen, depois gira o próprio bastão para golpear as costelas de Owen. Owen grunhe, recompõe-se e lança uma onda de arremetidas.

Sel enfrenta cada impulso e investida com uma velocidade sobrenatural. Usa todo o comprimento do bastão — o topo, o meio, a ponta — e até bloqueia um dos golpes de Owen com o antebraço.

Por fim, Owen acerta-lhe. Atinge Sel no ombro. O que nem o faz estremecer. Ao invés, o Mago Real sorri e golpeia baixo, deslizando o bastão até às canelas de Owen. O Suserano bloqueia-o — por pouco — com uma investida contra o tapete.

Mantendo o sorriso, Sel empurra Owen até ao limite do círculo, encurrala o homem mais velho como uma presa, desfere ataques rápidos. Owen mal o consegue acompanhar.

Até que um golpe rápido na cabeça faz Owen cair de joelhos. Levanta uma das mãos para aceitar a derrota e o combate chega ao fim.

A sala aplaude enquanto Owen se levanta com uma careta, o peito ainda agitado. Com a ajuda de Gillian, o Suserano dirige-se lentamente para a porta… e para a enfermaria de William.

De volta ao círculo, Sel observa, descontraído, enquanto saem. Gira o bastão ociosamente, o rosto inescrutável. Uns instantes depois, segura na arma com a mão e aperta o punho até que ela se reduz a pó.

Passa por mim, perto o suficiente para me tocar, mas não me dirige um único olhar e sai sem dizer uma palavra.

Quando Gillian regressa, instrui-nos a pegar num bastão e a formar pares, se assim o desejarmos. Todos, exceto eu, isto é.

À medida que os outros se espalham pela sala, Gillian avança na minha direção com os braços pelas costas. Podia jurar que, a cada passo, cresce uns três centímetros de altura.

— Tu és a forasteira Primavida que o Nick apadrinhou.

— Sim.

— Não vou ser branda contigo.

— Não pedi que fosse — disparo, incapaz de me conter.

Ela avalia-me, com os olhos verdes a pousar nos meus braços e mãos, ombros e estatura. Depois dirige-se para a parede mais afastada e para o armário das armas. Volta com dois bastões de madeira para praticar, envolvidos em prata, enfiados sob os bíceps fortes. Gemo baixinho quando me põe um nas mãos.

— Faças o que fizeres, mantém-te firme.

Ao longo da hora seguinte, enquanto todos os outros praticam entre si, Gillian trabalha comigo. Mostra-me como avançar, como guiar o bastão contra a cabeça do meu adversário e como bloquear, erguendo o bastão com ambas as mãos. Os seus golpes fortes fazem-me tremer os cotovelos. Sou suficientemente alta para que os meus golpes a façam esticar-se para os evitar, mas essa é a minha única vantagem. Ela vence-me nas calmas, e passo a maior parte do tempo a cair de rabo no chão.

Quando Gillian diz que acabou o tempo, tenho os pulsos e os ombros a doer.

— Agora vou mostrar-te como maximizar cada golpe ou investida. A posição correta dos teus pés proporciona estabilidade e agilidade para que te possas mover rapidamente até ao movimento seguinte, seja ele ofensivo ou defensivo. Pensa nisto como uma dança.

Apoio-me no bastão, fazendo uma careta por causa da dor.

— Não devia ter começado pelo jogo de pés?

— Como é que estão os teus tornozelos?

Mexo um dos pés.

— A doer.

— Ótimo.

Franzo as sobrancelhas, confusa. Ela sorri, cheia de dentes e crueldade.

— Os bebés aprendem a andar mais depressa sobre o azulejo do que sobre o tapete. Agora tens um incentivo para melhorares o teu jogo de pés.

Imagino-me a esbofeteá-la, mas a Gillian que tenho na cabeça deita-me abaixo antes que possa sequer levantar a mão. A boca dela retorce-se como se soubesse exatamente no que estou a pensar.

Depois de me ensinar a equilibrar o peso com o bastão em várias posições, mostra-me como avançar e recuar sem tropeçar ou cair. Diferentes maneiras de segurar o bastão tornam o movimento mais fácil ou mais difícil.

Quando a cabeça de Nick emerge por ali, cada articulação do meu corpo está dorida e ingovernável. O meu estômago dói-me horrores. Os meus glúteos ardem. A pele das minhas mãos parece que vai rasgar se esticar demasiado os dedos. Desabo no chão e olho para o relógio: três horas já lá vão e já são quase dez horas.

— Como vão as coisas, Gill? — pergunta Nick.

Gillian olha para mim por um momento.

— Ela é quase tão boa como tu… quando tinhas oito anos.

Nick estremece.

— É a primeira noite dela.

A Suserana encolhe os ombros e arranca-me o bastão da mão.

Nick ajuda-me a pôr-me de pé, a sustentar o peso do meu corpo sobre os pés doridos.

— Em momentos como este, há apenas cinco palavras que te posso oferecer.

— Ai sim? — murmuro. — Quais?

— O William está à espera.

Na viagem de carro para casa, caio num sono esgotado e sobrecarregado de éter. Nick oferece-se para me ajudar a subir as escadas duas vezes antes de eu o

dispensar com um gesto da mão.

As imagens com que sonho derretem e sangram umas nas outras como azeite sobre a água.

Vejo a minha mãe, curvada sobre a sua mesa, a escrever. Quando olha para baixo e sorri, sei que sou uma criança e que isto é uma memória.

O seu rosto transmuta-se para o familiar fumo azul e branco.

Envergo uma armadura de éter brilhante. O metal brilha nos meus braços e no peito. Regentes sem nome, sem rosto, ajoelham-se no chão à minha frente.

Homens de túnicas a brincar aos deuses.

Nivelo a minha lâmina de cristal nas suas gargantas.

Ao meu lado, Nick está ofegante. A minha armadura combina com a dele. Sou a sua Escudeira. Mas a espada dele está embainhada. Quando estico a mão para lhe tocar no braço, ele afasta-se como se eu fosse uma estranha.

Estou de joelhos no cemitério, curvada sobre a terra e sobre as pedras com as mãos manchadas de sangue.

O cemitério cai na escuridão sem fim, sombria, silenciosa e sufocante.

Durmo até depois do meio-dia, no domingo. Nick enviou-me uma mensagem enquanto dormia:

Tenho de lidar com algumas questões da Ordem. Vou tentar enviar uma mensagem mais tarde. Boa sessão hoje!

Quando vou almoçar, Patricia escreve-me a perguntar se nos podemos encontrar e eu respondo-lhe que não posso, que tenho de estudar para o teste de literatura, o que é verdade. Parece que não pego num livro há dias.

Estava à espera de que Patricia continuasse a ligar-me ou a enviar-me mensagens depois da minha fuga da nossa última sessão de terapia.

Só não esperava que me aparecesse à porta da residência.

Estou tão concentrada em sair da cama para ir até à biblioteca que só reparo nela quando chama pelo meu nome. Tem o telefone na mão como se estivesse prestes a ligar-me para que descesse e me encontrasse com ela.

Suspiro e caminho na sua direção.

— Não sabia que fazia atendimento no domicílio.

Ela sorri.

— Geralmente não faço.

Sigo ao lado dela enquanto conversamos. Hoje, traz uma armação de óculos azul-clara e um xaile cerúleo de caxemira dourada.

— Deixe-me adivinhar. Está aqui para me dizer que não devo fugir aos meus sentimentos?

— Na verdade, só queria ver como estavas depois de ontem. Sentes-te bem?

— Sim.

Ajeito a mochila nos ombros.

Parece que tem mais para dizer, mas decide não o fazer. Em vez disso, enrola os braços nus no xaile.

— Sei que as nossas sessões juntas têm sido muito pouco ortodoxas.

Arqueio uma sobrancelha.

— Acha?

— Estás em sofrimento, Bree. Mais do que imaginei.

Olho para o céu.

— Não é assim que funciona o luto?

— Penso que estás a sofrer de luto traumático agora, e, se continuares assim, com o tempo provavelmente desenvolverás uma doença chamada Perturbação de Luto Complexo Persistente. Ataques de pânico, a tua ira, a tua desconfiança relativamente a pessoas novas, a tua obsessão com as circunstâncias da morte da tua mãe e a tua incapacidade de viver a vida *daqui para a frente* são sintomas clássicos de PLCP.

A minha gargalhada sai-me oca e trocista.

— Claro. Fantástico.

Ela prossegue.

— A terapia só é benéfica se a paciente quiser ajuda com os fantasmas que a assombram. E penso que, durante a sessão de ontem, tocámos no teu fantasma.

— O meu fantasma? — repito, desnorteada.

— Um fantasma emocional é um momento, um acontecimento ou até uma pessoa que paira sobre nós, por mais longe que corramos para lhe tentar escapar.

— Certo — digo, pensativa. — Já sei a resposta a essa pergunta. É o momento em que descobri que a minha mãe morreu. Pronto, fácil.

— Não é assim tão linear — diz ela, com um sorriso caloroso. — Queres saber como localizo o fantasma de um paciente, Bree?

Uma brisa matinal levanta a borda do seu xaile, soprando o material sobre a sua bochecha numa onda suave.

Não, não quero.

Patricia insiste, mesmo assim.

— Ouço aquilo que eles *não* dizem. Afinal, os fantasmas são invisíveis.

— Muito bem.

— E tu não falas sobre a tua mãe.

Abro a boca para dizer: *Sim, falo. Acabei de falar dela. Ainda agora*, mas Patricia levanta a mão.

— Podes falar da sua morte, mas não falas da sua vida. Esse também é um sintoma do tipo de luto que estás a experienciar: uma incapacidade de processar que uma pessoa é mais do que a sua ausência. Que o amor existe além da perda.

— Ela não está perdida — disparo. — Ela não saiu simplesmente e perdeu-se por aí. Detesto quando as pessoas dizem isso.

— Bem, o que é que lhe aconteceu?

— O que é que quer dizer com o que lhe aconteceu? Ela morreu! E alguém é responsável por isso!

Os seus lábios comprimem-se. Atrás dos óculos, os olhos castanhos de Patricia tornam-se férreos.

— A Arte de Raiz é usada para a cura, proteção e autoconhecimento. O mesmo se pode dizer da terapia. Mas tu não queres nada disso, pois não, Bree?

Não sei o que responder, por isso recuso-me a fazê-lo.

Ela fala com calma, mas as suas palavras são pedras pesadas que caem umas atrás das outras, arrastando os meus membros para baixo, puxando-me para profundezas desconhecidas.

— Mesmo que tenhas sucesso no teu objetivo e encontres provas, a vingança não a trará de volta. O motivo da morte de alguém não é o mesmo que o motivo da sua partida.

A Bree-de-Depois fervilha sob a minha pele.

— Eu sei disso — digo por entre os dentes —, mas isso *vai* fazer-me sentir melhor.

— Porquê?

Pestanejo, perplexa.

— Não é óbvio?

Patricia estreita os olhos.

— Não. Não é. — Vira-se para o quarteirão aberto e aperta o xaile com mais força. — Vou-me embora agora. Peço desculpa por ter aparecido de surpresa hoje.

— É só isso? — Vou atrás dela enquanto desce os degraus. — Vai-se simplesmente embora?

— Vou telefonar ao teu pai na próxima semana para lhe indicar um outro terapeuta, alguém especializado na tua doença.

— O quê? — pergunto, confusa. — Você quer… livrar-se de mim? Porquê?

E então ela vira-se e os seus olhos são sombrios como nunca os vi.

— Pensei que podia ajudar a aliviar o teu sofrimento ligando-te à tua mãe e à nossa comunidade, mas cometi um erro. Trouxe a arte para as nossas sessões quando talvez não o devesse ter feito, especialmente porque a tua mãe nunca te introduziu ela própria.

— Então vai abandonar-me? — acuso, a voz embargada com uma emoção repentina.

Ela suspira intensamente.

— Chega uma altura em que até o apoio passivo se transforma em incentivo, e eu não vou incentivar o que estás a fazer com a Ordem. Não posso.

As minhas mãos fecham-se.

— E não me vai ajudar a descobrir o que sou?

Quando Patricia volta a falar, a sua voz está carregada de tristeza.

— Quero que descubras quem és. Todos nós merecemos saber essa resposta e conhecer a jornada que nos leva até ela. Mas temo por ti, Bree, e pelo caminho que atribuíste a ti própria. Sei que a Ordem tem o seu mérito, que trabalhou durante séculos para livrar o nosso plano existencial das criaturas que atravessam e se materializam aqui. Mas, por muitos monstros que combatam, eles não são protetores.

— Porque são Artesãos de Sangue e a raiz deles é roubada — digo.

— Pedimos a raiz emprestada porque mantê-la nos nossos corpos vivos cria um desequilíbrio de energia. Chamamos maldição à Arte de Sangue porque o poder tomado e não devolvido incorre numa dívida, e o universo e os mortos voltarão

sempre para a cobrar, de uma maneira ou de outra. A Ordem amarrou o poder às suas linhagens durante *centenas* de anos. Diz-me, Bree, quão grande achas que é a dívida deles? Sabes como pagam? A única moeda que a Arte de Sangue aceita é o sofrimento e a morte.

O meu estômago contorce-se de horror. *Quinze séculos*. Foi o que Sel disse nos túneis. Todas as vidas, Juramentos e preços altos que foram pagos. E o Abate. Centenas de vidas perdidas. Podadas.

Patricia pega-me na mão e dá-lhe um último e breve aperto antes de me deixar para trás.

34

O aviso de Patricia assombra-me durante o resto do dia.

Mas dissolve-se assim que entro na sala de treino, onde a excitação se espalha pelos cinco Pajens que esperam por Gillian e Owen. Aconteceu alguma coisa, mas não sei o quê.

Greer e Whitty puxam-me para me porem a par.

Ontem à tarde, William proibiu Sel de fazer o Juramento do Guerreiro para unir Sar e Tor até que ele se acalmasse — o que só fez Sel ficar ainda mais furioso. Depois disso, Nick, Sel e Lorde Davis foram ouvidos num telefonema tenso que durou a noite toda. Houve gritos. Até uma luta. Acabou com Sel a partir uma cadeira e a bater com a porta da frente. Ninguém voltou a ver Nick depois disso.

Gillian entra pela direita assim que acabam de falar, por isso não tenho oportunidade de enviar uma mensagem a Nick. Entre o sabor amargo que sinto na boca pelo meu «término» com Patricia e a minha preocupação com Nick, o resto da tarde torna-se miserável.

Sel e Gillian fazem uma demonstração de espada longa e acabam num empate. Mais uma vez, Sel não fala com ninguém e sai assim que terminam.

Owen e Gillian apresentam-nos as espadas de polipropileno rígidas, desenhadas à medida para os treinos. Sou um desastre total — mesmo contra os pesados manequins de madeira em que começamos a trabalhar durante a primeira hora.

Na segunda hora, dividem-nos em pares e isso é muito, muito pior.

Gillian deixa cair a cabeça nas mãos de cada vez que Whitty me desarma.

— É uma extensão do teu braço, Matthews!

Quando levanto uma mão para pedir a Whitty uma pausa pela terceira vez em dez minutos, sem fôlego e com as mãos apoiadas nos joelhos, Gillian resmunga.

— Não tens resistência, Matthews! E se o teu Herdeiro precisar de ti? Achas que o gwyllgi também te dá uma pausa?

Quero gritar-lhe que não faço ideia do que seja um gwyllgi, mas, ao invés, cambaleio e obrigo-me a ficar de pé, o coração a martelar-me no peito, e recomeço.

Quando o treino acaba, ligo duas vezes para o telemóvel de Nick, mas ele não atende.

Alice está a estudar quando chego ao quarto. Repara logo no meu equipamento de treino, e eu já tenho a mentira na ponta da língua:

— Caça ao tesouro, percursos de obstáculos e dinâmicas de grupo. Nada de perigoso, apenas jogos da treta para a iniciação.

Preciso de muita força de vontade para me manter acordada enquanto pomos a conversa em dia. Conto-lhe uma versão resumida do «encontro» no bar com Nick, e ela dá notícias sobre os colegas de turma da nossa cidade.

Nick responde-me às mensagens assim que me deixo cair na cama:

O meu pai mandou-me um avião. Disse que precisava de me juntar a ele no Norte e mostrar a cara nas outras divisões. As coisas estão a piorar aqui em cima, tal como aí. Portais a abrir onde nunca os vimos antes. Estou de volta para a prova de quinta-feira. A Gillian é boa. Confia nela. Vais conseguir, B.

Segunda-feira, com as adagas, é muito pior do que domingo com a espada longa.

Perco todos os jogos com Greer, que tem anos de treino e usa os seus longos braços e pernas para ganhar qualquer tipo de vantagem.

No fim, elu ajuda-me a ir até William com um cóccix dorido e contusões no tórax, e o esterno caído até ao umbigo.

De acordo com os cálculos de Gillian, se as lâminas fossem reais, teria sido estripada trinta vezes.

Quando chego à residência, forço-me a caminhar normalmente à frente de Alice.

Na terça-feira, não há demonstrações, mas Sel aparece mesmo assim. Para assistir, ao que parece.

Não é o único. Vaughn e Blake, e até Sydney, assistem aos meus exercícios e sorriem presunçosamente de um canto da sala.

Não preciso de os ouvir. Os seus olhos e risos comunicam de forma suficientemente clara: nenhum Herdeiro me escolheria.

É o mesmo ciclo todas as noites: digo a mim própria que não interessa o que pensam. E depois, e porque não estou habituada a perder, a frustração instala-se dentro de mim, percorre-me os membros e os músculos doridos, e eu obrigo-me a melhorar, a treinar com mais força. Mais tarde, enquanto William cura as minhas feridas — três dedos partidos, um cotovelo fraturado, um rim e costelas magoadas —, lembro-me de que não tenho intenções de ficar, que isto não é a minha vida *a sério*. E o ciclo recomeça.

Só Whitty e Greer parecem sentir compaixão, mas qualquer bondade que me demostrem durante as nossas sessões de treino é imediatamente captada pelos treinadores, que nos castigam a todos sob a forma de voltas pela sala, flexões ou virar pneus.

A noite de quarta-feira corre horrivelmente.

— Sydney, é a tua vez. Apanha a arma.

Sydney dirige-se ao armário das armas e pega no bastão. Por esta altura, sei que ela e Blake estão numa batalha silenciosa para se tornarem Escudeiros de Pete, por isso não me surpreende que tenha escolhido o bastão. Nunca seríamos amigas, mas depois da prova do javali infernal, ela, pelo menos, passou a tratar-me com respeito.

Sei que Owen vai chamar o meu nome. Pressinto-o no meu âmago.

— Bree.

No fim da fila, o riso de Vaughn soa grave e trocista.

— Para com isso, Schaefer — repreende Gill.

Greer aproveita a distração para se aproximar.

— És mais alta do que ela e tens um alcance mais longo, mas ela sabe disso e vai tentar atacar por baixo.

Assinto com a cabeça, num agradecimento silencioso, e dirijo-me ao armário das armas. Quando volto para a arena, vejo Sel deslizar pela porta aberta e sentar-se num banco, perto da parede.

Owen estabelece as regras do combate.

— A partida é ganha quando o adversário cede ou pisa fora da linha.

Entramos no círculo azul e colocamo-nos nas posições iniciais, os bastões num ângulo que acompanha os nossos corpos, uma ponta virada para baixo, a outra para cima. Owen dá o sinal.

Sydney ataca para cima; eu bloqueio-a antes de ela me atingir as costelas.

Ela recua. Avanço para um golpe no ombro. Ela bloqueia. Responde com um golpe por baixo. A madeira atinge-me a canela e a dor incendeia-me até aos joelhos.

A satisfação brilha-lhe nos olhos. Estava à espera daquela abertura, e eu caí no ardil.

Levanto-me — o bastão dela voa para o meu pescoço — e abaixo-me.

Ela atira o peso numa investida contra o meu peito. Bloqueio-a, empurrando a sua arma para o lado esquerdo da minha cintura. Isso desequilibra-a, e eu inclino-me para a direita, fazendo-a cair para a frente. Ela finca o bastão com força mesmo antes da linha azul, travando o impulso antes de cair fora do círculo.

Devia ter aproveitado essa oportunidade para a empurrar para fora.

Ela ganha balanço, gira nos calcanhares e move o bastão para me atingir na têmpora. Entro em pânico e inclino-me demasiado para trás. Fujo ao ataque, mas caio com força de rabo no chão.

O bastão dela está na minha garganta.

— Rende-te — ordena, ofegante.

Aconteceu tudo muito depressa. Demasiado depressa. A minha garganta pulsa contra a arma dela.

Sydney empurra o bastão ligeiramente contra o meu pescoço.

— Rendo-me! — rosno, e empurro-lhe o bastão para o lado.

Há alguns dias, ela ter-me-ia ajudado a levantar, ainda que a contragosto.

Agora sorri e vai-se embora. Os outros Pajens aplaudem levemente o seu desempenho.

Quando recupero o bastão, dou com o olhar de Sel posto em mim, do banco onde se inclina para a frente, com o queixo apoiado na mão. Tinha-me esquecido de que ele aqui estava. O calor espalha-se-me pela garganta e pelo peito quando dou conta de que me viu falhar miseravelmente, e ainda com a sua arma de eleição.

Greer consegue vencer Blake com a espada de treino, desarmando-o em poucos minutos. Vaughn usa o seu peso e tamanho para forçar Whitty a sair da arena antes que tenham tempo de trocar mais do que alguns golpes. Whitty pragueja e atira a espada ao chão, irritado como nunca o vi.

Gill dá a noite por encerrada. O seu olhar cruza-se com o meu quando recorda ao grupo que as salas ficarão disponíveis para quem quiser treinar antes da prova de amanhã.

Ao passar por Greer na porta, sinto o olhar de Sel nas minhas costas. Não falei com ele a semana toda, mas há um peso de expetativa na sensação dos seus olhos.

Suspiro.

— Sabes que mais? Vou ficar mais um bocadinho. Vai andando.

Greer arqueia uma sobrancelha. Lança um olhar por cima do meu ombro, para Sel, que está sentado no banco, e, depois, outra vez para mim.

— Tens a certeza?

— Sim.

Sel espera até que os passos de Greer desapareçam no corredor.

— Queres ser Escudeira?

A voz dele surge meros centímetros atrás de mim e eu sobressalto-me, embora por esta altura já devesse esperar a sua abordagem silenciosa.

Não sei bem como responder. Se quero receber o título? Sim, para poder ter força na hierarquia e exigir uma audiência — e a verdade — aos Regentes. Se quero lutar nesta guerra como Escudeira?

— É uma pergunta de sim ou não.

— Sim. Quero.

Ele suspira. Depois vira-se, despe o casaco e atira-o para o banco atrás dele enquanto se desloca para o centro do círculo. Permanece ali, com a habitual camisola sem mangas preta e calças largas, a girar os pulsos, e flete-os até que os músculos se destacam nos seus antebraços e bíceps.

— O que estás a fazer?

— Decidi que ver-te falhar miseravelmente tornou-se demasiado doloroso. Vem cá.

— Como?

Ele vira os olhos.

— Estou a oferecer-me para te treinar, imbecil.

— O que é que aconteceu à «Briana»? Prefiro isso a «imbecil».

— Para de enrolar.

Atiro a minha toalha para o cesto de linho junto à porta.

— Nem penses que vou deixar que me treines.

— Porquê?

— Porque é que o farias, para começar? Não é possível que estejas a torcer pelo meu sucesso.

Ele inclina-se para esticar um braço até ao tornozelo, mas ainda consigo ver os cantos revirados do seu sorriso.

— Digamos que, neste momento, não gosto particularmente de *bullies*, nem da forma como atacam as fraquezas dos outros. Agradar-me-ia ver-te a derrotar os teus amanhã.

Espeto o queixo.

— Não acredito em ti.

— Criatura obstinada — resmunga baixinho. — Vem cá. Estou a falar a sério. Juro.

Juro. Um voto que Nick também profere. Apesar de todas as suas diferenças, há semelhanças evidentes entre eles.

Avanço lentamente para o círculo, piso a linha branca e detenho-me diante de Sel.

Ele cruza os braços no peito e fixa-me com um olhar severo.

— Sabes porque é que continuas a ser constantemente derrubada neste círculo?

— Porque os outros Pajens têm anos de experiência em combate e eu não.

— Não. Porque os outros Pajens lutam com um único objetivo. Tu não, porque estás aqui por mais do que um motivo. A outra razão é: porque conhecem bem as suas próprias forças e fazem uso delas. Já te vi abrir um buraco através de uma raposa infernal. O facto de estares a falhar esta semana diz-me que ainda não és capaz de controlar os teus dons. Ou que nem te dás ao trabalho de tentar — escarnece. — Se eu conseguisse produzir éter no meu corpo, cozinhá-lo como tu fazes, passaria cada momento acordado a tentar fazê-lo uma e outra vez.

— Temos prioridades diferentes.

— Um eufemismo.

— Chau.

Viro-me para me ir embora.

— Espera. — Ele pega-me no braço. Quando olho para os dedos dele, solta-me. — Ainda te posso ajudar, com ou sem fornalha de éter.

— Vais ajudar-me a vencer um combate?

Ele solta uma gargalhada irónica.

— Não estás minimamente perto de ter as competências necessárias para ganhar seja o que for. Vou ajudar-te a perder de forma menos terrível.

— Uau. És um doce.

— Não — responde, produzindo uma bola giratória de éter azul na palma da mão. — Sou parte demónio.

35

Na noite seguinte, a divisão reúne-se na grande sala. Os Pajens em competição estão demasiado nervosos para comer, mas as outras pessoas apreciam as espetadas de frango com molho de amendoim. Estou a fazer os possíveis para me manter calma, ainda que o coração me esteja a martelar no peito.

Esta é a noite da prova de combate e, embora ainda não me sinta preparada, a sessão com Sel, ontem à noite, deu-me pelo menos esperança. Nunca reproduzimos o fogo mágico vermelho — e ambos concordámos que era bom sinal, tendo em conta o contexto público da prova —, mas ele mostrou-me como usar a minha altura e habilidades limitadas de novas maneiras.

Nick entra e encontra-me de imediato, puxando-me para as janelas da varanda. Parece que já não o vejo há séculos.

— Desculpa por ter tido de sair sem avisar. O meu pai só me queria por perto e as outras divisões estão a fazer perguntas sobre a Távola, e… é mau. Realmente mau. Consegues perdoar-me? — Inclina-se para trás e franze as sobrancelhas. — Pareces assustada, B. — Uma sombra trespassa-lhe o olhar. — O Sel voltou a meter-se contigo?

— Não como estás a pensar — respondo vagamente. — Ele… deu-me algumas dicas de combate ontem.

— O quê? — O maxilar de Nick aperta-se. — *Ordenei-lhe* que se mantivesse afastado, que não olhasse para ti, que não te dirigisse a palavra…

— Está tudo bem. — Aperto-lhe o braço. — Foi bom. Ele ajudou-me mesmo.

Nick parece cético, mas alguma da tensão abandona-lhe os ombros.

— Ainda assim, a Terceira Regra continua em pleno vigor. Ainda mais depois de ele realizar o Juramento da Tor e da Sar esta noite. — Os seus olhos são como ardósia e tempestade, preocupação e tensão. — Aconteceu mais alguma coisa?

Sempre que penso em Patricia, fico ao mesmo tempo triste e ressentida.

— Lembras-te daquela pessoa no *campus* que eu pensei que me podia ajudar? Aquela em quem eu confiava?

— Sim.

O nosso momento de privacidade está a chegar ao fim. Algumas cabeças começam a virar-se na nossa direção.

— Estava enganada. Essa pessoa não me pode ajudar.

Consigo perceber que se sente genuinamente desiludido.

— Lamento, B. Vai correr tudo bem, mas podemos…

As luzes piscam, interrompendo-o.

Está na hora da prova.

A sala esvazia-se à nossa volta e Nick encosta-se à janela, a minha mão na sua ainda escondida da vista. Vê os outros a sair enquanto eu tento encontrar um resquício de sentido. Assim que a última pessoa sai e a porta se fecha, ele envolve-me nos seus braços e enterra a cara no meu cabelo. Resisto por um momento, ainda não preparada para o deixar entrar, mas assim que ele me abraça, sinto-me mais quente, mais forte, mais segura. O coração de Nick bate e o meu responde, apelo e resposta. Estou capaz de chorar de alívio.

— Estás a sofrer e eu não sei o que fazer. Por favor, diz-me o que fazer.

— Acho que não há nada que possas fazer.

— Respira fundo, está bem? Vai ajudar-te a manter a calma.

A irritação agita-se dentro de mim. *Respira fundo*. *Mantém a calma*. As mesmas coisas que Patricia me diz quando fico perturbada. Quando as memórias vêm, a raiva e a tristeza abatem-se sobre mim em ondas, cada uma maior do que a última, e ele não faz a menor ideia da dor que provocam.

— Não me digas para manter a *calma*.

— Desculpa — conforta-me, depositando um beijo na minha testa e depois na minha têmpora. — Não volto a dizê-lo.

— Estou farta que as pessoas me digam que mantenha a calma e *respire fundo*.

— Tudo bem. — Assente contra a minha testa. — Então permite-me estar presente para te apoiar esta noite.

Enfia a mão no bolso de trás e põe uma chave na minha mão.

Olho para baixo, a enxugar as lágrimas com a manga.

— O que é isto?

Ele sorri, mas há ali hesitação, misturada com prazer.

— A chave do meu quarto.

— E porque ma estás a dar?

— Tenho de ir buscar o meu pai ao aeroporto, depois das provas. É uma viagem de quatro horas. Depois dos combates, porque não vais lá para cima e esperas por mim no meu quarto? Quando eu voltar, podemos falar sobre o que quer que se esteja a passar. Ou podemos não falar também.

— Não falar?

Arqueio ambas as sobrancelhas. O rubor atinge-lhe as maçãs do rosto.

— Não foi isso que quis dizer — diz apressadamente, depois hesita, a reconsiderar. — A menos que seja isso que *tu* queres dizer? A versão de não falar que significa que estamos a fazer outras coisas?

Comprimo os meus lábios para não rir.

— Na verdade, até agora ainda não disse nada, Davis. Foste tu. — O olhar dele é uma mistura adorável de esperança e incerteza. — Fazemos assim. — Fecho a mão à volta da chave de bronze. — Vou ficar com isto e esperar lá em cima no teu quarto quando a Gillian acabar de me dar uma coça, desde que me deixes usar o teu chuveiro enquanto estiveres fora.

— Combinado.

Sorrimos um para o outro, e o momento parece ser nosso. Secreto. O frio que sinto na barriga faz o meu corpo estremecer por completo, porque, ainda que nos tenhamos beijado noutras ocasiões, nenhuma delas foi tão quente ou intensa como a do primeiro beijo. Aceitar o convite de Nick significa que estaremos sozinhos no seu quarto pela primeira vez desde a segunda prova. Nick olha-me fixamente, essa mesma consciência a bailar-lhe nos olhos. Puxa-me pelo cinto até estarmos colados um ao outro e pressiona um polegar quente sobre a minha mão, como se estivesse a selar uma promessa.

É preciso outro piscar das luzes para nos separar e fazer-nos seguir direções diferentes, mas eu encaminho-me para a área de preparação com pelo menos uma coisa por que ansiar.

A arena para a prova de combate não fica longe da Capela prateada, na floresta. Há um único círculo desenhado na terra densamente batida que é do

tamanho do círculo central da sala de treino. Há cadeiras e bancos dispostos ao redor do círculo para acomodar o público. Owen e Gill estão em lados opostos da arena com uma visão clara para o centro. Não sei onde está Sel, mas sinto o seu olhar vindo de cima. Numa árvore, talvez. Ainda não escureceu quanto baste.

Os seis Pajens em competição vestem calças justas para a máxima mobilidade e túnicas da cor da Linhagem dos nossos padrinhos, adornadas, ao centro, com o seu selo.

Sou a única Pajem que enverga o dourado da Linhagem de Artur.

Sel disse que eu tinha demasiados motivos para estar aqui. Objetivos fraturados.

Esta noite, o meu objetivo é só um, e luto por apenas uma família: a minha.

Os combates são organizados de forma que cada Pajem entre na arena três vezes, num total de nove partidas. Quando o primeiro par sobe, Nick faz contacto visual comigo e pisca-me o olho. Ele nunca me viu na arena e a sua confiança nas minhas habilidades faz triplicar o meu nervosismo.

Sydney facilmente derrota Greer com o bastão, mas perde para Blake no combate com a espada longa.

Whitty atira Blake para fora da arena com golpes rápidos e manejos com a adaga. Depois, para surpresa de todos, consegue subjugar Vaughn com o bastão. Vaughn atira o bastão de Whitty para longe e abandona o círculo, o rosto tão encarnado como a sua túnica. Tornou-se óbvio desde o aquecimento que planeava vencer os três combates, ganhando cada partida com uma arma diferente. Lança o bastão contra as árvores, partindo-o em dois. Fitz aproxima-se do seu Pajem para lhe dar palmadinhas nas costas de forma encorajadora e murmurar-lhe algo ao ouvido. Embora Fitz não precise de um Escudeiro — ele tem Evan —, parece que ainda está a investir no sucesso do seu Pajem.

Os outros Pajens, Escudeiros e Herdeiros aplaudem ou resmungam, e conversam entre as rondas. Apenas Nick se senta de braços cruzados, a observar cada ronda em silêncio com uma expressão neutra.

De cada vez que os Pajens entram na arena com as duras espadas de treino pretas, todos os olhares se voltam para Nick. Querem todos saber o que o Herdeiro de Artur está a pensar.

A minha primeira partida é contra Sidney, com a adaga.

Greer bate-me ao de leve nas costas e assente quando eu subo.

— Força!

Sidney, com uma túnica laranja, sorri e dirige-se para a arena. Nunca tinha visto o selo da Linhagem de Bors de perto — três faixas ao longo de um círculo. Ela não parece estar de todo preocupada com o resultado da nossa luta. Sacudo os ombros para os relaxar e obrigo os dedos da mão direita a esticarem-se bem antes de agarrar o cabo da adaga de borracha. Sidney e eu ocupamos as nossas posições: equilibradas nos joelhos dobrados, corpo e órgãos vitais atrás da faca, lâminas para cima e para a frente e empunhadas com vigor.

Gillian assinala o início da ronda.

Dançamos — Sydney a atacar, eu a esquivar-me — por tempo suficiente para começarmos a suar. Consigo evitar todos os seus ataques, mas apenas sou capaz de desferir contra ela um golpe, que ela bloqueia com esforço. Sydney mergulha para baixo da linha dos nossos cotovelos e eu salto para trás. Ouço um assobio.

— Fora dos limites, Matthews. A ronda vai para a Pajem Hall.

Gillian aplaude. A partida acabou.

Não!

Estou frustrada por ter perdido devido a um simples passo em falso, mas a fúria nos olhos de Sydney quase faz valer a pena. Ela nunca esperou que eu durasse tanto tempo em combate, e, pelo olhar de alguns dos outros — incluindo o de Gillian —, não era a única.

Quando volto a sentar-me, Nick e eu entreolhamo-nos. Ele sacode os ombros como se dissesse: *Deixa lá.*

Tenho uma ronda para descansar antes do meu próximo combate. Se a adaga de Vaughn fosse real, Greer teria sido completamente estripade.

Quando Gillian o chama, Blake levanta-se. Flete os ombros largos, puxando a túnica, o amarelo-escuro de Owain.

Depois Gillian chama-me a mim.

Blake põe de imediato em ação as suas maiores vantagens — força e altura —, num poderoso ataque aéreo. Bloqueei-o, mas torna-se óbvio que, se jogarmos o jogo dele, a vitória dever-se-á à força bruta mais do que à velocidade ou ao jogo de pés.

Sou mais rápida do que ele. Eu sei que sou.

Tenho de continuar a mexer-me.

O braço e a arma dele avançam uma e outra vez, e cada batida ecoa nos meus ouvidos como um trovão. Cada bloqueio envia uma reverberação intensa até ao meu cotovelo. Três minutos depois, sinto as coxas a arder. O contra-ataque exige um esforço hercúleo de todos os meus músculos apenas para me manter de pé.

Toda a gente deixa uma abertura. Encontra-a, depois atira-te com tudo para dentro dela.

Blake anda pela arena.

— Desiste, Matthews.

Já vivi de perto as ofensas de Sel; a versão ameaçadora de Blake far-me-ia rir se os meus pulmões não estivessem em chamas.

Ambos respiramos com dificuldade, ofegantes.

— Não me podes bloquear para sempre.

Ele dispara.

Agarro no bastão para bloquear o golpe que desfere com as duas mãos, mas preciso de tudo o que tenho para manter a arma nas minhas mãos trémulas. Os meus dedos oscilam à volta da madeira, mal conseguindo agarrá-la.

Ele afasta-se.

O seu cabelo castanho está preto sob um rio de suor. Também está a ficar cansado e tenta recuperar o fôlego.

Blake balança o bastão alto à minha esquerda, e é como se estivesse a mover-se em câmara lenta. Os meus olhos seguem cada movimento dos seus músculos, cada trejeito desde o ombro até ao braço.

Tenho muito tempo para me baixar, por isso faço-o. Mantenho os olhos no peito largo de Blake — ali!

Lanço-me para a frente, batendo com a ponta do bastão no peito dele. Por um momento, Blake parece pairar no ar. O bastão voa-lhe para fora da mão e por cima do meu ombro direito.

O tempo acelera.

As costas de Blake batem no tapete.

O apito de Gillian atravessa o ar.

— Arma fora dos limites. A ronda vai para Matthews.

Ela parece tão surpreendida como eu.

Os aplausos chegam até mim, mas eu mal os ouço. Blake rola com um gemido e apoia-se nas mãos e joelhos antes de se levantar. O seu rosto escalda em vários tons de vermelho. Fico paralisada no meio da arena até que Gillian me invade o campo de visão com um pequeno sorriso a despontar-lhe no rosto.

— Terra chama Matthews.

— Matty — corrijo. — Terra chama Matty.

Alice ficaria orgulhosa.

Sigo para as bancadas, mas não antes de ver Sel. Lá em cima, nas árvores, ele inclina a cabeça numa saudação silenciosa que me enche de um embaraçoso sentimento de orgulho. Um sentimento amplo e abundante.

Whitty faz colidir o punho com o meu antes de ele e Greer serem chamados à arena. Graças à sua competência na esgrima, Greer derrota Whitty facilmente com a espada. Estou a massajar gentilmente os ombros doridos quando volto a ouvir o meu nome.

Devia saber que o meu último combate seria com Vaughn.

Ele salta do banco sem hesitar. Tira a toalha dos ombros e dirige-se ao armário das armas, pegando na espada preta e pesada de polipropileno.

Alguns dos Herdeiros murmuram uns com os outros. Ao que parece, a notícia da nossa rivalidade espalhou-se.

Greer e Whitty dirigem-me palavras de encorajamento que não sou capaz de discernir por cima do som do sangue que me bombeia os ouvidos. Nick endireita-se quando passo pela área de exibição para pegar na minha espada. Desvio o olhar antes que a preocupação no seu rosto se torne tudo em que consigo pensar.

Vaughn anda para a frente e para trás no centro da arena, à minha espera.

Quando subo para o tapete, Gillian pede um combate limpo. Olha para mim.

— A partida termina quando um adversário desiste, pisa fora da arena ou perde uma arma. — Olha para Vaughn. — Sem golpes na cabeça.

Um apito curto e alto assinala o início.

Vaughn balança-se numa posição aberta, atirando a lâmina de mão para mão. De cada vez que pega no cabo sob a guarda da espada, os músculos duros dos seus ombros e os bíceps fletem-se.

A boca contorce-se-lhe num sorriso de provocação.

— Não há vergonha nenhuma em desistir agora, Matthews.

— Não lhe dês ouvidos, Bree! — incentiva Greer.

Não lhe quero dar ouvidos, mas não posso deixar de ouvir a sua gargalhada escarninha. Não posso deixar de reparar nos seus olhos, que passeiam pelo meu corpo, começando pelas minhas pernas e detendo-se nas minhas ancas e no peito.

— Muito bem, não desistas — murmura, de forma que só eu o consiga ouvir. — A vista até me agrada.

Sou trespassada pela ira, mas recuso-me a dar-lhe a satisfação de um ataque emocional e indisciplinado. Vaughn encolhe os ombros como se dissesse: *Como queiras*, e ataca.

Ataca tão rapidamente que a lâmina negra assobia quando a brande. Bloqueio-o, apanhando o lado amplo da sua espada com a parte mais dura da minha — a parte forte —, e salto para trás.

Vaughn gira a espada uma vez com um sorriso, como que para me lembrar do que a sua arma é capaz de fazer. As espadas de treino da Ordem não são de aço, mas não deixam de ser bastante pesadas e largas. Fortes o suficiente para quebrar ossos com um golpe bem desferido.

Ele lança-se para a frente. Baixa a lâmina com um golpe vindo de cima. Levanto a espada para bloquear, mas ele não para — depois inclina-se para trás e pontapeia-me com força no estômago.

Tropeço. O meu tronco é um *cocktail* vertiginoso de náuseas e dores.

Vaughn ataca-me por baixo — e eu mal consigo virar a espada para deter o golpe que me dá nas pernas.

Depois volta a avançar, girando, e é um exercício básico, apenas uma torção do pulso para me defender.

Demasiado fácil.

Tusso, e o sangue — rico em ferro e salgado — enche-me a boca. Um esgar selvagem brilha no olhar de Vaughn. Compreendo a situação.

Aquele pontapé foi planeado. Estratégico.

Cada movimento, cada torção, esticar e balançar, é dez vezes mais difícil com uma hemorragia interna.

Ele está a brincar comigo.

Tudo — o rosto de Vaughn, as árvores, a arena — se torna num borrão sob o véu da minha fúria ardente.

Mudo a forma como agarro na espada, preparando-me para um golpe de duas mãos nas suas costelas, quando a última lição de Sel me ecoa nos ouvidos.

A ira ordinária tanto pode ajudar como atrapalhar. Mas, e o tipo de ira que te arde no estômago? Isso é fúria. E a fúria deve ser usada.

Avanço, torço para a esquerda, depois rodopio. A parte plana da minha lâmina bate-lhe com força nos dedos, afrouxando-lhe o aperto. Ambas as espadas caem no chão.

Vaughn olha para cima, com o choque vincado nas feições, e dispara na minha direção, mas eu já estou no ar.

O impulso dele leva-o para a frente — diretamente contra o meu joelho no ar.

A cabeça estala-lhe para trás.

Bate com a coluna no tapete e o sangue escorre-lhe pelo nariz e pela boca.

Por um segundo, a floresta fica em silêncio.

Depois, Russ levanta-se de um salto, irrompendo numa onda de gritos e aplausos.

Vaughn balança o corpo ligeiramente, a tapar a cara com as mãos. Mas não se levanta.

— Ronda para Matthews! — anuncia Gillian, e um sorriso admirado ilumina-lhe as feições.

A certa altura, Nick levanta-se da cadeira e aproxima-se do limite da arena. Ali fica, com os pés encostados à tinta vermelha, ostentando o sorriso mais bonito que alguma vez vi. Avanço, cambaleante. A efervescência do triunfo preenche-me o peito, sinto-me capaz de explodir.

O olhar de Nick fixa-se no meu, os seus olhos arregalam-se e o seu sorriso desfaz-se. Ele grita o meu nome.

A lâmina de Vaughn atravessa-me a visão periférica.

Ouço o estalo profundo na minha clavícula antes de sentir o golpe.

Quando a dor chega, a escuridão acompanha-a. Há gritos e, depois, silêncio.

36

Acordo uma vez antes de William terminar de me tratar. Devo ter feito algo que não devia — sentar-me, falar —, porque há umas mãos firmes a empurrar-me para baixo.

Volto a cair num sono turvo, induzido pelo éter.

Quando volto a abrir os olhos, estou num quarto vazio, sem janelas, iluminado apenas por uma pequena lâmpada. O relógio digital na parede indica 22h17.

Os dedos da minha mão esquerda voam para a clavícula direita, onde sinto uma dor constante e pulsante. Um pedaço duro enruga-se quando lhe toco. Afasto-o, à espera de sentir uma ligadura, mas em vez disso encontro dois recados em *post-its* amarelos.

> Fratura limpa e oblíqua na clavícula direita.
> Dei-te uma dose potente de cura.
> Vai sarar daqui a uns dias.
> Usa a ligadura.
> Tempo mínimo de cura s/ éter? = 8 semanas + fisioterapia.
> De nada.
> William

P. S. Hemorragia intra-abdominal moderada. Curada, MAS NÃO TE ESTIQUES.

P. P. S. O Nick queria ficar.

Disse-lhe para ir andando para o aeroporto, já que vais ficar a dormir.

VOLTA A DORMIR!

— Desculpa, William — sussurro. — Há um rapaz que preciso de ver.

Apenas quando entro no elevador dou conta de que terei de atravessar o bastante exposto corredor do segundo andar da Sede para chegar ao quarto de Nick. A conclusão apanha-me tão desprevenida que, por acaso, saio no primeiro andar e esbarro com Sarah.

— Bree! — Um sorriso amplo rasga-lhe o rosto e ela põe-se aos saltinhos por baixo da saia. — O que é que ainda estás aqui a fazer? Precisas de boleia? Posso levar-te até à residência, sem problema, na boa!

Estreito os olhos.

— Estás a falar mais depressa do que o normal?

Ela fica corada e morde o lábio.

— Talvez?

A consciência daquilo atinge-me então. Tudo em Sarah é mais brilhante, e juro que consigo vê-la vibrar.

— Agora estás unida à Tor. Tens a velocidade de Tristão.

Ela assente.

— Tecnicamente, tenho a velocidade da Tor. *Ela* é que tem a velocidade de Tristão. Mas sim! Espera. — Afasta-se e as engrenagens na sua mente giram mais depressa do que nunca. Os seus olhos arregalam-se. — Estás à espera do Nick, não estás?

Chegam-nos vozes vindas das salas de jantar e de estar.

— E se estiver?

— Acho que vocês os dois fazem um casal giro. Queres beber alguma coisa enquanto esperas?

Já está a seguir pelo corredor sob a escadaria e em direção à cozinha, por isso sigo-a.

A cozinha de *chef* iluminada da Sede está vazia quando entramos. Nunca estive aqui antes, uma vez que a maioria das refeições é servida em regime de bufete e são poucos os Lendários que parecem saber cozinhar. É um espaço grande e quadrado com armários brancos, dois frigoríficos de aço inoxidável, um fogão a gás, numa ilha central, e bancadas brilhantes de quartzo cinzento e branco. Sarah retira dois copos e enche-os de água enquanto fala.

— As pessoas são mesmo bisbilhoteiras por aqui, mas, honestamente, não é nada de mais tu e o Nick estarem juntos. Alguns Pajens podem estar com ciúmes. A Ainsley, por exemplo. A Sydney. A Spencer também.

Instalo-me num banco alto, ajeitando com cuidado o ombro na ligadura.

— Fantástico.

— O Nick *passou-se* com o Vaughn, a propósito. Expulsou-o do torneio. Disse que não há lugar para vinganças na Távola. — Abana a cabeça. — O Vaughn achou que ser o melhor em combate fazia dele o melhor escudeiro para o Nick, mas não é assim que funciona. Não se trata apenas da luta. É a competição.

A forma como enuncia a última palavra, a ênfase que coloca nela, lembra-me de que agora possui mais do que a velocidade de Tor. Tem acesso às suas emoções. Saberá sempre quando Tor estiver em perigo. As duas estão em sintonia agora e para sempre.

E a sua esperança de vida acabou de ser reduzida. Não consigo pensar numa maneira educada de perguntar como se sente em relação ao Abate, por isso faço-lhe outra pergunta.

— Qual é a sensação? De estar unida?

Detém-se para pensar.

— Eu e a Tor já estávamos unidas de certa forma. Estamos apaixonadas, por isso pensei que isto seria apenas mais do mesmo, mas não é. É mais profundo. Mais íntimo. Não sei como é para as outras pessoas. Talvez dependa de há quanto tempo estão unidas ou de quão bem já se conheciam.

— Há quanto tempo é que tu e a Tor estão unidas?

— Há alguns anos. Antes disso, ela andava com o Sel, e eu ainda andava no secundário.

Não me esqueci da revelação de William, mas agora que está em cima da mesa…

— Pois, sobre isso… é difícil de imaginar.

Sarah ri-se.

— Sim, essa foi a fase rebelde da Tor. Penso que ela o fez só para irritar os pais.

— Namorar com o Sel chateou os pais dela?

— Namorar com um *Merlim* chatearia *quaisquer* pais de Lendários.

Revira os olhos e ajeita os óculos.

Isso surpreende-me. Claro, Sel é um idiota, mas será que isso significa que todos os Merlins o são?

— Porquê?

Sarah torce o nariz.

— Apenas porque não é algo que se faça.

— Mas…

Bum! Um som trovejante chega-nos da floresta atrás da Sede. Ponho-me de pé em menos de um segundo.

— Fala-se no Diabo. — Ela nem se mexe da cadeira, limita-se a revirar os olhos e a acabar o seu copo de água. — Queres mais?

— O que foi aquilo?

Fico perplexa perante a sua indiferença, depois volto a sobressaltar-me quando um grande estalo ecoa na floresta, seguido pelo som de um bando de pássaros próximos a fugir para o céu noturno.

— Aquilo — Sarah empina uma sobrancelha, pouco impressionada — é o Selwyn, embriagado de éter por causa do nosso Juramento — diz, como se isso explicasse tudo. — Só que ele tem andado enervado a semana inteira, por isso é pior do que o normal. — Pega no meu copo e leva-os a ambos para a máquina de lavar louça. — Se fosse a ti, não ia para a floresta esta noite. A birra dele ainda deve demorar um bom bocado. Assim que acalmar, vai voltar, bater com estrondo um monte de portas por aí e fechar-se na torre no resto da noite. É a cena dele.

Sarah leva-me de volta ao elevador e partilha mexericos a um ritmo frenético. Mal consigo acompanhar a sua nova velocidade e, por esta altura, estou apenas a ouvir metade. Espero até que ela apanhe o elevador para o quarto de Tor no

terceiro andar e depois viro-me o mais silenciosamente possível para a escadaria e saio pelas traseiras.

Os sons de destruição tornam-se mais altos quando adentro a floresta.

Usando o telemóvel como lanterna, sigo o caminho pelo qual Nick me conduziu na primeira noite — sei que deve ser o mesmo, porque é o único que vejo. Estando perto do epicentro de Selwyn, cada batida, explosão e estalo reverbera pelo chão sob os meus pés. Seja o que for que ele esteja a fazer, é violento. Devo ser o único ser vivo num raio de quilómetros que não se abrigou da sua fúria.

Não sei bem porque estou a caminhar em direção ao olho da tempestade em vez de esperar, como Sarah sugeriu. Podia estar lá em cima, no chuveiro de Nick, a aproveitar a pressão da água muito mais forte da Sede para libertar a tensão dos meus músculos das costas e do braço. Depois podia cuscar as gavetas dele em busca de pijamas que tivessem o cheiro dele.

Mas não estou.

Talvez esteja à procura de Sel porque na noite anterior *ele* ficou para *me* ajudar. Nick disse-lhe que se mantivesse afastado. Sarah disse-me que ficasse longe. Mas ele lá estava, e aqui estou eu. Os nossos caminhos continuam a cruzar-se de todas as maneiras erradas.

Como que atraída por uma força fora do meu controlo, sigo os sons da raiva de Sel através da curva onde conheci Lorde Davis, descendo a ponte de pedra sobre a qual Nick me guiou e passando além do ponto prateado na floresta que demarca o local da cerimónia.

Acabo a subir uma encosta. Os sons de baques profundos estão cada vez mais afastados, mas quando vêm, fazem barulho suficiente para me fazer cerrar os dentes, produzindo um pico de adrenalina. Faço uma pausa para recuperar o fôlego e orientar-me, encostada a um tronco de árvore. Caminhei cerca de um quilómetro, em parte, a subir. As luzes da varanda da Sede são pouco visíveis através das árvores densas, e além delas há uma névoa de luz a marcar o topo dos edifícios do *campus*, o hospital da região e o resto do centro da cidade. Aponto novamente a lanterna pela colina acima e suspiro.

Começando a cerca de seis metros de distância, há meia dúzia de troncos de árvores partidos. Espigões e lascas amareladas irregulares do tamanho do meu antebraço esticam-se em cotos à altura do meu joelho. Parecem marcas frescas. Mais ao lado há longos troncos caídos, dispostos como blocos de madeira.

Ouço outra árvore a ser dilacerada. Sigo o som.

Neste preciso momento, consigo captar todos os pormenores dos esforços de Sel — o estalar de um tronco largo a protestar contra os seus músculos; o som da casca a quebrar; um lamento grave e profundo, e um estalo final quando o tronco é cortado da sua base.

Ao chegar ao cume, vejo-o a uns quinze metros de distância, com um longo tronco de pinheiro entre as mãos. Sel inspira profundamente e atira-o para o lado. Há um segundo em que tudo o que consigo ouvir são as suas respirações ofegantes a cortar o silêncio e, depois, um poderoso estrondo sacode o chão enquanto a árvore se divide em pedaços na terra. Sob o brilho minguante do luar, consigo ver uma dúzia de árvores na mesma situação, espalhadas pela relva como pauzinhos tão altos como uma casa.

Dou conta de onde estou — este é o cume acima da arena da primeira prova. Foi aqui que os Lendários nos viram lutar contra os javalis de Sel e foi aqui que Nick foi atacado por uma serpente do inferno mesmo por baixo do nariz de Sel.

— O que estás aqui a fazer?

Viro-me ao ouvir a voz de Sel. No segundo que demorei a espreitar a arena, ele virou a cara para mim. O olhar parece faiscar nele, mas está disperso. Sem foco.

Da última vez que falámos, ele fez uma piada sobre a sua linhagem e ensinou-me a fazer uma investida.

Agora parece querer reduzir-me a cinzas.

Balbucio uma resposta, mas paro quando lhe vejo a expressão. Sarah tinha razão, ele está embriagado de éter, e é pior do que antes. Apesar de estar de pé, está a balançar suavemente, os olhos normalmente severos, desfocados e vermelhos. Olha de relance para o meu braço ferido.

— Então?

— Porque é que estás tão zangado?

A sua gargalhada é oca e seca.

— Aprendeste essa merda com a tua psicóloga?

Juro que a minha visão fica vermelha.

— O quê?

Ele sorri.

— Vi a tua pequena sessão de terapia ao ar livre com aquela psicóloga do *campus*.

— Andaste a *espiar-me*?

Que sessão? O que é que ele ouviu?

Sel revira os olhos.

— *É claro* que te andei a espiar. No dia a seguir ao Juramento, segui-te desde a residência até aos jardins, fiquei à escuta enquanto tu e ela tinham uma conversa profunda sobre as tuas capacidades.

Baixa-se para pegar numa pedra e depois atira-a para a arena com tanta força que gera um estalo contra uma árvore do outro lado.

— Como é que te atreves… aquilo era privado! — grito.

Ele escarnece.

— Desce do pedestal, rapariga misteriosa. Segui-te nesse dia para ver se te ias encontrar com um cúmplice uchel, e pensei que estavam a falar em código sobre a tua linhagem demoníaca. Olhando para trás, percebo que te dei demasiado crédito. Não quero saber do teu drama familiar, e com certeza não quero saber de alguém cuja mãe morta utilizava éter para plantar as *florzinhas* mais bonitas…

— *Não* fales da minha mãe — rosno.

— Tanto trabalho para nada. — Abana a cabeça e dá uma gargalhada triste. — Uma perda de tempo.

Fúria e pânico percorrem-me as veias, e não sei com base em qual devo agir. Ainda estou a recuperar da revelação de que Sel me seguiu, a minha mente vasculha aquela primeira conversa com Patricia para me lembrar do que ele pode ter ouvido.

— Meu Deus, *olha* para ti! — Sel ri-se com incredulidade. — Estás a tentar lembrar-te do que ouvi naquele dia e do quanto sei sobre a tua vida aborrecida e básica de Primavida.

Avança na minha direção com as pernas ligeiramente instáveis, os olhos brilhantes a perscrutar-me o rosto. Uma pequena memória no fundo da minha

mente recorda-me que fugir de um predador apenas o convida a perseguir-nos, e por isso deixo-me ficar onde estou.

E eu julguei que podia ser o quê? Amiga dele?

A voz grave de Sel torna-se ainda mais grave e arrastada, e não sei precisar se as suas palavras são para mim ou para ele próprio.

— Como é que posso ter arriscado tanto por uma rapariguinha perdida que provavelmente precisa tanto de terapia como eu? — Inclina a cabeça, com os olhos a perder o foco. — Bem, isso não é possível. — Volta a rir-se, mas desta vez é tão autodepreciativo que a minha ira se desvanece. — Ninguém precisa tanto de terapia como eu.

— É por isso que estás aqui a atirar árvores para a colina?

Sel levanta a cabeça.

— Diz-me outra vez porque é que estás aqui.

— Não faço ideia — respondo, virando-me para me ir embora.

— Eu sim. — Mesmo intoxicado, é muito mais rápido do que eu. Está à minha frente mal me viro. — Culpa.

— Sai da frente.

Encosta-se a uma árvore no meu caminho e estuda-me com os olhos semicerrados.

— Aposto que ouviste dizer que eu estava aqui fora a ter um ataque e que fui o «Sel agressivo e monstruoso» o fim de semana inteiro. Aposto que o Nicholas te contou que voltámos a discutir e que Lorde Davis me pôs no meu devido lugar. E agora sentes-te mal porque ainda não disseste ao Nicholas que podes gerar éter e pensas que, se o tivesses feito, talvez ele se apercebesse de que os meus instintos estavam certos, e eu não estaria aqui fora a esmagar árvores e a sentir pena de mim mesmo.

Balbucio, mas não posso negar a veracidade das palavras de Sel. Terá sido isso que me trouxe até à floresta? Culpa?

— Sai da frente.

Avanço um passo, mas ele volta a interpor-se. Os seus olhos brilham, zombando dos pensamentos que deduziu como um Sherlock Holmes demoníaco.

— Bem, não te dês ao trabalho de te sentires culpada — diz Sel. — Para o nosso *antigo e futuro rei*, os fins jamais justificarão os meios. Ele é boa pessoa. Mais, o Nicholas não quer saber do que poderás *fazer*, ele agora só quer saber de *ti*. Um facto que se tornou claro para o agora desgraçado Pajem Schaefer. Aliás, como é que achas que ele se sentiria se soubesse que vieste à minha procura na floresta enquanto eu estava bêbedo de éter?

O olhar dele atinge-me como alfinetadas na cara, na garganta e nos braços nus.

Com as faces quentes, debato-me para pensar numa resposta.

— Eu… Não faço ideia.

Sel bufa.

— Mentirosa. O Nicholas iria arrastar-me e esquartejar-me, e tu sabe-lo bem.

— Parece-me algo dramático.

Ele desencosta-se da árvore e põe-se de pé, a abanar a cabeça.

— A sério que ainda não percebeste o que ele sente por ti?

Está tudo a acontecer muito depressa. Sinto uma vaga de emoções confusas: fúria por ele me ter seguido, prazer ao ouvir falar da força dos sentimentos de Nick por mim, culpa por estar aqui contra a vontade dele e contra a nossa regra, e perplexidade por estar a conversar com Sel *sobre rapazes*.

— Não percebeste. — Sel olha-me fixamente, e a esta distância consigo ver o leve tremor na sua boca, nos seus ombros, e que desce até aos pulsos. Ele aproxima-se, encurrala-me. — Não completamente.

Recuo, mas o gesto é um erro. Há apenas trinta centímetros entre mim, a borda do cume e uma queda íngreme até ao vale e ao chão da arena. É demasiado parecido com o nosso primeiro encontro. Só que desta vez sei exatamente quem é Sel e do que é capaz.

— Sel, para com isso! Vou cair!

Ele encolhe os ombros.

— Só se te mexeres.

— Deixa-me passar.

— Não. Vais ficar aqui e ouvir-me enquanto te explico uma coisa.

Olho por cima do ombro. Ele tem razão. Estou segura — se não voltar a mexer-me.

— Explicar o quê?

— Sabes porque é que os Merlins servem os Lendários?

A pergunta apanha-me desprevenida.

— Não.

— *Adivinha*.

O seu tom é tão incisivo que falo devagar para evitar ser cortada.

— Para combater as Crias das Sombras?

— Adorável. — Revira os olhos. — As Crias das Sombras são malignas, mas não penses por um segundo que todos os Merlins servem a Ordem movidos pela bondade dos seus corações. Uma vez chamaste-me cria da encruzilhada, mas não entendes a extensão do que isso significa. Não tens maneira de entender.

Dá mais um passo em frente, não o suficiente para me empurrar, mas suficientemente próximo para que eu possa sentir o cheiro a especiarias na sua pele, por causa do Juramento, e o calor do seu corpo. Uma memória dos seus dedos quentes naquela primeira noite na Sede pisca-me na mente, e pergunto-me, por breves instantes, se o resto dele também é quente.

— As crianças Merlins são, para todos os efeitos, totalmente humanas à nascença. Mas é quando fazemos sete anos que começam as mudanças… a força, a velocidade, os sentidos… e com essas mudanças chega uma espécie de contagem regressiva. Todos os anos depois disso, ganhamos poder e a nossa ligação ao éter aprofunda-se, e todos os anos perdemos um pouco mais da nossa humanidade. Chamamos-lhe «sucumbir ao sangue». — Sel estremece, os olhos voltam a concentrar-se em mim. — Quando Merlim criou o feitiço Lendário para Artur e os seus cavaleiros, concebeu um feitiço semelhante para si próprio. E este permitiria a todos os seus descendentes herdar as habilidades mágicas únicas que aperfeiçoou ao longo do tempo: hipnose, modelos, afinidade com o éter. — As pontas dos seus caninos brancos brilham enquanto fala. — Mas Merlim conhecia a sua própria natureza. Ele sabia que os demónios só queriam saber de si mesmos e do caos, e que os meios-demónios poderosos, mas incontroláveis, nunca seriam servos compatíveis com a Ordem eterna que ele e Artur imaginavam. Por isso, no *seu* feitiço, Merlim inseriu uma *apólice de seguro*.

Sinto um aperto repentino no peito.

— Que tipo de seguro?

A amargura transforma-lhe as feições aguçadas.

— Lembras-te de quando te disse que uma raposa infernal não era capaz de se transformar em pó com uma parte tua dentro dela? Isso acontece porque as trevas do submundo e a luz dos vivos não podem existir num só corpo. O meu sangue luta contra si mesmo todos os dias. Quanto mais envelheço, mais forte se torna a essência demoníaca, mas os meus compromissos com esta Ordem e com os seus membros impedem-me de passar para o outro lado.

Sustenho o olhar no dele, e o horror e a compreensão varrem-me numa onda.

— Os Juramentos…

— Os Juramentos. — Os olhos dele ficam subitamente brilhantes. Ferozes. — São a forma de Merlim assegurar que os seus descendentes nunca abandonarão a sua missão. Que a executam, que a cumprem, não importa quão grande ou pequena seja a tarefa. São os Juramentos que unem as duas partes de um Merlim. Enquanto estivermos em serviço, detemos o controlo sobre as nossas próprias almas. É por isso que somos Ajuramentados cedo, antes de termos idade suficiente para que o nosso sangue comece a ocupar espaço.

A voz de Cecilia ecoa-me nos ouvidos, e o que ela disse sobre o menino que Pearl tinha no colo. *Forçaram-na a desfazer-se dele antes que pudesse crescer o suficiente para fazer algum mal*.

Sel ainda não está satisfeito. O seu olhar percorre-me o rosto, catalogando as minhas respostas para as suas palavras.

— Aí está. Agora compreendes. Podes ver como, para qualquer Merlim, mesmo fraco, criado como humano entre os humanos, o maior castigo seria expulsarem-nos do serviço da Ordem. Forçar-nos-iam a assistir à nossa própria regressão. Retirar o título a um Merlim suficientemente poderoso para se tornar Mago Real seria o mesmo que afastá-lo do seu propósito. Afastá-lo do imenso poder de conexão desse Juramento. É uma pena tão severa que nunca foi utilizada.

O calor que emana dele e o veneno nos seus olhos assustam-me mais do que o seu temperamento alguma vez me assustou.

— Mas estamos a dois Herdeiros Chamados de Camlann. Por isso, quando Nicholas contou ao pai o que te fiz, Lorde Davis ameaçou substituir-me. Tirar-me o título, expulsar-me. Deixar-me entregue à autodestruição. — Bufa. — *Bullies*, tal como eu te disse.

O ar escapa-me dos pulmões, como se tivesse sido empurrada da colina.

— Não, isso… isso soa a tortura. O Nick não deixaria que isso acontecesse…

— Oh, é tortura, é. Mas se a Ordem pensar que estou a tornar-me instável, é exatamente isso que Nicholas será forçado a fazer. — A sua expressão torna-se azeda. — Estas são as escolhas que os reis são forçados a fazer, miúda misteriosa.

— Vou falar com ele. Digo-lhe que…

Não consigo completar a frase, porque Sel me faz girar num borrão de velocidade. Empurrou-me para o trilho.

— Agora é tarde. Vai-te embora.

— Sel…

Sinto o cheiro do crepitar da conjuração de Sel e viro-me para o ver de pé, à beira do precipício, com o cabelo a baloiçar suavemente com um início de fogo mágico e os olhos a reluzir como brasas.

— O Nicholas pensa que estou a perder a humanidade. Talvez esteja. Mas *não* perdi a dignidade — declara. — Não preciso da tua ajuda.

Antes que eu possa dizer outra palavra, Sel avança para lá da borda e cai para longe da vista. Aterra sem um único som.

37

A Lua ilumina-me o caminho enquanto corro de regresso à Sede, mas, quando chego ao relvado das traseiras, as nuvens já se formaram, sólidas e espessas.

Entro pela porta lateral. Ainda há alguns membros notívagos despertos no grande salão. Subo a escada para não lhes chamar a atenção. Quando finalmente chego ao quarto de Nick e deslizo lá para dentro, a adrenalina que me carregou pela floresta sai-me do corpo e desabo na cama dele, revendo mentalmente as palavras de Sel vezes sem conta.

Fui eu que fiz isto, penso. *Só por estar aqui.*

Deixei de ser perseguida por Sel para me tornar o motivo pelo qual o seu título, a sua humanidade, a sua própria alma estão em risco. E, pior, a fúria quente que me habituei a ver nele transformou-se em algo mais sombrio. A desolação no seu olhar, o ódio contra si mesmo…

Pego no telemóvel, mas há um motivo para ignorar cada um dos meus contactos recentes. Enviei uma mensagem a Alice a avisar que não voltaria a casa esta noite — que outra coisa lhe podia dizer? Por onde havia de começar e onde acabaria? Tenho dado notícias ao meu pai, dizendo-lhe que «está tudo bem com Patricia». Mas como lhe irei contar que ela desistiu? Em breve irá descobrir, quando ela lhe ligar, e não tenho energia para pensar assim tão adiante. Nick foi buscar o pai ao aeroporto, e eu teria de esperar que ele chegasse a casa para lhe falar das chamas vermelhas que não consigo controlar.

No fim, cada conversa iria requerer primeiro uma explicação, porque ninguém na minha vida conhece todos os fios que me trouxeram até aqui.

Fecho os olhos com força, mas as lágrimas vêm mesmo assim, e caem sobre o edredão azul e branco até formar uma mancha feia.

Devo ter adormecido na cama de Nick, porque acordo com um batimento forte. Esfrego a pele húmida da bochecha onde o tecido enrugado do edredão se

fixou até formar vincos disformes. Um momento depois, outro batimento forte, desta vez mais acima.

Sel.

Sarah disse que quando Sel tivesse acabado, voltaria para a Sede, bateria com as portas por aí e trancar-se-ia no quarto. Imagino-o, drenado da destruição de metade da floresta, talvez ainda a recuperar dos efeitos do éter. Olho para o relógio.

Ainda faltam algumas horas até Nick voltar. Já decidi que lhe vou contar tudo o que aconteceu. Estou mesmo disposta a trair a confiança de Patricia e falar com ele sobre a Arte de Raiz. Mas sei que Sel tem razão; não vai mudar a forma como Nick se sente em relação ao seu Mago Real, o rapaz a quem tem estado ligado a maior parte da sua vida.

A Muralha das Eras assoma-me à memória. Os nomes esculpidos lado a lado durante anos. *Nicholas Martin Davis. Selwyn Emrys Kane.*

Se Lorde Davis tirar o título a Sel, removerá também o nome dele da Muralha? Lixará a prata até que esta se torne lisa, como se Sel nunca tivesse existido? Arrancará o mármore cerimonial, substituindo-o por outro?

Sento-me direita na cama e uma imagem muito concreta atinge-me como um raio.

Os quartos da torre ficam na extremidade da residência, no último andar. O corredor mal iluminado termina em forma de T, com uma placa que aponta para a esquerda, a indicar a ala norte, e outra, para a direita, a indicar a ala sul. O som débil de música lenta com um baixo marcado chega até mim através de uma porta à minha direita.

Paro em frente a uma porta de madeira lisa com uma placa de cobre com as iniciais *S. K.*

Meio segundo depois de bater, lembro-me de que é inútil tentar ouvir os seus passos. Meio segundo depois, mal consigo formular um pensamento coeso, porque Sel abre a porta de supetão, só com um ar profundamente irritado e um par de calças de ganga.

Olho para ele, não resistindo ao impulso de traçar o percurso dos seus músculos firmes, que vão do abdómen ao peito. Tatuagens pretas e cinzentas circundam-

lhe os braços, cobrem-lhe os ombros e interligam-se num nó celta no peito. Devia desviar o olhar, mas em vez disso noto as gotículas de água que caem do seu grosso cabelo negro e as minúsculas contas transparentes ainda coladas às suas pestanas.

Os olhos de Sel arregalam-se antes de a sua expressão se contorcer num olhar irritado.

— Disse-te que te fosses embora.

Levanto o queixo.

— Tenho de falar contigo. Posso entrar?

Dou um passo em frente, mas ele estica um braço tonificado para me bloquear o caminho.

— «Vai-te embora» é uma frase completa.

— Sabes aquilo que me disseste há pouco sobre a Ordem nunca ter despojado um Mago Real do seu título? Não é verdade.

Nunca vi Sel com um ar tão chocado ou confuso, imóvel como uma estátua. Fica tão atordoado com as minhas palavras que lhe passo por baixo do braço antes que me consiga deter.

O quarto é circular, seguindo o formato cilíndrico da própria torre, com janelas que se curvam ao longo da parede exterior. Uma cama estende-se ao centro do quarto a partir de uma parede curva; de um lado está uma mesa com uma pilha alta de livros, alguns modernos, outros antigos, e um computador portátil. Do outro há um tapete pequeno e o que parece ser um altar com velas. Um vapor perfumado, limpo, sai de uma porta aberta à esquerda, conduzindo a uma suíte. Ele acabou de tomar banho.

A porta fecha-se atrás de mim e Sel encosta-se a ela, a expressão de raiva restabelecida.

— O Nicholas estará em casa daqui a algumas horas, e se ele souber que estás aqui, ou me dá outro murro ou tira-me o título, ou ambos. Por isso, se tiveres algo para partilhar, fá-lo agora e depressa.

Passa uma mão no rosto. Para minha consternação, isso faz que os seus músculos abdominais façam coisas que me distraem profundamente. Coisas em que não *quero* reparar.

Olho para o lado, e uma pontada de culpa aperta-me a garganta.

— Podes, por favor, vestir uma camisa para que possamos ter uma conversa séria?

Ele olha para mim por entre os dedos.

— Não me digas que és uma puritana. — Ri-se de forma auto-depreciativa. — Como é que *alguma vez* pensei que pudesses ser uma Cria das Sombras? Agora estou verdadeiramente envergonhado. Mortificado, até. Talvez *devesse* demitir-me do meu posto.

— Estou a tentar ajudar-te.

Ranjo os dentes.

— Muito mal, imagino.

Dirige-se a uma cómoda, e tenho um vislumbre de asas e obsidiana — outra tatuagem grande que não consigo ver na totalidade. Seja lá o que for, estende-se pelas costelas de Sel e expande-se pelas suas costas, enviando-me uma onda de calor do peito até aos dedos dos pés. Quando Sel pega numa *T-shirt* preta, suspiro de alívio. *A roupa é uma coisa boa*, penso. *No geral. Nas pessoas. Em Sel, principalmente.* Mas depois ele veste a camisola e esta assenta-lhe como uma segunda pele — uma ligeira melhoria, ainda assim.

Arranca uma toalha de um gancho na porta e esfrega o cabelo enquanto passa por mim para se sentar na cadeira da secretária.

— Muito bem, admito que estou curioso. Diz-me o que julgas saber.

— Vais ouvir-me?

Com a cabeça baixa sob a toalha, encolhe um só ombro num movimento de indiferença. A única resposta que irei ter.

— Posso demorar algum tempo a explicar.

Os seus olhos fulvos sinalizam a cama, a única outra superfície onde alguém se pode sentar neste quarto. Sento-me a contragosto e respiro fundo.

— Não foste o primeiro Merlim que conheci e a tua hipnose não foi a primeira a que resisti.

Isso capta-lhe a atenção. Sel atira a toalha para longe, afasta o cabelo da cara e fixa o olhar em mim.

— Continua.

E conto-lhe. Falo-lhe da noite no hospital e da noite em que conheci Nick. Falo-lhe de como e do porquê de ter forçado Nick a nomear-me sua Pajem. Falo-lhe

da necessidade de descobrir a verdade, não apenas sobre a morte da minha mãe, mas sobre as minhas próprias habilidades e como podem estar ligadas às dela. Não refiro o nome de Patricia, ou dos seus antepassados, mas falo-lhe da memória de Ruth. E depois revelo-lhe a memória que me trouxe até aqui — a Muralha das Eras com o mármore que representava o Mago Real de Lorde Davis, e os riscos feitos na superfície prateada.

Como se alguém o tivesse esculpido e substituído por outro.

— E se estivesses enganado em relação à toupeira, mas tivesses razão quanto ao facto de os ataques serem organizados por alguém próximo da divisão? E se algum Mago Real anterior tiver aberto aquele Portal há vinte e cinco anos, e a Ordem o castigou despojando-o do seu posto? E se esse Mago Real se tornasse instável longe dos seus Juramentos, o que é que o impediria de se vingar da Ordem e de qualquer outra pessoa que tivesse contribuído para a sua captura? Talvez esse Merlim tenha ido atrás da minha mãe por ela ter testemunhado o feitiço naquela noite. E depois veio até aqui para ferir a Ordem, voltando a abrir os Portais e raptando o mais valioso dos Herdeiros. Depois das tentativas falhadas de levar o Nick, enviou as raposas infernais atrás do atual Mago Real para o tirar de cena. Se estes ataques estiverem ligados, poderei encontrar quem matou a minha mãe e tu poderás provar que os teus palpites estavam certos!

Quando chego ao fim, ele encosta-se à cadeira e estuda-me durante um longo e silencioso momento. Põe-se de pé e vai de uma ponta à outra do quarto. Para, olha para mim e recomeça a andar.

— Diz qualquer coisa.

— Qualquer coisa.

Reviro os olhos.

— Podes descer até à Muralha. Verifica por ti mesmo se não acreditas em mim.

Ele agita uma mão.

— Sei como são as tuas mentiras. Esta não é uma delas. — Faz uma pausa, abana a cabeça. — É isto que tu e o Nicholas andam verdadeiramente a tramar? A tentar descobrir a verdade sobre a tua mãe?

Solto um suspiro.

— Sim.

O seu olhar é inescrutável. Preparo-me para um questionário sobre o meu plano e de Nick ou para um comentário ofensivo sobre o facto de Nick não ter reclamado o título pelos motivos corretos. Nada disso acontece.

— Digamos que tens razão e que esse Mago Real abriu um Portal. Os Regentes nunca o deixariam sair em liberdade. Eles capturam os Merlins que sucumbem ao sangue. Assim que começamos a mudar, põem-nos numa prisão, sob vigilância. — Franze as sobrancelhas. — E, antes que perguntes, já vi as prisões. É impossível fugir.

— Mas quem estaria mais interessado em vingança do que um Merlim, instável, previamente encarcerado, mais demónio do que humano? Se não for Mago Real, poderia ser da Linhagem de Morgana?

Sel franze a testa.

— Há demasiadas coisas que não fazem sentido. Eu sou o Sargento de Armas desta divisão, treinado para ocupar este exato posto desde *miúdo*. Se alguém abriu um Portal no *campus*, e se o fez *de propósito* há vinte e cinco anos, e essa quantidade de cães infernais atacou Primavidas, porque é que esta história nunca foi partilhada comigo? *Sobretudo* se foi uma Morgana? Porque me diriam Lorde Davis e os Mestres Merlins que um Mago Real nunca foi deposto se, de facto, isso já tivesse acontecido? E aqui mesmo, ao Mago Real do próprio Davis?

— Talvez seja um encobrimento.

Ele pensa nisso, procurando buracos na minha lógica. Suspira.

— É uma teoria com muitos furos, mas eu iria por aí. Se aquele ataque foi iniciado por algum dos nossos, isso explicaria o motivo de ter sido tudo ocultado e de ninguém me ter dito fosse o que fosse. E levar-me a sair *seria* a melhor maneira de chegar a Nicholas. — Coça o queixo. — O que eu não entendo é o *timing*. Se seguirmos a tua teoria do Mago Real, porque iriam atrás da tua mãe quase três décadas depois? *Ela* não foi a razão pela qual esse Merlim foi destituído, e ela não estava associada à divisão. Além disso, porquê darem-se ao trabalho de aparecer e hipnotizar-te? Se essa pessoa tivesse realmente matado a tua mãe, nem precisava de se encontrar contigo.

Os meus ombros descaem. Parece que temos todas as peças do *puzzle*, mas a imagem não faz sentido. O que significa que não temos todas as peças. Há qualquer coisa que nos falta.

Sel olha para o relógio.

— Temos tempo — murmura —, se nos despacharmos.

Vai até ao armário e pega nas botas tão rapidamente que parece um borrão. Antes de eu ter tempo de dizer seja o que for, avança até à janela, destranca-a e abre-a para o ar noturno. Pousa as duas mãos no parapeito e olha para mim por cima do ombro.

— Vem cá.

Levanto-me e vou até ele.

— Porquê?

— Porque sim.

Agarra-me pela cintura num piscar de olhos e atira-me por cima do ombro até que eu esteja pendurada nas suas costas, de frente para o chão. Contorço-me, mas antes que consiga protestar, Sel enrola um braço com força ao redor das minhas coxas, pressionando-as contra o peito. Onde quer que as nossas peles se toquem, sinto uma corrente de eletricidade.

— Por favor, diz-me que não estás prestes a saltar da janela!

— Não estou prestes a saltar da janela — diz ele.

Depois, sobe para a janela e… salta.

38

Aterra como um Merlim — os pés são leves e os joelhos amortecem o impacto —, mas o ombro dele cava-se nas minhas ancas e o meu estômago ameaça despejar-se por toda a sua coluna vertebral. A minha clavícula direita arde com uma dor profunda.

— Põe-me no chão!

Ele grita por cima do ombro:

— Queres respostas ou não?

— Claro que quero respostas!

— Então temos de nos despachar.

— Não me vais levar assim! — disparo, apontando para a minha ligadura. — Escorada nas tuas costas como um saco de batatas…

Ele dobra-se e deixa-me cair de pé, não me ajudando em nada quando, desorientada, tropeço e quase caio. Em vez disso, solta um suspiro lento e frustrado.

— Como gostarias que eu te carregasse? O que vos agradaria mais, Pajem Matthews?

Bufo e ponho-me a andar à volta dele, a avaliar as opções, ignorando o seu olhar de sofrimento prolongado.

— Cavalitas.

— Como?

— Ouviste bem.

— Como naquele filme…

— Cala-te.

— Bruta.

— Arrogante.

Ele move-se rapidamente, virando-se e puxando o meu braço ileso ao mesmo tempo até eu ficar pendurada nas suas costas, tal como lhe pedi. Agarro-me por

instinto, e ele faz um barulho gargarejado, puxando-me o antebraço de onde o esmaguei, na maçã de Adão.

— Preciso de respirar — murmura, antes que a sua voz se torne sardónica. — Não sou realmente um vampiro.

Afrouxo ligeiramente o aperto e afasto as mãos dele da minha pele, onde a sensação elétrica me está a subir pelos braços. Ele ajeita-se até ter as mãos por baixo das minhas coxas, carregando-me como se pesasse tanto como uma folha de papel.

— Agarra-te bem. — Uma pausa. — E mantém a boca fechada.

— Porque é que tenho de manter a boca fechada?

Ele ri-se, segurando-me um pouco mais para cima.

— Insetos.

É o único aviso que recebo antes de ele começar a correr.

Da última vez que Sel me levou a correr pelo *campus*, eu estava quase fora de mim, com medo das raposas infernais e do fogo mágico. Desta vez, parece-me completamente diferente. Desta vez, é *estimulante*.

Ele é rápido, sem dúvida. Não tão rápido como o uchel, mas muito mais rápido do que qualquer ser humano.

Pergunto-me se se está a esforçar para manter a viagem mais tranquila, porque o meu ombro mal se mexe.

A estrada de gravilha, as árvores e as luzes passam por nós numa mancha de cores, e depois ele vira para uma estrada pavimentada que serpenteia por um dos bairros históricos onde vivem os professores. Tenho apenas um vislumbre de uma mansão de tijolos de dois andares ao fundo de um beco sem saída, e, um segundo depois, estamos num quintal. Sel solta-me as pernas e eu deslizo para baixo, desta vez balançando apenas ligeiramente.

— De quem é esta casa? — pergunto enquanto ele avança para a porta de trás e se agacha.

— Esta — levanta um tapete de borracha desgastado, tateando o chão até encontrar uma chave — é a casa onde eu e o Nicholas crescemos.

Olho para a casa com novos olhos. E com um novo e crescente horror.

— Não posso entrar aí.

Ele escarnece.

— Porquê?

— Porque é invasão de propriedade.

— Eu fui criado aqui. Os Davis acolheram-me quando tinha dez anos.

— Mas… — gaguejo, a tentar materializar a hesitação em palavras. — Porque não esperamos que o Nick e o pai voltem do aeroporto e perguntamos pessoalmente a Lorde Davis?

— Porque não confio que Lorde Davis nos diga a verdade — diz simplesmente. Nada no seu tom revela rancor ou desprezo. É a mera afirmação de um facto.

— Porque não? Não foi ele que te criou?

— As duas coisas não se anulam. E a razão pela qual não confio nele é porque aquele homem é Ajuramentado até aos dentes, tal como eu. Ele jurou executar a vontade dos Regentes através de um Juramento de Serviço, assim como eu o jurei aos Lendários. Podíamos perguntar-lhe o que sabe, mas, se as tuas teorias forem verdadeiras, os seus Juramentos obrigá-lo-iam a mentir para guardar os seus segredos.

— Mas *porque* é que estamos em casa deles?

— Esta é a casa de *Lorde Davis*. O Nicholas já não vive aqui. Estamos aqui porque o pai dele é o Vice-Rei da Divisão do Sul, porque eu tenho uma excelente audição e porque o papel velho tem um cheiro diferente do novo. E por acaso sei que Lorde Davis mantém registos e arquivos históricos da divisão fechados no seu escritório.

— Porque é que o Nick não me trouxe aqui antes?

— O Nicholas rejeitou a história da Ordem, por isso não sabia onde procurar. A verdade sobre a história da tua mãe com a divisão pode estar aqui. Porque hesitas, Matthews?

Porque Nick e eu devíamos fazer isto juntos, penso. Sel observa-me, à espera de uma resposta.

— Não me parece certo.

Sel suspira e olha para o céu.

— Temos uma hora, no máximo, antes de eles voltarem. Vai ser mais rápido se me ajudares a procurar, mas se a tua *moral* estiver a atrapalhar, podes dizer ao Nicholas que te trouxe aqui contra a tua vontade e ficas no quintal. — Gesticula

atrás de mim. — Tens ali um velho baloiço. Cuidado com as farpas. — Vira-se para a porta com a chave.

Detesto a forma descontraída como me dispensa, mas quero respostas. E se Lorde Davis não for de fiar?… Quando é que vou ter outra oportunidade como esta? Nick vai entender se lhe contar tudo assim que estiver de volta, não vai? Balanço de um pé para o outro, indecisa, enquanto Sel abre a porta e desaparece lá dentro.

Reparo que deixou a porta aberta. Praguejo por entre os dentes e sigo atrás dele.

Tropeço duas vezes a subir as escadas da cave e embato contra as costas de Sel quando chegamos ao andar principal. À medida que o sigo pelo átrio, ele murmura:

— Não acredito que pensei que fosses uma Cria das Sombras.

Faço-lhe uma careta que ele não vê.

Ele move-se facilmente pela casa, contando tanto com a familiaridade de uma longa residência quanto com a sua visão noturna de Merlim. Olho para a forma escura das costas de Sel enquanto ele segue em direção às escadas num passo mais demorado — por minha causa, tenho a certeza.

— Porque não podemos acender as luzes?

— Porque os vizinhos são bisbilhoteiros.

A luz é filtrada a partir de uma janela no segundo piso, por isso tenho alguns vislumbres da divisão e reparo nas imagens emolduradas dos dois rapazes que estão penduradas na escadaria ao nosso lado. Nick com um equipamento de futebol americano infantil, de sorriso rasgado. Sel num recital de violino, parecendo magro e sisudo, mesmo em criança. Fico dividida entre uma profunda curiosidade e a sensação de estar a violar a privacidade de Nick.

Assim que chego ao topo das escadas, os faróis LED brilhantes de um carro de luxo brilham através da grande janela. Sel agarra-me a mão e puxa-me para baixo quando o carro se aproxima. Os dedos dele são cinco pontos quentes que se afundam nos meus ossos, e eu grito, recuando. Sel fita-me, confuso. O meu coração martela-me contra o peito, tão alto que os seus ouvidos sensíveis têm de

o ouvir. O carro passa. Uma porta de garagem levanta-se, mas é a porta da casa do lado. Soltamos a respiração em uníssono.

Começo a levantar-me, mas ele empurra-me para baixo, com a palma da mão em cima do meu ombro ferido.

— Espera até eles entrarem.

Quando a porta da garagem se fecha, Sel observa o ponto do meu punho que comecei a esfregar com a outra mão.

— Não te toquei no braço ferido, nem te agarrei assim com tanta força. Porque é que gritaste?

— Não sei — respondo com sinceridade. — Senti uma corrente elétrica. Tipo estática, mas pior.

Várias perguntas trespassam-lhe o rosto antes que decida qual delas proferir.

— Não me chegaste a responder: aquela noite na pedreira. Sentes alguma coisa quando olho para ti?

Ponho-me de pé para alargar a distância entre nós, hesitante, de repente, quanto à partilha desta parte das minhas habilidades. Não lhe disse que o seu olhar me afeta, ou a qualquer outra parte mais sensorial daquilo que sou capaz de fazer.

— Sim.

Ele levanta-se também. Olha para mim como se estivesse a tentar ver dentro da minha cabeça e a avaliar o seu conteúdo.

— Explica.

— Vai parecer estranho.

— Estranho é relativo.

O eufemismo do ano.

— Quando olhas para mim, sinto… um formigueiro. Quando estás chateado, os teus olhos são como faíscas.

Sel arqueia as sobrancelhas. Um estranho tipo de tensão atravessa-lhe os ombros — parece ira, mas não é bem isso. Sel parece querer fazer mais perguntas, mas, ao invés, vira no corredor.

— Temos de nos despachar.

Sigo atrás dele até que, a meio do corredor, sinto um cheiro familiar. Detenho-me. À minha direita há uma porta aberta, e de repente entendo *porque* fui atraída

até ali. É o quarto de Nick. O esquema de cores é semelhante ao do quarto dele na Sede — azuis e brancos na cama de solteiro a um canto e nas cortinas de xadrez. Há uma pequena secretária e duas estantes de livros.

— Não temos tempo para ficares a bisbilhotar o quarto de infância do teu namorado.

Sel parece irritado.

Dirijo-lhe uma careta na escuridão, sabendo muito bem que Sel a pode ver, mas apanho-o no fim do corredor. Junto-me a ele em frente a uma larga porta de madeira.

— Provavelmente devia ter pensado em fazer isto antes — diz ele com uma pontada de desgosto.

Tira os dois anéis de prata da mão esquerda e enfia-os nos dedos vazios da mão direita, para que todos os dedos menos o polegar tenham anéis.

— Devias ter pensado nas tuas joias?

Ele fita-me pelo canto do olho.

— Não, em invadir os registos de Lorde Davis. E, para tua informação, a prata conduz melhor o éter.

Conjura uma pequena e brilhante esfera de éter na palma da mão, deixando-a girar, e concentra-se nela até que esta se transforma num pequeno planeta rodopiante com nuvens brancas à deriva na superfície.

Arqueia as sobrancelhas. A bola muda de forma, esticando-se numa lâmina muito fina e translúcida. Enquanto observo, a lâmina endurece em camadas, tornando-se mais densa a cada segundo, até formar um ponto afiado, com a base ainda a girar na mão de Sel. Ele enrola os dedos à volta do cabo e puxa a lâmina para debaixo da junta da porta, até que o trinco se solta. A porta destranca-se com um clique silencioso.

Sel diz que temos mais ou menos uma hora até ao regresso de Nick e do pai. Volto a perguntar-lhe se podemos esperar, pedir a Nick que nos ajude, e ele fita-me com severidade antes de apontar para o outro lado do escritório de Lorde Davis, onde há pelo menos quatro armários de arquivos encostados a uma parede.

— De que é que andamos à procura, ao certo?

— Registos, informações sobre membros, relatos de testemunhas, qualquer coisa que alguém possa ter documentado sobre os ataques.

Dividimos para conquistar, com Sel a ocupar um lado da sala e eu, o outro. Demoro mais tempo com um braço ferido, mas uso os dedos da mão direita para segurar as páginas soltas. Dez minutos depois, Sel diz:

— Fazes-lhe bem, sabes?

Ambos sabemos exatamente a quem se refere.

Abre outra gaveta.

— Ele sempre foi presunçoso, mas agora tem um objetivo. Antes de tu apareceres, desafiou o pai para provar a si mesmo que não se importa com o que o homem pensa. Agora ele está realmente a considerar o legado que costumava rejeitar.

É a minha vez de troçar.

— O Nick *não se importa* com o que o pai pensa. Ele fê-lo para evitar o Artur.

Sel ri-se.

— Tenho a certeza de que é nisso que ele acredita, mas eu conheço-o desde que usávamos fraldas. Ele ressente-se do pai e detesta a educação que teve. Depois da partida da mulher, Davis mimou o filho de todas as formas possíveis. Cedeu às suas birras e fantasias. Permitiu que o nosso futuro rei virasse as costas ao resto de nós.

— Mas…

— Acredita no que te digo — suspira Sel. — Não importa o que uma criança abandonada diz. No fim de contas, a verdade é só uma: um dos pais ficou e o outro deixou-o.

— A mãe dele não o deixou. Ela foi levada.

— A mãe dele fez uma escolha. Ela conhecia os riscos. — Uma pausa. — E isso não a impediu.

Detenho-me. A minha mãe foi-se embora, mas ela nunca teria escolhido deixar-me, ou correr o risco de nos separarmos. Esta é a minha verdade, uma verdade que não tinha considerado até agora.

Volto a guardar o que tenho na mão e avanço para a próxima.

— Bem, se vocês os dois são tão parecidos, porque é que ele te detesta tanto? Eu sei como se sente em relação aos Merlins em geral, mas tu eras uma criança

quando a mãe dele foi hipnotizada. Não tiveste nada que ver com isso.

Sel agarra numa pasta grossa e senta-se no chão com ela, falando sem levantar os olhos.

— Quando eu era mais novo, a minha mãe foi morta por um uchel durante uma missão. Depois disso, o meu pai humano afundou-se no álcool e nunca mais saiu de lá.

Pestanejo, atordoada com a naturalidade com que me conta a sua história e com quão familiar aquele tom me parece. Por vezes, dizemos as coisas horríveis de uma só vez porque dizê-las devagar é demasiado doloroso.

Se um uchel matou a mãe de Sel, então não admira que ele tenha ameaçado matar-me. Francamente, estou surpreendida por se ter contido.

— Os Regentes mudaram-me para uma escola de Merlins nas montanhas, mas quando fui Ajuramentado para o Nicholas, o pai dele acolheu-me. Enquanto os meus próprios pais estavam ausentes, Davis foi simpático e generoso. Não muito depois de eu ter aparecido, o Nicholas começou a ver os elogios e a atenção do pai como um jogo de tudo ou nada. E como eu era obediente, acabava por receber essas coisas. — Encolhe os ombros. — Com o tempo, o ciúme tornou-se raiva, a raiva tornou-se rancor.

Pondero por um momento.

— Para vocês os dois?

Sel exala e olha para mim, pensativo.

— Talvez.

Sentamo-nos em silêncio por um momento antes de ele continuar, com a voz embargada de memórias.

— Achava o Nicholas incrível. Ele era tudo o que eu não era: brilhante, extrovertido, popular. Heroico. Fazia tudo parecer tão fácil. Ainda o faz. Queria ficar ao pé de tudo aquilo. — Suspira. — Provavelmente foi por isso que me apaixonei por ele.

Oh.

— Eu não sabia que… tu… ele…

— Eu tinha treze anos. Já ultrapassei há muito tempo. — Sel solta uma gargalhada sarcástica, ainda debruçado sobre um armário de arquivos. — E todos se apaixonam pelo Nicholas, Bree. Faz parte do seu insuportável encanto.

Quero saber mais, apesar dos sentimentos complicados que esta conversa me está a causar, e Sel responde antes de eu poder fazer perguntas.

— Há muita bagagem entre mim e o Nicholas. Nunca haveria espaço suficiente para deixar crescer mais alguma coisa. — Sel faz uma careta para os papéis que tem nas mãos. — Quando agora penso nessa paixoneta, lembro-me de tudo o que sacrifiquei na vida para proteger um pirralho mimado que nem queria a própria coroa… e sinto-me *inteiramente* grato por ter seguido em frente, para pessoas mais maduras.

— Como a Tor? — indago sem pensar.

Sel vira-se para mim, arqueando uma sobrancelha.

— E não só.

Uma mistura confusa de ciúme, curiosidade e *desejo* redemoinha-me no estômago.

Sel volta-se para o trabalho.

— Mais alguma pergunta pessoal, ou podemos voltar a procurar um mago perverso e assassino?

Abro a boca para lhe lançar outra pergunta quando o seu corpo se torna completamente rígido.

— O que foi?

— É isto — sussurra, e puxa para fora do armário uma grossa pasta verde recheada de papéis. — Tem o selo confidencial dos Regentes. «Documentação e declarações ajuramentadas sobre uma série de ataques demoníacos no *campus*» — lê. — Tem vinte e cinco anos. 'Bora lá.

A viagem de regresso à casa dele é igualmente rápida, mas desta vez estou nas costas de Sel enquanto ele salta para a grade do segundo andar e depois se apoia num parapeito para nos impulsionar até à sua janela aberta.

Uma vez lá dentro, deixa-se cair no chão e espalha a pasta aberta, empilhando as folhas de papel em fila. A forma descontraída como se senta e os movimentos deliberados das mãos apanham-me desprevenida, mas depois lembro-me de que, apesar de Sel ser um Mago Real, continua a ser um jovem universitário de 18 anos. Continua a ter de estudar e fazer os trabalhos de casa e escrever artigos, tal como nós.

Alguém bate uma porta ao fundo do corredor, e ouço vozes. Está quase a amanhecer.

Ajoelho-me à frente dele.

Acho que é agora. Este é o momento em que descubro o que aconteceu à minha mãe e o porquê. E quem é o responsável.

Pego no topo da pilha de papéis com uma mão trémula, mas Sel já encontrou aquilo de que precisamos: um depoimento ligeiramente amarelado, de três páginas e escrito à mão num registo formal.

Levanta os olhos para mim com a questão a bailar-lhe no olhar. Assinto e Sel lê em voz alta:

9 de abril de 1995
Confidencial e Classificado

A/c Honrados Suseranos e Magos Senecais do Alto Conselho de Regentes da Ordem da Távola Redonda

Vou dar início a este depoimento sem equívocos de qualquer tipo. A Divisão do Sul da Ordem da Távola Redonda falhou nas suas funções. Como solicitado, este relatório pessoal detalha de forma linear e pela minha perspetiva os acontecimentos que ocorreram desde a semana passada até ao dia de hoje. Escrevo isto com o entendimento de que os factos aqui descritos serão arquivados nos registos da Ordem.

Na sexta-feira, 31 de março, a nossa Merlim alertou os Herdeiros de Gawain e Bors da aparição de um sarff uffern parcialmente materializado. Os dois Herdeiros despacharam a serpente com sucesso, conforme registado nos nossos arquivos, e presumimos que teríamos descanso até à aparição seguinte.

Quatro dias mais tarde, sem que disso tivéssemos conhecimento, abriu-se um grande Portal perto da boca de ogof y ddraig. Uma dúzia de cŵn uffern parcialmente materializados surgiu. Em poucos minutos, a nossa Merlim alertou-nos da presença inimiga, e despachámos todos os seis Herdeiros, cada um com um Escudeiro bem treinado, além da nossa Merlim. Tínhamos a certeza de que seríamos capazes de destruir as criaturas; a nossa arrogância foi o nosso erro.

Antes da nossa chegada, seis Unanedig já tinham sido eviscerados. Os Cysgodanedig – as Crias das Sombras – estavam coordenados e dividiam-se em três grupos quando nos

detetaram, dando-lhes tempo para se tornarem completamente corpóreos. No decurso da perseguição a estes três grupos, mais oito Unanedig foram mortos. Em todos os casos, derrotámos as bestas e transformámos os seus corpos em pó, mas não o pudemos fazer com discrição. Trabalhámos com a rede Vassal no campus e fora dele para encobrir a verdadeira natureza das mortes e enquadrámos as perdas como um acidente devido a uma explosão de gás. Todas as famílias foram indemnizadas pelos cofres da Ordem por intermédio do departamento jurídico da universidade.

Há quinze testemunhas Unanedig sobreviventes. A nossa Merlim hipnotizou-as a todas, e mantivemo-las aqui na Sede, mas, como sabeis, as memórias hipnotizadas devem ter o mesmo peso das originais. O choque e a natureza gráfica dos ataques impediram que a hipnose se fixasse. Percebemos demasiado tarde que precisávamos da ajuda dos Regentes.

Com a ajuda dos Merlins dos Regentes, as testemunhas foram hipnotizadas e libertadas com sucesso. Cada testemunha tem um ficheiro, aqui anexo, com mais pormenores em relação às providências a que foi sujeita.

Ainda que este relato seja trágico por si só, receio ter de acrescentar mais detalhes desagradáveis para completar o registo. Os membros Regentes e os Merlins, na sua sabedoria e devido direito, procederam imediatamente a uma investigação do incidente, as suas origens e a resposta dada pela divisão. As nossas ações e falhas, tal como aqui descritas, foram registadas pela comissão. No entanto, no decurso da investigação subsequente, novas informações vieram à tona e devastaram a nossa divisão.

Foi descoberto que a nossa Merlim e Maga Real, Na...

Sel para de ler abruptamente, o rosto aflito.

— O que foi?

Os seus olhos voltam a examinar a carta, dando voltas e voltas enquanto o sangue lhe foge do rosto.

— Sel? Selwyn?

Estico o braço para pegar no papel e ele não me contraria quando lho arranco dos dedos. A mistura de horror e choque a contorcer-lhe a face, a martelar-lhe a beleza, transformando as suas feições belas, trespassa-me como uma lâmina fria no coração.

— Lê.

A sua voz normalmente sonora arranha o silêncio da sala.

— Talvez…
— Lê, Bree — repete, um comando feroz entrelaçado nas suas palavras.
Assinto.
Leio a história da mãe dele.

Foi descoberto que a nossa Merlim e Maga Real, Natasia Kane, abriu o Portal usando um ritual arcano e sangue Cysgodanedig que ela própria adquiriu especificamente devido à sua força e capacidade para abrir Portais daquela extensão. A Maga Real Kane não justificou o seu abominável comportamento e negou as descobertas da investigação. Em retrospetiva, talvez devêssemos ter considerado a possibilidade do envolvimento de Natasia no momento em que o primeiro Portal foi encontrado; está bem documentado que quanto mais poder os Merlins possuem, mais sucumbem à sua natureza antinatural e demoníaca. Natasia é o produto de uma cuidadosa seleção de linhagem Merlim, e é a feiticeira mais poderosa de uma geração. Mas fomos influenciados pelos seus dons e não esperávamos que a sua corrupção se manifestasse tão cedo. Nas semanas que antecederam o ataque, Natasia foi consumida por uma obsessão com os Cysgodanedig. Estava tão certa de que um goruchel tinha atravessado que se tornou paranoica, irracional e até desconfiada dos próprios membros da divisão.

A sentença habitual por traição desta magnitude e a exposição intencional que resultou em morte(s) é a eliminação forçada. Mas, na verdade, nem os Regentes estão seguros de que a eliminação seja possível, dada a afinidade invulgarmente forte de Natasia com o éter. Como tal, Natasia ficou confinada numa das prisões mais fortemente guardadas dos Regentes.

A Regente Ross informou-me de que a perda da sua linhagem seria um golpe nos nossos esforços contra os Cysgodanedig, daí que, no caso de a sua estabilidade regressar sob um trabalho de reabilitação, os Regentes venham a considerar a possibilidade de oferecer uma liberdade condicional temporária para que ela possa gerar um herdeiro. Qualquer criança que ela venha a produzir terá de ser Ajuramentada em período precoce e criada sob forte supervisão.

Numa nota pessoal, gostaria de deixar registado que conheci Natasia durante a maior parte da minha vida. Não tenho a certeza do que significa o facto de eu, o seu encargo, não ter sentido as suas intenções. Talvez ela as tenha escondido de mim para me proteger o

melhor que podia. Ofereço esta possibilidade e perspetiva na esperança de que ajude no tratamento justo que receberá enquanto estiver sob a custódia da Ordem.

Os Regentes pediram-me que escrevesse este relatório para que possa servir de lembrete a outros da Linhagem. Foi pedido que deixasse registado que, ainda que as habilidades dos Merlins com o éter detenham as chaves para a missão da nossa Ordem, a sua maldição do sangue cambion requer vigilância constante.

O Merlim Isaac Sorenson concordou em assumir o nosso posto aberto de Mago Real. Os Regentes aconselharam que todos os registos de Natasia Kane devem ser eliminados. Também concordaram, a pedido nosso, que as outras divisões devem permanecer desconhecedoras da culpa por detrás de tais incidentes; caso contrário, o relatório poderia gerar contenda e desconfiança dentro da nossa Ordem.

Vosso sincero servo das Linhagens,
Martin Davis, Herdeiro de Artur

Adenda I: Cinco anos desde o incidente
Natasia Kane tem exibido vários anos de estabilidade. Será libertada em regime de liberdade condicional e vigilância.

Adenda II: Doze anos desde o incidente
Natasia Kane exibiu uma recaída dos sintomas do sangue. O Alto Conselho de Regentes tomou medidas para a remover de serviço e devolvê-la ao confinamento. O seu jovem filho será admitido numa academia Merlim residencial em Asheville, na Carolina do Norte, e vigiado pelos Mestres na faculdade. Há a esperança de que, sob forte supervisão, possa ser criado como o próximo Mago Real da Linhagem de Artur, e unido ao meu próprio filho, Nicholas.

Olho para cima e vejo Sel a abrir e fechar os punhos, repousados sobre os joelhos. A sua respiração é ruidosa, sufocada, como a de um homem que se afoga em terra firme.

De todas as verdades horríveis e possíveis, esta é uma que nunca poderia ter imaginado.

39

Nunca pensei que a perda da mãe de alguém pudesse estar tão ligada à minha própria perda. Ou que essa perda andasse de mãos dadas com a morte, a destruição e um destino horrível. A mãe de Nick, de Sel, a minha. Quantas mães foram levadas pela Ordem?

Quero dizer alguma coisa, oferecer *alguma coisa* a Sel, mas a tensão no seu corpo e a tempestade que se acumula no seu olhar gritam-me que fuja. Que fuja antes que a bomba expluda, antes que o edifício expluda.

De repente, Sel está de pé. Vai até ao fim do quarto, as costas da mão encostadas com força à sua boca, como se não confiasse no que pudesse escapar de si mesmo. Preciso de usar todas as minhas forças para me manter sentada quando ele pontapeia a porta do seu armário, quebrando a madeira.

Percebo que estou a assistir a um luto igual àquilo que corresponderia ao esmagamento de Sel de uma assentada. A dor súbita, aguda e devastadora da perda está a rasgá-lo por dentro mesmo à minha frente. Lembro-me do sentimento. Lembro-me da dor que gera. As páginas caem-me da mão.

Não me lembro de me levantar. Não me lembro de ir ter com ele. Só sei que os meus braços o envolvem. O seu corpo torna-se duro como pedra assim que sente o meu toque, e o seu cheiro a fumo e a uísque rodopia à nossa volta, pesado e ardente, mas eu não o largo.

— Lamento — sussurro-lhe.

Ele não responde, mas os seus músculos relaxam ligeiramente. Pergunto-me quanto tempo terá passado desde o último abraço que recebeu. Ficamos assim até que a sua respiração abranda.

Quando finalmente fala, a voz dele é grave:

— Chamaste-me monstro uma vez.

Os meus braços caem e eu afasto-me, a voz marcada pelo desespero.

— Eu estava zangada. Eu… eu não quis dizer aquilo.

Ele vira-se, e os seus olhos vermelhos varrem as minhas feições. Um momento depois, uma sombra cruza-lhe o rosto e a sua boca dobra-se num pequeno sorriso pesaroso, como se me quisesse admoestar e chamar-me mentirosa. Eu procuro por lágrimas, mas ele não as derrama. Os seus olhos assumem uma expressão distante e assombrada.

— Talvez tenhas tido razão. Aparentemente, nasci de uma.

Nunca ouvi Sel falar desta maneira. Atordoado como se não estivesse de todo aqui comigo. Quero confortá-lo, mas parece que não me compete oferecer conforto, dada a história familiar. Porém, ainda assim, sou o motivo pelo qual ele descobriu esta história. O motivo pelo qual permanece ali parado, vazio e despedaçado.

A culpa é tanta que me sufoca.

— «Para que ela possa gerar um herdeiro…» — sussurra ele, com os olhos compenetrados.

Estremeço perante o linguajar frio. A esperança e a expetativa de que a sua mãe gerasse uma criança — uma arma — para a Ordem enche-me de um terror nauseante.

Ele estremece e pestaneja, como se tivesse acabado de se lembrar da minha presença. Inspira profundamente e olha, por cima do meu ombro, para a pilha de papéis. Quando exala, o Sel frio, calculista e distante está de volta, a sua análise é seca.

— Parece que me mentiram, provavelmente para minha própria proteção. O que significa que não havia uchel nem missão. Libertaram-na durante algum tempo e levaram-na quando teve uma recaída. Suponho que eu era demasiado novo para ver que ela se estava a perder, ou demasiado admirador das suas capacidades.

Custa-me vê-lo armado em Sherlock Holmes no meio da sua própria devastação. Abro a boca, mas ele corta-me a palavra.

— De qualquer maneira, ela está viva. — A voz falha-lhe na revelação. Depois volta a respirar fundo. — Mas presa há vários anos, por isso não é a nossa culpada. E, ao que parece, eu herdei a sua propensão para a paranoia, por isso talvez não haja nenhuma toupeira, talvez nunca tenha existido. Quanto à tua demanda, a tua mãe pode ter sido uma das testemunhas.

Já tinha pensado nisso, claro, mas…

— Sel…

Ele passa por mim.

— Temos de descobrir o que aconteceu à tua mãe — diz ele sem rodeios. Agacha-se e empurra o relatório para o lado, folheando os outros papéis do arquivo.

Ajoelho-me ao seu lado e pouso-lhe uma mão no antebraço, ignorando o pequeno chiado entre a nossa pele. Ele estaca sem olhar para mim, os músculos duros por baixo dos meus dedos.

— Sel.

A sua voz cai num registo destinado a assustar e intimidar.

— Não faças isso. — Mas ouço o desespero contido na sua voz. Uma pausa. Depois, baixinho: — Por favor.

Reconheço aquele som. É o som de alguém agarrado à beira de um precipício pelas unhas. O som de mal conter uma dor tão imensa que olhar para ela, levantar a própria carne e examinar o que está por baixo é correr o risco de cair numa escuridão da qual se sabe que nunca se escapará.

Atinge-me então a consciência de que vim até aqui em nome da minha mãe e da verdade, mas a dor de existir sem ela, a ferida profunda no meu próprio peito, não melhorou. Apenas mudou de forma.

Sem palavras, tiro a mão do seu braço. Os ombros dele descaem, como se tivesse acabado de se libertar de um peso, e volta a mexer nos papéis.

— Aqui. — Bate com o indicador num monte de papéis unidos por um clipe. — Estas são as testemunhas que foram hipnotizadas. São só alunos. Parece estar por ordem alfabética.

As primeiras testemunhas da minha pilha são todas brancas. Estudante de psicologia. Jogadora de futebol. Aluna de teatro. Depois viro a página e tudo para quando vejo a cara dela.

Sel repara nas minhas mãos trémulas.

— Encontraste-a?

As palavras não saem porque não há palavras.

A sua fotografia de estudante deve ter sido tirada assim que chegou à universidade, porque as suas feições estão relaxadas e vivazes com a promessa de

aventura. Os vincos nas suas bochechas e nos cantos dos olhos, aqueles das gargalhadas e do tempo, ainda não se formaram. Os seus olhos castanhos perspicazes olham para a câmara como se a desafiassem num concurso que sabia que venceria. O cabelo alisado e enrolado nas pontas. Nada como os caracóis curtos que viria a adotar ao longo dos meus dez primeiros anos.

— Quase me tinha esquecido de como era — sussurro.

A voz de Sel é suave.

— O que diz o ficheiro?

Trémula, respiro fundo e avanço para o resumo de uma página.

— «Testemunha onze. Faye Ayeola Carter, dezanove anos. Estudante do segundo ano. Graduação em biologia e opcionais em química.»

Sel solta um assobio.

— Graduação em biologia e opcionais em química? Parece doloroso.

Ouço o orgulho silencioso da minha própria voz.

— Isso é que é uma cientista.

— Que mais é que diz aí?

Continuo a ler.

— *O Herdeiro de Owain e o Escudeiro Harris encontraram a Mna. Carter e dois outros Primavidas (ver os arquivos de nome Mitchell e Howard) perto de ogof y… ddraig*? O que é isto?

— Ogov uh frêh-egg. — Sel corrige a minha pronúncia. — O «dd» galês lê-se quase como um «f». Significa «caverna do dragão». A caverna fica no centro da rede de túneis. Continua a ler.

— *… perto de ogof y ddraig, encurralados por um cão infernal. Assim que a criatura foi morta, os três Primavidas foram levados sob custódia…*

Sel suspira, frustrado.

— Tenho a certeza de que vieram porque quiseram, depois do choque de ver um cão infernal completamente corpóreo. Provavelmente tiveram de os sedar primeiro. — Fito-o e ele encolhe os ombros. — É o protocolo.

Suspiro.

— *… levados sob custódia e trazidos de volta para a Sede. Uma vez alteradas as suas memórias, a Mna. Carter e os outros foram monitorizados sob custódia da divisão durante um dia para assegurar que a hipnose havia funcionado, e foram libertados. Tal como com as outras*

testemunhas, a Mna. Carter será monitorizada durante o seu tempo no campus *pelos membros da Ordem e ser-lhe-á designado um Merlim de campo quando se formar.*

— E o resto?

Sel aponta para uma tabela sob o resumo escrito.

Percebo quase imediatamente de que se trata a tabela.

— Entradas. São todas datadas como num relatório, com colunas para datas, horas, localização, e uma pequena secção para anotações. — Aponto para uma das primeiras linhas. — «1 de maio de 1995. 10h31. Biblioteca estudantil, UNC-CH. Trabalho com a Mna. Carter para um projeto de grupo de final de semestre para a nossa cadeira LING INTERM. Passámos várias horas com ela esta semana. Mesmo com algumas leves indagações sobre eventos no *campus*, ela não menciona nem recorda o ataque do mês passado.»

Sel emite um som baixinho.

— Eles não se limitaram a observá-la, também a testaram. Quantas entradas há?

Viro a página. E volto a virar. E outra vez ainda.

— Deve haver dezenas de páginas aqui. Pelo menos uma entrada por semana durante o primeiro ano; depois, uma vez por mês após a formatura… Ela foi vigiada durante *anos*.

— Proteção de testemunhas — murmura ele. — Mais ou menos. — Pigarreia e tira-me o calhamaço das mãos, folheando com o polegar até ao fim. — Vamos ver o que diz a última entrada.

Engulo em seco, sentindo um nó no estômago.

— Muito bem.

Sel faz uma pausa, o seu dedo repousa na última folha. Baixa a cabeça para me olhar nos olhos.

— Esta é a última página — diz ele, mas ouço o verdadeiro significado por detrás daquilo que diz.

Sei o que está realmente a perguntar-me: *Estás pronta?*

O coração martela-me no peito e o sangue flui-me pelos ouvidos como um oceano. Estarei pronta? Comecei esta missão preocupada em descobrir a verdade e convencida de que nada podia ser pior do que não saber. Mas agora?

Os olhos de Sel são pacientes e selvagens, o que não é de admirar: acabou de descobrir a sua própria e horrível verdade.

— Lê.

— Treze de maio de 2020. 09h18. Hospital do Condado de Bentonville, Bentonville, Carolina do Norte. A Sra. Carter foi morta num acidente com fuga perto da sua casa às 20h47 de ontem, 12 de maio. Fui alertado da sua morte por um Vassalo que trabalha no departamento da polícia local. A fim de confirmar a morte da Sra. Carter, assumi a identidade de um agente da polícia. Ela deixa para trás o marido, Edwin Matthews, e uma filha adolescente. Tal como registado nos registos anexos, a Sra. Carter nunca mostrou indício algum de memórias recuperadas ou conhecimento dos incidentes. Como tal, não nos deu, no passado ou no presente, motivos para iniciar protocolos de contenção. Esta é a entrada final no ficheiro da Testemunha Onze.

Sel passa-me o papel, mas afasto-o com um gesto. Não lhe consigo tocar.

Não consigo respirar.

— Foi este o Merlim que viste?

Arrasto os olhos até uma pequena fotografia recortada no verso do ficheiro. Basta um segundo para estar de volta ao hospital com novos detalhes a preencher os espaços em branco. Boca fina, sobrancelhas espessas, olhos azuis. O crachá a brilhar sob a luz.

Tudo dentro de mim se revira e recua, torce e aperta, até parecer que todo o meu corpo é um nó feito de chumbo, pesado e venenoso. Um gemido grave e doloroso escapa-me, terminando num soluço sufocado. Só consigo assentir quando lhe respondo.

Sel estica a mão para me consolar, mas fecho os olhos com força. Depois disso, ele não volta a tentar tocar-me.

— Lamento, Bree.

— É isso — digo, cansada, com uma estranha dormência a dominar-me o corpo. Uma gargalhada seca escapa-me da boca numa lufada, e abro os olhos. — Agora já sei.

Pensei, quando soubesse a verdade, que iria sentir-me melhor. Que as coisas iriam parecer bem. No seu devido lugar. Mas não. Continua tudo igualmente errado, tudo outra vez.

Levanto-me e avanço em direção à porta.

— Bree, espera. — Sel vem atrás de mim. — Consegues sentir o éter, vê-lo, percebê-lo, mas também resistes à hipnose. Se a hipnose não funciona em ti, talvez também não tenha funcionado na tua mãe.

— Sim. — Sinto a garganta apertada. — Já tinha pensado nisso.

— E?

— E? — disparo de volta, a lutar contra as lágrimas. — Não percebes? Ela foi *esperta*. Como *eu* devia ter sido desde o início. Ela escondeu. Escondeu-se sempre que um desses Herdeiros ou Escudeiros fingiu ser seu amigo para a «testar». Ela escondeu o que sabia durante vinte e cinco anos, para que este pseudoclube medieval, este delírio feudalista, todo este… mundo fodido em que vocês vivem nunca a encontrasse!

Sel parece querer dizer qualquer coisa, mas pensa duas vezes. Ótimo. Não há nada que me possa dizer que seja capaz de melhorar este momento.

O meu peito parece prestes a explodir.

— Ela escondeu-mo. Ou pelo menos tentou. Mas não funcionou, porque sou uma filha egoísta e *tinha* de vir bisbilhotar até aqui.

— Bree, tu não és… — começa Sel, mas eu não o deixo terminar.

As palavras saem-me num soluçar furioso.

— Ela não queria que eu encontrasse a Ordem. — Viro-me, a rosnar para Sel. — Porque não queria que eu me tornasse num alvo, mas eu fi-lo à mesma. — Ele estremece, mas não me importo. Puxo a minha *T-shirt* para baixo, exibindo o hematoma roxo ainda a convalescer na clavícula, da prova de ontem. — Não queria que me magoasse, mas mesmo assim magoei-me. Cheguei aqui com o rascunho de um plano e nenhuma ideia do que estava a fazer…

A minha voz falha.

Vejo palavras de conforto a pairar inutilmente nos lábios de Sel. Quer ajudar-me, mas não sabe como.

Eu sei.

A ideia desenrola-se na minha mente como uma corda desfiada e esfarrapada atirada para dentro de um poço. Sei, logicamente, que escalar aquela corda é um erro, mas, neste momento, qualquer coisa é melhor do que ficar aqui. Seja o que for.

As palavras saem-me da boca num suspiro desesperado.

— Fá-la desaparecer.

Sel parece estarrecido.

— Quem?

Dou um passo na sua direção.

— Não quero mais isto. — Outro passo. — Não quero continuar a sentir isto.

A compreensão inunda-lhe as feições, e depois há uma expressão dolorida, desgostosa.

— Bree, não.

Suplico-lhe.

— Tu consegues fazê-lo. Por favor. Eu não vou quebrar a hipnose. Vou… vou deixar que aconteça.

Quando me aproximo dele, os seus lábios contorcem-se numa expressão semelhante a repugnância.

— Não me peças para fazer isso.

— Se não a posso ter, não me quero lembrar dela.

— Não estás a falar *a sério* — sibila.

— Nunca falei tão a sério na minha vida!

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

Sel respira fundo, firme na sua decisão.

— Mesmo que eu quisesse… — Abana a cabeça. — Não sou suficientemente poderoso. Quanto mais antiga ou mais traumática a memória, mais forte tem de ser a substituta. Medidas equivalentes. Memórias de igual peso.

Memórias de igual peso. Não *existem* memórias que possam equivaler a este peso. E a última hora acaba de as tornar mais pesadas.

É aí que desmorono. Rebento. As lágrimas escorrem-me pelas bochechas e a respiração vem em soluços irregulares. Sel observa-me com uma expressão triste, desamparada. Quase como se estivesse preocupado comigo, a sofrer por mim… mas se isso for verdade, será mais uma com que não consigo lidar.

Abro a porta e disparo a correr para o corredor, deixando a porta bater atrás de mim.

A princípio, Sel deixa-me partir. Chego ao átrio e à porta da frente antes de ele se aproximar. Consigo sentir o seu olhar cravado na minha nuca.

— Deixa-me em paz, Sel!

Ele pousa uma mão no meu ombro esquerdo.

— Não estás em condições de ir para casa sozinha.

Afasto-lhe a mão bruscamente, mas ambos sabemos que a única razão pela qual ele me solta é porque assim o decide.

Sel permanece parado no átrio, uma sombra com olhos penetrantes, e de repente tudo se torna claro. Ele nasceu para este mundo, para o melhor e para o pior. E Nick e os Herdeiros e os Escudeiros e os Pajens… eles cresceram dentro das lendas da Ordem. De repente, tudo o que vejo são as centenas de anos de história que não me pertencem. Uma guerra que não me pertence.

— Eu nunca deveria ter vindo aqui.

— Bree…

Ele volta a esticar a mão para mim no momento em que abro a porta da frente — e fico cara a cara com Nick.

40

Nick leva apenas um segundo a reparar no meu rosto manchado de lágrimas, a mão de Sel no meu ombro e o próprio atrás de mim. Russ e Felicity, ao lado de Nick, esboçam expressões preocupadas no momento em que a mão de Sel cai.

— O que se passa aqui? — pergunta Nick.

A minha respiração falha ao ver a expressão de Nick. Deteto o início de uma emoção forte, incisiva, no seu olhar, expandindo-se como uma lâmina.

— Tenho de ir para casa.

Preparo-me para o contornar, mas ele agarra-me pelo cotovelo antes que consiga avançar dois passos.

— O que… porquê? — O seu olhar dardeja entre mim e a expressão impassível de Sel, dirigindo toda a sua fúria para o Mago Real. — O que é que lhe fizeste?

— Não lhe fiz nada — responde Sel, cansado. — Mas não estou à espera de que acredites em mim.

— Ele não… ele não fez nada — confirmo, libertando-me das mãos de Nick.

Abro caminho por entre ele e Russ, em direção às escadas.

Nick segue atrás de mim.

— Então porque estás a *chorar*?

Viro-me.

— Tenho de ir para casa. Não consigo estar aqui agora. — Olho para Felicity. — Podes levar-me a casa, Felicity, por favor?

— Eu posso levar-te — insiste Nick.

Não consigo olhar para ele.

— Felicity? Por favor.

Ela olha de Nick para mim, de volta para Sel e depois para Russ.

— Russy, podes ir buscar o meu carro?

Russ não hesita. Percorre os degraus de pedra em direção à garagem da Sede.

— Bree!

— Deixa-a ir, Nick — diz Sel da porta, e eu e Nick congelamos.

Nick. Não Nicholas. Os olhos de Sel encontram os meus. O nosso olhar cruza-se por uma fração de segundo, muito depressa… mas Nick percebe. Essa fração de segundo é o suficiente para Nick ver algo novo entre mim e o seu Mago Real. Algo que não consigo explicar neste momento, nem sequer a mim própria. Quando Nick se volta para mim, a confusão crua e a dor nos seus olhos esmagam-me o coração.

Balbucio, tento começar várias frases, mas nenhuma delas se forma na minha boca. As palavras são confusas e não sei por onde começar. Fico a olhar para ele sem uma resposta. Por fim, digo a única coisa que podia fazê-lo compreender, e faço-o com a voz a falhar em cada palavra.

— Foi apenas um acidente.

É a coisa errada a dizer.

Nick aproxima-se, a voz suave e magoada.

— O que é que foi apenas um acidente, B.?

Ele não sabe que me refiro à minha mãe. Pensa que me refiro a algo com Sel.

Oh, Deus. Não. Não foi…

Há movimento no interior da Sede. Atrás de Sel, vejo Tor e Sar, ambas em pijama. Uma multidão começa a reunir-se. Todos vão saber. Todos me vão ver assim.

Desvio o olhar e fixo-o em Nick, a respiração entrecortada, e volto a tentar, porque ele precisa de compreender.

— O carro — sussurro, com as lágrimas a arder-me nos olhos. — Aquela noite. O hospital. Ninguém… apenas… um acidente.

À medida que a compreensão o assoma, o sangue abandona-lhe o rosto. A devastação que ali vejo é toda por minha causa, por causa da minha dor. Mas se o aceitar, se permitir que me alcance, hei de estilhaçar-me. Sei-o. Nick aproxima-se, mas levanto ambas as mãos e ele retrai-se. Aquele simples gesto — empurrá-lo para longe — parece quebrá-lo tanto quanto me quebra a mim.

— Como? Como é que tu… — Para. Volta-se para a porta da Sede, de onde Sel nos observa, a sua cara inescrutável. Desta vez, quando Nick me encara, os seus olhos carregam uma acusação pétrea. — Com *ele?*

— Desculpa — sussurro, andando de costas no relvado. — Isto foi tudo um erro.

Ouço pneus no cascalho. Russ estaciona o *Jeep* de Felicity atrás de mim. Nick abana a cabeça.

O ruído do motor do carro é suficientemente alto para impedir que os Lendários que estão no átrio me consigam ouvir. Mas Nick consegue… E Sel também.

— Não posso continuar aqui.

O ar abandona o peito de Nick num fluxo entrecortado. Ele sabe que não me refiro apenas a esta noite. Sabe que me refiro ao futuro.

— Não, espera! — Nick abana a cabeça, com o desespero a reluzir-lhe nos olhos. — Por favor. Eu preciso de ti. Tens de saber que eu te escolheria. Eu quero-*te*, Bree. Se Camlann estiver a chegar, eu quero-te.

O peso no meu estômago aumenta, espalhando-se por todos os meus membros. As palavras parecem pesadas e espessas na minha garganta, mas digo-as na mesma.

— Não. Não queres.

Entro no carro e deixo-o para trás, sozinho, paralisado no cascalho enquanto nos afastamos.

PARTE QUATRO

ESTILHAÇOS

41

O meu telemóvel toca tantas vezes naquele dia e no dia seguinte que me limito, passado algum tempo, a bloquear o número de Nick.

Depois é Sar quem tenta. William. Greer. Whitty. Bloqueio-os a todos, um a um. Dói, mas a dor parece certa. Necessária. Como se o merecesse por os ter feito perder tempo.

Arranquei o colar de Nick mal cheguei a casa, e enterrei a corrente e a moeda debaixo das meias da gaveta.

Julgava-me corajosa por enfrentar a Ordem. Por perseguir a verdade. Mas sempre que fecho os olhos, tudo o que vejo são os rostos das pessoas a quem menti para lá chegar.

A minha mãe não perseguiu a Ordem ou a sua guerra.

A minha mãe não partilhou a sua Raiz. Nem comigo nem fosse com quem fosse.

O mínimo que posso fazer, depois de a ter desafiado de tantas maneiras, é seguir-lhe os passos, finalmente.

Forço os dias seguintes a passar num borrão. Concentro-me apenas no que tenho à minha frente.

Aulas, estudar na biblioteca, refeições com Alice, noites sem dormir. Repetir.

Não uso a ligadura em público, para que ninguém me faça perguntas. Alice faz perguntas seja de que maneira for. Digo-lhe que caí durante a iniciação.

Patricia cumpriu a promessa de ligar ao meu pai e de lhe dizer que não devíamos prosseguir com as consultas, mas que me deseja tudo de bom. Sei-o porque ele me liga a perguntar se quero falar sobre isso. Digo-lhe que não.

Ando pelo *campus* à espera de ver Nick ou Greer ou mesmo Sel numa fila do refeitório ou no meio das árvores. Não é que esses sejam locais onde seja habitual vê-los; penso que é uma regra dos Lendários, evitarem-se uns aos outros no

campus. Mas eles podiam encontrar-me… se quisessem. Torna-se muito mais fácil para mim, o facto de não o quererem.

Acho que posso fazer o que a minha mãe fez. Viver no esquecimento, sem preocupações com o mundo, como toda a gente. Talvez os nossos caminhos tenham sido diferentes, mas eu e a minha mãe chegámos à mesma conclusão.

Tenho de os esquecer, porque recordar é demasiado perigoso.

— … Talvez depois da aula?

— Hum?

Mastigo a bolacha mergulhada em doce de mirtilo enquanto leio o *The Daily Tar Heel*. Até esta semana, nem sabia que a UCN tinha um jornal escolar.

— Bree.

— Sim?

— Estás a sujar-te toda.

— O quê?

Alice aponta para o meu colo onde três piscinas quentes de manteiga se expandiram até se transformarem em lagos que se estendem da secção do horóscopo até um artigo sobre as eleições para a associação de estudantes. Uma migalha de bolacha cai da minha mão para o centro de um lago de manteiga, e depressa se afoga.

— Raios.

Afasto o papel enquanto ela disfarça uma gargalhada por detrás da chávena de café.

Permiti que Alice me arrastasse da cama para fora mais cedo do que o normal, pelo menos segundo as minhas próprias regras. «Assim podemos mesmo tomar o pequeno-almoço» é o tipo de argumento que apenas parece razoável se vier de Alice. Alice, cujos pais a acordavam às seis e meia da manhã, mesmo aos *fins de semana*.

— Ouviste alguma coisa do que acabei de dizer?

— Não?…

Ela pousa a caneca e fita-me demoradamente. Um *claque-claque-c-c-claque* chega-nos do outro lado do refeitório, onde os alunos despejam as bandejas usadas e vazias num tapete automático com diferentes graus de cuidado.

— Tens andado estranha a semana toda.

Olho para a minha tigela de papas de milho com queijo e encolho os ombros.

— Só estou concentrada em coisas da universidade. Tive um dezasseis no teste de literatura, por isso é claramente justificado. O que estavas a dizer?

— Um dezasseis? Matty, nunca tiraste menos que vinte em literatura na tua vida toda. O que se está a passar? — Alice inclina a cabeça e olha-me nos olhos. Após um momento de silêncio, suspira, franzindo a boca e o nariz ao mesmo tempo. — Eu disse que sei que não tens um vestido para a gala deste fim de semana. Devíamos ir às compras depois das aulas. Há uma tonelada de *boutiques* na Baixa, e eu vi algumas promoções.

Olho para o lado e mordo a bochecha.

— Sim, sobre isso. Eu não vou.

Alice inclina-se para trás e fita-me como se a minha pele tivesse criado escamas.

— Desculpa, *como* é que é?

Pestanejo.

— Decidi não continuar naquele grupo. Portanto, não vou…

— Ah, sim, claro. Lamento informá-la de que teve um lapso temporário de bom senso. Essas coisas acontecem, e vou tentar não te fazer sentir péssima quanto a isso. Mas vais a esta gala.

— Alice, eu não quero ir.

— Tu vais à gala, Matty, nem que eu tenha de te enfiar num dos vestidos da Charlotte! — diz Alice, o olhar férreo por trás das armações.

Suspiro e dobro o jornal gorduroso o melhor que consigo em cima do tabuleiro.

— Tu não compreendes.

Alice cruza os braços.

— Compreendo que, de repente, deixaste de falar com um rapaz giro que te adora, sem explicares porquê, e parece que ele não fez nada de mal. Compreendo que tens um convite para um evento gratuito que pareces querer deitar ao lixo. E compreendo que implorei aos meus pais para que me deixassem ficar no *campus* este fim de semana só para te poder ajudar a arranjares-te, e, sinceramente, Bree, nós éramos demasiado totós no secundário para permitir que desperdices uma oportunidade como esta!

Observo-a, boquiaberta.

— O que é que te deu?

— Dezasseis anos de filmes da Disney que eu sei que viste tanto quanto eu. Então, o que se passa realmente?

— Eu não quero ir! — Falo alto o suficiente para fazer Alice recuar, e as duas raparigas que estão sentadas atrás de mim viram as cabeças para nós. Puxo a mala por baixo da mesa e começo a fechá-la. — E tenho de ir para a aula.

A Alice olha para mim enquanto abana a cabeça.

— Não é assim que funciona, Matty.

— O que é que não é assim que funciona?

— Isto. — Aponta para mim. — Há umas semanas, estavas toda entusiasmada com esse grupo, não paravas de trocar mensagens com esse tal Nick, ias à terapia, ficavas na rua até tarde. E esta semana tudo isso acabou? Voltas para o quarto mais cedo do que eu? Passas mais tempo a estudar do que *eu*? Lês o jornal da universidade? E eu *sei* que não tens dormido. — Volta a abanar a cabeça. — Não é assim que funciona.

— Primeiro ficas chateada comigo por não levar a universidade a sério e agora estou a levá-la demasiado a sério? — escarneço. — Há umas semanas, também chegava a casa a chorar. É isso que queres?

— Claro que não. Mas… esta semana estás um *zombie*. Sabes do que precisas?

Ponho-me de pé e suspiro.

— Vais dizer Jesus?

— Não. — Aponta para mim. — Homeostase.

— Acabaste de me citar… biologia?

— Acabei, sim.

Não sei mais o que dizer. No fim, desisto.

— Tenho de ir — murmuro.

Pego na bandeja e saio, ignorando o olhar de desilusão no rosto de Alice.

Nessa noite, deito-me na cama com a janela aberta, a fazer *twists*[8] no cabelo e a ouvir os gritos e as conversas na calçada movimentada lá em baixo. Old East fica perto do perímetro norte, por isso suponho que todas as semanas conseguiremos ouvir os alunos a sair dos terrenos do *campus* para os bares e discotecas. Por um

momento, pergunto-me se vou ouvir Lendários. Talvez voltem à cervejaria para celebrar o fim das Provas.

Forço-me a imaginar a gala, apesar de me doer. Uma grande sala, centenas de pessoas em traje formal. Um palco. Quando imagino Nick de *smoking* e laço, encolho-me em posição fetal na cama, carente. Inclino-me sobre a visão para me lembrar da perda. Vejo-o. Alto, lindo e — por um breve momento, um instante, um batimento cardíaco — meu.

Do outro lado da sala, os roncos de Alice são ligeiros e ritmados. Sei que ela tem razão. Não tenho homeostase. Não tenho equilíbrio, seja qual for o estímulo. Patricia sabia-o, viu-o e preferiu afastar-se.

Descobri que a minha agonia é insaciável. Não quer a verdade. Nem pouco mais ou menos. Só se quer alimentar de tristeza até que não reste nenhuma outra emoção.

O meu pai liga-me antes das oito da manhã de sexta-feira. Ele sabe que as minhas aulas começam mais tarde, mas raramente me liga antes do meio-dia, especialmente tão perto do fim de semana, quando a sua loja está mais movimentada.

— Pai? — atendo, com o telemóvel entre o ouvido e o ombro enquanto visto umas calças de ganga.

— Olá, filhota. — Espero ouvir o tilintar pesado de uma ferramenta a cair no betão e o zumbido agudo de uma chave pneumática, mas não ouço nada disso. — Estás ocupada?

— Não. A minha primeira aula é às dez. O que se passa?

— Anda tomar o pequeno-almoço comigo. Ofereço eu.

Rio-me.

— Quem me dera.

— Estou a falar a sério, filha. Vem ter comigo cá abaixo e traz os teus livros.

Congelo.

— Estás aqui?

— Sim. No parque de estacionamento.

— Porquê?…

— Oh, passei por aqui.

É uma viagem de quatro horas, e se ele está aqui, significa que tirou um dia de folga, não que estava a «passar por aqui». Fecho os olhos e suspiro.

— Alice.

— É uma boa amiga — diz ele, com uma gargalhada calorosa. — É melhor que te despaches antes que um destes polícias dos parquímetros me passe uma multa.

O meu pai trabalhou com carros a vida inteira. Começou a vender na oficina antes de se tornar gerente há dez anos. Ainda arranja um ou outro de vez em quando, o que se percebe nos resquícios de sujidade sempre presente que tem sob as unhas curtas e nas ténues impressões digitais de gordura nos estofos da porta do carro. Ele tem a minha altura e é encorpado, e, se não estiver a usar um polo e calças caqui, é porque está de macacão e boné. A sua pele é castanho-escura e terrosa, da cor das agulhas de pinheiro quando secas. Sorri quando abro a porta do lugar do passageiro e todo o seu rosto se ilumina até que os olhos se encarquilhem nos cantos.

— Cinto de segurança.

Os olhos varrem-me a cintura e depois fixam-se no espelho retrovisor enquanto saímos do estacionamento. Hoje, traz um fato de treino às riscas pretas e azuis. Boné branco com o símbolo azul dos Tar Heels.

O carro cheira a casa. Fico à espera de sentir a pontada de dor no peito, e sinto-a, mas é seguida de afeto.

A Waffle House tem um cheiro espesso a xarope processado e a café velho. A maioria das mesas vazias alinha-se à parede à nossa esquerda, e um balcão cinzento sarapintado segue pela direita. Os murmúrios, o chiado da churrasqueira na cozinha e a música baixa da *jukebox* lembram-me de que há vida fora da UCN. A mulher que está atrás do balcão mal olha para cima quando entramos.

O meu pai leva-nos até à mesa vazia que parece menos pegajosa. A almofada vermelha nas costas da cadeira chia quando nos sentamos, e há uma constelação de migalhas espalhadas sobre a mesa rangente.

Uma empregada de mesa aproxima-se com uma das mãos enfiadas no avental preto; a outra segura um par de ementas manchadas.

— O meu nome é Sheryl. Vou atendê-los hoje. Aqui está a ementa. Podemos começar com algumas bebidas?

Ela puxa por um bloco de notas e aguarda, observando-nos por baixo de uma viseira preta.

O pai vira a sua ementa uma vez e depois volta a entregá-la a Sheryl.

— Café, por favor. Abatanado. E vou querer uma *waffle* com presunto defumado e uma dose grande de batatas *rosti* com cobertura.

— E você, querida?

Também devolvo a minha ementa.

— Um copo grande de sumo de laranja. *Waffle* de noz-pecã com batatas *rosti* cozidas, apimentadas e com cobertura, por favor.

O pai espera até que Sheryl esteja do outro lado do balcão antes de se recostar e de me olhar nos olhos. O silêncio é interminável. Do tipo que torna tudo o que é dito em seguida mil vezes mais alto.

Evito o seu olhar e inspeciono a coleção de condimentos à beira da mesa. São os do costume: molho *barbecue*, *ketchup* e mostarda *Heinz*, sal, pimenta e um açucareiro pesado o suficiente para que se faça musculação com ele. Torço o nariz para o frasco de pimenta *Tabasco*; para mim, é molho picante *Texas Pete*, ou nada feito. Graças a Deus, há um frasco pequenino no canto.

— Vou ter de te obrigar a falar?

A voz do meu pai é grave e comedida, mais lenta em pessoa do que ao telemóvel. Liberta aquela parte de mim que tento manter escondida na universidade, mesmo que o que me diga me faça contorcer na cadeira, desconfortável.

— Estás a subornar-me com batatas *rosti* para não teres de o fazer?

— Estou.

— Golpe baixo.

— A vida é cheia de golpes baixos. — O tom dele torna-se sisudo. — Vou ter de te perguntar outra vez?

Engulo em seco.

— Não, senhor.

Ele funga, agradecendo a Sheryl com um aceno de cabeça quando ela chega com as nossas bebidas. Tenho o lábio de baixo a tremer. O peito comprimido.

Não quero voltar a mentir. Não posso. Mas não posso arriscar contar-lhe a verdade. As mãos da Ordem — e os meus erros — ainda me apertam o pescoço, e pressionam quando bem lhes apetece, sufocando-me. As lágrimas que tenho segurado desde que ouvi a voz do meu pai ao telemóvel inundam-me os olhos, e baixo a cabeça para o meu sumo de laranja numa tentativa de as esconder.

— Bree — diz meu pai, gentilmente. Estica a mão enrugada na minha direção, por cima da mesa. Abano a cabeça, recusando-me a olhar para ele. — Olha para mim, filha. Se quiseres, voltamos agora para casa. Tiro-te daqui ainda hoje, mas espero bem que não seja por estares com medo daquele diretor.

Olho para ele, perplexa, enquanto Sheryl nos traz a comida.

— O quê?

— A Alice contou-me que te tens matado a estudar, que não tens sido tu mesma. Não te deixei ir para a UCN para enterrares a cabeça na areia. Eu ouvi o tom petulante do sou-melhor-do-que-vocês daquele homem. Não quero que estejas a fazer tudo isto por causa dele.

Quando acaba de falar, está a espalhar manteiga nas *waffles* com estocadas firmes e furiosas.

O meu pai nunca foi para a faculdade. Não chegou a ter essa oportunidade. Mas, neste momento, pergunto-me se gostaria de ter ido, ou se chegou a tentar e encontrou o seu próprio diretor McKinnon.

— Não, não é por isso — murmuro. — Consigo lidar com as aulas, e a última vez que ouvi falar do diretor foi no dia em que ele te ligou.

— Bem, então porque tens andado tão em baixo? Foi por causa da terapia? Porque, se for, podemos arranjar-te outra psicóloga. — Corta um pedaço da *waffle* e junta-o a um pedaço de presunto defumado. Antes de o levar à boca, o meu pai aponta para o meu prato com o garfo. — Come antes que fique frio.

Pego no molho *Texas Pete* e espalho-o por cima das batatas, pensativa. E surge-me uma pergunta.

— A mãe alguma vez te falou da avó?

As sobrancelhas hirsutas de pelo grisalho do meu pai levantam-se e ele suspira profundamente, voltando a recostar-se na cadeira desgastada.

— Não muito. A tua avó morreu quando ela era nova. Dezoito ou pouco mais, penso eu. Já tinha falecido quando eu e a tua mãe nos conhecemos. — Olha pela

janela, o olhar distante. — Eu percebia que a morte da tua avó lhe pesava muito, sabes? Mesmo muito.

Isto surpreende-me. Eu sabia o básico sobre a minha avó: era cabeleireira num salão no Texas, onde a minha mãe foi criada. Não tinha irmãos. Morreu de cancro. Eu sabia da sua existência, mas quase nunca vi a minha mãe a sofrer a perda dela.

— Ela nunca disse nada.

Sorri ao pegar no frasco de *Texas Pete*.

— Ela não o demonstrava assim. Via-se na forma como te criou. — Sorri, batendo no frasco de *Texas Pete* até quase o esvaziar por cima das batatas. — A princípio não reparei, mas ela começou a ter estes ataques de nervos quando tu tinhas, quê, dez anos? Onze? Limpavas mal o quarto ou esquecias-te de levar o lixo… não fazia diferença, fosse o que fosse, ela chateava-se contigo por causa disso. Imagino que te lembres.

— Isso não é… normal entre os pais?

Ele encolhe os ombros.

— Os pais negros têm pressionado os seus filhos desde sempre. Os meus pais eram assim. Sei que a tua avó também, mas a tua mãe… era outro nível. Fazia um esforço por se controlar quando estavas por perto, mas em privado? — Assobia. — Ansiosa, irritadiça. De vez em quando, assustada mesmo. Tinha pesadelos em que tu te magoavas ou eras raptada. Alguns anos depois, as crises foram piorando e ela demorava ainda mais tempo a acalmar-se. Houve um dia, quando tinhas treze anos e te esqueceste de guardar o leite no frigorífico, lembras-te? A tua mãe ficou três dias com aquilo entalado. Foi quando finalmente me virei para ela e disse: *Faye, ela é apenas uma criança! É normal que cometa erros!*, e ela disse que só te queria deixar preparada, certificar-se de que serias capaz de sobreviver sozinha.

Sinto um aperto no peito. *Ela sabia?*

O meu pai lê a minha expressão.

— Acho que a tua mãe temia ter de te deixar demasiado cedo, tal como aconteceu com a tua avó.

Inspira profundamente e atira os ombros para trás. Nesse momento, sei que estamos a pensar no mesmo.

Que ela tinha razão.

As minhas mãos enxugam as lágrimas que me escorrem silenciosamente pelas bochechas. *Ela sabia o que custava.*

Ele olha pela janela, a voz carregada de luto e remorso.

— No nosso tempo, não havia terapia nem coisas do género. Não era algo comum entre negros, nem sequer se falava disso. Se dissesses alguma coisa, mandavam-te logo para a igreja… — Suspira, balançando a cabeça. — Enfim, quando te inscreveste na UCN, foi como se a represa que ela tinha dentro de si… se rompesse. E tudo aquilo, toda a sua luta, toda a sua preocupação, caiu em cima de ti.

— Porque ela nunca quis que eu viesse para cá.

— Ou talvez não estivesse pronta para te deixar ir e ficou chateada quando a tentaste convencer. Mas aquela discussão não foi culpa tua, Bree. Nem dela. Todas as coisas que a tua mãe estava a guardar para si, a esconder… Foi por isso que insisti para que começasses um acompanhamento psicológico. Para que tivesses um pouco de paz e para que talvez deixasses tudo aquilo para trás.

O meu pai bebe um gole do café frio, faz uma careta e depois faz sinal a Sheryl. E eu observo-o com um novo olhar. Ele fez tudo isto pensando, planeando e tendo esperanças por *mim*, pela dor daquilo que testemunhou na minha mãe. A morte dela pô-lo numa missão pessoal: salvar a nossa família. E eu nunca tinha reparado.

Nunca me dei ao trabalho de reparar.

Quando Sheryl se afasta, após encher a caneca do meu pai, pergunto:

— Porque é que ela nunca nos tirou daqui? Assim eu nunca teria ouvido falar da UCN.

— De certa forma, acho que a tua mãe mantinha uma relação de amor e ódio com a UCN. Dizia que, independentemente do que sentisse pela instituição, jamais seria capaz de se livrar dela. — Encolhe os ombros. — E tu acabarias por descobrir. E talvez te tivesses matriculado mesmo assim, apenas porque ela o fez.

Tiro um dos guardanapos pequeninos do porta-guardanapos de metal.

— Seja como for, acho que ela tinha razão — sussurro, e limpo o nariz.

Ele levanta os olhos do café fumegante. Está perplexo.

— Como assim?

— Em relação a eu não estar pronta — explico.

Ele cerra os olhos e pousa o café.

— Percebeste mal. Tudo mal. E eu que pensava que a minha filha era esperta, porque ela estava errada. Nunca teve que ver com estares pronta ou não, filha. Tinha tudo que ver com ela.

Cerro o maxilar, inflexível.

— Para de tentar fazer-me sentir melhor.

Ele lança-me um olhar severo.

— A verdade é esta. *Ela* não estava pronta para te deixar enfrentar o mundo. Mas tu *estás pronta*, filha. Ela certificou-se disso.

Ele mexe-se na cadeira para pegar em qualquer coisa que tem no bolso do casaco e tira uma pequena Bíblia quadrada. Reconheço imediatamente o couro castanho gasto e rachado e os rebordos dourados. É a Bíblia da minha mãe. A que levava com ela para todo o lado.

— Vê o que está escrito no fim. — Entrega-ma, e eu aceito-a, empurrando o prato intocado para libertar espaço na mesa. — Provavelmente era uma coisa que ela não queria que ninguém visse, mas… — Encolhe os ombros. — Eu amo-a e sinto a falta dela, e… — Os seus olhos enchem-se de lágrimas. Tenta contê-las e respira fundo. — Acho que ela nos vai perdoar por estarmos a bisbilhotar.

Abro a Bíblia com os dedos trémulos. Sinto que estou a tocar em algo íntimo, privado, e estou. As Bíblias pessoais, embora eu nunca tenha tido uma, parecem-me sempre místicas. Como quanto mais tempo alguém anda com uma, mais o seu espírito vive nas páginas. Ao folhear o papel fino e de letras miudinhas, o cheiro dela chega-me ao nariz: verbena e limão, misturado com um pouco de couro. A última secção está em branco, para anotações. Na última página, numa letra inclinada e com a data do ano passado, está uma pequena nota.

Senhor, ela já é mais forte do que eu alguma vez fui.
Temo que os desafios dela sejam igualmente poderosos.
Temo que o meu tempo esteja a esgotar-se.
Por favor, protegei-a e dai-me forças para a deixar ir.

— Também tenho outra coisa para ti, filha. Está no carro. Volto já. — O meu pai põe o guardanapo de lado e sai da mesa. Assinto e olho para a Bíblia que

tenho nas mãos, deixando que a oferta das suas palavras me perpasse.

A minha mãe carregou muita dor com a sua própria perda. Talvez as mesmas coisas que Patricia disse que eu tinha dentro de mim: luto traumático, Perturbação de Luto Complexo Persistente. E, depois de eu ter nascido, transformou-se em ansiedade. Talvez ela tivesse dito que ia explodir. Talvez ela tivesse o meu medo e a minha fúria. E escondeu-mos o melhor que pôde.

Só de saber que temos isto em comum, saber que os meus sentimentos são um eco dos seus, é uma revelação. Fico triste por ela ter sofrido. Faz-me desejar poder falar com ela sobre isso. Faz-me querer dizer-lhe que a compreendo. Persegui a verdade que andou escondida durante muito tempo e agora descubro que uma das suas verdades vive já dentro de mim. Faz-me sentir mais próxima dela, de certa forma, e neste momento isso parece-me suficiente.

Quando o meu pai regressa, está a rir-se baixinho.

— Pensei em doar as roupas dela. Tu sabes que ela tinha roupa a mais. E sapatos, meu Deus!

Sorrio.

— Grande responsabilidade. Talvez tenhas de fazer algumas viagens até ao centro de doações.

— Sim — responde com um suspiro. — Fazer isso é outra coisa. O Rich Glover, lá da loja, perdeu a mulher no ano passado. Ele disse que, assim que te livras da roupa, é quando sabes que a pessoa realmente se foi embora. — Abana a cabeça. — De qualquer maneira, fui ao armário no outro dia e encontrei isto. Pensei que talvez a quisesses.

Ele entrega-me uma caixa quadrada de veludo azul. Reconheço-a imediatamente: era ali que guardava a pulseira dourada da sorte. Só tinha dois pingentes — um com o meu nome e outro com o do meu pai. Não era uma das suas peças mais bonitas, mas era a de que ela parecia gostar mais. Mesmo agora, o seu cheiro no veludo é forte e vivo, como se nunca tivesse saído. O objeto domina-me, sobrepujando qualquer parte racional do meu cérebro e abrindo um caminho direto para a memória. Puxa-me para um fim de semana de compras com ela no centro comercial, escava a sensação do seu abraço, afunda-me no seu colo quando era criança, leva-me a correr por cada parte das suas mãos frias na minha testa quando eu estava doente. Começo a abrir, mas o meu pai detém-me.

— Abre quando estiveres na residência.

Olho para ele.

— Então vou voltar para a residência? Já não me vais dizer para não me matar a estudar?

— Podes matar-te a estudar, se quiseres. — Lança-me um sorriso. — Não importa o que faças, tens de viver a *tua* vida, filha. Tens de fazer parte do mundo. Era o que ela gostaria que fizesses. — Estica as mãos por cima da mesa e agarra as minhas. — Não vivas a tua vida em função da perda. Vive a vida em função do amor.

Tipo de penteado que consiste em dividir o cabelo em várias secções, «torcer» os fios de cabelo e depois «torcê-los» dois a dois. É uma prática popular em cabelos de textura afro, auxiliando na proteção do cabelo contra a manipulação do dia a dia.

42

Quando volto para a residência depois das aulas, o aperto de remorso no meu peito soltou-se. Largo a mochila no chão e tiro a caixa de veludo da minha mãe, ponho-a em cima da cama, e penso no rosto e nas palavras do meu pai.

Vive a vida em função do amor.

Serei capaz de o fazer? A sério? Quando tento, sinto a falta dela. Sinto a falta da sua voz e do seu sorriso. Sinto falta de a abraçar e de me sentir inteira.

Volto a olhar para a caixa e sinto-me pronta, segurando-a.

— Vive a vida em função do amor — murmuro.

Respiro fundo, abro a tampa — e a sala enche-se de fogo mágico.Uma névoa prateada e dourada dança nas paredes e inunda o teto de luz. Por todo o lado em que a chama me toca na pele, parece a carícia das suas mãos. O meu nariz enche-se dos cheiros fortes, marcantes e quentes da verbena e do limão. Estou de joelhos sem dar por isso, com as mãos a tremer.

Dentro da caixa, a pulseira da sorte da minha mãe pulsa como um coração. Quando as pontas dos meus dedos tocam nos elos dourados, uma voz ecoa na minha mente.

— *Bree…*

Largo a caixa. Estou a ofegar, a sufocar, a soluçar.

— Mamã?…

Quando levanto a pulseira e a seguro nas mãos, os meus olhos fecham-se.

Sou tomada por uma memória.

Estamos no relvado do lado de fora do parque de diversões. Salto sem parar, com uma alegria desenfreada, porque hoje é a primeira vez que lá vou. Gritos distantes sobem e descem ao fundo, ao ritmo da montanha-russa e das chávenas que giram. Já consigo sentir o cheiro a churros. O aroma quente e doce do bolo de funil está tão próximo que quase consigo sentir o gosto do açúcar em pó.

Lembro-me disto. Eu tinha sete anos. A feira anual era uma experiência incrível, da qual os meus amigos falavam com sussurros eufóricos, de fazer inveja. Mas não me lembro de a minha mãe me levar para um banco do lado de fora antes de entrarmos. Nesta memória, ela veste uma blusa branca larga abotoada sob um casaco lavanda. Tem o cabelo alisado puxado para trás. O nosso queixo forte, de traços idênticos, marcado pela tensão.

Ela senta-se à minha frente e esfrega as mãos nas calças.

— É só um minuto, prometo. E depois entramos. — A minha mãe observa um ponto por cima da minha cabeça, como se estivesse a olhar para alguém atrás de mim. Viro-me para seguir o seu olhar, mas ela segura-me o queixo, obrigando-me a encará-la. — Olha para mim, Bree. Depois podemos entrar e comer um churro.

— Está bem! — respondo, e volto a saltitar.

A minha mãe solta uma respiração curta e rápida, e o seu olhar fixa-se em mim.

— A mamã tem de dizer uma coisa muito séria a uma pessoa, como um discurso, mas preciso da tua ajuda para praticar. Pode ser? Ajudas-me a praticar? A mamã vai dizer muitas coisas, e tu só precisas de ouvir, está bem? Como no jogo do silêncio. — Eu assinto e ela estica a mão para a minha cabeça, puxando-a gentilmente para baixo para me beijar a testa. — Linda menina. Obrigada.

Na memória, os olhos dela brilham com emoções que sou demasiado nova para compreender, mas que agora consigo discernir: determinação e um orgulho feroz.

— Muito bem, vamos lá. — Respira fundo. — Bree, se estiveres a ver isto outra vez é porque eu já não estou contigo.

O meu «eu» mais novo abre a boca para perguntar o que ela quer dizer com aquilo, mas a minha mãe abana a cabeça.

— Jogo do silêncio, lembras-te? Estou só a praticar. Sei que é confuso.

Volto a assentir.

Só a praticar.

— Lamento muito, muito mesmo, porque a dor que estás a sentir agora é uma dor que conheço bem, e detesto tê-la causado. Espero que a minha velha pulseira da sorte te traga algum conforto. Não paras de entrar no meu quarto para brincar com ela, por isso disse ao teu pai que queria que um dia fosse tua. Espero que ele não demore a entregar-ta, mas, conhecendo-o bem… talvez demore um pouco.

A minha mãe sorri carinhosamente, mas consigo detetar a tristeza no seu olhar. A certeza daquilo por que meu pai passaria após a sua morte. Ela sabia que ia morrer.

Reclina-se e volta a respirar fundo, para ganhar coragem.

— Vou contar-te o que a minha mãe me contou. Bree. Somos descendentes de uma linhagem de Artesãs de Raiz. Pessoas negras que podem pedir emprestado o poder dos antepassados e usá-lo para curar, ou para falar com os mortos, ou para proteger os outros, ou para adivinhar o futuro, e muito mais. Eu uso o meu poder para manipular a energia das plantas, para curar e fazer remédios.

Não consigo evitar. Interrompo-a.

— Magia? Tipo feitiços?

— Feitiços não. — Ela põe o polegar à frente da boca, a tentar conter uma gargalhada. — Ouve-me apenas, está bem? Fazes isso pela mamã? Normalmente, eu é que te ajudaria com a tua Arte de Raiz, assim como a tua avó me ajudou com a minha, e a mãe dela a ajudou com a dela, mas as coisas são… — Olha para longe por um momento, balançando a cabeça. — … diferentes para ti em relação ao que foram para mim. Por aquilo que todos os praticantes que conheço sabem, se uma criança possui um ramo da raiz, esse ramo, esse dom, manifesta-se cedo. Aos cinco anos, talvez aos seis, com alguma arte pequena, acidental. Foi assim que aconteceu comigo. Com a tua avó. Quando fizeste seis anos, levei-te a visitar uma senhora simpática que vivia no interior. Lembras-te dela? A senhora Hazel? Ela também tem um dom especial, que lhe permite ver a luz e a energia ao redor de uma pessoa. Perguntei-lhe se conseguia ver a arte em ti, e ela disse que não.

Faço uma cara triste e cruzo os braços. O discurso parece mesmo ser para mim.

— Acredites ou não, não ter a raiz não é propriamente mau para a nossa família — diz a minha mãe com um meio sorriso. — Pensei que talvez o nosso ciclo de má sorte tivesse chegado ao fim. Ainda mantenho essa esperança. Não te desejo nada além de uma vida alegre, saudável e normal. Mas… — Suspira, franzindo a testa. — Digo-te isto tudo para teres um seguro… um «seguro» é um plano B, «só para prevenir»… porque, até agora, as mulheres da nossa família nunca foram Artesãs de Raiz normais. Temos algo ainda mais especial dentro de nós que mantemos em segredo. Um dom do qual só nós sabemos, porque os outros praticantes da Arte de Raiz não o aceitariam.

Arte de Sangue. Ela refere-se à Arte de Sangue.

Ela solta um suspiro trémulo e pega-me na mão, inclinando-se para me fitar. Os seus olhos escuros fixam-se nos meus como se eu fosse uma adulta, não uma criança.

— Bree, se estiveres a ouvir isto pela segunda vez, então já sabes a que me refiro. As habilidades subtis, persistentes, como a que acabaste de usar na minha pulseira: visão aumentada que te permite ver coisas que outras pessoas veem. Um olfato apurado, tato, audição, e até paladar, quando há raiz no nosso mundo. Certos encantamentos, que funcionam bem noutras pessoas, não vão funcionar bem em ti, se é que irão funcionar de todo. Estas habilidades passivas permitem-nos detetar um encontro com a raiz, ou magia, ou éter, ou qualquer que seja o nome que os outros praticantes usam, e evitá-lo, se assim o quiseres. E não há nada de errado com isso, Bree, nada mesmo, porque a coisa mais importante que podes fazer neste mundo, a coisa mais necessária, é sobreviver. Não podes fazer nada por ninguém se não cuidares de ti primeiro. Compreendes?

O meu «eu» infantil mantém-se quieto, mas eu assinto.

— Ótimo. Eu penso nessas habilidades como luta ou fuga. O segundo grupo permite que fujas se for preciso, mas, se escolheres marcar o teu território, se quiseres lutar… bem, o nosso dom também te vai ser útil. Mas, antes de falar sobre isso, quero falar sobre os custos dessas habilidades. A razão pela qual não falamos com outros Artesãos de Raiz acerca deste poder é porque foi criado através da Arte de Sangue, em que o poder é tomado para sempre, não emprestado. Alguém, algures na nossa linhagem, selou todo esse poder nos nossos corpos, Bree, e eu não sei quem foi ou como o fez. A tua avó também não sabia. A última de nós a ter conhecimento da origem desses poderes morreu durante o parto e não pôde passar o que aprendeu à filha, o que me leva à próxima questão…

»Dizem que a Arte de Sangue é uma maldição, porque o Universo vai cobrar o seu pagamento de uma forma ou de outra. E, para a nossa família, o custo é que o poder só pode viver numa filha de cada vez. Talvez seja porque todo esse poder nos esgota, não sei, mas nenhuma de nós passa muito tempo com a mãe. O último ato de uma mãe é passar as habilidades para a filha. E é assim que sei que, se estás a ouvir isto agora, é porque já o tens. E se o tens, eu já morri. Sei o que estás a pensar, mas não és responsável por eu ter partido, assim como eu não sou culpada pela morte da minha mãe. Eu sei que agora sentes tudo isso, mas não permitas que esses sentimentos apodreçam dentro de ti. Deixa que a dor seja uma parte de ti, mas nunca o todo. É o que estou a tentar fazer também.

Um soluço escapa de um peito pequeno. O meu.

A minha mãe puxa-me do banco e segura-me nos braços.

— Oh, não chores, querida. Estou só a praticar. Ainda estou aqui. Sei como é confuso.

— Eu não quero que te vás embora…

— Não vou a lado nenhum. Estou mesmo aqui à tua frente. Preciso que sejas corajosa enquanto conto o resto da história. Consegues fazer isso por mim? Sim? Obrigada. Eu disse lutar ou fugir, certo? A parte do lutar só vai acontecer quando realmente precisares, quando estiveres muito zangada ou muito triste e não puderes fugir. Aconteceu comigo uma vez, apenas uma vez. Vi uma coisa na faculdade que não pude ignorar: pessoas inocentes a ser feridas. Escolhi lutar, querida, e valeu a pena. Voltaria a fazê-lo, se fosse preciso. Mas a consequência daquela escolha é ter de me esconder, desde então, de gente que não entende quem somos ou o que podemos fazer. E é por isso que, se houver a mínima hipótese de não teres essas habilidades, vou fazer tudo o que puder para manter isto escondido de ti. Porque, se não souberes de nada, talvez eles não te encontrem. Talvez não sejas atraída para aquela faculdade como eu fui. Mas também é por isso que te estou a contar estas coisas, de uma forma que apenas chegará a ti se e quando realmente precisares de entender quem somos.

»Não vou dizer que aquilo que fiz na altura foi um erro. Fá-lo-ia outra vez, se fosse preciso. Acho que o erro foi deixar que a raiva e a culpa pela morte da minha mãe penetrassem tão profundamente no meu ser a ponto de perder uma parte de mim. Estou a trabalhar nisso. Estou a tentar.

»Quero que saibas que és a melhor coisa que já me aconteceu. Ainda agora, já és mais guerreira do que eu alguma vez fui. Acredito piamente que, se quiseres, consegues mudar o mundo.

Ela segura-me as mãos e aperta-me os dedos como se pudesse empurrar o seu amor para dentro de mim através do toque.

— Quando chegar a hora, se chegar, não tenhas medo. Luta. Arrisca. Segue o teu coração. E segue em frente.

A minha mãe fecha os olhos com força e, quando os abre, estão marejados de lágrimas. Volta a olhar por cima da minha cabeça e assente.

— E ela não se vai lembrar de nada disto até… depois?

— Não.

A voz de uma mulher ressoa diretamente atrás de mim. Volto a virar-me, mas a minha mãe estica as mãos, segurando-me o ombro com força antes que possa ver quem ali está.

— Bree, Bree, olha para mim, filha — diz ela rapidamente. — Olha para mim.

A última coisa que vejo é a minha mãe, a embalar-me enquanto sussurra:

— Amo-te.

Quando regresso da memória, estou ajoelhada. Tudo aquilo, cada palavra, imagem e som, está ali agora, como um arquivo numa gaveta. Como algo que sempre tive, mas que não podia abrir porque não tinha a chave. O fogo mágico na pulseira que tenho nas mãos dissipa-se, mas a sua mensagem ecoa no ar que me rodeia. Deixo que as palavras fluam por mim até que os meus olhos se fechem.

Segue em frente.

Foi esta a mensagem que a minha mãe me plantou na mente para que a usasse quando mais precisasse.

Quando abro os olhos, sei aquilo que tenho de fazer.

43

O ar no cemitério está carregado. Inquieto. Até as folhas nas árvores se sacodem e tremem, como se todo aquele lugar soubesse que estou aqui porque vim buscar raiz.

Espero no talhão não marcado do cemitério depois da última aula do dia, sentindo-me mais ousada do que assustada.

Duas figuras com casacos leves aproximam-se pelo caminho de gravilha. Reconheço Patricia de imediato. À medida que se aproxima, reparo que o seu xaile é cor de cobre, escuro. Ao seu lado, Mariah está de calças de ganga e botas com lã no topo, o seu coque elegante como uma nuvem de caracóis que adicionam pelo menos vinte centímetros à sua pequena estatura. Carrega uma cesta de oferendas, tal como lhe pedi.

— Bree — murmura Patricia, apertando-me num abraço forte que me acalma os nervos. — Fiquei assustada com a tua chamada. Disseste que era uma emergência. Está tudo bem?

Afasto-me e engulo em seco.

— Não, mas vai ficar. Obrigada por ter vindo. Vocês as duas. Sei que a última vez que nos vimos foi um bocado… desculpem. Perdoem-me pelo meu comportamento.

Patricia inclina a cabeça, e os seus olhos analisam o meu rosto antes de assentir.

— Desculpas aceites.

— Da minha parte também. — Mariah passa o cesto para o outro braço. — Desde que me contes o que estamos aqui a fazer. Não é que os cemitérios me incomodem, claro, mas não os visito de forma leviana. — Olha à sua volta. — Se não for cuidadosa, há espíritos inquietos que me podem seguir até casa, e depois vou ter de purificar tudo, e dá um trabalhão… *uh*.

— Preciso que me ajudem a contactar uma pessoa da minha família.

Patricia e Mariah trocam olhares.

— Bree, o que se passa?

Conto-lhes o que aconteceu com a caixa da minha mãe e não escondo nada, nem sequer a Arte de Sangue. Mal termino, segue-se um momento de silêncio no qual o vento revira o xaile de Patricia, os caracóis de Mariah e os meus.

Patricia mantém os olhos fixos em mim, estuda-me, e fico preocupada, temo que se recuse a ajudar-me.

— Mereces descobrir a verdade. Mas, ainda que eu queira, infelizmente não acho que possa ser de grande ajuda. A Arte de Sangue no nosso povo é um tabu tão grande que aqueles que a praticam a mantêm em segredo. Não sei como as tuas habilidades funcionam nem de onde vêm.

— Eu sei. E é por isso que preciso de conversar com um antepassado que mo possa explicar. Quero saber mais sobre quem sou e porquê. — Respiro fundo. — Não me quero perder no passado. Quero abraçá-lo e compreendê-lo.

Mariah encolhe os ombros.

— Conta comigo, mas não posso prometer quem virá para responder ao teu chamado — avisa. — E, mesmo que responda, não se pode garantir quem vai aparecer, lembras-te? Tanto pode ser a tua mãe como outra pessoa.

Apresso-me a responder:

— Na verdade, prefiro que não seja a minha mãe. Preciso de mergulhar mais no passado.

Patricia leva isso em consideração e assente lentamente.

— Muito bem, Bree.

Cinco minutos depois, estamos sentadas num triângulo, as nossas mãos unidas, os nossos joelhos tocam levemente ao redor das oferendas, ao centro. Já que não sei que oferendas os meus antepassados iriam preferir, pedi que trouxessem um cesto de fruta, algumas compotas, um copo de sumo e castanhas. Coisas de que a minha mãe gostava e de que eu também gosto.

Patricia repete as instruções anteriores em voz baixa.

— Concentra-te no teu amor pela tua mãe, para começar.

Mentalizo uma imagem da minha mãe da memória, e quase não há dor, só um borrãozinho nos cantos, como um pedaço de papel queimado. Vejo a minha mãe na cozinha, a cantarolar e a fazer, numa tigela, uma mistura para ovos recheados. Enfia o mindinho para provar e chama-me para o fazer também.

Parece que estamos a fazer magia. Era sempre assim quando cozinhávamos juntas.

Patricia sussurra:

— Agora imagina o amor a estender-se até à tua avó e a estender-se mais além.

— Como um longo fio — murmuro.

Ouço o sorriso na voz de Patricia quando diz:

— Isso mesmo.

Imagino o fio, grosso e apertado, que vai da minha mãe para a minha avó — e é aí que ele para. Não consigo ir mais longe. Estou bloqueada por…

Uma barreira.

Sei que essa imagem, esse modelo interno que eu mesma fiz, era parte do meu *kit* de sobrevivência. Só que não tinha encontrado motivo algum para o derrubar.

Mas agora encontrei.

Agora preciso de o fazer.

Imagino a minha muralha a cair aos bocados, um tijolo de cada vez. Tiro as correntes, o metal, o aço. Descamo tudo até conseguir ver mais além e encontrar o nó apertado, duro, feito de dor, que tenho no meu peito, enrolado em camadas brilhantes de fúria sem fim — a parte de mim a que chamo Bree-de-Depois.

E desfaço-a.

Um fio pela minha mãe.

Um pelo meu pai.

Um por mim.

Desfaço a ira até que ela me percorra as veias como combustível num motor. Deixo que se torne parte de mim, mas não permito que me domine. Uma dor quente, escaldante sob a pele, a língua, as unhas. Deixo que se espalhe por mim — até que não haja mais uma Antes e uma Depois.

Eu sou ela e ela sou eu.

— Já tenho o fio — diz Mariah, animada. — Estou a segui-lo.

Sinto o calor a puxar-me os dedos, como se a maré do oceano estivesse dentro de mim e a fluir para Mariah.

— Estou a ouvir alguém — sussurra Mariah. — Uma mulher.

Respiro fundo e concentro-me no fio. *Por favor, por favor. Por favor, ajuda-me.*

— Ela é poderosa. Tem muito para dizer — diz Mariah, a voz tensa. — Não, muito para fazer. Uau… Uau…

Para de falar de repente e os seus dedos fecham-se como garras à volta dos meus, apertam-me os ossos do mindinho e do indicador. Abro os olhos e vejo os dela a revirar-se, a respiração rápida.

— Mariah? — Patricia inclina-se, mas não quebra a nossa ligação. — Mariah?

Começo a chamar por ela também, quando o oceano me puxa a mão tão depressa que me queima o pulso e os antebraços, e gira num redemoinho quente dentro do meu peito. Grito, mas não me consigo libertar.

Uma voz grave queima-me os ouvidos e a parte de trás das pálpebras. Caracóis brancos, pele da cor do bronze, quase nenhuma ruga, os olhos iguais aos meus e aos da minha mãe. Ela abre um sorriso.

— *Até que enfim.*

É uma sensação estranha, ter outra pessoa, inteira, na nossa pele. Sinto-me como se fosse um aquário humano e que cada passo faz a água da minha avó revolver-se, quase transbordar.

Patricia segura-me o cotovelo.

— Bree? Fala connosco.

— Estou… — Pestanejo várias vezes, como se estivesse em câmara lenta. — Estou bem. Mas sinto-me como se estivesse bêbeda.

— *E como é que sabes como é estar bêbeda?* — indaga a avó, batendo-me nas costelas de alguma forma.

— Ai — digo, e ponho a mão na anca. — É assim que eu me deveria sentir?

Mariah encolhe os ombros.

— Não sei. A possessão é um fenómeno *muito* raro. Nunca aconteceu comigo, pessoalmente, mas o meu tio Kwame está *sempre* a ser possuído. Espíritos familiares ocupam o corpo dele para darem uma voltinha, ou de vez em quando sentam-se dentro dele, e ambos conversam até que o antepassado se vá embora.

— Nem todos os médiuns são possuídos? — indago, o pânico a crescer lentamente.

— Não. A mediunidade é um ramo da Raiz com os seus próprios sub-ramos. São todos diferentes porque os antepassados são diferentes. — Mariah olha-me

nos olhos. — Uaaaaau. Consigo *mesmo* ver a tua avó aí. — Inclina-se para trás e levanta a mão para um *high five*. — Bem-vinda ao Clube dos Médiuns!

Consigo sentir a minha avó a franzir as sobrancelhas em resposta ao seu gesto, por isso faço o mesmo. Tudo isto me deixa meio tonta.

— Obrigada? Não compreendo. Porque não descobri que era uma médium quando era criança?

— Talvez sejam a Arte de Sangue e a natureza original do feitiço. Terias de conversar com um antepassado que o entendesse, e, como a tua mãe disse, precisarias de ir além da tua avó. — Patricia pondera, pensativa. — A tua mãe praticava a Arte Selvagem, que é um ramo diferente. Um poder diferente. Como médium, o *teu* poder está intimamente ligado à morte. Talvez os dois ramos se tenham misturado em ti até se unirem de formas inesperadas. Não tenho a certeza.

Mariah inclina a cabeça, intrigada.

— Mas porque é que os dois ramos não se manifestaram quando a mãe dela morreu?

A resposta surge-me na mente ainda antes de a pergunta chegar ao fim.

— A culpa é minha. — Visualizo mentalmente a verdade desta afirmação. — Aquela noite no hospital foi o nascimento da… de uma versão de mim mesma a que chamo Bree-de-Depois. Foi… — Olho para Patricia e ela abana a cabeça, indicando-me que continue. — Foi o trauma que a criou, mas eu gastei todas as energias que tinha a tentar contê-la.

Patricia assente.

— De vez em quando, o nosso cérebro protege-nos até que estejamos prontas. O mais importante é que já sabes. E agora tens a ajuda da senhora?…

— Charles — respondo.

O nome surge-me na boca como se tivesse sido atirado para lá.

— Senhora Charles. É um prazer conhecê-la — diz Patricia com afeição, o sotaque a fugir-lhe. — Pretende ficar por aqui por muito tempo?

— Não — respondo. — Ela só está aqui para servir de farol. — Faço uma pausa e tento usar a minha visão interior para lhe fazer uma pergunta. — Um farol? — Ouço uma resposta. — Ah, um sinal para uma mãe mais velha. Ela vai passar o pedido para o antepassado que pode mostrar-me como posso controlar

o meu poder e saber de onde veio. Mas ela apenas consegue pedir. Vou ter de esperar por uma resposta. Pode demorar.

Patricia assente.

— Compreendo. É muito generoso da sua parte. Muito obrigada, senhora Charles.

Avanço mais dois passos, e a sensação de transbordar intensifica-se.

— Meu Deus, avó. Não dá para ser mais, tipo, densa?

Sabe-se lá como, ela dá-me um estalo na cara. Pestanejo, o queixo virado sobre o ombro.

— Au!

— *Isto é por invocares o nome do Senhor em vão!*

— Uau. — Fito Mariah. — Sabias que é possível levar raspanetes do Além?

— Se sei! — Mariah abana a cabeça, solidária. — Está sempre a acontecer-me. Horrível, não é?

Concordo.

— Eu só… — Tropeço levemente, com as mãos esticadas em busca de equilíbrio. — Preciso que ela se acalme ou assim. Desta maneira, nunca hei de conseguir chegar a casa.

— Toma. — Patricia corre na minha direção. — Come isto.

Põe-me uma pera na mão e dá-me um copo de sumo. Eu como e bebo, e juro que sinto a boca da minha avó a mexer-se muito depois de a minha já ter parado. Um momento depois, ela parece-me mais bem-disposta, mais bem acomodada, como se tivesse encontrado uma boa cadeira de baloiço lá dentro e decidido descansar um pouco.

— Certo. — Levanto-me, a testar as pernas. Sinto-me cheia, mas não desequilibrada. — Assim já gosto mais.

— Precisas de boleia? — oferece Mariah.

Abano a cabeça da forma mais enfática que consigo.

— Sim, por favor.

Quando Mariah para no estacionamento perto de Old East, detém-me antes que eu saia.

— Lembra-te: tens de manter a concentração. Tens de evitar que ela se derrame, mas mantém-te atenta para que outros antepassados da tua linhagem não te venham bater à porta — avisa, apertando-me a mão. — A parte mais difícil de ser médium é fechar as portas depois de serem abertas. Os espíritos inquietos, ansiosos, procuram formas de entrar, e tu estás agora muito mais vulnerável aos teus antepassados. E não te esqueças de que estamos no Sul; há muitos negros inconformados debaixo da terra.

Assinto.

— Obrigada por me ajudares, apesar de mal me conheceres. Foi… muito importante para mim.

— E é realmente importante — diz Mariah com um sorriso.

Antes de sair do carro, os dedos quentes de Patricia repousam na minha bochecha.

— Obrigada por nos deixares entrar. Estou orgulhosa de ti, Bree. Espero que encontres as tuas respostas.

44

Acordo tarde na manhã seguinte. Alice já saiu e deixou-me uma mensagem no telemóvel: Na biblioteca!

A minha avó ainda está dentro de mim, a dormir.

Pela primeira vez na semana inteira, permito-me sentir a falta de Nick. Vejo a dor no seu rosto e sinto-me envergonhada por ter sido eu a causá-la. O que deve pensar de mim agora? *Que eu o usei*, penso. *Que, mal consegui o que queria, larguei-o a ele e a tudo o que tínhamos encontrado um no outro.* E foi exatamente isso que fiz. Usei-o, aceitei a sua bondade e a de toda a gente. Virar as costas foi mau, mas a forma como virei as costas foi muito pior.

Não consigo seguir em frente com isto a pairar-me sobre a cabeça. Escrevinho uma resposta rápida a Alice.

Ei, tens o número da Charlotte? Vou precisar da vossa ajuda.

Enquanto espero por Alice e Charlotte, aproveito o resto do dia para lavar o cabelo — e, além de funcionar como uma terapia, é a maior prova de amor que consigo oferecer a mim mesma. Lavo, desembaraço, hidrato com uma touca quente, pinto as unhas, vejo um filme enquanto espero, enxaguo. Saio do chuveiro com o cabelo enrolado numa toalha de microfibras e esfrego o espelho embaciado até conseguir ver um sorriso pleno e genuíno na cara. Os nós desembaraçados. O couro cabeludo lavado. Caracóis hidratados e soltos. Cabeça e alma mais leves.

Sentindo-me mais eu hoje do que nos últimos meses.

Charlotte acaba por trazer mais de uma dúzia de vestidos e uma caixa cheia de joias — e não apenas dela. Algumas são de amigas de outros quartos no mesmo corredor e do andar acima do nosso.

— Alguns Kappas e alguns Sigmas — diz ela.

Sinto-me grata por ela ser tão popular. Caso contrário, não teria por onde escolher duas horas antes do baile.

Já estou à espera de que Charlotte tente apurar detalhes sobre a minha necessidade súbita de um vestido. Ainda estamos no início do semestre, altura precoce para a maior parte das organizações e fraternidades organizarem os seus bailes formais. Mas Alice já lhe explicou que é para uma festa mais formal, e a resposta pareceu bastar-lhe. Como Charlotte não diz que Evan se vai vestir da mesma maneira, pergunto-me que mentira terá contado à namorada para ocultar os planos da noite. Cerveja e *Playstation*? Noite de rapazes? Seja o que for, mantém Charlotte em segurança.

Experimento dez vestidos que claramente foram feitos para alguém com peito e cintura mais pequenos do que os meus, fazendo Charlotte sair a correr do quarto para se lançar noutra busca, de telemóvel na mão.

Depois de me enfiar no décimo primeiro vestido, Alice arqueja e tapa a boca com a mão.

Quando me viro para o espelho de corpo inteiro ao fundo do nosso quarto, a minha réplica espirituosa e autodepreciativa desaparece. Um gritinho baixo de descrença emerge da minha boca aberta.

— Oh, Bree. Esse é o tal — suspira Alice. Abaixa-se até ao ponto onde os meus joelhos estão ocultos sob as longas camadas de tule até ao chão e puxa o material, para que esvoace à volta dos meus pés. — Estás incrível.

Quando se afasta, vejo-lhe os olhos marejados através do espelho.

— Proibido chorar, Alice Chen. É só um vestido — digo, mas não é verdade.

Não é só um vestido. É um vestido espetacular, digno de uma corte.

Ela passa a mão pela cara e dirige-me um sorriso através do espelho.

— É só que… Estás mesmo parecida com ela.

Sinto um aperto no peito e na garganta, as minhas emoções a rodopiar.

Não sei como lhe responder, por isso dou-lhe a mão. Ela pousa a cabeça sobre o meu ombro com um suspiro, e olhamos para os nossos reflexos. Apertamos os dedos uma da outra com força, porque há certos momentos que são demasiados vazios e demasiado cheios para palavras.

O Clube Carolina é um espaço de eventos formais utilizado por alunos, membros do corpo docente e funcionários da universidade. Embora o seu exterior seja moderno, o interior está decorado num estilo chique pré-Guerra Civil. Charlotte insistiu em dar-me boleia e deixar-me à entrada, para que eu não andasse pelo *campus* com o vestido, e, enquanto subo a escada nuns saltos abençoadamente rasos que levei emprestados de outra rapariga alta do segundo andar de Old East, tenho de admitir que ela tinha razão. Mesmo de saltos, o meu vestido é longo o suficiente para eu ter de o agarrar nos lados e impedir que arraste pelo chão.

Sou recebida por um porteiro de fato preto e luvas brancas, um sorriso a iluminar-lhe o rosto castanho-ferrugem. Assim que passo pela porta, ele murmura:

— 'Bora lá, mana.

E eu sorrio também. É exatamente a centelha de encorajamento de que preciso para cruzar o *hall* elegante de cabeça erguida e atravessar as portas duplas que conduzem ao salão de festas.

O lugar é impressionante, com janelas ao longo da parede lá do fundo, uma pista de dança e um palco a um canto, e há mesas redondas de jantar cobertas com toalhas de linho branco do outro lado. A banda de *jazz*, chamada The Old North Greats, de acordo com o logótipo da bateria, está no palco a tocar uma versão *swing* animada de uma música popular. Acima da minha cabeça estão lustres pendurados em vigas de mogno expostas que atravessam o teto como se fossem grandes dedos de madeira.

Há pelo menos trezentas pessoas aqui. As notícias dos ataques demoníacos e murmúrios sobre a iminente reunião da Távola espalharam-se. Nick disse que devíamos esperar Lendários e famílias Vassalas de todas as Linhagens, algumas de lugares distantes como a Europa, todas presentes para ouvir atualizações sobre os ataques ao mesmo tempo que aproveitam para conhecer o atual grupo de Herdeiros e Escudeiros. As mesas estão separadas por cores, identificando as Linhagens que os Vassalos servem.

Mulheres mais velhas em longos vestidos impressionantes sentam-se juntas, bisbilhotando nas suas mesas enquanto bebericam copos de vinho. Vários grupos de homens de *smoking* reúnem-se nos dois bares nos cantos do salão. Parecem

confortáveis nas suas roupas formais, riem e sorriem como se estivessem num encontro de ex-alunos. Pergunto-me se o pai de Sarah aqui estará e se vou ter a oportunidade de o conhecer. Mesmo com o convite formal apertado entre os dedos, sinto-me deslocada.

— Bree!

Felicity é a primeira a encontrar-me do outro lado da sala. Acena ao levantar-se da mesa quase vazia, dirige-se a mim com um copo na mão. As cabeças de Tor e Sarah ficam alerta à menção do meu nome, e abandonam a mesa para seguir Felicity.

À medida que ela e as outras se aproximam nos seus vestidos, com as cores das respetivas Linhagens, sinto o olhar incisivo de Sel, mas não o encontro entre a multidão. Ele agora sabe que sou capaz de sentir a sua atenção. Não sei o que pensar em relação a isso. Ou ao facto de, apesar de eu saber que ele sabe que o consigo sentir, ele continuar a olhar.

Felicity solta um gritinho prolongado.

— Oh, meu Deus, adoro o teu vestido!

A sua fala ligeiramente arrastada indica-me que já deve estar no terceiro copo de vinho. No mínimo.

— Obrigada — respondo, passando as mãos pela frente do vestido, nervosa.

É impossível que Alice o soubesse ao elogiar a minha roupa, mas o vestido é perfeito para me despedir da Ordem e encontrar o meu próprio lugar na Raiz. Se a saia é simples e elegante, fluindo da minha cintura para baixo em camadas de tule cor de champanhe, o corpete é uma explosão de vermelho e dourado. Videiras enlaçadas e flores estampadas sobem-me pelas ancas, passando-me pelo peito, e ligam-se, como um colar, à minha garganta. Charlotte tinha razão em relação à minha falta de acessórios: eu definitivamente não tinha as sandálias douradas com tiras, ou os brincos dourados como o Sol, e nunca teria pensado em prender o cabelo com uma fita dourada. Atrás da fita, tenho os caracóis castanho-escuros presos no topo da cabeça como a copa imponente de uma árvore.

Felicity ainda está a admirar o meu vestido.

— O Nick vai ficar doido quando te vir.

Com uma voz melodiosa, Sarah diz:

— Por falar no Diabo…

Quando acompanho o seu olhar por cima dos meus ombros, vejo Nick a caminhar na nossa direção, uma visão em preto e branco. Optou por um fato preto, mas — *oh, meu Deus!* — parece que foi feito especialmente para caber em cada centímetro dos seus ombros largos e longas pernas. Congelo, à espera da sua fúria, da deceção justificada, mas nada disso chega. A sua expressão vai do choque a algo semelhante a alívio, e, quando se aproxima de mim, esboça o belo sorriso que faz parar o meu coração e me deixa a boca seca.

— Olá — cumprimenta, sem fôlego.

— Olá.

Nick morde o lábio. Sinto, ao mesmo tempo, uma vontade de fugir e de me atirar para os braços dele.

— Estás linda.

— E tu — digo — pareces um agente secreto recém-recrutado.

— Ai sim? — Nick abre os braços e contempla o seu traje, olhando para baixo. — Novato e cheio de vontade, mas terá o que é preciso?

— Aquele que, ao início, intimida o agente mais experiente, mas depois, apesar das queixas, o veterano acaba por lhe ensinar tudo o que sabe.

— E no fim, o novato conquista o respeito do veterano. E talvez um novo nome de código.

— Sim.

Olhamos um para o outro, o impulso familiar a pulsar entre nós, até Sarah pigarrear. Só aí dou conta de que os outros estão a olhar para nós com muita atenção. As expressões variam entre o fascínio no rosto de Felicity e a irritação no de Tor.

— *Uh* — diz a loira, afastando-se. — Que nojo.

Nick baixa a cabeça e esfrega um polegar na sobrancelha para ocultar o rubor.

— Herdeiro Davis? — Um homem mais velho aparece ao pé dele, a menear a cabeça num pedido de desculpas pela interrupção. Contenho uma exclamação de surpresa com o súbito desaparecimento do olhar de Sel. Habituei-me a ele a ponto de me esquecer que tem estado a assistir a toda a minha conversa com Nick. E a ouvi-la também, aposto. — O seu pai gostaria que todos se sentassem. — O homem aponta para a mesa atrás de nós. — Por favor.

Seguimo-lo e sentamo-nos a uma mesa com oito lugares. À medida que avançamos, Nick inclina-se mais para perto de mim, dirigindo-me um sorriso débil.

— Não ligas, não respondes às mensagens…

— Eu sei. Desculpa por te ter ignorado…

Nick enrola a mão no meu pulso, o rosto carinhoso e compreensivo.

— Podemos falar depois. Neste momento estou apenas grato por estares aqui.

Assinto, porque ele tem razão. Podemos falar depois. A nossa última despedida, a nossa verdadeira despedida, deve ser particular.

Whitty e Greer já estão sentados quando chegamos, e Evan e Fitz chegam ao mesmo tempo que nós. Tor e Sarah sentam-se à minha frente e de Nick.

Greer acena para mim.

— Seja bem aparecida!

Ostenta um majestoso fato e uma gravata no tom vermelho de Lamorak, que combina com o lenço de bolso. Usa o cabelo comprido completamente para cima, preso numa coroa trançada e elegante.

Os outros cumprimentam-me com sorrisos e com o erguer de copos. A única expressão descontente é a de Fitz, mas ignoro-o. Se os meus amigos são capazes de aceitar a minha presença sem julgamentos, então talvez eu deva fazer o mesmo.

Nick apanha-me a perscrutar a sala.

— Estás à procura de alguém?

Sorrio, sentindo-me indelicada por não prestar atenção às pessoas da minha mesa. E, por algum motivo, envergonhada por estar à procura de Sel.

— O Vaughn está cá? — indago.

Os olhos de Nick escurecem.

— Pedi que fosse colocado do outro lado do salão.

Fitz, do outro lado da mesa, revira os olhos.

— Ele é um bom lutador, Nick.

— Mas desonesto.

Nick pega no guardanapo de pano e pousa-o no colo.

Fitz desdenha.

— Achas que as Crias das Sombras lutam de forma honesta?

— Da última vez que verifiquei, a decisão em relação ao meu Escudeiro ainda era minha, Fitz.

O rosto de Nick é uma imagem perfeita de civismo, mas a rigidez nos seus olhos azuis indica que a conversa terminou.

— Ei, ei. — Evan inclina-se para a frente, esticando a mão. — Deixem os dramas fora da mesa. Vamos antes delinear uma estratégia para convencer os funcionários a servir álcool aos que têm menos de vinte e um anos. Que tal? — Evan agita as sobrancelhas. — Ou talvez avaliar a roupa de toda a gente numa escala de um a dez? Bree, a tua nota é dez, obviamente.

Beija as pontas dos dedos como um *chef,* para causar mais impacto.

— Concordo — diz Nick, erguendo uma taça e piscando o olho na minha direção.

A mão de alguém a usar uma luva branca, a segurar um prato de salada, cruza o meu campo de visão. Quando ergo o olhar, vejo um par de olhos castanho-claros num rosto castanho-dourado. A mulher sorri e avança para entregar o prato seguinte a Greer. O homem ao lado direito de Nick enche-nos as taças vazias de chá doce, e vejo que ele também é negro. Sinto as minhas sobrancelhas unirem-se quando vejo que todos os funcionários — todos eles — são pessoas negras. Mais um lembrete de que não pertenço a este lugar. *Apenas aqui estou para me despedir como deve ser.*

Nick acaricia-me as costas da mão.

— Está tudo bem?

Pestanejo.

— Sim — respondo, e o sorriso dele é tão gentil que dói.

O resto do jantar passa num borrão cheio de sabores e vários pratos: pato grelhado com cherovia, abóbora salteada e curgete com tiras frescas de manjericão e pinhão, e um risoto de legumes.

Apenas quando a banda recomeça a tocar me lembro de que há uma pista de dança. Estamos a acabar o nosso pudim de pão quando Nick me toca no cotovelo.

— Queres dançar?

Fico surpreendida, mas ele parece estar a falar a sério, então balbucio um sim e vou com ele até à pista de dança ao som das exclamações muito-pouco-subtis de

Evan. Por sorte, a maior parte das suas palavras dissipa-se na agitação da sala.

— Ele é sempre assim? — murmuro.

— Nunca o vi de outra forma.

Paramos num canto vazio da pista de dança, mas, antes que possamos começar, a banda transita para um ritmo agitado. Nick pousa uma das mãos na minha cintura e sorri. Não temos maneira de conversar aqui. Tudo o que podemos fazer é dançar — até sermos interrompidos por uma longa mão que lhe bate no ombro.

O homem de pé atrás de Nick é como um fantasma silencioso em roupa formal. Olhos vermelho-amarelados como folhas a perecer, afundados no seu rosto pálido sob sobrancelhas negras atentas. Usa um fato preto com uma camisa vermelho-escura e uma fina gravata preta. Possui uma beleza severa e inegável, mas canalizada para qualidades inquietantes; como uma escultura grega ancestral, as suas feições são arqueadas e incisivas, agressivas. O cheiro acre e enjoativo característico da sua magia acumula-se como bílis no fundo da minha garganta.

Um Merlim.

— Isaac.

Um tremor sobe-me pela espinha com a saudação tensa de Nick.

Este homem aterrorizante é Isaac Sorenson.

O Mago Real de Lorde Davis.

45

— Nicholas.

Isaac inclina a cabeça, mas algo no seu movimento transmite mais escárnio do que respeito. O seu olhar voa até ao ombro de Nick. Parece que não sou a única a notar que, quando Nick se virou, avançou ligeiramente para a minha frente.

— O que quer? — pergunta Nick, a voz uma oitava abaixo do normal.

— O seu pai gostaria que se juntasse a ele na antecâmara — diz Isaac num tom de barítono, grave.

Quando se vira para indicar uma porta lateral perto do palco, reparo nas pontas afiadas das suas orelhas.

O maxilar de Nick já está tenso. E fica ainda mais quando Isaac menciona o pai dele.

— Agora?

— Infelizmente sim, meu suserano — murmura Isaac, com as mãos à frente do corpo, como um servo educado, ainda que o poder e a inteligência feroz que detém no olhar sugiram tudo menos isso.

O peito e os ombros de Nick coordenam-se numa respiração pesada, numa tentativa de o acalmar. Ele vira-se para mim, bloqueando-me a visão de Isaac.

— Lamento muito. Tenho de ir. — A sua expressão suave desfaz-se numa consternação pensativa, como se estivesse a tomar uma decisão da qual não está completamente seguro. — Vemo-nos depois da Seleção, está bem?

A mistura de preocupação e esperança nos seus olhos azuis atira-me o coração contra as costelas. Apenas retoma o seu ritmo quando ouço a minha própria voz dizer:

— Está bem.

Nick solta outro suspiro, desta vez com um tipo de alívio quase silencioso. Acho que ficamos os dois à espera de que Isaac se retire com Nick, mas o Merlim apenas indica com a cabeça a direção da porta. O olhar de Nick passa de Isaac

para mim durante um momento, acabando por me encarar com um aviso silencioso de que não preciso. Já sei que Isaac é perigoso.

Quando Nick desaparece na multidão, sinto a força total do olhar de Isaac no meu rosto. Se a atenção de Sel se parece com faíscas ou brasas, a de Isaac é como o calor abrasador do verão. Os seus olhos inescrutáveis perfuram os meus.

Ainda assim, não desvio o olhar. Não vim até aqui para me acobardar.

— *Quem é este homem?*

Quando me sobressalto ao ouvir a voz da minha avó, os lábios finos de Isaac contorcem-se num sorriso hediondo, revelando os caninos mais longos que alguma vez vi. Não, caninos não. Presas.

— És a rapariga Primavida.

Sarilhos, avó.

— Sou.

— *Não gosto dos olhos dele.*

Nem eu, mas preciso de me concentrar enquanto aqui estou com toda a gente. Será que poderia…

Ela desaparece de forma tão rápida e silenciosa que me preocupo que se possa ter ido embora de vez. Fecho a porta atrás dela por agora, trancando-a com força.

O olhar de Isaac percorre-me de cima a baixo e, após um momento de inspeção, esboça um sorriso entretido.

— Fascinante.

Vinda de qualquer outra pessoa, a palavra poderia ser um elogio; vinda dele, faz o meu estômago revirar-se como se estivesse diante de carne podre.

— Mestre Isaac.

Sel aparece ao meu lado, com as mãos nos bolsos, como se tivesse acabado de terminar uma caminhada descontraída. Está todo de preto, é claro; fato preto, camisa preta, gravata preta. Se Nick é um agente secreto, Sel é o assassino do lado inimigo.

Nunca fiquei tão feliz por ter um assassino ao meu lado.

O olhar de Isaac volta-se para Sel.

— Um dos meus pupilos favoritos.

Sinto um peso no estômago. Foi este o Merlim que treinou Sel?

Sel faz uma leve reverência, mas não antes de eu reparar numa contração no seu maxilar.

— Não achei que o veria por aqui esta noite. Presumi que qualquer Mestre disponível estaria na Capela Norte. Ouvi dizer que houve outro ataque ontem à noite.

— Vou para onde os Regentes me mandam — responde Isaac de forma neutra. — Tal como tu, quando te graduares deste posto e continuares em serventia à Ordem.

— Se pelo menos pudéssemos prever o futuro — diz Sel, com tranquilidade. — Enquanto isso — vira-se para mim, um brilho de travessura no olhar —, gostaria de falar com a nossa visitante Primavida.

Estende-me o braço direito à medida que o ritmo da música diminui. Sel está claramente a dispensar o homem, algo que me sinto feliz por encorajar, por isso tomo-lhe o braço.

As linhas finas que rodeiam os olhos do homem mais velho ganham tensão quando sorri.

— Aproveita o serão.

Isaac inclina a cabeça e dirige-se à porta da antecâmara.

Permito que Sel nos guie pela multidão de dançarinos na direção oposta, até chegarmos à parte mais distante do salão. Achei que só tivesse interferido para me ajudar a escapar às atenções de Isaac, mas, quando me preparo para puxar o braço, os seus dedos prendem-se ao redor dos meus, libertando uma descarga elétrica que me sobe até ao cotovelo. Antes que possa protestar, ele faz deslizar a mão livre pela minha cintura, prendendo-me nos seus braços.

Os olhos brilham-lhe, como se soubesse exatamente o efeito que a sua pele tem em mim e achasse o facto altamente divertido. Reviro os olhos e permito que ele nos guie numa dança lenta, e giramos pelo salão.

— Vou dar-te um conselho. Nunca olhes diretamente para os olhos de um Mestre Merlim. Naquela idade, a hipnose do Mestre Isaac é muito mais poderosa do que a minha e opera muito mais rapidamente.

— Achei que fosses tu o Merlim mais poderoso de uma geração…

— Sou o Merlim mais poderoso da minha geração. — Observa por um momento, e tento não me debater sob o seu escrutínio. — Depois da forma

como te foste embora, surpreende-me que tenhas regressado. — Uma pausa. Rostos virados para baixo. — Quase tanto como me permitires que te conduza agora.

Esboço uma careta e fixo o olhar num ponto acima do seu ombro.

— Não estava nos meus planos.

— Vires ao baile ou permitires que te conduza?

— Ambos.

Ele ri.

— O que te fez mudar de ideias em relação ao baile?

— Os filmes da Disney — murmuro.

— Ah, sim. A propaganda pouco subtil dos vestidos de gala e *príncipes encantados*. — O leve esgar de escárnio na sua voz atrai o meu olhar para o dele. Sel é rápido a disfarçar, um sorrisinho resignado cruza-lhe o rosto, mas não é capaz de esconder o que sente em relação a Nick. Nunca foi. — Quando te vi entrar, achei que tivesses vindo para te despedires.

— E vim.

— Se for esse o teu desejo.

Inclino a cabeça e examino o rosto de Sel para ver se está a brincar, mas não está.

— Devias estar feliz — digo-lhe. — Passaste cada segundo da minha estada aqui a tentar fazer-me ir embora.

Sel olha-me por um longo momento.

— Não diria *cada* segundo.

De repente torna-se difícil respirar. Desvio o olhar.

— Tenho uma pergunta.

Sel faz mergulhar o meu corpo sem aviso, fazendo o estômago subir-me até à garganta.

— Estou a ouvir — sussurra, voltando a levantar-me com facilidade.

Fito-o assim que me endireito, mas Sel limita-se a sorrir.

— Consegues usar o éter para manipular objetos que já existem?

As suas sobrancelhas escuras arqueiam.

— Desenvolveste um interesse súbito em teoria do éter?

— Responde.

— Pede-me com jeitinho.

Reviro os olhos.

— Por favor.

Faz-me rodopiar uma última vez antes de responder, a boca torcida enquanto me faz esperar.

— Em teoria, poder-se-ia fixar um modelo de éter a um objeto material existente, ou cobrir o objeto como um manto com fogo mágico cru, não manipulado, mas isso apenas duraria algum tempo. Assim como nos meus modelos na caça ao tesouro, o feiticeiro precisaria de manter a ligação com uma atenção constante.

— E por quanto tempo pode um Merlim manter a atenção num objeto?

— Qualquer coisa superior a cinco horas, talvez seis, resultaria numa dor de cabeça terrível, mesmo para um Mestre. Não o recomendaria. Porquê?

Seis horas não é a resposta que procurava. Eu não tinha a Visão antes de a minha mãe morrer e, pelo que sei, o éter preso à pulseira dela manteve-se lá, escondido de mim, até que a sua morte me concedeu a Visão.

Sel aperta-me os dedos, reconquistando a minha atenção.

— Porquê?

— E se eu te dissesse que tenho algo da minha mãe imbuído em éter e que esse éter tem estado no objeto há… pelo menos, vários meses? Talvez mais. Talvez anos. E que quando toquei no objeto, me desbloqueou uma memória?

Sel pestaneja.

— Eu diria que isso é impossível. Que qualquer Merlim que sustente um único feitiço por tanto tempo morreria pelo cansaço. «Trancar» uma memória de forma que apenas se abra com uma chave de éter?… É uma hipnose de precisão sobre a qual nunca ouvi falar.

O formigar quente do seu olhar baila-me nas bochechas, na boca, na garganta.

— Ainda assim… — continua — … também diria que tudo o que te diz respeito tende a desafiar as leis da razão.

Assinto, sem prestar atenção. Tenho pensado na pulseira da sorte desde que a encontrei. Manipular objetos com éter parece-me uma prática da Ordem, e a Visão foi como uma memória hipnotizada que emergiu de um lugar qualquer, de dentro de mim. Mas a pulseira foi ativada pelo toque, o que se assemelha à Arte

de Raiz, e a experiência de estar dentro da memória com o meu eu *atual* e o meu eu *passado* pareceu um passeio pela memória. A pulseira da minha mãe é um artefacto da Arte de Raiz ou da Ordem? E quem era aquela mulher que estava com ela?

— Conheço *esse* olhar — diz Sel com um suspiro. — Diz-me, vais ser *sempre* a miúda misteriosa?

Sorrio.

— Provavelmente.

— Posso ajudar-te nessa demanda? — Algo ríspido e estrangulado na voz dele me faz levantar os olhos. — Ou será que Nicholas se vai sentir excluído?

— Isso não é justo.

Ele encolhe os ombros.

— É uma oferta com prazo. — O que diz a seguir são palavras tensas que lhe saem num sussurro. — Posso não ficar por aqui muito mais tempo.

O meu corpo fica rígido.

— Vais mesmo ser substituído? Isso ainda está a ser debatido?

— Nunca deixou de ser debatido.

— Mas tu não és…

Tento encontrar a palavra certa.

— Um demónio furioso e feroz? — O sorriso não lhe chega aos olhos. — Depois do que descobrimos sobre a minha mãe, seria tolice não manter a vigilância.

Desvio o olhar para que ele não veja quanto as suas últimas palavras me doem, e porque sei que não iria gostar da pena. Queria que ele não precisasse de carregar o fardo das ações da mãe, preocupando-se com a possibilidade de ser capaz de as repetir. Queria que ele não precisasse de ter medo de si mesmo nem de viver com a consciência de que os outros temem aquilo em que se poderá tornar. Dou conta de que a sua obsessão em perseguir-me deve ter sido, a algum nível, uma necessidade desesperada de provar diante da divisão que era digno de confiança. Agora que sei a história da sua família e o que isso podia significar para a sua sanidade e quando a poderia perder…

Os nossos olhares cruzam-se. Deposito toda a minha fé nos meus olhos, de modo que ele a receba, a retenha, a recorde quando me for embora. Transmito-

a com um aperto da mão direita na sua mão esquerda e com a pressão da palma da minha mão contra o ombro dele. *Não tenho medo de ti*. Os olhos dourados arregalam-se, e acho que Sel entende. Pelo menos, espero que entenda.

Sel pigarreia e volta a fazer-nos rodopiar. Admira o meu cabelo, analisa o seu tamanho, a sua forma; depois, os seus olhos traçam um percurso que começa na minha têmpora, passa pelos meus brincos emprestados e segue até ao meu pescoço e aos meus ombros.

— Estás deslumbrante, Briana.

O tecido do meu vestido é tão fino que consigo sentir o calor abrasador da sua mão na minha cintura. Imagino as pontas dos seus dedos a deixar impressões digitais vermelhas na minha pele, e a imagem eriça-me os pelos da nuca.

— Obrigada — respondo, ligeiramente nervosa.

— É a verdade — diz ele, com um encolher de ombros. — Estás mesmo. Ainda que te sintas perturbada.

— Não me sinto perturbada.

Inclina-se até tão perto que os seus lábios roçam a minha orelha ao sussurrar:

— Mentirosa.

Quando se afasta com um sorrisinho, sinto o indício de algo forte e pungente, ligeiramente parecido com sândalo e vetiver. Franzo o nariz e digo a primeira coisa que me vem à cabeça.

— A tua magia cheira *muito* melhor do que o teu perfume.

O seu rosto perde momentaneamente a expressão.

— A minha… magia?

Percebo demasiado tarde que a conversa tomou um rumo mais íntimo e que a culpa é minha. Luto contra a vontade súbita de fugir do seu olhar curioso, prendendo a atenção num grão de pó que lhe assentou na gravata.

— Consegues sentir o *cheiro* dos meus feitiços?

Aquela centelha de pó é mesmo *cativante*.

— Sim?…

Ele ri-se, alto, com leveza. Quando olho para cima, está a abanar a cabeça.

— O que foi? — pergunto.

O sorriso dele é totalmente espontâneo, e carregado de algo semelhante a fascínio.

— Tu és *extraordinária*.

— Obrigada?

O olhar dele dispara por cima do meu ombro, em direção ao palco, antes de me fazer rodopiar nos seus braços, deixando-me de costas para ele.

— E eu não sou o único a achá-lo.

Lá à frente, a banda está no fim da música lenta e ao lado do palco está um grupo de Lendários, constituído por Nick, Pete e William. Os olhos de Nick estão fixados em nós, no corpo de Sel a envolver o meu — e a ira que pressinto no seu rosto queima-me com a intensidade dos fogos de artifício, mesmo do outro lado do salão.

Afasto-me, mas os dedos de Sel agarram-se à minha cintura, mantêm-me no lugar. Murmura baixinho ao meu ouvido:

— Oh, a cena que ele armaria se pudesse.

Viro-me para o fitar.

— Estás a fazer isto só para lhe fazeres ciúmes?

Os seus olhos brilham.

— Não. Mas isso não significa que não me possa divertir.

Ele solta-me, mas não há espaço para me mover, e a única coisa que posso fazer é evitar o contacto visual enquanto ele se ri ao meu lado.

Por fim, a banda remata a música e o tilintar de um talher contra vidro interrompe o murmúrio do público.

Lorde Davis dá um passo adiante para falar ao microfone.

— Peço a vossa atenção, por favor.

Ostenta um fato escuro com uma faixa de gala ouro-escura que lhe cobre os ombros e se estende até ao centro do peito. Um pingente com uma estrela dourada pende da extremidade pontiaguda e, no centro, um diamante branco brilha à luz do lustre.

O salão cai num silêncio inquieto. Ocultos nos cantos, noto que os funcionários são conduzidos para fora do salão, por portas laterais, por pessoas que se parecem com seguranças. Gillian está ali. Owen também. Suseranos a escoltar forasteiros para longe. Assim que os membros da banda se retiram, as portas são fechadas.

— Obrigado a todos por terem vindo ao Baile Anual de Seleção da Divisão do Sul! — O público aplaude. Lorde Davis pede silêncio com um aceno de mão. — Infelizmente, o baile deste ano ocorre num período de dificuldades para a nossa Ordem. Como sabem, tem sido avistado por toda a Costa Leste e em todas as divisões, incluindo a nossa, um número cada vez maior de travessias.

Ao meu lado, uma mulher segura a mão do marido. Os ombros de Sel retesam-se.

— A última rebelião demoníaca ocorreu há mais de duzentos anos. — Davis alça o queixo. — E, ainda que nenhum de nós estivesse vivo naquela altura, sabemos pelos registos que é assim — aponta o dedo para o chão e a voz sobe-lhe ao falar — que Camlann começa. É assim que começa. E sabemos, assim como nos séculos passados, que os nossos antepassados nos prepararam para este momento e nos equiparam com o direito de nascença de derrotar as hordas!

O aplauso da multidão aumenta e iguala-se ao seu fervor, e os Tristão sacodem os punhos. Pelo canto do olho, vejo Fitz a estalar os dedos como fazem os lutadores campeões prestes a entrar no ringue.

— E tal como há séculos… — Davis faz uma pausa, inclinando a cabeça para o céu e pousando a mão sobre o peito em sinal de reverência. — … retomemos agora o compromisso para com a missão e uns para com os outros ao unirmo-nos no nosso voto sagrado.

Ao meu redor, as vozes pronunciam o juramento em uníssono:

— *Quando as sombras se erguerem, a luz ascenderá. Quando o sangue for derramado, ao Chamado do sangue responderei. Pela Távola do Rei, pelo poder da Ordem, pelos nossos Juramentos eternos, a Linhagem é Lei.*

Os olhos de Sel, repletos de emoção, encontram os meus. Davis perscruta a sala com um olhar severo.

— Meus caros descendentes, que não desperdicemos tempo na nossa preparação para o que está para vir.

Faz um gesto para que Nick e os outros avancem para o lado dele.

No chão abaixo do palco, os cinco Pajens restantes estão organizados numa fila, defronte ao palco e aos três Herdeiros. Sydney, Greer, Blake, Vaughn e Whitty.

Há uma semana, eu também lá teria estado.

— Herdeiro Sitterson, por favor, avance e anuncie a sua escolha para Escudeiro.

Quando William se dirige ao microfone, não consigo evitar sorrir para o meu amigo. O seu fato é de um verde-escuro com lapelas de um roxo quase preto, de alfaiataria perfeita.

— Eu, William Jeffrey Sitterson, Herdeiro de Gawain, classe doze, escolho o Pajem Whitlock como Escudeiro. — Ele ergue diante de si uma longa faixa verde com uma única moeda e, sem precisar de olhar, sei que tem o selo de Gawain. Uma marca que o Escudeiro deve trazer sempre consigo. — Com o seu acordo, estaremos unidos. Nesta guerra e além.

Uma celebração irrompe na mesa dos Pajens antes que Lorde Davis peça ao salão para se acalmar.

— Pajem Whitlock, aceita?

Mesmo estando longe, vejo Whitty ajeitar a gravata com nervosismo. Precisa de três tentativas para conseguir proferir as palavras.

— Aceito. Aceito a oferta do Herdeiro Sitterson.

Os mais velhos — os Vassalos e pais de Lendários e Suseranos — aplaudem, e uma grande celebração irrompe na mesa dos Lendários e na dos Pajens. Junto-me aos vivas e aos gritos, feliz pelo meu amigo, enquanto Whitty avança e aceita as cores e o emblema de William. Ele acena com timidez para o salão e volta a sentar-se de imediato.

Lorde Davis pede que o salão se acalme, e então chama Pete. Este parece bastante assustado, mas o sentido de dever guia-o até ao microfone.

— Eu, Peter Herbert Hood, Herdeiro de *Sir* Owain, classe sete, escolho o Pajem Taylor como Escudeiro. Com o seu acordo, estaremos unidos. Nesta guerra e além.

Um murmúrio percorre o salão. Lorde Davis inclina-se ao lado de Pete.

— Pajem Taylor. Aceita?

Atrás de Greer, a multidão emudece. Acompanho os olhares cautelosos, a hesitação e a curiosidade de alguns pais e Vassalos no salão. E alguns esgares de escárnio. Pessoas que não querem ser incomodadas. Que não se querem adaptar. Pessoas que não querem melhorar ou aprender, como Greer me disse uma vez.

Sorrio por Greer. *Está na hora de quebrar o ritmo por aqui.*

Greer eriça os ombros para trás e, quando fala, a voz sai-lhe forte e clara.

— Aceito. Aceito a oferta do Herdeiro Hood.

Mais aplausos, mas desta vez são tão fortes que não tenho a certeza se são para Pete e Greer ou para o anúncio que se avizinha.

— O momento pelo qual esperávamos chegou. — Lorde Davis usa as duas mãos para aquietar o salão. — O meu filho, Nicholas Davis, Herdeiro de Artur, irá anunciar a sua escolha.

Nick dá um passo em frente e põe-se ao lado do pai, recuando de forma quase impercetível quando Davis lhe dá umas palmadinhas nas costas. Eu sabia que este momento havia de chegar, mas não estava preparada para o rosto de Nick, solene e sério enquanto perscruta o salão. Quando se aproxima, todos ficam em silêncio, como se a Ordem inteira, mesmo fora daqui, tivesse prendido a respiração, à espera de que o futuro rei anuncie a sua primeira decisão no caminho rumo ao trono.

Ao meu lado, Sel inclina a cabeça na minha direção, como se as suas orelhas fossem antenas. O olhar dele aterra-me no peito e depois sobe, com o canto da boca retorcido.

Oh.

O coração martela-me no peito — tão alto que ele o consegue ouvir.

Nick pega no microfone e todo o salão sustém a respiração. Ele olha para baixo, para os três Pajens que faltam, fitando um de cada vez. Espero que escolha Sydney. Tento ficar contente por ele escolher Sydney. Entre Vaughn e Blake, é a escolha mais acertada. Servi-lo-á bem.

Nick ergue a fita dourada de Artur, e a moeda brilha na luz.

— Eu, Nicholas Martin Davis, Herdeiro do rei Artur Pendragon, classe um…

Oh, meu Deus. Viro-me. Não consigo olhar. Não quero ouvir.

— … escolho a Pajem Matthews como minha Escudeira. Com o seu acordo, estaremos unidos. Nesta guerra e além.

46

O salão entra em erupção.

Sel sibila, inspirando profundamente a meu lado.

Sinto centenas de olhos à procura da rapariga Primavida que se tornará Escudeira do Rei no salão, mas não sou capaz de me mexer. Não consigo pensar.

Davis tenta acalmar a multidão. Consigo ouvi-lo dizer algo parecido com «respeitar a decisão do rei».

O microfone emite um zumbido.

— Pajem Matthews? — chama Nick, e todos no salão se viram para ele. — Aceita?

Quando os olhos de Nick me voltam a encontrar, toda a sua corte lhe segue o olhar. Todos se viram na minha direção.

— Aceita a minha oferta? — repete Nick, e deteto a incerteza na sua voz, misturada com esperança.

De repente, tudo em que consigo pensar é que vim até aqui esta noite para me desculpar e para me despedir, mas, se me tornar Escudeira de Nick e Artur o Chamar, nunca mais poderei sair.

O medo domina-me o coração.

Vim para a Ordem com o objetivo de encontrar respostas sobre a morte da minha mãe, e encontrei-as. Dar com uma maneira de abandonar a Ordem depois disso foi sempre o passo seguinte. Este era o nosso acordo. Mas a oferta de Nick pretende levar-me por um novo caminho: aceitar a missão da Ordem como minha. Viver com o risco do Abate.

Sel aproxima-se. Sinto a tensão nos seus ombros.

— *Tens* de dar uma resposta — sussurra, e o som agudo no meu ouvido traz-me de volta à vida.

— Eu…

Encontro os olhos de Nick do outro lado do salão por entre centenas de pessoas, séculos de história, segredos e verdades — e sinto aquele impulso familiar entre nós. *Se tu consegues ser corajoso, eu também consigo. Se tu podes, eu posso.* Apelo e resposta. De certa forma, Nick e eu já estamos unidos. Temo-lo estado desde a primeira noite. Neste instante, estou em dois lugares ao mesmo tempo: aqui, com Nick, e de regresso à memória oculta da minha mãe. Vejo nos seus olhos as mesmas qualidades que via nos olhos dela: fé, esperança, orgulho. Camlann está a chegar e, tal como a minha mãe, encontro-me perante uma escolha: lutar ou fugir.

Arrisca. Segue o teu coração. E segue em frente.

Eu sou filha da minha mãe.

— Sim — respondo, alto e bom som. — Aceito. Aceito a oferta do Herdeiro Davis.

Assim que as palavras me saem da boca, a multidão volta a explodir.

O salão de festas transforma-se numa tempestade de exclamações, gritos de surpresa e indignação. Lorde Davis pede ordem, chegando até a bater no microfone. De nada serve. Ninguém o está a ouvir. Alguém tira Nick do palco. Ele protesta, mas é empurrado.

— *Roubaste* a oportunidade ao meu filho!

Estremeço. A mulher que está ao meu lado escarnece, o desgosto contorce-lhe o rosto numa máscara horrível. É Schaefer, mãe de Vaughn, membro da Rosa, que me tratou com gentileza da última vez. Hoje, os insultos no seu olhar recaem sobre mim como adagas.

— Este é o futuro dele, sua… sua escarumba…

Alguém a empurra, mas um homem com uma barba grisalha ocupa-lhe o lugar, e tem os dentes à mostra.

Dois braços fortes — os de Sel — envolvem-me a cintura, puxam-me para trás através das mãos que me agarram. Mãos que me tentam puxar para perto, para me poderem inspecionar, julgar. Rodopio nos braços dele em busca de Nick, mas ele já desapareceu.

As ofensas voam à minha passagem.

— *Interesseira!*

— *Primavida batoteira.*

— *Caso de caridade!*

— *Vá lá! O sangue dela é sujo. Vai manchar a Linhagem.*

Aquilo tira-me do sério. Viro-me, à procura do culpado.

— Quem disse essa…

Sel tira-me do alcance das mãos de um Vassalo. Arranja maneira de me tirar do salão de dança ilesa, mas só depois de Whitty, Greer, Sarah e Evan formarem uma muralha atrás de nós para barrar os homens e mulheres prontos para me perseguirem com as suas forquilhas. Atrás da multidão, o palco está vazio. Sel põe-me ao seu lado, levanta-me levemente do chão e dispara para as portas trancadas do outro lado do salão. Dois Suseranos saem-lhe da frente — mesmo a tempo — antes de ele abrir as portas a pontapé e de correr pela longa passagem, levando-me às costas.

— Otários de merda!

Os insultos dele chegam-me aos ouvidos acima da lufada de ar.

— Para onde me levas?

— Para longe! — Estamos ao pé da saída. — Para longe destes otários previamente mencionados!

— Eles que se fodam! — Bato-lhe nos braços. — Tenho de ver o Nick!

Sel rosna e volta a praguejar, mas muda de rumo. Avança por um pequeno corredor vazio e, de repente, estamos num quarto escuro com cheiro a couro e livros, atravessado pela luz âmbar que emerge das janelas da varanda. Põe-me no chão. Sinto uma dor aguda num dos tornozelos quando pouso desajeitadamente no salto do sapato, mas faço por nem reparar. A adrenalina percorre-me as veias com uma mistura de vertigem e orgulho.

Sob a luz do corredor, Sel espreita para ver se fomos seguidos. Passa a mão pelo cabelo e vira-se para mim, com um fio de eletricidade no olhar. Uma onda de triunfo ardente, uma corrente de conflito.

— Fica aqui. Eu vou buscá-lo.

E vai-se embora num borrão escuro.

Esfrego as bochechas ruborizadas com as mãos e rodopio. Apesar de a reação da multidão me ter abalado, sinto uma alegria cheia de endorfina a borbulhar-me no peito, escapando-me da boca numa gargalhada sem fôlego. Não encontro o interruptor, mas não me importo. Nem preciso de ver. Preciso de sentir. O

pânico recente ainda se manifesta no meu peito, bate-me nas costelas, mas, algures pelo meio, também há expetativa.

Ouço um clique atrás de mim, e Sel e Nick aparecem juntos à porta, os cabelos igualmente despenteados pela corrida do Mago Real.

Por um momento, observamo-nos numa compreensão silenciosa. Olho de um para o outro — um anjo caído e um rei, a escuridão e a luz, e sinto uma emoção profunda e agitada por causa do que fiz. Por aquilo que *nós* fizemos. É assim que vai ser de agora em diante. Juramentos entre nós. Ligados uns aos outros. Para sempre.

Nick é o primeiro a mexer-se. Aproxima-se em dois passos e ergue-me nos braços, ri-se com o rosto afundado nos meus cabelos. Rodopia comigo até que os sapatos me caem dos pés. Olho por cima do ombro dele e vejo a porta a fechar-se, com Sel a desaparecer para lá dela, mas quando Nick me pousa, tudo o que conseguimos fazer é olhar um para o outro e sorrir. Depois, ele tapa-me a boca com a sua, e este beijo… *este* beijo não é nada como o primeiro.

Sinto-o no calor dos seus lábios e na forma firme como me agarra pela cintura, como um homem que se afoga. Puxa-me para trás até que as minhas costas batem na porta, depois as suas mãos deslizam para as minhas coxas e eu sou levantada, sustentada pela força dos seus braços e pela pressão da sua cintura. Enterro os meus dedos no cabelo dele e ele suspira antes de os seus lábios abrirem os meus e dominarem todos os meus sentidos. Quando Nick se afasta para mergulhar a testa nas flores que tenho estampadas no peito, respira profundamente, inalando-nos aos dois, juntos.

Ao levantar a cabeça, os seus olhos escuros como safiras e os lábios inchados atraem-me de tal forma que tenho a impressão de estar a cair dentro dele e em tudo aquilo em que nos iremos tornar. Os seus dentes afundam-se no lábio inferior, ao mesmo tempo que abana a cabeça, fascinado.

— Tu e eu, B. — murmura Nick. Espalha-me beijinhos pela cara entre uma palavra e outra. — Podemos melhorar as coisas. Restaurar a Ordem. Juntos.

Encosto a cabeça à porta e penso na eternidade.

Uma batida alta atrás de mim sobressalta-nos.

— Herdeiro Davis?

Nick levanta a cabeça.

— Um momento!

Abafo uma gargalhada e ele beija-me antes de me pôr no chão.

Quando abre a porta, vemos o mesmo funcionário que nos pediu que nos sentássemos para o jantar. O homem fica vermelho. Só consigo imaginar a nossa aparência neste momento. O braço de Nick à volta da minha cintura, o meu cabelo provavelmente desgrenhado.

— Posso ajudar? — pergunta Nick com um sorriso algo contido. Belisca-me a cintura e eu solto um gritinho.

— O seu pai precisa de si. — O funcionário afasta-se com os olhos postos em todos os cantos, exceto em nós. — Imediatamente.

Nick inclina-se para mim.

— Cinco minutos. E depois seremos só tu e eu. Vou pedir a Sel que nos Ajuramente assim que Artur me Chamar — murmura contra a minha pele. As palavras fazem o meu coração voltar a disparar. Com o Juramento do Guerreiro, tornar-me-ei uma Lendária. Mais do que isso, tornar-me-ei sua. Pertenceremos um ao outro. Aquele sentimento que sempre existiu entre nós? Agora vai ser oficial.

Nick volta a passar um dedo pela minha bochecha, e sei que está a pensar no mesmo que eu. Depois beija-me a boca e sai com o funcionário.

Acabei de encontrar o interruptor e começo a procurar os meus sapatos quando mais alguém bate à porta.

— Já? — Corro descalça pelo tapete e abro a porta. — Foi tão…

Isaac empurra-me para dentro da sala, os olhos vermelhos e brilhantes são de uma força de que não consigo escapar. Queimam-me e expandem-se, engolem-me até que tudo o que consigo ver são as suas íris negras, os anéis carmesins. Tento gritar, mas o meu nariz já foi tomado pelo fedor da bílis quente, a boca queima-me. É demasiado tarde. A escuridão leva-me.

47

Quando acordo, a dor de cabeça da hipnose tolda-me os sentidos. O simples levantar da cabeça e o gesto de abrir dos olhos requerem toda a força que tenho no corpo.

Uma voz lenta chega até mim na luz ténue.

— Acordou.

Tenho de pestanejar algumas vezes para que os meus olhos possam focar. Estou num escritório iluminado. Não, num gabinete — o gabinete de Lorde Davis, onde Sel e eu estivemos na semana passada.

O pai de Nick está sentado à mesa, à minha frente, as pontas dos dedos curvadas sobre a superfície revestida de couro. Há relâmpagos a brilhar do lado de fora da janela, à minha direita, iluminando os ângulos das maçãs do seu rosto e dos seus olhos profundos. Por uma fração de segundo, parece-se com Nick.

— Onde está o Nick?

Tento levantar-me, mas só me mexo cerca de um centímetro da cadeira em que estou sentada. Olho para baixo e vejo cordas enroladas à volta dos pulsos. Estou presa à cadeira.

O horror toma conta de mim.

— Solta-me!

— Perdoa-me pelas amarras. — O charme sulista e o tom de voz simpático parecem-me agora deturpações. São calculados. Faz sinal com a cabeça para a corda que tenho nos braços. — Tive a impressão de que recusarias o meu convite para uma conversa.

— Um rapto não é um convite — digo por entre os dentes cerrados. — Onde está o Nick?

Ele ignora-me e põe-se de pé, e depois, enquanto se aproxima, contorna a mesa e ajeita a gravata.

— O que é que sabes sobre a nossa herança, Briana?

A nossa herança. Não a minha. A herança e a história da Ordem.

Sua e de Nick.

— Treze cavaleiros. Merlim. A Távola Redonda…

Procuro dentro de mim pela minha Arte de Sangue, pela parte de mim capaz de queimar estas cordas, mas não encontro nada. Calquei a minha avó tão no fundo que já não lhe consigo chegar. As minhas entranhas parecem anestesiadas. Porque não sou capaz de…

— Nem vale a pena tentares libertar-te — diz Davis sem se virar. — A hipnose de Isaac é forte, mesmo para ti.

Fita-me por cima do ombro.

— Oh, sim. Estamos cientes da tua resistência inerente à hipnose. O Isaac reparou na marca de Selwyn que há dentro do teu crânio. Restos de uma substituição de memória que, aparentemente, nunca funcionou. Mais uma razão para te trazer aqui.

Nem me dou ao trabalho de negar. Se isso é tudo o que me julga capaz de fazer, melhor para mim.

Lorde Davis atravessa a sala para tirar da parede um mapa da Europa Ocidental.

— Havia cento e cinquenta cavaleiros no início da Távola Redonda. Naquela altura, a mesa era metafórica, claro. — Bate no mapa com o nó de um dedo. — E os seus cavaleiros eram conhecidos por toda a Europa.

— Ainda bem para eles — respondo.

Davis faz um barulho e vira-se, apoiado no rebordo da secretária.

— As lendas sobre os feitos individuais e de cavalaria destes homens espalharam-se para ainda mais longe, chegando a África.

O tom informal da sua voz não esconde o caminho que pretende seguir. O que ele pode acabar por dizer. O medo domina-me o corpo.

A sua voz é calma, leve. Um cavalheiro a fazer uma pergunta inocente.

— Já ouviste falar de um cavaleiro chamado Moriaen?

Detém-se com um sorriso paciente e orgulhoso, à espera da minha resposta. O momento prolonga-se, eterno e tenso, até que respondo, com a voz débil:

— Não.

— Ah — diz ele, fitando um anel prateado na mão esquerda e mexendo-o, descontraído, de um lado para outro. — É compreensível. As lendas dizem que Aglovale, filho do rei Pellinore e irmão de quatro cavaleiros da Távola, incluindo o nosso Lamorak, certa vez viajou para o que antigamente se conheciam por terras mouras. Por lá, apaixonou-se por uma princesa moura e engravidou-a. Pelo que sabemos, o filho, Moriaen, tornou-se num grande guerreiro… alto, forte, hábil em combate. Usava escudo e armadura, e, como neto de Pellinore e sobrinho de tantos outros valorosos cavaleiros, era praticamente certo que também se juntaria à Távola.

O cobertor quente da humilhação súbita sufoca-me, tornando impossível respirar.

Davis olha para mim. A falsa preocupação trespassa-lhe o rosto.

— Mas Moriaen não se juntou à Távola. Sabe porquê, Briana?

Engulo uma fúria grossa e escaldante que me prende a garganta.

— Não.

— Porque não era digno. — Lorde Davis pousa as mãos no colo, os olhos inescrutáveis. — Assim como tu não és digna. Nem para Camlann, nem para o meu filho.

A minha voz parece estranha, como se houvesse outra pessoa a falar de uma divisão distante.

— O Nick já decidiu que sou.

— O Nick não tem uma visão ampla da sua ascensão. Daquilo que o regresso do rei significa e daquilo que pode restaurar. A oportunidade de Camlann que eu nunca tive.

Olho para ele, e uma nova camada de fúria toma conta da minha voz.

— Acha que a guerra é uma *oportunidade*?

Ele parece surpreendido, como se eu tivesse confundido vermelho com azul.

— Todas as guerras são oportunidades. E não vou deixar que outra me passe pelos olhos.

— Lhe passe pelos olhos… — Fico confusa. O meu coração bate à medida que os detalhes regressam. — Queria que Camlann acontecesse quando era Herdeiro. Queria que Artur o Chamasse a si.

— Claro que sim. — Lorde Davis inclina a cabeça. — Não serias capaz de entender a frustração de um Herdeiro que nunca foi Chamado, mas para um Herdeiro de Artur? Estar *tão* perto de tanto poder e ser forçado a esperar que se aproxime de ti? A impotência era *intolerável*. Mas não é por isso que estou a acelerar Camlann. Faço-o pelo futuro do meu filho e pelo futuro da Ordem. — Indica as pinturas na parede, os livros antigos. — Antigamente, os Vassalos serviam-nos em troca de proteção. Agora, diretores-gerais e políticos esperam que os Suseranos cedam às suas vontades, que lhes deem tudo o que quiserem. Conflitos entre Vassalos colocam Linhagens contra Linhagens. Houve uma altura em que as damas eram respeitadas e honradas na corte, mas depois a Ordem da Rosa perdeu o rumo, e agora as mulheres sentam-se à mesa, quando o que Malory nos diz é que «o objetivo principal de um cavaleiro é lutar pela sua dama»! E agora a estupidez do meu filho, ao escolher-te a *ti*, que estás na encruzilhada de dois erros. Não és capaz de ver a putrefação? Como a corrupção deve ser cortada pela raiz e corrigida?

Dois defeitos. A cor da minha pele e o meu género.

Mas não são erros. São forças.

Sou mais do que este homem alguma vez será capaz de compreender.

Lorde Davis olha para mim, à espera de uma resposta com a curiosidade estampada no rosto. A desconexão nos seus olhos, a forma distanciada como fala sobre guerra e poder… De repente, lembro-me dos registos, do relatório, da assinatura dele na parte de baixo… e o horror toma conta de mim.

— Foi você. Foi você quem abriu os Portais há vinte e cinco anos. Estendeu o tapete vermelho às Crias das Sombras, convidou-as para que entrassem no nosso mundo.

Espero que ele negue. Que me chame mentirosa. Mas ele não o faz. Limita-se a abanar um dedo.

— O Isaac disse-me que conseguiu sentir o teu cheiro e o de Selwyn aqui no escritório. Imagino que tenham mexido nos meus arquivos enquanto ele perseguia a sua inconveniente teoria das «toupeiras» na Ordem.

— Você nem se dá ao trabalho de negar. — Suspiro. — Morreu gente por sua causa! A minha m… — detenho-me a tempo.

Ele não faz ideia de quem realmente sou. De que a minha mãe sofreu por causa da sua ganância. Não quero proferir o nome dela neste sítio. Não lhe quero dar mais nenhum poder sobre mim.

Ele fita-me ao deslizar para se afastar da mesa.

— Admito-o: foi uma experiência falhada. Esperava criar a ameaça de Camlann permitindo que hordas de Crias das Sombras atravessassem o Portal e que se perdessem vidas Primavidas, como já deves ter percebido pela crença da nossa missão: «Proteger os Primavidas da escória.» Foram necessários mais alguns anos de pesquisa antes de dar conta de que, quanto mais os *próprios* Herdeiros fossem ameaçados, mais poderiam ser Chamados.

— O Sel tinha razão. Havia uma toupeira a abrir Portais no *campus*. Você. — As memórias começam a encaixar mais rapidamente. — Na noite do Primeiro Juramento, perguntou ao Sel se as habilidades dele o estavam a enganar… Fê-lo apenas para que Sel duvidasse de si mesmo. E quando ameaçou que o retiraria do posto de Mago Real de Nick foi apenas para o afastar do caminho.

— Não posso assumir o crédito pela paranoia do Selwyn, Briana. Os Portais *estão*, de facto, a ser abertos a um ritmo galopante ao longo da costa, em todas as divisões. Eu apenas dei uma mãozinha.

— Você ia torturá-lo!

Ele abana os ombros.

— O rapazinho Kane precisa de rédea curta.

Cerro os dentes diante da indiferença que revela perante a dor de Sel. Da indiferença perante a vida do rapaz que ele mesmo criou.

Volto a pensar em todos os ataques de Crias das Sombras ocorridos nas últimas duas semanas, começando no primeiro, o da Pedreira, depois, o do cão infernal no *campus*, o do Juramento…

— Foi você quem trouxe os cães e o uchel na noite do Juramento, não foi?

Lorde Davis bate na ponta de um chapéu imaginário.

— Suponho que, no que a isso diz respeito, tenho de te agradecer a ti, não é? A chegada inesperada do Nick tornou as coisas um bocadinho mais dramáticas do que eu esperava, mas tu ajudaste a servir um grande propósito. Ele viu-te ferida, viu-me sucumbir a um uchel. — Enfia as mãos nos bolsos, faz estalar a língua. — Foi um bom início, mas ainda faltava abrir os Portais nas outras divisões para que

todas as Linhagens corressem perigo. E agora só restam duas Linhagens para Despertar.

— Está a pôr o seu próprio *filho* em risco — disparo. — E as Linhagens também. Se o Nick cair…

— O Nick não vai cair. Treinei-o demasiado bem. Ele é um líder nato e não tolera que inocentes sejam feridos. Ele nasceu para esta guerra.

— Esta guerra inventada, quer você dizer — atiro.

— O mundo é uma grande cadeia, e todos têm o seu lugar. Até tu. Até eu. A hierarquia que mantém a Ordem unida perdeu o valor porque o perigo parece distante. Quando os Vassalos se lembrarem da destruição que ajudámos a prevenir, hão de lembrar-se também do seu lugar. O lugar abaixo do rei.

— Abaixo do Nick, quer você dizer — respondo. — O seu tempo como Herdeiro de Artur já passou.

Este comentário deixa-o irritado.

— O Nicholas é um herói até ao fundo do seu âmago. Se necessário, hei de mostrar-lhe como aprendi a abrir Portais e como hei de continuar a fazê-lo se ele não seguir a minha liderança. Esta noite, ele vai ser Chamado por Artur, vai tomar a *Excalibur* e, como rei, fará o que eu mandar. E então, toda a Ordem e os Vassalos do mundo inteiro submeter-se-ão à nossa vontade.

— Bem, eu não — respondo, e fecho os punhos contra as cordas.

A sua expressão assume um ar divertido quando alguém bate à porta.

— Mesmo a tempo — diz Lorde Davis, como se tivéssemos pedido o serviço de quartos num hotel chique.

Quando a porta se abre, o meu mundo inteiro colapsa num milhão de estilhaços excruciantes.

Alice entra na sala, com o seu pijama às bolinhas, numa espécie de torpor sonâmbulo, a expressão cansada e os olhos entreabertos. Isaac segura-lhe ambos os braços.

— Alice? — grito. — Alice!

Ela vira-se, em silêncio, e a sua testa reluz, encharcada em suor como se estivesse a arder em febre.

— *Alice!*

Davis inclina-se para trás, fazendo uma careta com os dedos nos ouvidos.

— Não há necessidade de gritar. Ela não te consegue ouvir.

A fúria percorre-me o corpo como uma floresta em chamas.

— O que é que lhe fizeram? — pergunto.

Isaac revela os dentes num sorriso assustador. Acaricia a mão de Alice.

— Não lhe toque! — berro.

— Temo que Isaac tenha de continuar a tocar na menina Chen para esta hipnose em especial. — Davis volta à cadeira e ajeita-se à mesa. — O que irá acontecer até que cheguemos a um acordo.

— Se não a libertar imediatamente… — disparo. — Juro por Deus que acabo consigo!

— Tanta raiva. — Davis sorri. — Vamos ver se conseguimos atenuá-la. Isaac?

Isaac põe-se à frente de Alice, como se a fosse abraçar, e desliza as mãos pelas bochechas dela, segurando-lhe a cabeça até que os olhares de ambos se encontram. Um brilho prateado lento e de aspeto doentio feito de fogo mágico envolve-a do pescoço para cima. Um segundo depois, Alice pestaneja rapidamente.

— Bree? — sussurra. Os olhos dela focam-se em mim. — O que te aconteceu ao vestido? Porque é que estás amarrada a uma cadeira? O que se passa?

— Alice! Alice, ouve-me bem. Eu vou tirar-te daqui!

Isaac mexe os dedos, e ela volta a desabar e recosta-se no peito do Merlim.

— O que estão a fazer? — pergunto enquanto fito Isaac e Davis.

Davis assente na direção do outro homem e este volta a despertar Alice, como uma marioneta acordada pelo puxar dos seus fios.

Desta vez, os olhos de Alice levam mais tempo a encontrar-me, e, mesmo quando o fazem, não me focam. Acho que não me consegue ver. Volto a chamar por ela, mas faz uma careta, desorientada.

— Matty? Sei que não tens um vestido para a gala deste fim de semana. Devíamos ir às compras depois da aula.

Foi exatamente o que me disse há dois dias, ao pequeno-almoço… um horror de congelar percorre-me a espinha, e percebo o que Isaac está a fazer.

Estão a apagar-lhe as memórias.

— Pare! — Luto contra as cordas, as lágrimas ardem-me nos olhos. — Por favor, pare!

Isaac sorri e aperta as mãos com mais força na cabeça dela.

— Tens andado estranha a semana inteira.

— Pare!

— Se parecer que são só vocês os dois, então é um encontro, não importa quem esteja por perto.

Isto foi há duas semanas. Foi por telefone, um dia depois de Nick me beijar à frente da Sede.

Isaac acabou de apagar duas semanas inteiras da mente de Alice. Tudo o que aprendeu nas aulas, cada ideia que teve, cada memória feliz, alegre. Cada conversa com os pais e o irmão. Tudo o que dissemos uma à outra. Foi-se.

E ele pode fazer mais. Sei que pode. Pode tirar-ma diante dos meus próprios olhos, tal como a mãe de Nick lhe foi tirada.

É o que está a fazer. Uma demonstração de poder. Um lembrete de que não importa quanto eu saiba, porque não é o suficiente para sobreviver neste mundo. A afirmação de que eu não tenho valor.

— Por favor — rogo, com as lágrimas a descer como rios quentes pelo rosto. — Por favor, pare. Por favor.

Davis indica a Isaac que pare o que está a fazer, e tanto eu como Alice acalmamos.

— Normalmente usamos a hipnose em qualquer Primavida inconveniente, mas, já que te revelaste algo teimosa neste quesito, ordenei que Isaac capturasse a menina Chen para uma dose extra de persuasão. Perdoa-me a dramaticidade. Os Merlins gostam de se exibir, não achas?

— O que é que pretende? — sussurro, porque, neste momento, é tudo o que preciso de saber.

Davis sorri, como se eu tivesse feito finalmente a pergunta acertada.

— Vais sair da universidade e do programa. Fala com o diretor e diz-lhe que não estavas preparada para lidar com o rigor do ensino. Que não encaixas aqui. Tenho a certeza de que, vindo de ti, não será difícil para a administração acreditar.

As minhas mãos fecham-se.

— Nunca mais voltas a falar com o Nicholas ou com qualquer outro elemento da divisão. Quando chegar o momento, irás matricular-te noutra universidade,

de preferência fora deste estado, e esquecer que conheceste o mundo dos Lendários.

Volto a olhar para Alice, que abana o corpo e tem os olhos completamente fechados. Só os braços de Isaac pousados nos ombros dela parecem mantê-la de pé. Davis segue o meu olhar.

— E se me recusar?

— És uma rapariga esperta, e por isso tenho a certeza de que já sabes a resposta. — Volta a sentar-se na cadeira, a tamborilar os dedos na mesa. Está entediado. Mesmo enquanto tortura a minha amiga e, através dela, me tortura a mim também. — Mas acho que é melhor esclarecermos já algumas coisas: se não obedeceres, o Isaac irá levar-te para uma das nossas instituições, onde os seus colegas, os outros Mestres, poderão divertir-se a tentar descobrir o que leva o teu cérebro a não ceder à hipnose, quer a resposta esteja lá por dentro ou cá por fora. E embora não possas ser hipnotizada, por favor, vê se percebes que não hesitaremos em ir atrás de outras pessoas de quem gostas e que não partilham essa tua anomalia. Como a menina Chen, por exemplo.

Vejo o meu pai sentado na cadeira de vinil do hospital, a fazer-se forte enquanto o seu mundo desaba. Ouço a sua voz, carinhosa e risonha, encostada ao meu ouvido. As mensagens a que nunca respondi. Como me tentou ajudar mesmo quando eu não quis ouvir.

Lorde Davis inclina-se para a frente e alveja-me o peito com um sorriso sádico.

— Agora diga-me, menina Matthews. Aceita *esta* oferta?

Toda a frustração, toda a luta, abandona o meu corpo.

— Aceito.

48

Alice mexe-se como se estivesse sonâmbula e adormece quando a levo para o andar de cima e a ponho na cama. Tem as sobrancelhas finas franzidas e o cabelo pegajoso está colado ao pescoço e à testa. Passa a noite atormentada por pesadelos e solta gemidos, mas não acorda em nenhum momento, nem sequer quando a sento para trocar os lençóis viscosos e ensopados. Limpo-lhe o suor da testa e do pescoço, e choro, e rezo para que seja o que for que Isaac tenha feito lhe saia do sistema.

— *Esta arte é um veneno.* — A voz da minha avó ressoa-me na cabeça. — *Lamento muito, querida.*

— Onde é que estava? — grito. — Para onde foi?

— *Estou a usar todo o meu poder para chamar a mãe velha, tal como me pediste* — murmura ela. — *Não te podia ajudar lá e não te posso ajudar aqui.*

— Deve haver alguma coisa que eu possa fazer!

Silêncio. Preocupa-me a possibilidade de ela ter voltado a desaparecer.

E então o meu corpo aquece, e uma nova presença estala sob a minha pele.

— Quem…

Uma nova voz responde.

— *Jessie. Curandeira. Há três gerações.*

— Por favor…

A minha voz sai-me estrangulada enquanto Jessie leva as minhas mãos à testa de Alice.

— *A minha cura e a tua imunidade… talvez.* — Uma pausa. — *Não há ervas do lado de cá, pelo que tu terás de servir.*

— Terei de servir para q…

Um fogo mágico vermelho surge-me nas mãos e flui pela cara e pelos cabelos de Alice. Jessie não me deixa afastar. Tudo o que posso fazer é assistir a tudo, horrorizada, à medida que a minha raiz, o meu éter, desce em cascata sobre o

corpo da minha melhor amiga e lhe ensopa a pele. Só então Jessie me liberta, e as chamas desaparecem.

A sensação de desmaio toma conta do meu corpo. Perdi toda a energia. Sinto-me muito frágil.

Jessie usou-me em vez das ervas, usou o meu próprio poder e energia.

Alice abre os olhos.

— Bree?…

— Alice!

As minhas mãos tocam-lhe o rosto, afastam-lhe o cabelo molhado. Ela pega-me no pulso.

— O que aconteceu? — pergunta, aterrorizada, os olhos arregalados. — Havia um homem. Um homem com olhos vermelhos… e *presas*… e ele… ele levou-me para um sítio qualquer. Uma casa fora do *campus*… — Recosta-se e treme enquanto as memórias lhe regressam. — Tu estavas lá. Eles amarraram-te. Oh, meu Deus. *Oh, meu Deus. Ele roubou-me as memórias.*

Alice começa a hiperventilar. Ajoelho-me, e por pouco não caio para a frente. O meu corpo parece lento, pesado e exangue.

— Respira, por favor — tento acalmá-la, por mim mesma e por ela. — Eu estou aqui.

— Eles conheciam-te. — A testa dela franze-se; e depois o seu olhar encontra o meu. — E tu conhecia-los.

Está na hora. Não posso continuar a evitar isto.

— Eu posso explicar.

Quando acabo de contar tudo a Alice, ela tem uma dúzia de perguntas na ponta da língua, anda de um lado para o outro pelo quarto e eu continuo ajoelhada no chão, a recuperar. Lança-me outra rodada de perguntas sobre as Linhagens e a Ordem enquanto troca o pijama encharcado de suor por umas calças de ganga e uma camisola. Respondo a todas as suas dúvidas e concluo as minhas explicações com o plano de Lorde Davis.

Confiante de que tanto ela como eu estamos bem, levanto-me para procurar roupa lavada enquanto considero as minhas opções.

Não, considero se ainda me restam opções.

Podia simplesmente ir-me embora, como concordei que faria, digo-lhe. Sou eu a responsável por Alice ter entrado na mira da Ordem e serei eu a responsável se chegarem ao meu pai. Não posso arriscar que nenhum dos dois caia nas garras de Isaac. Importo-me menos com o meu próprio bem-estar do que com o deles.

— Mas e o Nick? — pergunta ela.

Visto uma camisola preta sem mangas e *leggings*.

— Não sei — respondo. Prendo o cabelo num coque alto e apertado. — Ninguém ligou ou mandou mensagem para saber onde estou, pelo que, seja o que for que o Lorde Davis e o Isaac andem a fazer, conseguiram convencer toda a gente de que me fui embora de vez ou estão a distrair a divisão de uma maneira qualquer.

— Com demónios?

Baixo-me para calçar os ténis.

— Se o Davis está a pensar que o Nick toma a *Excalibur* esta noite, tem de ter um plano em andamento para expor o filho a mais Crias das Sombras. E o perigo do Nick é o perigo de todos os outros, sobretudo do Sel.

Os meus olhos voltam-se para a caixa da minha mãe.

A nossa Bree Destemida.

— Bem — diz Alice, ao prender o cabelo para cima. — Eu vou contigo.

— Não, não vais — decreto, perplexa. Ela empina uma sobrancelha.

— Tens lidado com isto tudo sozinha. Precisas de ajuda.

— Não. Preciso que fiques em segurança. O Lorde Davis está por detrás de tudo isto, Alice. Ele é um monstro. Matou pessoas, levou a minha mãe a ter de se esconder, manteve-me longe da verdade sobre a minha família. E agora quer começar uma guerra, matando mais inocentes pelo caminho. Não vou deixar que te aproximes disso.

Ela sorri.

— E eu podia dizer-te o mesmo.

Pestanejo.

— Até posso não ser uma caçadora de demónios — continua Alice —, mas sou a tua melhor amiga, Matty. Adorava a tua mãe. Adoro-te a ti. — Aproxima-se de mim no meio do quarto, o suficiente para que eu lhe veja a determinação nos olhos. — Se esta é a tua luta, também é a minha.

49

Atravessamos o perímetro dos jardins da Sede, com cuidado para não pisarmos a gravilha. Se Isaac lá estiver, é provável que não faça diferença, mas tenho de me manter fora do seu radar o máximo de tempo que conseguir. Alice é veloz e precavida, e segue as instruções que lhe sussurrei sem fazer perguntas.

Quando chegamos à porta de acesso à cave, a minha avó está de volta, mas completamente apagada, uma velhinha que dorme a sesta no sofá: tem a boca aberta, e um leve ressonar ecoa-me no crânio, espalhando-me pelo peito uma sensação pesada e lenta.

Talvez seja melhor assim. Acedo aos meus limites mentais, tal como Mariah me ensinou. *Visualiza-te a ti mesma como uma casa. Bloqueia todos os pontos de entrada. Fecha as cortinas. Tapa o buraco da chaminé.*

Pelo caminho, argumentei que se Isaac e Lorde Davis estivessem do lado de dentro, estariam, seguramente, no andar principal, mas, agora que aqui estou, não tenho a certeza. E se o andar de cima estiver escuro porque está toda a gente lá em baixo? E se a Sede estiver realmente vazia, enquanto todos estão fora a lutar contra as Crias das Sombras que Davis entretanto libertou? E se Nick já tiver sido Chamado e Camlann tiver chegado?

A única certeza que tenho é a de que estou aqui agora. E se os Lendários também estiverem, só há uma pessoa em quem confiaria a discrição. Tiro o telemóvel do bolso e envio uma mensagem rápida.

Dois minutos depois, a porta abre-se, revelando William, ainda de fato formal, o rosto transformado numa mistura de alívio e choque.

— Disseram-nos que tinhas desistido. Não acreditei nem por nada. No momento em que entraste no salão vestida como estavas, soube que ias roubar a cena.

Puxa-me para um abraço.

— Então soubeste antes de mim. — O seu cheiro forte invade-me o nariz. É fresco. Muito fresco. — Alguém se magoou?

— É melhor entrares. — Quando William se afasta, repara em Alice. — Quem é esta?

— Alice Chen. Ela está comigo.

— Se ela está contigo, então confio nela. — Os olhos dele voltam-se para mim. — Mas se entrares com uma forasteira, então todos vão saber que quebraste o Juramento de Sigilo e vão querer saber, como eu quero neste momento, como é que ainda estás de pé.

— É uma longa história.

William volta a abanar a cabeça, e noto o suor na sua testa, as mangas enroladas. Puxa-me até ao corredor e faz uma curva abrupta para a esquerda.

— Correu tudo mal nas últimas duas horas. O Sel, a Tor e a Sar andam à caça de alguns demónios, o Russ quase não voltou inteiro…

Quando emergimos das escadas, ouvimos gritos e começamos imediatamente a correr.

A gritaria de Russ conduz-nos a uma sala onde nunca estive.

— Vamos ter de esperar!

Ouvimos um murro na mesa. O som detém-me. Nunca vi Russ zangado a ponto de se pôr a bater fosse no que fosse. Ele e outros Lendários estão de pé à volta de uma mesa quadrada coberta de mapas.

— Não! — diz Fitz, a voz estrepitosa. — Três ataques em menos de duas horas e foram todos completamente materializados. Estão a aproximar-se cada vez mais do *campus*, na direção do centro. Os Primavidas vão vê-los, e depois o que é que acontece? Temos de atacar com força total. E já!

Ninguém repara na nossa entrada. Os Herdeiros e Escudeiros estão debruçados sobre uma pilha de mapas, aos gritos. Fitz, Evan, Felicity e Russ envergam armaduras de éter, com armas nas costas ou penduradas na cintura, enquanto os outros ainda estão de calças de ganga e camisolas. Vejo Greer e Whitty no meio daquilo tudo.

— Felicity, tu és de classe quatro — diz Russ. A Herdeira dele está de braços cruzados na outra ponta da mesa, a roer a unha do polegar. — A Tor não está cá. O Nick não está cá. Diz-nos o que fazer.

Respondo antes que Felicity tenha tempo de dizer seja o que for.

— Temos de encontrar Lorde Davis. E o Nick.

Todos se viram para mim. Russ parece contente por me ver, e não é o único, mas outros, como Fitz e Pete, parecem irritados com a minha presença. Greer vem até mim e envolve-me com um dos braços.

— Bree, o que estás aqui a fazer? — pergunta Felicity, dando a volta à mesa para me abraçar também. A armadura causa-me formigueiros na pele.

— Quem é essa? — questiona Fitz.

Alice está escondida nas sombras, os olhos arregalados e brilhantes. Quietinha, como lhe disse que ficasse.

— Uma Vassala — respondo.

William intervém.

— Alguém em quem podemos confiar.

A declaração parece acalmar a sala. Fitz estreita os olhos.

— O Lorde Davis disse que rejeitaste a oferta do Nick depois do baile.

— Vou contar-vos tudo, mas primeiro preciso que me deixem a par da situação. Onde estão o Nick e o pai?

Aproximo-me da mesa. No centro do tampo de madeira há uma grande folha de papel coberta de linhas topográficas, círculos e quadrados em esquemas coloridos. Um mapa do *campus*.

Felicity junta-se a mim na mesa.

— Não sabemos. Eles voltaram para aqui depois do baile, discutiram no átrio. O Davis disse-lhe que te foste embora e o Nick…

— Passou-se da cabeça — diz Evan. Felicity assente.

— Os gritos eram altos a ponto de ressoar por todo o *campus*, e mesmo dos nossos quartos conseguíamos ouvi-los. Não acredito que Lorde Davis quisesse público, por isso disse ao Nick que precisavam de ir falar em privado, e depois saíram.

— E foi aí que a merda descambou — murmura Pete. Vários olhos viram-se para ele. Ele encolhe os ombros. — O que foi? É verdade!

William parece nervoso. Esfrega o polegar na testa.

— O Sel sentiu a presença de um demónio há menos de uma hora, fora do *campus*. Ele, Felicity e Russ foram atrás dele.

— Um cão infernal completamente corpóreo — diz Russ. — Não era crescido, mas era suficientemente grande. Derrotámo-lo com facilidade, e estávamos a voltar para cá e, bum!, o Sel sente outro a sul do *campus*, e fomos para lá.

— O Russ ficou ferido — acrescenta Felicity.

Pela primeira vez, noto-lhe a mancha de sangue no peito brilhante. Sangue de Russ, concluo, pelo olhar perturbado no rosto dela. Percebo que o corpo dele se inclina mais para a esquerda do que o normal.

— Fui eu que o trouxe de volta. Quando o William começou a tratar dele, o Sel sentiu outro demónio. Dessa vez, no centro do *campus*. Voltou para lá com a Sar e a Tor.

O meu estômago contorce-se com as palavras que depois lhe saem da boca.

— Estamos a tentar ligar ao Nick desde o primeiro ataque, mas ele e o pai não atendem. E o Sel, a Sar e a Tor ainda não voltaram.

— Está a acontecer — diz Fitz, com rispidez. — Exatamente como Lorde Davis o descreveu, é assim que começa. Não podemos esperar até que todos concordem em fazer alguma coisa. Fomos treinados para isto. As sombras estão a crescer. Isto é Camlann!

— Não — digo. — Não é.

— Socorro! — Os gritos frenéticos de Sarah atravessam o corredor. — *Socorro!*

William e Whitty saem disparados da sala. Os restantes reúnem-se no corredor enquanto os dois rapazes retiram o corpo inerte de Tor das mãos de Sarah e o levam para a enfermaria.

— Saiam da frente! — grita William, a correr.

A cabeça de Tor inclina-se para trás nos seus braços, apoiada nos dedos firmes de Whitty. Sangue carmesim, sob a luz fluorescente do corredor, escorre-lhe num fio pelo canto da boca e aloja-se-lhe no cabelo cor de palha. A cota de malha, leve e fina para uma arqueira, mas forte, foi dilacerada. Pedaços de elos metálicos de éter caem do que sobrou, pingam no chão e transformam-se em nada.

Digo a Alice que espere ali por mim e sigo William até à enfermaria. Felicity e Russ juntam-se a mim, abrindo as portas com um empurrão. Sarah já nos ultrapassou. Mal a vejo.

Sel já deve ter unido Herdeiro e Escudeiro, porque William e Whitty trabalham numa harmonia silenciosa no corpo de Tor, com William a fazer pairar as mãos sobre a sua cabeça e Whitty a mover os dedos como se estivesse a tocar piano centímetros acima do seu peito e do seu estômago. Comunicam sem olhar uns para os outros, sem olhar para mais ninguém. Têm os olhos fechados.

— Costelas fraturadas, hemorragia interna. Pulmão esquerdo perfurado. Baço e rim esquerdo feridos. Merda.

— Isso explica o sangue na cavidade oral. Nenhum ferimento no cérebro ou na coluna.

Whitty hesita.

— Não sei como…

— Deixa estar que eu faço.

William assume o lugar de Whitty, conjurando nos dedos um éter que encapsula o torso de Tor como uma concha brilhante. Quando o faz, parece afastar-se de nós e entrar noutro mundo, dentro da sua própria cabeça. A boca mexe-se sem emitir som algum, fala em galês, acho eu, e os olhos movem-se rapidamente sob as pálpebras.

— O que aconteceu? — pergunta Felicity a Sarah, que está inclinada sobre o corpo inerte de Tor com mãos trémulas na boca.

— Eu devia ter lá estado — diz Sarah, com a voz vacilante. — Devia ter sido eu. É esse o meu trabalho. É este o meu trabalho.

— Sarah, querida. — Felicity pousa-lhe uma mão no ombro. Sarah estremece, mas os seus olhos perdidos encontram Felicity e ganham foco aos poucos. — Conta-nos o que aconteceu.

Sarah tenta várias vezes antes de as palavras lhe saírem.

— Uma… uma… raposa, acho eu. Algo roubou o éter a Sel e enfraqueceu as nossas armaduras. Nós… nós encurralámo-la, mas depois apareceu um puma.

— Um puma infernal? — diz Russ. — Mas que mer…

Felicity cala-o com um olhar.

— E depois?

Sarah pestaneja.

— A Tor ouviu-o antes de nós. Tentou preparar uma flecha, mas a criatura foi muito mais rápida. Tão veloz como nós. Ela… ela saltou e… achei que a fosse

despedaçar toda mesmo à frente dos meus olhos…

Sarah chora. Tem o rosto branco como a neve, os ombros sacodem-se com força.

— Põe-na em cima da mesa — ordena Whitty, movendo-se de imediato para a outra mesa cirúrgica na sala.

Russ levanta-a como se fosse feita de papel e pousa-a sobre a mesa. Whitty segura a mão de Tor e o aperto torna-se frouxo, mas os olhos e a expressão são de alerta. Uma injeção calmante de éter, diretamente da mão dele para o sistema dela.

— Onde está o Sel? — pergunta Russ, com a tensão suprimida na voz.

— Despachou-me a mim e à Tor. Disse que era capaz de lidar com os demónios sozinho.

Felicity engasga-se ao meu lado, e eu mal consigo respirar. Sel é bom. É um dos melhores. Mas se já uniu Whitty e William, e talvez Greer e Pete, talvez esteja demasiado embriagado para lutar.

— O Sel disse… — geme Sarah, quieta. Tenta sentar-se, mas Whitty aperta-lhe o ombro gentilmente. Os olhos dela vasculham a sala de modo frenético até encontrarem os meus. — Ele disse que acredita que Lorde Davis está a tentar forçar a decisão de Artur.

Russ levanta a cabeça.

— Que diabo significa isso?

— O Davis quer que o Artur Chame o Nick — conto-lhes. — Mas talvez não esteja a funcionar.

Reúno todos os que ainda estão de pé na sala ao fundo do corredor, e Alice também, e revelo-lhes o porquê de estar ali e o que sei. O que Sel e eu descobrimos, o que Lorde Davis me fez. E o que ele disse que faria se o filho se recusasse a assumir o trono.

Tenho medo de que não acreditem nas partes da história que Sel e eu descobrimos na casa de Davis, dado que é o seu título de Mago Real que está em jogo, mas os Lendários confiam mais no Merlim do que ele julga. O facto de Sarah ter partilhado a mensagem dele e de tantas pessoas terem assistido à discussão entre Nick e o pai ajuda.

E alguns deles, penso, começam também a confiar em mim.

Russ é o primeiro a falar, a frustração mal disfarçada na voz.

— Mas como é que Lorde Davis está a quebrar os seus Juramentos? Ele fez o Primeiro Juramento, o Juramento de Serviço e sei lá mais o quê.

William faz uma careta.

— Todos os Juramentos se voltam para o objetivo principal… servir a missão da Ordem. Se o pensamento de Lorde Davis for assim tão distorcido, pode ser que, pela sua perspetiva, as suas intenções estejam ao serviço da Ordem. Ou talvez o Mago Real o tenha protegido, de alguma forma, dos efeitos dos Juramentos. Um Mestre mago saberia de muito mais.

— Mas como é que o Nick podia ser Chamado? — pergunta Felicity. — O Herdeiro de Lancelote está no Norte e ainda está adormecido.

— Pelo que sabemos — diz Fitz —, talvez Davis também tenha arranjado solução para isso. Ou talvez tenha aliados. Talvez a reunião de Regentes a que compareceu no Norte na semana passada tenha sido apenas uma fachada.

William passa a mão no rosto.

— Ou o Herdeiro de Lancelote ainda está adormecido, e ameaçar o Herdeiro de Artur irá, de certa maneira, forçar Lancelote a chamar o seu Herdeiro.

— Não importa! — Russ atira as mãos para o alto. — Não *importa* que Davis esteja a tentar forçar os Chamados, se os demónios que está a deixar atravessar são *reais*. Porque é que Artur ainda não entrou em cena?

— O Nick seria capaz de bloquear Artur? — pergunto a William, recordando a confissão de Nick sobre tentar não ser Chamado e o seu desejo de impedir Camlann a todo o custo. — É possível?

William pestaneja.

— Não. Alguns Herdeiros já tentaram resistir ao Chamado, mas todos falharam. — Coça a cabeça. — Quer dizer, até podia ser uma opção para outros cavaleiros, talvez, mas a força de vontade e a força vital necessária para deter o Chamado de Artur…

— Se for possível, então será Nick a fazê-lo — diz Evan do lugar em que está recostado na parede. — Ainda mais se achar que pode convencer o pai a não dar início a Camlann. Ele confia em nós para lidar com os demónios por agora. E talvez até consigamos, agora que temos mais dois pares unidos. Mas há aqui outra variável. — Ele olha para mim. — O Nick está apaixonado pela Bree.

As minhas bochechas aquecem.

— Isso não é…

— É, sim. — Evan sorri e afasta-se da parede. — Todo o baile viu como ele olhou para ti. O Davis fez uma má aposta. Achou que o Nick iria acreditar que aceitaste ser sua Escudeira para depois desistires. Em vez disso, o temperamento controladíssimo do filho explodiu por fim. Aposto que o Nick está *furioso*. Ira, heroísmo e paixão fazem uma excelente combinação; ele vai bloquear o Chamado de Artur, podem ter a certeza.

Olham todos para mim, e sinto que vou entrar em combustão. Sou salva do meu próprio fogo interno quando alguém bate, com força, à porta.

— Sel! — grita Felicity, e corre para a porta outra vez.

Quero segui-la, mas não consigo. Os meus pés estão colados ao chão com o terror, o coração a pulsar com tanta força que o sangue que me corre pelos ouvidos parece um oceano. Não faz sentido, mas o meu cérebro diz-me que, se não olhar para Sel ferido e derrotado como Tor, talvez isso signifique que ele está a salvo.

Mas não é Sel quem atravessa a porta. Felicity volta para a sala com Vaughn a arrastar-se, taciturno, atrás dela.

Greer escarnece.

— Julguei que tinhas fugido com o rabo entre as pernas.

— Já somos dois — diz Fitz.

Vaughn fita-nos, vigilante.

— Lorde Davis disse que tinha um plano pensado para mim. Que devia esperar no meu quarto até que me chamasse.

Os seus olhos voltam-se para mim, mas, quando os encaro, não encontro a arrogância que lhes é característica. Só então dou conta: Davis planeava unir Vaughn a Nick.

Russ faz uma careta.

— Então, o que aconteceu? Sentiste medo e quiseste vir até aqui?

— O meu quarto é no sexto andar da Ehringhaus. Olhei pela janela e vi as luzes a meio do *campus*. Fogo mágico verde. E também azul e branco.

— O Sel — sussurro. — Quando?

— Há dez minutos — diz ele, com um abrir de mãos. — Vim logo a correr para cá, mas… ao que parece, vocês já sabiam?

Fitz atualiza o seu Pajem quanto aos últimos acontecimentos. Espero que Sel esteja vivo. A possibilidade de não o estar suga-me todo o oxigénio.

— Fitz — chamo, e a cabeça dele vira-se para mim. — O que disseste há bocado sobre o mapa do *campus*? Sobre a movimentação dos demónios?

— Estão a avançar em direção ao centro.

— E porque o fariam? — pergunta Alice, e a sala vira-se para ela. A minha amiga levanta o queixo e marcha para diante. Sinto o peito a explodir de orgulho. — São atraídos por quê?

— Primavidas, claro — diz ele.

— E éter — complementa Greer.

O meu coração acelera.

— Que fonte de éter existe no meio do *campus*?

Os rostos de Felicity e Fitz perdem a cor. São os únicos Herdeiros veteranos na sala e chegaram à mesma conclusão ao mesmo tempo.

— Importam-se de partilhar com o resto da turma? — bufa Russ. — Ou é um segredo da Linhagem?

— Na verdade… — Felicity enrubesce. — É, sim.

Seja como for, já sei o que vai dizer.

— A *Excalibur* — revela, a voz feita numa mistura de medo e reverência. — É a arma de éter mais antiga do mundo. Forjada pelo próprio Merlim, contém tanto poder que nunca se desfaz, ao contrário das nossas. Nem sequer quando o portador a liberta. Cada rei, cada Herdeiro de Artur, acrescenta o seu próprio poder de cada vez que a empunha. Quando vencemos o último Camlann, o Herdeiro fez retornar a espada à pedra. Geralmente as Crias das Sombras não são materializadas a ponto de chegarem aí. Ou então o Sel encontra-as primeiro, e foi por isso que nem considerei tal possibilidade, mas se um demónio inferior não encontra uma pessoa específica para caçar, vai atrás da maior e mais próxima fonte de éter para consumir. Quanto mais consome, mais tempo consegue ficar. E a maior fonte de éter seria a espada.

— Onde é que ela está? — questiona Russ.

— Ogof y ddraig — sussurro.

Ela abana a cabeça.

— Sim. Sob a torre sineira. E há Portais debaixo da terra também. Vários. Os Merlins selaram-nos há centenas de anos, mas, se Lorde Davis quer o Nick preparado para empunhar a *Excalibur*…

— Então é lá que o Nick e o pai estão — digo, com o peito apertado só de pensar nisso. — Temos de chegar até eles e travar Davis antes que abra outro Portal.

Pete levanta as mãos no ar.

— E os Portais daqui? Eu sei que não saem de lá muitos demónios, mas vamos simplesmente deixá-los abertos?

— Eu trato disso — diz William, da porta. — Posso fechá-los.

— Como? — indaga Pete.

— Com isto.

William tira algo pequeno do bolso e agita-o para a frente e para trás. Um frasco de sangue.

Sangue de Sel. Tenho a certeza.

— Não precisam de ser um demónio para abrir ou fechar um Portal. Só precisam de sangue demoníaco. Ou de meio-demónio, no caso. — Avança um passo para dentro da sala. — Não tenho a mesma perceção de radar do Sel, mas as minhas competências de cura ajudam-me a ter uma boa noção de onde está o éter. É quase a mesma coisa, só que numa escala maior. E o Russ, a Felicity e a Sarah podem indicar-me a direção correta. — Acena com a cabeça para Alice. — Levo a Vassala Chen comigo para manter os Primavidas afastados.

— Não — responde Felicity com firmeza. — És um bom guerreiro, mas não estamos nem minimamente perto da meia-noite, por isso não tens a força de Gawain. E se te magoas? És o nosso único curandeiro.

Os lábios de William curvam-se.

— Não, não sou. O Whitty já é um ótimo aprendiz. Está na enfermaria neste exato momento, a ministrar os últimos cuidados à Tor. O que vou fazer é dez vezes mais seguro do que entrar nos túneis para encontrar ogof. Se estás preocupada em ter alguém por perto para vos curar, então não me queres lá. Queres-me aqui. — Ele sorri. — E se o Sel voltar, conto-lhe para onde foram e despacho-o como se fosse a porra do Gandalf, *o Branco*. Vai ser ótimo, prometo.

Russ pousa a mão no pulso da sua Herdeira. Felicity inclina o queixo ao de leve na sua direção. Uma conversa silenciosa dá-se entre ambos antes que ela suspire e se volte para William.

— Está bem.

Nesse momento, puxo Alice para um canto.

— Não os vais conseguir ver a aproximar-se. Se o William te mandar fugir, foge.

Ela assente e comprime os lábios.

— Vais ficar? — pergunta.

— Sim.

— A sério?

Puxo-a para um abraço.

— A sério.

Antes de nos separarmos, ela segura-me o braço.

— Fá-lo pagar, Matty.

Basta um soco rápido de Russ para quebrar a fechadura da porta da sala de armas secreta. Bem, secreta para mim.

— Os Suseranos não gostam que brinquemos com as coisas deles, ou seja, as armas a sério que continuam a existir depois de uma luta, mas o cadeado faz-me sempre rir. — Abre a porta para entrarmos. — É insultuoso, na verdade. Parece que se esquecem de quem herdámos os nossos traços.

— Lamorak é conhecido pelo seu temperamento e pela sua sabedoria — diz Felicity. — Acho que esperavam que a última característica sobressaísse.

— Que piada há nisso? — diz Russ, e pisca o olho quando passo por ele.

Os Herdeiros e Escudeiros unidos — Russ e Felicity, Fitz e Evan, Pete e Greer, e até Whitty, com a ajuda de William — vão usar armas de éter nos túneis. Mas, visto que Vaughn e eu não somos Escudeiros, vamos precisar de armas a sério.

Hesito diante do suporte de metal brilhante e pesado e madeira polida. Há espadas, é claro, mas algumas têm formas que nunca vi. Cutelos recurvados, catanas, espadas curtas e até um facão grosso. Há também uma prateleira de adagas de comprimentos variados, um machado de lâmina dupla e aquilo a que

Evan chama machado *lochaber*. Na outra extremidade estão as maças, os manguais e as bestas.

— Leva a espada — diz uma voz áspera ao meu lado. Para minha surpresa, é Vaughn. Escolhe uma lâmina para si e confere o peso. — És uma nódoa com adagas, e o bastão vai ser difícil de usar num espaço apertado. És razoável com a espada e provavelmente não irás cortar o próprio braço — murmura antes de baixar a cabeça e voltar para a sala de treino.

Para ser honesta, este foi o maior elogio que me podiam ter feito.

50

Felicity diz-nos que há uma entrada para os túneis não muito longe da casa de Davis, inserida na propriedade familiar da Linhagem de Artur. Supõe que tenha sido assim que Nick e o pai entraram na caverna. Não temos tempo para ir tão longe, nem precisamos.

Devia saber que os fundadores da Ordem haviam de querer ter uma entrada por ali, mas jamais imaginei que a porta para os túneis fosse a própria Muralha das Eras.

— E esteve sempre aqui? — diz Russ, claramente surpreendido com o facto de a sua Herdeira lhe ter escondido tudo.

Felicity estremece.

— Desculpa, Russy! Todas as famílias de Herdeiros juram segredo. É uma medida de segurança, caso alguém tente entrar.

Ele bufa, ao que ela responde com um abraço, e as armaduras tilintam com o movimento.

Os fundadores não estavam a brincar. Como se não bastasse o facto de terem mantido a entrada em segredo, literalmente, sob o nariz de toda a gente, ainda pedem sangue de Herdeiros — e pelo menos três Linhagens — para abrir a porta.

O grupo que vai para os túneis afasta-se à medida que Felicity, William e Fitz avançam para fazer as honras.

William usa uma pequena agulha para furar os polegares. Encosto os meus dedos trémulos à espada que trago presa às costas. Tocar no punho sólido e na bainha envolta em couro ajuda. Optei por uma lâmina leve, afiada e equilibrada, mas ainda tenho medo de cortar o braço sem querer. O pensamento, vívido e violento, parece ser o suficiente para acordar a minha avó.

Ela agita-se dentro de mim, sentada em qualquer coisa semelhante a uma cadeira.

— *Oh, vamos fazer alguma coisa, finalmente?*

— Uau. Só uau! — murmuro.

Evan olha para mim, intrigado. Sorrio e aponto para a muralha à nossa frente.

— É impressionante, não é?

Ele assente e volta a atenção para os Herdeiros.

— *Chegaste a encontrar a tal velha mãe, avó Charles?*, pergunto para dentro da minha própria cabeça. — *As chamas vermelhas até vinham a calhar*.

— *Vocês, jovens, nunca ouvem* — murmura, emitindo um som de desdém tão alto que faz os meus ouvidos estremecer. — *Eu não preciso de a encontrar. Ela vem a ti. E não, ela ainda não chegou. Suspeito de que chegue daqui a pouco.*

Nem me dou ao trabalho de responder, com medo de dizer o que não devo e de ela encontrar uma maneira de me dar outro estalo.

Os três Herdeiros ajoelham-se ao mesmo tempo e esfregam os polegares em cima dos respetivos nomes nas Linhagens da Muralha. Assim que o fazem, as Linhagens ganham vida, reluzindo até ao topo da Muralha em três cores distintas — vermelho de Lamorak, verde de Gawain e laranja-escuro de Bors. Quando chegam às pedras do cume, um rangido forte sacode a sala, as mesas e os arquivos que há lá dentro.

— Oh, merda — diz Russ, a irritação substituída por uma alegria escancarada. — Oh, merda!

Damos um passo para trás quando as engrenagens ocultas, ainda a funcionar apesar dos séculos, abrem a porta um centímetro de cada vez. Uma lufada de ar fétido invade a sala, e nós tapamos os narizes. A passagem deve estar cheia de mofo e coisas em decomposição. Sinto o sabor no fundo da garganta. É tão forte que até a minha avó se afasta.

Quando a porta para com um estrondo, a porta atrás de nós abre-se, e Sar e Tor entram.

— Nós também vamos — declara Tor, num tom de voz surpreendentemente firme.

— Ai, isso é que não vão! — William abana o dedo para ela e para Sarah. — Eu devia ter dito ao Whitty que vos pusesse a dormir.

— Oh, cala-te, Will — diz Tor, ainda que os seus movimentos sejam limitados e a sua respiração, ofegante. — Em breve estou curada. E eles precisam de mais

poder de fogo.

— Eu disse que não!

Tor aproxima-se e apoia-se num armário para vislumbrar a escuridão além da Muralha. O túnel não tem iluminação e só podemos ver o que as luzes fluorescentes da sala revelam: um chão negro como carvão, sujo e de terra batida, suavizado pela poeira espalhada pelo vento. Um caminho de mais ou menos um metro e meio de largura que desaparece três metros adentro. Não há teto, como se a Muralha marcasse a fronteira entre a fundação da Sede e a passagem para um outro mundo. Um mundo mais antigo. Um mundo profundo, perigoso e mais próximo do plano demoníaco. Além da Muralha, na escuridão total, estaríamos na corte deles, não na nossa.

E o pior é que apenas a alguns centímetros de onde a luz começa, esta torna-se mais fraca, vemos uma antecâmara arredondada que termina em seis aberturas. A primeira ramificação na rede.

William passa a mão pelas costas de Tor e avalia o seu estado com uma careta.

— A impaciência é um traço de personalidade herdado pela tua Linhagem — murmura ele. — Felizmente para ti, a rapidez do metabolismo do éter também. Estás curada em menos de uma hora, ingrata.

Tor sorri.

— Está dito.

— Muito bem, pessoal, ouçam.

Felicity chama-nos a atenção. Está de costas para o túnel.

— Ei! — exclama Tor, a coxear até ela. — Estou aqui agora e sou de classe três. Eu fico no comando!

Felicity fuzila-a com o olhar e Tor, muito sabiamente, cede, dando um passo para o lado.

— A boa notícia é que, de acordo com as histórias do meu pai, há um mapa da rede de túneis que nos vai dizer qual é o caminho mais curto até à caverna. A má notícia é que não sabemos onde está o mapa. — O nosso queixume ecoa para lá do túnel. — Mas já que todos os caminhos acabam por nos levar até lá, vamos dividir o grupo em quatro. — Olha para Tor e Sarah. — Aliás, cinco.

William entrega a todos pequenas lanternas pretas.

Estamos em número ímpar, pelo que eu vou para um grupo de três com Fitz e Evan. Vaughn e Whitty concordam em ficar juntos, deixando o resto dos pares unidos a trabalhar em conjunto.

— Não há rede lá em baixo, e por isso os telemóveis vão ser-vos inúteis. Lembrem-se de que o centro do *campus* é à nossa esquerda, e, com esperança, vamos todos acabar na caverna juntos. Se alguém chegar lá primeiro, por favor, tente conversar com Lorde Davis. — Antes de partir para o ataque, quer ela dizer. — Mas preparem-se. Ele pode abrir um Portal para forçar o Nick a defender-se.

As duplas entram uma de cada vez. O Evan, o Fitz e eu vamos em último.

Quando avançamos, William segura-me no braço.

— Sabes que não precisas de fazer isto — diz, sincero, com os olhos cinzentos à procura dos meus. Olha para a caverna e depois para mim, e vejo-lhe a preocupação estampada no rosto, tão genuína que chega a doer. — Esta guerra não é tua.

Esta guerra não é tua. Tive um pensamento parecido da última vez que aqui estive, quando julguei estar a abandonar o mundo dos Lendários de uma vez por todas.

— Eu não quero guerra — respondo. — Quero que as pessoas de quem gosto fiquem em segurança.

— Pensei mesmo que dissesses qualquer coisa desse género.

— Vens, Matthews? — chama Fitz.

Ele e Evan estão parados alguns centímetros à frente da porta, os rostos delineados pela luz, os corpos banhados na escuridão.

— Estou mesmo atrás de vocês — respondo. E avanço terra adentro.

51

O bafo a putrefação atinge-nos. Queima-me as narinas com tanta força que puxo a gola da camisola para tapar o nariz, o que me faz desejar ter trazido um casaco. Está um frio de rachar.

Os outros já escolheram os seus túneis, pelo que, quando chegamos à pequena antecâmara, seguimos pelo caminho mais à direita.

Na maior parte do tempo, andamos com as lanternas apontadas para baixo, levantando-as de vez em quando. Mas não é lá grande ajuda. O túnel faz uma curva ligeira para a esquerda, acho eu. É difícil manter a concentração quando o teto ora está prestes a desabar sobre a cabeça de alguém, ora ascende em colunas íngremes e vazias até nenhures. Uma vez por outra, os ombros largos de Fitz esbarram contra a parede, mas, na maior parte do trajeto, o túnel tem cerca de um metro de largura. O som dos nossos passos assemelha-se a algo que está a ser esmagado e arranhado no cascalho sob os nossos pés. Ouvimos o som de água a pingar algures fora do nosso campo de visão. Provavelmente é de onde vem o bafio a mofo. A sua presença é constante, verde-escuro e preto, escorregadio. Andamos durante vinte, talvez trinta minutos, em silêncio na maior parte do tempo, e em fila. Fitz vai à frente, Evan, no meio, e eu, mesmo atrás.

Estou aliviada por Vaughn me ter aconselhado a não levar o bastão. Jamais iria caber nesta parte do túnel.

— Onde é que acham que estamos?

A minha voz ressoa alto e cria ecos no espaço apertado.

Fitz grunhe.

— Não sei bem. Os túneis não fazem uma linha reta. Demora-se, em média, quinze minutos a ir até à extremidade do *campus*, lá em cima, e mais quinze minutos ou assim até à torre.

Não sou claustrofóbica, mas a ideia de entrar e sair de espaços apertados e escuros por mais vinte minutos — no mínimo, se estivermos numa rota direta —

faz que o coração me dispare no peito, e o som dos batimentos quase bloqueia o do gotejar.

— Achas mesmo que Davis pode abrir os Portais aqui? — pergunta Evan ao seu Herdeiro. — Se ele o fizer e Artur não Chamar o Nick, ambos ficarão encurralados.

Fitz resmunga com desdém.

— Não acho que seja louco a esse ponto. Lutar num espaço fechado como este seria um pesadelo. Tenho a certeza de que a caverna é maior, mas, mesmo assim… Teria de conter a ameaça ou de a neutralizar num espaço fechado e com saídas limitadas. Um pesadelo tático.

Evan concorda.

Fitz conduz-nos a outra curva à esquerda. Ouço a sua respiração pesada e repentina cerca de dois segundos antes de compreender o motivo.

O túnel abre-se por completo de um dos lados, transformando uma passagem estreita num caminho com apenas uma parede à nossa esquerda. À direita, mergulhada numa escuridão assustadora, há uma ravina com cerca de nove metros de largura. A lanterna de Fitz ilumina a outra parede, uma série de afloramentos irregulares e maciços apontados para nós como dentes gigantes e afiados. Quando ele e Evan apontam as lanternas para baixo, vemos que a ravina se estreita à medida que desce, com estalagmites a subir do fundo invisível, e é dominada pelas sombras que engolem a luz das lanternas.

O caminho à frente ainda tem mais de um metro de largura, mas por ali tudo parece mais traiçoeiro, com a morte certa do outro lado.

Fitz diz o que estamos todos a pensar:

— É melhor abraçarmos esta parede, pessoal.

E é o que fazemos. Abraço a parede com tanta força que agarro a superfície irregular, fria e escorregadia com os dedos da mão esquerda, à espera de ver surgir um pequeno apoio para as mãos, caso seja necessário.

Estamos há três minutos, ou talvez cinco, no novo terreno quando ouvimos um som rastejante.

A lanterna de Fitz balança para a direita.

— O que foi aquilo?

— Morcegos, talvez — sugere Evan.

Parece ter razão. O som transforma-se no barulho de asas a bater. Encolho-me.

Evan aponta a lanterna para cima, mesmo a tempo de ver um corpo grosso, com escamas, e um pé com membranas a desaparecer na escuridão.

— Aquilo não é um morcego, pessoal.

— Então o que é q…

Fitz é atingido por algo sólido. Pragueja e tropeça, e deixa cair a lanterna na ravina.

Grito o nome dele e aproximo-me de Evan, arrastando a lanterna pela parede. Fitz resmunga, mas volta a levantar-se.

— Aquilo *não* é um morcego! — ruge, e levanta a mão para proteger os olhos da luz.

Em pânico, aponto a minha lanterna para os pés dele.

Por milagre, a lanterna dele deve ter caído num afloramento uns três metros mais abaixo, porque um amplo raio de luz atinge a parede e o caminho à nossa frente.

— Ele tem razão. Não vi, mas ouvi! — grita Evan. — Seja o que for, é forte!

Um som estridente ressoa nas paredes ao redor da caverna. É esse o único aviso que recebemos.

Uma nuvem de asas pesadas desce sobre nós. Ouço Fitz gritar e, meio segundo depois, o ganido melódico da sua espada de éter quando a retira da aljava. Garras puxam-me os ombros. Grito, tapo a cabeça e baixo-me. O cascalho perfura-me as calças e chega-me aos joelhos enquanto me abaixo sob asas esvoaçantes como pequenas adagas afiadas.

Uma delas pousa nas minhas costas. Atiro o cotovelo para trás e para cima. Atinjo algo quente e pesado que uiva e sai de cima de mim.

Fitz grita. Deixo a lanterna no chão, apontada na direção dele, e levanto-me, sacando a espada. O feixe de luz ilumina Fitz, e consigo vê-los.

Quatro demónios voadores do tamanho de cisnes rodeiam a cabeça e o tronco de Fitz. As enormes asas de couro quase sustentam os corpos bulbosos e os membros longos, vermelhos e escamados. As patas traseiras são longas e estão dobradas para trás, como as dos lobos, mas parecem ter mãos humanas, com dedos longos que acabam em garras negras que avançam contra Fitz.

— Diabretes! — grita.

Evan corre, tal como eu. Ataco o primeiro diabrete que apanho, cortando-lhe a longa cauda pontiaguda. O guincho que lança é como um espigão metálico que me perfura o crânio, mas a criatura voa de regresso à ravina, para longe de nós. Fitz consegue cravar a lâmina no corpo de outro diabrete. Ouço o som húmido de algo esmagado, e a ponta prateada emerge das costas da criatura, a brilhar e coberta de sangue preto. Quando o diabrete cai, por pouco não leva a espada de Fitz consigo.

Um dos diabretes voa acima da cabeça de Fitz, na minha direção. Desfiro um golpe alto, atingindo um dos braços da criatura, que guincha e voa para cima.

Dentro da minha cabeça, a minha avó solta um grito.

O seu brado faz-me colapsar, apoiada nas mãos e nos joelhos — precisamente à beira do trilho. Fico paralisada, a minha cabeça e os ombros param instantes antes de eu cair no abismo.

Ofego e arrasto-me para trás até bater com as costas na parede.

— *Oh, por favor, Senhor, protege a minha neta.*

Penso *Agora não!* o mais alto que consigo, porque o diabrete que feri ainda anda a circundar a ravina. Termina a volta e voa direito a mim. É a primeira vez que vejo um de frente: longos chifres recurvos como os de uma cabra e olhos verdes e brilhantes. Preparo-me para lutar. Espero. Espero.

— *O Senhor é meu pastor…*

— Agora não, avó! — grito o mais alto possível, e desfiro um golpe para baixo com toda a minha força, lacerando o diabrete em dois, do ombro à cintura. Ambas as partes caem no abismo.

Empurro a avó Charles para um recanto vazio da minha casa mental e imagino a porta a ser trancada com força.

Volto-me para Fitz.

O último diabrete afundou-lhe as garras nos ombros e paira agora atrás dele, onde a espada não o atinge. Ele baixa a lâmina e, com o rosto e o peito ensanguentados, tenta esticar a mão atrás da cabeça para agarrar o tornozelo da criatura. É inútil. Antes que tenha tempo de o tentar ajudar, o diabrete ri-se — um som semelhante a unhas a arranhar um quadro de ardósia —, voa e leva Fitz.

Assisto, horrorizada, enquanto Fitz é levantado do chão. O diabrete inclina-se para a esquerda e arrasta o peso de Fitz para a ravina. Corro, mas acabo no mesmo lugar onde ele estava instantes antes, a tempo de lhe ver a expressão de terror quando o diabrete lhe solta um dos pés.

— *Fitz!* — grita Evan, mas de nada serve.

Fitz grita.

O diabrete larga-o.

Ele cai.

Há um instante de silêncio e depois um som pesado, molhado — e silêncio outra vez.

O meu cérebro desliga.

Tenta processar o que vê na ravina, mas não consegue.

Os braços e as pernas de Fitz, moles e sem vida, continuam pendurados no seu corpo, mas o peito dele já não existe. *Não existe.* No seu lugar está a ponta vermelha de uma rocha saliente que o atravessa como uma lança.

Dou por mim de espada outra vez levantada, mas como se o fizesse à distância. O diabrete, ainda a pairar, sorri com as duas fileiras de dentes afiados e volta a mergulhar de garras para fora.

Desvio-me para a esquerda. A criatura falha o alvo.

Brando a ponta da espada nas suas costas, cortando-as ao meio. O diabrete morre contra a parede e a minha lâmina está espetada na pedra, atrás dele.

Mantenho a posição, com a respiração ofegante e os olhos a arder, das lágrimas. Quero soltá-las, mas não consigo. Ainda não. Caio de joelhos.

Evan levanta-se e aproxima-se devagar, o rosto ferido.

— Ele… ele…

Os seus olhos reluzem de ferocidade ao observarem a cena sangrenta que nos rodeia.

O meu cérebro volta a funcionar com um clique. Respiro fundo e destravo os dedos para tirar a espada da parede. A metade superior do diabrete cai com um som pesado que me faz revirar o estômago.

A espada do Herdeiro de Evan brilha e depois transforma-se em pó, já sem o seu conjurador. Um segundo depois, a espada de Evan, ainda no chão, também

desaparece.

Evan aproxima-se, iluminado pela minha lanterna ainda caída, e estende a mão. Tomo-a, sem hesitar, e ele ajuda-me a levantar.

— Ele está… morto — diz Evan, perplexo.

A sua armadura desaparece diante dos nossos olhos.

— Eu sei — sussurro, ainda que não o saiba de todo.

Não sei qual é sensação de assistir à morte do próprio Herdeiro. Irá o Juramento do Escudeiro castigá-lo? Terá Evan sentido a dor e o medo de Fitz?

Enquanto desamarro a bainha para guardar a espada, uma certeza gélida desliza-me pela mente. Davis abriu um Portal. E pode não ter matado a minha mãe, mas assassinou Fitz.

Acabaram-se as mortes.

52

Evan devolve-me a lanterna. Tem as mãos ainda trémulas.

— Temos de continuar.

Fito-o e vejo uma expressão inabalável no rosto familiar. Desta vez sou eu quem assume a liderança, com a lanterna nas mãos, embora também elas estejam a tremer.

Andamos durante mais alguns minutos, o tempo que a minha respiração leva a abrandar até chegar ao seu ritmo normal, mas nada nesta situação me parece normal. Os meus olhos e a minha lanterna disparam até cada gotejar distante, cada sombra de pedra.

— Aquilo eram diabretes, não eram? — pergunto, a tentar preencher o silêncio, na esperança de que isso impeça o coração de me fugir do peito.

— Sim — responde Evan, a voz trémula.

— Porque é que não eram invisíveis?

— Estamos no subsolo. O éter é mais rico perto da terra. Aqui em baixo, cada Cria das Sombras é mais poderosa do que à superfície. Mais difícil de matar.

Aceno com a cabeça, mesmo que ele não me consiga ver.

— Faz sentido.

Quinze metros adiante, deparamos com outra curva para a esquerda.

— Curva — anuncio a Evan, que segue atrás de mim.

Aponto a lanterna para baixo, mantendo a visibilidade do caminho, para não corrermos o risco de cair para um abismo. É assim que vejo que o que antes era cascalho no trajeto, pequeno e liso até então, evoluiu para fragmentos maiores e arredondados.

— Cuidado com o chão, as pedras estão soltas.

Mantenho um ritmo lento, cada passo firmando-se no solo apenas ligeiramente antes de o meu pé assentar. Paro para recuperar o fôlego e viro-me, avistando Evan a cerca de um metro de mim.

E só então dou conta de que, enquanto os meus pés atingem as pedras, fazendo-as rolar e ser esmagadas… os pés de Evan não fazem barulho algum.

Se a caverna não estivesse tão silenciosa, nunca o teria percebido.

Falho o passo seguinte e tenho de me apoiar na parede para manter o equilíbrio.

Goruchel.

Mímicos perfeitos.

— Estás bem? — pergunta Evan.

Quando se lhes mostra o ardil humano.

O meu coração bate com tanta força que mal consigo formar as palavras para lhe responder. E tenho a certeza avassaladora de que preciso de lhe responder. Afasto-me da parede.

— Sim, só escorreguei.

A minha voz soa oca e débil aos meus ouvidos, mas espero que ele não detete a mentira. Rezo para que não repare na mentira.

Quero fugir. Fugir o mais depressa possível. Mas, em vez disso, avanço, forço-me a manter um ritmo constante e a ignorar o pavor que me cresce no peito. Estou tão concentrada em não fugir, em não revelar o que sei, que escorrego a sério, e caio de joelhos.

Desta vez, quando Evan estende a mão, o meu corpo estremece. Um instinto. Fito os seus olhos azul-escuros e vejo a sombra de algo malicioso a mover-se por detrás deles.

— Eu estou bem — respondo, a rir. Um riso que soa tão falso que ninguém acreditaria realmente nele.

Levanto-me e continuo a andar, agora ligeiramente mais depressa. Ele dá-me alguns passos de avanço.

— Oh, Bree.

— Sim? — guincho, e continuo a avançar rapidamente.

De repente, a boca dele está na minha orelha.

— És demasiado espertinha — sussurra numa voz semelhante a sinos a quebrar-se na pedra.

Começo a correr, com os pés a escorregar a cada passo. Não sei se ele me está a perseguir. Não sou capaz de o ouvir. Diminuo a velocidade ao chegar a uma

curva. Avanço sem me aproximar da borda, mas torço o tornozelo esquerdo. Com força. Grito, em agonia, e a lanterna escapa-me da mão. Continuo a andar.

A escuridão da caverna engole-me de todos os lados, cega-me por completo. Não vejo nada à minha frente.

Antes de perder a lanterna, vi de relance o caminho adiante. Prosseguia em reta, depois havia uma ladeira e uma nova reta. Mantenho a mão na parede, deslocando-me da forma mais rápida de que sou capaz, atenta a qualquer som que me siga. Mas jamais serei capaz de o ouvir aproximar-se.

Desembainhar a espada seria inútil.

Ele podia matar-me aqui e agora, e ninguém saberia que tinha sido ele.

Quando volta a falar, a voz é ligeiramente abafada. Ainda não deve ter chegado à curva.

— Para ser mesmo sincero, tenho de te agradecer. Se não tivesses aparecido esta noite, nunca teria encontrado a entrada para ogof y ddraig. Bem… — Faz uma pausa. — Eu tê-la-ia encontrado, mais cedo ou mais tarde, mas a minha espécie não é das mais pacientes.

Cada passo faz o meu tornozelo trovejar de dor. Não paro, mas o meu caminhar acaba por se transformar num coxeio. Cerro os dentes e avanço. Uso a parede para aliviar a pressão sobre o pé.

— Também tenho de agradecer a Davis, sabes.

A voz dele é mais alta, mais direta; encontrou a curva.

— Foi ele quem afastou o Mago Real traidor do próprio sangue do meu rasto ao abrir os seus próprios Portais. Poupou-me um imenso trabalho, a sério. Assim, só tive de abrir um ou dois, tal como na noite da segunda Prova. Julguei que as raposas iam chegar para o Sel, mas depois apareceste tu. Como é que fizeste aquilo, já agora?

A dor faz-me morder o lábio inferior com tanta força que sinto o sabor a sangue.

Não. Pares. De. Andar.

— Sabias que o verdadeiro Evan Cooper tocava banjo? Fazes ideia de como é difícil aprender a tocar banjo? É um pesadelo.

A sua gargalhada é como uma navalha. Ausente de humor.

Está mais próximo, mas sei que se está a divertir comigo. É rápido o suficiente para me apanhar. Para me matar, se quiser. O pensamento é quanto basta para me fazer tropeçar. Caio apoiada nas mãos e nos joelhos. Começo a rastejar. A rastejar o mais depressa que me é possível, para longe dele e para dentro da escuridão.

Umas mãos quentes enrolam-se no meu tornozelo magoado. Grito, mas ele puxa-me para trás, arrastando o meu tronco pelas pedras. Uso a mão livre para me tentar agarrar ao cascalho, sem sucesso.

Com um rosnado de dor, apoio-me na mão esquerda. Pontapeio o ar num movimento descoordenado, sabendo muito bem que ele vai prever o golpe; não preciso de o atingir, só preciso que ele me largue.

E é o que faz.

Ponho-me de pé, mas a mão dele dispara e atinge-me, com a palma aberta, no meio da coluna. A força faz o ar fugir-me dos pulmões. Volto a cair. Viro-me para o encarar no momento em que o Evan Cooper que conheci desaparece para sempre.

Sob a luz da lanterna, o demónio goruchel sorri, dentes humanos alongam-se-lhe dentro da boca até se parecerem com caninos de javali. Os dedos escurecem e transformam-se em garras carmesins. A pele que lhe rodeia os olhos recua até formar valas profundas, e os olhos azuis tornam-se vermelhos. O cheiro que me invade o nariz é o azedo, da pele carbonizada.

O novo olhar da criatura torra-me a pele. Como se a minha cara estivesse prestes a chiar e a descascar e a derreter até se reduzir a ossos e músculos calcinados.

— É falta de educação ignorar as pessoas quando estão a falar contigo — sibila. — O Evan gostava desse teu jeito, Bree. O Rhaz não gosta.

— Desculpa — disparo. — Não costumo prestar atenção a assassinos!

O demónio, Rhaz, inclina a cabeça para o lado.

— Não fui eu quem matou o Fitz. Eu só convoquei os diabretes que mataram o Fitz.

Quando aponta um polegar para trás, vejo o longo corte que o atravessa do pulso ao cotovelo. De alguma forma, cortou-se na ravina enquanto

caminhávamos. Chamou os demónios no escuro sem que nenhum de nós se apercebesse.

Rhaz ri-se.

— Vá. Não, tens razão. Eu matei o verdadeiro Evan Cooper. Assumi a sua identidade. Fingi ser o novo Escudeiro de Fitz, até copiei a humanidade de Evan apenas o suficiente para fazer aquela parvoíce do Juramento de Guerreiro, mesmo nas barbas do traidor. Mas foi *horrível*, Bree. Não imaginas quantas vezes sonhei com poder arrancar a pele do idiota do Fitz…

— Porquê? — grito.

Um rasgo de alegria brilhante e fanático escurece-lhe o focinho enquanto a própria caverna lhe desliza para os olhos ardentes.

— Para chegar ao Nick, claro. E esperar.

Sinto os pulmões a arder, o coração a retorcer-se e a bater descompassado.

A voz áspera do demónio transforma-se num sussurro conspirativo.

— Sabias que se um Herdeiro de Artur totalmente Desperto morrer, as Linhagens desaparecem para sempre? — Ri-se. — Vai-se a cabeça, vai-se o corpo. Seria fácil se Artur Chamasse o Nick, mas aquele reizeco presunçoso não vai Despertar o Herdeiro antes de ele pegar na espada.

Afasto-me, e o corpo pende para um lado, com a espada a arrastar-se num ângulo estranho, mas ele vem atrás de mim, um passo silencioso após o outro.

— E cá estava eu, a planear ir atrás do pai! Até o precioso Nick te escolher no baile. — Os lábios retorcem-se num sorriso trocista, e fecha as mãos sobre o peito. — E declarar publicamente que te queria a ti como Escudeira. Foi quando percebi que aquele rapazito idiota faria de tudo para te manter segura. Enfrentar uma horda dos meus camaradas demoníacos. Libertar a *Excalibur*. Expor Artur. Tinha de te apanhar… — Sorri. — E foi assim que o Fitz acabou feito em papa.

O meu estômago contorce-se. A bílis sobe-me à garganta.

— A Minha Senhora Morgana vai adorar saber como descobri a fraqueza do Herdeiro de Artur. — Detém-se, pensativo. — Talvez adorar não seja a palavra certa. Vai sentir bastante inveja, na verdade. Ela *adora* a parte da tortura.

Chego-me para trás, mas ele avança a uma velocidade superior à que os meus olhos conseguem acompanhar, agarrando-me pelos tornozelos.

— Que mal-educada! — sibila.

Enterro os dedos no cascalho atrás de mim. O meu único pensamento é pegar num punhado de terra e atirá-lo contra os olhos dele, mas quando as pontas dos meus dedos atingem o solo e as raízes, as minhas portas internas abrem-se.

— *A caverna está mesmo atrás de ti. Só mais dez passos, Bree.*

A voz da minha avó impele-me a continuar. Sinto as mãos dela, quentes e macias, ao redor do meu coração, agarrando-o com cuidado.

Rhaz repara em algo no meu rosto. O seu olhar estreita-se — e é nesse momento que solto as pernas das suas garras a uma velocidade assustadora. Junto os joelhos ao peito e dou um impulso com os pés para fora, e o golpe lança-o para dentro da ravina.

53

A minha avó tinha razão quanto à caverna. Em dez passos mancos, chego lá.

Viro numa curva e chego ao topo de uma ladeira alta — e olho para o caos abaixo.

Rhaz estava a falar a sério: convocou os da sua espécie. E estes cumprem as ordens, lançando-se sobre os Herdeiros e os Escudeiros que chegaram à caverna antes de mim.

Tor e Sarah correm pelo espaço como raios de éter prateado, disparando flechas de todos os ângulos contra cães demoníacos e raposas.

Felicity e Russ estão no chão, cada um a lutar contra um enorme urso infernal verde.

Pete e Greer estão de costas coladas, com uma matilha de cães a cercá-los por todos os lados. Dois leões de éter brilhante abatem-se sobre um dos cães, os dentes cravados no cachaço.

Vaughn dilacera, sozinho, uma raposa e parece conseguir mantê-la afastada.

E, no meio de tudo isso, numa pequena ilha cercada de água negra, está Nick. Apoiado nos joelhos, exausto do esforço que requer resistir ao Chamado de Artur.

O coração salta-me para a garganta quando o vejo, todo arranhado e sujo de sangue, mas vivo. Acima de Nick, o pai dele retalha diabretes que os rodeiam, mal os mantendo afastados. Há demasiados demónios. Fosse o que fosse que Davis tinha em mente, o goruchel não fazia parte do plano.

Atrás deles há uma espada brilhante a despontar de uma rocha. Mesmo ao longe, o diamante claro de Artur brilha do seu pomo.

A *Excalibur*.

Salto da ladeira até à parede curva da caverna, escorregando pela pedra lisa. Atinjo o chão com um solavanco e desembainho a minha espada, precipitando-me para a batalha. Testo o tornozelo; torcido, talvez. Mas não partido.

Junto-me a Felicity na luta contra o urso. Ela imobiliza-o enquanto eu o golpeio no peito. Felicity precipita-se para as costas do urso de Russ e eu sigo atrás dela, trespassando o braço do demónio com a espada até que este cambaleia para trás, fazendo-nos tropeçar. Russ agarra-o e atira-o contra a parede de pedra com tanta força que a caverna inteira oscila. Caem escombros do teto em cima de nós.

— Tenta não destruir a caverna! — grita Whitty, debatendo-se com a sua raposa a um canto. Consegue subjugá-la sem grande dificuldade e depois vira-se para nós com um sorriso…

O seu corpo estaca numa posição rígida. As duas adagas caem-lhe das mãos.

— Whitty?

Os olhos arregalam-se-lhe, vagos. O seu peito incha. Os pés arrastam-se pelo chão, como se estivesse suspenso…

Pela mão que se enterrou nas costas dele.

— WHITTY! — grito, paralisada.

A luta continua à nossa volta. Estamos em desvantagem numérica. Aquilo que costumava ser Evan pontapeia a parte de cima da coluna de Whitty para libertar a própria mão. O meu amigo cai para a frente, atingindo o chão da caverna com um baque pesado, a cabeça torcida na minha direção.

O meu coração para, mas procuro sinais de vida.

Não os encontro.

Em vez disso, vejo-lhe os olhos opacos. O ângulo esquisito formado pelo ombro. O sangue no seu casaco favorito, estampado com as cores do exército. A boca aberta sobre a terra.

Ninguém além de mim viu Whitty morrer.

Devia saber que aquela queda não mataria um demónio superior.

Devia sabê-lo.

Rhaz aponta para mim com uma garra ensanguentada.

— Foste muito cruel, Bree! Olha só o que fizeste!

Duas costelas pretas emergem-lhe do peito, sangue verde escorre-lhe pela camisola. Não parece estar minimamente interessado.

Estou a correr, a gritar, uma flecha de ódio. Vou matá-lo. Vou rasgá-lo ao meio…

— Estou prestes a ordenar a todos estes demónios que matem todos os que aqui estão — rosna, detendo-me —, a não ser que digas ao Nick que aceite o Chamado de Artur e tome a *Excalibur*.

Sou atravessada por um vagalhão de fúria que se contorce dentro do peito. Vindo de todos os lados, ouço o som da colisão de armas de éter contra as carcaças duras dos isels. O rugir e o clamor das batalhas.

— Não.

Rhaz sibila.

— Está nas tuas mãos.

Avança e tira-me a lâmina da mão de um só golpe. Torce-me o braço com tanta força que grito até que a minha visão se torna turva. Por sua vez, Rhaz também grita algo feroz e ininteligível — a linguagem demoníaca. Todas as bestas infernais se detêm ao mesmo tempo. Os Lendários também. Paralisados. Quando me tento mexer, o uchel aperta-me com mais força, e, no instante que se segue, estou a lutar por respirar.

— *Nicholas!* — grita Rhaz.

Nick e o pai voltam os rostos feridos para o fundo da caverna. Davis está boquiaberto, cansado e de joelhos, e Nick absorve a cena de uma vez: o goruchel mímico de humanos. O corpo tombado de Whitty. Eu nos braços do demónio.

— *BREE!*

— Pega na espada, Nicholas!

— Não! — consigo gritar. — Ele… acabar com… as Linhagens!

As mãos de Nick cerram-se.

— Se a matares… — diz por entre os dentes, os olhos em chamas —, *jamais* tocarei nesta espada.

— Não acreditas em mim, não é? — diz Rhaz, e desaparece num piscar de olhos.

Não.

Não desaparece.

Agarra Russ pelo pescoço. Ergue-o bem alto… e lança-o contra uma parede de pedra.

Acontece tudo tão depressa que Russ nem tem tempo para gritar.

Observamos o seu corpo cair de uma altura de seis metros até se tornar numa pilha amassada.

Felicity grita e lança-se sobre Rhaz. Tor e Sar conseguem detê-la, mas apenas com a intervenção de Vaughn e Greer a conseguem imobilizar.

Antes que eu me possa mover, Rhaz já voltou a agarrar-me pelo peito.

— Segue o Chamado de Artur, Nick! Ou hei de despedaçá-la como…

Uma adaga azul e branca acerta-lhe na garganta.

Os dedos voam-lhe para o cabo da espada. Emite um gorgolejo e colapsa dentro da água.

Com um guincho perfurante, uma enorme coruja mergulha na caverna a partir de um túnel. Rápida e silenciosa, funde-se na forma de um homem enquanto cai no chão.Uma forma que reconheço de imediato — Selwyn Kane, Merlim e Mago Real da Divisão do Sul.

Um feiticeiro… com a capacidade de *transfiguração*.

Sel levanta-se, os olhos em chamas, e espreita para o fosso. Levanta Rhaz pelo pescoço; o sangue escorre do demónio, diluindo-se na água. Sel inspeciona o corpo imóvel, um rosnado grave sai-lhe pelos dentes cerrados… e depois deixa-o cair.

As criaturas demoníacas uivam e gemem, mas sem Rhaz para as comandar, não se mexem.

Felicity liberta-se e corre até ao corpo de Russ, com as lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto. Os seus soluços ecoam pela caverna, altos, desvairados, desfeitos.

A distração de que Rhaz precisava.

Vivo e furioso, lança-se do fosso contra as costas de Sel. Rebolam ambos na água, a grunhir e a desferir golpes num borrão de braços e pernas.

Depois o demónio tem ambas as mãos à volta da garganta de Sel. O Mago Real tenta afastar as garras do demónio, tenta respirar, debate-se.

Corro para o ajudar, mas Tor e Sarah ultrapassam-me a uma velocidade estonteante.

Mas Rhaz é rápido; vê-as aproximarem-se.

Torce a cabeça a Sel no exato momento em que o seu joelho cede — uma fenda, sangue —, e o corpo já flácido de Sel afunda-se na água.

De repente, o grito de Nick ecoa pela caverna, a agonia espalhada por todo o lado. Contorce-se sob o peso do Chamado de Artur. Está a perder a batalha.

Rhaz sorri.

— É isso mesmo, Nickie!

Todos assistimos, congelados, enquanto Nick respira com dificuldade e cai de joelhos. Tem a cabeça atirada para trás, e a voz grave de Artur emerge-lhe da garganta.

— *Ainda que eu caia, não perecerei, mas chamarei ao sangue para que viva.*

Nick levanta-se num único impulso e depois vira-se para encarar a pedra que guarda a *Excalibur*.

— *Ela está aqui* — sussurra a minha avó, e a sua voz é tão alta dentro da minha cabeça que tenho a certeza de que todos a conseguem ouvir.

A determinação de Nick cresce a cada passo que dá em direção ao seu destino.

— *Quem?*

Sel levanta-se do fosso, ofegante, à procura de Nick.

Mas Nick já está na pedra.

— *A mãe velha. A mais velha. Vera.*

Nick estende a mão até ao cabo da espada e, com uma respiração funda, puxa-a.

A minha avó desaparece.

A espada não se mexe.

Tor está ofegante. Lorde Davis arqueja. Até os olhos demoníacos do goruchel se arregalam.

Nick puxa a espada ancestral com as duas mãos postas no cabo — mas esta não se move.

Afasta-se, o rosto carregado de choque e confusão.

Dentro de mim, uma bomba explode. A minha casa desmorona-se.

O tempo abranda.

Para.

Congela.

Um único segundo, suspenso.

A velha mãe da minha família preenche-me todos os membros. Acaba de chegar, tal como lhe pedi.

A sua voz é rica e suave, como aço líquido a percorrer uma lâmina. Envolve-me, como um cobertor quente de pontas afiadas.

— *O que queres saber, criança?*

— Tudo — sussurro.

— *Porquê?*

Podia dizer que é pelos demónios. Por Davis. Por Nick. Pelos inocentes. Pelo mundo.

Mas não o faço.

Penso na minha mãe. Nas suas batalhas. Nos seus triunfos. Na sua dor. E em como tudo isso agora também me pertence. Um fardo que vou ter de carregar. Que vou ter de brandir.

— Porque a vida dela teve um propósito. E quero certificar-me de que a sua morte também o terá.

Sinto a sua aprovação, o seu prazer.

— *Então dar-te-ei o poder de que precisas, a ferida unida à verdade.*

Puxa-me para dentro da sua memória.

Despedaço-me.

54

Um passeio.
Anos passados.
Anos de dor.
A história que a minha mãe
e a mãe dela
e a mãe dela nunca conheceram.

Vejo a velha mãe quando era nova, de pé, num campo
atrás de uma grande casa branca.
Usa um vestido branco e simples, ou pelo menos foi branco a dado momento.
Tem cabelo amarrado. O rosto é como mogno brilhante. Olhos como os meus.
O Sol está baixo no céu. Ela está cansada, o dia tem sido longo.
Os dias são sempre longos.
Os gritos de raiva da mulher do mestre
ouvem-se por todo o campo.
Discutem, o mestre e a sua mulher.
Discutem por causa dos filhos, mas não têm nenhum.

Um outro dia.
Ela inicia a caminhada até aos aposentos quando
ouve um som.
Um homem pálido com cabelo da cor das bolotas
desliza para o pátio
através do portão das traseiras.
Ela reconhece-o. O homem chamado Reynolds.
Uma mulher com cabelo de linho sai pela porta das traseiras para ir ter com ele,
e olha para trás a cada passo.
A mulher do mestre.

Reynolds puxa a mulher do mestre para ele
até que fiquem escondidos atrás da magnólia,
os seus ramos quase tocam a terra.

É de dia. Um outro dia. Outra magnólia.
Ela parou para descansar debaixo dos seus arcos, apenas por um momento.
Apenas um momento de descanso.
O mestre aparece. Ela está assustada. Apanhada.
Ele estende uma mão. «Não estou aqui para te magoar», diz ele.
Mas está. Magoa-a mesmo assim.
As sementes caídas da árvore magnólia cobrem o chão.
As suas arestas afiadas cavam-lhe as costas.

Três meses mais tarde.
O mestre e a mulher
podem ser ouvidos a discutir no pomar.
O meu antepassado quer saber
se uma criança entre eles poderia realmente melhorar a situação.
Não melhoraria.
Mas no dia seguinte
sente que uma cresce dentro de si.

Quando ela aparece,
a esposa do mestre repara,
mas parece não se importar.

Quando ela aparece,
o mestre repara nela,
e importa-se.
Importa-se muito.

Vai atrás dela. Segura-lhe o rosto macio e desgastado
entre os dedos duros.
Os seus olhos azuis fixam-se nos castanhos dela.
Os outros, no campo, reparam.
Ele vê-os por cima da cabeça dela.

«Esta noite, Vera», diz ele de forma grosseira, e liberta-a.
Afasta-se.
Vera sabe: desta vez, ele quer magoá-la.

Ela foge.

Há caminhos a seguir. Rumores do caminho a seguir.
Parte assim que o Sol se põe
e espera lembrar-se das histórias.
Não diz a ninguém para que ele também não as vá buscar.
Ele também as pode ir buscar.
Não leva nada com ela, a não ser um pouco de fruta e madressilva doce,
néctar ainda no caule.
Corre durante horas.
Mestre Davis tem dinheiro para os caçadores, mas ela não esperava ouvi-los tão cedo.
Os cães ladram à distância.
Ela salta para um riacho. Volta para trás.
Sobe contra a corrente do rio com as saias levantadas.
Trepa a uma árvore cujos galhos pendem, baixos.
Os braços dela são fortes.
Trabalha com o tronco, envia orações às raízes,
agradece à árvore pela ajuda,
desce cinquenta metros a norte de onde começou.
Instala-se na sombra escura daquela árvore que a ajuda
e derrama os frutos
e a madressilva, esmagada, mas ainda boa.
Ela senta-se de pernas cruzadas na terra fria e passa uma velha lâmina
pela palma da mão.
O corte é profundo, mas dói menos do que as bolhas nos pés.
É capaz de passear pelas memórias, mas esta noite não quer passear.
Quer correr.

Esfrega o sangue nos frutos e nas flores, esmaga a

mistura com a mão o mais fundo possível no chão, e
pede ajuda aos antepassados num cântico rítmico da sua própria autoria.

«Protegei-nos, por favor. Todos vós. Todos.
Protegei-me para que eu a possa proteger.
Ajudai-me a ver o perigo antes que ele me atinja.
Ajudai-me a resistir às suas armadilhas.
Dai-nos força para nos escondermos e para lutarmos.
Protegei-nos, por favor. Todos vós. Todos.
Protegei-me, para que eu a possa proteger.
Ajudai-me a ver o perigo antes que ele me atinja.
Ajudai-me a resistir às suas armadilhas.
Dai-nos força para nos escondermos e para lutarmos.
Dai-nos aquilo de que precisamos para nos escondermos e lutarmos…»
Eles ouvem-na. As suas vozes emergem da terra.
Através da sua ferida, pelas veias
e diretamente para a alma.
«Unido ao sangue?»
Ela ofega. Os cães estão no ribeiro. As lágrimas caem na terra.
«Sim, por favor! Unido ao meu sangue!»
«Um preço.» As vozes suspiram, tristes e pesadas.
«Uma filha de cada vez, para sempre.»
«Uni-nos!», chora ela.
O seu corpo treme com uma onda de desespero,
um oceano de determinação.
Ela e as vozes dizem as palavras juntas. *«Que assim seja.»*
Um núcleo fundido de fagulhas vermelhas e pretas no seu peito.
À medida que se espalha pelos seus membros, queimando-a por dentro,
ela vira-se para mim, *vê-me*.
Os seus olhos são vulcões, fogo vermelho-sangue que lhe escorre dos cantos.
O poder em erupção sobre a sua pele
envolve uma mão apertada à volta do meu pulso.
«Este é o teu início.»

O passeio da velha mãe, como o de Patricia, é apenas o início.
Sob o seu poder, atravesso
oito gerações de mulheres.
As suas descendentes, os meus antepassados.
Uma corrente de rostos castanhos fortes encontra-me, uma vida após a outra, uma após a outra num borrão.
Rostos zangados e tristes. Assustados e solitários.
Orgulhosos e cansados do sacrifício.
Os seus rostos. Os meus rostos. Os nossos rostos.
Mostram-me cada uma das suas mortes,
quando a fornalha do poder no peito de cada mãe
passa para a filha.
A sua resiliência unida à minha carne.

Giro, torço, tropeço na relva.
Vejo a minha mãe quando era jovem. Ela caminha pelo *campus*.
A luz brilha dentro dela
mesmo através do seu pesado casaco de inverno.
Uma rapariga de olhos amarelos, sorridentes, segue ao seu lado.
A neve salpica-lhe o cabelo;
as suas ondas negras pendem-lhe pelas costas.
Seguem juntas por um caminho de tijolos, falando e rindo.

Vejo a minha mãe ao volante.
Estou sentada no lugar do morto, e vejo-a enquanto ela me vê,
os nossos espíritos encontram-se numa fusão entre o passeio de Vera e o meu novo dom.
O carro aproxima-se.
O acidente.
Apenas um acidente.
A culpa não é de ninguém.
A minha mãe envolve-me a mão e aperta.
«Vem por cada uma de nós, querida.»

Mesmo antes de o carro bater, empurra o seu amor contra o meu coração e desvanece-se.

Eu sou eu, sentada no hospital. A luz no meu peito é pequena,
somente uma chama acesa.
Regresso à minha memória com os olhos do meu antepassado.
Através dela, vejo o meu poder, ainda novo, e fervilha-me no peito.
O corpo do polícia cintila como ar
sobre o asfalto quente de verão.
O polícia e a enfermeira trouxeram-me a mim e ao meu pai
para uma sala minúscula, verde-menta.
A memória hipnotizada regressa em pleno.
Vejo o seu crachá, os ombros largos como portas,
o restolho no seu queixo.
Sobrancelhas espessas, olhos azuis.
Pestanejo e o brilho dissipa-se. O *glamour* cai.
Vejo a sua velha camisola, os seus ombros estreitos,
as lágrimas que lhe escorrem pelo queixo.
Cabelo preto-corvo, sobrancelhas negras, rosto demasiado belo para que seja real.
Feições tão jovens como antigas.
Dois olhos dourados como os de Sel, cheios de tristeza.
Não como os de Sel…
São os olhos de Sel.
O lábio da mãe de Sel treme. Ela fala através da dor.
«Não te vais lembrar disto,
mas quero que saibas
que ela era minha amiga.»

55

Negrume.
Vera está à minha frente, banhada em sangue e chamas,
o cabelo alongado e solto como um carvalho vivo.
«Respostas, mas não um fim. Agora que as tens,
ainda queres lutar?»
Não hesito. «Sim.»
«Então há uma verdade final. Um legado forçado, não concedido.
Um fardo que não trouxe comigo.»
Uma pergunta nos seus olhos. Uma escolha.
«Estou pronta.»
Ela considera. Assente.
«Então vou libertá-lo. E dar-lhe-ei voz.»
Ao longe, uma presença eleva-se.
Do limiar de entre mundos, ele chama pelo meu nome.
E, de repente, eu torno-me nós.

Estamos de volta à caverna.
Damos um passo em frente e já estamos na gruta.
Agarramos o fio ancestral, quente sob os nossos dedos.
Libertamos a *Excalibur*.

56

No instante em que empunho a *Excalibur*, a espada canta nas minhas mãos, sedenta por guerra.

O éter da lâmina sobe-me pelo braço e lacera-me a consciência, devolvendo-me a mim mesma.

No centro do diamante do cabo, a raiz vermelha ascende e esvai-se até que a pedra brilhe como sangue do coração.

Letras gravadas brilham de ambos os lados da lâmina prateada: *Leva-me. Devolve-me.*

Chamas azuis e vermelhas rodopiam à volta do meu corpo, e a armadura de Artur constrói-se em riscas e camadas até reluzir como metal nos meus ombros. No reflexo da *Excalibur*, os meus olhos ardem em carmesim.

Vera passa uma mão sobre o meu rosto. Lábios fantasmagóricos beijam-me a testa antes que ela se despeça de mim.

— Detenham-na! — grita Lorde Davis. Enraivecido, aponta um dedo trémulo e conclama os Lendários para a ação. — *Agora!*

Do lado mais distante da caverna, Greer, Vaughn, Felicity, Tor e Sar sobressaltam-se com a ordem de Davis. Mas não obedecem. O olhar de todos segue a espada que trago na mão.

O olhar de Sel sela-se ao meu, de onde está, na água, com uma mistura impossível de emoções no rosto.

Dentro de mim, Artur é a única presença. E a sua posse não é nada como a de Vera ou a da minha avó.

Ele levanta-me o braço, nivelando a *Excalibur* sobre Davis. As palavras explodem-me da boca — tanto na voz como no barítono pujante de Artur.

— *Traidor! Lanças a guerra contra a coroa, atrais os nossos inimigos até sangue inocente, e agora atreves-te a reunir os meus cavaleiros contra mim!*

— Não, não…

Davis gagueja, abana a cabeça uma e outra vez. Murmura negações, tropeça e cai para trás em direção à água. Arrasta-se como um rato e corre em direção a um dos túneis.

Artur leva-me até à beira da ilha, cheio de fúria justa e de raiva real, enquanto Davis escapa.

— *Não ficarás impune!*

— Bree?

A voz de Nick atravessa-nos a ambos. Artur vira o meu corpo até que eu o encare onde se encontra com uma mão quase levantada para proteger os olhos da minha luz. Os nossos olhos encontram-se através de chamas de vermelho e azul.

Quero chorar. Quero gritar. Mas Artur controla a minha voz e o meu corpo, e, mesmo com os meus olhos, não vê Nick, de todo.

— *Meu irmão Lancelote. Minha mão direita. Camlann chegou.*

Nick arregala os olhos.

Todos vimos Nick desabar, ouvimos o antigo cavaleiro proclamar a sua presença e Despertar o seu Herdeiro. Nick *fora* Chamado. Mas não por Artur.

Porque *eu* sou a Herdeira de Artur.

Um riso gritante e estridente ecoa do teto da caverna. Todos nos viramos, recordados da ameaça imediata.

Rhaz e o seu exército de demónios rondam as margens. Um urso infernal, diabretes, raposas e cães à espera do seu comando.

— Abominação! — grita Rhaz, o focinho desfeito num sorriso malicioso. — Mas Artur, ainda assim! — Os demónios uivam e riem, rugem e gritam… um grito de guerra do submundo. — *Matem-na!* — vocifera.

As bestas avançam. Artur levanta a *Excalibur*. Na nossa dupla voz, grita:

— *A mim, meus cavaleiros!*

E é então que salto da ilha, pairo no ar sobre o fosso. Os Lendários correm com as armas empunhadas…

Grito a meio do salto, a minha vontade sobrepujando a de Artur.

— Não!

Balanço a mão livre, fazendo com ela um amplo arco, com os dedos abertos. Uma barreira de chamas vermelhas de seis metros surge diante dos Lendários.

Uma barreira entre eles e os demónios. A confusão de Artur inunda-me assim que pouso na margem.

— Acabaram-se as mortes! — brado, e troco a espada de mão. Está agora na minha mão direita.

Ele não discute. Em vez disso, conjura o éter para criar um escudo pesado, sólido, preso ao meu braço esquerdo, e começamos a trabalhar.

As bestas convergem sobre nós. Artur enfia a *Excalibur* no chão, aos meus pés, enviando um pulso quente de éter que rodopia num grande círculo. A onda atinge-os a todos, atirando-os contra as paredes da caverna.

Os diabretes são os primeiros a recuperar e mergulham contra mim numa horda uivante.

São três. Rápidos e demasiado ágeis para um golpe único. Demasiado afastados para a espada.

A raiz estala-me nos ouvidos, viva e pronta.

Abro a fornalha que tenho no peito. E grito. As chamas saem-me da boca numa bola rolante, explodem no focinho do primeiro diabrete. Este grita, arde, explode. Há fumo por todo lado. O segundo diabrete afasta-se. O terceiro está perto quanto baste. *Apanhei-te*. Uso a força de Artur para saltar, trespassando-lhe a barriga escamada. Transforma-se em pó que cai sobre mim numa chuva de éter verde; e o fumo bloqueia-me a visão.

Um rugido na névoa. Uma pata como betão atinge-me na cara e projeta-me pelas costas. Esmaga-me o nariz e a mandíbula. Empurra-me para baixo. Sufoca-me. Debato-me com a espada, tento chegar a um ângulo impossível à volta do urso. *Não consigo respirar! Não consigo*…

— *Larga a espada.*

Largo-a.

Artur puxa-me o ombro esquerdo para trás, depois ergue a borda do escudo, mergulhando-a no inimigo, e crava osso e músculo. O urso afasta-se com um uivo raivoso. Artur lança-me para cima dele, acompanhando o escudo embutido até que o urso caia no chão. Estamos por cima agora. O braço fora das correias do escudo. Ambas as mãos cavam o metal ainda mais fundo. O urso ruge de dor. O metal toca no osso. A força de Artur, maior do que eu podia ter imaginado. O

urso infernal contra-ataca, dilacerando-me o ombro direito — a pele rasga-se —, e eu grito.

Os cães uivam ao sentir o cheiro e disparam na nossa direção.

As raposas sugam o éter flutuante e a névoa dissipa-se.

— A espada agora?

Artur arranca-me de cima do urso. Vira-me de barriga para baixo para pegar na *Excalibur*.

Recuo mesmo a tempo de açoitar, com a parte plana da lâmina, um cão infernal nas mandíbulas. O meu braço treme. Não sou capaz de conter a criatura. A saliva goteja na lâmina, nas minhas bochechas…

Uma lâmina cristalina trespassa-lhe o crânio. Giro o pescoço, à procura da fonte.

Sel está de pé na ilha de pedra, e tem já outra lança preparada. Arremessa-a. Empala um segundo cão. E salta da rocha para a margem, pondo-se ao lado da minha cabeça, de olhos postos nas raposas, e uma bola de éter floresce em cada palma das suas mãos.

— Nunca mais me faças isso.

Antes de lhe poder responder, um zunido estridente passa-me pela orelha. A flecha de Tor atinge as goelas da raposa. Os outros Lendários avançam, de armas em punho, contra as quatro raposas. Nick está no ar, atravessa as costas de um cão infernal com uma espada de éter ao aterrar. A minha barreira de raiz desapareceu. Não sei como.

Levanto-me, mas o meu braço direito já não é capaz de sustentar o peso da *Excalibur*. Não consigo…

— *Muda para a sinistra!* — grita Artur.

— O quê?

A cabeça de Sel vira na minha direção.

— O quê?

— *A MÃO ESQUERDA!*

— Não sou canhota!

— *Agora és!*

Passo a *Excalibur* para a mão esquerda, sentindo a familiaridade. A certeza.

O urso avança na minha direção, enlouquecido pela dor. Sel encontra-o primeiro, com duas adagas estendidas.

Há um movimento à minha esquerda. Rhaz lança-se contra mim — o urso era apenas uma distração, uma armadilha. O demónio é veloz, mas a minha Arte de Sangue ganha vida, e eu, por um segundo, sou igualmente rápida.

Perfuro as costelas partidas de Rhaz, e a força de Artur ajuda-me a impelir a lâmina para a frente e para dentro. Rhaz tenta agarrar na *Excalibur*, mas a lâmina corta-lhe a mão. Ergo o demónio, assim como ele fez com Whitty. Vejo-o debater-se e contorcer-se na sua própria morte, e no riso — um som cheio de prazer que reverbera pela caverna. Um som que abafa os gritos moribundos das outras criaturas e que faz Sel e os Lendários virarem-se para ver.

— O que és tu?! — questiona Rhaz.

Três vozes respondem num coro vibrante.

— Sou a Médium nascida da terra. Sou Arte de Sangue, nascida da resiliência. Sou Artur Despertado.

— A minha morte não significa nada. Matar-me não irá deter o que está para vir. Há outros como nós no teu meio — diz com uma voz grossa, ainda a agarrar na espada. — A Linhagem de Morgana ascenderá!

— *Que a sua Linhagem ascenda. Nós ascenderemos para a enfrentar.*

Rhaz solta um rosnado profundo, e os seus olhos reviram-se. Desfaz-se de dentro para fora, derretendo ao redor da espada num líquido pegajoso.

Fico ali parada, com a espada ainda no ar, o peito a ofegar e o sangue a correr-me pelas veias. Todos os olhares se viram para mim. Nick. Sel. Greer. Ensanguentados e ofegantes, icor a cobrir-lhes os rostos e as roupas rasgadas. Há montes de pó de isel à volta deles.

Faço descer a *Excalibur*, a exaustão domina-me. Todo aquele poder — o de Vera, o de Artur, o meu. É demais. A minha visão torna-se turva e a caverna rodopia. Nick avança para mim. Sel também. Para me agarrarem, acho eu, antes de cair.

Agora que acabou, talvez os deixe.

Mas Artur ainda não acabou. Para ele, não acabou.

Sem aviso, domina-me como a uma marioneta, vira-se para os Lendários e ruge:

— *Passou assim tanto tempo? Já não vos ajoelhais perante o vosso rei?*

Ofego no silêncio que procede das minhas palavras. Esta batalha não foi por isto. Não é para ser assim. Eu não sou assim.

— *Eu tive de destruir estes monstros* — grito-lhe. — *E destruímo-los. Mas isto não tem que ver com demónios. Tem que ver contigo!*

Luto contra a vontade de Artur, mas ele não se rende — desta vez, não. Exige reverência. Homenagem. E deferência. Sobretudo após a traição pública de Davis.

Felizmente, ninguém se mexe.

E, depois, alguém se mexe.

— Não — sussurro, porque não o quero ouvir.

Mas quando Sel fala, a sua voz é forte e clara.

— Y llinach yw'r ddeddf.

A Linhagem é Lei.

Ajoelha-se e baixa a cabeça.

Um segundo. E outra voz se manifesta. Sarah.

— A Linhagem é Lei.

Um a um, ela e os outros ajoelham-se, e curvam-se perante o rei.

Curvam-se perante mim.

Tor mantém-se imóvel, com o choque e a fúria a agitar-lhe o corpo, e mantém as pernas no mesmo sítio. Artur vocifera contra a sua insubordinação, mas não me importo.

Volto-me para Nick, a implorar, mas não há nada que ele possa fazer. O seu olhar oceânico é um caleidoscópio de emoções que gira tão rapidamente que não as consigo ler.

— Não…

— Y llinach yw'r ddeddf.

A voz falha-lhe na última palavra e o desespero atravessa-lhe a expressão como um relâmpago. Depois, um sorriso. Pequeno, preocupado, triste.

— Não…

Ele muda o peso de uma perna para a outra.

— Está tudo bem…

— Por favor, não…

Mas, mesmo assim, Nick apoia-se sobre o joelho e baixa a cabeça até que deixo de lhe ver o rosto.

— *Não era isto que eu queria!* — grito para Artur. — *Não quero isto!*

— *A fo ben bid bont* — pronuncia Artur através da minha voz, a resposta tanto para mim como para os Lendários. — *Quem quiser liderar, que seja uma ponte.*

O espírito do rei retrocede até que eu volte a ser eu. Desolada, vazia e cheia de poder. Devolvo a *Excalibur* à pedra, afundando-a, como se isso pudesse confinar Artur.

Mas sei que não faz diferença. Ele é agora parte de mim.

O meu cérebro zonzo e confuso é trespassado por uma súbita imagem: os Lendários continuam de joelhos porque sou eu quem tem de os libertar.

— Levantai-vos — sussurro, e depois desmaio.

57

Acordo com o Sol a brilhar por entre as cortinas. Tudo, e quero mesmo dizer tudo, me dói. Estou tão fraca que preciso de três tentativas para me virar na cama. Quando o faço, caem-me dois *post-its* da testa.

> Desmaiaste no ogof, mas não antes de voltares a pôr a Excalibur na pedra. O Sel trouxe-te pelos túneis.
> Foi tudo muito dramático, pelo menos foi o que ouvi dizer.
> Pus-te a soro para te manteres hidratada, (cont.)
>
> mas espero que acordes com fome. A Alice mandou-me pôr polentas de queijo no fogão. (Gosto dela.) Temos muito que conversar. Quando estiveres pronta, vem para o salão principal.
> W.

Sorrio, grata por Alice me conhecer tão bem. Depois as memórias regressam, deixam-me sem fôlego, fazem-me sentir que o meu peito vai colapsar a qualquer momento.

Afundo a cara na almofada e choro. Por Vera. Pelas minhas antepassadas. Pela minha família. Pela minha mãe. Por todo o meu povo. Pelo fio de morte e violência forçosamente impregnado no nosso sangue, e a resistência que desenvolvemos para lhe sobreviver.

Choro as mortes, que testemunhei — e que não pude evitar —, de Fitz, Whitty e Russ.

Choro por mim.

Não sou como Nick. Não sou uma escolhida. Sou um produto da violência e sou a Herdeira de Artur, e não quero ser nenhuma destas coisas. Só quero ser a

filha da minha mãe. E do meu pai. Só quero ser *eu*.

Mas sei que nunca mais será assim tão simples. *Eu* nunca mais serei assim tão simples.

As minhas linhagens estão unidas por verdades horríveis, inextrincáveis, e não há maneira de as desentrelaçar do meu destino, esteja eu pronta para o enfrentar ou não.

Sel irrompe pela porta e eu levanto-me de supetão.

— Onde é que ele está?

Traz o cabelo desalinhado em todas as direções, os olhos amarelos e selvagens, a roupa cheia de terra e de folhas.

— Ele quem? — pergunto. Finalmente, olho com atenção para o que me rodeia e percebo que estou no quarto vazio de Nick.

Sel transforma-se num borrão de movimentos — atravessa o quarto de uma ponta à outra, abre portas, gavetas, revira armários — e um pressentimento grave e gélido aloja-se-me no estômago.

— Sel?

Ao parar à minha frente, um grunhido de frustração escapa-lhe dos lábios.

— Sel…

Os olhos dele encontram os meus, raiados, perdidos.

— Eles levaram-no. Levaram o Nick.

Ando às voltas pelo quarto, a tentar ligar-lhe para o telemóvel há meia hora, sem sucesso, quando Sarah me detém, empurrando-me para o sofá. Depois desaparece em direção à cozinha, a murmurar qualquer coisa sobre cafeína. O pânico e a tensão deixaram todos os Lendários em estado de alerta.

— Já alguém lhe tentou ligar? — pergunta Tor pela quinta vez.

— Os raptores não têm por norma autorizar os reféns a fazer chamadas, Victoria! — dispara Sel.

Mexe-se ao meu lado na cadeira e sinto o calor de uma onda de éter a irradiar-lhe da pele.

— Tens mesmo a certeza de que foram Lorde Davis e Isaac? — pergunto, e ignoro o nó que se formou na minha garganta. Estou a tentar afastar da consciência o medo que sinto por Nick, mas é inútil.

— Já te disse — responde Sel, levantando-se, exasperado por ter de repetir a *sua* história pela terceira vez. — O Isaac hipnotizou-me. Fiquei acordado até tarde na cozinha, depois de voltarmos da caverna, porque não era capaz de adormecer. O Isaac entrou, virei-me e ele estava lá… a dominar-me a visão, olhos nos olhos, hipnose total. E acordei há cerca de trinta minutos na floresta, a três quilómetros daqui. Ele afastou-me do caminho para poder chegar ao Nick.

— E o Nick não está em perigo? — pergunta Tor.

— Não. Eu senti-lo-ia se a sua vida estivesse em risco. — Sel abana a cabeça. — Mas isto não quer dizer que esteja em segurança.

— Mas o Nick e a Bree estavam no mesmo quarto — diz Felicity, com a voz a falhar-lhe. Está num estado péssimo. As mãos não param de tremer. Dói-me o coração só de olhar para ela, a tentar ser forte quando Russ está… morto. — Porque é que o Isaac não a levou a ela? Para controlar a Herdeira de Artur?

Sel já tinha pensado nisso.

— Porque, mesmo para um Mestre, compreende os riscos e o perigo de uma Herdeira de Artur Despertada que não é capaz de controlar, com poderes que não é capaz de perceber.

— Por falar em poderes que não se compreendem… — William entra na sala com mais arquivos. — Uma Médium, não é? E…

Sel fita-me enquanto respondo.

— Eu… sim. Uma Médium e… uma Artesã de Sangue. Capaz de gerar o meu próprio éter.

William assobia.

— É capaz de dar jeito. A parte de ser médium explica porque é que Artur te consegue possuir daquela maneira. Nós, por vezes, herdamos traços de personalidade, mas… o que ele e tu fizeram foi algo de que nunca ouvi falar… O Pendragon a falar diretamente *através* da sua Herdeira…

— Nunca ouviste falar porque nunca aconteceu. — Sel passa as mãos pelo cabelo. — William, este não é o momento para…

— Este *é* o momento, Selwyn! — grita William. — Tu próprio acabaste de dizer que saberias se o Nick estivesse em perigo. E não está. Precisamos de nos munir de informações! Sobre a Bree, sobre o Nick, sobre como tudo isto aconteceu.

Greer meneia a cabeça.

— Se o Nick não é o Herdeiro de Artur, então porque o levaram? — Elu tem estado em silêncio no sofá a manhã toda, os olhos inchados de tanto chorar por Whitty e Russ. O luto de Greer é do tipo que nos rouba a voz. Do tipo que se aloja na nossa garganta como lascas de vidro.

— Não é óbvio? — diz Sel, desdenhoso. — Para impedir que a Távola se reúna! Se o mantiverem refém quando Camlann chegar, os Regentes hão de fazer de tudo para recuperar o Herdeiro Despertado de Lancelote. Darão a Davis o que ele quiser. Se não o fizerem, a Távola jamais terá poder suficiente para combater as Crias das Sombras. E o mesmo com a Linhagem de Morgana, que agora sabemos estar a trabalhar em conjunto com os demónios, se o que o goruchel disse for verdade.

— E é precisamente por isso que devemos começar por perceber a Herdeira que temos aqui! — contrapõe William, sentando-se no sofá. — A Bree é algo totalmente novo. E poderoso. Temos de compreender a situação dela, e, por extensão, a nossa. — Volta-se para mim. — Agora, Bree, a minha teoria é a de que Artur vai habitar-te de formas nunca antes testemunhadas. E não me refiro apenas às tuas habilidades, mas também ao teu espírito, às tuas emoções e, possivelmente, às tuas memórias.

O luto de William fê-lo dedicar-se mais ao trabalho. Está ansioso por esmiuçar todos os pormenores da minha possessão por Artur, mas eu não tenho desejo algum de revisitar o que aconteceu. Ainda menos quando mantenho a capacidade de sentir tudo profundamente. Sustenho o olhar de William durante uns instantes e depois olho para o lado.

Tor abandona-nos quando Sarah chega com um bule de café e uma bandeja com canecas.

Enquanto discutíamos, Greer empilhou na mesa de centro os arquivos encadernados em couro e os documentos amarelados e pesados de William.

— Ainda não consigo entender. Como é que o Nick é o Herdeiro de Lancelote e a Bree, o de Artur?

William repousa a mão sobre o meu joelho.

— Bree, esta é a parte em que precisamos que sejas tu a preencher as lacunas. Ontem à noite, enquanto o Sel te trazia até ao andar de cima, murmuraste uma

coisa qualquer sobre uma Vera e um bebé. — Abana a cabeça. — Quem é a Vera?

Todos se viram para mim, como previ que fariam.

— Uma antepassada minha — respondo, baixinho. — Foi escravizada na plantação de um Herdeiro de Artur.

Greer e Sarah mexem-se, desconfortáveis, no sofá. Sel suga o ar por entre os dentes.

Conto-lhes tudo o que vi e aproveito também para recordar tudo à medida que as palavras me saem da boca. Não lhes escondo nada, exceto a mulher no hospital. Quando acabo, Sel tem o olhar fixo em mim. Percebe que estou a esconder alguma coisa. Agito a cabeça de modo impercetível. *Mais tarde.* Ele estreita os olhos, mas assente.

— Relembra-me os nomes outra vez — pede William, enquanto folheia um enorme livro de capa castanha com cheiro a mofo. — O nome dos homens.

Respiro fundo, ainda trémula.

— Davis. E Reynolds.

William detém-se numa das páginas e faz descer o dedo, até que:

— Aqui.

— Aqui o quê? — pergunta Sarah. Todos nos inclinamos por cima da mesa.

William aponta para uma página amarela com colunas de nomes, datas e locais.

— Esta é a família do Nick. A linhagem Davis. No início do século XIX, Samuel Davis era o Herdeiro de Artur. Samuel — William franze as sobrancelhas — era dono de escravos. Tinha uma plantação a uns quarenta quilómetros da cidade.

A sala mergulha no silêncio.

— O Davis sabia que, se a Vera tivesse tido um filho seu, a criança seria Herdeira — diz Sel. — Se houvesse a mais pequena possibilidade de ter um filho dele, havia de lhes dar caça até à morte.

— Mas, uma vez que a Vera sobreviveu, deu à luz uma criança Herdeira — diz William, pensativo. Vira-se para mim. — O que significa que tu e toda a tua família são uma ramificação da Linhagem. O sangue de Artur corre-vos pelas veias há várias gerações.

— E a mulher do Davis? — pergunto, sem forças. — A mulher loira que vi na visão? Ela tinha um caso com o Reynolds.

— Chamava-se Lorraine. — William avança para outra página do mesmo livro e suspira. Bate com o indicador numa fileira de anotações e nomes. — Reynolds é o apelido da Linhagem de Lancelote. E Paul Michael Reynolds vivia aqui perto na mesma altura.

— Tal como Guinevere — sussurra Sarah, de olhos arregalados. — Tal qual como a lenda. Lancelote era o cavaleiro em quem Artur mais confiava, até que foi para a cama com a mulher do rei. Lorraine deita-se com Reynolds e finge que o bebé é de Davis. Talvez ele até estivesse por dentro da história, já que nunca encontrou Vera ou a criança.

William assente, observando o livro em cima da mesa.

— Samuel Martin Davis, Jr., nascido no mesmo ano. O seu único filho registado, e antepassado do Nick há oito gerações. Quanto a Reynolds, por outro lado, não há registos de nenhum filho até mais tarde. Teve três filhos e uma filha. A Ordem manteve aqui o registo de todos.

Sel levanta-se e põe-se a andar de um lado para o outro.

— O que significa que Lorde Davis e o Nick não são Davises, de todo, isto do ponto de vista das linhagens. São Reynolds. E o Reynolds da Divisão do Norte pertence à Linhagem de Lancelote, mas não é o Herdeiro elegível.

— O Nick é… — sussurro, e todos os olhares se voltam para mim. — A expressão dele, ontem à noite… Nunca o vi tão destroçado.

Quando levanto os olhos, vejo a expressão preocupada de William. O vislumbre de preocupação que ele partilha com Sel.

Também estou preocupada. Penso na minha ligação com Nick. Na nossa confiança e afeição. Agora questiono-me sobre quanto daquilo éramos eu e Nick e quanto eram Artur e Lancelote. Apelo e resposta. Um rei para o seu primeiro cavaleiro, unidos pelos laços profundos da lealdade e da traição de ambos.

— O que vamos dizer aos Regentes? — pergunta Sarah.

Tor volta para a sala.

— Não sei, mas acabei de ligar ao emissário deles. Estão a caminho.

— Fizeste o quê?— vocifera Sel, incrédulo.

— Tive de o fazer! — grita Tor. — Sou eu quem está no comando agora, Merlim, e eu digo que temos dois Escudeiros mortos, um Herdeiro morto, um goruchel que assassinou um Escudeiro e que se infiltrou na nossa Sede… durante *meses*! Tu ouviste o que aquela coisa disse. Há outros infiltrados na Ordem. O que achas que vai acontecer se tentarmos ocultar tudo?

— Não te cabia a ti tomar essa decisão — diz Sel por entre os dentes. — E não és tu quem está no comando. A Bree é…

— A Bree é o quê? — indaga Tor. — Nosso rei? Por acaso? Isto é um erro!

— *Acaso?* — rosno. — Erro?!

Alice já se pôs de pé, de punhos fechados.

— É essa a tua opinião sobre a escravatura? Trezentos anos de *acasos*?

O rosto de Tor fica vermelho.

— Tu sabes o que quis dizer.

— Não me parece — disparo. Revejo mentalmente a imagem do rosto de Vera a derramar o próprio sangue na terra. Os meus dedos curvam-se, as unhas afundam-se nas palmas das mãos. Os olhares de William e de Sel fixam-se no meu punho, e têm consciência da força que agora o habita.

— O que aquele homem fez não foi nenhum acaso. Ele sabia exatamente o que estava a fazer. Ele *gostava* de possuir a vida dela. O corpo dela. E não foi o único. *Ela* não foi a única.

De repente, o que mais quero é atirar-me ao pescoço de Tor. *Conseguiriam os Lendários deter-me?*, pergunto-me. *O próprio Sel seria capaz de o fazer?*

Tor repara na minha ira crescente e dá um passo para trás, mas não se cala.

— Ontem à noite, várias pessoas deram a sua vida pela causa, e tu o quê? Limitas-te a aparecer no último minuto?

Dou um passo para a frente e Sel estende o braço para me conter.

— Tor! — grita ele. — A Bree é o teu rei!

— Ela não é o meu rei. — Tor abana a cabeça, fita-me com rancor. — Menos ainda quando nem ela o quer ser.

— Eu… — A memória dos corpos de Whitty, Fitz e Russ vem-me à cabeça, com o sangue a coagular em poças tão vermelhas que chegavam a ser negras. — Eu…

Alice põe-se à minha frente, os braços cruzados.

— Herdeira de Tristão, não é? A Bree não tem poder de escolha em nada disto, tanto quanto sei. — Olha para Tor de cima a baixo. — E, ao que parece, nem tu, classe três.

Tor atira-se num gesto tão rápido que só Sarah a consegue deter, agarrando nela pela cintura. E apenas Sel é rápido a ponto de se meter à frente de Alice.

Alice nem pestaneja. Tem aprendido depressa. A minha amiga arregaçou as mangas e tem aprendido tudo o que pode com William.

Mas William também está exausto.

— Basta! — grita. — Tor, afasta-te!

Tor está agitada nos braços da namorada. Levanta-se, lança um último olhar a mim e a Alice, e sai da sala, disparada.

No silêncio que se segue, William ordena:

— Respirem fundo, todos vocês! Antes que eu ponha toda a gente a dormir!

Sigo a indicação de William, mas isso não impede o meu mundo de colapsar. Desejava saber se algum dia o voltarei a ver como era ou se terei de aprender a viver nos destroços. A viver sem o Nick. A viver uma realidade em que sou a responsável por… tudo isto.

Imaginar-se-á um rei a si mesmo a estrangular a sua cavaleira?

Os acontecimentos no ogof deram-me respostas, ainda que as respostas sejam difíceis e horríveis. Esses mesmos acontecimentos apenas deram a Nick mais perguntas. E não tivemos a oportunidade de falar sobre elas e o que significavam para nós, para a Távola, para tudo o que alguma vez conhecemos.

Mais ainda, as previsões e os planos de Sarah, William e Sel giram à minha volta, salpicadas de referências ocasionais ao meu novo título e à minha nova posição. Alice dá conta do recado, interfere com perguntas lógicas e exige respostas em meu nome.

Sel está convicto de que precisamos de manter distância dos Regentes e começar a procurar Nick sozinhos, mas não parece muito confiante no nosso sucesso sem ajuda do exterior. A rede da Ordem tem um alcance maior do que o nosso, e estão mais bem equipados para uma caçada humana. Sarah quer esperar pelas instruções dos Regentes, mas Sel diz que com isso só vão desperdiçar tempo interrogando-nos sobre o que aconteceu aqui, especialmente a mim. Vou ser obrigada a partilhar a história de Vera outra vez. Os Magos

Senescais hão de querer saber das minhas outras habilidades, talvez até me queiram testar. Sel nunca o irá permitir. Ele acha que eu preciso de escolher um Escudeiro o mais depressa possível, antes de assumir o trono. William argumenta que tenho de recuperar totalmente antes de realizar o Juramento de Guerreiro. Enquanto isso, os Regentes vão precisar de confirmar a presença de Artur antes de me transferirem o poder e alertar o resto da Ordem de que Camlann chegou. Ele diz que, enquanto rei, os Regentes irão contar comigo para promover a calma entre os elementos da Ordem. É por isso que tenho de reunir a Távola e designar os elementos do comité de busca. A discussão continua e continua… e neste momento não quero fazer parte dela.

— E se a Linhagem de Morgana e as Crias das Sombras chegarem ao Nick primeiro? — A minha voz flutua para cima e à minha volta como a bruma acima de um lago. Não percebera que tinha em mim aquela pergunta até a fazer. Por um breve instante, preocupo-me com o facto de não ter vindo de mim. — O que lhe vão fazer?

Silêncio. Olhares ansiosos.

Ninguém sabe o que fazer para lidar com a aliança Morgana/Crias das Sombras que agora sabemos existir.

Aperto a mão de Alice e ponho-me de pé.

— Preciso de apanhar ar.

Ela larga-me e ninguém me detém, porque agora sou o seu rei.

Não preciso de olhar para saber que é Sel quem abre a porta da varanda, fechando-a atrás de si. Ainda antes de ter sentido o formigueiro do seu olhar nas minhas costas, sabia que ele viria até mim. Além de Alice, é a única pessoa que ainda me olha como se eu fosse apenas a Bree.

— Lamento.

A sua voz é suave, cuidadosa.

Abano a cabeça e agarro no corrimão de madeira até que este range sob os meus dedos. A força de Artur é *assustadora*.

— Não me vais perguntar o que lamento?

— Não — respondo.

As árvores de folha persistente permanecem como a última esperança de vida na floresta densa, pinheiros afiados como agulhas e lâminas contra o céu. Invejo a sua prontidão. Em breve, os Regentes hão de vir com perguntas a que não posso responder e algumas às quais não quero responder.

A sua abordagem é silenciosa, como sempre, e depois está ao meu lado, apoiando os antebraços no corrimão.

— Não sei quanto tempo temos, mas os Regentes e os Magos Senescais chegam em breve. Precisamos dos seus recursos e informações para encontrar o Nick.

— Eu sei.

— Vamos encontrá-lo, Bree. Juro.

Sel vira-se para mim, desviando a minha atenção das árvores para os seus olhos dourados. O meu olhar percorre-lhe as sobrancelhas escuras, a curva aquilina do seu nariz, e o cabelo preto que se enrola como penas sobre as suas orelhas.

Aceno com a cabeça.

— Vamos. — Sinto um aperto no peito. — O que eles fizeram à mãe dele, os abusos do pai… foi tudo em nome de uma mentira, Sel.

Ele encara-me com olhos solenes. Os seus sacrifícios também foram baseados numa mentira.

— A tua mãe… — começo.

Ele fica alerta, tenso.

— O que tem a minha mãe?

E conto-lhe a minha pequena omissão dentro da Sede. Conto-lhe que vi a mãe dele no meu passeio pela memória, que ela e a minha mãe eram amigas, e que ela esteve lá, naquela noite, no hospital, de luto. Que fingiu ser a Merlim designada para o caso da minha mãe, se é que esse Merlim alguma vez existiu. Que a mãe dele vigiou a minha família ao longo de sabe-se lá quantos anos para se certificar de que estávamos a salvo da Ordem. Que as nossas mães eram amigas. Aliadas. Tal como Nick, as nossas linhagens estavam ligadas de formas que nunca imaginámos.

Quando acabo de falar, Sel está boquiaberto, num choque silencioso.

— Sel?

— Não é que não acredite em ti. É só que… — Abana a cabeça, a tentar recompor-se. — Mesmo que ela tenha fugido da prisão, que tenha dominado e

hipnotizado os guardas Merlins como Isaac me hipnotizou a mim… como é que conseguiu sobreviver? Na idade dela e com o seu nível de poder? Longe da Ordem, a minha mãe teria sucumbido ao sangue há anos.

— Mas, no hospital — digo, com cuidado —, a tua mãe estava lúcida, atenta. De luto, mas no completo domínio das suas capacidades.

As pálpebras tremem-lhe.

— Isso é… impossível.

— É — sussurro —, se aquilo que a Ordem te disse for verdade.

As suas sobrancelhas escuras arqueiam-se.

— Bree…

— E se os Merlins *não* sucumbirem ao sangue? E se… apenas *e se*?

Sel solta um longo e lento suspiro.

— Isso mudaria *tudo* o que sabemos sobre a progressão dos nossos poderes, sobre o funcionamento do nosso sangue, o porquê de sermos Ajuramentados, isto só para início de conversa, o porquê de nos terem mantido presos… — Os olhos de Sel estreitam-se em aviso. — Se isso fosse verdade, seria um conhecimento perigoso para guardar. Ou partilhar. Até para ti.

— Foi o que pensei. — Abano a cabeça, a brincar com a madeira sob os meus dedos. — Foi por isso que esperei até que estivéssemos sozinhos.

Calamo-nos durante um longo momento, a considerar a que ponto o nosso mundo já mudou e quantas mudanças ainda estão para acontecer.

Sinto a atenção de Sel nas minhas bochechas e pergunto-me quando é que as faíscas nos seus olhos se tornaram num calor reconfortante.

— O que foi? — murmuro, erguendo o olhar.

— És o meu rei agora, *cariad*.

A sua voz grave carrega toda a intimidade de uma carícia, e os seus olhos são de ouro derretido. Viro-me para o lado, assoberbada com o significado imbuído em ambas as coisas.

Não lhe pergunto o significado de «cariad», porque, no meu coração, tenho medo da resposta. Medo de ficar dividida em duas mais uma vez, quando a minha realidade tem sido uma destruição lenta ao longo de toda a manhã.

Sel toca-me no queixo, guia o meu rosto de volta para o seu.

— Camlann está aqui. Estamos em guerra. Contra as Crias das Sombras e as Morganas, contra ambos. Contra os inimigos que se podem esconder à vista de todos. — Uma pausa enquanto procura as minhas feições. — Tu tens de…

— Tu estás Ajuramentado ao *Nick* — interrompo-o, com voz fraca.

Sel estuda-me, vê o meu coração retorcido. Liberta-me com um suspiro silencioso. As palavras por dizer pendem pesadas sobre nós, mas ele deixa-as escapar até que se dissipam no ar à espera de outro dia.

Eu sei que ele tem razão. Preciso de um Mago Real. Sou agora a peça mais importante do tabuleiro. A minha vida está ligada às Linhagens, e, agora que estou Desperta, as Crias das Sombras hão de vir atrás de mim. Mas…

— *Havemos de enfrentar as Sombras. Sempre o fizemos*.

O barítono de Artur ressoa-me dentro do peito. Um sino tocado demasiado perto. Sel empina uma sobrancelha, mas não diz nada sobre o fogo mágico que se derrama da minha pele.

Vera cantarola cá por dentro. Mesmo agora, consigo sentir a força que tem. Suficiente para conter Artur e o seu Chamado, com facilidade — até que eu concorde em ouvi-lo.

— *Há um preço a pagar por se ser uma lenda, minha filha. Mas nada temas, não o suportarás sozinha.*

Se me concentrar, quase consigo sentir três batimentos cardíacos atrás das costelas. Ritmos diferentes. Origens diferentes. Todos meus.

Estremeço.

— Podemos sair daqui?

A boca de Sel curva-se num sorriso.

58

Caminhamos lentamente, lado a lado, através da abertura no campo ao lado da pedreira.

O silêncio de Sel é um bálsamo contra a forte agitação de vozes que vêm da Sede. Com as mãos nos bolsos, a linha clara do seu perfil contra o sol, os ombros relaxados — tudo alivia em mim a ansiedade, para que eu possa enfim respirar e finalmente pensar.

Estes são os factos:

Nick ajudou-me a encontrar mais verdades do que as que eu sabia procurar, e agora é ele quem está perdido.

Apesar de a sua herança se ter desmoronado sob o peso das minhas verdades, se fosse eu nas garras de Isaac e sob o risco de ser perseguida pelas Morganas, Nick lutaria para me trazer para casa. E é por isso que vou lutar para o salvar.

Não sei se é das nossas heranças ou das nossas linhagens ou do que forjámos juntos, mas *sinto* a ausência de Nick como uma ferida aberta no peito.

Amo-o.

Tenho Nick no meu coração e ele tem-me no seu. Isto é irrefutável, não importa como aconteceu, quando ou porquê. E não voltarei a perder alguém que amo. Menos ainda enquanto tiver o poder de os salvar.

O mal indescritível deu-me Artur, a resistência de Vera deu-me poder, mas fui *eu* que conquistei a minha determinação.

A Ordem é agora a minha corte, quer eu queira, quer não. A Távola vai olhar para mim em busca de liderança.

Tenho medo, mas, como Vera disse, não estou sozinha.

Ao dobrar-me para desatar os atacadores, o meu companheiro inclina-se contra um carvalho, e os nossos olhos encontram-se. Uma leve pressão, um formigueiro, passa dele para mim como uma bênção: o exato oposto do que me ofereceu da última vez que estivemos aqui juntos.

Sel não se questiona sobre o motivo de estarmos aqui. Não me pergunta o porquê de eu descalçar os ténis. Ou de tirar as meias. O seu olhar permanece quente nas minhas costas enquanto me observa a caminhar descalça passando por ele e a entrar mais profundamente na floresta de onde viemos. Satisfeita com a distância, agacho-me na terra e olho para o céu. Cavo os dedos na terra fria e ela envia-me sussurros que alastram pelos meus braços. Empurro os dedos dos pés pelas memórias enterradas de corpos que passaram, corpos que fogem e corpos que resistem.

É por isso que estou aqui. Preciso de um horizonte selvagem — de um grande momento que seja só meu — antes de voltar para a batalha.

Acabaram-se os Antes. Acabaram-se os Depois. Só existe o Agora.

Avanço, e a força de exércitos canta através dos meus músculos. Sobreviver. Resistir. Prosperar. Cada passo meu ecoa-me nas articulações como o martelo de um ferreiro, ressoando alto nos ossos, ligamentos e tendões, até que a floresta se esbate num fluxo de musgos verdes e castanho-escuros.

Corro cada vez mais depressa.

E depois estou no ar, e deixo a terra e as árvores lá para trás.

	LINHAGEM	SELO
1	Rei Artur Pendragon	Dragão Rampante
2	*Sir* Lancelote	∽
3	*Sir* Tristão	Três flechas sinistras
4	*Sir* Lamorak	Grifo a correr
5	*Sir* Kay	∽
6	∽	∽
7	*Sir* Owain	Leão deitado
8	∽	∽
9	∽	∽
10	∽	∽
11	*Sir* Bors	Círculo de três voltas
12	*Sir* Gawain	Águia de duas cabeças
13	∽	∽

COR	HERANÇA	ARMA
Dourado	A sabedoria e força do rei	Espada longa
↜	↜	↜
Azul-celeste	Pontaria e velocidade	Arco e flecha
Vermelho-carmesim	Força sobrenatural (duradoura)	Machado
↜	↜	↜
↜	↜	↜
Amarelo-torrado	Familiar de Leão de Éter	Bastão
↜	↜	↜
↜	↜	↜
↜	↜	↜
Laranja-torrado	Agilidade e destreza	Espada longa
Verde-esmeralda	Habilidades de cura aumentadas; força sobrenatural ao meio-dia e à meia-noite	Adagas duplas
↜	↜	↜

NOTA DA AUTORA

A história de Bree é, de muitas maneiras, a minha própria história. Quando a minha mãe morreu, descobri que tinha acabado de me tornar na terceira geração consecutiva de filhas que perderam a mãe ainda novas. Que soubéssemos. Esta perceção foi nítida e rápida e impossível — e o momento exato em que Bree e *Lendários* começaram a ganhar forma.

A morte está repleta de estranhas ironias; quando era mais nova, tinha, uma vez por outra, visto a ferida da minha mãe, mas não compreendia a sua natureza. Foi preciso perdê-la para reconhecer essa ferida como dor e, como é óbvio, o acontecimento que me ajudou a compreendê-la melhor foi o mesmo que ma tirou. Quis comparar experiências, mas não é assim que a minha história funciona. Em vez disso, escrevi a minha própria explicação.

Para criar a magia e o legado que respondem às perguntas de Bree, segui o padrão de perda da minha linha matrilinear, depois introduzi-o nas qualidades de outro mundo das mulheres da minha família. A história de Bree é, no seu cerne, uma história sobre alguém que quer compreender o papel da morte na sua existência. É sobre a maternidade negra e a filiação negra. Mas é também a história de alguém que deseja compreender e honrar a sua mãe e os seus antepassados.

LUTO E TRAUMA

Lendários aborda vários tipos de traumas. O trauma relacionado com o luto de Bree é extraído diretamente das minhas próprias experiências. No livro, ela sofre de crises agudas de luto traumático, Perturbação de Stress Pós-Traumático e sintomas precoces de Perturbação de Luto Complexo Persistente (PLCP). A PLCP é uma adição relativamente recente ao *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (DSM-5) no mundo das pesquisas científicas ainda em curso. No meu caso, precisei de um ano após a morte da minha mãe para procurar o

apoio de um especialista em luto e dez anos para iniciar um tratamento focado no luto com um profissional em trauma.

Nesse ínterim, perdi o meu pai biológico e o pai que me criou. Escrevi *Lendários*, em parte, porque espero alargar a consciência relativamente a estas doenças, por vezes ligadas a comorbilidades, sobretudo quando ocorrem devido à perda de um dos pais e/ou quando ocorrem em jovens. Há muita gente que convive com estas perturbações não diagnosticadas, e que sofre em silêncio por força do modo como a sociedade trata o luto e a morte. Muitos são os que se afastam deste tipo de sofrimento, mesmo aqueles que sofrem. Se és uma dessas pessoas, quero que saibas que não estás sozinha e que o trauma é tratável.

Lendários também aborda: traumas intergeracionais vividos por descendentes de pessoas escravizadas, as formas pelas quais os traumas se podem manifestar entre pais e filhos, e os legados do trauma racial, da opressão e da resiliência.

ARTE DE RAIZ

Além de recorrer à minha própria vida para criar o sistema mágico fictício da Arte de Raiz, inspirei-me na história afro-americana e nas tradições espirituais. Em particular, concentrei-me no «trabalho de raiz», também conhecido como *hoodoo*, ou conjuração. O trabalho de raiz foi desenvolvido por africanos escravizados e pelos seus descendentes durante a escravatura americana, e pode ser estudado desde as suas origens históricas até a práticas variadas nas atuais comunidades afro-americanas. O trabalho de raiz não é uma tradição centralizada, e os praticantes de diferentes famílias, regiões e épocas aplicam os seus próprios evangelhos relativamente à sua forma. Mas há aspetos comuns, e muitos deles podem ser encontrados noutras tradições e religiões, incluindo as originárias da África Ocidental. A «Arte de Raiz», em *Lendários*, toma emprestados quatro destes elementos: reverência ante os antepassados e comunhão, o uso ritual de materiais orgânicos, medicina naturopática e cura, e temas de proteção.

O trabalho de raiz é uma tradição popular histórica e viva, e uma prática espiritual, mas não é a prática do meu livro. Embora a magia do trabalho de raiz que Bree explora no livro seja fictícia, optei por usar o termo «raiz» em *Lendários* por quatro razões:

- Para separar este tipo de magia ancestral e orgânica da magia da Ordem;
- Por causa do poder desta palavra na minha comunidade; as imagens do uso de raízes existem por toda a música negra, na cultura *pop* e no cinema;
- Porque, para mim e para muitos outros povos negros, no Sul, parece que o próprio chão que ajudou a cultivar este país está encharcado do sangue reconhecido e não reconhecido, do suor e das lágrimas dos africanos escravizados e dos seus descendentes. E, na verdade, está;
- Para sugerir a solução para o desassossego de Bree no livro, que é o reconhecimento da natureza viva do amor na sua vida, ao lado da morte, e literalmente ir o mais fundo possível para encontrar a verdade sobre a sua origem.

UNIVERSIDADE DA CAROLINA DO NORTE — A HISTÓRIA DE CHAPEL HILL

Quando falo sobre o *Lendários*, falo frequentemente do rei Artur e do momento em que me apaixonei pelas lendas arturianas. (A propósito, leiam o *The Dark is Rising Sequence*, de 1995, de Susan Cooper.) Também digo que se trata das formas como o luto e a história caminham ao nosso lado. A UCN-Chapel Hill é muitas coisas: a minha *alma mater* duas vezes, um epicentro amado para algumas das minhas memórias favoritas, a universidade pública mais antiga do país a admitir e a formar estudantes, um local de interesse da História local e nacional, uma instituição repleta de sociedades secretas e, inegavelmente, um *campus* e uma comunidade com ligações profundas à escravatura.

Lendários é uma obra ficcionada de fantasia contemporânea cujo cenário é um lugar real com uma história real. Inventei a Ordem da Távola Redonda e o Programa de Admissão Antecipada. O cemitério é real, mas acrescentei mausoléus. Tomei algumas liberdades com Battle Park e com a geografia do *campus*. O Memorial dos Fundadores Não Celebrados existe, mas mudei a sua localização. Não existe nenhuma estátua de Carr, mas o monumento confederado conhecido como *Silent Sam* permaneceu por mais de cem anos no

campus da universidade e foi tema de décadas de debates e protestos até ter sido removido por ativistas em 2018.

Algumas das histórias mais dolorosas do livro são factos: as sepulturas não marcadas, desrespeitadas e segregadas; a brutalidade do verdadeiro Julian Carr contra uma mulher anónima; que os estudantes negros vivem e aprendem num *campus* construído por pessoas escravizadas mantidas em cativeiro por homens célebres que também nos teriam querido escravizar. Estes factos e monumentos têm reflexos noutros espaços e noutras instituições de ensino, e espero que a luz continue a brilhar sobre eles.

REI ARTUR

Se fosse preciso encontrar o início de Artur, voltar-me-ia para o País de Gales. Ainda assim, jamais poderia elencar todas as minhas fontes de lendas e tradições arturianas. Como diz Nick, mil e quinhentos anos é muito tempo! O ciclo arturiano é absorvente e convidou sempre à invenção e à reinvenção. Artur existe numa rede de narrativas; não há uma única história, nenhum texto sagrado, nenhuma versão definitiva, nenhuma voz única. Em vez disso, existem muitas versões de várias lendas, novas imagens e novas narrativas. Considera *Lendários* um contributo para a coleção.

Para mim, Artur representa a fundação do cânone da mitologia ocidental. O ciclo arturiano é uma oportunidade de nos reorientarmos para as histórias que preservamos… e de redescobrir quem se torna lendário.

AGRADECIMENTOS

Esta história tem vivido comigo durante muito tempo, e estou grata pelas muitas pessoas que me têm apoiado no processo de a transformar num livro.

Não seria escritora, muito menos autora, sem o apoio dos meus pais: a minha mãe, que me apresentou à ficção científica e à fantasia, e que se certificou de que eu sabia que a minha escrita era importante; e o meu padrasto, o homem que se tornou «pai» e que realmente acreditava que eu podia fazer qualquer coisa, e assim mo disse. Sinto a vossa falta, e sei que estão a ver e a aplaudir.

Gratidão eterna para com os antepassados em cujos ombros me levanto. Eu sou porque vocês foram.

Um enorme obrigada a Penny Moore, que me ajudou e ao *Lendários* a encontrar um lar fantástico.

Um grande obrigada, em todos os sentidos, à minha editora, Liesa Abrams. Primeiro, por ter enviado aquele *e-mail* a Amy Reed em 2017. Para sempre, por ter defendido a minha voz e este projeto desde o início. Acredito verdadeiramente que o Universo nos empurrou para o caminho uma da outra, e estou muito grata pelo teu trabalho árduo, cuidado, visão e apoio.

Um enorme agradecimento de éter e eternidade a Sarah McCabe, que saltou para a teia emaranhada de demónios e de Herdeiros com as mangas arregaçadas. Obrigada por abraçares o mundo de *Lendários*, ajudando a moldá-lo na sua melhor forma e ajudando-me a ser a escritora que passa a sua própria visão ambiciosa para o papel.

Agradeço imensamente a Laura Eckes e Hillary Wilson, por uma capa que me dá vida de cada vez que a vejo. Agradecimentos duradouros a todos quantos trabalham na Simon Pulse e na Simon & Schuster, por acreditarem em *Lendários* e por trabalharem tão arduamente para o ajudar a ganhar vida e a chegar às mãos dos leitores: Mara Anastas, Chriscynethia Floyd, Katherine Devendorf, Rebecca Vitkus, Jen Strada, Kayley Hoffman, Mandy Veloso, Sara Berko,

Lauren Hoffman, Caitlin Sweeny, Alissa Negro, Anna Jarzab, Emily Ritter, Savannah Breckenridge, Annika Voss, Christina Pecorale e a equipa de vendas da Simon & Schuster, Michele Leo e a equipa de educação e biblioteca, Nicole Russo, Lauren Carr, Jessica Smith, Jenny Lu, Ian Reilly e Nicole Sam.

Para a minha parceira de crítica, Julia: este livro não seria o que é sem o teu olhar atento, entusiasmo de leitora alfa e beta, *feedback* pontual e apoio duradouro durante os tempos desafiantes enquanto o escrevia. Obrigada por tudo.

Estou muitíssimo grata aos meus consultores de pesquisa, especialistas no assunto e leitores de autenticidade: Dr. Hilary N. Green, pelo seu trabalho, apoio e discernimento; Dr. Gwilym Morus-Baird, pelo conhecimento medieval galês e pelas traduções e criações galesas modernas (*Diolch yn fawr iawn!*); Sarah Rogers, M. A., por brincar com o mundo enquanto partilhava a sua sabedoria medieval; e ao Dr. Cord J. Whitaker. Para Lillie Lainoff, Brittany N. Williams e Maya Gittelman. Obrigada aos historiadores, arquivistas, bibliotecários, detentores de memórias e investigadores da verdade da UCN-Chapel Hill e de Chapel Hill, pelo vosso trabalho e pesquisa.

Um agradecimento extraespecial a Daniel José Older. Foi o meu primeiro amigo autor e estou muito grata pelo seu ouvido atento e sabedoria, humor e apoio. És um ser humano muito bom.

A Amy Reed: obrigada por me lembrares da pessoa que sempre fui.

São muitos os autores na minha vida a quem tenho de agradecer, pelo seu apoio, conselhos e amor: Kwame Mbalia, Victoria Lee, Elise Bryant, Karen Strong, Justina Ireland, L. L. McKinney, Dhonielle Clayton, Bethany C. Morrow, Eden Royce, Lora Beth Johnson, Susan Dennard, E. K. Johnston, Margaret Owen, Zoraida Córdova, Natalie C. Parker, Tessa Gratton, Graci Kim, Liselle Sambury, Annalee Newitz, Kiersten White, Ashley Poston, Jessica Bibi Cooper, Monica Byrne, Emily Suvada, Nicki Pau Preto, Akemi Dawn Bowman, Antwan Eady, Claire Legrand, Saraciea Fennell e Patrice Caldwell.

Agradecimentos especiais a Mark Vrionides, Katy Munger, Jamye Abram, Negar Mottahedeh, Kat Milby, Michael G. Williams, Tina Vasquez, e às mulheres do Color of Fandom.

Obrigada a St. Anthony Hall e aos meus irmãos. Não seria a pessoa, a escritora nem a artista que sou sem os laços. Espero muito sinceramente que gostem deste

LD.

Para Annalise Ophelian e Alyssa Bradley: obrigada pelos feitiços e projetos, pelo caldeirão e por todas as outras magias que fazemos juntas.

A Arlette Varela, por estar *sempre* pronta para fazer *brainstorming* de nomes de demónios, habilidades mágicas e maldições de sangue. O teu *feedback* precoce deu-me o impulso de que precisava.

A Kathy Hampton: obrigada pelo teu olho artístico, espírito abundante e apoio brilhante. Viste-me a mim e à Bree desde o início, e agradeço-te muito.

A Adele Gregory-Yao: estou-te imensamente grata pelo teu apoio inabalável, brilhante *brainstorming*, resolução de problemas, talento, humor ácido e visão criativa durante esta jornada.

A Karin McAdams: tens apoiado a minha escrita (e a minha leitura) ao longo de mais de vinte e cinco anos. Ajudaste-me a sobreviver a duas perdas e depois apoiaste-me quando escrevi sobre elas. És a minha irmã de armas, e penso que ela ficaria muito orgulhosa de nós as duas.

Imensa gratidão a todos os membros da minha família em todas as minhas famílias, por estarem entusiasmados com o meu futuro e com este livro sem terem lido uma palavra. Obrigada.

Ao Walter. Obrigada por me manteres alimentada e hidratada, por me lembrares de descansar e por acreditares em mim todos os dias. Tiveste fé quando eu não tive. Escreves no quadro, esboças e falas no meu mundo até que a magia e o enredo façam sentido. És meu parceiro no recontar de histórias e também na vida. Nada disto seria possível sem ti. Amo-te.

Obrigado por leres na DESROTINA!



Os *desrotinadores* que tornaram este livro possível:

João Gonçalves
publisher overlord

António Fonseca Tavares
project management jedi

Miguel Cardoso Pereira
editor extraordinaire

Ana Gaspar Pinto
design & marketing wizard

Elga Fontes
translation artistry

Joaquim E. Oliveira
proofreader prodigy

Carolina Gaspar Calvo
super typobuster

Romão Cunha
do-it-all ninja

... e, claro, tu
o nosso fiel leitor

Ajuda-nos na divulgação e descobre todos os nossos livros em:

Site: **www.desrotina.pt**

Facebook: **@desrotinaeditora**

Instagram: **@desrotinaeditora**

DESROTINA. CRIA UMA. ↻